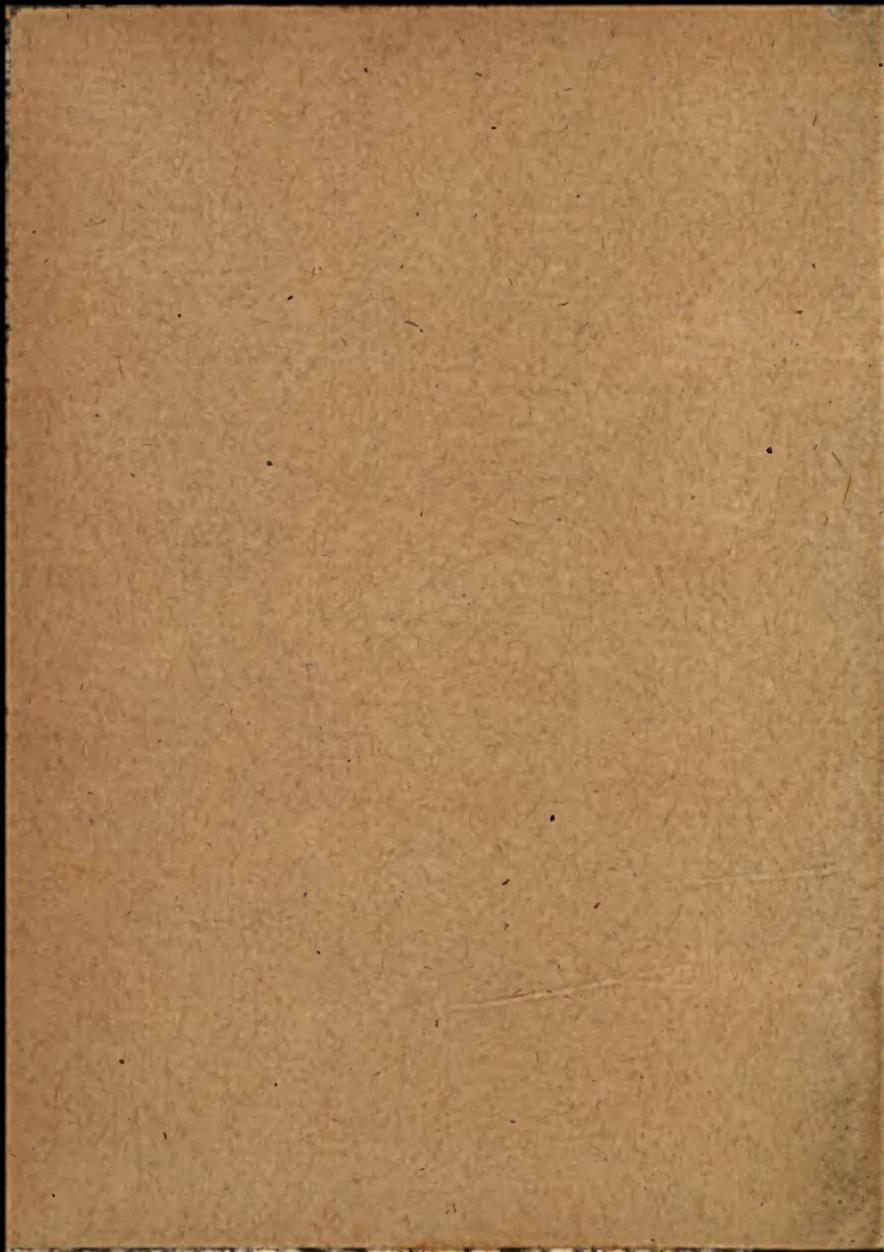
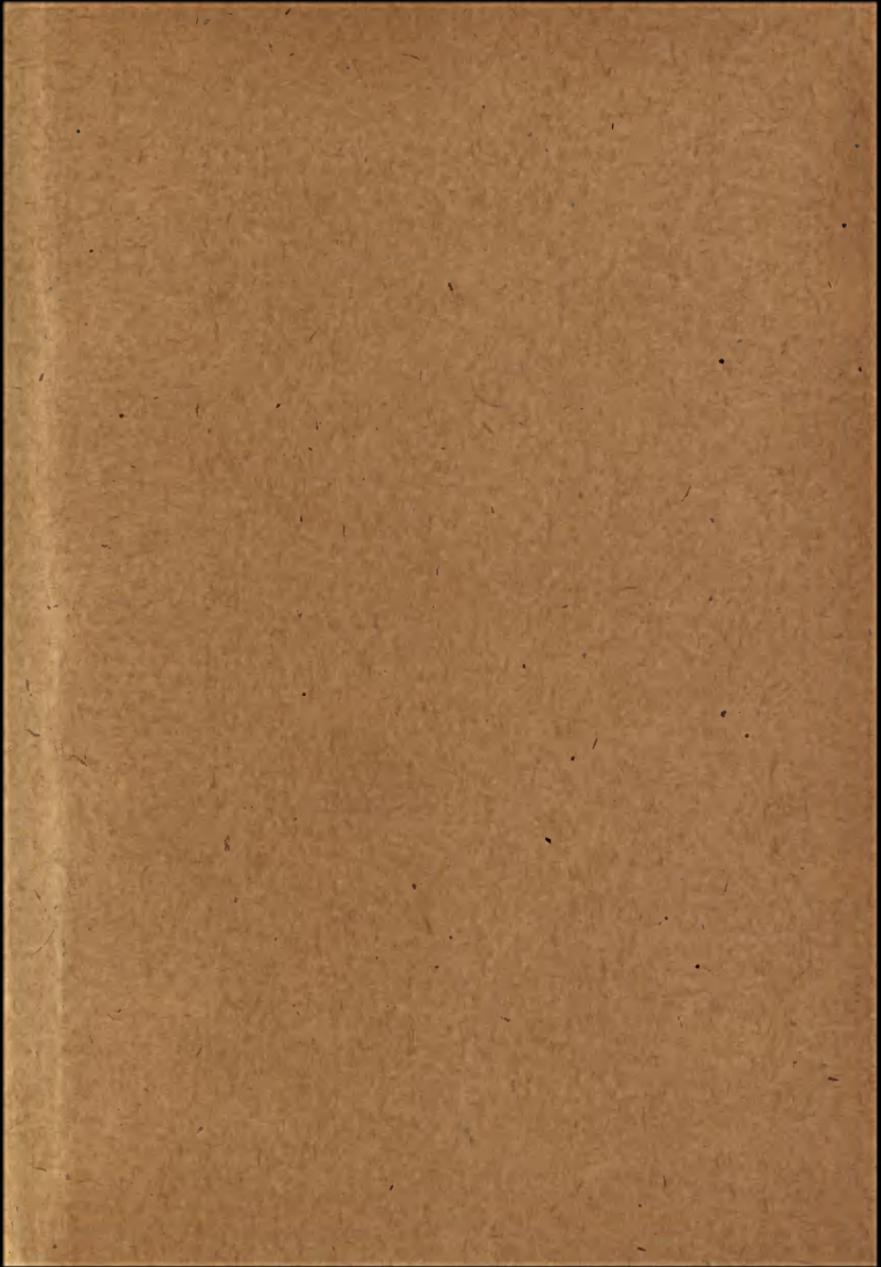
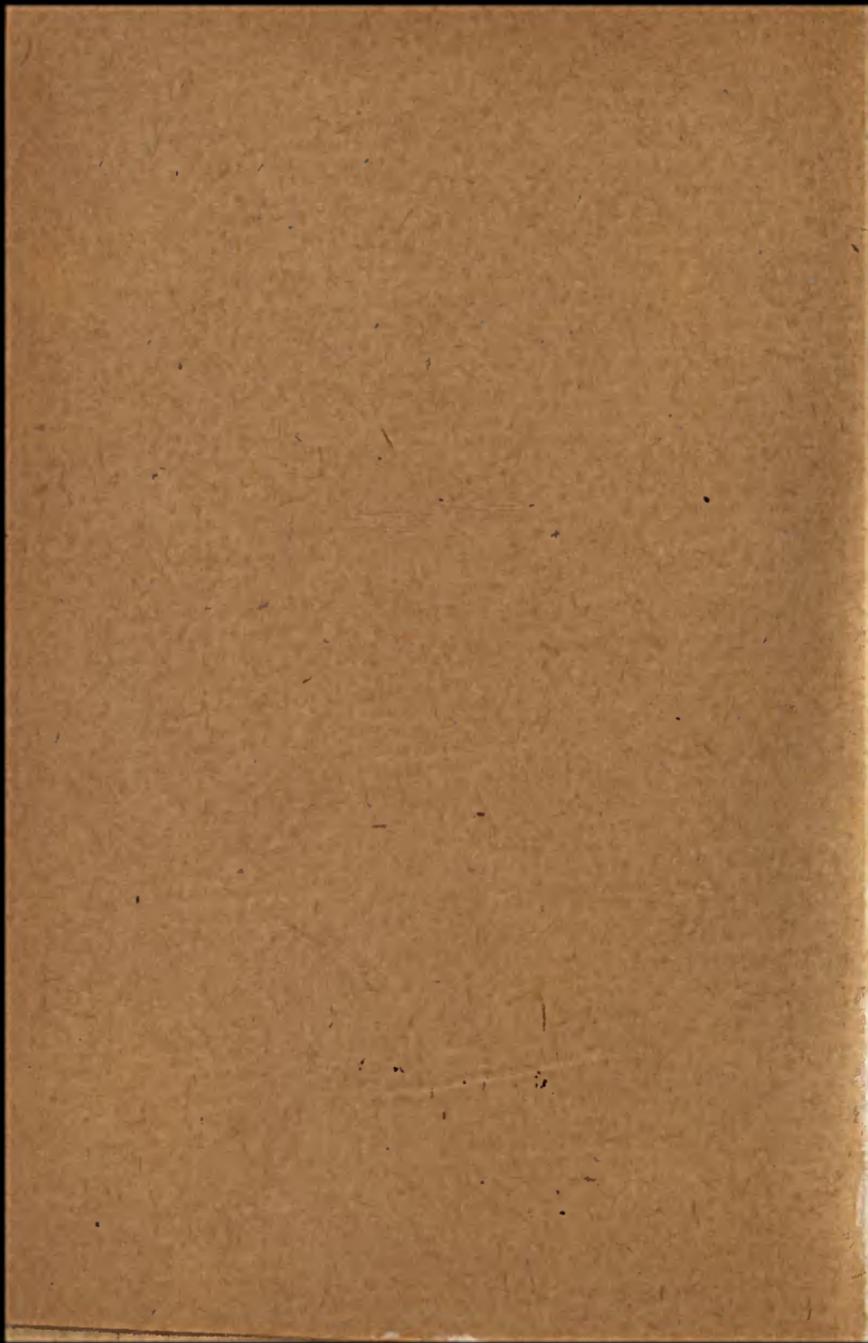




cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13





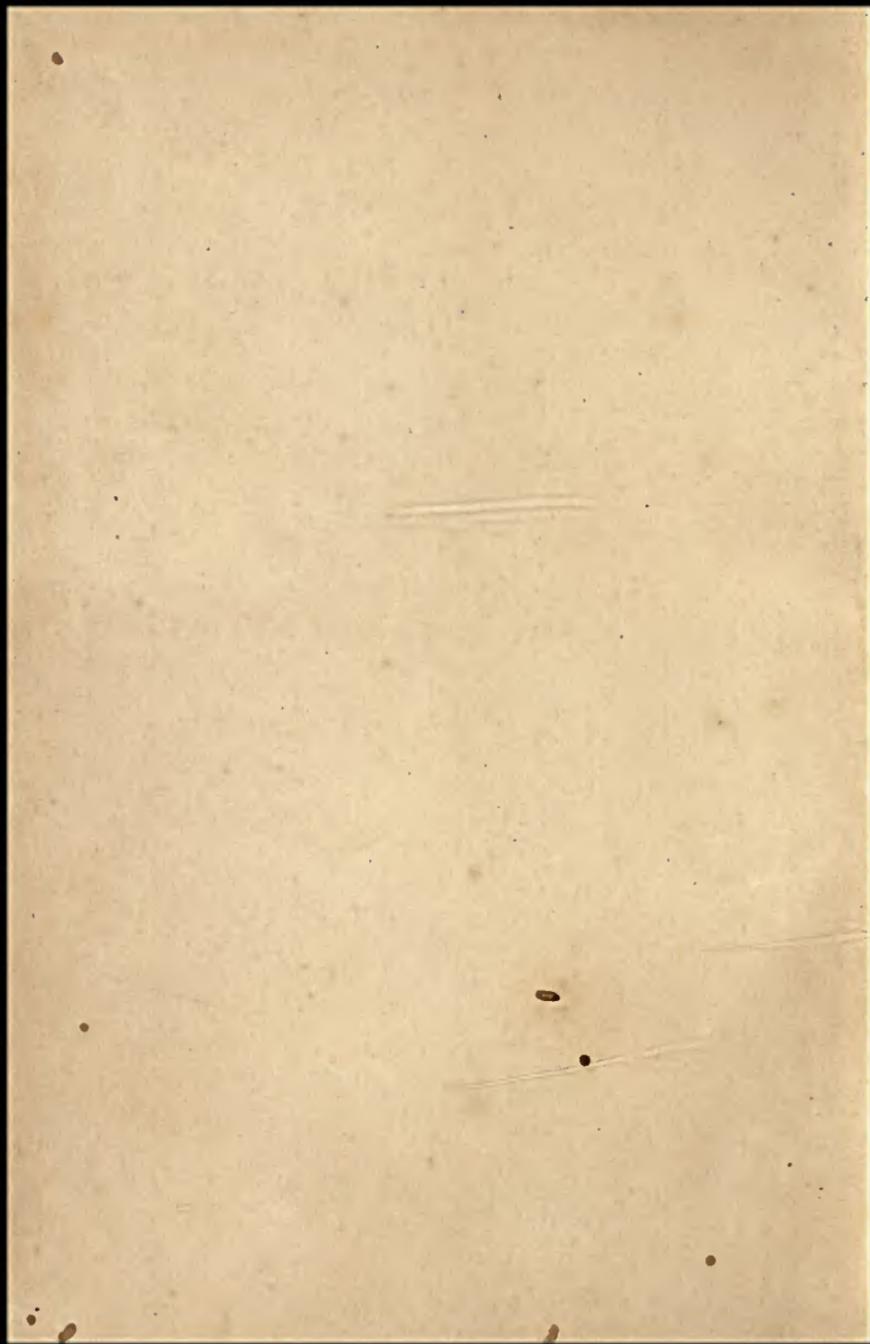


1.200 =

LINGUA PORTUGUESA

LINGUA PORTUGUESA





DICCIONARIO GRAMMATICAL



OBRAS DE JOÃO RIBEIRO

Propriedades da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

HISTORIA DO BRASIL, para Gymnasios e Escolas Normaes, 1 vol. cart.	4\$000
HISTORIA DO BRASIL, para Escolas Primarias, 1 vol.	1\$000
AUCTORES CONTEMPORANEOS. Selecta dos auctores do seculo XIX, adoptada pelo Governo para os exames das linguas franceza, ingleza e allemã.	3\$000
GRAMMATICA PORTUGUEZA, da infancia, curso primario (1º anno) 1 vol. cart.	1\$000
GRAMMATICA PORTUGUEZA elementar, curso medio (2º anno) 1 vol.	2\$000
GRAMMATICA PORTUGUEZA, curso superior (3º anno) 1 vol.	3\$000
« Nenhuma conheço, em lingua portugueza, de tam alta valia.» <i>Candido de Figueirêdo.</i>	
DICIONARIO GRAMMATICAL, 1 vol.	4\$000
HISTORIA DO BRASIL (edição do Centenario) 1 vol.	3\$000
<hr/>	
SELECTA CLASSICA — Periodo archaico, periodo classico; quinhentistas e seiscentistas; com annotações philologicas e grammaticaes — 1 vol.	4\$000
« É a melhor <i>Selecta</i> , em lingua portugueza.» <i>José Verissimo.</i>	
HISTORIA ANTIGA (Oriente e Grecia) 1 vol. cart.	3\$000

DICCIONARIO

GRAMMATICAL

COMPILADO POR

JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro

3ª edição

Inteiramente refundida e muito augmentada

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
134, RUA DO OUVIDOR, 134—Rio de Janeiro
RUA DE S. BENTO, 45—S. Paulo
RUA DA BAHIA — Bello Horizonte

1906

7361

Faustmann
23-2-916



DICIONARIO

GRAMMATICAL

GRAMMAR

TYP. DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES

R469.5
R484g



PROLOGO

DA 3.^a EDIÇÃO

Em desempenho do encargo que me fizeram os editores F. Alves & C.^a, de melhorar e ampliar o *Diccionario Grammatical*, sem prejuizo do plano primitivamente adoptado, esforcei-me para que esta terceira edição fosse em tudo superior ás primeiras, quanto á fórma e á substancia, á disposição e á excellencia das materias.

Foi primitivamente o *Diccionario Grammatical* organizado para corresponder á necessidade que havia de reduzir em um só corpo, na ordem alphabetica, por mais facil, as materias complementares do estudo da lingua portugueza, segundo as exigencias dos novos programmas de ensino. Naquelle tempo era ainda recente entre nós ou pouco generalizado, o methodo do estudo historico e comparativo; os livros que no genero do *Diccionario Grammatical* existiam e ainda correm, eram deficientes, antiquados e, para falar verdade, de muito pouco valor, taes, por exemplo: o *Diccionario* de Alexandre Passos, o de Felisberto de Carvalho e, sem duvida o melhor de todos, o *Escoliaste portuguez*. Eram todos de lamentavel atrazo quanto ás questões da grammatica comparativa, que pareciam desconhecer completamente, ainda que resgatassem, em raros casos, aquella falha por outros meritos e qualidades.

Resolvi não seguir a tradição d'aquelles livros, ao meu parecer, improprios; mas, sem desacreditar as doutrinas antigas aproveitaveis, ajuntei outras novas ou alumiei-as á luz com que se examinam hoje os factos da linguagem.



Não reduzi tudo á *phonetica*, como fazem agora os que substituem o estudo literario da lingua por uma funebre autopsia dos elementos quasi inertes da linguagem e nisto cifram toda a sciencia grammatical. O estudo rigoroso da phonetica e da etymologia, ainda imperfeito na lingua portugueza, por isso mesmo se deve evitar em trabalhos de synthese mais modesta e mais pratica. Ao contrario, dei ampla e maior importancia aos grandes factos da evoluçãõ syntactica e literaria do que á evoluçãõ organica e medieval da lingua.

Desde a edição primitiva que é este trabalho uma compilação em que, fóra raros casos, só o merito da escolha e a disposição das materias pertencem ao auctor, que aliás nada mais reclama para si.

Reuni o que me pareceu melhor; systematizei opiniões diversas, expuz as que eram divergentes, ou contradictorias, reservando o meu juizo pessoal, que frequentes vezes não é o mesmo das auctoridades que invoquei. Opusculos, estudos, publicações avulsas e até ineditas, difficeis de rehavér, aqui acharam transcripção, condensação ou resumo. Questões especiaes foram tambem desenvolvidas como as que se referem á linguagem do Brasil (como attestam os vocab. d'este *Dicc.*: *Brasileirismo*, *Negro*, *Tupi-guarani*, etc.), as difficuldades grammaticaes ainda e sempre discutidas (v. *Infinito*, *Pessoal*, *Negação*, *Se*, *Haver*, *Pronome*, *Que*, etc.), as incertezas e a reforma cada vez mais necessaria da orthographia (v. *Orthographia*), os peregrinismos, barbarismos e mormente *gallicismos*. Nada do que era essencial ou indispensavel, escapou á pesquisa e ao exame por vezes incompleto, porém, ao que supponho, satisfatorio para os leitores mais modestos e numerosos d'este livro. A quem queira fazer justiça e julgar com imparcialidade, basta cotejar esta terceira edição com as anteriores, e qualquer d'ellas com as dos livros congêneres, escriptos na nossa lingua.

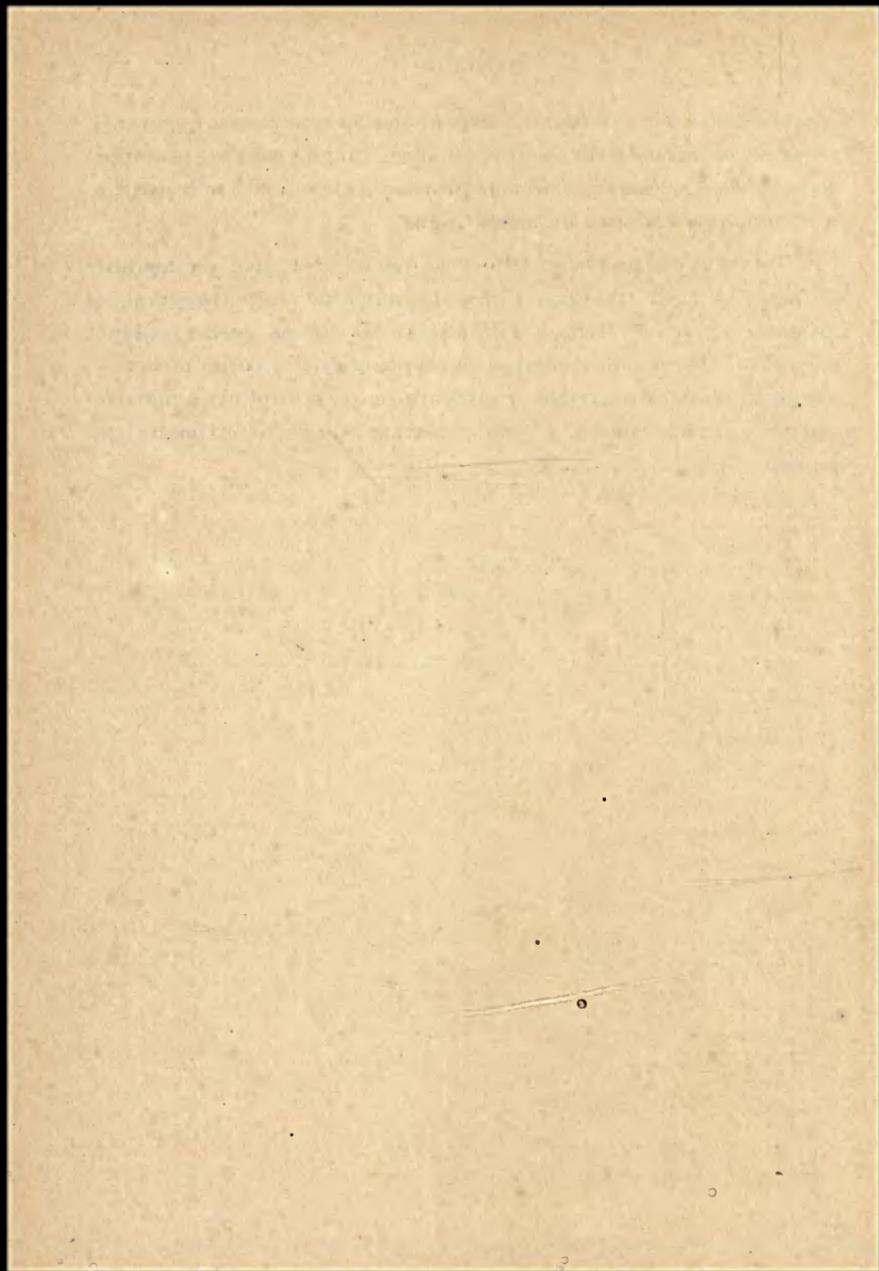
Nas etymologias e transformações phoneticas, em geral, preferimos as fórmãs mediatas e remotas do latim, evitando o labyrintho de



fórmãs medievas e barbaras, hespanholas ou romanicas, que quasi todas são latinizações do proprio romance, quando não são vocabulos hypotheticos : é uma preferencia provisoria até quando se constitua a grammatica historica da nossa lingua.

Tambem era proposito feito não desenvolver além da medida as questões aqui tratadas. Convinha antes de tudo conservar o formato, o preço do livro, e não alterar nas linhas geraes o plano primitivo; reduzindo a composição typographica a corpo menor e disposta em duas columnas, conseguiu-se quasi duplicar a materia sem prejuizo das condições que tornavam este livro estimado do publico.





DICCIONARIO GRAMMATICAL

A

A.—Letra latina. Representa o som laryngeo mais puro da lingua. Tem os valores *á* (pá, pae, sal, máo) em todos os monosyllabos (excepto no artigo *a*, e nas palavras *na*, *da*, *mas*) e syllabas accentuadas; tem o valor *â* nas syllabas atonas (mola, vela) e quando precede *m* ou *n*: mão, câma. Tem ainda o valor nasal: campo, lâ, irmã. O *a* tenue ou fechado elide-se na leitura em concurrencia com outras vogaes atonas, mas não é de regra essa elisão. Em geral *a* + *o* accentuado não se elidem: a hora, a outra (excepto: outr'ora, est'outra). || Corresponde ao latim *a*: *fabam*, fava. Póde derivar de outras vogaes quando atonas: Tejo (*Tagus*), fome (*fames*), ou em diphthongo, Janeiro (*Januarius*). O *á* com *ˆ* notação de agudo, quando não denota fórmãs estranhas (*jacarandá*, *paraná*), de ordinario representa uma contracção da letra antiga geminada, como se vê em *má*, de *maa* (*ma'a*, adj.), *pá*, de *paa*, e *á*, de *aa*. A expressão *ABC*, ver-

nacula, hoje masculina; era, porém, feminina: «Por *uma ABC* de lealdade», disse D. Duarte, *L. Cons.* pag. 5. || Usa-se de *á* por *aa*, quando se dá a contracção da preposição com o artigo feminino—não se devendo, por consequente, empregar o accento quando não ha contracção (a roda, á roda do quarto; voltar a casa; voltar á casa onde morava). José de Alencar queria que sempre se empregasse o accento: neste caso o accento deixaria de ser prosodico para ser apenas orthographico e indicar a natureza da palavra *a* quando preposição. Parece que foi João de Barros o primeiro que adoptou a contracção *á* por *aa* (1540).

A.—Prefixo vernaculo, que se póde referir a *ad* latino, usado por prothese no começo de varios verbos e nomes; de emprego extensissimo nos primeiros periodos da lingua: *alembrear*, *alembrança*, *avovar*, *alevantar*, *amostra*. A prothese do *a* tambem se explica pela apposição do artigo feminino *a* (alampada, alagoa, etc.)



A, an.—Prefixo grego; exprime privação, negação: *atheu*, sem Deus. A forma *an* usa-se antes de vogal e de *h* (que representa a aspiração rude da prosódia grega): *an-onymo*, sem nome; *an-archia*, sem governo. Nota-se em *a-sylo*, *a-mnistia*, *an-ecdota*, *a-bysmo*, *a-pallia*. Não se percebe, por efeito de transposição, em *diamante* (*a-damantem* = que não se doma). É hybridismo todo o eomposto do prefixo *a* com vocabulos que não sejam gregos, como: *achristão*. No emtanto já está consagrado pelo uso o hybridismo *anormal*, por *innormal*. O correspondente latino d'esse prefixo é *IN* e ás vezes *DES*.

A.—Prefixo teutonico, que designa quietação; no inglez *aside*, *aback*, etc. Em portuguez passou, ao menos em dous vocabulos: abordo (em) *aboard*; enchorar, de *ashore*.

Ab, abs e a.—Prefixo latino, que varias vezes se confunde eom *ad*. Marea afastamento, separação, ponto de partida: *ab-usar*, ir além do uso; *ab-horreccer*, ter horror execessivo; *ab-jurar*, sair do juramento. Nota-se em *abundar*, *abolir*, *absolvição*, etc. A forma *ABS* é mais rara: *abstracto*, *abscesso*, etc. A forma *a* tem exemplos frequentes: *amanuense*, *aversão*, *avocar*, etc. São dignas de nota as formas alteradas, como *escuso* (abs-consum), *ausente* (abs-enten). Em um só easo a letra *a* desaparecc, e é em *v-antagem*, derivado de *ab-ante*, *avantc*. O eorrespondente no grego é o prefixo *apo*: *apogéo*, longe da terra.

Em alguns casos tem valor adverbial (*absolver*); em outros, eorresponde á uma preposição eom seu complemento (*abstimente*).

Ã, an; am, ão.—São formas nasaes do *a*, cuja orthographia ainda é incerta. Prefere-se *ã* a *an* para indicar a variação feminina (*irmã*, *louçã*, *sã*), e *an* para os femininos que o são de natureza: (manhan, lan, maçan); mas não é uso nem regra assentada. A forma *am* prefere-se a *ão*, quando não accentuada (amaram, amarão, são, deram). O uso geral em certas palavras dá preferencia a *an* (cans, afan, ademan, iman); em outras, a *ã* ou *an* (manhã e manhan, sã e san). Quanto ás variações *ão* e *am*, é certo que, sendo agudas, só se escrevem na forma *ão*: *cão* e nunca jámais *cam*; comtudo, em monosyllabos que andam juntos a outros, podem soar e podem ser escriptos eom a forma *an* ou *am*: *San* João, *sanjoanneira*; *gran cruz*, por *grão cruz*. || Note-se que *gran* ou *grão* não tem genero: *gran cidade* ou *grão cidade*, é tudo um e o mesmo.

Ablativo.—Caso da declinação latina que exprime diversas relações de origem, de afastamento, separação, etc. A lingua portugueza não tomou a flexão de casos nos nomes, mas conserva vestigios de certas formas latinas. Taes são os vestigios, alguns archaicos: agora, *hac-hora*; logo, *loco*; amanhã, *horo mala* (arch.); com-migo, *cum-me-cum*; com-tigo, *cum-te-cum*;

ABLATIVO — ABRANDAMENTO

com-nosco, *cum-nos-cum*; com-vosco, *cum-vos-cum*; com-sigo, *cum-se-cum*; hontem, *hac-nocte* (ad-noetem); ora, *hora*; como, *quo-modo*; toda-via, *tota-vice*; ear, *quare (qua re)*. || Existem igualmente fórmãs eruditas ou populares, plebeisimos tirados do ablativo: *cumquibus* (dinheiro), *qui-pro-quo*, *busillis* (in diebus illis), e em *primó*, *secundó*, etc. Corre a opinião muito vulgar e disseminada de que o ablativo é o caso etymologicó, isto é, o caso d'onde se originam os nomes portu-guezes, doutrina assás contestavel como veremos na palavra *Accusativo* do presente livro. || Como a lingua portugueza é puramente analytica, as flexões dos casos foram substituidas pela collocação ou pelo emprego de preposições já indicado no latim culto. Não obstante, existem usos de caso ablativo, cuja syntaxe dispensa o emprego da preposição. É o que se observa na proposição dita absoluta: *Eleito Cesar*, terminou com elle a republica. Nas circumstancias de duração e de espaço: *Disse outro dia* que não voltará. *Ficou a semana passada* em casa. *Andou tres leguas* sem parar. De uso idêntico, são os ablativos expressos pelos adverbios em *mente*: *claramente* (com intenção clara), *boamente* (com boa intenção), etc. Esta syntaxe é a do ablativo latino, e é costume explical-a dizendo que a preposição está occulta; interpretação erronea, pois o valor synthetico de taes locuções deriva djirectamente do latim,

onde seria escusada a hypothese de particulas occultas.

Abrandamento.—Leigeral da decomposição do latim. Exprime o phenomeno do enfraquecimento dos valores phoneticos das palavras; esse enfraquecimento opera-se dentro dos limites assignalados pela natureza physiologica dos sons, isto é, só existem transformações taes entre sons ou letras *homorganicas* ou resultantes do mesmo orgão do aparelho vocal. Assim é que as gutturaes *fortes* se transformam em *gutturaes* brandas: *e* transforma-se em *g*: *cattus*, gato; *oraculum*, orago. O mesmo valor *qu* em *g*: conseguir, de *consequere* (eonsequi); aguia, de *aquilam*. A labial forte *p* transforma-se na branda *b*: *apothecam*, bodéga, botica; *cepulam*, cebola. Ou ainda o *b* na mais branda *v*: *amabat*, amava; *debere*, dever. A dental forte *t* transforma-se na dental branda *d*, v. gr.: *capitulum*, cabido; *atatem*, edade; *civitatem* cidade; ás vezes, o abrandamento tão longe vae que chega á sibilização, como já se nota no latim barbaro: *gratiam*, graça (*grazia*). Como o *f* e o *v* também são dentaes, ha permutas frequentês: *transvicare*, trasfegar. A lei do abrandamento resume-se no seguinte aphorismo da phonologia: *todo o som forte tende a mudar-se em som fraco*. Ás vezes succede a quéda ou desaparição, e não poucas, o reforço compensativo e a emphase que reivindicam a conservação das letras e dos sons. || O phenomeno

do abrandamento do *c* e *g* antes do *e*, *i*, já se notava no latim da idade média : *cruce* e *crusse* ; no latim classico a prosodia era averiguadamente *cruke* ; do valor forte do *c* temos um exemplo em calaudra, *cyllindrum* (*kilindrum*). Pelo abrandamento effectuado no latim barbaro e decadente explicam-se as transformações do *c* em *ch*, *x* (murchio, de *nur-cibus*), do *c* em *z* (dez, de *decem*), etc. A *vocalização* (Vide esta palavra) pôde ser considerada a fórmula mais intensa do abrandamento. A consoante dissolve-se em vogal : *couce*, *calcem*. || O *abrandamento*, como os demais phenomenos de decomposição phonetica, refere-se á lei geral denominada : *lei domenor esforço*, principio que foi a base de todas as investigações da philologia moderna. O organismo procurou sempre reduzir todos os processos de actividade humana ao esforço minimo possível ; é essa *preguiça* ou *economia* das forças naturaes o agente das multiplas modificações na linguagem. Por motivo idéntico, é natural que da mesma fórmula que os sons experimentaram mudanças quanto á qualidade, tambem as soffressem quanto á intensidade ; é, pois, probabilissimo que primitivamente os homens falassem mais alto e mais forte do que actual-mente ; a principio, o vocabulo deveria ser intensivo, como ainda o é o grito e o são todas as manifestações de voz dos animaes inferiores, e dos proprios selvagens que não sabem conversar em segredo.

Absoluto.— Vide *Ablativo* e *Gráo*. É tambem epitheto que se tem dado ao verbo *ser* e até aos intransitivos (como *dormir*, *morrer*, etc.). Quando se consideram *tempos* e *modos* verbaes, absoluto é opposto a relativo ou condicional.

Absoluto (ablativo). — Locução tomada da syntaxe latina e que foi durante muito tempo applicada aos adjunctos adverbias constituídos por um participio do preterito, v. gr.: *Acclamado imperador, Augusto começou a estabelecer a paz*.

Abstracto (substantivo). — O que representa ser não existente materialmente : *gloria*, *desejo*. (Verbo). Applicado exclusivamente ao verbo *ser*: verbo substantivo, abstracto, existencial, etc. || As palavras que se tornam *substantivadas* valem por nomes abstractos : o *morrer*, o *amanhã*.

Academia.— Nome, em especial, consagrado a sociedades literarias e scientificas que, quando selectas e importantes, dão auctoridade ás suas opiniões. « Em Portugal têm-se tornado mais distinctas por seus trabalhos literarios — a *Academia Real da Historia Portugueza*, a *Arcadia Ulyssiponense*, a *Academia Real das Sciencias* e a *Nova Arcadia* ou *Academia de Bellas Letras*. Antes d'estas houve muitas outras *academias* — a dos *Generosos*, fundada no reinado de D. João IV ; contava em 1661, 40 membros. Esta academia teve por seu fundador D. Antonio Alvares da Cunha. *Academia dos*

ACADEMIA — ACCENTO

Singulares, contava 27 socios em 1663; parece fôra seu fundador Pedro Duarte Ferrão; terminou em 1665. *Academia das Conferencias Discretas e Eruditas*, que vinha a ser a dos *Generosos* renovada; a *Instantanea*, a dos *Solitarios*, a dos *Occultos*, a dos *Anonymos*, a dos *Applicados*; uma alluvião em summa de frivolas academias que inundava o paiz, resultado da educação pedante e do estado de atrazo em que estavam as sciencias na Peninsula, até á fundação da *Academia Real da Historia Portugueza*, fundada pelo conde da Ericeira e declarada *official* em 1720. A *Arcadia Ulyssiponense* foi inaugurada em 1756 e findou em 1776 pela dispersão de muitos dos seus socios. Cada um d'elles adoptára um nome de pastor; assim: Antonio Diniz da Cruz e Silva foi *Elpino Nonacriense*; Pedro Antonio Correia Garção, *Corydon Erimatheo*; Francisco José Freire, *Candido Lusitano*; Domingos dos Reis Quita, *Aleino Mienio*, etc. A *Academia Real das Sciencias*, fundada em 1780 pelo Conde de Lafões, e a que pertenceram muitas notabilidades literarias e scientificas. A *Nova Arcadia*, a mesma *Arcadia Ulyssiponense*, procurando renascer em 1790, celebrou as suas sessões com o titulo de *Academia de Bellas Letraõs*, mas pouco viveu; extinguiu-se diante das aggressões de Bocage. No Brasil colonial tivemos varias academias de existencia precaria, quasi todas dedicadas ao culto das boas letras. Hoje, a de maior auctoridade é a *Academia Brasi-*

leira, fundada em 1896, sob o modelo da Academia franceza. D'ella fazem parte os nossos mais notaveis escriptores.

Accento.— Convém distinguir o *accento* ou accentuação tónica dos *accents graphicos*, communmente denominados e comprehendidos sob o titulo geral de *notações lexicas* (Vide *Notações*). O *accento* consiste na elevação ou intensidade maior na pronuncia de uma syllaba nas palavras. A syllaba que recebe o *accento*, diz-se accentuada, *tónica* ou predominante. As syllabas ou sons que não recebem o *accento*, dizem-se *atonos*. Da mesma sorte que na lingua grega, o *accento* pôde ter tres posições diversas. D'alí a classificação das palavras em *oxytonas*, *paroxytonas* e *proparoxytonas*. As primeiras têm o *accento* na ultima syllaba, v. gr.: *camarão*, *desleal*. As segundas têm o *accento* na penultima: *firmeza*, *delgado*, *livro*. As terceiras têm o *accento* na ante-penultima: *sympathico*, *pallido*, *delicia*. A denominação de *barytonas* é applicada aos vocabulos das duas primeiras classes sobreditas. As denominações antigas eram de *agudas* para as oxytonas; *graves* para as paroxytonas; *esdruxulas* ou *dactylicas* para as vozes proparoxytonas. || Muitas palavras ainda hoje são de *accento incerto*: *cíclope*, e *ciólpe*; *sibilo* e *sibilo*; *escapula* e *escapula* e outras que um uso mais frequente não chego a fixar. || Os gregos sempre marcavam os *accents* das pala-

vas. Os romanos, porém, parece que nunca usaram signaes de accentuação, senão em manuscriptos de luxo, que infelizmente se perderam. Nas velhas inscrições latinas os signaes que por vezes occorrem, parecem antes ornamento; no emtanto, se conhecemos a accentuação dos romanos, é porque conhecemos a accentuação eólia, que seguia as mesmas regras, e temos ainda as regras que se encontram em Prisciano e Quintiliano. Na história da lingua portugueza analysa-se a seguinte *lei phonetica*: *O accento latino foi conservado nas palavras que passaram para a lingua portugueza*. Exemplos: *Arborem*, arvore; *rubius*, ruivo; *articulus*, artelho; *decimus*, dizimo; *elemosyna*, esmola; *auricula*, orelha; *potionem*, peçonha; *parabola*, palavra; *avunculus*, avô; *acucula*, agullha. Esta lei foi observada na maioria ou quasi totalidade do vocabulario, e é tão importante que é notada com igual valor nas linguas romanas que, como se sabe, se filiam ao latim. Comtudo, existem casos de palavras cujo accento foi desviado sob o impulso de circumstancias e leis secundarias que examinaremos ao tratarmos da deslocação do accento. (Vide *Deslocação*). || No uso vulgar não é raro fazer-se confusão entre os dous conceitos de *accento* e *quantidade*. A distincção theorica é apezar d'isto facil, pois que a *quantidade* não consiste na elevação do som, mas na demora maior ou menor com que pronunciamos as syllabas. A *quan-*

tidade não representa o tom prosodico; apenas consigna o tempo gasto na pronuncia. Por isto, em relação á quantidade, as syllabas dividem-se em *longas* e *breves* (Vide *Quantidade*). O *accento* pôde ser *duplo*, quando recae sobre duas syllabas de uma só palavra; é o que se observa nos vocabulos compostos: *pálidamente*, *contracorrente*. O *accento* tambem se nota quando uma palavra é pronunciada no meio da phrase com emphase e maior intensidade do que as outras, o que é muito frequente nos discursos e nos trechos lidos ou declamados, principalmente na poesia e eloquencia. Neste caso o *accento* diz-se *oracional*. Por um gallicismo modernamente usado, a palavra *accento* tambem exprime a maneira peculiar da prosodia provincialiana ou estrangeira (Vide *Sotaque*).

Accessorios. — « As palavras que servem de accessorios facilmente se resolvem em orações incidentes. Nos exemplos seguintes se verifica esta regra: *Lisboa, cidade de marmore e de granito, rainha do Oceano, tu és a mais formosa entre as cidades do mundo. A brisa, que varre os teus outeiros, é pura como o céu azul, que se espelha no teu amplo porto, semelhante a um grande mar.* — *A nação, esmagada pelos reis, tinha muito tempo gemido debaixo da sua miseria.* Nestes exemplos se observa: 1º que os accessorios vêm ordinariamente separados por virgula; 2º que se collocam de modo que facilmente se percebe a que palavra se



ACCESSORIOS — ACCIDENTE

appõem e por que relação; 3º que podem servir de accessorios:— substantivos continuados; orações incidentes, explicativas ou restrictivas; adjectivos qualificativos; e particípios que não constituam alguma circumstancia oracional; 4º que os accessorios podem ter complementos e estes ainda outros complementos; 5º finalmente que os accessorios do pronome *tu* se chamam—*vocativos*—e são antecedidos da interjeição *ó*, clara ou occulta. Quando o pronome está occulto, serve a interjeição de dar a qualquer nome a determinação de 2ª pessoa, e por isso taes accessorios sempre vêm unidos ao verbo na 2ª pessoa, como neste exemplo:—*Céus, ouvi nossos rogos*—vale o mesmo que dizer:—*vós, ó céus, ouvi nossos rogos*. Quando os accessorios não vêm expressos por orações incidentes, podem ser considerados como *incidentes implicitas*, por isso que se podem resolver em orações do relativo *que*; exemplo: *as ultimas lagrimas do orcahó*, perolas congeladas (incidente implicita), ou—*que são perolas congeladas* (incidente explicita), *tremiam scintillando nas pontinhas das flores.*» (Escol. 17)

Accidentaes. — « Dizem-se as qualidades expressas pelos adjectivos qualificativos e susceptíveis de existirem ou não no objecto designado. Quando o qualificativo é accidental, toma um sentido geral ou particular, conforme estiver collocado antes ou depois do substantivo; assim—*o homem rico*—quer dizer *todo o*

homem que é rico;—*o rico homem*—significa *o homem rico* sobre que versa a questão. *O pobre homem* e *o homem pobre* apresentam a mesma differença, mas ha casos em que *pobre*, collocado antes do substantivo, toma uma outra significação, porque ha adjectivos que mudam de significação, conforme o logar que occupam na phrase ou no discurso; por exemplo: *homem grande*, i. é—corpulento, alto; *grande homem*—pelo character, pelo genio, pelas acções; *mulher pobre*—que não é rica; *pobre mulher*—infeliz, digna de lastima; *negocios certos*—seguros, lucrativos; *certos negocios*—alguns, uns tantos. Outros, sem mudar de accepção, têm uma significação mais extensa ou mais restricta, conforme precedem ou seguem o substantivo; assim—*os desgraçados habitantes d'aquella cidade*—quer dizer que os taes habitantes são todos desgraçados, ou ao menos que os consideram a todos como taes, em quanto que—*os habitantes desgraçados*—só faz allusão áquelles que o são, sem dar a entender que o sejam todos. Emfim ha adjectivos cuja collocação antes ou depois do substantivo, é uma pura questão de gosto e de euphonia, porque a significação do substantivo não fica por isso diversamente modificada. Não devemos esquecer que em poesia são admittidas inversões que a prosa não pôde tolerar». (Escol. *ib.*)

Accidente.—Termo equivalente ao de *flexão*, modernamen-

te preferido áquelle pelos grammaticos. V. *Flexão*. Os antigos grammaticos classificavam entre os *accidentes* das palavras os casos e as questões de significação, concordancia, referencia, especific e quantas ...

Accusativo.—Um dos casos da declinação latina e um dos poucos que conservou a sua força syntactica primitiva, na passagem do latim para o portuguez. O accusativo da flexão latina não foi no portuguez substituído pelo uso da preposição (1), como seria natural pela queda das flexões e pelo desenvolvimento das locuções analyticas. Assim, em portuguez, o caso-objecto da mesma forma que o caso-sujeito (nominativo) dispensam o uso de particulas e determinam-se pelo sentido ou pela collocação, ordinariamente depois do verbo :

Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno.

CAMÕES, *Lus. I*, 72.

|| Existe a opinião, que conta muitos adeptos, de que o caso etymologico dos nomes portuguezes foi o *ablativo*. Parece antes que foi o accusativo o caso mais provavel, segundo os documentos que os factos fornecem a seu favor. Desde logo convém estabelecer que a queda

(1) Excepcionalmente em uma occorrença se emprega a preposição: Pedro ama a Luiza, em nomes proprios ou equivalentes e ainda em poucos casos em que o verbo por idiotismo pede preposição: *começar de, pegar de, travar de*, etc.

da vogal final *m* do accusativo é normal, como a queda do *s* caracteristico de grande numero de nominativos; por isso é que vemos no latim barbaro *illo*, por *illum*; *Antonio* ou *Antoniu*, por *Antonius*; o mesmo encurtamento das letras finaes se nota nos verbos e em todas as flexões: *flaro, flaru, flarum* e *flarunt*, etc. D'ahi se infere com a maior plausibilidade que a forma medieval *servo* pôde representar tanto o ablativo originario *servo*, como o acc. *servum*, em vista da degeneração frequente das letras finaes, muito communs em lingua que nunca tinha o accento na ultima syllaba. Só o exame de uma circumstancia poderia resolver a indecisão, e seria procurar demonstrar nos casos de imparisyllabismo, isto é, nas circumstancias em que existe grande differença extensiva entre o acc. e o ablativo, se o phenomeno se produz e de que modo. De facto, se nos nomes não neutros a differença entre os dous casos em questão é apenas de uma letra (*arborem* e *arbore*), o mesmo não se dá com os imparisyllabos neutros (*tempus* e *tempore*). Nestas ultimas occorrenças, sempre, a etymologia do accusativo se torna insubstituível: tempo, do acc. *tempus*; corpo, do acc. *corpus*; lado, do acc. *latus*; peito, do acc. *pectus*. É evidente que *peito, lado, tempo*, não podem provir de *pectore, latere, tempore*, ablativos que no portuguez deixariam forçosamente vestigios do incremento, como succede

ACCUSATIVO — ADAPTAÇÃO

regularmente quando os nomes não são neutros: *arvore (ar-borem ou arbore)*, *lebre (leporem ou lepore)*. || Os vestígios de fórmulas accusativas de portuguez encontram-se ainda nos pronomes *me, te, se, nos, vos*, nos termos *o, a (illum, am)*, accensativos de *elle, ella (ille, illa)*, usados com syntaxe latina, quando têm funcção de pronomes: *vi-a (vidi'illam)*. Suppõem alguns que ha vestigio da flexão *m* do accusativo na nasalisação de certas syllabas: pente (*pecten*), mancha (*maculam*), etc. Na maior absoluta de taes exemplos bem se vê que a nasal é uma prolação da letra inicial *m* ou *n*: *mui-n-to, mĩ-n, ma-n-cha*, etc. Também não escasseiam philologos que façam vir a terminação *em* de alguns determinativos: *alguem, quem, ninguém*, da flexão do accusativo latino *aliquem, quem e nequem*. A phonetica não se oppõe a estas derivações, senão em um só ponto, na desviação do accento: *aliquem*, alguém. No entanto a flexão do accusativo não explica o sentido da flexão *em* portugueza, que sempre exprime pessoa humana, e que é evidentemente a forma *unus*, por *homo*, tão frequentemente confundidas. D'este modo as origens mais provaveis são: *alic'unun, nec-unum, qu'unus*. (1)

Ad, a.—Prefixo latino de larguissimo uso. Denota direcção,

(1) Comtudo, *quem* pôde referir-se a cousas, no singular ou no plural, como se pôde vêr nos antigos escriptores.

tendencia, movimento para qualquer ponto. *Ascender* (subir para. . .) *ad-vertir, ad-moestar*. Tem as assimilações seguintes: *ac*—acesso, aclamação; *ad*—adicionar, additar; *af*—afflugar-se, affirmar; *ag*—aggravar; *al*—allegar; *an*—anniquilar; usa-se em geral a orthographia do *n* simples: aniquilar; *ap*—applicar, apparecer; *ar*—arranjar, arreceiar-se; *as*—assentar, assistir; *at*—attender, attrahir.

|| A orthographia contemporanea nem sempre adopta a geminação, e escreve-se usualmente: *afigurar-se, aniquilar, abandonar, avenida* (fr.). Note-se o prefixo *ad* sem assimilação em muitos vocabulos: *ad-ular, ad-versario, a-valanche* (fr., de *aval, ad-vallem*), *ad-herir, ad-orar*. Note-se a deformação do typo *ad* em *endereço* (se vêo de *adresse*, fr.). Camillo C. Branco empregava *adressa* em lugar de *endereço* e *adereço*. Gallicismo desnecessario.

Adagio.—O mesmo que sentença, ríffio, anexam, proverbio. Sentença breve e aguda, de ordinario moral e ás vezes pouco austera. Há grande repositorio de riquezas vocabulares, construcções archaicas e classicas nos proverbios populares: *Aude eu queute, ria-se a gente. Coma do pão e beba do garrafão. Quem lhe dóe o dente rae a casa do barbeiro. Azeite, vinho, amigo, o mais antigo. Mulher sem greja nunca al eu veja.*

Adaptação.—Nome geral empregado para designar varios factos da linguagem, especial-

mente consagrados á *assimilação* (Vide). A *adaptação* também se diz da prosodia e da orthographia de nomes alheios que passaram á lingua: *obolé de haut-bois*; o termo de brasão, *blau*, naturalmente tomado do fr. *bleu* ou do allemão *blau*; *fanfreluche*, t. francez, do italiano *fanfrelucci*; todos estes soffreram modificações para se adaptarem á indole prosodica da lingua. O phenomeno contrario também se observa, v. gr.: em *imbroglio*.

Adição.—Nome geral dado ás figuras *prothese*, *epenthese* e *epithese* ou *paragoge*, pelas quaes os vocabulos recebem acrescimos de sons ou letras. Não só na phonetica, mas na morphologia existem elementos addicionaes que ampliam e desenvolvem os themas. Ex.: mar-IT-imo, legit-imo (lidimo), grand-*r*-oso, vapor-z-inho Da mesma sorte, existem contracções ou suppressões, como *amizade* (amizidade), *virtuoso* (virtuoso), *volumoso* (voluminoso), etc., em parte mantidas pela tradição latina. Algumas d'essas contracções são adoptadas por euphonia, por evitar o echo e repetição de syllabas, como em *idolatria*, por *idololatria*.

Adjectivo.—Classe de palavras que não tem definição perfeita, porque abrange duas categorias muito distinctas de idéas: a dos *qualificativos* e a dos *determinativos*. A definição usual é: adjectivo é a palavra que *qualifica* ou *determina* os seres. Aqui trataremos apenas dos qualificativos; no logar conveniente trata-

remos dos determinativos. **QUALIFICATIVOS** são vocabulos que descrevem e mostram como são os seres: rio *largo*; homem *douto*; mulher *formosissima*; pedra *verde*. Os qualificativos subdividem-se em dois grupos: A. **RESTRICTIVOS**. São os que exprimem qualidade fortuita ou accidental dos seres: homem *instruido*; livro *volumoso*. Essas qualidades expressas não são inseparáveis das cousas. Um homem pôde não ser *instruido*, etc. B. **EXPLICATIVOS**. São os que exprimem qualidade inseparavel e inherente aos seres: homem *mortal*; rocha *dura*; atra noite, etc. São qualidades essas immanentes aos seres a que foram applicadas. O adjectivo pôde ser expresso de tres maneiras: a) Por um vocabulo: *vermelho*, *contente*. b) Por mais de um vocabulo ou **LOCUÇÃO ADJECTIVA**. V. g.: homem *de senso* (sensato); animal *de quatro pés* (quadrupede); numero *de ouro* (aureo), etc. c) Por uma proposição ou **CLAUSULA ADJECTIVA** (qualificativa, entende-se). A proposição adjectiva sempre modifica o substantivo: A casa *que o rei habita* = habitada pelo rei. As estrelas *que se podem ver* = visiveis. Os qualificativos são susceptiveis de *gráo* ou de flexão modificadora do sentido. (V. *Gráo*, *Comparativo* e *Superlativo*). O estylo das linguas fixa de certo modo a ordem dos qualificativos em expressões que não podem soffrer transposição, sem offensa do sentido. Por ex.: causa primeira e primeira causa; amor proprio, pro-



ADJECTIVO — ADJUNCTOS

prio amor ; bom homem e homem bom ; novos homens e homens novos, etc. A ordem ou collocação torna-se ali um factor semantico de importancia notavel. Ha uma theoria na sciencia da linguagem que dá o *qualificativo* e logo o *verbo* como as duas classes primitivas de palavras na aquisição da faculdade de falar. A hypothese esteia-se na observação plausivel de que os attributos e exterioridades dos seres são as impressões que deviam mais cedo despertar a attenção do homem. Não obstante, não ha um só factio positivo que verifique a conjectura ; antes parece que não existiam no principio classes, ou categorias de vocabulos, e Sayce sustenta com bons argumentos que o vocabulo primitivo, longe de limitado a uma categoria, tinha o sentido incomprehensivel e extenso da phrase. Um vocabulo encerrava um juizo e condensava em si mais ou menos o valor que encerram hoje algumas interjeições. Dos *qualificativos* é que ordinariamente por desviação se derivam substantivos (derivação impropria): *empregado, cego, eleitor, votante, pobre, frio, futuro, passado, bailado, metralhadora, namorado*, etc. Os qualificativos fornecem ao vocabulario substantivos, com os suffixos *ça, ieia, encia, eza, ão, ude*: *just-ça, pobr-eza, corpulen-cia, riqu-eza, grat-idão, quiet-ude*. De adjectivos passam a pronomes (*este, aquelle, meu*, etc.) os determinativos de qualquer especie. || Por outra parte, derivam-se tambem de sub-

stantivos com os suffixos *al, aneo, oso, imo*: *materi-al, tempor-aneó, ão, chur-oso, virtu-oso, marit-imo*. As etymologias dos qualificativos participam de todos os contingentes que formaram o lexico vernaculo. Os qualificativos da technica scientifica, em geral, procedem do grego. || Chamam-se *verbaes* os adjectivos originados de verbo: *pedinte, conservador, amante, endinheirado, escriptor, falador*, etc. || De adjectivos formaram-se preposições e adverbios que neste caso se usam invariaveis (quando com tal uso): *excepto, segundo, conforme, salvo, supposto*, etc.; certo (fala certo), largo (cortar largo), *prompto*, etc. || CONCORDANCIA. Nos adjectivos compostos é o segundo que se modifica: *escola latino-americana; escola-medico-cirurgica*.

Adjunctos. — Chamam-se *adjunctos*, na analyse logica, os vocabulos ou grupo de vocabulos que limitam o substantivo e o verbo. Dividem-se em *attributivos* e *adverbiaes*. 1. *Adjuncto attributivo* é o vocabulo, locução ou phrase que limita o substantivo. Ex.: *Homem virtuoso. Um dia. Luiz, rei de França. O homem, que pratica o bem*. Toda a parte griphada representa *adjunctos attributivos*. 2. *Adjunctos adverbiaes* são os que modificam o verbo e o adjectivo. *Muito formoso. Saiu tarde. Saiu ás 5 horas. Dito isto, retirou-se. Muito, tarde, ás 5 horas, dito isto*, exprimem circumstancias, e são *adjunctos adverbiaes* (Vide Ana-

lyse). || É adjuncto *adverbial* do verbo, adjectivo ou phrase attributiva, qualquer palavra, phrase ou clausula que os modifique. Consequentemente, os adjunctos adverbias podem ser —de tempo, logar, ordem, affirmação, negação, duvida, exclusão, conclusão, designação, quantidade, companhia, fim; e —um adverbio ou uma clausula adverbial, um substantivo ou palavra substantivada precedida de preposição, o objecto cognato, um substantivo acompanhado do adjuncto attributivo e empregado absolutamente, o particípio absoluto com ou sem adverbios, uma palavra com preposição occulta. Podem ser adjunctos *attributivos* — um adjectivo ou particípio, um nome apposto ou clausula em apposição, um substantivo (ou palavra substantivada) precedido de preposição, uma clausula adjectiva ou relativa.

Admiração. — Signal de pontuação usado para exprimir sentimento de espanto, pasmo, assombro, picdade ou commiseração. Esta notação (!) é moderna na arte de escrever, e nos primeiros tempos figurou-se antes e depois do trecho exclamativo e vocativo. Hoje é usada no fim da phrase: «Chegae perto, Estacio; que eu vos abraçe. Sois um heróe!» J. de Alencar, *Minas de Prata*, VI, 50. Em geral, essa notação acompanha as vozes interjectivas: *Olá! seiú! oh! hu! hein!* || Muitas vezes exprime reprovação, ironia

ou desfavor nas citações alheias, quando a palavra ou trecho é interrompido por um parenthesis com ponto admirativo. Ex: «Se Deus não existisse, seria preciso inventar-o (!), disse-o Voltaire.» || Dobram-se esses signaes e combinam-se com os interrogativos, que sempre precedem: !! — ?!

Adventicias (*letras*). — Chamam-se letras adventicias os sons, de ordinario interpolados, que se encontram nas palavras e que não se explicam puramente pela etymologia; v. gr., o *r* da ultima syllaba de *registro* (derivado dos dous elementos *res gesta*). A fórma etymologica deve ser *registo*, que tambem é usada. Em geral, as letras adventicias explicam-se pela tradição de erros orthographicos e prosodicos, quando não pela euphonia (amor-z-inho). O *h*, por exemplo, por erro orthographico, foi usado em *ho* (por *o*), por analogia facil com o latim *hoc* ou com o grego *ho*; nos antigos tempos, o *h* era orthographia usual no inicio dos monosyllabos: *ho, hum, hé*, etc. A nasal frequentemente é letra adventicia: *min*, por *mi* (lat. *mili*, vide *Accusativo*). O *r* como letra de reforço muitas vezes apparece fortalecendo syllabas: *estrella*, por *estella*, de *stella* (e talvez da fórma *astrellum*, dim. de *astrum*). Outras vezes o *r* desaparece, como em *rasto* e *rastro*, *rosto* e *rostro*. Um exemplo seguro do *r* adventicio encontra-se em *mastro*; a fórma *mastro* ainda se nota no derivado *mastaré* (e não *mastraré*). Quanto

ADVENTICIAS

ao uso do *h*, é de notar-se que muitas vezes o erro orthographico procede do latim; v. gr., *posthumus*, em vez de *postumus* (superlativo de *post*). Sobre este assumpto escreveu ha pouco o illustrado professor Dr. Fausto Barreto: «Não me detendo em signalar a deploravel confusão que, na linguagem de alguns auctores e, o que é mais grave, na propria terminologia didactica de varios compendios, reina no tocante ao emprego dos termos *som* e *letra*, direi com franqueza o que me suggeriu seu criterioso discorrer sobre a derivação historica da palavra *estrella* e sobre o valor das chamadas *letras adventicias*. Entende o notavel grammatico F. Baudry que adventicias são as letras que, em certas fórmas, não têm origem etymologica, nem valor como reforço. São accrescimos o mais das vezes feitos para facilidade da pronunção. Entra assim a theoria das letras adventicias no principio do menor esforço. E como taes letras apparecem no principio, no meio e no fim do vocabulo, occorrem: agglutinação inicial ou prothese, inserção mediana ou epenthese e agglutinação final ou paragoge. Aos entendidos, eu propria, se tivesse auctoridade, a denominação de *phonemas adventicios*, em vez de *letras adventicias*. Penso, com o meu illustre collega, que, mediante os progressos da moderna sciencia da linguagem, as taes letras que se afiguravam «acrescidas ao vocabulo vão sendo

explicadas como tendo feito parte do verdadeiro etymo, até então desconhecido. E verifica-se ahi que a hypothese dos sons interpolados provinha apenas de se ter tomado como, real uma etymologia errada.» É certo que se vae dando razão de ser etymologica aos sons de que me estou occupando, mas difficil, senão impossivel, será explanal-os em todos os casos. «Une grammaire parfaite, pondera Victor Henry, serait celle qui ne contiendrait plus aucune exception. La linguistique n'en est pas encore là; mais elle se rapproche de plus en plus du but, sans pouvoir se flatter de jamais l'atteindre.» As leis da phonologia historica, como as leis naturaes, não têm o valor das leis mathematicas: não expri-mem, segundo observa M. Benfey, senão tendencias desenvolvidas da linguagem, ás quaes não raro se oppõem ou substituem outras tendencias. Se o *r* de *chartre*, que se costumava derivar de *charta*, era considerado som forasteiro, deixou de o ser em face da verdadeira analyse etymologica; se o *r* de *registro*, o *r* de *cigarra*, o *b* de *hombro*, o *d* de *gendre* e outros phonemas em condições taes já têm historia feita nas linguas respectivas; outros sons surgem no vocabulo, sem que se lhes tenha até hoje podido dar razão genetica plausivel. Lembro-lhe a idéa de se adoptar a divisão dos sons vocabulares em *phonemas organicos* ou *etymologicos* e *phonemas inorganicos* ou *adventicios*, cabendo a



primeira denominação aos sons que forem susceptíveis de explanação historico-comparativa; e a segunda, aos que não o forem. Tal divisão, parece-me, convém á coisa, ao menos sob condicionalidade provisoria, ou até que pelo microscopio da analyse glottologica seja dada a ultima palavra sobre sons que, em alguns casos, se me afigura desenvolverem-se espontaneamente no corpo do vocabulo. Quanto á derivação historica da palavra *estrella*, me merece sympathia a hypothese de ter-se originado da fórma *sterula*; mas não me convenço ainda do facto, porque *sterula* é a mesma fórma *stella* pela intermedia *sterla*, como *puerula* = *puella* = *pueria*. Não creio firmemente que a fórma *contracta stella* seja do latim erudito, e *sterula*, fórma intacta, remota, seja do latim vulgar: acredito que o vocabulo *stella*, encurtado em seus elementos materiaes, modelado pelo ouvido mais do que *sterula*, que me parece antes formado pela vista, é um dos que se empregavam assim na linguagem culta como no linguajar da plebe. Ao meu distincto collega peço permissão para ponderar se não será possível derivar-se *estrella*, preferentemente, da fórma *stellula*, que ainda hoje se encontra nos dicionarios. Como facilmente se vê, tal derivação se conforma com os principios geraes da phonologia historica. Demais, é muito commum a metathese dos phonemas liquidos, como se lê no escripto *Uma etymologia*; e,

no dizer de F. Diez, frequente é em todas as linguas romanas a permuta entre os sons linguaes *l, n, r*, a qual permuta largamente se observa no dominio indo-europeu (*Bopp*). Sabe-se que no latim popular desappareceram diversas palavras por diversas causas. O não offerecerem certos vocabulos bastante resistencia na lueta pela vida, o facto de não serem de fórma consistente ante os atritos do tempo e a rudeza negligente da prosodia popular, determinou tal causa a substituição de palavras de pequeno porte por derivados do mesmo valor significativo. Os vocabulos *spes, genu, pollex, talpa, civis, unguis, calx*, etc., são fórmas atiradas ao limbo do esquecimento, não fizeram parte do lexico popular, sendo substituidas respectivamente pelas palavras *sperantia, genuculum, pollicaris, talparia, civitanus, ungula, calcaneare*, etc. Uma das principaes tendencias do latim popular e das linguas novi-latinas, é rejeitar palavras primitivas, taes como *ovis, apis, cicada, acus*, substituindo-as por derivados, mediante suffixos diminutivos: *ovicula=oviola=ovelha; apicula=apicla=abelha; cicadula=cicadla=cicalla=cigarra; acucula=quicla=agulha*. Na linguagem portugueza actual se diz, por exemplo: ter uma conversinha; comeu uma sopinha; comprou um bilhetinho de loteria; ouviu a rezinha do costume; a leituzinha, etc., conservando-se em taes palavras de formação secundaria a plenitude de

ADVENTICIAS — ADVERBIO

significado dos nomes primitivos, d'onde provieram. Eis, prezado collega, o que rapidamente me occorre dizer a respeito de suas idéas contidas no bello trabalho que se dignou de offerecer á minha apreciação. Continue a prestar serviços á causa do ensino. Vá pondo em equação os difficillimos problemas da glottologia e especialmente os que se referem á nossa formosa lingua portugueza, a qual, «para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada que capa de pedinte.»

Adverbio.—Classe de palavras ou locuções próprias para exprimir qualquer circumstancia. Modificam o verbo, o adjectivo e o proprio adverbio: chegou *tarde*; *muito* formoso; *muito* bem. O adverbio pôde ser expresso por palavra, por locução ou proposição. Ex.: Palavra adverbial: chegou *tarde*. Locução adverbial: chegou *fóra de horas*. Proposição: chegou *no tempo em que já não era esperado*. A essencia, pois, do adverbio é expôr synthetica ou analyticamente uma circumstancia. Propriamente, o adjectivo qualificativo não é modificavel senão de certas maneiras: a, *qualidade* ou o attributo das cousas pôde ser encarada quanto ao *modo* e quanto á *extensão* ou *intensidade*. Por isso ha muitos adverbios que não podem modificar adjectivos, como: *aquí*, *acollá*, *sim*, etc. Por isso mesmo, é igualmente restricto o numero de adverbios

que modificam adverbios: a modificação só é possível quando a palavra modificada é susceptível de varios limites. Assim, pôde-se dizer *mais tarde*, e nunca *mais hoje* ou *mais hontem*, *mais não* ou *muito sim*, etc. Taes vocabulos exprimem positivamente uma circumstancia que não tolera maior ou menor extensão de significado. VARIOS USOS. || Os compostos mais ordinarios são os que se formam de *mente* com o adjectivo feminino: *ligeiramente*, *sabiamente*. Casos notaveis: de *má*, malmente; *mal*, fórmula archaica contracta de *mala*; de *portuguez*, *francez*, etc., *portuguezmente*, pois que esse adjectivo era dos dous generos antigamente. Os comparativos e superlativos syntheticos podem compôr-se: *superiormente*, *bellissimamente*. Por euphonia, evita-se a composição de alguns adverbios: *quentemente*, *rentemente*, mas os polysyllabos são utilizados: *decentemente*, *evidentemente*, etc. (1) Ha ainda outros limites nessas formações, que são dictados pela euphonia, e pelo uso: diz-se *maiormente* e não se tem dito *menormente*; diz-se *plenamente*, e ninguem disse *cheiamente*; *primeira*, *segundamente*, são termos encontrados, ao passo que *terceiramente*, *oitavamente* se não encontram, e sem razões plausiveis. Camillo C. Branco chegou a de

— — —
(1) A composição com o substantivo *mente* já se usava, ainda que raro, no latim. *Bona mente* é um exemplo de Quintiliano.

ADVERBIO

rival-os, uma vez ao menos, de substantivo, dizendo: *lucrecia-mente* (mas no estylo comieo assim se permite: asno, asnissimo, burrissimo, burrissimamente, etc.) (1). Diz-se *malmente*, e não se diz *mámente*, dizendo-se, em tudo, *boamente*. Diz-se *tarde-mente* quando fôra mais logico, *tardamente*, que é tambem de uso. Com os monosyllabos ainda se repete a anarethia: *sãmente* diz-se pouco ou quasi nunca, e é mais frequente dizer-se *vãmente*; em geral, o monosyllabo não se adapta a essas formações adverbias, porque fiaria menor que o suffixo, que é accessorio. Pela mesma razão a ellas se adaptam as palavras longas e os superlativos: eloquentissimamente, arreatadamente, misericordiosissimamente (que é por si só um hendecasyllabo!) || Os adverbios toleram grãos: *mais cedo, mais tarde, mais menos, muito peor, pouco alto, tão pouco*. Formam diminutivos: *juntinho, pertinho, de vagarinho, cedinho*. Formam grãos indefiniveis, ainda não classificados pelos grammatieos: assim assim, ainda assim.

|| As vezes o adverbio *sempre* quasi não tem sentido, e é mero expletivo: «*Sempre quero ver o resultado! Sempre é um velhaco!*»

|| ETYMOLOGIA. — Alhures, *alior-sum*; analogicamente, *algures*, de algo, *aliquid*. *A-hi*, ant. *hi*, lat.

(1) E é muito justificavel, porque com o adverbio se formam grãos de substantivos: *é muito noite; é muito mãe*. «*Não és tão pae quanto eu no perdoar aos filhos.*»

hic; *aqui*, fr. ant. *iqui*, do lat. *hic-hic*. Antigo *aguó*, existe em *acollá*, em *aca-juso* e *acasuso*, archaicos; *jusum* (abaixo), *susum* (acima). Da fórma *acó*, areh. existe o elemento *cá*. *Al-li*, de *illinc*; arch. *allú*, *illac*. Arriba, de *ad-ripam* (cp. o fr. *aval*, de *ad+vallem*). Além, de *aliunde*; *aquem*, formação analogica de *hoc* (parte), com identica terminação. *Onde*, de *unde*, e os seus compostos *a-onde*, *d-onde*, *ad-onde*, etc. *Quasi*, lat. quasi. Assás, de *ad-satis*. Pouco, de *pauco*. Muito, de *multo*. Cerca, de *circa*. Nada, do adjectivo *nata* (scil. *res*, Vide *Negação*) — arch. *ren*, francez *rien*, do subst. *rem*. Os compostos em *mente* já foram estudados. Assim, *ad-sic*. Mal, de *male*. Bem, de *bene*. Notem-se as fórmas adjectivas usadas como adverbios, por exemplo, do latim, *alto*, *caro*, *barato*, *serio*, etc. Agora, *hac-hora*; hoje, *hodie* (hoc die); logo, *loco*; hontem, ant. ooyete, hesp.; *anoche*, de *ad-noctem* ou *hanc-noctem*, segundo outros, *hodie ante*; sempre, de *semper*; nunca, de *nunquam*. Compostos vernaculos: *amanhan*, *depois d'amanhan*, *out'ora*, *d'ora em diante*, *antes d'hontem*, etc. Sim, de *sic*; talvez, de *tale vice*; não, de *non*; nunca, de *numquam*; jámais, de *jam-magis*, quiza, ital. *chi sa?* quem sabe? De *balde*, fórma arabe; *amen*, passivo do verbo hebraico *aman*, ser verdadeiro: *assim seja*

(1) Os typos adverbias do portuguez são de diversás especies:

(1) O vocabulo, porém, foi-uos importado pelo latim.

ADVERBIO — AFFIXOS

a) Originados do latim, de fórmulas adverbias: sempre, *semper*. b) Originados do latim, de fórmulas adjectivas: forte (*fortis*). c) Derivado remotamente de terminação comparativa em *ter*; um unico exemplo: azinha, *agüiter*. d) Originados de derivação moderna no seio da lingua, por analogia: a *miúdo*, *acinte*, arch. (*a sciente*), *ds escuras*, arch. *ds sabendas*, *julavento*, *hegano* (hoc anno), *aramá*, hora mala, *ds vesas*, etc. *Apenas*, fórmula reduzida de *a malas penas*, cf. *a duras penas*, no castelhano. Em-tão, *in-tum*. Fórmulas contractas: *tam-tanto*; *quam-quanto*; *recem-recentemente*; *mui-muito*, ARCH. arredó, *a retro*; alló, *illuc*; ende, *inde*; adur, *dure*; sam-micas, são migallias; chús, *plus*; cras, *crus*; anprom, fr. *aplomb*; de cote, *quotidie*; des-i, *desd'hi*; cadanho, gallego, *cata unno*; enxano, *ex anno*; de chan, de pran, *de promptu*; prés, *pressum*; ooyte, *ad noctem*; juso, *jusum*; suso, *susum*, *sursum*; há e a, onde; y, ahí; festinho, *festine*; en cas, *in-casa*, *chez*; acaron, de *a cara*, etc. (etymologias approximativas).

Adversativas. — Preposições e conjunções. Vide esta ultima palavra.

Ae, ai, diphthongo. — No latim tinha a fórmula *ae* que deu no portuguez regularmente a prosodia *e*, e identica orthographia no latim barbaro: *adificare*, edificar. De igual teor é a permuta do grego *ai*: *diata*, dieta. Excepto *paidíov*, pagem, de origem italiana e após franceza. No portuguez o

diphthongo *ae* ou *ai* resultou do effeito de varias leis phoneticas. Da queda da consoante média: amais, *ama-t-is*; de uma solução do hiato, por transposição muito commum antes da renovação erudita, *notairo*, *vigairo*, *adversairo*, etc. Na orthographia usual, o grupo *ae* não se usa senão no fim dos vocabulos: *pae*, *cantae*, etc.; e o grupo *ai* é usual no meio ou inicio dos termos: *aipo*, *naípe*. Excepcionalmente, usa-se a graphia *ai* na interjeição *ai!* e não *ae*.

Affixos. — Elementos ou fórmulas que se aggregam aos vocabulos e lhes modificam a significação. Os AFFIXOS dividem-se em *prefixos* e *suffixos*. *Prefixos* — são os elementos que se juntam no começo das palavras; v. gr., *des*, *in*: *amor* — *desamor*; *verdade* — *inverdade*. *Suffixos* — são os elementos que occorrem depois do vocabulo principal; v. gr., *-oso*, *-eiro*: *amor* — *amor-oso*; *verdade* — *verdad-eiro*. Os *affixos* são de origens diversas: gregos, latinos, vernaculos e até germanicos. Cada prefixo será estudado no logar determinado pela ordem alphabética. Tirados os *affixos*, a parte restante do vocabulo representa a fórmula principal, e é chamada *radical* ou *thema*. Existe um caso particular e rarissimo do *infixo*, em que o elemento adicionado se colloca no meio do vocabulo. Tal é o caso da *tmese*: *amar-te-ei*, etc. — Propriamente esse caso não é de *infixo*, visto como *te*, *me*, *se*, etc., não podem sem violencia ser classi-

ficados como *affixos*. || Podem ser consideradas *infixos* as letras adventícias, o *n* orthographico em: amam-n'ó, dizem-n'ó; as letras intercalares: homem-z-inho.

Africanismos. — Numero copioso de vocabulos africanos penetraram na lingua portugueza, especialmente no dominio do Brasil, por efeito das relações estabelecidas com a raça negra. Do portuguez existem mesmo incultos dialectos africanos, de que trataremos na palavra *Dialecto*. Dos *africanismos* que se introduziram na linguagem brasileira, daremos a analyse devida no termo *Brasileirismo*, d'este dictionario. Fóra d'estas influencias normaes, pouca cousa ha que averiguadamente proceda da Africa, salvo raros vocabulos conhecidos da civilisação européa: *zebra*, quadrupede; *baobab*, arvore africana das maiores que existem; *zuavo*, nome de tribu kabyla; soldado francez do regimento africano composto de indigenas da Algeria.

Agente. — Denominação hoje pouco usada, que se dá ao sujeito do verbo attributivo ou adjectivo: *Julio* estuda. O agente designa o factor da acção ou auctor d'ella. *Agente* contrapõe-se a *paciente*.

Agglutinação. — Phenomeno que caracteriza o amalgama perfeito de dous elementos que compõem um vocabulo. É o que se vê em *condestavel* (de *comes-stabuli*), em *capencollo* (de *capa em collo*), *pundonor* (*pund'onor*, *point d'honneur*). Na

junta-posição ha a percepção clara dos elementos componentes: *so-bremesa*, *semsaboria*. Na agglutinação, o composto só se revela pela analyse etymologica.

Agglutinante. — Vide *Linguagem*.

Agogos. — Elemento grego compositivo de muitos vocabulos. *Pedagogo* (*paidos*, menino), conductor, mestre de meninos. *Demagogo* (*demos*, povo), conductor do povo. Toma a fórma *egia* em *strategia* (*stratos*, exercito), que guia os soldados, etc. *Cyngético* (*kinos*, cão).

Agoreuo (falar). — Elemento grego de composição. Fóra vulgar: *agoria*. *Fantasmagoria*, fala, evocação de fantasmas; *categoria*, o que fala contra; o que está particularizado e examinado, o attributo. Fóra *egypr*: *panegyrico* (*pan*, todo), fala diante de todos, discurso publico em assembléa.

Agudo. — Accento, syllaba, rima. Vide *Accento*, *Notações*. Corresponde a *oxytono* (que em lingua grega quer dizer a mesma cousa) é a voz tonica predominante.

Algos (dôr). — Elemento de composição grega, que apparece com a fórma *algia*. Exemplos: *gastralgia*, de *gastér*, ventre; *cephalalgia*, de *kephalé*, cabeça; *nostalgia*, de *nostos*, volta.

Alinéa. — Vide *Paragrapho*.

Alliteração. — « Figura de rhetorica pela qual de proposito se repetem na mesma

ALLITERAÇÃO — ALPHABETO

phrase as mesmas syllabas, de maneira a produzirem muitas vezes o mesmo som. É um verdadeiro attrito de letras que se chocam. Primitivamente destinada a produzir a harmonia imitativa, a allitteração degenerou em cacophonia. Muitos auctores, mas principalmente os poetas, têm feito uso d'esta figura de máo gosto. Eis aqui alguns exemplos: *falem cartas, caem barbas; pobrete, alegrete; treme à terra, ferva a guerra; vaee bem a monarchia, mas sem anarchia*. A allitteração póde ser de um felicissimo effeito, quando produzir a harmonia imitativa. Muitas vezes a empregaram os poetas da idade média.» Fóra do estylo literario, nas creações da linguagem, a reduplicação syllabar constitue um processo de invenção de palavras mais ou menos onomatopaicas: *murmur, cicio, pipitar, gago, tatibitati, cacarejar, engasgar, zig-zag, lusco-fusco, lusque-fusque, trape-zape, traz-zás, zás-traz, tic-tac, tutucar, papagaio, papagueiar, cacaracá*, etc. Mas, onde a *allitteração* é mais frequente é na formação de *hypocorísticos*, fórmãs familiares dos nomes proprios: *Zezé, Mimi, Lili, Lulú, Bébé, Tatá*, etc., e nas palavras do dialecto infantil — *papá, mamã, titi, nenén, vovô, dindinho*, etc.

Allusão.—É a allusão involuntaria causa constante de archaismos. Numerosas palavras de legitimo uso vão desaparecendo, como o adjectivo *privada*, que Ruy Barbosa não accceitou

na redacção do *Codigo Civil* brasileiro (1903). O adjectivo *commum* perdeu a fóрма feminina *commua*, de antigo uso, e por analogo motivo. Muitas fórmãs verbaes, como *dar, tomar, vir e vir-se, pôr e pôr-se*, vão soffrendo pouco a pouco a acção pejorativa do máo sentido que lhes emprestam e não tinham. Vide *Pejorativo*.

Alphabeto.—«Sabe-se que a idéa de representar os sons da linguagem por signaes e especialmente de representar cada som por um signal particular não é muito antiga. De origem egypciaca, mas transformado pelos phenicios, o alphabeto foi levado para as margens do Mediterraneo. Os gregos, os etruscos e os latinos adoptaram-no, com modificações particulares. As populações celticas não tinham alphabeto proprio; as raras inscripções gaulezas que existem, foram cscriptas em caracteres gregos. Os romanos espalharam a sua lingua no Occidente, e com ella o alphabeto. A fóрма d'este assás modificada ficou; perdeu-se o cursivo, e o maiusculo tomou aspectos diversos, e só mais tarde, com a invenção da typographia, foi usado com o mesmo aspecto que occorre nas inscripções. O estudo de taes variações através da idade média constitue o que se chama *paleographia*. Na época romana, contavam-se 21 letras: A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, Z. Taes e tantos eram os caracteres até o seculo

XVI. D'ahi por diante, appareceram reformadores. Foi adoptada a *cedilha* do *e* para exprimir o valor sibilante brando; creou-se o typo *U* para representar o som vogal, expresso pelo *V*, como em DEVS. Tambem creou-se o signal *J* para representar o valor consonantal do antigo *I*, que se usava, v. gr., em IVLIVS (Julius). Foram, todavia, poucas as reformas que conseguiram definitivamente estabelecer-se. E, ainda hoje, o alphabeto é summamente defeituoso, não só porque possui varios signaes para identico som (*casa, kasa, kero, quero*), como tambem possui um só signal para sons differentes (*s, sabio; s=z, casa*) etc. As difficuldades e defeitos do alphabeto, na escripta, são de pequena monta, quando os comparamos com as difficuldades e defeitos de qualquer systema orthographico. — A palavra alphabeto tira sua origem do nome das duas letras gregas *alpha (a)* e *beta (b)*; tambem é denominado *abcẽ* ou *abe*. O *alphabeto latino* não deriva directamente do alphabeto phenicio, mas dos alphabetos em uso na Grande Grecia, especialmente em Cumes. Como o demonstrou cabalmente Ofr. Müller, a prova de que foi tirado immediatamente do grego, se encontra na adopção do *digamma F* para exprimir o som usual do *F*, caracter que os etruscos não possuíam. O alphabeto romano é quasi identico ao chalcidio: *H* corresponde ao symbolo do espirito rude, *Q* ao *koppa*, e o *R*

distingue-se do *P* (*r* grego) por uma cauda que se encontra aliás em inscrições gregas muito antigas. Tacito diz (*Ann.* 11, 14): «*Forma est litteris latinis quæ veteribus grecorum.*» || Nemi tudo quanto escrevemos é expressado pelo alphabeto. Tambem empregamos symbolos nos numeros: 8, 25, LXVI, etc.

Alterante. — Denominação dada pelo grammatico Julio Ribeiro á *consoante*, mas que não leva melhoria á antiga.

Am, an, amb. — Prefixo latino que se encontra no lexico d'aquella lingua, mas que não se tornou fecundo para as linguas modernas. Denota direcção para um e outro lado, ao redor, para ambas as partes. Corresponde ao grego AMPHI, e nota-se nos termos: *amb-ire*, ir para um lado e outro; *ali ambiente*, *ambiguo*, *amputar*, *ambição*, *ambulante*.

Ambiguidade. — V. *Amphibologia*.

Ambos. — Significa os dous, e é uma forma *dual*, e só ha outros vestigios em *noster* e *vester* (primitivamente = nós dois, vós dois). Ambos indica os dois num composto ou companhia que não excede aquelle numero: *ambas* as mãos, as mãos *ambas* e talvez *ambas* das mãos ou *ambas* das duas mãos ou as mãos *ambas e duas*, o que tudo são expressões logicas e como taes não merecem o apodo de incorrectas. E não só em portuguez, como o demonstrou Manoel de Mello (*Notas lexicologicas*), Bluteau e o *Diccionario*

AMBOS. — AMPHIBOLOGIA

da Academia portugueza acreditam a expressão *ambos de dous* usada por Bernardim Ribeiro (*M. e moça*: começaram assim tambem *ambos de dous*...) e L. de Camões nos *Lusiadas*: «De *ambos de dous* a fronte coroada.» Moraes diz que é locução viciosa. Veja-se a minha *Selecta Classica*.

Americanismo. — No m e consagrado a expressões oriundas da America. O maior numero se originou do tupi-guarani, que será estudado no artigo *brasileirismo*. Das outras linguas americanas derivam, ao que parece, os termos seguintes: *alpaca*, animal dos Andes, panno; *cacique*, de origem caraiba, chefe de tribu; *caoutchouc*, orthographia franceza de *cautchuc*, nome da gomma elastica, or. da Guyana; *canibal*, de *caniba*, nome de uma tribu ferocissima das Antilhas, hoje extincta; *chocolate*, palavra mexicana, composta de *choco*, cacáo, e *latil*, agua; *coca*, arbusto peruviano; *colibri*, palavra caraiba, beija-flór; *guano*, de *huano*, da l. quichua; *furacão*, cast. *huracan*, nome do espirito maligno entre os caraibás; *inea*, titulo dos reis indigenas do Perú, lingua quichua; *condor*, do quichua *kuntur*; *pampas*, planicies; *tomahawk*, arma offensiva dos indios da America do Norte.

Amphi. — Prefixo grego. Significa «de ambos os lados». *Amphibio*, que vive de dous modos. *Amphibologia*, que tem dous sentidos. O correspondente la-

tino é *amb*, *am*, v. gr.: *ambição*, *am-putar*, etc. Note-se *amphi* em *amphora* (vaso que tem duas azas). A palavra *amphiguri* é franceza, facticia e, ao que parece, da gíria de estudantes.

Amphibologia. — Vicio do estylo que consiste em coordenar a phrase de modo que se preste a mais de uma interpretação. Exemplos: *devorando o tigre o leão* etc., onde o sujeito é indeterminado e póde ser *tigre* ou *leão*, sem injuria da syntaxe. Leia-se o capitulo sobre *Ambiguidade* na *Gramm.* do auctor (3º anno, 12ª edição), onde se analysam varios exemplos. Sobre o assumpto escreve A. Netto no seu *Eseoliaste portuguez*, Lisboa, 1884: «Neste exemplo: «Heitor Achilles chama a desafio», nenhuma das palavras é ambigua, nem quivoca, mas é *amphibologico* o sentido; porque, ainda quando regularmente se pozesse o sujeito antes do verbo, os poetas invertem muitas vezes esta ordem, e d'aquella phrase se póde entender que Heitor provoca Achilles, ou este áquelle. Concorre muito para as *amphibologias* o máo emprego ou a má collocação já dos pronomes pessoas, já dos adjectivos possessivos. Neste outro exemplo—*o guerreiro amou sempre aquelle amigo no meio da sua adversidade*— não nos diz o possessivo *sua*, se foi na adversidade do guerreiro, ou na do amigo, que elle sempre amou. O adjectivo possessivo empregado no exemplo, póde referir-se a um dos dois

termos da oração, e é isto que occasiona a amphibologia nas phrases citadas. Comtudo, seria facil conhecer a quem se refere o possessivo, se este fosse empregado sempre na composição indicando o substantivo, como cousa pertencente ao sujeito do verbo da mesma oração; v. g.: *estando o imperador Aureliano na guerra contra a rainha Zenobia, mandou que NINGUEM entrasse de noite na SUA tenda.* Ora, o imperador, a rainha e todos os militares que sob o commando de Aureliano a guerreavam, tinham suas tendas, mas, assentado que o possessivo se ha de referir ao sujeito da oração, como no exemplo dado que determina a tenda do sujeito *ninguem*, clara fica a prohibição do imperador. D'este modo evitar-se-ia um vicio ou defeito que pôde ajuntar-se a todos os que se oppõem á clareza. Assim concluiremos que se a amphibologia não provém da deficiencia das regras grammaticaes, provém da intenção dobre de quem fala. Esta especie de sophisma era tambem de um grande recurso para os oraculos.»

Ana.—Prefixo. Denota afastamento para traz, renovação, etc. Ex.: *anabaptista*, que se baptisa duas vezes; *anachronico*, de tempo atrazado; *anatomia*, córte por diversas partes, através. O termo *aná*, como simples palavra, é usado como abreviatura no formulario medico.

Anacoluthia. — É a interrupção e mudança de constru

ção syntactica já começada por outra de nexo differente. Por vezes a anacoluthia, quando usada discretamente, constitue uma das bellezas da lingua, e foi sempre utilizada pelos classicos. Leia-se o exemplo de Camões :

Eu que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a ce-
gueira)

*Encheram-me com grandes abou-
danças*
O peito de desejos e esperanças.

Lus. V, est. 54.

Em geral, na anacoluthia, a mudança mais frequente é a do sujeito que inicia a phrase : «*Quem* ha de ser pastoral do seu povo, cumpre-*lhe* ser limpo e afastado de todo o vicio.» João de BARROS—*Panegyricos*, 9. (Vide João Ribeiro, *Gramm.* do 3º anno, pg. 241-243, e a annotação de Silva Ramos, que inlue grande numero de exemplos dos classicos.

Analogia. — Principeio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, generalizando as suas regras e submettendo quaesquer factos á sorte comum de outros congeneres. O principeio de *analogia* é tão extensivo e intenso que os *neo-grammaticos* allemães por elle explicam todas as excepções ás leis phoneticas das linguas. A *analogia*, trabalho popular e espontaneo (1), é muitas vezes falsa e

(1) A *analogia* na linguagem infantil constitue toda a generalização ou *grammatica*: eu *se esqueço*, por *me esqueceu*, do typo verbal *s'esqueccr* (*esquecer-se*), etc.



ANALOGIA

desarrazoada, por apoiar-se em bases illusorias. Taes são os solecismos *entreto*, por *entretenho*, *mantí*, por *mantice*, etc., muito communs entre os homens rusticos e ignorantas. Não obstante, forçoso é confessar que as linguas romanas devem á analogia quasi toda a originalidade dos respectivos systemas grammaticaes. Examinaremos os effeitos da analogia nos diversos dominios da linguagem. ACCENTO. — A analogia tornou oxytonos todos os verbos no infinito: amar *amare*; dever, *debere*; sentir, *sentire*. Submetteu a essa uniformidade os verbos da terceira conjugação, que no latim eram proparoxytonos: fazer, *facere*, por *fácere*; caber, *capere*, por *cápere*, etc. FLEXÃO DE GENERO. — A analogia considerou masculinos todos os nomes da segunda declinação: *servus*, incluindo os que eram femininos em latim, *populus*, choupo, *laurus*, louro. Considerou femininos os nomes da primeira declinação, *hora*, hora, e submetteu ao mesmo principio, no sec. XVI, muitos dos nomes gregos que tinham a terminação *a*: *planeta*, feminino em Camões; a *clíma* (Barros). FLEXÃO DE NUMERO. — Deu o plural *s* a todos os nomes, mesmo áquelles que não possuíam, como os neutros, que desapareceram ou reverteram para outras declinações. CONSTRUÇÃO. — Submetteu o discurso á construção analytica, por necessidade de clareza; generalizou o emprego de preposições; regulou o uso de adver-

bios, etc. A analogia explica em todas as linguas as derivações fóra das leis normaes da phonetica. Assim, a fórma *meridional* faria suppôr a existencia de *meridião*, que nunca existiu de facto; mas o adjectivo *meridional* foi derivado sobre a analogia de *septentrional*, que é um descendente de *septentrião*. A terminação AVO, normal em *oitavo*, foi base sufficiente para as creações analogicas, anti-etymologicas *doz' avos*, *quinz' avos*, etc. A desinencia *eu* em *meu* (*meus*) generalizou-se em *teu* (*tuus*), seu (*suus*). A analogia procede disericionariamente e por isso cria flexões que estão em antagonismo com o valor semantico do vocabulo. Assim, do typo *freire*, a analogia formou *freira*, por *soror*; de *varão*, varôa, por *femea*, *múlher*; de *padre*, padroeira, etc. Por ahi se vê que importancia exerce a analogia na constituição da lingua. A analogia prende-se á faculdade de imitação, que é a base do caracter e do progresso humano, nas artes, na religião, na linguagem, nas instituições e em todas as suas creações. O latim *omnes* (de *homines*) foi primitivamente do plural; a analogia ereou o singular *omnis*. Em portuguez, a palavra *pomba* (*palumbam*) serviu de modelo á flexão masculina *pombo*, que não existia. Brugmann, o neo-grammatico, diz ser a analogia *ultima ratio philologie*. || O que foi ahi dito a respeito das formações organicas e naturaes da lingua, tambem se applica ás formações eruditas,

literarias e scientificas, promovidas por sabios e escriptores que devem respeitar a indole e caracter das linguas (e infelizmente não tem sido a regra) na creação de palavras novas ou na adopção de outras extranhas. Com razão, censurou Kuy Barbosa, o grande classico contemporaneo, na redacção do *Codigo civil* a adopção da francezia *insolvabilidade* em vez da nossa expressão propria *insolvenca*. E que dizer dos neologismos scientificos arbitraria e ineptamente formados do grego e do latim, sem o conhecimento d'essas linguas e das leis de derivação que nellas se observam?

Analyse.—Vide *Proposições*.

Anexim. — Vide *Adagio*. O *anexim* d'este se distingue, em que é incompleto e é muitas vezes mera locução; *vir á balha*, *metter-se em camisa de onze varas*.

Anomalia. — Designa qualquer irregularidade ou excepção ás regras da grammatica. *Anomalia* é especialmente a excepção unica ou em numero de poucas que não parecem ter explicação plausivel. Por exemplo: a deslocação do accento em *báulus*, que produziu *báhy*; *dativa*, que produziu *dadica*. É anomalia importante o uso do infinito pessoal, quando se compara com a syntaxe das outras linguas latinas, mas é elegancia e belleza propria do nosso idioma.

Ante. — Prefixo latino. Denota anterioridade, tempo passado: *ante-classico*, *ante-diluvia-*

no, *ante-cedente*. Contém esse prefixo os termos *anterior*, *antigo*, do mesmo radical. Não se deve confundir com o prefixo grego *anti*, que não é das palavras latinas: *anticipar*, que seria melhor escrever *antecipar*. (1)

Anti.—Prefixo grego. Denota opposição: *anti-catholico*, *anti-euphonico*. Esse prefixo não deve ser combinado senão com elementos gregos, para evitar compostos hybridos; no entanto, actualmente é de constante uso formar hybridismos, como *anti-social*, *anti-patriotico*, etc. Nestes casos melhor orthographia será *ante-social*, *ante-patriotico*.

Antithese. — Permuta euphonica, de existencia contestavel. *Fazel-o*, por *fazer-o*; *vol-o*, *nol-o disse*, por *vos-o*, etc. Não é assas plausivel nos limites da phonctica a transformação *s* em *l*. Parece, pois, que o *l* euphonico é a parte que persistiu do artigo *lo*, *la*: *eil-o* está por *eis-lo*; *fazel-o*, por *fazer-lo*. A euphonia, com effeito, consistiu na quêda do *r* e *s*, mas não em transformação de *s* em *l*, hypothese inadmissivel, sem exemplos que a apoiem.

Antonyms. — Palavras representantes de idéas oppostas (*bonito*, *fêlo*). (Pacheco Junior).

Antropos (homem). — Elemento de composição grega: *antropologia*, sciencia do homem;

(1) A primeira graphia é um erro provavelmente devido á analogia de *participar*.

ANTROPOS — APHERESE

misantropo, que odeia o homem, de *misein*, odiar; *philantropia*, amor do homem.

Apherese.—Metaplasmo ou figura de dicção que consiste na subtracção de elementos iniciais do vocabulo. Exemplos communs são: *inda*, por *ainda*; *pos*, por *após*; *traz*, por *atrás*; *té*, por *até*. Vejam-se os seguintes, na degeneração do latim: *a* — *apothecam*, botica; *s* — *spasmus*, pismo; *e* — *episcopum*, bispo (do grego). A apherese já se notava no latim com bastante frequência, v. gr.: *latus*, por *ilatus* (de *tollo*); *natus*, por *gnatus*, e *narrare*, por *gnarrare* (cp. *i-gnarus*, *i-gnoro*), etc. No portuguez, a apherese é susceptível de explicação, conforme uma vez escrevemos: «As pessoas que estudam a grammatica historica das linguas romanas, é familiar o exemplo curioso da apherese no vocabulo francez *anspessade*, em portuguez *anspeçada*. Esse vocabulo veio do italiano *lanca spezzata* (lança quebrada). Os francezes transcreveram-o sem duvida pela fórma *lanspessade*; mais tarde, a ignorancia popular, suppondo alli a existencia de um artigo (l'anspessade) produziu a queda do *l* e creou a fórma, hoje unica, *anspessade*. Cousa semelhante aconteceu em nossa lingua, porém com mais inesperada complicação. No sentido da evolução historica, o portuguez conta duas sortes de artigos: *lo*, *la* e *o*, *a*. Os ultimos sobrevieram aos primeiros. Para mim, a melhor explicação da apherese do

o e *a* iniciais está no facto muito frequente do esquecimento etymologico e seguinte confusão d'aquellas letras com os artigos ainda vigentes. O povo diz não raro: *um ficial de justiça*, por supôr que o *o* de official é um elemento separavel, um artigo. Só por analogo criterio se acha a solução razoavel das perdas amiudadas do *o* e *a* iniciais. Exemplos: *bodega*, *botica*, em vez de *abodega*, *abotica* (latim *apotheca*); *bitacula*, em vez de *abitacula* (*habitaacula* no latim), e *postema*, em vez de *apostema*. Em relação ao artigo masculino, registremos: a fórma *bispo*, talvez *obispo*, como ainda o é no castelhano, do latim *episcopus*; a fórma antiga e masculina *cajom*, em vez de *ocajom*, derivada de *ocasionem*, e outras contestaveis, como *relogio* (*horologium*), etc. A outra face do problema, naturalmente, contempla e especula sobre o caso dos artigos archaizados: *lo*, *la*, etc. O vocabulo *eiva*, em meu conceito, soffreu transformação analogá ás já mencionadas. *Eiva*, ao que me parece, deriva de *labem* (1), e é fórma divergente em relação a *laivo*: *eiva* de corrupção, *laivo* de corrupção. A fórma antiga deveria ser *leiva*, mas como já existia o homonymo *leiva*, de *gleba*, effectuou-se a desaparição da letra inicial que se confundia com o artigo (l'eiva). O vocabulo *onça*, com o significado de animal, tam-

(1) Deve-se admittir o especimen *labiam*, similar a *rabiam*, de *rabim*.



bem passou pela mesma transformação. Veio do italiano *lonza* (*lyn-cem* lat.) e, devendo ser transcrito na fórmula *lonça*, perdeu o *l* inicial (*l'onça*), por se suppr̄ erroneamente que fosse o artigo.»

Apo.—Prefixo grego. Significa: longe, em distancia. *Apogeo*, longe da terra. *Aphelio*, longe do sol. Denota tambem intensidade: *apoplexia*, que fere profunda, fulminantemente. Nota-se em *apologia*, *apocalypse*, *aphorismo*, *apostolo*, *apostata*, etc. O latino correspondente é *ab*, que tambem denota afastamento.

Apocope.—Metaplasmo ou figura de dicção, que consiste na subtracção de letras finaes. São exemplos usuaes as fórm contractas *grão*, *cem*, *muí*, *recem*, *são*. Por ella se elimina o *s*, anti-euphónico, em *vamos-nos*, e antigamente se supprimia o *s* de *thes*: *the fez*, por *thes fez*; e ainda hoje será impossivel dizer: *thes o disse*, se se não quer dizer á maneira antiga *th'o disse* (quando *the* é do plural). Tambem era frequente supprimir o *n* final da syllaba atona: *image*, *calige*, etc. Ainda hoje se diz *nume*, por *numen*, e *lume*, por *lumen*, e tambem *volume*. Na passagem do latim para o portuguez realizou-se a apocope em numerosos vocabulos: dizer, *dicer-e*; vieram, *venerun-t*; mesa, *mensa-m*. A apocope é um phenomeno commum em todas as linguas romanas. Foi sobretudo frequente nas flexões verbaes e nominaes; pela *apocope*, desaparecendo as desin-

cias, desapareceram os casos; este factio importantissimo originou a necessidade da construcção analytica que caracteriza as linguas provindas do latim. A *apocope* ou queda de terminação, no latim, explica-se geralmente pela linguagem barbara dos invasores do occidente, mesclados de populações e dialectos diversos; em segundo logar, no latim, a ultima syllaba era sempre atona, e por isso sujeita a perdas irreparaveis; finalmente, a disciplina, a tradição, a força conservadora da literatura latina tinham perdido o melhor de sua influencia sobre as populações medievaes, e entravam no periodo de dissolução.

Apostropho.—Notação ou signal usado na orthographia para indicar a suppressão de sons ou letras. Usa-se em varios casos: 1º Na suppressão do *e* da preposição *de*: *d'Almeida*, *d'então*, etc. Os antigos escreviam *Dalmeida*, *dentão*, etc., e ainda hoje se escreve: *desde* (d'esde), *dentro* (d'entro), e ainda nos cognomes v. gr., *Doria* (d'Oria). A orthographia ainda é arbitraria em: *deste*, *d'este*, *d'aquelle*, *d'isso*, *d'elle*, que tambem se escrevem *disso*, *daquelle*, etc. 2º É usado em menor gráo na suppressão de letras iniciaes médias: *esperança*, *p'ra*, etc.; com a preposição *em*, o apostropho, sendo usado, só é admissivel no logar da letra suppressa: *'nisto*, *'neste*, etc. Comtudo, usa-se excentricamente depois da suppressão: *n'este*, *n'esse*.

APPELLATIVO — ARABE

Appellativo. — Vidé *Substantivo*.

Apposição.— Chama-se *apposição* á construção de phrase que tem a mesma successão e relação da precedente. Ex.: Ceylão, *ilha pertencente aos inglezes*; Cesar, *o mais habil dos generaes...* etc. A apposição affecta uma construção syntactica especial na denominação das cousas e dos logares: cidade de *Lisboa* = cidade Lisboa; o dia de *sabbado* = o dia sabbado; o mez de *Maio* = o mez Maio, etc. O uso nem sempre exige a preposição; por isso diz-se promiscuamente: o anno de 77, e o anno 100, o anno mil; o rio Amazonas e o rio das Amazonas, etc. Em João de Barros, com os nomes proprios, quasi sempre havia a exclusão da particula: a cidade Evora (III, 1, 6). Vide *Complementos*. Alguns grammaticos, Delbœuf e Roersch entre outros, distinguem a *apposição* do *complemento appositivo*; esta ultima expressão designa o caso em que existe emprego da preposição *de*.

Arabe (língua). — Língua da familia semítica, que directamente influíu na lingua vernacula por effeito da invasão arabe que occupou a península iberica do seculo VIII ao seculo XV. A influencia do arabe manifestada nas instituições, nos usos, na civilização, não destruiu a indole latina da lingua portugueza, apezar do dominio de sete seculos; limitou-se o seu influxo ao vocabulario, do qual a maior parte se archaizou. Demais, os

arabes no seu regimen de tolerancia nada impozeram, quanto ao pensamento, aos vencidos, e eram admiradores e cultores da sciencia grega e occidental. A maior parte dos nomes de origem arabica conhecem-se pela presença do artigo *al* affixo: *al-fenim, almirante*, etc. Cumpre notar que, por meio do arabe, nos vieram muitos termos de diversas etymologias, por elles adoptados. Do grego, v. gr.: quilate, *keration*; abenus, *êbenos*; adarme, *drachuê*; alambique, *ambix*; alcaparra, *kápparis*; triaga, *theriakê*. Do persa: azul, *lazur*; julepo, *gulap* (agua de rosas); xeque, *chah* (rei); caravana, *karwan*; limão, *laimum*. Ha exemplos, como veremos depois, de palavras latinas que, depois de acclimadas no arabe, voltaram ao dominio romano. *Factos grammaticos* — Adelo; a fórma primitiva é *femin*, como no cast. *adela*. O adverbio *avondo*, do Cancioneiro, se se liga ao cast. *adunia*, parece vir do arabe (*ad-domya*, a gente, o mundo). *Almocreve*, de *almocári*), e é o part. do verbo *cara*, alugar. Em *elixir*, de *al-acsir*, o elemento *el* denota a influencia da fórma romanica *el*, provavelmente; é exemplo unico. *Oxalá* é a phrase *insch' alláh*, se Deus quizer. *Ar-rub*, numeral, significa a quarta parte (do quinta!). *Tomin*, de *thomn*, a oitava parte. O artigo arabe *al* desaparece em algumas fórmas: *ceifa, rez, zenith*, etc., e assimila-se em varias palavras com as fórmas *ar, as, az*, v. gr.: *az-zeite, as-sucar, ar-roba, ar-raiz, as-sude*,

etc. Sobre fórmulas divergentes, escrevemos nos *Estudos philologicos* (na 1.^a edição) as seguintes notas :

.....

«As vezes encontramos variações divergentes apenas em composição. O narcotico conhecido por *hachi* apparece no composto *assassino* = *hachachi*, bebedor de *hachi*. Outro aspecto de summa importancia é a determinação da proveniencia neo-latina. Nós temos duas fórmulas *jarro* e *jarra*; *jarron* é a unia fórmula hespanhola de *ajarra*. Por sua vez o termo hespanhol notou-se no portuguez, adquirindo, como sempre, uma pequena variação de sentido. O vocabulo *kolh*, que prefixado com o artigo *al* produziu no portuguez *alcoool*, tambem apparece como no dialecto aragonez, na fórmula *alcofór*. Note-se que *kolh* significa *pó subtil*, e por conseguinte, analogicamente, o espirito ou essencia. — A palavra *seyd*, senhor, ainda nos dá pelo eastelhano o nome do *Cid*, o campeão. Ainda, nota-se claramente a influencia hespanhola na palavra *capacho*, derivada do arabe *gafas* (gaiola). A fórmula verdadeiramente portugueza é *cabaço*, que a este respeito parece que seguiu a influencia do latim medieval *cabacius*. Outra fórmula divergente mais contracta é *cabaz*. Não só do hespanhol, mas até entre nós sente-se a influencia italiana. O verbo *garaf*, que significa *sugar*, *beber*, *soprar*, produziu o thema de *alcaraviz* (folle). Por uma analogia facilmente

comprehensivel, o mesmo verbo produziu o substantivo *garrafa*, e no italiano *caraffa*. Como a fórmula portugueza é mais vizinha do arabe, o mais certo é que de lá proviesse directamente. Onde, porém, é indiscutivel a fórmula italiana é em *lazuli* (lapis azulizo): a fórmula vernacula é *azul*, de *lazur* (persa). A lingua franceza tambem influiu por intermedio das suas transcripções. Assim, *kafur*, que já havia entre nós, produziu *alcanfor*, pelo francez, trouxe-nos ainda *camphora*. E esse exemplo não é o unico. O eognome pessoal e nome de planta *Fabregas* (fabrègue) é uma variação divergente com *alfavaca*, ambos derivados do correspondente arabe *habac*. Depois de assignalar a influencia neo-latina, convém citar um caso raro, onde se manifesta a influencia ingleza. *Ech chah* produziu no portuguez *xaque* (matte) e *escaques*; uma terceira variação é puramente anglo-saxonia, *check* ou *xoque*, introduzida pelas relações commerciaes, sobretudo do Oriente. As vezes as variações multivergentes são apenas certas modificações de pouca importancia ideologica. *Alfaraz*, o cavalleiro, e *alferes*, são uma e mesma coisa, o primeiro sendo a fórmula arabe em toda a pureza. Do nome geographico Bagdad formou-se adulteradamente o adjectivo *balduquino*, para designar um tecido de seda; d'ahi, muito provavelmente, *vasquim*, *vasquino*, vestes analogas aos colletes que outr'ora eram sempre de seda ou



ARABE

velludo (1). O vocabulo *muslim* (crente no Islam) apparece no portuguez sob as duas fórmas *musulmano* e a antiga *muslemo*, mais proxima do typo fundamental. *Rima* ou *ruma*, no sentido de amontoamento (arrumar, arri-mar) tem como variação parallela *resma*, que indica uma idéa semelhante, e derivam do arabe *rasma*. Passemos á analyse das fórmas que têm um lado de introdução erudita ou scientifica. Em primeiro logar, notemos que o romantismo, não da primeira phase allemã de Lessing, mas da de Staël e Hugo, introduziu grande numero de termos do Oriente, que, em parte, vieram juntar-se aos já existentes de longa data em nossa lingua. São d'essa procedencia: *Vizir* — já existia com as fórmas populares *alguazil*, *alvasil*. *Fakir* — existente nas fórmas populares *faquino* e *alfaqui*. *Kaviljar* — que se encontra nas produções poeticas orientaes, tinha a fórma *alfange*. *Al-ma* (agua) — Pelo seculo XVI, das descobertas africanas, havia *almadia* (canôa). Mais antigo *almagege* (tanque). *Albatroz* — nome de ave marinha formado analogicamente de *gadás*, machina de transportar agua; no antigo portuguez, *alcatruz*. *Emir* — chefe; já se encontrava esse thema em *almirante* e *mirabolim*. Separamos esses vocabulos por isso que a sua introdução ou, pelo menos, maior generalização, data do primeiro

quartel d'esse seculo, com a renovação romantica da litteratura franceza. As fórmas propriamente scientificas tambem são numerosas, e apontaremos as que são de maior importancia. *Morabitin* designou uma tribu arabe no Occidente; depois o mesmo vocabulo indicou uma moeda: *maravedins* e *maravedis*. O nome da tribu, na historia, é *almoravidas*. *Misk* era o nome de um animal: *almiscar*. A medicina introduziu as fórmas *moscho* e *moseada* (noz). *Zouk* produziu em lingua vernacula *azougue*. A sciencia creou *azoto*. *Sifr* produziu a fórma mais vizinha *cifra* e posteriormente *cifrão*. Pelas traducções latinas das mathematicas arabes, recebemos *zero* (*zephirus*), da mesma origem. *Alkuaresmi*, nome de um mathematico oriental, deu *algarismo*, e scientificamente o termo tecnico *algorithmia*. *Zindjaftr* produziu no dominio popular o termo *azinhavre*. A pharmacia franceza introduziu *cinabrio*. *Audj* creou em portuguez *auge*. Pela astronomia *apsides* (*aphelia* e *perihelia*). *As-sent* produziu dous vocabulos scientificos da astronomia, *azimuth* e *zenith*. Antes de concluir, devemos fazer um exame mais propriamente semantico dos elementos lexicos portuguezes formados ainda sobre o typo arabe. O adjectivo *fouveiro* (côr de cabelo) deve ser o arabe *hobara*. Mas *hobara*, por sua vez, segundo Engelmann, é o latim *avis tarda* (hesp. abetarda, betarda). A assim ser, teriamos um dos rarissimos casos da

(1) *Vasquim* é mais provavelmente orig. do *basco*.

etymologia latina através do arabe em palavra não científica. O substantivo *raz* (cabeça) entra com artigo em *arraiz* (chefe). Sem artigo, na fórmula *rez*, significa o gado. Podemos, pois, attribuir á influencia arabe os modos de dizer: tantas *cabeças* de galinhas, etc. O adjectivo mal formado *olhizarco* é um pleonasmio inutil. *Zarcã* já é por si só a *muller de olhos azues*. Notemos, em conclusão, um easo em que a intrusão do elemento hespanhol e francez é simultanea. *Djuba* produziu *aljuba* (roupa), não obstante conservarmos a fórmula hespanhola, que é sem artigo, *juba*. (1)

Archaismos.—Palavras ou quaesquer factos grammaticaes que existiram e desapareceram da lingua. Os archaismos naturalmente desaparecem com a eliminação das cousas, instituições e factos que já não existem ou se transformaram. Mas o desuso póde ser apparente e originar-se apenas da negligencia e desattenção dos escriptores que não cultivam a lingua antiga. Julgam-se (como já se têm julgado) obsoletas expressões que não desapareceram. Os verdadeiros archaismos nunea resurgem, e a existencia de pretendidos *archaismos temporarios* explica-se pela permanencia ignorada do archaismo em qualquer provincia ou região geographica da lingua, ou pela sua

preservação nos antigos documentos literarios. Muitas vezes, dos *archaismos* restam vestigios como petrificados em certas locuções, adagios, etc., e na composição dos vocabulos. Assim o verbo *jeitar*; lançar (fr. *jeter*) já hoje não existe; mas encontramol-o no composto *rejeitar*. As causas do *archaismo* são innumeraveis. Notemos as principais: a) Desaparição de cousas, costumes, factos, civilisações, instituições: *Uso de Montipülher* (vestes doutoraes), *zevron* (selim), *ungros*, *valdi garceras*, *orpelados*, termos de vestuario e modas; *alguasil*, *jogracs*, etc. b) Existencia de fórmulas synonymicas, eruditas ou não: *segre* desapareceu diante de *seculo*; *leixar*, ante deixar; *trameter*, ante entremetter; *lez*, ante lado; *frol*, ante flôr; *escaecer*, ante *esquacer*, etc. c) Existencia de homonymos ou palavras de igual soido, e que podiam confundir-se: *chantar* (plantar) e *cantar*; *ca* (porque) e *ca* (aqui); *sirventes* (cantos) e *serventes*, etc. d) A tendencia que muitas palavras soffrem de se tornarem de sentido obseeno ou pejorativo: *enxeco* (pendencia), *drudo* (amante), etc. e) A inevitavel necessidade dos neologismos combinada com a limitação necessaria da memoria. O homem do povo, segundo Tursh, não tem á sua disposição mais de dois mil vocabulos. f) O progresso humano, em geral, é uma causa de archaismo syntactico. O homem contemporaneo tem as facultades de analyse assas desenvolvidas. As cõnstruções

(1) João Ribeiro — *Est. Phil.*, 47-52. (1ª edição). Foi o livro reimpresso em edição corrigida em 1902. J. Santos, editor.

ARCHAISMOS

syntheticas puramente emotivas tendem a desaparecer. Para estudar-se a língua archaica, o romance portuguez, não existe melhor que o *Cancioneiro da Vaticana*, riquíssima collecção de 1205 canções dos trovadores da escola provençal portugueza. Nas ultimas canções nota-se um variado vocabulario de termos obscenos, que servem para estudar a tendencia pejorativa que foram ganhando muitos dos vocabulos originariamente decentes. Muitos documentos de linguagem, fóra da litteratura, se encontram nos antigos foraes, actos publicos, juridicos, no latim barbaro ou no portuguez antigo. Os archaismos são de diversas naturezas. Ha archaismos *orthographicos*: *he*, por *é*; *hum*, por *um*; *athe*, *theor*, *ley*, por *até*, *teor*, *lei*, etc. Os archaismos de flexão, como os femininos *commua*, *cidadea*, por *commun*, *cidadeã*; as flexões de pessoa, *amades*, por *amaes*, etc., dizem-se morphologicos. Ha archaismos *syntacticos*, de construcção, como — *viajar a Deus misericordia* (Barros); *começar escrever*, por *começar a ou de escrever*, etc. Ha finalmente archaismos *semanticos*, que são os mais numerosos, e que consistem apenas no obsoletismo de significado dos nomes: *arreo*, no sentido de *enfeite*. Eis um catalogo summario de archaismos de todo o genero: *abondo*, excessivamente; *acaecer*, acontecer; *adruffe*, pandeiro; *acarom*, defronte; *adur*, difficilmente; *accorrer*, acudir (ainda de uso); *adduzer*, trazer; *affanar*,

cançar (raramente de uso); *aguga*, pressa; *algas*, impostos; *alfaraz*, cavallo ligeiro; *algo*, alguma cousa (ainda de uso); *amistar*, ter amizade; *amoriado*, doente; *antanho*, no anno anterior, anno já passado (talvez de uso); *apoer*, accusar; *ar*, tambem; *astroso*, feliz; *avilar*, tornar vil; *azes*, flancos, alas (ainda de uso); *balandrúo*, sobretudo; *beneito*, bento; *besonha*, necessidade; *bisalho*, enfeites; *ca* ou *car*, porque; *cada que*, cada vez que; *cajon*, má occasião; *camanho*, *quam magnus*; *cano*, velho, encanecido; *cas*, casa (cf. fr. *chez*); *certão*, certo (fr. *certain*); *chus*, mais (plus), usado na expressão *nem chus nem bus*; *citola*, cythara; *cochom*, porco; *coitar*, fazer mal; *cor*, coração; *criança*, criação; *degredo*, decreto; *de cham*, de prompto; *de pram*, id; *de suso*, de cima; *de juso*, de baixo; *de vegadas*, por vezes; *donã d'algo*, senhora nobre (ch. *fidalgo*); *duidar*, duvidar; *echar*, deixar; *eiri*, hontem; *emparamento*, amparo; *ementar*, pensar; *endurar*, soffrer (talvez, raro, de uso); *enfiger*, fingir; *enganhar*, enganar; *entramente*, entretanto; *er*, o mesmo que *ar*; *escatina*, defeito; *est*, lat., v. ser; *faceiro*, soberbo, atrevido (de uso no Brasil, mas com o sentido de casquillo); *salagueiro*, fagueiro; *fer e far*, fazer (Canc. Vat.); *fey*, feito (C. da Vat.); *folengar*, folgar; *fudud'an cul*; *fudud'an dia*; *genela*, coifa; *greu*, grado, vontade; *guarecer*, melhorar (fr. *guérir*); *hu*, onde; *i*, ahi; *ladinho*, astuto; *leixar*, deixar; *lidi-*

ce, alegria; *loador*, lisongeador; *lunes*, segunda-feira; *maçar*, apertar (tambem *maguer*); *malado*, servo; *maltreito*, doente; *malou-ria*, doença; *martes*, terça-feira; *mayson*, casa; *mençonha*, mentira; *mocelinha*, mocinha; *murzelo*, côr de amora; *nembrar*, lembrar; *nulla*, nenhuma; *obridar*, olvidar; *ogano*, este anno; *oy*, hoje; *oizte*, honter; *padre*, pae; *però*, porém; *pindecoste*, pentecostes; *pobra*, póvoa, aldeia; *pres*, perto; *prestumeiro*, ultimo; *profaçar*, satyrisar; *prez*, premio; *rancunas*, aggravos; *recaudo*, acautelado; *ren*, cousa; *ric'omem*, fidalgo; *sázão*, occasião (ainda, raro, usado); *sojornar*, fiar; *sanhudo*, feroz; *strolomya*, astronomia; *talán*, talante, vontade; *torto*, damno (raro, usado); *toste*, logo; *u*, onde; *vagando*, vadio; *xelulo*, bello; *xervo* (verbo), rifão; *xe*, te. galleg.; *y*, alli. Não é defeito e antes é qualidade que se deve prezar o esforço ou diligencia com que alguns dos escriptores modernos buseam resussitar as fórmãs archaicas que pela belleza, conveniencia ou necessidade merecem revividas e de novo lançadas na torrente da linguagem commum. Assim o fizeram no seculo XIX Castilho, Camillo e ainda hoje Ruy Barbosa, sempre com excellente exito.

Archê (supremacia). — Elemento de composição grega. Fórmã suffixa: *archia*. *Archanjo*, anjo principal; *arcebispo*, bispo principal; *monarchia*, governo de um; *heptarchia*, setc governos, setc chefes.

Artigo. — Especie de determinativo commum ás linguas romanas; no port. *o*, *a*; no it. e cast. *lo*, *la*; no fr. *le*, *la*; com outras fórmãs, *el* commum ao portuguez e castelhano, *il* no italiano. *Etymologia*. — Do latim *illan*, *illum*; fórmãs intermediarias antigas *lo*, *la*; orthographia antiga *ho*, *ha*. A etymologia foi durante muito tempo controvertida; sustentaram-se principalmente duas opiniões: uma, que deriva o artigo do grego *ho*, origem inadmissivel em vista da influencia limitada do grego que, salvo o caso de fórmãs eruditas, só operou, em regra, por intermedio do latim. A segunda opinião faz derivar *o*, *a*, do latim *hoc*, *hac*; mas essa origem suggerida pela orthographia archaica não se coaduna com os especimens románicos (inclusive portuguezes) *lo*, *la*, nem tem o apoio da phonetica. (1) Os vocabulos *elle*, *lo*, *o*, constituem os vestigios da declinação de *ille*, lat. N. *Ille*, *illa*, *illud* — *elle*, *ella*, *ello* (arch.) e *el* (arch.). D. *Illi* — *the*, ant. *li*. Acc. *illum* — *o*, ant. *lo*. *Illan* — *a*, ant. *la*. O genitivo do plural *illorum* produziu no francez *leur*, no italiano *loro*, no castelhano antigo *lures*, mas não deixou, que se saibam, vestigios no portuguez. O artigo agglutina-se com algumas particulas, tomando os seguintes aspectos: de + *o*, *a* — *do*, *da*; em + *o*, *a* — *no*, *nã*;

(1) A queda do *c* final tem sempre compensação ou nasalidade: nem, *nec*; sim, *si*.

ARTIGO

per + o, a — *pelo, pela*; á + o, a — *á*. Já não se usam as combinações *enlo, enlo*, de *em-lo*; *polo*, de *por o*; *colo, collo*, de *com-o*; *del*, de *de-el*; *ó*, de *a + o*. As combinações *ó*, por *ao*, e *polo*, por *por o, pelo*, têm numerosos exemplos nos documentos classicos; as demais são próprias do *romance* ou português antigo. || Leia-se quanto escrevi sobre os usos syntacticos, emprego e omissão do artigo na *Gramm. port.* 12ª edição. Aqui apenas apontaremos concisamente alguns factos mais na indole d'este livro. O artigo *el* só se emprega hoje na expressão: *el-Rei*, que se tornou tradicional. As formas antigas *lo, la*, etc., deixaram vestígios nas expressões: *dizel-o, dizer-lo*, *nol-o disse, nolo disse*; *eil-a, eis-la*, etc. Durante muitos seculos, através da cultura classica, permaneceram quando pospostas ao adjectivo *todos*: *todoslos dias, todaslas vezes*, etc., e ainda se usam na linguagem popular. O artigo *lo* ainda é vigente no proverbio — quem muito *lo* quer, muito *lo* perde — talvez por influencia do castelhano. || O accento de *ille, illa*, já se achava desviado desde o latim, pois, conforme demonstraram Benloew e G. Paris, os comicos na prosodia supprimiam o *i* inicial. No português deu-se o aglutinação do artigo em varias palavras. Em *léste*, por exemplo, existe a composição *l'este*. A palavra primitiva era *este*. O mesmo succedeu em *lossueste* (Dicc. Moraes) por *ossueste*, etc. Vide *Prothese*. || 1. O artigo era

no seculo XIV usado com o sentido etymologico no sentido de *ellas* (lat. *illas*)

mouro... cerca *las* achei

(Canção do Figueiral).

2. O uso pronominal do artigo como complemento objectivo não é um factio excepcional, mas organico e de todos os tempos da lingua.

se me *los* ey

(Canc. Vatic. n. 233).

3. A preposição *em* contracta com *o*, deu *no*, *o* que se explica pela forma intermediaria *en*, cujo som final se prolongou até a vogal seguinte, como se prova com a forma do seculo XIII do cancionero de D. Diniz, pag. 142:

e vay lavar camisas

en o alto.

4. A contração da preposição *a* com *o* escrevia-se *ó* como nas canções antigas; a contração *a la* produz frequentemente *al* (Pero Meogo)

hiles morrer al mar.

Na mesma epoca tambem occorre *alamar*, porque *mar* era feminino e ainda o é em *preia-mar* (plena mar). || 5. Sobre o artigo *partitivo* qual existe no português, fale o joven philologo Mario Barreto: «Não se pôde negar que ha na nossa lingua portugueza alguns exemplos em que a preposição *de* que acompanha o complemento directo, tem um sentido partitivo: — *Nunca digas: D'esta agua não beberei, d'este pão não comerei* (adagio); *quero d'aquella cerveja; prefiro d'este vinho*. Não é só na linguagem popular que se usa assim d'este *de* partitivo. Encontra-

ARTIGO

mol-o tambem na phrase dos escriptores. Exemplifiquemos : «Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quizerdes.» (Franc. Rodrigues Lobo— *O pastor peregrino*, pag 20). «Achando as virgens nescias que se lhe apagavam as lampadas, chegaram-se ás prudentes a pedir que lhe quizessem dar do oleo que traziam prevenido.» (P. Ant. Vieira— *Serm.* T. 4º, pag. 264, col. 1ª). «... e lá vão comendo todos do *bacalháu* por essas estradas até Elvas, onde o molham, para que não falte no péso.» (Idem — *Arte de furtar*, cap. VII, pag. 24).

«Foi-se fechar no mais alto
Da torre de Valderey :
— Não quero comer do pão.
Nem do viuho beberei.»

(Garrett — *Romanceiro*, 1º vol. pag. 152).

«Trazem das flôres vermelhas,
Das brancas para a enfeitar ;
Tam lindas flôres como ella
Não nas poderam achar.»

(Idem, *Ibidem*, pag. 163).

«Ouvirei cantar os gallos
«N'aldeia, e ladrar os cães,
«E jazerei entre os pães ;
«Verei berrar entre os valles
«Os novillos pelas mães ;
«D'elles berrarão do fato,
«Porque mór pena me dêem,
«Chorarei meu desbarato,
«Eu não sei porque me mato,
«Mato-me não sei por quem.»

(Bernardim Ribeiro — *Egloga III*, pags. 298-317 das *Obras*, ed. lisbonense de 1852).

«Perdidas e traçilladas
«As tuas ovelhas vejo :
«D'ellas ovrem de cançadas,
«E tu tens morto o desejo
«De acudires ás coitadas.»

(Idem).

Eis ahi *d'elles, d'ellas*, locuções partitivas, servindo até de sujeito, sem embargo da preposição, como no francez : *du bon pain me suffit, de l'eau vaut mieux que du vin*. No francez o uso do artigo partitivo é extenso e rigorosamente obrigatorio. No italiano é igualmente amplo o seu emprego, mas não com tão extremado rigor : *datemi del pane* (fr. *donnez-moi du pain*). As linguas portugueza e hespanhola (1) rejeitam a applicação absoluta do artigo partitivo, tanto assim, que se recolhem como dignos de nota os casos em que elle apparece. Cumpre, pelo consequente, usal-o com muita cautela para não resvalar no gallicismo.» (Mario Barreto.)

(1) Dizem os grammaticos que não deve um substantivo no plural ser acompanhado de dois adjectivos no singular, porque é o adjectivo o que concorda com o substantivo, e não o substantivo com o adjectivo. Não se deve dizer: — *as idades viril e madura, as litteraturas grega e latina, os reinos vegetal e mineral, mas — a idade viril e a madura ; a litteratura grega e a latina, o reino vegetal e o mineral.* — Encontram-se, porém, exemplos, e de bons escriptores, em contrario : «Gloriava-se este de mui versado nas *linguas grega, hebraica, syriaca, chaldaica* e outras muitas.» (P. Man. Bernardes — *Nova Floresta*, liv. IV, pag. 384.) «... as

Aryana. — Família de línguas, a mais conhecida, que comprehende o grego, o latim, o sanscrito, o allemão, o slavo, etc. Vide *Indo-europeas* (línguas). Do mesmo sentido é a palavra *indo-germanicas*, creada e usada pelos allemães. O latim, d'onde se originou o portuguez, prende-se ao *ramo italico* da familia ariana.

Asiaticismos. — Expressão consagrada aos vocabulos que se originam de línguas asiaticas. Na lingua portugueza ha varios dialectos falados na Asia, em Macáo, Gôa, Ceylão, etc., e d'elles o unico que tem documentos de interesse literario é o *Indo-portuguez* (Vide esta palavra). Das línguas tsemiticas, *hebraico* e *arabe*, trataremos em logares especiaes, em vista da importancia que possuem e da influencia que exerceram sobre

—
graças litterarias da época, em nossos dias consideradas aleijões contagiosos das *escolas* italiana e hespanhola.» (Camillo—*O judeu*, vol. II, parte terceira, cap. III, pag. 28.) «... foi Fernando Luiz procurar sua vida na Allemanha, como professor das línguas franceza, hespanhola, italiana e portugueza.» (id.—*A caveira da martyr*, prefacio, pag. 2.) «...pagou Nelson com a existencia a esplendida batalha de Trafalgar, ganha sobre as *esquadras* hespanhola e franceza unidas...» (José Feliciano de Castilho — Livraria classica, *Noticia da vida e obras de Bocage*, tomo 2º, pag. 147.) Não se condemne, pois, a nossa phrase : *As línguas portugueza e hespanhola rejeitam...* (Nota de Mario Barreto.)

os idiomas europeus do sul e occidente. Aqui daremos um catalogo breve de *asiaticismos* de varias origens: *Avatar*—do sanscrito, transformação. Incarnação de Viknu; literalmente: a descida. Hoje é termo literario. *Babel*—do syriaco. Confusão. Segundo outros, templo de Bel. *Papuzes*—do persa *pa-puch*, que cobre os pés, *pa*. Calçado oriental. *Bambu*—termo indú. Canna. *Banana* — de origem hindu. *Bonzo* —do japonéz: Sacerdote. *Lama* —do thibetano, *thama*, o superior. *Budha*—sanskrito, o sabio. *Pagode* — do persa : *but*, idolo, *khodda*, casa. Templo. *Canga*—supplicio da China. D'ahi provirão : *canga?* *cangalha?* etc. *Schah*—do persa, *chah*, rei. D'ahi *cheque*, *xequemate* (Vide *Arabe*). *Padichá*—de *pad*, protector, *chah*, rei. *Turbante*—veste. Fôrma divergente : *tulipa*; ambos originados de *dulbend*, persa, especie de chale para envolver a cabeça. *Gutta percha*—do malaio *getah*, *gomma*, e *Pertjah*, nome malaio da ilha de Sumatra: *gomma* de Sumatra. Derivado moderno : *gomma-gutta* (hibrido). *Junco*—(fr. *jungle*), no sanscrito *jangala*, deserto. Planicie onde abundam caniços. *Julepo*—do persa *golapa*, de *gul* (rosa), *ab* ou *áp* (agua). *Kaolin*—do chinez. Argilla. *Caravana*—do persa *karuan*, bando de viajores. Derivado : *Caravancará*, de *haruan* e *serai* ou *sarai*, palacio, casa; estalagem para as caravanas. *Kermes*—palavra arabe derivada do sanscrito *karni*, verme. *Khan* — palavra tartara. Principe. *Candi*—assucar. Arabe,

derivado do sanskrito *khanda*, pedaço (crystal), $\sqrt{}$ *khad*, romper, quebrar. *Khediva* — persa; significa *senhor*. Título que se dava ao vice-rei do Egypto. *Cossaco*—da lingua dos kirghis. Cavalleiro da Ukrania. *Limão*—de *lainmun*, persa. Derivados: *limoeiro*, *limonada*, etc. *Laca*—de *lak*, persa, sanskrito *la'ksha*, resina. *Azul* — do persa *lazur*, azul. A fórma primitiva deveria ser *lazul*; o *l* desapareceu talvez por ser supposto artigo: (Vide *Apherese*. Derivado: *lapis-lazulli*, do italiano, mineral, *lazulite*; no lat. barbaro *lazurium*. *Mumia*—do persa *muni*, cêra, substancia balsamica. Derivado: *mumificar*, etc. *Nacar*—persa *nakar*, usado tambem pelos arabes. *Nacarado*, etc. *Naphta*—do chaldaico *nephet*, betume. *Naphtalina*. *Nergülé*—persa, cachimbo turco. *Orang-utang*—termo malaio. *Orang-utan*, homem do matto. *Horda*—do mongol *ordu*, tribu errante. *Paraíso*—do zend *pairi*, ao redor, *daeza*, baluarte, cerca. Introduzido por Xenophonte no grego sob a fórma *Paradeisos* e utilizado pelos traductores da biblia para designar o *Eden* dos hebreus. *Palanque*—do pâli, e sanskrito *paryanka*, leiteira. *Paria*—do tamul *pareyers*. Mesm. $\sqrt{}$ sansk. *para*, grego *para*, lat. *per*: exclusão, transgressão. Classe proscripta de homens. *Percalina* — do persa *parkala*, tecido fino. *Patchuli*—do hindustani *patchey elley*, folha de *patchey*, planta odorifera. *Phariseu*—do syriaco *pharisch*, dis-

sidente, separado. *Pharisaico*, etc. *Punch* — do persa, cinco. Mesm. $\sqrt{}$ gr. *pente*, persa *panj*, lat. *quinque*. Cinco ingredientes que formam uma bebida do oriente. É orthographia ingleza. *Rajah* — t. da India. Principe. *Sandalia*—do persa *sandalak*, calçado. *Saraga*—da India, cobertor. *Satrapa*—termo persa, conhecido desde a antiguidade grega e romana. Governador. *Escarlata*—do persa *serkelat*, rubro. Escarlatina. *Chale* — do arabe *schal*, inglez *shawl*; usado no oriente. *Serralho*—de *sarai*, casa, palacio. Persa. Cf. *caravancara*. *Spahi*—do persa *sipahi*, cavalleiro. *Tambor*, do persa. Arabe *tonbur*, atambor nos ant. documentos. Scheler opina pela origem romanica de *tap*, *tab*, *bater*, ferir. *Sandalo*—do sanskrito *tchandana*, arvore. *Chá*—do chinez *tchá*. O nome romanico *thé* provém da prov. *Te*, emporio da exportação d'esse producto. Derivado: *chaleira*. *Veda*—t. sanskrito: sciencia. *Vedas*, livros sagrados da India. Ha muitos outros nomes locais da Asia que entraram no portuguez designando varios productos da industria: *madapolão*, *madrasto*, *cachemira*, *nankin*, etc., nomes de cidades e logares. Da lingua canani, os portuguezes tomaram o termo *corj*, numeral que significa vinte, e ainda foi usado com tal sentido pelos primeiros escriptores: *uma corja de seda* (20 peças...). *Corja*, hoje tomou a accepção pejorativa e designa numero indefinido.

ASPIRAÇÃO — ATÊ

Aspiração.—Na lingua portugueza não ha propriamente *aspiração* ou letra aspirada. Contudo, como as vogaes iniciais não podem ser pronunciadas sem uma ligeira aspiração do ar: *astro*, *agua*, talvez por essa razão se explique a abundancia e abuso do *h* inicial na lingua antiga (*ho*, *ha*, *he*, *hu*, *hum*) banido na orthographia de hoje.

Assimilação. — É o phenomeno caracterizado pela transformação de sons por attracção ou sympathia de outros, no mesmo vocabulo. Assim, o *d* de *ad* transformou-se em *t*, na palavra *attendere* (*ad-tendere*, *attendere*), em *s*, na palavra *assas* (*ad satis*, *as-satis*), etc. A *assimilação* tem diversos grãos de intensidade. 1º *Accommodação.* — Apenas os sons se modificam para facilitar a pronuncia: no latim *bis*, por *divis*; *bellum*, por *dvellum*; em portuguez, *Jeronymo*, por *Hièronymo*, etc. 2º *Attracção.* — Nota-se em varias palavras a tendencia para uniformar as vogaes: *e-nt-e-ado*, por *anteadado* (*antennatus*), *m-e-r-e-ncorio* por *melancolico*; o plebeismo *salvagem*, por *scvagem*, etc. O phenomeno contrario, a *repulsão*, que consiste na adopção de vogaes dissemelhantes, é igualmente muito observado: *boveda*, por *bovada* (*abobada*); *filagrana*, por *filigrana*; *bebado*, por *bcbedo*, etc. 3º *Assimilação* propriamente dita. Póde ser de duas especies. *Progressiva*, quando se opéra de detraz para diante; *regressiva*, no caso contrario. Quasi todos os prefixos

que terminam em consoante soffrem a *assimilação*: **AD** — *ac*, *af*, *al*, *at* — accusar, affadigar, allegar, attender. **OB** — *oc*, *of*, *om* — occidente, offerecer, etc. **PER** — *pel* — pellucido. **IX** — *il*, *im* — *illegal*, *immerecido*, etc. Além dos vocabulos compostos, nota-se a *assimilação* entre consoantes de syllabas proximas: *chôcho*, por *socho*, de *suctus*; o plebeismo *cachacha*, por *cachaça*, etc. A proposito de cada prefixo, damos neste livro as *assimilações* respectivas.

Asterisco. — Pequeno signal orthographico, a imagem de estrella, usado na imprensa para chamar a uma annotação ou indicar laenna no texto (neste caso empregam-se varios asteriscos seguidamente). Nos livros de philologia romanica, com o asterisco indica-se o vocabulo *hypothetico*, a forma intermediaria latina cuja existencia necessaria não está documentada.

Asyndeticas. — Proposições coordenadas por juxtaposição simplesmente, isto é, não ligadas por conjunções connectivas. (P. J.)

Atê. — Preposição. Póde-se empregar unida á preposição *a* ou isolada: *Atê ao* meio dia; *atê* meio caminho. *Atê* noite; *atê á* noite. Quando ha determinação do limite, supprime-se a preposição *a*, e é o que se vê dos exemplos: *atê* cem homens; *atê* vinte mil réis; *atê* Lisboa. Sem determinação: *atê ao* céu, *atê á* florista. Moraes queria que no uso

das duas preposições houvesse redundância. || Arch : até, ataa, atem. || A cerca do uso syntactico de *até*, escreve-me o illustrado philologo Firmino Costa: «Os classicos antigos quasi nunca usavam da preposição *a* depois da preposição *até*. Moraes, em seu «Epitome da Gramm. Port.» publicado com o Dicionario (4.^a edição, pag. XIX), considera erro juntar *a* a *até*. Entretanto é hoje muito arbitrario em alguns escriptores o uso da preposição *a* depois da preposição *até*, como se vê em Latino Coelho (Vasco da Gama, 1.^a Pe): *até á* viagem portentosa do immortal Vasco da Gama (63); *até o* Golfo Arabico (63); *até o* Cabo Verde ou *ao* Cabo das Palmas (112); *até os* extremos confins da Europa occidental (133); *até ao* grande reino de Melli (110).»

Atona (syllaba). — É a em que não recae o accento tonico. Na formação do portuguez deu-se no vocabulario a quéda da vogal atona latina, que já não soava na linguagem popular de Roma.

Atraz. — Preposição. Póde estar posposta: dias *atrás*, annos *atrás*, deixar *atrás* (ultrapassar). Acompanha-se de *de*: *atrás da* porta. Na forma *traz* emprega-se sem outra preposição.

Attracção. — Vide *Assimilação*.

Attributiva (relação). — É a que existe entre o nome e o adjectivo ou um seu equivalente.

Aos elementos modificadores chamam os grammaticos *adjunctos attributivos* (Vide *Adjunctos*). (P. J.)

Attributo. — É a parte do predicado separada do verbo, quando este é o verbo *ser*: Pedro é *preguiçoso*. Relativamente ao attributo, o factio mais notavel é o da attracção que existe entre elle e o verbo, de modo que, contra as regras da logica, o verbo deixa de concordar com o sujeito para accomodar-se ás variações do attributo: *São* cinco horas (por, é cinco horas); tudo *são* flôres (por, tudo é flôres). Esse factio prova que o attributo é inseparavel do verbo, é parte integrante d'elle, e ambos constituem o predicado: *ama*; *ama* — é amante. || A concordancia do attributo é materia de muita consideração, e parece que ella sempre se fez com a *palavra que está posposta ao verbo*. Confrontem-se os exemplos: Mil cruzados é a *minha* renda. A *minha* renda são mil cruzados. Tudo são flôres. Flôres é tudo (e não—são tudo). Apesar d'isto a concordancia não se faz nos exemplos em que a singularidade do sujeito é a idéa principal: «Elle, por si só era mil soldados» (e não—eram). Exemplo identico se encontra no *Escotiaste*: «Na conversação não era (o Pe. Vei-eira) um homem, era muitos homens.»

Au, Ao. — Diphthongo latino e portuguez. O latino de ordinario persiste: claustru, *claustrum*. No emtanto, nos exemplos de

AU, AO — BALLÔ

maior antiguidade nota-se a permuta *au=ou*, e mesmo ha fundada conjectura de que era esta a pronuncia latina approximadamente. Mouro, *maurum*; pôusar, *pausare*. A fórma *oi* confunde-se francamente com *ou*: oiro, ouro, *aurum*; thesoiro, thesouro, *thesaurum*. O diphthongo portuguez *au* pôde provir da quéda da consoante média: máo, *malum*; váo, *vadum*, etc. O grupo no emtanto pôde ficar desfeito em hiato pela accentuação: saúde, *sabutem*. A graphia *ao* nunca é permittida no principio, nem no meio dos vocabulos. Escrivem-se *oi* e *ou*, mas em Portugal a prosodia *oi* é muito mais commum que no Brasil.

Augmentativos. — Vide *Gráo*. Alguns poucos augmentativos só existem como taes e não têm positivo: chorão, comilão (-ona), estirão.

Autos (si mesmo). — Elemento de composição grega. *Autographo*, escripta do proprio. *Autonomia*, lei, governo de si mesmo. *Automato*, o que se move por si. *Autopsia*, acto de vêr por si mesmo, verificação.

Auxiliares. — «Assim se chamam os vèrboes formadores dos tempos compostos, da voz passiva, dos verbos frequentativos e periphrasticos. São verbos relacionaes. Podemos dividil-os, conforme se combinam com participios, infinitos ou com Infinito e participlo. Os auxiliares representam notavel amostra do processo analytico. Cumpre estudar

a differença no emprego entre *ser* e *estar* (posto ás vezes seja elle indifferente), a variação de sentido do verbo *ser*, conforme a preposição que rege o complemento que o modifica, as varias significações do verbo *estar*, *haver*, etc., e bem assim o emprego syntactico de outros verbos, como *caber*, *sair*, *começar*, *dar*, *crêr*, etc.» (P. J.)

B

B. — Sôa sempre *b*. Confunde-se com *v* em algumas palavras: *vodas*, *bodas*; *covarde*, *cobarde*; *alboroço*, *alcoroço*; *badameco*, *vadameco*; *escarabelho*, *escaravelho*; *bespa*, *vespa*. || Na orthographia só se dobra em muito poucas palavras: *abbade*, *abbadia*, *abbá*, *sabbado*; e não succede a *n*, mas a *m*: *ambiguo*, *lamber*. || Deriva do latim *b*: bobo, *balbum*; taboa, *tabulam*; cebo ou sebo, *cibum*. Pôde, por abrandamento, resultar de *p*: *caput*, cabo; *capere*, caber. Acaso resulta de *f* pela analogia *f=v=b*; úbrego, *africus*.

Baino (andar). — Elemento grego de composição. Fórmus usuaes *bata*, *betes*. Exemplos: *diabetes*, que corre atavez, excreção; molestia; *acrobata*, que anda sobre as extremidades (*akron*); *hyperbaton*, que vae para cima, inversão.

Ballô (lançar, pôr). — Elemento grego de composição. *Parabola* (para, ao lado, *ballô*, eu lanço), comparação. *Problema* (pro, para diante, *ballô*, lanço) ou po-



nho), cousa que se propõe, posição. *Symbolo. Hyperbole. Emblema. Balista*, etc. *Palavra* (de *parabola*m).

Barbarismo.— Chamam-se barbarismos os vícios de construcção e os vocabulos inuteis, tirados de lingua estrangeira, em geral tudo quanto pôde empanar a pureza da linguagem. Propriamente, a influencia das linguas extranhas é normal; e só o abuso ou capricho dos escriptores pôde occasionar *barbarismos*. Taes são, por exemplo, os francezismos, como: *enorguellir-se, eclosão, fazer* (por exclamar), etc., que têm sido de uso de alguns escriptores impuros. Os *barbarismos* são de duas ordens: *lexicos* e *syntacticos*. Os *lexicos* referem-se ao uso dos vocabulos; os *syntacticos*, ao uso das phrases. É maior crime o *barbarismo* que o *solecismo*, porque este é vício de construcção, erro de ignorancia, negligencia ou descuido; mas aquelle é quasi sempre propositalmente commettido, e ás vczes sob a côr de excellencia ou garridice de estylo. No latim, *barbarismo* era a expressão consagrada aos termos que provinham dos barbaros, raças e povos subjugados pelos romanos; taes eram os termos *gurdus, battualia, camisia, cerevisia*, etc. Direito de cidade, entre os romanos, tinham, porém, os hellenismos, productos de civilização adiantada, e eram largamente usados no latim classicó, pelos melhores escriptores, maxime na poesia. || O factor bar-

baro que no portuguez mais predomina, pelo abuso dos jornalistas e dos máos escriptores, é indubitavelmente o francez. O elemento francez nos primeiros tempos, antes da disciplina classica, foi de influxo bastante profundo e extenso em todo o lexico portuguez. Como pondera Diez, a comitiva do conde de Borgonha e a aristocracia franceza que o acompanhou deu talvez o impulso original d'aquelle influxo, como sempre succede normalmentê, pois a linguagem da côrte é sempre imitada no resto do paiz. Basta o exame superficial dos cancioneiros, para notar-se desde logo como o lexico de emprestimo francez era abundante. Eis alguns especimens de gallicismos no seculo XIII, colhidos no *Canc. da Vaticana*: *chançon*, canção; *chapel*, elmo; *fontana*, fonte; *jograron*; *meison*, casa; *mençonha*, mentira; *mesnada*, hoste (*menée*); *rancuras*, aggravos; *rango*, classe; *sojornar*, ficar. E muitissimos outros. É obvio, no entanto, que muitos d'esses gallicismos possam ser explicados por etymologias portuguezas; outros ha, porém, como *chançon*, que não encontram outra naturalidade senão na lingua franceza. As duas phases mais notaveis de *latinismo* foram a dô seculo XV e XVI, e as do seculo XVIII-XIX. A primeira confunde-se com a epoca do grande movimento classico, com o periodo augeo da litteratura portugueza; foi indubitavelmente a mais fecunda, por isso que renovou, disciplinou e

BARBARISMO

fixou a língua. A segunda, inaugurada pela *Escola Arcadica* nos fins do seculo passado, pouco produziu relativamente, e o effeito dos latinismos da Arcadia pouco mais do que na linguagem poetica se fizeram sentir. Odorico Mendes, espirito de arcade, ainda que do tempo do romantismo, nas suas traducções de Homero e de Virgilio, usou de latinismos que nunca se popularizaram. Exemplos tirados do canto I, da *Eneida*: *egresso, exul, sevo, bellipujante, laxar, immano, prono, grandevo, os Eneadas, cancello, nutriz, onusto, diro, genito* (subst.), *alifugo, excluso, torrigera, luco, bellipotente, nado* (filho), *ostro, fluctivooso, sopito, thurificar, porta-jubilo, crinito, exicilico, seteno*. Muitas d'essas fórmãs são rejuvenescidas do uso arcadico, e outras de criação do poeta. As traducções de Homero estão eivadas de latinismos e hellenismos; a força synthetica das linguas classicas não poderia tolerar, de outra maneira, a traducção homometrica. Os latinismos syntacticos foram assas frequentes, por abuso de invenções, no periodo classico; contra o excesso de tal innovação clamava João de Barros na sua *Grammatica*, porém ao que parece inutilmente ou com pouco proveito. No periodo do *gongorismo*, os hyperbatons tornaram-se habituaes, maxime na poesia, não raras vezes illegivel, d'aquella epoca. É conhecido e citado em todas as grammaticas o trecho de uma oitava de Mousinho de Quevedo :

*Entre todos com o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia.*

E o de Bernardes:

*Settas despedem ; ao chão voltando
Rapidas caem que as recebe em
sangue...*

No periodo da *Phenix renascida* são frequentissimas as locuções congenres, e os proprios arcades que restauraram a pureza classica não desprezaram de todo esses vicios de construcção. Muitos latinismos foram introduzidos por escriptores de pequena auctoridade, e por isso deixaram de ficar inteiramente consagrados : *acume, engenho; confecto, acabado; dealbado, branqueado; derelicto, desamparado; extar, por subsistir; exterrecer, causar terror; fedo, por torpe; incapillato, calvo; inupta, solteira; invitar, convidar; inusitado, desusado* (Camões, *Lus. II, 107*); *lactar, dar leite; luvacro, banho; ludo, brinco* (Gaspar de Barreiros. Odor. Mendes); *poto, bebida; temulento, ebrio; tepor, mornidão; tribulo, abrolhos; venerabundo, venerando* (P. Fer. *Alma matr.*) E ainda muitissimos outros que vêm catalogados nas *Reflex. de Candido Lust. I, 58*. Do que se refere especialmente aos modernos *gallicismos* ou locuções e vocabulos de origem franceza, trataremos no lugar competente. As outras linguas pouco influiram, e em geral não podem ser taxados de vicios esses emprestimos naturaes que significam, mais ou menos, o



gráo das relações internacionaes de character literario, politico ou commercial. Comtudo, só escriptores de pulso e de grande tento, podem com alguma auctoridade naturalizar vocabulos peregrinos quando convenham ou pareçam necessarios.

Baros (peso, gravidade).— Elemento grego de composição. *Barometro*, medida de peso ou densidade. *Barytono*, tom grave.

Barytono. — Denominação dada aos vocabulos não oxytonos, isto é, aos graves (*paroxytonos*) e aos esdruxulos (*proparoxytonos*). Todas as palavras, pois, que não têm o accentto na ultima syllaba são *barytonas*, v. gr.: *calido*, *peito*, *cidade*, *heretico*, etc. É expressão grega, formada de *barus*, grave, e *tonos*, tom.

Basco.— *Biscainho*, *vasco*, *vasconço*; denominação dada aos povos do norte da Hespanha e sul da França, pelo littoral e região pyrenaica, os quaes falam a lingua *euskara* ou o *basco*. A influencia do *euskara* na lingua hespanhola é muito limitada, ao que parece; mas a lingua ainda não está bastante estudada para que haja verdade absoluta em tal affirmação. Quando tratarmos dos *patronymicos*, falaremos da hypothese de Larramendt sobre a origem bascuense d'aquellas formações. Em Hespanha, onde as criadas de servir são bascas em maioria, corre o vocabulo *euskara cenzata* (ama) conhecido de todas as crianças.

Bata.— Vide *Baino*.

Betes. — (el. grego). Vide *Baino*.

Biblion (livro).— Elemento grego de composição. Em *bibliographia*, descripção de livros; *bibliotheca*, estante de livros. *Biblia*, o livro por excellencia.

Biformes.— São assim chamados os adjectivos que têm duas terminações, usadas conforme o genero do substantivo a que se referem. Ex. : *bom*, fem. *boa*; *formoso*, *formosa*; *meu*, *minha*; *nenhum*, *nenhuma*. Os adjectivos que só possuem uma terminação para ambos os generos, são ditos *uniformes*, v. gr. : *fatal*, *cruel*, etc. Antigamente os nomes em *ez* eram uniformes. Dizia-se a *terra portuguez*, uma *mulher francez*, etc. Facto que se verifica ainda hoje nas formações adverbias : *portuguezmente* e não *portuguezamente*. Esse facto era o resultado da acção do latim, em que as fórmias em *ensis* (*portucalensis*) tambem eram uniformes. *Vice-versa*, adjectivos raros que foram biformes tornaram-se uniformes actualmente : *commun*, *commua*, é hoje de uma unica terminação (*commun*) para os dous generos. A razão está na idéa pejorativa ou diversa que adquiriu o feminino. O mesmo succede a *privada*, *coalhada*, etc. No latim, como havia tres generos, era possivel o adjectivo *triforme*. No portuguez ha vestigios de *triformes* nos determinativos. São *triformes* alguns nomes de

BIFORMES — BR.

natureza biforme : motor, motora, que ainda tem a fôrma *motriz*. Enredador, *ôra, eira*, etc.

(<i>masc.</i>)	(<i>fem.</i>)	(<i>neutro</i>)
este	esta	isto
<i>iste</i>	<i>istu</i>	<i>istud</i>
elle	ella	ello (<i>arch.</i>)
<i>ille</i>	<i>illa</i>	<i>illud</i>
aquelle	aquella	aquillo
<i>hoc-ille</i>	<i>hoc-illa</i>	<i>hoc-illud</i>
todo	toda	tudo
<i>totum</i> (accus.)	<i>totam</i>	<i>totum</i> .

As fôrmas neutras *esso, esto, aquesto, aquisto*, etc. desapareceram. Ontro facto que dá ao portuguez uma fôrma flexionavel a mais, é a desinencia *em* de alguns adjectivos, que só se applicam ao ser personalizado :

<i>outrem</i>	<i>outro</i>	<i>outra</i>
<i>alguem</i>	<i>algun</i>	<i>alguma, algo</i>
<i>quem</i>	<i>que</i>	
<i>ninguem</i>	<i>nenhum</i>	<i>nenhuma.</i>

Quem refere-se tambem a cousas.

Bis.—Elemento de prefixação que significa duas vezes: *bisemanal*, duas vezes por semana. O *sonão* está fixo, porquanto *bisannual, bimensal* (tambem *bimestral*) devendo significar duas vezes por anno e por mez, exprimem no emtanto os periodos de dous annos, dous mezes. Essa contradicção não é geral. Compõe-se com elementos latinos e gregos. Exemplos gregos: *bigamo*, que se casou duas vezes: *bi-oxido, binomio*. Exemplos latinos: *biennio* (de *annus*), *biceps* (de *caput*, cabeça), *bipede*, *bisexto*, *bimano*. Ha algumas fôrmas que offerecem interess pelo estado de deformação em que se acham: *balança*, de *bilanx*,

duas conchas; *bigorna*, de *bicornu*, duas pontas; *viez, bifaz*, duas faces, por meio do fr. *biais*; *billão* ou *billão*, em lugar de *bimilhão*; *vesgo*, de *bisoculus, vesgojo*, cast. A fôrma latina *bis*, que vem de *dis* com a fôrma *vi*, abrandada de *bi*, acha-se em *vi-genti* (2 × 10).—É de notar-se nas linguas romanas a existencia de um prefixo *pejorativo*, *be, bis, be* ou outra fôrma similar. Sua etymologia não está averiguada, mas é evidente, sobretudo no francez, o grande numero de termos pejorativos que começam por aquella syllaba, como pondera Darmstøtter. (1)

Bj.—Este grupo consonantal, em geral, persiste sem assimilação, ao contrario do italiano (*oggetto*): objecção, de *objectionem*; abjurar, de *abjurare*. No emtanto, nota-se a perda da primeira consoante ou assimilação nos vocabulos já assim vindos do latim puro—*suggester, suggestão*, ou nos populares: *sujeito*, por *subjeito*. A fôrma archaica *sojorno*, de *sojornar*, é devida ao francez, senão ao italiano.

Bola, bole (elemento grego). Vide *Ballo*.

Bous (*boi*).—Elemento grego de composição. *Bucolica*, pastoral. *Hecatombe*, cem bois (sacrificio).

Br.—Este grupo, em geral, conserva-se intacto: *libra*, de *libram*; *cobra*, de *colubram*. A permuta *b=v* occasiona o grupo *vr*.

—

(1) *Les mots nouveaux.*



apenas observado na contracção dos valores atonos: livrar, de *li-b'rare*; lavar, de *lab'rare*. O grupo portuguez *br* origina-se de *br* latino, como foi visto acima, ou de *pr*: obrar, de *op'ra-re*; cabra, de *capram*; cobrir, de *cop'rire*. Rara vez *br* estando por *vr*, o *v* representa flatio: abrego, de *africus*. Póde tambem originar-se da contracção *beri*, como em brilhar, *b'ryllare*, de *beryllare*.

Brasileirismos. — É a expressão que damos a toda a casta de divergencias notadas entre a linguagem portugueza vernacula e a falada geralmente no Brasil. Não se encobre porém aqui o intuito de exculpar com a expressão *brasileirismo* a viciosa inferioridade dos que escrevem mal ou prégam muito de industria as excellencias d'esse linguajar fóra de todas as normas grammaticaes (1). Divergencias ha, e ninguem põe duvida, entre os modos de expressão portuguezes e brasileiros. Ha quem dê ao conjunto d'essas divergencias o valor de dialecto. O conceito de dialecto não tem, é verdade, limites bem assignalados e, como diz Witney, ha dialectos em todas as classes sociaes e no seio da propria familia. A noção de dialecto, pois, poderia, sem grande inconveniente, ser applicada a qualquer systema

(1) É tambem essa a opinião do grande vernaculista e escriptor Ruy Barbosa na sua recente *Replica ás defezas da redacção do C. civil* (1903).

de degenerações ou differenciações parciaes e geographicas da lingua. Que esse dialecto, porém, tenha foros de lingua literaria e culta é o que de todo se torna inadmissivel, pois que a dialectação brasileira não é sufficientemente caracterizada e intensa. Em toda a parte, as provincias e os dominios de qualquer lingua caracterizam-se por modos especiaes divergentes que não destroem a unidade da lingua fundamental. Quandó o dialecto se desvia consideravelmente da lingua mãe, póde tornar-se literario e culto. Foi o que succedeu ao gallego, ao catalão modernamente, e, na idade média á todas as linguas romanas que se emanciparam do latim barbaro. A emancipação do dialecto brasileiro, se não é de todo inexequivel (em remoto futuro) é seguramente, pelo menos, prematura. A lingua classica não constitue obice de especie alguma para os brasileiros — a não ser a exigencia, que se dá em todas as linguas literarias, de estudo e do bom gosto (1). No decurso das linhas seguintes não se tratará espeoalmente da influencia do, tupi, abaneém, guarani, nem do

(1) A questão de dialecto brasileiro teve varias phases de critica discussão e polemica, com Alencar, Castilho (José), B. Caetano, S. Paranhos, C. de Laet, Araripe Junior, Teixeira de Mello, Barreiros, etc. Até hoje, tem sempre predominado o elemento classico, com as devidas concessões aos que tudo querem, e desejam a licença de falar e escrever a seu talaute.

BRASILEIRISMOS

africano, ou de outros quaesquer influxos produzidos na lingua, e que serão estudados nos logares indicados (*negro, tupi, cigano*, etc.). Apenas faremos a analyse da linguagem que foi creação e producto do mestiçamento civilizado das raças e povos fundamentaes. A possibilidade e fatalidade da dialectação creola ou mestiça resultou da vida nova dos europeus coloniaes, ou dos que adoptaram a vida e os usos dos europeus. Diversos factores collaboraram para isso: o clima, a presença de tres raças (a port. e a africana) e a outra inimiga (a tupi), os ciganos, os hespanhóes, o typo mestiço ou creolo resultante do caldeamento, as novas necessidades, novas perspectivas, novas cousas e novas industrias. Datam os primeiros estabelecimentos de ensino dos meados do seculo XVI. D'ahi em diante a colonisação e o fundo crescente da immigração portugueza adiantaram o mestiçamento da raça, quando desde cedo as necessidades industriaes impozeram o trafico de africanos. No seculo actual a crisc do proletariado europeu, occasionando diversas correntes de despovoamento e emigração do sólo, procurando por aclimação mais facil, a zona sub-tropical e temperada, tende a produzir no Brasil dois typos ethnicos differentes: o *nortista*, fiel ás tradições, mais homogeneo e mais proximo do brasileiro do typo colonial; o *sulista*, perdendo o caracter nacional na incohesão do cosmopolitismo,

italianizado, germanizado, ainda não está definido. Deixando de parte a apreciação geral, no que respeita á lingua, a dialectação do *creolo*, sob modificações secundarias, mantem-se hoje em dia, por todo o paiz, em estado de quasi equilibrio. Os caracteres phonologicos são os que na maioria distinguem a linguagem popular da erudita ou escripta. A divergencia maior é a da prosodia: sons breves quasi os não possuímos; conservamos a accentuação da lingua portugueza, mas generalizando-a quasi para todas as syllabas iniciais das palavras. As proprias particulas encliticas (*me, te, se, o, a*, etc.), soam como se fossem accentuadas; e esse defeito prosodico é o que nos inhabilita a regular, por euphonia, a collocação dos pronomes e ainda de outras partes do discurso. *Na direcção do Norte para o Sul, crescem em intensidade os sons inarticulados ou vogaes, enquanto decrescem em vibrações os sons articulados ou consoantes.* Mas esta observação não é regra, e apenas parece confirmada na prosodia sertaneja e não do littoral do sul. Em verdade, no norte do paiz, os sons vogaes são surdos: diz-se—*cása, tumar, butar, canúa, qui, pésar*, e a intensidade maxima torna-se effectiva no Sul (S. Paulo), dizendo-se: *cása, bôtar, quê, pésar*, etc. De outra parte, algumas consoantes, como o *b* e o *r*, são fortissimas, carregadas, nas regiões septentrionaes do Brasil. Esta lei póde reduzir-se ao principio mais geral de que o

BRASILEIRISMOS

Norte, menos impulsionado por elementos estranhos, conserva mais fielmente a phonologia reinicola, ao menos no que respeita ás vogaes; mas nem isso é regra de valor. A demora e o esforço com que os nortistas muito mesclados com indios pronunciam o *r*, *rr*, derivam talvez das difficuldades que o indigena teve a superar naturalmente, por isso que o tupi só possui o *r* forte analogo ao *r* portuguez entre vogaes. Phenomeno identico e de igual explicação é a permuta do *lh* em *l*, onde se entrevê a influencia indigena: *aleio*, *mulér*... em vez de *alheio*, *mulher*, etc.; os indigenas não conheciam o som *l*. Ajuntemos ainda o abrandamento do *á* em *e*, como em Portugal nos preteritos dos verbos da primeira fórma: *jantemos*, *almocemos*... por *jantámos*, *almocámos*, etc. Convém não esquecer que muitas das fórmas, v. gr., *rejume*, *faiar* (fadar), são quinhentistas, vernaculas, e datam da colonisação primitiva. Os phenomenos de subtracção, sobretudo de syncope, têm exemplos numerosos: *maginar*, (classico); *lazião*; *baíño* (dança), *bahiano*, etc.; *samixuga*, *birro*, (assimil. de *bilro*). São vicios todos de origem popular, que não poderiam passar á lingua literaria. A essas mutilações phonicas organicas juntam-se as modificações produzidas pela analogia de fórmas identicas. Tal é o *havéra*, por analogia com *haver*, e as *confundas* (1), por semelhança de *profundas*. A analogia morphica tem exemplos

mais notaveis: *maleitas* transformou-se em *malditas*, sezões, febres (Ccará), se bem que etymologicamente se reporte a *malapitus*, malato. No terreno proprio da morphologia, a colheita é igualmente instructiva e abundante. A flexão nominal soffreu algumas differenciações bem notadas no sólo americano. Em relação ao *genero*: *fardamento* tomou a terminação feminina *fardamenta*; o inverso deu-se em *gatimõinho* (Pernambuco), por *gatinanha* (2). E, entre o povo, são tidos e usados como masculinos os termos: *trama*, *tapa*, etc. Quando a palavra é susceptivel de duas flexões genericas, como *lenho e lenha*, a fórma feminina, por mais vulgar, é a preferida, em regra geral, na dialectação brasileira: *lenha*, lenho; *madeira*, madeiro; *horta*, horto; *ceva*, cevo; *saia*, saio; *gorra*, gorro; *boda*, bodo; *fructa*, fructo. Os masculinos são quasi desconhecidos do povo. Algumas vezes o feminino é creado conforme o typo masculino, como *carneira* (ovelha), de *carneiro*. Semelhante inversão operou-se na America hespanhola, entre os Colombianos, que formaram *ovejo* de *oveja* e *potranco* (3) de *potranca*.

(1) «Vae-te para as confundas...» (profundas). Sylvio Romero—*Contos Populares*.

(2) Sylvio Romero — *Contos*. Leiam-se os vocabularios de B. Rohan e de Macedo Soares.

(3) Cuervo.—Apunt. 187.

BRASILEIRISMOS

Os chilenos e os peruanos modificaram o genero de muitissimas palavras (1). A flexão numerica, em geral, é conservada intacta. Apenas os pluraes de suffixo *ão*, procuram a tendencia sympathica do plural *ões*, em cuja classe entra o maior numero de palavras da mesma ordem; o mesmo ha em Portugal, mas em relação ao plural *ães*. Para a flexão *ãos*, *ões*, *ães*, só existindo regras etymologicas, eruditas e sem alcance para o instincto popular, as mesmas confusões devem apparecer onde quer que se fale o portuguez. Não obstante, nas mesmas palavras pluralizadas do estylo classico, o singular é mais constante: *ceroula*, *cócega*, etc., e quasi todas as outras d'essa natureza. A morphologia ganhou na sua acclimação americana; além dos suffixos *uêra* e *rama*, de origem abaneem (Vide *Elem. tupi*), conhecemos especimens de transformação ou de criação emphatica; sirva de exemplo o augmentativo *famanaz* (Ceará), e a quéda ou contração por apocope: *temero* por *temerario*. Alguns compostos do elemento mestiço offercem interesse de analyse: Cabo-branco—mãos do quadrúpede; usado na expressão: Cavallo *cabos-brancos*. (R. G. S.). (Vide Coruja e B. Rohan. *Gloss*). Cem-passo—Ceará. «Possúo dous

cem-passos.» Significa roça. Pendacosta — Bahia e Sergipe; panno da Costa, ebale grosseiro usado pelas mulheres africanas. Vira-virando—expressão de emphase indicada pelo gerundio. *Corre correndo*, etc. (São Paulo—Julio R.). Guadimá — Norte; touro bravo. Etymologia incerta (1). *Sirrir* (verbo)—exemplo curioso da agglutinação de pronome e verbo (se+rir); de modo que conjugam analogicamente: *eu sirro*, *tu serres*, *elle serre*, *eu serri*, *não sirra*, *não sirram*, etc. (Norte.) Cafuz—mestiço de indio e africano; no Pará tem a fórma mais lata: *Carafuso*. Marruá, *marruaz* — Norte; *boi marruí*; em algumas lendas encontra-se a fórma *monroy* (apud S. Roméro. *Centos*). Cangapé—formado de *Camba-pé*; portuguez; popularissimo. Calabóque—formado de *cala.bocca*; significa: cacête (casse-tête); cf. *calabrote*. Os phenomenos de juxta-posição lexica entre elementos discordes de origem (hybridos), tornaram-se extensivos de maneira bastante sensível, até nas tradições poeticas conservadas pelo povo. O Dr. Sylvio Roméro colligiu uma especie de villancête (*C. pop.* I, 270) em que os versos do portuguez creolo terminam por estribillo africano:

(1) Vide Andres Bello, *Gramm.*; Z. Rodriguez, *Chilenismos*. Juan de Arena, *Peruanismos*, etc., pags. introd.

(1) Talvez *ga-de-matto*, ou *gado do matto*. O povo distingue os animaes bravios e não domesticos com o apposto: *do matto*. *Porco do matto*, *gato do matto*, etc.

BRASILEIRISMOS

Você gosta de mim,
 Eu gosto de você,
 Se papae *consenti*,
 Oh! meu bem,
 Eu caso com você.
Alé, Alé, calunga!
Mussunga, mussunga é!

A juxta-posição também effectuou-se com o tupi-guarani (abaneôm), segundo as quadras colhidas pelo Dr. Couto Magalhães:

Tc mandei um passarinho
Patuá miré pupé
 Pintadinho de amarello
Iporanga ne iané.

E outras em que os versos ímpares, sempre octosyllabos, são em lingua tupi. Da mescla do tupi e do portuguez (como *limarana*, *brancarana*), trataremos no vocab. *tupi*. O systema nominal no Brasil foi alterado de diversas fórmas. O systema verbal soffreu modificações intensas. Algumas fórmas archaizaram-se. O condicional foi substituido integralmente pelo imperfeito. As fórmas *amára*, *fizé-ra*, *mentira*, *pozé-ra* e os condicionaes, transformaram-se em *ama-va*, *fazia*, *mentia*, *punha*. Na creação original dos verbos *creolos*, nota-se a preponderancia affectiva, o character sensacional e impressionavel da raça; os seus productos lexicos representam cousas concretas, scintillantes e vivas. Examinem-se os verbos, alguns d'elles bem portuguezes: Crescer para, aggre-dir; azular, fugir; embeijar (uma cerca, unil-a a outra); melar, derrubar uma ar-

vore para tirar o mel do cortiço (Bahia); cigarrar, fumar (Minas); feitar (classico?) fazer (Bahia) (1); arar, comervorazmente, adj. arado, esgurido; ciscar, rolar pelo chão depois de um golpe; botar-se, sair; espoletear, ficar tonto (Julio R.); entrozar, gabar-se (Ceará); mapiar, falar (M. Grosso); secundar, responder (id.); cascar (um boi), esfolar (Ceará); pipocar (tupi), rebentar; campar (obsc.), ensopar-se, tomar intimidade ou liberdade com... (port.); pererecar, contorcer-se, de *perereca*. rã (Julio Rib.); bangular (classico), andar errante: encaiporar, ficar infeliz; cipóar, dar paucadas em geral com o cipó; desafogar, tirar o mel de assucar do fogo; vaquejar, perseguir. E o que é de notar-se, é a formação reduplicativa por infixos: *caracaçar*, *esparapantar*, *dispamparar* (caçar, espantar, disparar), etc. E outros muitos, que de presente não nos occorrem. Como se vê, ha nelles sempre uma sensação e impressão dominativa, até nos que podem empregar-se no sentido abstracto. || Passando ao estudo das invariaveis, faremos summariamente algumas observações. O adverbio, como instrumento da expressão modal de acções e de cousas, dissolve-se facilmente em phrases analyticas correspondentes. É também um habitualismo do povo

(1)... Mendenges *feitados*
 Por mão de yáyá

Cunção colhida por V. Cabral.
 (Gazet. Litt., vol. I.)

BRASILEIRISMOS

portuguez essa tendencia. No elemento mestiço, o processo é naturalmente fundamental e organico, e isso provém da impossibilidade de errear-se espontaneamente adverbios. Entre as *locuções* ou expressões adverbias analyticas, são dignas de nota: Quantidade—havia um *despotismo* de gente; uma *data* de somno (M. Grosso); flôres por *cima do tempo*...; quer laranjas? Dê-me umas *par* d'ellas; uns *par* d'elles (S. Paulo, Julio R.); *par* é invariavel e adverbio. Tempo—Maria já estava *livelha* (isto é, havia muito tempo) (1). Afóra estes especimens, encontram-se exemplos de algumas modificações phonicas, brasileiras ou africanas. «Este caso é uma cousa *de fronte* (Matto Grosso) (2). *D'onde*, por onde. *Nange*, por não (nan-geu). Segundo affirma o Sr. Taunay, existe em Matto Grosso o adverbio affirmativo: *Acui, cui!* (sim). || As divergencias syntacticas entre o portuguez da metropole e o creolo são universalmente reconhecidas. O phrasear lusitano tem em geral qualidades mais syntheticas que o nosso. A indocil má vontade com que os portuguezes acoimam de barbaras e viciosas as produções artisticas da literatura americana, bastaria para tal

—

(1) S. Romero—*Contos populares*, I vol. Rio, Alves & C.

(2) Taunay — *Innocencia*. S. Romero, *Contos populares*, Rio, Alves & C.

comprovação (1). Semelhante critica, fundamentada na ignorancia do caracter proprio das linguas — a *instabilidade do homogeneo* — não pôde nem poderia produzir nem merecer efficacia ou respeito. Eis alguns factos syntacticos: a preposição *em* é mais extensiva em nosso uso, e frequentes vezes empregamola em vez de *a*: andar no sol... , andar ao sol; ficar no sereno... , ficar ao sereno; chegar na janella, chegar á janella, etc.. etc. Este uso tem talvez sua razão etymologica. No latim a preposição *in* indicava tambem o movimento, e o mesmo se observa em varias linguas romanas, sobretudo no francez, quando diz: *je vais en Amerique*, etc. (2). Em bom portuguez tambem se exprime o movimento com aquella preposição: Deu *em* ebrio; veio *em* soccorro; caiu *em* graça ou *em* desgraça; lançou-se *em* aventuras; resvalou *em* perversidade, etc. «Eu que cair não pude neste engano», disse-o Camões. A expressão de duas acções simultaneas faz-se no portuguez europeu com o infinitivo representando a acção secundaria, que entre os

(1) Ainda que tenham a razão, os criticos portuguezes exaggeram as censuras, e por vezes são injustos. Não nos referimos, ja se vê, aos que nos avaliam *sine ira*.

(2) O caso de uma preposição adquirir o valor e a funcção de outra não é raro nem excepcional. Todavia, a reserva é na affirmação necessaria. Na phrase «*em que pése*» etc., *o em* é o ant. *em, ende*, e corresponde ao actual *indaou ainda(inde)*

BRASILEIRISMOS

brasileiros é figurada com o gerundio: Portugal—Saiu a correr; esteve a chorar; veio a rir.—Brasil: Saiu correndo; esteve chorando; veio rindo. Os portuguezes preferem dizer *estando a dormir, andando a estudar*, e é mais elegante. No Brasil, porém, é mais commum o dizer-se *estando dormindo*... , o que aliás não é erro grammaticul, tratando-se ahí do verbo auxiliar. A nossa predilecção pelos gerundios é manifesta (acabou *dizendo*...—acabou *por dizer*). No sul, no interior, usa-se do verbo *emprestar*, com a preposição *de*, no sentido de *tômar emprestado*, correspondente ao francez *emprunter* e ao inglez *to borrow*. Eis o que a esse respeito diz o Sr. Taunay: «—*Emprestar de* alguém, por *tomar emprestado ou pedir emprestado*, é locução muito corrente em todo o sertão de S. Paulo, Minas e Malto Grosso. Venho ter com o senhor para *emprestar-lhe* 20\$ (isto é, para pedir-lhe emprestados 20\$000)... » (1) Esta nova accepção do vocabulo não é gallicismo;—antes é a influencia do castelhaño da fronteira, onde *prestar*, segundo Cuervo e Arona, tem significado identico. (2) E talvez o havia no portuguez ante-classico. Quanto á lexilogia do creolo comparada com a do idioma portuguez, faremos algumas observações summarias,

(1) E. Taunay.—*Innocencia*, pag. 165—nota.

(2) Cuervo.—*Apunt.* pag. 348—349.

além da referencia já citada dos verbos. Algumas vezes persistem palavras vivas no Brasil que já são archaicas no dominio popular, taes são: *morganho* (Pará), *idas e venidas* (Ceará), *revellir*, *visagens*, *banzeiro*, *caroavel*, *obrigação* (1), *cabeção* (de camisa) e outros que datam dos tempos coloniaes. O verbo *revellir* usa-se na fórma contracta *revir*, dizendo-se: *Este vaso não réve pelos poros*... , isto é, não transpira o liquido conteúdo. Nota-se, em geral, na acclimação de certos vocabulos, a differenciação do significado. Faceira—em Portugal é substantivo e indica os musculos da cabeça da rez. No Brasil é adjectivo e significa *gentil, elegante*, etc. Fumo—em Portugal quer dizer *fumaça*. Entre nós indica um producto vegetal conhecido. Botas—em Portugal equivale a *botinas*. Entre nós, é o calçado especial para montaria. Rico—em Portugal, o vocabulo tem a accepção brasileira e mais a de ser um termo de carinho e de affecto: meu *rico* senhor. Arreiar—em Portugal diz-se «uma mulher arrejada». Nós só o applicamos ás bestas. Maçaroca—em Portugal, espiga de milho e as outras accepções. Borracho—no Brasil equivale a *beberrão*; em Portugal designa o filhote do pombo. Janota—o moço elegante ou effeminado, em Portugal.

(1) Usado no Ceará como synonymo de familia: *Como está de saude a obrigação?* etc. Juv. Galeno. *Canc.* (nota).

BRASILEIRISMOS—C.

No Brasil (1) designa o corpete (vasquim) do vestido das mulheres. Maçapé — no Brasil indica uma terra própria para a canna de assucar. Em Portugal, resina. Caseiro—além das accepções vulgares, em Portugal significa o administrador de uma casa (2). Essa lista poderia ser accrescida, se se levassem ao caso certas differenças propriamente especulativas e exteriores. Os exemplos são sufficientes para demonstrar que o lexico portuguez adquiriu funcções novas, ora extensivas, ora exclusivas, conservando a mesma fórma exterior. Essa maneira de dialectação é a um tempo tão simples e tão geral, que se torna effectiva de provincia a provincia, de cidade a cidade. Ahi a previsão é singularmente factível, e, repitamos o dito de Whitney, a dialectação existe até no seio da familia e do lar domestico. Os documentos anteriores e já examinados podem fornecer-nos materia para algumas conclusões. Vimos que o elemento mestiço accentuou-se por differenciações de tres ordens: phonicas, morphicas e ideologicas, isto é, separou-se da tradição primitiva pelo som, pela fórma e pela idéa. Na sobreface e no fundo as alterações foram largas

(1) Tambem no Brasil se emprega no sentido de elegante.

(2) No *Idioma do hodierno Portugal* etc., por P. da S., encontram-se numerosos exemplos, que devem ser lidos, e d'onde aprendemos muitos factos.

e intensas: quasi nenhum sistema de flexão escapou á degeneração inevitavel, de sorte que os caracteristicos mais salientes bastariam para uma integração final e decisiva. No emtanto, força é confessar, isso não basta para a constituição e disciplina de qualquer lingua culta, e a literatura brasileira tão cedo não deixará de ser um dominio da lingua immortal do Camões. — Vide as palavras *Negro* (elem.), o *tupi* (elem.), *cigano* e *dialecto*.

Bs.— Este grupo permanece nas palavras eruditas: absurdo, *absurdum*. Assimila-se nas fórmas populares *sustancia*, *escuro*, (*obscurus*), escuso (*absconsus*.) e vocaliza-se em *u*, em *ausente* (*absentem*) e nos archaismos *ausistente* (*abstinentem*), austinado (*abstinatus*).

Bt.— grupo. Permanece em *subtil* (*subtilis*), ou assimila-se: *sutil*, por *subtil*, e *soterrar* (*subterrare*).

Bv.— grupo. Sempre permanece intacto: obvio, de *obvius*.

C

C.— Tem dous valores *c* = *k*, *c* = *ss*, e, combinada com *h*, os valores de *k* e *x*. Origina-se do *c* latino: cuidar, *cogitare*; custar, *constare*, ou de *qu*: nunca, *nunquam*. O grupo *ch* = *x* provém em geral dos grupos *pl*, *cl*, *fl*: cheirar, chuva, chamar (*flagrare*, *pluvia*, *clamare*). || Na orthographia é frequentemente gemi-

C. — CACOPHONIA

nado ; mas deve-se escrever com um só *c* : *tradição*, *edição*, *perdição*. O *ch* de origem grega equivale a *k* ; abrandou, porém, em alguns vocabulos : *arcipelago* (antigo) *arcebiago*, *arcebispo*, *arcepreste* e *chicorea* (= xicoria). É com mais acerto preferido a *k* em *chiliade*, cf. *kilo*. O *c* antes de *e* e *i* no latim barbaro perde o valor de *k* do latim classico, e por isso encaminha-se para as transformações nas sibilantes *ss*, *s* e para o valor actual do *ce*, *ci* : dizimo, *decimum* ; fazer, *facere* ; donzella, *dominicellam*. A syncope do *c* é bastante rara. Existiu a forma arcaica *fais*, por fazes (*facis*), usada por G. Vicente, I, 139, e Sá de Miranda, *Egl.* 8, segundo Reinhardtstœtner. Ha a syncope ainda em *deão*, antigo degano, *decanum*. Não houve, porém, syncope em *farei* (*facere*-*habeo*), *direi*, etc., por isso que *far*, *dir*, representam as formas *facere*, *dicere*, com o verdadeiro accento. O exemplo *jarria*, por *jzeria* (C. de Guiné, c. 73) é uma aberração devida á analogia. O abrandamento moderno na chiente *ch* e *x* só é propriamente portuguez, quando já se acha preparado pelo abrandamento medieval *ce*, *ci* : murcho, de *murcidum* ; piche, de *picem*. Nos mais casos, denuncia a influencia do elemento francez : *capellum*, chapéo ; *caput*, chefe ; *camaram*, chambre ; *mercantem*, marchante ; *camminata*, chaminé ; *plançam*, prancha ; *cantor* (nomin.), chante ; *carrucam*, cbarrua. O zetacismo das terminações *fugaz*, *vivaz*, *cruz* (fuga-

cem, vivacem, cruce[m], etc.) foi evitado pela cultura classica *fugace*, *atroce*, *vivace*, maxime na poesia: a palavra *precoce*, porém, não conseguiu mais tomar a forma *precoz*.

Cacographia. — Modo vicioso de orthographia. A inclusão do *h* onde não ha: theor, athé, cathegoria, systema, exhuberante, e o mesmo erro latino—posthumo (*postumus*, melhor que *posthumus*). O emprego vicioso de *y* onde não cabe: labyrinto, lyrio, Sylvio. O uso de letras dobradas inexplicaveis: mattar, ratto, sollicitar, callar, innundar, edicção, tradição. O *ph* em palavras que o não tem: caphila e alguma outra. São estes uns tantos erros da orthographia, por innumeraveis, escapam ou esperam pela cacographia phonetica.

Cacologia. — Modo vicioso da construcção grammatical; erro de qualquer especie na materia quando ultrapassa os limites do descuido ou inadvertencia.

Cacophonia.—Vicio de elocução que consiste no soido desagradavel que póde produzir a concurrencia de vocabulos no discurso. O *cucophaton* designa especialmente a formação de vocabulo torpe ou desconveniente. Ex.: «Has no dizer muita graça». Por extensão, denominam *cacophaton* a formação inesperada e não intencional de um termo. V. gr.: «Quero amal-a» (*a mala*),

CACOPHONIA

etc. É o *calembur*, nesse caso (1). Os casos especiaes da *cacophonia*, de que trataremos em separado, são a *collisão* e o *echo*. Nem sempre a concurrencia de sons iguaes ou diferentes occasiona o *cacophonon*, que tambem depende da pausa, do accento vocabular e oracional. Defendendo-se de falsos *cacophatos*, que o não eram, magistralmente respondeu aos seus censores Ruy Barbosa: «Em *vehiculo claro* (o primeiro do rol) tenho apurado em vão todas as minhas faculdades auditivas, por atinar com a desharmonia; e não consigo. De quantas pessoas consulto e reconulto, esperando em me auxiliarem, não obtenho melior resultado. Que mysterio haverá então na cacophonia d'esse encontro, por onde a mim e a todas ellas se occulte, só se revelando ao seu inventor? Escuto-lhe o conjuncto; e não acho. Ponho-me a syllabal-o; e não descubro. Entro a deletreal-o; e não percebo. Dou-me a cscandilo, a recital-o, a declamal-o, a entoal-o; e acho-me na mesma. Vario-lhe a prosodia, o accento, o rhythmo; nada colho. Tenho, portanto, de suppôr uma idio-

syncrasia entre a phrase e os ouvidos do mestre. Outra explicação não ha. A audição tambem se resente, como o estomago, de caprichos. Mas que tem com elles a euphonia do idioma? Segue-se o «*se interpunha ella*». Novo enleio do meu tympano. Onde se me occultará, nesses tres vocabulos, a desharmonia, que indispõe o censor? Orelhas finas, tambem as eu possuo. Deu-me a natureza de sobra neste sentido o que de mingua me aquinhoou na vista. Pois ha semanas que o envido, em busca d'essa incognita musical, e cada vez estou peor. Naquelle «*se interpunha ella*», onde a aresta odiosa ao meu illustre mestre? Debalde separo, junto e torno a decompôr a sentença. Não me diz nada. Será nas duas syllabas iniciaes, *sinter*? Parecem-me de todo innocentes. Será o *terpunha*, ou o *unha*? Mas ambas pertencem ao verbo *interpunha*, que não é obra minha. Será o *punha ella*? Mas, nesse caso, já não poderemos utilizar, sem offensa da harmonia, além d'esse pronome, o imperfeito de *pôr* e seus compostos? *Punha ella*, *dispunha ella*, *compunha ella*, *repunha ella*, *oppunha ella*, *interpunha ella*, *expunha ella*, *impunha ella*, seriam então phrases condemnadas? E ainda não fôra tudo. A outros verbos, além d'esse, como *empunhar*, *cunhar*, *alcunhar*, *testemunhar*, *estremunhar*, no presente do indicativo, igualmente seria defeso o contacto com o *ella* na construcção inversa. *Testemunha ella*, *alcunha*

(1) *Calimbur* é a verdadeira orthographia do gallicismo. Garrett escrevia erradamente *calimburgo* (no francez não tem o *g* final que lhe emprestam). O melhor, porém, é evitar essa francezia e adoptar com os antigos e com Castilho, M. de Assis os vocabulos: *equivocos*, *trocados*, *trocadilhos*, que trazem excellentemente a idéa.



ella, empunha ella seriam outras tantas desafinações intoleráveis.

Caracter, caracterés. Característica. — Synonymo de letra, letras ou signos. *Característica* é a letra que tem qualquer função no vocabulo: *o s* é a característica do plural.

Cardinaes. — Classe dos numeræes que exprimem ordem: *primeiro, quinto, decimo quarto*. Vide *Numeræes*.

Casos. — Vide *Declinação*.

Castelhano. — Nome exacto da lingua actual da Hespanha. O castelhano, por effeito da preponderancia politica de Castella, supplantou os demais dialectos. Vide *Hespanhol*.

Cata (sobre, para baixo). — Prefixo grego. *Catarrho*, que corre para baixo; *catastrophe, catalogo, catarata*, etc. Aparece em *cathedral, cadeira, de cathedra*. Catholicismo (*holos*, inteiro). No latim ecclesiastico, *kata* substituiu *quisque*, e se tornou a origem do determinativo *cada*.

Categoria. — Denominação tirada da logica e que exprime uma classe do pensamento, um grupo de idéas. As palavras classificam-se em nove categorias: substantivo, qualificativo, determinativo, verbo, preposição, adverbio, pronome, conjunção e interjeição. Algumas d'estas são reductíveis a outras: o *pronome* póde ser considerado determinativo; o *adverbio* é locução substantiva; a interjeição é mais

phrase que vocabulo. Levando mais longe a analyse, ver-se-á que os elementos primarios são o *nome* e o *verbo*, que na proposição correspondem a *sujeito* e *predicado*. Tudo o mais são ampliações e accessorios. A *interjeição*, da mesma maneira que outros elementos que não são figurativos como a voz, a intonação, representa a parte symbolica da linguagem.

Causal. — Vide *Conjunção, Proposição e Analyse*.

Ce. — A geminação do *c* nem sempre se conserva no portuguez ainda mesmo para os partidarios da orthographia etymologica: *froco*, de *froccum*; *bico*, de *becum*. No emtanto, na maioria dos casos a orthographia não está fixada: *saco* e *sacco*; *vaca* e *vacca*; *pecado* e *peccado*. A geminação produziu o *z*: *buzina*, *buc-cinam*.

Cedilha. — Notação prosodica que serve para denotar o valor brando do *c* antes de *a, o, u*, : *ça, ço, çu*. A cedilha representa graphicamente a haste inferior da letra *z* que a precedeu e atrophiou-se. No francez antigo, v. g., ha *faczon*, depois *façon*. A haste do *z* manuscripto tornou-se o signal actual, e o nome cedilha, de *zediglia*, pequeno *zed*, indica claramente a sua origem historica. Em portuguez contemporaneo o *ç* nunca principia palavra: *sapato* e não *çapato*, como se graphára antigamente. Este uso, em verdade, é

CEDILHA — CH.

um gallicismo, porque em francez o *ç* não é nunca inicial. O *ç* em geral representa o abrandamento de *ti* nos hiatos : differença, *differentiam*; feitiço, *fatitium*, etc. Outras vezes está por *ss*: ruço, *russum*; moço, *mussum*, de *mustum*, etc. Nos documentos antigos, a falta de cedilha só pôde induzir em erro aos inexperientes. Assim, não se deve suppôr que houvesse o som guttural em *cocobrar* (*El.* de Viterbo), por *ssobrar*. A razão que fez tomar o *z* como character accessorio proprio para indicar o abrandamento do *c*, já se acha indicada no latim barbaro, onde a equivalencia *c*—*z* é frequencia : *inzendium*. || Deve-se dizer que muitos distinguem o som *ç* do som *s*—*ss*, na prosodia portugueza.

Celtico.—O elemento celtico é ainda hoje de analyse obscura, não só por causa das deteriorações dos nomes locais onde deveria ser mais intenso, como pela existencia de sub-ramos em que está dividido : o gaulez, o gaelico, kymrico, iberico, etc. Eis alguns radicaes celticos : ALP — elevação, montanhas. *Alpes*, *transalpino*, *cisalpino*, etc. O adj. *alpestre*. Nos textos antigos a palavra *alpes* é nome commum para quaesquer montanhas. AMARR (laço) — *amarra*, *amarrar*, etc. ANS, curva; lat. barbaro, *anza*. D'ali *enseada*, *aza*, *aás* (azes), etc. BAK ou BACH —pequeno, novo, joven. *Bacharel*, vindo do fr., no lat. barbaro *baccalarius*, transformado em

baccalareus. BAR—trave (kymrico)—*barra*, *barreira* e derivado *embaraço*, cast. *embarrazo*. BARRIL — (pote)—*barril*, *barrica*, e o gall. *barricada*. BASS—no lat. barbaro *bassus*; radical de baixo, abaixar, contra-baixo, basso, etc. BECC—gaelico; lat. barbaro, *becus*. Bico. beque. BRACA—do latim barbaro, e tido como de origem celtica. *Braga*. CABAN—cazinha, kymrico. *Cabana*, *gabinete*. CAE—kymrico. CAES. CAIMIS—gaelico; no lat. barb. *camisia*. Camisa, camisola, etc. GAR—kymrico (perna). *Garrote*. *Jarreta*. LEIG—no lat. barbaro, *leuca*. Legua. TAREDEN—rad. *tarz*, erupção. *Dartro*, por metathese. As fórmas celticas sempre chegaram latinizadas, como se vê pelas palavras que a literatura registra : *leuca*, *camisia*, *braca*, *bassus*, etc.

Ch.—«Este grupo pronunciavam-no os nossos maiores *tseh*, e ainda hoje os da Beira, muito de accôrdo com a pronuncia genuinamente romana. D'onde veio a este grupo o som de *x*? Do abrandamento do *c* duro latino em *s* e *z* na linguagem popular; das palataes *tch*, *dj* na chiante *ch*—*x*. E assim se explica a transformação de *carruca* em *charrua*.... De resto, no provençal e limosino, *ch* soava *x* (*ts tz ss*), e o mesmo se dá no catalão e basco. Não foi, pois, esse abrandamento devido á imitação arabe, como querem alguns; mais depressa acceptariamos a opinião de representar o som chiante do *ch* tradição iberica ou celtica.» (P. Junior).

CHEIR — CIGANO

Cheir, cheiros (mão). — Elemento grego de composição. *Cheiropteros*, mãos e azas; nome scientifico da familia dos morcecos. *Chiromancia* (manteia), adivinhação pelas mãos. *Cirurgia* (ergon, obra), litteralmente: manobra. *Chiographia*, *chiragra*, *epicherema*, etc.

Chiante.—Dá-se este nome ás consoantes *j e x*, e ao nosso som do *ch=x*. (P. J.)

Chinez. — Lingua monosyllabica da Asia. Poucos vocabulos de origem chincza existem no portuguez. Vide *Asiaticismos*. O termo *mandarim* é portuguez, derivado de *mandar*, vernaculo. São da lingua chineza: *nankin*, *kaolin*, *setim*, *hyson*, *chá*.

Chiros.—Vide *Cheir*.

Chrôma, *chrômatos* (côr). — Elemento grego de composição. *Chromatico*, *chromolithographia* (*lithos*, pedra, *graphô*, escrevo). *Polychromo* (*polus*, muitos), etc.

Chronicas. *Coronicas*. *Caronicas*. — Nomes dados ás primeiras historias escriptas da nossa litteratura. Chamavam-se *Chronistas* os auctores, e era cargo de confiança o escrever a historia nacional. O primeiro dos nossos chronistas foi Fernão LOPES (1434), um dos maiores. Seguiram-se-lhe muitos outros, mas de merito apenas poucos: Gomes Eanes de ZURARA (1459), Ruy de PINA (1525), Fr. Bernardo de BRITO (1614). Entre os chronistas das possessões

ultramarinhas se vão achar alguns nomes, dos quaes o maior é o de Diogo do COURO. Historiadores livres e chronistas especiaes foram João de BARROS, Nunes de LIÃO, Fr. Luiz de SOUZA e poucos outros.

Chrônos (tempo).—Elemento grego de composição. *Chronometro* (*metron*, medida), *isochrono* (*isos*, igual), *anachronico* (de *ana*, inversão), *synchronico*, etc.

Chylos.—Vide *chymia*.

Chymia, *chumos*, succo. — Elemento grego de composição. *Chimica*, *parenchyma* (*para*, ao lado, *en*, sobre), tecido proprio das glandulas, etc. A formula *chulos*, do mesmo radical *cheud*, derramar, produziu *chylo*, *diachylão*, etc.

Cigano.—*Sigano* e *zigano* e tambem se disse *egiptano*. Povo originario da India, que se disseminou pela Europa. Os ciganos chamam aos estrangeiros *gagé* (no Brazil, *gajão*) e a si proprios *rom* (i. é, varão, homem), e em alguns logares *sinté* (1). Pelos europeus os ciganos têm varios nomes: *gipsy* (inglez), *tzigano*, *gitano* (hesp.), *bohémien* (francez), *jevk* (albanez), *Pharaó népek* (povo de Pharaó; magyar) *Τυπτος*, grego moderno; *Farauni*, turco, etc. É ponto liquido que os ciganos emigraram da India, sem

(1) A expressão *rom* reporta-se a *doma* ou *domba*, sanskrita (casta de musicos, Miklósieli. *Sinté* parece ser *Sindhu* (Indu). Cf. *Zincalo*, *zingaro*.

CIGANO — CIRCUMSTANCIAL

que no entanto se possa determinar a época e local precisos. A lingua é bastante antiga e, sendo aryana, parece antes irmã do que filha ou originada do páli e dos outros dialectos da India. A *romani* (l. dos ciganos) tem mesmo fórmãs mais primitivas e archaicas que o sanskrito. Na Europa existem 13 dialectos do *romani* mais ou menos adulterados, conforme as linguas em cujo meio regional persistem. Por effeito de suas emigrações, os ciganos possuem o lexico cheio de fórmãs gregas e occidentaes em grande numero, vezes persas e armenicas. Sem poder, por falta de materiaes, comparar os dialectos europêos com a lingua dos ciganos brasileiros, apenas daremos aos que quizerem estudar o assumpto, algumas indieações bibliographicas segundo a Encyclop. Brit., vol. X. (1) Os ciganos expulsos de Portugal emigraram em grande numero para o Brasil no seculo passado. Os termos mais vulgares da ciganagem

são conhecidos no interior do paiz. Taes, v. gr.: *gajão*, nome de tratamento: querido, amigo. *Paxaxo*, pé largo. Tambem usado no Chile, como se vê do *Dicc. de chilénismos* de Zorobabel Rodrigues (voc. *Pachazo*). Cp. o vocabulo notado por Adolpho Coelho, *Pachocha* (*Congr. de Anthr.*, sessão de Lisboa). *Boliche*, venda, bodéga (Rio Grande do Sul). O vocabulo é germanico, veio pelo hespanhol da fronteira, introduzido provavelmente pelos ciganos, que o possuem. No sentido original, signjfica casa de jogo. *Descachelar*.—É esse unico exemplo em que parece notar-se o processo de suffixação de verbos em *lar*, proprio do eicano: *descachelar* é formado sobre o typo *desqueixar*, e é vulgar no norte do Brasil: um livro *descachelado*; um corpo *descachelado*; bocca *descachelada* ou *escachelada*, etc. Devem existir muitos outros que não conhecemos.

Circumstantial, syn. relação *adverbial*.—Vide *Analyse*.

(1) Bibliographia. Fr. Muller — *Beiträge zur Kenntniss der Rom. Spr.* (1869-72). *Probe de Limbu si Literat. Tiganilor* (Dr. Constantinescu, 1878). Grellmann. *Hist. Versuch u. d. Zigeuner*; Spengler *Dissertatio hist. jur. de Cinganis*, 1839, Bataillard. *Apparit. et Desapp. des bohémienis*, (1844). Pott *Die Zigeuner* (1845) *Zigeunerisches*, Ascoli, 1865; e as duas obras espietas de Miklosich, principal auctoridade na materia: *Ueber die Mundarten und die Wanderungen der Zigeuner Europa's* (1872-78) *Beitr. zur Kenntniss der Zig. Mundarten*.

Sobre os ciganos disseminados na Enropa, são obras de consulta as de Paspati, *Etudes sur les Tchighianés* (Const. 1870); o *Vocabulaire de Vaillant*; *Romani Czib*, de Puchmayer, Praga, 1821; a de Lieblich; Leland, *The english gipsies* (1873); Smart e Crofton, *The dial. of the engl. gipsies* (1875) sobre os ciganos de Hespanha; *The Zincoli* by Borrow (1873, Londres); e sobre os ciganos portuguezes a memoria de Ad. Coelho, no *Congr. de Anthropologia* (Sessão de Lisboa); sobre os ciganos do Brasil o livro de Mello Moraes Filho, *Cuncioneiro dos Ciganos*.



Cl. — Grupo latino. Permanece : classe, *classsem*. A permuta e reforço cr têm muitos exemplos archaicos : *craro*, por claro ; *fror*, por flôr ; *cremencia*, por clemencia ; *crelgo*, por clerigo ; etc. ; ainda hoje ha a fórma cravo, *clavum*. O abrandamento *ch*, *j* (dupla *dj*) tambem é archaico : chouso, *clausum* ; chovir, *claudere* ; chave, *clavem*, *jamal*, por chamar, *clamare*.

Classicos. — «Assim chamados os escriptores que, sobresaindo em cabedal de erudição nas sciencias ou nas letras, por um consenso unanime, gozam de legitima auctoridade. Fixando, polindo e aperfeiçoando as fórmulas do patrio idioma, foram nossos mestres os *quincentistas*. Com effeito a literatura classica de Portugal coincide com o tempo heroico em que os portuguezes sulcavam todos os mares, dilatando a fé e o imperio pelas vastas regiões da Africa, Asia e America. Nomearemos alguns dos classicos portuguezes mais abalizados pelo bem que trataram os assumptos, ou pela excellencia do seu estylo, quer em prosa, quer em verso : João de Barros, Damião de Góes, Francisco de Andrade, Diogo do Couto, Afonso de Albuquerque, *Francisco de Sá de Miranda*, *Luiz de Camões*, Diogo Bernardes, *Antonio Ferreira*, *Francisco Rodrigues Lobo*, *Duarte Nunes de Leão*, D. Fr. Amador Arraes, D. Fr. Marcos de Lisboa, Jorge de Monte Maior, Gaspar Barreiros, *Fernão Mendes Pinto*, Fernão Alvares do

Oriente, Fr. Heitor Pinto, Fr. Bernardo de Brito, *Fr. Luiz de Sousa*, *P. João de Lucena*, *D. Francisco Manoel de Mello*, os dois Brandões chronistas môres, Fr. Manoel da Esperança, D. Rodrigo da Cunha, *Jacyntho Freire de Andrade*, *Duarte Ribeiro de Macedo*, *P. Antonio Vieira*, *P. Bartholomeu do Quental*, *P. Manoel Rodrigues Leitão*, *P. Manoel Bernardes*, F. Francisco de Santa Maria, P. Francisco de Sousa, P. Diogo Curado, D. José Barbosa, *A. Garrett*, José Gomes Monteiro, *A. Herculano*, *A. F. de Castilho*, Rebello da Silva e outros sobre que a posteridade falará com merecidos louvores por certo.» (Escoliastes). Dos escriptores do Brasil onde a linguagem tantas modificações tem soffrido, poucos de certo logrão a ventura de serem estimados como classicos ; já de certo a lograram Gonzaga, Claudio, B. da Gama e Souza Caldas. Na *Selecta Classica* do auctor d'este *Diccion.* encontrar-se-ão mais ampliadas e elucidadas em pontos controversos as noticias particulares sobre cada um dos classicos.

1.^a EPOCA.—(Desde 1139 a 1279 ou desde a fundação da monarchia até á aclamação de D. Diniz). «Este periodo não offerece mais que ensaios sem importancia e, algumas canções anonymas. É apenas um trabalho de incubação». 2.^a EPOCA.—(De 1279 a 1500 ou desde a aclamação de D. Diniz até á de D. João III). D. Diniz faz traduzir em portuguez muitas obras estrangeiras ; elle mesmo compõe

CLASSICOS

algumas poesias. É do seu reinado que data a literatura portugueza: elle funda a Universidade de Coimbra: seu filho, D. Pedro, conde de Barcellos, cultivava igualmente a poesia e escreve em prosa o seu *Nobiliario*. Neste periodo, segundo a opinião geral, é que vivia Vasco de Lobeira, o auctor do famoso romance de cavallaria—*Amadis de Gaula* ou *Arcadia de Gaula*. D. João I dá um grande impulso ao idioma portuguez, ordenando que todos os actos e documentos publicos sejam redigidos em portuguez, porque até ahí o eram em latim. No reinado de D. Duarte proseguiram as letras sua marcha ascendente sob a protecção d'este monarcha, dando elle mesmo bom exemplo com muitas producções suas, notaveis para aquella epoca, e fazendo escrever em latim a historia do reino. *Historiographia*. O primeiro historiador portuguez é FERNÃO LOPES, secretario de D. Duarte, que escreveu a *chronica* dos Reis, desde o conde D. Henrique até D. Affonso V. Viveu pelos annos (1380-1459?). Seguem-se successivamente: RUY DE PINA, chronista de D. João II, que escreveu as chronicas de muitos reis em estylo sobrio e digno. Era natural da Guarda (1440-1523). GOMES EANNES DE ZURARA, grande chronista do reino; escreveu: *Feitos de D. João I.—Tomada de Ceuta. Annuaes de D. Affonso V sobre a expedição d' Africa* (1ª parte); obra que foi concluida por Ruy de Pina. Era natural de Azurara

(...-1493). GARCIA DE REZENDE. *Vida e feitos do rei D. João II. Cancioneiro, Miscellanea* (trovas). Era natural d'Evora (1470-1554). DUARTE GALVÃO. *Chronica de D. Affonso Henriques*. Era natural d'Evora (1445-...) A introdução da imprensa neste periodo (1470-1474), começando a funcionar primeiramente em Leiria, veio dar um novo impulso á nossa literatura. Garcia de Rezende publica o seu *Cancioneiro* (1516), collecção das poesias dos mais afamados auctores do reino. 3ª EPOCA.—(De 1500 a 1625 ou desde D. João III até Philippe II). Este periodo póde ser chamado a idade de ouro da literatura portugueza; não haja duvida em dizer a este respeito: —o seculo de João III,—como se diz: o seculo de Pericles, na Grecia, o seculo d'Augusto, em Roma. Aos excellentes escriptores d'este periodo deu-se o nome de *quinhentistas*, e são considerados como classicos de primeira ordem, e não só porque poliram o idioma nacional, mas porque o falaram com toda a pureza. *Poesia*.—(XVI seculo) BERNARDIM RIBEIRO.—*Eglogas—Menina e Moça*, romance. Era natural do Torrão (...-1550). GIL VICENTE (o Plauto portuguez)—*Poesias dramaticas—Comedias—Tragicomedias—Autos—Farças*. Era natural de Barcellos? (1470-1536). DR. FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA (o pae da poesia portugueza)—*Sonetos—Epistolas—Hymnos—Canções—Elegias*—e duas comedias: *Os Estrangeiros* e *Os Vellalpandos*. Era natural



de Coimbra (1495-1558). ANTONIO FERREIRA—*Epistolas—Odes—Sonetos—Elegias*—e as eomédias: *O Cioso e Bristo*, e a tragedia: *A Castro*, producção admiravel. Era natural de Lisboa (1528-1569). LUIZ DE CAMÕES (o principe dos poetas epicos portuguezes)—*Sonetos—Elegias—Canções—Odes—Elogos—Oitavas*—e emfim os *Lusiadas*, poema epico, cujo assumpto é a descoberta de um novo eaminho para a India, cortado por Vasco da Gama. Era natural de Lisboa (1524-1580). DIOGO BERNARDES (poeta e guerreiro)—*O Lima*, contendo—*Elogos—Curtas*. Era natural de Ponte da Barca (153. . .-1605). PEDRO D'ANDRADE CAMINHA—*Poesias*. Era natural do Porto (1520-1589). JERONYMO CORTE REAL (poeta e guerreiro); dois poemas epicos—*O Segundo Cerco de Diu—Naufragio de Sepulveda—Austriada*. Era natural d'Evora (1540-1593). FERNÃO ALVARES DO ORIENTE.—*Lusitania transformada*, que alguns suppõem trabalho de Camões, o que basta para elogiar a obra, mescla de prosa e verso em que a elegancia eorre parellhas eom a pureza de linguaagem. Era natural de Goa (1540?-1595?). LUIZ PEREIRA BRANDÃO.—*A Elegiada*, poema epico cujo assumpto é a ruina da patria; poeta e guerreiro, aeompanhara D. Sebastião á Africa, d'onde pôde voltar por meio de resgate, para deplorar em canto funebre a batalha de Alcacerquibir e suas consequencias, mas esse canto funebre, no juizo de Garrett, é

quasi o canto do cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com elle e já nelle moribunda se mostra. Era natural do Porto (1540 . . .). *Historiographia* (1496-1570)—JOÃO DE BARROS, o *Tito Livio* portuguez; este escriptor occupa o primeiro logar entre os historiadores. Publicou o *Clarimunda*, chronica em fórma de romanee. A *Asia*, o mais importante dos seus escriptos, onde estão consignadas as façanhas dos portuguezes durante a descoberta e a conquista dos mares e das terras do Oriente. Este livro teve a gloria de ser o primeiro que fez eonhecer a India aos europeus. A obra é dividida em décadas que foram continuadas por Diogo do Couto. Era natural de Vizeu (1496-1570). DAMIÃO DE GÓES.—*Chronica de D. Manoel—Chronica de D. João II—Traducção do livro de Cicero*—DE SENECTUE. Era natural de Alemquer (1501-1573). FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA.—*Historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes*. Era natural de Santarem (. . .-1559). AFFONSO DE ALBUQUERQUE — *Commentarios de Affonso d'Albuquerque* (seu pae). Era natural de Alhandra (1500-1580). ANDRÉ DE REZENDE, o maior antiquario do seculo XVI. Eserveu em latim a obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*, e deixou a *Historia das antiguidades da cidade d'Evora*. Era natural d'Evora (1498-1573). D. JERONYMO OSORIO.—bispo de Silves, o Cicero portuguez. É o auctor da *Vida de D. Manoel*, obra escripta



CLASSICOS

em latim. É tambem o auctor de *Cartas*. Era natural de Lisboa (1506-1580). FERNÃ MENDES PINTO.—A *Peregrinação*. Era natural de Monte-Mór-o-Velho (1509-1583). DUARTE NUNES DE LIÃO, um dos mais notaveis escriptores—*Descrição do Reino de Portugal—Chronica dos Reis* (1ª parte)—*Origem e Orthographia da Língua Portugueza*. Era natural d'Evora (152...-1608). FR. ANTONIO ROSADO—*Tratado sobre a destruição de Jerusalem—Lágrimas de Jeremias*. Era natural de Mertola (1575-1640). ANTONIO DE CASTILHO.—*Commentario do cerco de Goa e Chaul - Elogio d'el-rei D. João III—Tratado do perfeito secretario* e outras. Era natural de Thomar (1565-1596). HECTOR PINTO—*Imagem da Vida Christã*. Era natural da Covilhã (...-1584) GARCIA DE HORTA — *Colloquios dos simples e drogas*. Era natural d'Elvas (149...-15...). AMADOR ARRRAES, bispo de Portalegre—*Dialogos*, sobre todos o—*Dialogo sobre o triumpho dos Portuguezes*. Era natural de Beja (152...-1600). JOÃO DE LUCENA (padre)—*Vida de São Francisco Xavier*. Era natural de Trancoso (1550-1600). FR. THOMÉ DE JESUS.—*Trabalhos de Jesus*. Era natural de Lisboa (1529-1582). FR. MARCOS DE LISBOA, *Constituições synodaes do bispo do Porto*. Era natural de Lisboa (1511-1591). DR. DIOGO DE PAIVA D'ANDRADE.— *Sermões* e outras. Era natural de Coimbra (1528-1575). LUIZ DE GRANADA, dominicano—*Sermões*. Era natural de Granada (1504-1588). FRANCISCO

FERNANDES GALVÃO, arcediago—*Sermões*. Era natural de Lisboa. (1554-1610). COMEÇO DO XVII SÉCULO (*Poesia*). — FRANCISCO RODRIGUES LOBO, o Theocrito portuguez — *Eglogas—A primeira*, que encerra versos admiraveis—*O Pastor Peregrino—O Desenganado*—E em prosa: *Côrte na Aldeia—Noite d'Inverno*. O seu estylo é ameno e em algumas de suas composições mostra bem vivo o sentimento da natureza. Era natural de Leiria (...-1623). VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO. —*Afonso Africano*, poema epico, incontestavelmente o primeiro dos nossos poemas epicos de segunda ordem. Era natural de Setubal (15...-16...). GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.—*A Ulysséa*, poema em dez cantos sobre a fundação de Lisboa, attribuida a Ulysses. Era natural de Braga (1571-1632). FRANCISCO DE SÁ E MENEZES.—*Malaca conquistada*, poema epico, cujo heroe é o grande Affonso de Albuquerque, conquistador das Indias. Era natural do Porto (...-1664). BRAZ GARCIA DE MASCARENHAS—*Viriato Trajano*, poema heroico. Era natural d'Avô (1596-1656). MIGUEL DA SILVEIRA—*El Machabeu*, poema em vinte cantos, em hespanhol, sobre a restauração de Jerusalem. Era natural de Celorico da Beira (1576-1636). F. BOTELIO DE MORAES E VASCONCELLOS—*El Afonso, ó La Fundación del Reyno de Portugal*, em hespanhol (...?...). Nesta quadra quasi todos os poetas transigiram com o dominio estrangeiro, escrevendo em hespanhol, cujo

idioma sabiam manejar com facilidade. *Historiographia* (1569-1617). BERNARDO DE BRITO. Era natural d'Almeida (1569-1617)—*Chronica de Cister—Os Elogios dos Reis—Geographia antiga da Lusitania—Monarchia Lusitana*, continuada por ANTONIO BRANDÃO—continuação da *Monarchia Lusitana* de B. de Brito. Era natural d'Alcobaça (1584-1637). DIOGO DO COUTO — *O Soldado Pratico* e a continuação das *Decadas* de J. de Barros. Era natural de Lisboa (1542-1616). FR. LUIZ DE SOUSA, dominicano—*Chronica de S. Domingos—Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres*, arcebispo de Braga. Era natural de Santarem (1555-1632). LUIZ MENDES DE VASCONCELLOS—*Sítio de Lisboa—Arte Militar*. (...?). FR. BERNARDO DA CRUZ—*Chronica d'el-rey D. Sebastião*, tem meritos e defeitos...?... (1530-158...?). GASPAR ESTAÇO—*Varias antiguidades de Portugal*. Era natural d'Evora (...-1626). JACINTHO FREIRE D'ANDRADE—*Vida de D. João de Castro*, 4º vice-rei da India. Era natural de Beja (1597-1626). PEDRO DE MARIZ—*Dialogos de varia historia—Historia do Milagre de Santarem*. Era natural da Coimbra (15...-161...). E ainda outros que viveram neste periodo, que foi o do apogeo da literatura portugueza. 4ª EPOCA — De 1625 o 1750, ou de Philippe II a D. José I — Este periodo póde ser qualificado o seculo do máo gosto; é o. reinado do *Gongorismo*, do escriptor hespanhol *Gongora*, de Cordova, que introduziu este máo estylo na literatura portugueza, inquinando o

engenho de tantos sublimados talentos que o seculo XVII nos apresenta. D. VIOLANDA DO CÉO — *Santa Engracia*, comedia em verso, cheia de metaphoras extravagantes; e algumas outras obras. Era natural de Lisboa (1601-1693). MANOEL SEVERIM DE FARIA—*Discursos politicos—As noticias de Portugal*—É um bom escriptor; notam-lhe o emprego abusivo de muitos archaismos. Era natural de Lisboa (1583-1655). DIOGO BARBOSA MACHADO—*Bibliotheca Lusitana*, obra de variada e trabalhosa erudição. Era natural de Lisboa (1682-1772). FR. MANOEL DA ESPERANÇA—*Historia Seraphica da ordem dos frades menores de S. Francisco*, na provincia de Portugal. Era natural do Porto (158...-1670). M. DE FARIA E SOUSA — *Europa Portugueza, Commentarios ás Obras de Camões* e varias outras em prosa e verso. Era natural de Pombeiro (1590-1649). MARTIM AFFONSO DE MIRANDA—*Triumphos da solutifera Cruz de Christo — Declaração do Padre Nosso com suas meditações*, e a 1ª e a 2ª parte de uma obra com o titulo de *Tempo de agora*. Era natural de Lisboa (15...-?). P. MANOEL BERNARDES — Escriptor mystico, diz o Sr. P. Chagas, a dogura do seu estylo captiva e encanta; classico primoroso, mereceu que Antonio Vieira não julgasse em perigo o idioma portuguez, em quanto vivesse, para lhe zelar a puezza o padre Manoel Bernardes. Era natural de Lisboa (1644-1710). Nas *Novas Florestas*, nas *Meditações sobre os Novissimos do Ho-*

CLASSICOS

mem, na *Luz e Calor* sabe entretecer, na teia do pensamento religioso, delicioso matiz ora historico, ora anecdótico, ora legendario, a que dá sempre realce o seu estylo vivo e pittoresco, animado ás vezes com um geito chistoso, agradável sorriso que desfranze esses labios d'onde manava o mel doirado, que ia libar nas flôres do mysticismo. ROCHA PITTA—*Historia da America Portuguesa*, obra que lhe grangeou muitos applausos, e lhe alcançou o diploma de socio da Academia Real da Historia e o de fidalgo da Casa Real; apesar de se resentir ás vezes dos defeitos do seu tempo—o gongorismo e a affectação—o livro de Rocha Pitta é estimado pelo estylo brilhante, que sempre conserva sem cair no exaggero. Era natural da Bahia (1660-1738). D. RODRIGO DA CUNHA—*Catalogo e Historia dos bispos do Porto -- Historia Ecclesiastica de Braga e a 1ª parte da de Lisboa—Nobiliario das familias do reino*, etc. Era natural de Lisboa (1577-1643). CONDES DA ERICEIRA (MENEZES)—*Historia de Tanger, da vida e acções d'el-rei D. João 1º — Henriqueida—Historia de Portugal Restaurado*, e ainda outras somenos, 1º, (1614-1699) e 2º (1632-1690). PADRE ANTONIO VIEIRA, considerado o maior prégador do seu tempo, escreveu:—*Cartas—Vozes saudosas—Historia do Futuro — Sermões*, obra de todas a mais notavel que deixou este escriptor exímio e fecundo, e de todos os classicos o mais auctorizado, apesar dos seus gongoris-

mos. Era natural de Lisboa (1608-1697). D. FRANCISCO MA-NOEL DE MELLO.—*Apologos dialogaes — Epanaphoras—Carta de guia de casados* e outras. Occupa este escriptor logar eminente como exímio cultor do seu tempo. Estylo grave. Era natural de Lisboa (1611-1666). A estes auctores succederam outros no começo de XVIII seculo, mostrando um periodo de deploravel decadencia das letras portuguezas, em que se trocavam as imagens grandiosas, embora empoladas, pelas ridiculas puerilidades do trocadilho alambicado e grotesco. É no reinado de D. José I que ellas comecam a reanimar-se. 5ª EPOCA.—(Depois de 1749) No reinado de D. José I começa a literatura portugueza a regenerar-se pela iniciativa da sociedade dos *Arcades*, que se fundou em 1736 com o fim de prorogar o gosto da grande epoca e fazer que a lingua pura do seculo XVI, desembaraçando-se de todos os gallicismos que lhe haviam introduzido, tomasse aquella graça e doçura e todas as mais qualidades que tanto a ornaram (1). No reinado de D. Ma-

(1) M. Sané falando da lingua portugueza diz que ella *est belle, sonore, nombreuse, unissant à la douceur et à la souplesse de la langue italienne, la gravité et les couleurs de la latine.*

A *Encyclopédie*, cujo testemunho é sempre muito considerado, diz no seu artigo «Portugal»—*la langue de ce pays, pleine de douceur pour les délicatesses de l'amour, ne manque pas d'élévation dans les sujets héroïques.*

ria I, o duque de Lafões funda, em 1780, a Academia Real das Sciencias, que presta incontestaveis e importantes serviços ás letras portuguezas, publicando um grande numero de obras, e fazendo reimprimir outras. FINS DO XVIII SEculo. — (POETAS) PEDRO ANTONIO CORREIA GARCÃO (O Corydon na Soeicdade dos Arcades), classico estimado, foi um dos primeiros reformadores da literatura portugueza. Cognominaram-no o Horacio portuguez. Compoz—*Odes, Epistolas, Sonetos, Satyras* e duas peças de theatro: o *Novo Theatro*, e a *Assembléa*. Era natural de Lisboa (1724-1772). D. ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA (Elpino Nonaeriense na Soeiedade dos Arcades), cognominado o Pindaro portuguez, compoz — *Odes heroicas ou pindaricas—Hysosope*, poema heroi-comico — *Sonetos—Idyllios* e uma comedia intitulada: o *Falso Heroismo*. Era natural de Lisboa (1731-1799). DOMINGOS DOS REIS QUITA compoz—algumas poesias pastoris e a 2ª tragedia *Castro*. Era natural de Lisboa (1728-1770). F. DIAS GOMES, tambem um dos reformadores da lingua portugueza, compoz—*Elegias*; mas é estimado principalmente como critico. Era natural de Lisboa (1745-1795). THOMAZ ANTONIO GONZAGA—*Marília de Dirceu*, lyras melodiosas e de inexcedivel mimo de fórma. Era natural do Porto. (1744-1809). (PROSADORES) FELIX D'AVELLAR BROTERO—*Compendio de Botanica* e a *Flora Lusitana*. Era natural do Tojal (1744-

1829). JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA — *Compendio de mathematicas*. Era natural de Lisboa (1742-1787). FRANCISCO DIAS GOMES — *Varias composições criticas e outras*. Era natural de Lisboa (1745-1795). ULTIMOS ANNOS DO SEculo XVIII E COMEÇO DO XIX. — Entre os poetas d'esta epoea é FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO o mais ceebre (Philinto Elysio na Sociedade dos Arcades), compoz—*Odes—Satyras—Epistolas—Tradução das Fabulas de La Fontaine e dos Martyres de Chateaubriand*. Era natural de Lisboa (1734-1819). NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA, compoz — *Sonetos—Odes—Epistolas—Satyras*, nas quaes sobresaem a da *Guerra* e a dos *Amantes*. Era natural de Lisboa (1741-1811). ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS (Elpino Duriense na Sociedade dos Arcades), compoz—*Obras poeticas—Odes*. Era natural de Massarellos (1745-1818). MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE, compoz todos os generos de poesia — *Elegias, Tragedias, Eglogas*; mas em que mais sobreleva o seu genio poetico é no *Soneto*, em que é considerado inimitavel. Era natural de Setubal (1765-1815). JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, erudito de uma prodigiosa fecundidade e critico estimado, compoz o *Oriente*, poema epico, cujo assumpto é o mesmo dos *Lusiadas—A Meditação—O Newton* e muitas outras obras em verso e prosa. Quiz ser o Zoilo de Camões, mas eom muito má gosto. Era natural de Beja (1761-1831). JOÃO BAPTISTA D'ALME-

CLASSICOS

DA GARRET, uma das illustrações da literatura portugueza; cabe-lhe a honra de ter lançado os fundamentos do novo theatro portuguez. Compoz entre outras obras—*Camões*, poema epico—*Dona Branca*—*Adosinda*. As tragedias—*Merope*—*Catão*—*Philippa de Vilhena*—*Gil Vicente*—*Alfageme*. — Dramas—*Frei Luiz de Sousa*, sua obra prima—*Arco de Sant'Anna*—*Sobrinhka do Marquez*—*Viagens na minha terra*, e muitas outras obras em prosa e verso, obras humoristicas, etc. Seu estylo é puro, natural, corrente e quasi sempre original. Era natural do Porto (1799-1854). ALEXANDRE HERCULANO.—Compoz—*Historia de Portugal*, obra estimadissima, sapientissima e não menos conscienciosa—*O Monge de Cister*, romance historico—*Eurico, o Presbytero*—*A Abobada*—*O Parocho da Aldeia*, diversos opusculos muito interessantes e estimados, e as poesias—*A Harpa do Crente*—*Varias*. Era natural de Lisboa (1810-1878). VISCONDE DE CASTILHO—eminente poeta, uma das grandes glorias de Portugal neste seculo; contava 16 annos quando compoz e publicou a sua primeira poesia—*Epicedio na sentida morte de D. Maria I*, a que se seguiram duas outras—*A faustissima exaltação de D. João VI* e o *Tejo*, e depois a *Liberdade*, *Cartas de Echo e Narciso*, a *Primavera*, *Noite do Castello*, *Ciumes do Bardo*, *Quadros Historicos de Portugal*, *A felicidade pela agricultura*, *Tratado de Metrificacão portugueza*, *Leitura repentina*,

Tratado de Mnemonica, *As Estreias* e muitas outras, além de diversas traducções de auctores latinos, como Ovidio e Virgilio; allemães, como Gæthe; inglezes, como Shakespeare; francezes, como Molière; hespanhoes, como Cervantes. Enriqueceu as paginas de muitos jornaes com admiraveis prosas e poesias, entre as quaes avultam a *Vidu de Anacreonte*, o artigo acerca do *Rapto da Europa*, de Moscho, e a poesia á morte de D. Pedro v. Colligiu muitas poesias admiraveis que andavam dispersas, num volume intitulado *O Outomno*, a que o sr. Thomaz Ribeiro chamou «uma primavera com fructos». Era natural de Lisboa (1800-1875). L. A. REBELLO DA SILVA—illustre escriptor, estadista e orador, tendo apenas 18 annos publicára o *Cosmorama Literario, Tomada de Ceuta* e desde então uma serie de conscienciosos estudos que lhe deram um nome immortal na historia da patria. Escreveu os romances *Rúusso por homisio*, *Odio velho não cança*, *Mocidade de D. João V*, sua corôa de romancista; *Ultima corrida de touros rcues em Salvaterra*, *Casa dos phantasmas*, *De noite todos os gatos são pardos*, *Contos e Lendas*, diversas *Memorias* e *Compendios*, *Fastos da Egreja*, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, *Varões illustres*, *Elogio Historico de D. Pedro V*, os dramas *Mocidade de D. João V*, tirado do romance do mesmo nome, o *Infante Santo*, e muitas outras publicações e artigos com que enrique-



ceu jornaes por elle mesmo fundados. Era além d'isto um eximio orador parlamentar que chegava a dominar o auditorio com a sua nobre palavra sempre colorida e em torrente suavissima. Era natural de Lisboa (1828-1871)».

Classificação. — Parte da grammatica em que se dispõem as palavras segundo classes ou grupos. Tambem denominada *Taxinomia*. V. esta palavra. A classificação no dominio especial da syntaxe, isto é, da phrase, estuda-se na *Analyse logica* (V. *Proposições*).

Clausulas. — São membros da sentença, quando em conexão tão íntima, que um depende do outro e até o modifica. São tres as clausulas subordinadas — *substantiva*, *adjectiva* e *adverbial*, conforme (em sua relação com o resto da sentença) equivallem a um substantivo, adjectivo ou adverbio. A substantiva póde ser sujeito ou objecto do verbo de clausula principal, ou ainda adjuncto attributivo d'esse sujeito ou objecto. Começa quasi sempre pela preposição *de* ou por palavra interrogativa, ou ainda pela conjunção *que*, muitas vezes omittidas pelos classicos, principalmente com os verbos *parecer*, *precisar*, etc. (P. Junior).

Clima. — Vide *Mesologia*.

Coalescencia. — Denominação dada á progressão de intensidade em qualquer valor phonetico, puro, vogal. É muito

commum esse phenomeno nas linguas primitivas, em que a intonação é um meio poderoso de expressividade. No portuguez a coalescencia das vogaes tem exemplos nas contracções: *á*, por *aa*; *ó*, antigo, por *ao*; *má*, por *maa*; *fé*, por *fee*; *avô*, por *avoo*; *ler*, por *leer* etc. Como instrumento de expressão, a coalescencia não tem exemplos nas linguas modernas, a não ser nas interjeições, como *ah!* *oh!* cujo sentido depende da intonação, e é um pouco *ad libitum*; conforme o tom, podem indiar varias emoções.

Cognatos. — São termos dos quaes um é derivado do outro: *pedra* e *pedreiro*; *choro*, *chorar*, *choramingar*; *vicio*, *vicioso*, *viciar*. Alguns só applicam a denominação aos derivados de verbos (tenente, doente, replica, demora).

Cognomes. — São os sobrenomes usados pelas pessoas: *Silva*, *Bastos*, *Pereira*, etc. Etymologicamente, os cognomes portuguezes na maioria representam nomes de vegetaes e animaes (Lobo, Carvalho, Oliveira, Pereira), ou locaes (Guimarães, Dantas, etc.). O cognome formase do *pronome*, quando ha denominação de patronymico: *Perez Ennes*, *Antunes*, *Marques*, *Henriques*, *Rodrigues*, *Martins*, de Pedro, João, Antonio, Mareo, Henrique, Rodrigo, Martinho, etc. Os portuguezes e hespanhóes usam de varios nomes. Os romanos livres tinham apenas tres nomes: o prenome (proprio), o nome da familia, *gens*, e o sobre-

COGNOMES — COMMUNS

nome, que indicava a casa ou linhagem, v. g.: Marco Tullio Cicero, Publio Virgilio Maro. Nos primeiros tempos, os romanos apenas tinham dous nomes: Numa Pompilio, Anco Marcio. Vide *Prenomes*.

Collectivos. — Vide *Commum* (nome).

Collisão. — Vício da phrase que consiste na reproducção e frequencia dos mesmos valores phoneticos. Collisão de *rr*: *A terrível carreira da guerra*. Collisão de *ss* (muito mais desagradavel na prosodia de Portugal): *As longas azas azues*. Collisão de *ll*: *Longe, além, a lampada alumia* ...etc. São propriamente vícios de estylo e podem tornar-se, em certos casos, elementos proprios para a pintura das cousas, para a harmonia imitativa e onomatopéa. O primeiro verso dos *Lusiadas* parece a muitos vicioso, por causa da collisão de *ss* finais: *As armas e os barões assinalados*. Vícios semelhantes são os *echos*, *cacophatos*, *equivocos* (calimbur), etc.

Collocação (dos pronomes). — Vide *Pronomes*. Em geral, tambem se refere a *Ordem*, *Inversão* (hyperbaton), *Construcção*, *Concordancia*.

Combinações (de pronomes). — Vide *Pronomes*.

Communs. — Classe de substantivos que exprimem idéas genericas, isto é, que podem convir a varios individuos. Essas

noções confundem-se com as cousas que constituem o genero ou a familia. *Cavallo* é qualquer animal do genero; *ouro* é qualquer porção d'esse mineral. No emtanto, ha certas noções que são inseparaveis de um individuo unico: *omnipotencia*, *omni-scienza*, noções referentes a Deus. Entre os nomes communs ha duas classes dignas de nota: 1.^a *Os collectivos*. 2.^a *Os abstractos*. Os *abstractos* representam noções de *qualidade*, *acção* ou *estado*. Ex.: solidez, lucta, somno, doença. Como as artes e as sciencias representam processos do pensamento ou da actividade, os seus nomes são *abstractos*: geologia, pintura, gravura, poesia... *Todo o nome abstracto é commum*. O abstracto sendo a noção separada (*abstracta*, tirada fóra) do ser, não póde incluir individuo especial, concreto. Póde-se todavia usar do *abstracto* pelo concreto: a *sciencia alemã*, pelos *sabios allemães*; a *christandade*, a *juventude*, por os christãos, os moços, etc. (1) Os *collectivos* são palavras que no singular exprimem uma porção de cousas ou de individuos. O colectivo representa um *plural logico*, apenas expresso na idéa: multidão (muitos individuos). Os *collectivos* são *indistinctos* quando se applicam a qualquer grupo de seres. Ex.: *multidão*, *porção*, *chusma*, etc. Ha collectivos distinctamente applicaveis a certos grupos animaes e humanos: Grupos *humanos*—

(1) Mason—*A shorter Gramm.*

turba, junta (theologos); congresso (sabios, letrados); roda, parlamento, circulo, regimento, terço, pelotão, divisão, corpo, exercito, collegio, familia, batalhão, tribu, manga (de arcabuzeiros), sucia (pejor.), conselho, assembléa, mourama (mourros). corja (pejorativo), fradaria, rancho, rapazio, mulhério, troço, genteada, gentio, etc. Grupos *animaes* (e por ironia ás vezes de seres humanos): aves, *bando*; insectos, *enxame*, *myriada*; bois, *boiada*, *manada*; peixes, *cardume*, *cambada*; camelos, *récua*, *cafila*; lobos, *alcaléa*; cabras, *fato*; porcos, *vara*, *manada*; ovelhas, *rebanho*; cães, *canzoada*, *matilha*; burros, *burricada*, *tropa*; cavallos, *tropa*, *récua*, etc. Grupo de *cousas*: corja (sedas), dinheirama, palavreado, algaravia, gritaria, papelada, pancadaria, courama, gaitada, cordoalha e cordame, brazido, taboada, tourada, vasilhame, vozeria, velame, massagada, chusma, chumaço, cacheirada, paulada, etc. Cumpre notar que existe o processo de *collectivos* por derivação, e são innumeraveis os typos d'esse genero: *boiada* (de boi), *canzoada* (de cão), já citados, *teclada*, *vozeria*, *gritaria*, *porcaria*, *falatorio*, *laranjal*, *bananal*, *olivedo*, *arvoredo*.

Commun de dois. — Expressão consagrada para designar os nomes que indicam, sem variação, os dous sexos e generos: *consorte*, *complice*, *conjuge*, *martyr*.

Comparação. — Vide *Methodo comparativo*.

Comparativos. — Vide *Gráo*.

Complemento. — A noção de complementos, propria do antigo methodo de analyse, equivale á actual de **ADJUNCTOS**, segundo o methodo explicado e vulgarizado por Mason. Vide *Proposições*. Em alguns casos, o *complemento* representa o *objecto*, *completivo*, etc. Póde haver caso de duplos complementos e de diversa regencia com o mesmo verbó? Eis o que acerca d'esta questão escreve o illustre philologo Mario Barreto: «No capitulo da *Regencia* formulam as nossas grammaticas portuguezas uma regra que prohibe dar a dois ou mais verbos um complemento *commun*, se pedem elles complementos de natureza diferente: o filho estima e obedece-lhe; conheço e gósto d'aquella mulher, assisti e applaudi o espectáculo. Rodrigues Lobo, Vieira e Camillo infringiram a regra, quando escreveram: «Se nisto que me ouviste, achas alguma coisa que te contente, e queres ir commigo, pois é já tarde, te hospedarei na minha cabana, *na qual podes entrar sem temor, dormir sem perigo e sair sem saudade.*» (Francisco Rodrigues Lobo—*O pastor peregrino*, pag. 20.) «Muito bom é que vossa excellencia chame vingança ao silencio, com que eu *recebi*, e me conformei *com o meu castigo.*» (P. Antonio Vieira—*Apud Cal-*

COMPLEMENTO — COMPOSTOS

das Aulete. *Gramm. Nacional*, pag. 110.) «O visconde postára espias no Rocio paraespreitarem as pessoas que *entravam* e saíam do hotel dos Irmãos Unidos. Esta asneira define satisfactoriamente a policia e o visconde. Fossem lá conhecer Constantino entre quatrocentas pessoas, que *entram* e saem d'aquelle areopago...» (Camillo Castello Branco — *Vingança*, cap. XV, pag. 152). Todos esses exemplos são errados, devem-se corrigir, mudando-se a construcção da phrase, dando-se a cada verbo o complemento que lhe convém: o filho estima-o e obedece-lhe; conheço aquella mulher e gósto d'ella; assisti ao espectáculo e o applaudi...; na qual pódes dormir sem perigo e da qual podés sair sem saudade...; com que recebi o meu castigo, e me conformei com elle; as pessoas que *entravam* no hotel e saíam d'elle. O mesmo se observa na lingua franceza, onde são incorrectas phrases como a seguinte: «*Il attaque et s'empare de la ville*», porque se diz: «*attaquer une ville, s'emparer d'une ville.*» Esta regra, identica nas duas linguas irmans, não é uma regra arbitraria, nem artificial. Porque não podemos dizer—*eu estimo e obedeço-lhe?*

Completivo. — Vide *Proposições*.

Complexos (proposição, sujeito, etc.) — Vide *Proposição* (analyse).

Compostos. — Os processos de composição no portuguez definem-se segundo duas direcções preponderantes: 1^a POR PREFIXOS — Formam-se os neologismos de palavras preceedidas de particulas: de *ver*, prever; de *dizer*, redizer, contradizer, etc. (Vide *Prefixos*). 2^a POR JUXTAPOSIÇÃO. — Vocabulos a principio independentes, reúnem-se e formam novas palavras: *beija-flôr, bem-te-vi, saca-rolhas*. As vezes, sobretudo nas formações antigas, a juxtaposição é tão perfeita que só a analyse revela as partes componentes. Tal é a juxtaposição dos tres elementos de *pundonor*, pun + d' + onor, no francez *point d'honneur*. Os compostos são ou originados da propria lingua (*vae-rem*), ou de linguas estranhas (*estibordo*, de *steuer*, leme, e *bord*), ou já vieram completamente formados do latim: *solsticio* (*solsticium*, de *sol* e *stare*). || *Elemento latino*. No latim é de rigor notar que ha duas classes de compostos, os *syntacticos* e os *asyntacticos*. Os primeiros contêm elementos que mantêm entre si a subordinação grammatical: *republica*, genitivo *reipublicæ*; *jurjurandum* e *jurisjurandi*, etc. São syntacticos pela origem: *rosmaninho*, *rosmarinus*; arch. car, *quare*; com elemento de accusativo, *circumdãr* (circum, acc. de *circus*), etc. Com genitivo: *aqueducto*, *aqueductus*; arch. lunes, *lunæ dies*; arch. mercoles, *mercurii dies*, etc. Com o dativo: fideicommisso, *fideicommissum*; crucifixo, *crucifixus*. Com o ablativo: hoje, *ho-*

COMPOSTOS

die, hoc die. Referir, *refert*; usurpar, *usuripare* (*ripare, rapere*); com vestígios de locativo: primo, *primus*; *pri*, loc. de *præ*. Com vestígios do instrumental em a dos elementos *circa, intra, contra, extra, ultra, infra, supra*, que entram na composição de muitos vocabulos: supradito, ultramar, eonradieção, etc. O instrumental por vezes traz a terminação transformada em *o*, eontro, intro, retro: retroeeder introduzir, etc. Convém observar que a alteração phonetica destróe as flexões, e assim a analogia: *proconsul*, em vez de *pro cõnsule*; o adj. *egregius*, por *egrege*; *insignis*, por *in signo*; *obvius*, por *ob viam*; *naufragium*, por *navis fragium*, etc. São asyntheticos pela origem latina, além de varios outros, os seguintes: biforme, *biformis*; centimano, *centimanus*; equilibrio, *aguilibrium*; magnanimo, *magnanimus*; mediterraneo, *medi-terranæus*; pamipede, *palmi-pes*; funambulo, *funambulus*; fratricida, homieida, etc. (de *cedo*); edificar (*ædis*, casa); os compostos de *fero* (vociferar), *gero* (flammi-gero), *vomo* (ignivomo); *ignis*, (fogo) (1), *genus*, raça (primigeno), *potens*, poderoso (bellipotente, *bellum*, guerra), etc. Vae em seguida uma lista de compostos assimilados ou não, sem ordem determinada. Fazemos a analyse sómente dos que não forem immediatamente comprehensíveis:

(1) Nos verbos ha as partes *ficare*, por *facere*; *ripare*—*rapere*; *ferare*—*ferre*, etc.

A) Avestruz, lat. *avis-struthio*; pedra-pomes; raba-vento; lobis-homem, lobis, *lupum*; cappa-pelle (*Eluc. Vit.*); dia-noite, (id.); pimpolho, *pampano-olho*; sanguesuga; gallicanto; manobra, man, *manum*; quartel-mestre; beija-flôr; madreperola; madresilva; mordomo, lat. *major domus* (maior da easa); ferro-carril; condestavel, *comes stabuli*; fidalgo, fi (*hijo*, filho) d'algo (alguem); artimanha, (*artem magicam* ?); pernilongo; ponteagudo (ponta); fé-perjuro (*Eluc. Vit.*); barbiruiva; eabisbaixo, cabis, *caput*; manualvo, man, *manum*; viandante, vi, *viam*; fementir, *fé-fidem*; logar-tenente; manietar, atar, ligar; metermentes (*Eluc.* analogo a *animadvertere*); terrapleno; salpimentar; manter, *manu tenere*; eareomer, ear, *carne*; faz-alvo (*Eluc.*) faz=face, *faciem*; olhinegro; vangloria; longa mira, *mirar*, vêr; salvaguarda; perdeganha; belladona; rioe-homem; malversação; meio-dia; malgrado; gran-vizir; planalto; gran-mestre; gentil-homem; abetarda, *avis tarda*; betarda, id.; pinta-rôxo; vinagre, *vin'acrem*; morcego, *muremcæcum*, muricêgo; verdegaio, fr. *gai*, alegre; turba multa, *multus*, lat. muito; sem-razão; samsaboria, eatavento; sobremesa, fidalgo; aguardente; rabricurto. B) Nos nomes *proprios* a composição tem muitos exemplos, quer tenham faeil evidencia ou estejam deformados pela alteração phonetica: Marianna (Maria Anna), Gil-ianes (Gil Eannes); Santarem

COMPOSTOS

(Sant'Irene); Tiago (san-t-Iago); Fonseca (Fon-te seca); Alemtejo, Ribatejo, Penafiel, etc. Nos nomes geographicos do Brasil não ha outro processo senão o da composição dos elementos tupis: *Itapoã*, pedra redonda; *Ara-cajú* (abundancia de cajús), etc. C) Das palavras que formam a trama grammatical deixamos de notar os compostos como os determinativos e particulas: agora (*hac hora*), algum (algo-um. *aliq'unum*), etc. A composição d'esses vocabulos será estudada em cada uma das categorias a que pertencem. D) Os compostos que se formam de elementos de linguas diferentes (como o grego com o latim. v. gr., *photogravura*) chamam-se *hybridismos*, e d'elles trataremos no logar apropriado. E) «O passo choreographico conhecido por *Varsoviana* (de Varsovia) foi pelo povo assimilado em *valsa vianna*. Foi ainda a analogia quem traduziu *claire-voie* por *claraboia*, a palavra *boia* não podendo, pelas leis phonicas da peninsula, derivar-se de *via* (clara via). É por esse processo que vemos ser *caparosa* composta não de *capa* e *rosa*, mas sim do germanico *kupferasche* (cinza de cobre), segundo Littré. No composto *balança romana*, o segundo elemento não é o adjectivo que parece, mas sim *romana*, arabe, que significa peso e contrapeso. Convém notar ainda a restricção de vocabulos aptos para a agglutinação ou juxtaposição, como succedeu ao francez, que compoz um sem

numero de termos com o verbo *porter*: *porte-plume*, etc. Essa tendencia de limitação tambem se aprecia no portuguez: assim, sobre o typo *artimanha* (artemagicam) formou-se *gutimanha*. O elemento *hora* prestou-se ás formações *embora* (em boa hora), *agora* (l. hac hora), *aramá* (ant. hora má). Não é sómente sob esse aspecto que realça a utilidade d'essa analyse. Por ella ainda recebemos uma comprovação de que o accusativo foi o caso latino que generalizou-se e serviu de estadio intermedio ás fórmulas recentes. Com effeito, assim o testemuilha a presença do *r* em *morego* (murem cœcum) e *marmota* (murem montis). É evidente ahi que o *r* não poderia provir do caso nominativo *mus*. Ainda opera-se a composição de vocabulos com inteira inconsciencia do significado de certos elementos aliás existentes na lingua; assim foi que adoptamos as formações italianas *monte-pio*, *monte-socorro*, esquecendo-nos de que *monte* na lingua italiana designa o estabelecimento bancario. Ali a palavra *monte* pela transcripção adquiriu em nossa lingua novo significado. Por um modo inverso é que, sem adiantar significação organicamente decisiva, adoptamos as fórmulas estranhas, como *lenga-lenga* (hesparhol), archaico *julavento* (giula-vento), *belladona*, *fi-d-algo*, etc. Nesta categoria têm logar os compostos de *b*, signal orthographico musical, *bemol*, *bequadro*, e ainda o castelhano *antojos* (ojos-olhos). Merece especial memoria



COMPOSTOS

a instrusão de especimens lexicos francezes motivados pelo dominio da casa de Borgonha nos primeiros tempos da monarchia lusitana; apontemos *guardanapo* (fr. *nappe*), *verdegaio* (fr. *gai*), e mais modernamente *charcuteria* (*chaircuite*). Comquanto seja um facto de syntaxe romanica, conjecturamos que sobretudo á influencia franceza devemos os compostos pronominæes *menino* (meu *nino*), *mossém* (arch. meu senhor), e provavelmente *zaadonna* (mulher livre), segundo as analogias francezas *monsieur, madame*. Quanto ao dominio das linguas neo-latinas, quasi sempre se póde estatuir a procedencia de um ou outro vocabulo pela simples inspecção. Assim, por exemplo, a preposição *sub* se nos assignala pelo hespanhol sob a fórma *so*, como em *socapa*, *sopapo* (debaixo do queixo) (1). Nos compostos italianos, a fórma de *sub* é *soto* e encontramol-a em *sotopor*, *sotovento*, etc. Os productos de formação germanica já têm sido estudados no que respeita ao francez e portanto em geral ás linguas romanas. Apon-temos aquelles em que se deu maior aglutinação e deformidade: *arcabuz*, *haken butte*; *albergue*, *heri berga*; *kermesse*, *kermis* (flam.); *marechal*, *Mare-Schalk*; *xerife*, *Scir geref* (saxonio). Os exemplos bastam para a facil intelligencia dos que conhecem a lingua ingleza, onde ainda se encontram os mesmos radicaes

(1) Podem ser fórmas vernaculas dentro dos limites da phonetica.

ker (church), *mare* (egua), *gerefa*, etc. O processo originario portuguez manifesta-se perfeitamente aglutinante em *benzer* (bene-dicere), *amparar* (manuparare), *mordomo* (major-domus), *mandobre* (a duas mãos), *pimpolho* (pampano-olho), *salitre* (salnitrum), *pedrahume* (petra alumen), *vinagre* (vinum acrem); *ourives* (auri-ficem), *ouropel* (auri-pellem), *morgado* (major-gnatus), *enteado* (ante-natus), *mallograr* (mal-lucrar), *mascavo* (menos-acabado), *abetarda* (avem tardam), *cabisbaixo* (caput bassum), *abestruz* (avis struthio), *condestavel* (comes-stabuli), *rosmaninho* (ros marinus), *sassafráz* (saxi-fragra), *lampreia* (lampetra cf. fr. lamproie), *acompanhar* ant. compengar, cum-paniare), *biscoito* (bis coctus), *calamina* (it. giallamina), *bismutho* (weissmuth, branco desmaiado), *malaria* (ital. mal'aria), *acebo* (aquifolium), *trevo* (trifolium), *xofrango* (ossifraga) *acabrunhar* (caput-pronare), *apear* (de a pé), *sambenito* (de sacco benito), *santelmo* (Sant'Ermo, Erasmo), *mariposa* (man y posa), *averiguar* (verum collare), *corucheu* (fr. courechief, toucado), *vesgo* (bisoculus), *petipé* (fr. petit pied), *apaniguar* (panis+agua), *potassa* (pot-ashes), etc. || Outra alluviaõ de compostos entrou na lingua portugueza por intermedio das linguas semiticas, nomeadamente pelo arabe. Exemplos: *azar*, *az zahr*, dado de jogar; *azarcão*, *azzirai eür*, cõr aurea; *bemjoim*, *laban Javuin*, incenso de Java; *masmorra*, *mats-mora*,

COMPOSTOS — COMPREHENSÃO

cova subterrea; hosanna, *hosah-ná*, salve, Hebr.; alleluia, *Hal-lelu-Iah*, louvae a Dens H.; *pataca*, *abú-taka*, o pae da janella. É de interesse lêr-se em Max Müller a explicação da etymologia de *pataca*. Veio através do arabe o vocabulo *julepo*, do persa *jul-ab* (agua de rosas). Os compostos mexicanos são numerosissimos. A lingua americana deu-nos *chocolate*, de *kalah huatl*. || Agora é tempo de analysar uma nova concepção dos compostos. As desviações morphicas e phonicas produzidas pela inconsciencia popular constituem phenomenos teratologicos, de que ensaiaremos algumas explicações. *Tiágo*, nome proprio. A fórma correcta seria *Iago*, por isso que o *t* é um vestigio do composto Sant'Iago. A razão da permanencia do *t* explica-se pela existencia do qualificativo abreviado *San*, que obliterou a letra final que lhe pertencia. — *Tamarindo* e não *tamarinho*. Essa suffixação anormal explica-se, visto como a palavra é um composto introduzido no occidente. *Tamarah-Híndi*. — *Tramontana*. A palavra é italica e é o designativo da estrella polar que, para os pilotos genoveses e venezianos, os primeiros da idade média, brilhava além da linha orographica central da Europa. *Tramontana* extensivamente começou a designar o norte; d'ali a expressão: *perder a tramontana*. A fórma portugueza, se existisse, seria *traz-montana*. — *Oboé* é uma maneira orthographica de *haut bois*. Como se sabe, no francez, antes de Vol-

taire, a orthographia de *oi e ai* não estava fixada. — *Contradança*, mais correcto seria *contredança*, A fórma primitiva é *country-dance* no inglez, *dança do paiz*. — *Santafolha*, de *centifolium*; a fórma *santa* foi devida á influencia de alguma virtude da planta. — *Mono* (bugio), der. do feminino *mona*, contracção de *madona*. Designação italiana (Sayce). — *Anspeçada* veio pelo francez *anspeçade*, do italiano *lancia spezzata*. O *l* caiu naturalmente por se ter supposto um artigo no francez. — *João Barba* e *jambarba*. A palavra procede de *jovisbarba*. O povo não fez mais do que assimilar-a a typos vernaculos. *Santarém* (cidade). É conhecida a corrupção dos nomes proprios e as deformações que soffrem. *Santarém* deriva de *Sant'Hirenia*, da mesma fórma que *Sant'lhana* origina-se de *Sancta Julianna*. *Malvaisco*. Chegamos a um caso digno de interesse. No francez e portuguez, operou-se ali a inversão dos elementos formativos: *hibiscus malva*, guimauve; *malva hibiscus*, malvaisco. A razão é talvez a de no portuguez o elemento *malva* por anterioridade preceder outros compostos, como *malva-maçã*, etc. A nossa conjectura funda-se em exemplos similares. *Pundonor*, composto de *pun-d'onor*, no fr. *point d'honneur*.

Compreensão.—Termo de logica. A comprehensão do vocabulo resulta da extensão, e está em proporção inversa d'esta. Quanto maior fôr a extensão do



vocabulo, menor é a sua comprehensão. Assim, *animal* é mais comprehensivo do que *ser*; porque este, mais extenso, applica-se a maior numero de cousas. *Cavallo* é mais comprehensivo do que *animal*; *Incitatus* (nome do cavallo de Caligula) é mais comprehensivo do que *cavallo*. *Astro* é um nome obscuro, pouco comprehensivo por ter muita extensão, isto é, applicar-se a varios seres; *lua* é menos extenso e por conseguinte de maior comprehensão.

Concani.—Lingua da India, pouco divergente do Maratha, e dialecto do hindi, da familia arjana. Hoje está muito misturada de portuguez, do qual recebeu notoria influencia. Na região do concani, a lingua escripta é preferidamente o portuguez. A palavra *pitereiro*, já notada por Thomaz Ribeiro, talvez se ligue ao *pitú* (beber), do concani (cf. l. *potare*). As palavras portuguezas adoptadas no concani soffreram modificações prosodicas importantes: boião, boyanva; christão, cristanva; colhér, colhéra; leilão, leilanva; tabaco, tabacú. No concani encontram-se varios radicaes do aryaco occidental: *tappy*, diminutivo de *tappata*, bofetada, tapa cf.

Conclusivas. — Vide *Conjunções*.

Concordancia. — Relação logica ou material que existe entre as partes variaveis do dis-

curso (1). «Denomina-se concordancia a correspondencia de flexões, i. é, a maneira de relacionar as palavras umas com as outras, segundo as regras da syntaxe. Distinguem-se diversas concordancias: a do verbo com o sujeito, em numero e pessoa; a do adjectivo com o substantivo, a do sujeito com o attributo e a do relativo com o seu antecedente, em genero e numero; a da resposta com a pergunta e a dos nomes appostos ou continuados, em identidade de circumstancias ou relações. Estas relações de concordancia são indicadas ou pelas posições, ou pelas terminações das palavras que as exprimem. Exemplos das diversas concordancias: DO VERBO COM O SUJEITO: — *o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens diferentes*. Veja *Sujeito*. Quando o colectivo geral é seguido de um substantivo no plural que determina o sentido, e ao qual está ligado pela preposição *de*, estando este plural comprehendido no singular, como a especie no genero, o adjectivo e o verbo concordam com o colectivo, e não com o substantivo do plural; exemplo: *o exercito dos infieis foi derrotado; a junta dos medicos approvou o relatorio*. Quando o colectivo geral vem só, ou seguido de um substan-

(1) Sendo objecto de mais demorada consideração, aconselho ao leitor que leia o que escrevi na ultima ed. da *Grammatica portugueza* (Curso Superior).

CONCORDANCIA

tivo no singular, o adjectivo e o verbo podem conecordar com o colectivo no singular, ou conecordar no plural com todos os individuos comprehendidos na collecção. Exemplos: *havia conecorruido muita gente que parecia pobre ou pareciam pobres. Começou a quebrantar o povo, com diversos gravames, tirando-lhe as fortunas, para melhor o dominar tímidos e sujeitos. A maior parte d'esta misera gente dorme ou dormem no chão. Ditosa gente que não é maltratada ou que não são maltratados de ciúmes. É gente cega* (1), *nem a estimo ou os estimo. nem serve ou servem para cousa alguma.* Quando o colectivo partitivo do singular é seguido d'um substitivo no plural, ao qual está ligado pela preposição *de*, achando-se o singular comprehendido no plural, como a parte no todo, o adjectivo e o verbo devem ir ao plural. Exemplo: *estavam juntos alli uma infinidade de homens; uma multidão de fogueiras, que de continuo ardiam, allumiam a fumaça da pólvora.*

CONCORDANCIA DO ADJECTIVO COM O SUBSTANTIVO: — *os passatempos não de ser raros, honestos e tão comedidos que a temperada* (2) *musica da honesta vida se não des-temperare.* Mas quando os pronomes *nós, vós*, só representarem uma pessoa, o adjectivo colloca-se no singular. Exemplos: *meu filho,*

(1) Povo ignorante, sem conta nem respeito.

(2) A regra é applicavel ao artigo, e ao particípio quando variavel.

vós sereis estimado, se fordes instruido. Nós abaixo assignado, director da alfandega de... etc. Quando se emprega *vós* falando a uma só pessoa, segue-se a mesma regra. Exemplos: *vós sois um verdadeiro amigo. Vós ficastes abandonada.* Mas é raro empregar-se este pronome na conversação ou no estylo epistolar: frequentemente se usa da 3.^a pessoa do singular, se falamos a uma só pessoa, e da 3.^a do plural, se a mais de uma, empregando, em vez do sujeito *vós*, o *sr.*, a *sr.^a*, os *sr.s.*, as *sr.^{as}*, *v. s.^a*, *v. s.^{as}*, *v. ex.^a*, *v. ex.^{as}* etc. Sendo o pronome *vós* complemento directo, emprega-se usualmente alguma das variações—*o, a, os, as*,—ou algum dos precedentes tratamentos—o *sr.*, a *sr.^a*, etc.; *v. g.: saia para que o não vejam. Nós a acompanharemos, minha senhora, ou—nós acompanharemos a sr.^a Retirem-se antes que os vejam, ou—que as vejam, ou—que vejam os sr.s., as sr.^{as}, a v. s.^a, a v. ex.^a* Sendo complemento terminativo, emprega-se alguma das variações—*lhe, lhes*—pelos ditos tratamentos, ou estes, regidos da preposição *a*; *v. g.: digo-lhe ou digo-lhes com franqueza...* *O que lhes digo é verdade, ou—o que digo aos sr.s., a v. s.^{as}, a v. ex.^{as}, é verdade.* Nos tempos compostos dos verbos, auxiliados pelos irregulares—*ter* ou *haver*, é o particípio invariavel, quer o verbo esteja na voz activa, ou seja pronominal: *v. g.: os livros que tenho (ou hei) lido; as casas que tu tens (ou has) comprado; se ellas houvessem (ou ti-*



CONCORDANCIA

vessem) *pensado*; *se nós nos tivéssemos* (ou nos houvessemos) *lembrado*, etc. Mas, se aos auxiliares *ter* ou *haver* se seguir o particípio *sido*, a voz é passiva, e então o particípio perfeito concordará com o sujeito da oração; v. g.: *elle tem sido estimado*; *ellas têm sido muito estimadas*. Se concorrerem dois ou mais substantivos do singular e de genero differente, o adjectivo concordará com elles no plural e na fórma do genero masculino. Exemplos: *o marido e a mulher ambos são generosos*; *um dia e uma noite eram passados*. *Notou o arcebispo que o manto e a roupeta que* (o clerigo) *trazia, além de rotos, estavam no ultimo fio de velhos e gastados*. Quando um adjectivo se refere a muitos substantivos do mesmo genero e numero, concorda em genero, mas vae ao plural; v. g.: *pae e filho honrados*; *mãe e filha formosas*. Sendo, porém, os substantivos de significação semelhante, o adjectivo concorda com o ultimo; exemplo: *não nas bonanças mas na adversidade se conhece o amor e a amizade verdadeira, ou a amizade e o amor verdadeiro*. Se concorrerem muitos substantivos do plural e de genero differente, o adjectivo concordará com o mais proximo; exemplo: *seus temores e esperanças eram vãs*, ou *eram vãos seus temores e esperanças*. *Paris tem bonitas ruas e passeios*; *vimos casas e palacios derrubados*. Algumas vezes, comtudo, o adjectivo ou o particípio concorda no plural com o substantivo mais afastado, como no exem-

plo seguinte: *os moveis, e não as casas, foram penhorados pelo credor*; porque, neste caso, o substantivo mais proximo do particípio é excluído da affirmacão pela particula negativa—*não*. Se concorrer um substantivo do plural com outro do singular, o adjectivo, em regra, concordará com o do plural; exemplo: *as fazendas e o dinheiro eram muitas*. *Não são nossos poderes e liberdade tão limitados*. Encontram-se nos classicos excepções a esta regra; v. g.: *era muito o dinheiro e as fazendas*; acaso porque deva concordar o adjectivo com o substantivo mais proximo, se na collocação os precede. Nem sempre têm os classicos observado esta regra; é portanto melhor, para satisfazer á euphonia, evitar a reunião de substantivos de genero e de numero differentes, ou dar a cada um seu adjectivo particular; v. g.: *os dinheiros eram avultados e a fazenda muita*; ou antes empregar um adjectivo uniforme para que este possa concordar simultaneamente com os dois substantivos; v. g.: *as fazendas e o dinheiro eram importantes, consideraveis*. *Lições, discursos e conferencias breves*. Quando os adjectivos ou os particípios precedem os substantivos *Majestade, Alteza, Eminencia, Excellencia, Senhoria, Mercê*, etc., concordam com estas palavras em genero e numero, v. g.: *sua* ou *vossa Alteza, suas* ou *vossas Altezas*; *vossa real Majestade*; mas se os substantivos forem seguidos de adjectivos, de pronomes ou de particípios, estes concor-

CONCORDANCIA — CONDICIONAL

dam em genero e numero, não com estes substantivos, mas com a pessoa ou as pessoas a quem se dá estes titulos; v. g.: *vossa Alteza é caritativo*, se é a um homem que se fala, *caritativa*, se é a uma senhora; *vossa Eminencia está convencido*; *vossa Mercê* (1) *é honrado* ou *honrada*, segundo o sexo da pessoa a quem se fala. Com o nome *pessoa*, o adjectivo e o particípio collocam-se sempre na fórma feminina, qualquer que seja o sexo a que pertença; v. g.: *este sujeito é pessoa minha conhecida*; *é pessoa muito estimada esse funcionario*. CONCORDANCIA DO SUJEITO COM O SEU ADJECTIVO ATTRIBUTIVO fóra dos casos referidos: — *o máo exemplo é contagioso*; *toda a affectação é ridicula*; *os bons amigos são raros*; *as grandes dôres são mudas*. CONCORDANCIA DO RELATIVO COM O SEU ANTECEDENTE — *falci com o sujeito, o qual (sujeito) me disse ser aquella a voz, que (a qual voz) nós ouviamos*. CONCORDANCIA DA RESPOSTA COM A PERGUNTA — *d'onde vens? de Lisboa*; *a quem serves? a Deus*; *com que contas? com a sua clemencia*; *porque a estimas? porque é virtuosa*. CONCORDANCIA DOS APPOSTOS OU CONTINUADOS: — *a idéa, esse verbo creador*; *enprestimos, ruina dos Estados*; *Sara, mulher de Abrahão*... Diz-se de *concordancia* a syntaxe que ensina a conformar as terminações dos

(1) Por abreviatura ou corrupção das duas palavras, dizem alguns *Vocemecê*.

adjectivos com o genero e numero de seus substantivos, e as terminações dos verbos com o numero e pessoa de seus sujeitos.» (Do *Escolhiaste portuguez*).

Concordantes. — Dizem-se as palavras cuja relação de identidade mostra que as idéas, expressas por umas, se harmonizam com as que outras significam; esta relação é mais ou menos evidenciada pelas *terminações* e pelas *posições*. São concordantes o *adjectivo* com o *substantivo*; o *verbo* e o *attributo* com o *sujeito*; o *relativo* com o seu *antecedente*; os *apostos* ou *continuados* com os nomes a que se appõem, etc.

Concordar. — Diz-se em grammatica todas as vezes que, compondo ou analysando qualquer oração, periodo ou discurso, attendemos á disposição terminativa das palavras variaveis, subordinando-as ás regras harmonicas da concordancia e da regencia. Veja estes artigos.

Concreto, a. — Em opposição á palavra *abstracto*, diz-se *concreta* a qualidade considerada num sujeito. A avareza em *concreto*, isto é, unida ao sujeito, vale tanto como o *avarento*.

Condicional. — Modo que exprime condição dependente de qualquer clausula. A flexão do condicional não a possuía o latim; é original das linguas romanas e produziu-se pela agglutinação do verbo *haber*:

Amar-ia, por *amar-havia*, *amare habebat*. Os elementos componentes ainda se desagregam no caso da tmesse: far-te-ia, amar-nos-iam. A função do *condicional* pôde ainda ser exercida por dous tempos do indicativo. 1º Pelo *mais que perfeito*: Eu o *applaudira*, ainda quando não merecesse. 2º Pelo *imperfeito*: Eu, em tal caso, *escrevia* assim. Essa translação é a mais popular e a que, portanto, tende a substituir os outros empregos. A translação do *mais que perfeito* é usual nas linguas romanas, maxime no eastelhano. O portuguez é a unica lingua que conserva o emprego etymologicio puro do *mais que perfeito*.

Condicionaes.—Vide *Conjunção*.

Conjugação.—Vide *Verbo*.

Conjunção.—Categoria em que se classificam as palavras que mostram relações existentes entre juizos ou *proposições*; v. g., entre existir e soffrer pôde haver relações varias: Soffro, *logo* existo; soffro *e* existo; soffro, *por consequente* existo; soffro, *mas* existo; soffro, *porque* penso *e* existo, etc. Todas as palavras podem mudar de categoria; o adjectivo, v. gr., *pobre* pôde empregar-se como substantivo, etc. A conjunção *e* pôde ter e tem effectivamente o valor de preposição nas sentenças *irreductiveis* (V. *Proposições*): dous *e* dous são quatro (dous com dous, dous mais dous). Nesse caso é uma simples preposição. Locução

CONJUNCTIVA é a conjunção composta de mais de um vocabulo: *ainda que*, *contanto que*, *por consequente*. A fórma em mente: *consequentemente*, é verdadeira conjunção. TAXINOMIA. As conjunções classificam-se em dous grupos ou classes: 1ª CLASSE. Abrange os nexos de coordenação das proposições: *e*, *tambem*, *ou*, *nem*, *outrosim*, *ora*, *pois*, *ou*, *quer*, *seja*, *como*, *mas*, *porém*, *todavia*, *já*, *logo*. Subclassificam-se conforme o emprego e sentido: *copulativas*: *e*, *tambem*; *adversativas*: *mas*, *porém*, *todavia*; *conclusivas*: *logo*, *por consequente*, etc.; *disjunctivas*: *nem*, *ou*, *ora*. 2ª CLASSE. Abrange propriamente os nexos de subordinação: *condicionaes*: *se*, *contanto que*; *concessivas*: *quer*, *embora*; *temporales*: *e* como, quando, antes que; *causales*: *porque*, *como*, *que*, etc.; *integrantes*: *que*, *como*, *si* (Julio Ribeiro). Cumpre notar que as sub-classificações das conjunções em *conclusivas*, *causales*, etc., são puramente enganosas, e escapam á rigorosa delimitação, pois que essas particulas não possuem rigor de sentido, e têm o caracter de nexos formaes, elementares, sem conceito fixo, sempre dependente do emprego e do arbitrio do uso, no discurso. MORPHOL. E ETYMOL.—E, *et*; se, *si*; mas, *magis*; porém, ant. por ende, *pro inde*; nem, *nec*; como, de *quomodo* e *cum*, ant. port. *cume*; que, *quam* e *qui*; senão, *si*, *non* (*nisi*); ou, *aut*; já, *jam*. São desviações: *quer*, de *querer*; *vel*, de *volo*; *seja*, do verbo *ser*; *ora*, do

CONJUNÇÃO — CONSOANTES

substantivo *hora*; logo, do subst. *loco*. São compostas: todavia, *tota vice*; embora, *in bona hora*; porém, já citada; e as que se formaram sobre elementos modernos: *tam-bem*, *outrosim*, *por-que*, *por-quanto*, *se-não*, etc. A conjunção, fundamentalmente, funciona como verbo e exprime um conceito atrophiado. As terminações latinas em *t*: *et*, *aut*, *sit*, e as fórmulas verbales *seja*, *quer*, etc., indicam a natureza íntima d'essa categoria de vocabulos. Os archaismos entre as conjunções não são muito abundantes: qua e car, de *quare*; maçar, maguar, máo grado; *cume*, por como; por onde, però, *per hoc*. A fórmula aglutinada *nangeu*, nan-geu, nem já eu, é de G. Vicente. Reinhardtstœtner cita a fórmula *téque*, por *até que*; é popular e antiga.

Conjunctivos. — Vide *Determinativos*.

Connectivo. — Termo pouco usual. Palavra de relação entre as proposições. Vide *Proposições*.

Consoantes. — As theorias sobre a classificação das consoantes são em tão grande numero, que apenas aqui daremos o resumo das mais notaveis. Gerdy, deixando de parte as consoantes compostas (grupos, como *bl*, *br*, *pl*, etc.) classifica as articulações simples nos grupos seguintes: 1º genero. — *Labiaes*. Consoantes perfectas, *p* e *b*. Resultam da oclusão e separação subita dos labios. 2º genero. — *Dento-labiaes*: *v* e *f*. Contacto dos dentes e do

labio inferior. O grupo *ph* tambem representa esse contacto. 3º genero. — *id* (1). 4º genero. — *Linguaes anteriores sibilantes*: *z*, *j*, *x* e *ch* brando. 5º genero. — *Linguaes anteriores mudas*: *l*, *r*, *d*, *t*. 6º genero. — *Linguaes*: *g*, *q*, *k*, *ch* forte. 7º genero. — (*Gutturales*) (2) 8º genero. — *Consoantes nasales*: *m*, *n*, duas letras cuja relação é equivalente á de *bd*, ou segundo a sua formula $\frac{m}{n} = \frac{b}{d}$; e, segundo a expressão do proprio Gerdy, *m* e *n* são as mesmas *b* e *d* produzindo-se pelo nariz; tapando-se o nariz, a palavra *mandar* sãa *bandar*. 9º genero. — *Aspiração*. II franceez. (3) A theoría de Müller é assas differente e baseia-se no duplo facto do *ruido* (voz baixa) e da *intonação* (voz declamada). Na voz alta, o caracter das letras modifica-se, e o valor *explosivo* sobreexcede ao *fricativo* (4). Eis o systema de

(1) O 3º genero não tem representante no portuguez. Comprehende o *c* e *z* hespanhoes.

(2) Gerdy chama *linguaes* (6º genero) as consoantes ordinarias conhecidas por *gutturales*, e dá o nome de *gutturales* apenas aos sons formados no fundo da garganta, como o *j* hespanhol e o *ch* allemão. Nesse sentido, o portuguez não possui *guttural* alguma.

(3) Esse genero não tem representante no portuguez.

(4) Na voz baixa, como diz a onomatopéa *coxixar*, os valores predominantes e mais audiveis são os sons *continuos* (fricativos) *ch*, *z*, *j*, *x*, *ss*, *v*, *f*. As *explosivas* (mudas) quasi não se articulam (*p*, *b*, *k*, *gh*). Na voz alta, só o systema das vogaes não muda ao passar para a declamação em voz alta.

CONSOANTES — CONSTRUÇÃO

Müller : I. *Explosivas* (mudas na voz alta)—Momentaneas: *b, p, d, g, a, k* (c, ch, qu). Depois d'essas consoantes pronunciadas é que se recebe a intonação. II. *Fricativas* (sempre claras na voz baixa)—Continuas: *s, j, ss, z* (*ch, x, ch, f, v*). As letras limitrophes são *lh, nh*. Podem-se produzir sem intonação. Os quadros de Waisse são mais completos e pouco differem das duas classificações precedentes, e parecem ser uma fusão dos planos de Gerdy e de J. Müller. Damol-os em seguida : I. CONSOANTES *instantaneas* (MUDAS, EXPLOSIVAS) :

Denomi- nações	Fortes		Fracas (doees, brandas)	
	ou surdas		<i>Oraes</i>	<i>Nasacs</i>
Labiaes	p	b	m	
Palataes	t	d	n	
Gutturaeas	k	g	nh	

N. B.—Um symbolo pôde corresponder a varios signaes alphabeticos. Assim, a letra *k* representa *c* forte, *ch* grego e *qu* (da palavra *quente*). II. CONSOANTES *prolongadas* (CONTINUAS):

Denomina- ções	Fortes		Fracas	
			(Total <i>oraes</i>)	
Labial	—	—	u	
Dento-labiaes	f	v		
Linguo-labial	—	—	u	
Dento-linguaeas	s	z		
Antero-linguaeas	ch	j		
Medio-lingual	—	y		
Latero-lingual	—	l		
Tremulo-lingual	—	r		

N. B.—O portuguez não possui as consoantes labial *u* e a medio-lingual *y* (moyen). Comtudo, no dialecto brasileiro, em vocabulos vindos do tupi, o

u com valor de consoante nota-se em expressões como *uatú* = *guatá* (*ao atú*), *uêra* = *guêra* (Anhanguêra, etc).

Consonantismo. — Nome dado ao conjuncto dos factos referentes á phonologia das consoantes e dos seus vezpos. Neste livro, tratamos analyticamente de todas as permutas, abrandamentos, etc., das letras e grupos nos logares determinados pela ordem alphabetica. Consonantismo, ou melhor, *consonantisação*, exprime o facto notado, ainda que raras vezes, do reforço maximo de vogal em consoante; taes são os exemplos do *u* para *v*, e do *i* para *j* (especialmente do *i* palatal: *Hierulasem*, Jerusalém; *Hierarchia*, jerarchia; e do *u*=*v*: *coue* (caulis) eouve: *lgar*, louar (*laudare*) louvar, etc. É o opposto de *vocalisação*.

Construção.—«É a ordem de collocação das palavras. A construção pôde ser diversa e a syntaxe a mesma; e o portuguez conservou certa liberdade no arranjo syntaetico das palavras, que é uma das suas muitas excellencias. O caracter analytico da lingua manda todavia obediencia á regra seguinte—1º sujeito, 2º verbo, 3º attributo e seu complemento, etc. É essa a *ordem* ou construção ehamada *directa*, analytica, logica. A construção, além de *directa* (quando as palavras e proposições seguem a ordem da sua subordinação), pôde ser *inversa* (ou indirecta) e *interpolada*. A con-



CONSTRUÇÃO — CONTRA

strução inversa dá muitas vezes mais harmonia á phrase, gravidade ao estylo, mais realce e apuro, energia e clareza ao discurso. Na interpolada, as palavras que entre si têm relação intima e necessaria, vêm separadas por outras que se lhes mettem de permeio. É mais usada em poesia, e d'ella muitos exemplos se encontram nos *Lusiadas*, não só de interpoações entre o sujeito e o predicado, mas entre o verbo e o attributo, o substantivo e o adverbio, etc. Sobre as regras da collocação dos substantivos e adjectivos, participios e auxiliares, attributos do regimen, dos pronomes pessoaes, das palavras relativas a cada um dos termos da proposição (sujeito, verbo, regimen e complemento), vide Pacheco Junior. — *Gramm. portugueza*. Sobre a construcção inversa, porém, é difficil estabelecer regras seguras para os diversos casos; mais acertadamente aconselharei a leitura dos bons classicos e auctores de melhor nota. — Dá-se mais a deslocação do accento tonico por influencia erudita, imparisyllabismo latino, composição, enclise, derivações dialectaes. A analogia deslocou o accento em crescido numero de fórmias verbaes (*V. Verbos*). — Os suffixos originarios atonos tornam-se tonicos em vocabulos de nova formação. As fórmias homonymas distinguem-se muitas vezes pelo accento, deixando de ser homophonas (*vínculo, vinculo*).» (P. J.)

Contemporaneo (periodo).

DICC. GRAMM.

— O periodo contemporaneo da lingua mantém a disciplina classica que fixou as normas grammaticaes do portuguez. No entanto a lingua não estacionou: o periodo contemporaneo tem a sua orthographia propria, mais etymologica e arazoada que a dos classicos, por effeito da cultura philologica (escrevem-se hoje *postumo* e não *posthumo*; rei, lei e não *rey, ley*; é, um, teor, e não *he, hum, theor*, etc.) Na syntaxe, o estylo contemporaneo caracteriza-se pela frequencia da ordem *analytica*, tendo quasi desprezado as ousadas e antigas inversões da syntaxe classica. No vocabulario, o facto capital é a introdução inevitavel de gallicismos — *proposita, inabalavel, audacioso, pretencioso*, etc., que ja se não podem talvez expurgar da lingua. A necessidade do progresso impoz milhares de neologismos: *cra-neometria, antropologia, sociologia, photographia, brachycephalo, aryano, indo-europeu, mythographia, telephone, chromo, oleographia*; etc., etudo o mais que representa na expressão e na linguagem a actividade mental e artistica do seculo XIX. Taes são as differenciações que experimentou o portuguez neste seculo.

Contra (preposição). — Prefixo latino *contra*, derivado de *cum*, no superlativo archaico *conter*, caso obliquo *contra*. Tem as fórmias *contra* e *contro*, p. ex.: *contradizer* e *controverter*. Apparece em contraste (*stare, estar*);



contradança (de *country*), fr. *contrée*, derivado do l. barbaro *contrata*, região, por influência do espirito germanico (*gegend*, de *gegen*, contra).

Contractação. — Nome geral dado ao encurtamento de sons, fórmãs e proposições. Vide *Contractas* (fórmãs e proposições) *syncope*, *apherese*, *apocope*.

Contracta (proposição). — É o juízo que pela analyse póde resolver-se em dous ou mais: Julio e Antonio estudam — Julio estuda, Antonio estuda. Os caracteres das proposições contractas estão designados no artigo *Proposições*.

Contractas (fórmãs). — *Cem*, por *cento*; *são*, por *santo*; *frei*, por *freire*; *mui*, por *muito*, etc. || Vide *Integras* (fórmãs).

Conversibilidade. — Vide *Locução*, *Equivalencia*.

Coordenação. — Nome que designa a juxtaposição de proposições de sentido completo no discurso. A *coordenação* diz-se *syndetica*, quando é feita por meio de conjuncção ou nexa. Ex: Deus creou o mundo em seis dias e descansou no setimo. A *coordenação* chama-se *asyndetica* quando não tem nexa: *chegou, partiu. Ama o estudo; detesta a preguiça*. De modo mais extensivo, o termo coordenação póde applicar-se a proposições subordinadas ou *clausulas*, quando estas exercem a mesma função: Ordenou *que viessem e não demorassem*.

Coordenadas (sentenças). — São as compostas em relação de coordenação. Estão neste caso as sentenças que, de igual categoria, e por meio de simples juxtaposição ou de conjuncções connectivas, concorrem para a formação do período composto. São sempre principaes as proposições que concorrem para a formação de uma composta coordenada. As proposições coordenadas são *syndeticas* ou *asyndeticas*, e quanto á natureza dos seus connectivos, dividem-se em *copulativas*, *adversativas*, *disjunctivas* e *conclusivas*. — Substitua-se por *COMPOSIÇÃO*. (P. J.)

Coordenativas. — Vide *Conjuncções*.

Correlativas. — «Assim denominadas as conjuncções, que denotam relação commum e reciproca; taes são: *que* ou *do que*, depois de *-mais*, *menos* (invariáveis); *maior*, *menor*, *tal*, *tanto* (variáveis); *como*, *quão* (invariáveis) e *quanto* (variável), depois de *-tão* (invariável) e *tanto* (variável); *qual* (variável), depois de *-tal* (variável), etc; e as locuções — *não só... mas também*; *como... assim*; *assim como... assim também*; *tanto mais... tanto menos* ou *quanto menos*; *primeiro que*, etc. Também dizemos: *quanto mais... tanto mais*; *quanto menos... tanto menos*; ou *quanto mais... tanto menos*; *quanto menos... tanto mais*; v. g.: *quanto mais eu examinava, tanto mais crescia a minha admiração*; *quanto mais o*



CORRELATIVAS — CT.

veja, tanto menos o estimo; quanto menos fácil é a tarefa, tanto mais meritorio é o trabalho. Podemos supprimir *tanto* no segundo membro da phrase; v. g.: *quanto mais o vejo, menos o estimo; quanto menos fácil é a tarefa, mais meritorio é o trabalho.* *Tanto* pôde ser collocado no primeiro membro da phrase e *quanto* no segundo; v. g.: *tanto mais eu examinava, quanto mais crescia a minha admiração* Depois de *mais*, *menos*, exprimindo comparação, deve seguir-se *do que*, quando o 2º membro correlativo é seguido de um pronome ou de um verbo; v. g.: *é mais idoso do que tu; aquelle é maior do que este; é mais instruido (ou menos) do que parece.* Todavia algumas excepções havemos de admitir, quando assim o exija a harmonia do discurso; preferimos dizer: *não ha caminho mais seguro para a felicidade que o da virtude*, a dizer — ... *do que o da virtude.* Tambem se diz *correlativa* a oração composta de duas orações, exprimindo a relação de igualdade entre dois objectos, e conhece-se pelas diversas palavras correlativas. Exemplo: *assim como na puericia as virtudes parecem mais formosas, assim na ancianidade os vícios parecem mais feios. Quanto se põe no superfluo, tanto se tira do necessario. É tão grande o peso dos cuidados da publica administração, que pedem o concurso de todos.* Em duas orações correlativas, ligadas entre si pelas conjuncções ou palavras conjunctivas, a 2ª é integrante da 1ª. As proposições *correlativas*

chamam-se tambem *absolutas* ou *parciaes*. O conjuncto das proposições correlativas ou parciaes forma o periodó. Tambem ha quem lhes dê o nome de *correlatas.*» *Esc. Port.*

Cr. — Grupo. Transforma-se em *gr*: *vinagre, vin'acrem; alegre, alacrem.* No portuguez pôde ter sido o effeito de metathese: *crestar, castrar.* A aspereza do grupo *cr* foi bastantes vezes evitada pela metathese ou syncope: *costro, crustrum, colostro; quebrar, crepare; queimar, cremare; corbo, por cobro (Eluc. Vit.).*

Cs. — Grupo prosodico, equivalente a *cc, x*, do latim puro. O *x* do latim tem esse valor exacto nas fórmãs eruditas: *nexo, (nekso) nexum.* Abrandou em *eis, is, ech, eich*: exemplo, eizemplo, *exemptum*; exame, eizame *examen*; da orthographia archaica constam especimens como *eirecutor, eizeção, etc.*, que apresentam a prosodia gallega actual; varias palavras de uso actual assim permanecem: *madeixa, metaxum; freixo, fraxinum; seixo, saxum; frouxo, fluxum.* A assimilação exemplifica-se com *anciar (anssiar, anxear); tecer, tesser, texere; disse, dire.*

Ct. — Grupo consonantal. Conservado nas palavras eruditas: *facto, factum; directo, directum.* Dissolvido nas creações populares: *feito, direito, geito, jactum, fruido, fructum.* As vezes dá-se a assimilação em *tt* ou *t* unico: dito, *dictum*; tratar, *tractare.* A dissolução em *u* é mais rara, mas

tem exemplos principalmente antigos: douto, *doctum*, doutor; pauto, *pactum*; auto, *actum*; ativo, *activum*; trauto, *tractum*. A transformação em *ch* é própria do castelhano, e indica a influencia d'essa lingua: trecho, *tractum*; aducho (*El. de Vit.*) de *adductum*.

Cum.—Prefixo latino. Indica concomitancia. Fôrma *com* antes de *p, b, m*: *combater, compadre, comadre*. Assimilações: *col* antes de *l*: *col-lateral, col-laborar*; *con* antes de *n*: *con-nexo*, e antes de todas as consoantes, excepto *p, b, m*: *con-sanguineo, con-formar*; fôrma *cor* antes de *r*: *cor-relativo, cor-responder*. Fôrma *co* antes de vogal: *co-adoptar, co-agir, co-operar*. Às vezes, a fôrma *co* antecede consoantes: *coparticipar*, etc. Contém o prefixo *cum* as palavras *correcto, collega, combinar, cunhado* (co-gnatum), *conhecer* (co-gnoscere), *custar* (constare), *costume* (con-suetudinem), *conde* (comites, cum + ire), *condestavel* (comes stabuli), *contar* (computare), *conto* (computum), *coalhar* (co-agulare), etc. O prefixo grego correspondente é *syn*; e são palavras de identica formação logica: contemporaneo e *synchronico*; conspecto e *synopse*; co-ordenação e *syntaxe*; composição e *synthese*; consciencia e *sylogismo*. Nem sempre, está-se a ver, o vocabulo latino equivale ao grego.

D

D (letra latina). Soa sempre *d*.

—Consoante dental branda, ho-morganica da dental forte *t*. Como de ordinario as permutas se fazem por abrandamento, o *d* latino já sendo brando não se transformou. Degenerou raras vezes em *l* ou *r*: Gil, *Aegidium*; Madril, de *Madrid*; cigarra, *cicad'lam*. Nos grupos, o *l* é muito frequente: julgar, *judicare*; nalga, *naticam*. A transformação *d=l* já tinha exemplo nas transcripções latinas do grego: Ulisses, de *Oduseús*. Syncope: *cadere, cair*, etc.

D (letra portugueza). Resulta, maxime a inicial, do latino *d*: dedo, *digitum*. De ordinario representa, porém, o abrandamento do *t* que é tambem dental: azedo, *acetum*; medo, *metum*; madeira, *materiam* (materiem). Aparece por *g* em um exemplo archaico: *obridar*, *obligare* (*Ev. Vit.*), e por *l* em deixar, *leixar* ant. (*laxare*, deixar, talvez de *délaxare*); escada, *scalam* ou *scalamdam* (escada). Representava o abrandamento do *t* nas flexões verbaes archaicas: *amades* (amatis), *recebedes*, etc.; e esse daínda persiste em palavras curtas: *vinde, sêde, pondes, ledes*. O *d* como elemento euphónico apparecia nos grupos *nr*: *hondrar*, archaico, de *honorare*; *pindra*, de *pignoram*. || Facto notavel nas palavras oriundas do arabico, é o da intercalação do *l* no grupo *ld* exigido no portuguez: *a-l-deia, ad-dhai'a*; *arraba-l-de, ar-rabadh*; *a-l-drava, ad-adhabba*. (1)

(1) Dozy e Engelmann. — *Gloss. introd.*

DACTYLICO — DEFECTIVOS

Dactylico. — Vide *Esdruvulo*.

Dativo. — Caso que exprime attribuição ou referencia, proprio do latim. No portuguez é representado analyticamente pela preposição *a* ou *para*, ant. *pera*. Ex: deu um livro *a* Pedro. Cumpre mostrar que nem sempre a preposição é instrumento analytico do dativo, podendo representar o accusativo: matou *a* Cesar; *ao* rei obrigaram abandonar o throno; *ao* criado mandou sentar-se (mandou-o sentar-se) etc. O *dativus ethicus* da syntaxe latina permanece no uso dos pronomes: Que palavras *me* ouvistes? (Al. Herc. *Eurico*, XVII). (1) Na fórma *synthetica*, ha vestigios de dativo nos pronomes: *me* ant. *mi* (mihí), *te*, *ti* (tibi), *se*, *si* (sibi); as fórmas *me*, *mi*, *te*, *nos*, *vos*, são usadas com o valor *synthetico*: disse-*te* (a ti). O vestigio *the* refere-se ao lat. *illi*; no plural *thes*, dat. *illis*. Nos nomes, os vestigios do dativo são raros e apenas resumbram da composição dos termos, formados ou não no latim classico: devota, *deo* vota; á, a a; ó ant. *ao*; puramente latinos: crucificar, *cruci-figere* (*ficare*); fideicommisso, *fideicommissum*. (Guardia, *Gramm. lat.*) O dativo, genitivo e nominativo foram os primeiros casos que se perderam da declinação latina.

De. — Grupo latino, formado pela suppressão da vogal atona. Pejo, de *pedica*, *ped'ca*. No cas-

telhano antigo, como nota Reinhardtstœtner, existiu a fórma *miege*, de *medicus*.

De. — Prefixo latino, de formações em geral primitivas; denota direcção para diante, para baixo, separação: *declarar*, *dejecção*, *delegado*, *destruir*, *descer* (de-scendere, *scandere*, subir). Não confundir com o prefixo *di* e suas variantes *dis*, *dis*; nem tão pouco confundil-o com os dous elementos gregos *dis* e *dys*.

Declarativa. — Nome como o de *enunciativa* dado á proposição de verbo do modo indicativo.

Declinação. — Conjuncto de casos dos nomes, nas linguas que possuem essa especie de flexão. No latim existia a declinação e d'ella temos no portuguez alguns vestigios bem apreciaveis. Vide *Flexão*.

Defectivos. — Vocabulos a que por euphonia faltam algumas fórmas. A defectividade póde dar-se em qualquer categoria; os substantivos *abnegação*, *obsessão* são verbaes; mas não existem na lingua os verbos primitivos. O adjectivo *abalizado* tem uso diverso de *abalizar*, etc. Quando a *defectividade* do verbo resulta do character do sujeito, o verbo diz-se *unipessoal* (*V. Unip.*): *praz-me* caminhar, etc.; e esse estado póde ser apenas transitorio, como em *chove* e *troveja*, porque é certo que se póde dizer *choves*, *trovejas*, etc. Nos *defectivos* propriamente ditos

(1) Vide Reinhardst., *op. cit.* 301.



DEFECTIVOS — DEMONSTRATIVOS

é a euphonia que regula o uso de varias fórmas. Taes são: *precauer* (*præcavere*). Não é usado nas flexões *o* e *a*: *precauo*, *precaua*. *Colorir*. Não se diz *coloro*. *Soer*—(*solere*).—Flexões de uso: *soe*, *soes*, *soia*, *soen*, *soiam*. Têm sido usadas nos diversos periodos da lingua as fórmas *sóio* (D. Diniz), *soia*, e em Camões (*Lus. III, I*) *soendo*.—Verbos em *ir*. Muitos d'esses constituem a maior classe de defectivos puramente euphonicos: *abolir*, *revelir*, *munir*, *demolir*, *colorir*, *polir*, *delir*, *discernir*, *submergir* (não são usadas as fórmas: *abolo* ou *abulo*, *pulo*, *muno*, etc.). Alguns mudam a vogal do thema e têm exemplos de uso: *compellir*, *compillo*; *expellir*, *expillo*; *repellir*, *repillo*, etc. Os verbos em *olir*, *orir*, *pir* (*carpir*), *andir* (*brandir*), de nenhum modo se podem usar na primeira pessoa do presente. A *defectividade* de muitas das flexões nominaes é trabalho da euphonia ou da tendencia pejorativa quando a ha: tal é a perda dos femininos: *cidadoa*, *commua*, *allemôa*, etc. Na flexão de grão, a defectividade resulta da euphonia, quando os adjectivos têm terminações que não se adaptam ao suffixo de superlativo *issimo*; v. gr.: *sobrio*, *sobrissimo*, que não se usa. Por outra parte, os superlativos em *issimo* são quasi etymologicos, tirados directamente do latim: *sacratissimo* e não *sagradissimo*. Ha mesmo superlativos que no portuguez não possuem positivo: *uberrimo*. Na flexão de numero, a eupho-

nia oppõe-se á pluralisação em *s*, nos nomes que já terminam por essa letra: *simples*, *caes*, *alferes*, ainda que haja o exemplo *ouriveses*, de *ourives*. São tambem *defectivos*, em sentido opposto, os nomes que não têm singular: *alviçarras*, *arredores*, *arrhas*, *confins*, *esponsaes*, *matinas*, *trevas*, *vi-veres*.

Definitos.—Classe logica de determinativos que exprimem exactidão de referencia; v. gr.: *dous*, *todos*, *oito*, *o*, *a*, *nenhum*, *cento*, etc. Os *indefinitos* exprimem referencia sem exactidão quantitativa: *uns*, *poucos*, *alguns*, etc. A expressão tem sido, maxime uas grammaticas francezas, consagrada ao artigo e suas compostas variações.

Deka.—Elemento grego de composição. *Decametro*, dez metros. *Decada*, dezena. *Decameron* (*hêméra*, dia), dez dias. *Decagono*, dez angulos.

Demi.—Prefixo francez, do lat. *dimidium*. Encontra-se na palavra *demiçola*, tomada do francez. Existe tambem no inglez no vocabulo *demiçod*.

Demo, povo (dêmos — Elemento grego de composição. *Democracia*, governo pelo povo. *Demagogo* (*agô*, eu conduzo), o que guia o povo, favorece.

Demonstrativos. — Vocabulos que exercem função adjectiva e pronominal. Dividem-se em puros e conjunctivos. PUROS ou INDICATIVOS:



DEMONSTRATIVOS

Singular	Plural
<i>Este, esta</i>	<i>Estes, estas</i>
<i>Est'outro, est'outra</i>	<i>Est'outros, est'outras</i>
<i>Esse, essa</i>	<i>Esses, essas</i>
<i>Ess'outro, ess'outra</i>	<i>Ess'outros, ess'outras</i>
<i>Aquelle, aquella</i>	<i>Aquelles, aquellas</i>
<i>Aquell'outro, Aquell'outra</i>	<i>Aquell'outros, Aquell'outras</i>
<i>Mesmo, mesma</i>	<i>Mesmos, mesmas(1)</i>

E os pronomes invariáveis ou terceiras fórmãs — *Isto, Isso, Aquillo* e a variação *O*. A este grupo de invariáveis poderíamos ainda juntar certos vocabulos, quando substantivamente empregados ; taes como : *outro tanto, o mesmo*, etc. Exemplo : *Obedeci e elle fez outro tanto ; perdoei e elle fez o mesmo*. Estes demonstrativos restringem sempre a extensão do nome commum, limitando sua significação a uma parte dos individuos, aos quaes são applicaveis por si mesmos. Quando eu digo : — *estes homens, estes cavallos* — não falo da especie inteira dos homens ou dos cavallos, falo sómente de uma porção determinada d'esta especie. *Este, esta, isto*, indicam o objecto proximo de quem fala. *Esse, essa, isso*, proximo da pessoa com quem se fala. *Aquelle, aquella, aquillo*, longe de nós ou da pessoa com quem se fala. *Est'outro, ess'outro, aquell'outro*, etc., servem de designar um de dous objectos que occupam o mesmo logar. As fórmãs pronominaes—*isto, isso, aquillo*—tam-

(1) Com a significação de *proprio* ; porque na accepção de *igual* é qualificativo.

bem ás vezes se referem a pessoas, em bom ou máo sentido : *isto é uma joia ; isso é um bregeiro ; aquillo é um talento*. CONJUNCTIVOS OU DEMONSTRATIVOS RELATIVOS :

Singular	Plural
O qual, a qual	Os quaes, as quaes
Cujo, cuja	Cujos, cujas
Que	Invariáveis
Quem	

Servem estes demonstrativos de ligar as orações que por elles começam com a anterior, da qual ficam fazendo parte como incidentes, e ao mesmo tempo recordam os objectos a que se referem, pela sua antecedencia immediata ; por isto se dizem *conjunctivos*, e d'ahi lhes vem o nome mais geral ainda de relativos, pela sua referencia a uma cousa ou pessoa antecedente. Esta propriedade cabe aos demonstrativos *puros* quando recordam cousas ja ditas no discurso. **QUAL** é só variavel em numero, deve ser sempre precedido do artigo, e por isto se distingue do interrogativo *qual*, que nunca tem artigo—*qual é teu parecer ?* e do comparativo *qual*, que suppõe sempre antes de si o outro adjectivo comparativo *tal* — *Tal será a ventura de uma nação, qual o respeito pelas suas leis*. Póde ser substituído por *que* invariavel e servindo para todos os generose numeros ; e é só neste caso que o *que* é relativo, aliás é conjuncção. Exemplo : *O homem que (ou o qual) fez isto ; a mulher a qual (ou que) é admirada ; os livros que li ; as cartas as quaes te recommendam*, etc. **QUE** póde ser *explicativo* ou

DEMONSTRATIVOS

restrictivo. É *explicativo*, quando na idéa do substantivo, a que elle se refere, está implicita a affirmação da oração incidente, e então pôde ser substituído por — *por que* ; e se a oração fôr supprimida, não fica alterada a verdade nem o sentido. Exemplo : *o homem que é o rei da criação deve amar o Creador*; i. é, *o homem por que* (ou por isso que) é o rei da criação deve amar o Creador. É *restrictivo*, quando a affirmação da oração incidente é accessoria e não implicita na oração principal, e então pôde o *que* mudar-se em *se*, *quando*, etc. Mas, se a oração do *que* fôr eliminada, a verdade e o sentido ficam alterados. Exemplo : *o homem que amar os vícios não pôde ser estimado*. Todos estes demonstrativos conjunctivos podem servir de sujeitos nas orações parciaes incidentes. O *que* como sujeito d'orações incidentes é preferível a *qual*, se não causar ambiguidade pela sua qualidade invariavel, ou desharmonia por muito repetido; assim diremos: *Deus que creou tudo. Uma esposa cheia de prudencia e de juizo, é a razão que nos fala, o coração que nos guia*. Mas, em vez de se dizer: *a desobediencia dos Israelitas ás ordens de Deus, que é materia continua das queixas de Moysés* — *Certas flôres de que ninguém ha que desgoste*; substituiremos o *que* por a *qual*, no 1º exemplo, para evitar o equivoco da concordancia; e por *das quaes*, no 2º exemplo, para evitar a repetição monotona do *que*. Cujó vale o mesmo que — *de quem, do qual, da qual, dos quaes, das quaes*.

Ex.: *Deus cuja bondade é infinita*; i. é, *a bondade do qual*; *o homem cuja é esta casa*, i. é, *de quem esta casa é*; *a nação cuja fama encheu o mundo*, j. é, *a fama da qual nação*, etc. E por isso que o relativo *cujo* não admite antes de si preposição, excepto se depois d'elle vem algum substantivo com que coneeorde, e que sirva de eplemento á preposição, Exemplo : *João, de cuja casa venho, a cuja influencia devemos este resultado, por cujas diligencias obtivemos o despacho*, etc. D'onde se vê que os relativos *qual* e *que* concordam com o substantivo antecedente a que se referem, emquanto que o relativo *cujo* não concorda com o possuidor, mas com o objecto possuído, o qual objecto possuído sempre se lhe segue immediatamente, como se vê dos exemplos dados. **QUEM** é demonstrativo conjunctivo, quando é regido de preposição, e equivale a — *o qual* — Exemplo : *aquelle a quem* (ao qual) *sobra virtude*, sempre vence; mas se o demonstrativo *aquelle* variar de terminação, o pronome relativo terá por equivalentes as terminações respectivas — *aquelle... á qual*; *aquelles... aos quaes*; *aquellas... ás quaes*. *Que, quem* equivalem a *aquelle que, aquella que, a pessoa que, o que*, e tem referencia a pessoas ou a cousas personificadas, de que anteriormente se falou ou se fala immediatamente depois; exemplo : *foi elle que* (ou *quem*) *o contou*; ou — *quem o contou foi elle*. É *este um abençoado paiz a que* (ou *a quem*) *a natureza concedeu tão benigno clima*. *Que*

DEMONSTRATIVOS — DEPOENCIA

precedido do artigo e referindo-se a um sentido antecedente, equivale a — e isto. Exemplo: *sacrificou-se (o professor) dia e noite ao trabalho, o que (e isto) foi causa de chegar áquella posição.* O póde ser variavel ou invariavel. Suas variações — o, a, os, as — seguidas de que valem as correspondentes — *aquelle, aquella, aquellos, aquellas*, e podem servir de sujeito da oração principal. O (invariavel) equivale a — isto, isso, aquillo, ou ao substantivo *cousa* (essa cousa, essas cousas); póde ter referencia a uma oração, a uma phrase, a idéas, a acções, a assumptos de que já antes se tenha falado. Exemplo: *assim o diz Cicero. Todos os historiadores o affirmam. O que eu previa, realizou-se. Assim o achamos escripto. Soube-o tarde. Que se ergam para pelejarem batalhas tremendas, porque o serão por certo as que nos aguardam. Resolvido D. Duarte a entregar Ceuta pelo resgate do infante seu irmão, este jámais o consentiu* (que se entregasse Ceuta). Por estes exemplos se vê que o o demonstrativo se accommoda na oração, umas vezes como sujeito, outras como complemento, outras como attributo. MESMO precedido de artigo, exprime identidade physica ou moral de alguma cousa ou pessoa. Exemplo: *temos a mesma idade.* E pronome quando se emprega para evitar a repetição de uma phrase. Exemplo: *meu pae tem trabalhado muito, eu devo fazer o mesmo.* Aqui póde dizer-se—substantivamente empregado. Mesmo sem artigo emprega-se immediatamente de-

pois de qualquer demonstrativo, pronome, e até de alguns adverbios, para lhes augmentar a força. Exemplo: *eu mesmo vi; tu mesmo o fizeste; ali mesmo teve lugar.* Empregado adverbialmente em vez de até, *tambem*, é gallicismo que se póde escusar. Devem collocar-se os demonstrativos em regra antes dos substantivos que determinam; v. g.: *este homem, esta mulher*; todavia algumas vezes em phrases exclamativas ou emphaticas se altera a collocação, dizendo-se, por exemplo: *que homem este! que mulher esta!...* (*Escoliaste port.*)

Dentaes. — Consoantes produzidas pelo contacto dos dentes e da lingua, na sua articulação. Ha duas dentaes, a forte ou surda *t* e a branda ou sonora *d*. As permutas entre ambas constituem regra no corpo do vocabulo: *rotam*, roda. Outras consoantes que podem ser chamadas *dentaes* pela influencia, embora pequena, no orgão dos dentes na sua produção, são: *r*, *trillado*, e *n*, nasal, e *l*.

Depoencia. — Character das fórmãs verbaes do latim que na passiva tinham o significado da voz activa: v. gr: *moriór*, *consequor*, *loquor*, etc. No portuguez ha vestigios de depoentes apenas nos participios preteritos que indicam actividade: lido (*ledôr*), corrido (que correu), viajado (que viajou), calado, experimentado, atrevido, etc. Nas fórmãs passivas são de notar-se as suppressões do verbo *ser*, muito communs desde os tempos classicos, conforme

se acha documentado pelo Sr. Bellegarde no livro—*Lexicologia*, pag. 124: «Tu vês em que consiste já a grandeza —em abater o que merece *erguido* e em levantar toda a *baixeza*.» (Sec. XVI). A. Ferreira—*Carta. Liv. Class.* t. XII, 181. «Merece *lida* a noticia que o supracitado Damião Reis dá della.» (Sec. XIX.) A. F. Castilho. *Camões, II*, 233. Também é costume empregar a forma activa pela passiva: É de *notar*; é de *ver* (=notar-se, ver-se, ser notado, ser visto).

Derivação.— Vide *Neologismo*.

Derma, *dermatos*, pelle.— Elemento grego de composição. *Epiderme*, sobre a pelle. *Pachyderme*, pelle espessa.

Desaparição.—Quêda de letra no vocabulo. Tem, em casos especiaes, os nomes de *Apheresis*, *syncope*, *synalepha*, *ecthlypse*. No caso geral nota-se a desaparição de letras em duas occurrencias: 1. *Desaparição de consoante média isolada*: *le-galem*, *leal*; *me-d-ium*, *meio*; *are-n-am*, *areia*; *ra-d-ium*, *raio*. 2. *Desaparição da vogal atona* (sem accento): *del-i-catum*, *delgado*; *lib-e-rare*, *livrar*; *gen-erum*, *genro*; *cal-i-dum*, *caldo*. A desaparição pôde dar-se no vocabulo inteiro, e é o que se chama *Archaismo*.

Descriptivo (adjectivo).— Equivale a *qualificativo*: *bello*, *redondo*, *azul*, etc.

Desinencia.—Vide *Flexão* e *Suffixos*. A *desinencia* distingue-

se da terminação em ser d'esta um caso technico e particular. *Desinencia* é a terminação variavel das palavras: *am-ou*, *am-ar*, *ut-il*, *ut-eis*, etc. Terminação é a parte final de qualquer vocabulo variavel ou não.

Deslocação do accento, desvio do accento, ou diastole. Facto observado em varias circumstancias, e que constitue excepção ao principio geral das linguas romanas: a *persistencia do accento latino*. Na maioria dos casos, a excepção produziu-se pela interferencia de outras leis phoneticas que predominaram sobre aquelle principio acima enunciado. As interferencias mais notaveis foram-se nos seguintes casos: I. *O accento deslocou-se por analogia nas flexões verbaes*: 1. No imperfecto do indicativo, cujo typo *amáva* serviu de modelo a *amávamos*, por *amávamos* (*amabámus*). 2. No infinitivo, cujas desinencias *are*, *ere*, *ire* graves, tornaram grave a desinencia *ere* dactylica ou esdruxula: *cabere*, de *capere*, por *cápere*. Maxime pela confusão da 3.^a e 4.^a conjugações: *gemere* e *gemire*. II. *O accento deslocou-se por euphonia*: 1. Nos hiatos que se dissolveram: *lençol*, *linteolus*; *feijão*, *faseolus*. 2. Na occurrencia dos grupos fortes *tr*, *dr*, *br*: *trevas*, *tenebras*; *alegre*, *alacris*. Parece que a letra *l* attráhe o accento, como se vê em *trevo*, *trébol*, *trifolium*; *lençol* (*linteolus*), *rouxinol* (*tusciniola*), *bahú* (*bá-julus*), etc. III. *As palavras que possuem um thema*, de ordinario conservam o accento thematico.

DESLOCAÇÃO— DI, DIS

Por isso as formas *invoco*, *explico*, tornaram-se *invóco*, *explíco*, etc. Comtudo, nos escriptores primitivos deparam-se *considro*, *arço* (*considero*, *árdeo*). Fóra d'estas classes bastante explicitas, ha exemplos de deslocação produzidos por influencia do grego: *polco*, *polypo*; *praça*, *platéa*; *Isidro*, *Isidóro*; e outras deslocações de causa não observada: *dativa*, etc. (1) IV. Em nomes que foram derivados de verbo, ha a deslocação do accento: *réplica* (tirado da 3.ª pessoa do indieativo *replica*) *vénera*, *revérbero*. Mas não é regra, e é antes exeeção. Diz-se tambem *reverbero*. Em qualquer caso a accentuação é a do verbo latino real ou hypothetico. *Témpera* e *tempéra*; *escápula* e *escapúla* (mais preferido). V. A *homonymia* é causa de taes deslocações. Tambem o é a lieença poetica, e nos classicos se encontram as leituras epithéto, Cleopátra, Dário, Prótheo, impío.

Determinativos. — Designação geral applicada á classe de adjectivos que não são qualificativos. Os *determinativos* compõem-se de dous grupos assas distinctos: os *quantitativos* e os *relacionaes*. (2) Os *quantitativos* exprimem numero, exaeto ou não, e entre elles se ineluem os *numeraes cardéaes* (um, tres, vinte, meio, etc.) e os *distributivos* e *universaes* (todo, alguns, cada,

poueos, nenhum, etc.) Os *relacionaes* exprimem apenas demonstração, indicação (este, aquelle, etc.) do objecto e comprehendem as sub-classes de *Artigos* (o, a, um), os *numeraes ordinaes* (primeiro, decimo-nono) e os *adjectivos pronominaes* (este, aquelle, meü, nosso, etc.). 1. *Quantitativos* a) *Numeraes cardinaes* (numero certo); b) *Distributivos* (numero incerto); c) *Articulares* (indicação certa ou incerta). 2. *Relacionaes* d) *Adjectivos pronominaes*; e) *Numeraes ordinaes* (indicação certa). Essa classificação é de tão grande verdade logica, que parece não enencontrar objecção séria a vencer. Um unico defeito depende mesmo do rigor logico eom que foi estabelecida e é separar para grupos distinctos os *ordinaes* e os *cardinaes*, que nos grammaticos antigos e mesmo modernos sempre se ineluiram em uma divisão unica. Vide *Demonstrativos*.

Di, de, dis, des. Prefixo latino. — Negação e dispersão. *Desfazer*, *desleal*, *diluvio*, *divergir*, *dilacerar*, *deshonra*. Assimilado em: *diffundir*, etc. Já veio do latim em varios termos que não se podem decompôr no portuguez: *dirigir*, *differir*, *difficil* (faeil, etc.) Não se eonfunda eom o prefixo *de*. É preferivel e é acertado escrever *discorrer* (e não *des*), *dela-pidar* (e não *di*), *defamar* (e não *dis* ou *dif*.)

Di, dis. Prefixo grego. — Expri-me dualidade. *Dissyllabo*, duas syllabas. *Diphthongo*, dous tons. Não confundir eom *dys*,

(1) V. a *Grammatica* de João Ribeiro (Curso superior, 12.ª ed.)

(2) Segundo a classif. de Mason, que adoptamos.

Escrevam-se com *dys*: *dyspepsia*, *dyscolo*.

Dia, prefixo grego.—Atravez, pelo meio, entre. *Diámetro*, medida atravez. *Diaphano*, que se vê atravez, transparente. *Dialogo*, discurso entre dous.

Dialectos. — Chama-se dialecto ao conjunto de diferenças que caracteriza a linguagem de uma provincia ou colonia em relação á lingua da côrte ou metropole. Propriamente, as divisões entre idiomas não correspondem ás divisões politicas entre as nacionalidades. A Galiza, por exemplo, é hespanhola; mas o gallego é sem duvida um dialecto portuguez. A dialectação em qualquer lingua não tem limites determinados, e, como diz Wittney, cada individuo recebe a lingua e modifica-a, embora de modo infinitesimal. Assim é que se explicam as transições e periodos historicos das linguas de maneira analoga ás mudanças que se exercem nas mesmas linguas no espaço, de um logar para outro. Assim, em rigor, qualquer órgão social, qualquer classe, o individuo, a familia, uma associação, a provincia, qualquer grupo social, os medicos, os alfaiates, os criados, todos e cada um possui o seu dialecto, a sua pronuncia, a sua phraseologia propria. A unidade da lingua consiste em que as pequenas diferenças individuais e mesmo provinciacas não destróem o principal fim da linguagem: a possibilidade de communicação do pensamento.

Essa possibilidade deixa de existir ás vezes, ed'ahi é que começa a independencia do *dialecto* propriamente dito ou da lingua estranha. Esse criterio basta para resolver a enfadonha questão d'aquillo que se tem chamado o dialecto brasileiro. Em relação ao portuguez é natural que a lingua tenha soffrido dialectações fóra da metropole, na Europa, Asia, Africa e America. D'esses factos trataremos em artigos separados sobre o *Gallego* e o *Indo-portuguez*, que são os dialectos mais consideraveis do portuguez. Sobre a dialectação do portuguez nas colonias africanas, apenas daremos noticia, para especimen, do dialecto creolo do Cabo-Verde, seguindo de perto os estudos publicados por Ad. Coelho no *Bol. da Soc. de Geographia de Lisboa* (1886): *Creolo do Cabo-Verde*. — *Phonetica*. As modificações são variadíssimas. Os factos mais notaveis são: a prothese do *a*: *aloje*, *amujer*. A modificação do diphthongo *ão* em *on*, *an*, *au*: *curagan*, *nau* (não). As permutas *b* em *g*: *gorgoleta*, borboleta; a perda do grupo final *ño*: *vin*, *lin*, *vinho*, *linho*; o *z* muda-se em *ss*: *fassé*, fazer. — *Morphologia*. Todos os inanimados são masculinos: *un casa*. Não ha flexão de plural: *uns cabelo*, exceptó nos diminutivos: *rapazin*, *rapazins*; *cavallin*, *cavallins*. Os adjectivos, quando não são substantivados, só têm a fórma masculina: *un muger preto*. Os verbos têm cinco conjugações em *a*, *e*, *i*, *o*, *u*: *cantá*, *cumê*, *durmí*, *pô*, *damgá*

DIALECTOS

(desprezar). A 5ª em *u*, propriamente creola, têm poucos verbos. O futuro imperfeito é formado com a partícula *tá*: — *Tá ten*, eu terei; *tá ser*, serei, etc. Nas diversas ilhas muito variam as fórmulas dialectaes; por isso damos em seguida um trecho vertido na linguagem creola de diversas partes do archipelago: «Um pae tinha dous filhos. Pediu-lhe o mais moço que lhe desse a parte que podia tocar-lhe da sua herança, e, despedindo-se d'elle, foi residir numa terra, onde gastou em larguezas e vícios da mocidade o quinhão que lhe coubera.» VERSÕES: *Ilha de Santiago* — *Era un bês* — un pai temba dós fijo. Guel'más piquinote pidil'pa dâb'el si herança, e el despidi d'el, e bá morá n'un têra undê gastá fêpo na estrabagança di rapás nôbo, si parte que tá quebêl. *Ilha do Fogo* — *Era un pá* qui tinha dós fijo. Sê códê pidil'p'el dal'parte qu'el podê tinha de sê herança, el despidi de sê pá, el bá morá n'un terra, na pundê el gastá, na strabagança e bicio de mocidade tudo sê herança qu'el tinha recebêdo. *Ilha Brava* — Un pai temba dós fijo. Quél'más nôbo pedi sê pai pa dâl'sê parte de herança que podêba tócal', el despidi di sê pai, i el bá morá n'un terra dundê el gastá tudo qu'el temba, cu bicio de mocidade. *Ilha de Santo Antão* — Un pá tinha dós fi. Sê códê pedi-le pa dá-le sê parte qu'el podia tén de s'herança, e depôs qu'el tomã bençon el bá morá n'un terra

onde el gastá sen juize e na vice de gente nôve, sê parte que tinha el cabido. *Ilha de Boa Vista* — Un pai tinha dós fije. Aquel'más nobo pedil' sê parte qu'á tocâb'el de sê ardança, el despidi d'el e el bá morá n'un terra don el gastá na'strabagança de rapaz sê parte d'ardança. *Ilha de S. Nicolau*. — Um pai tinha dós fije, Achel'más nôbo pedile pa dá-le sê parte que podia tocâ-le de sê herdança, e el despidi d'el, e el bá morá n'un terra donde el gastá na'strabagança e vice de rapaziada, sê parte que tocâlc. (1) || *Indo-portuguez*. — Dialecto do portuguez falado na Ilha de Ceylão. O documento escripto mais notavel é a Biblia de Ceylão, publicada em Colombo, em 1820. O dialecto está misturado de termos hollandezes e ultimamente de vocabulos do inglêz, que acabará por absorvel-o. Vide o meu trabalho *Pronomes* (dissertação, 1886). Alguns documentos foram reunidos por Ad. Coelho no *Bol. da Soc. de Geogr.* de Lisboa, e a esses convém ajuntar a antiga edição dos *Psalmos* em indo-portuguez, mencionada no *Thesouro Bibliogr.* de Graesse. || *Gallego* — Dialecto do portuguez falado na Galliza. O gallego tem muita semelhança com o castelhano, a que está politicamente submetido, por ser essa a lingua official e preponderante da Hespa-

(1) Extr. e resum. dos trabalhos de Ad. Coelho no *Bol. Soc. Geogr.* de Lisboa, 6ª série, 1886. — V. Schuchardt — *Kreol. Stud.*

na. Caracteristicos phoneticos: 1) *x* gallego = *j* (*g* brando portuguez): *hoze*, *hoje*; *xenio*, genio; *xaneiro*, janeiro. 2) As vogaes atonas são variaveis na prosodia: falsedade, falsidade, etc. 3) Os suffl. *ouro*, *oiro* (em cast. *ero*), em gallego são sempre da forma *oiro*, que é a mais archaica no portuguez: *sumidoiro*, *sumidouro*. 4) Metatheses frequentes: *percisar*, *porgresso*, *esquibano*. 5) Fórmias verbaes, archaicas no portuguez: *falades*, *falaredes*, etc. 6) Não se tolera a final *d*, e as fórmias são oscillantes entre *bondade* e *bondá* e não *bondad*; *saú* ou *saúde*. 7) O perfeito do indicativo tem fórmias dialectaes assas proprias: *falei*, *batim*, *pidin*; *falache*, *bateche*, *pidiche*; *falou*, *bateu*, *pidiu* (*pedeu*). Em geral, nas flexões dos verbos ha variantes que se distanciam do portuguez. 8) Conservação do accento latino, com desviação do accento do thema: *falabámos*, *falávamos*; *baterámos*, *batéramos*. 9) Tendencia alliterativa para uniformizar as vogaes: *tecer*, *tiçiria*. 10) Usa-se *no* por *lo* nos complementos: *matouno* (*matou-o*), *sei-no* (*sei-o*). 11) Nas palavras invariaveis notam-se diversos archaismos do portuguez: *antanho*; *decote* (quotidie) *acó*, *acá* etc. 12) Pelo dialecto gallego explica-se talvez a anteposição do artigo ao interrogativo que: *O que?* port. *quê?* ital. *che?* (no dialecto florentino, porém, *il che?*).

Diastole. — Vide *Deslocação* do accento e *Accento*.

Dicção (figuras de). — Hoje denominadas *Metaplasmos* (Vide esta palavra).

Dierese. — Signal do hiato nas vogaes concurrentes: *alaúde*, *saúde*. Representa-se por um *trema* (·) *alaúde*; por um accento, *saúde*; ou pela letra *h*, maxime no grupo *ia*: *sahia*, *cahia*, *bahiu*. O *trema* já não é usado. O *h* era o caracteristico usual da dierese no portuguez antigo: *vehuva*, *tavohu*. Hoje nestes casos reina grande incerteza, mas ha a tendencia para supprimir o *h* ou substitui-lo pelo accento graphico (*saía*, *caíam*, *adall*) ou não empregar nenhum signal: ruina, ruido, miudo, arguir, paul, saude, moinho. No antigo portuguez o *h* symbolizava o *i* breve: *nha*, por *miu*; e ainda conserva esta função nos grupos *lh é nh* equivalentes a *ll*, e *ñ* (com este *i* brevissimo).

Digrapho. — Representação de um unico som por meio de duas letras: *nh*, *lh*. Os *digraphos* são raros no portuguez e frequentissimos no francez (*au=ô*, *ai=é*) e em outras linguas não latinas.

Diminutivos. — Vide *Gráo*.

Diphthongos. — Vide *Vogal*.

Directo (complemento ou completivo). — É a parte da phrase que inteira o predicado, quando o verbo é activo *transitivo* (isto é, de predicação incompleta): Pedro ama a *virtude*. Construiram *uma ponte*. Poderer

DIRECTO — DISSIMILAÇÃO

preposições *a*, *de* (começar *de*, começar *a*, travar *de*, pregar *de*, dever *de*). A preposição *a* com os nomes próprios ou equivalentes de próprios: Amo a Deus; amo ao senhor da terra e do universo; amo aos humildes. O *completivo* só admite a classificação de *directo* ou *indirecto* quando se applica ao predicado. O *completivo* também é complemento do sujeito: «A Italia tornou-se um reino»; é *completivo subjectivo* ou do sujeito.

Disciplina grammatical.

—Termo que occorre nos expo-
sitores da philologia, e que indica
em qualquer lingua a acção dos
cruditos na organização e fixa-
ção das regras de grammatica,
muito especialmente das fórmãs
lexicas. Para o portuguez a dis-
ciplina grammatical começou
com os classicos, com o movi-
mento da renascença literaria.
Os primeiros grammaticos, Fer-
nãõ de Oliveira e João de Barros,
floresceram no seculo seguinte.
O movimento literario mais bri-
lhante da historia da literatura
portugueza, fixou as normas da
lingua que só em raros pontos
se foram modificando até hoje,
através do longo periodo de tres
seculos. O facto geral caracteris-
tico da disciplina grammatical e
classica foi a latinização da lin-
gua, a approximação operada
para o latim da época aurea. Os
grandes escriptores que mais
contribuíram para a perfeição e
polidez da nossa linguagem fo-
ram: Barros, Camões, Frei Luiz
de Sousa e Vieira.

Dissimilação. — Phenome-
no opposto ao de assimilação.
Consiste na modificação que
soffrem os vocabulos letras e syl-
labas para evitar a repetição de
sons similares. Na linguagem
popular é frequente; *corpo delicto*,
por *corpo de delicto* (1);
juiz direito, por *juiz de direi-
to*; nesses exemplos evita-se a
concurencia: *de di*. Exem-
plos de uso geral: *idolatria*,
por *idololatria*; *senoga* (arch.),
por *synagoga*; *moganga*, por *mo-
giganga* (2), etc. Cabe aqui notar
o que o illustrado philologo
Fausto Barreto pondera sobre
identico phenomeno, não já no
dominio do vocabulo, mas da
syntaxe. As suas considerações
são originaes e aqui as trans-
crevemos: «Além dos casos com-
muns de alteração phonica, taes
como *bondoso*, por *bondadoso*, *ido-
latra*, por *idololatra*, não raro se
observa, assim no falar quoti-
diano do povo, como na lingua-
gem artistica dos escriptores de
nota, uma especie de repulsão
oracional da preposição, verda-
deiro phenomeno de dissimila-
ção phraseologica. — Na *Vida de
D. Frei Bertolameu dos Martyres*
por Frei Luiz de Souza, se lê a
pags. 39, tom. 2º, ediç. de
Lisboa, na Typographia Rollan-
diana, 1858: «... e o Arcebispo
sahiu a continuar em seu officio
com a mesma vigilancia e cuy-
dado *que sohia*». No Cant. III
dos *Lusiadas*, est. 4, se encontra

(1) Sylvio Romero—*Contos pop.*(2) Reinhardtstœtner — *Gramm.*
— loco.

V.
Esmogã (B. de Vasc. Chron. d'une diabolique pop.)
— forma usada pelos judeus de Hamburgo.



DISSIMILAÇÃO — DIVERGENTES

a seguinte construcção : «Mas, pois o mandas, tudo se te deve : Irei contra o que devo e serei breve». Posta em ordem grammatical a primeira phrase, ter-se-á : «... e o Arcebispo sahiu a continuar em seu officio com a mesma vigilancia e cuydado *com que solia sair*». Restabelecidos por igual todos os termos do verso camoneano:—Irei contra o que devo e serei breve,— se verificará: Eu irei contra contra que devo ir—eu irei contra aquillo contra que devo ir. Com tal meneio de phrasear, quizeram Frei Luiz e Camões, bem se deixa vêr, evitar repetição monotona e ingrata dos elementos preposicionaes *com* e *contra*. A esse phenomeno muito quadraria o nome de *repulsão syntactica*. Tambem se dá com frequencia na estrutura proposicional portugueza *facto contrario*, que se podera chamar *atracção syntactica*. São da famosa penna de Alexandre Herculano, entre outros, os seguintes exemplos: «Do que se tracta seriamente nas especulações da casa-professa é da infancia». (*Opusculos*, tom. I, pag. 296.)—«No que varia o memorial dos perseguidos é na explicação dessa inesperada piedade.» (*Hist. Inquisição*, vol. III, pag. 191.)—«No que as instrucções se dilatavam era na questão do bispo de Vizeu». (*Id.*, *ibid.*, p. 242), etc. Terminaremos com um exemplo da penna elegante e correctissima de Ruy Barbosa: «O de que me não penitencio, é do esmero, bem ou mal succe-

dido, que puz em dar os cuidados que dei á fórma, com que nos veio da camara o projecto». (*Réplica ds defesas da redacção do projecto da Camara dos Deputados*, pag. 214).»

Dissyllabo.— Vocabulo de duas syllabas : *dedo, casa, perú*. O dissyllabismo é a fórma usual dos termos infantis hypocoristicos : *Zézé, papá, Mimi, Lili, Lulú*, etc. Syn : bissyllabo.

Distributivos.— Classe de *determinativos* que exprimem quantidade sem indicação de numero exacto : *todos, cada, alguns, poucos, varios, muitos, nenhum*, etc. Tambem são usados como distributivos *este, qual* (repetidos), *uns e quem*, etc.

Divergentes (fórmãs). — Chamam-se fórmãs divergentes as palavras que se originam de um mesmo vocabulo primitivo : *chão e plano*, ambos no latim *planus*. Desde logo se nota que entre as fórmãs divergentes ha uma de ordinario de origem popular, e outra erudita, conforme se pôde apreciar pelos seguintes exemplos :

<i>Populares</i>	<i>eruditas</i>	origens
Areia	arena	arenam
Direito	directo	directum
Sestro	sinistro	sinistrum
Nôjo	nausea	nauseam
Sarar	sanar	sanare
Chave	clave	clavem

E preciso notar que pôde haver mais de uma fórma popular, como são *magoa, mancha e malha*, derivados de *maculam*; *velar* e *vigiar*, do lat. *vigilare*. As fórmãs populares são sempre mais

DIVERGENTES

alteradas e desviadas do typo latino; as eruditas, pelo contrario, conservam mais pura a phisionomia etymologica do vocabulo. Do termo latino *legalis*, os eruditos tiraram a fórma *legal*, ao passo que na ereação espontanea do povo aquella termo foi transformado em *leal* pela lei phonetica da quéda da consoante média isolada. Em seguida, damos o catalogo systematico e summario das fórmas divergentes estudadas na *Romania* pelo eminente philologo Adolpho Coelho. 1. *Accento*. Pela desviação do accento origina-se um bom numero de duplas: eadeira, *cathedra*, *cathedram*; inteiro, *integro*, *integrum*; eodeço, *eytiso*, *eytisum*; trevo, trifolio, *trifolium*; xofrango, ossifraga, *ossifragam*. 2. *Vogal tonica*. Freqüentes vezes a sua modificação origina f. divergentes: agosto, *augustum*; coda, *cauda*, *caudum*; dobro, duplo, *duplum*; logro, lucro, *lucrum*; monco, mucu, *mucum*; papel, *papyro*, *papyrus*; teima, *thema*, *thema*. 3. *Quéda da vogal atona média*. Esta lei produz divergeneias, como: coalhar, eoagular, *eoagulare*; eomprar, comparar, *comparare*; contar, eomputar, *computare*; espelho, espepeulo, *speculum*; olho, oculo, *oculum*; rolla, rotula, *rotulam*; sobrar, superar, *superare*. A CONTRACÇÃO de varias letras produz as seguintes: benzer, bemdizer, *benedicere*; dedal, digital, *digitalis*; herdeiro, hereditario, *hereditarius*; mezinha, medicina, *medicinam*; nedio, nitido, *nitidus*; quaresma,

DICC. GRAMM.

quadragesima, *quadragesima*; sello, sigillo, *sigillum*; sestro, sinistro, *sinister*. 5. PHENOMENOS DE ATTRACÇÃO: solteiro, solitario, *solitarius*; madeira, materia, *materiem*; eira, area, *arcam*. 6. APHERESE: pasmo, espasmo, *spasmus*; sanha, insanía, *insaniam*; hume, alumen, *alumen*. 7. APOCOPE: fino, finito, *finitus*; um, uno, *unus*; eabido, capitulo, *capitulum*. 8. ASSIMILAÇÃO DE VOGAES: ladainha, litania, *litaniam*. 9. INFL. DO I PALATAL: alhear, alienar, *alienare*; apreçar, apreciar, *appretiare*; nojo, nausea, *nauseam*; esbulhar, espoliar, *spoliare*. 10. ABRANDAMENTO das momentaneas surdas (fortes): euidar, cogitar, *cogitare*; fogo, foco, *focum*; ladino, latino, *latinus*; pecego, persieo, *persicus*; redondo, rotundo, *rotundum*. 11. SYNCOPE DE CONSOANTE ISOLADA: cardeal, eardinal, *cardinalis*; eonego, canonico, *canonicus*; bainha, vagina, *vaginam*; gráo, grado, *gradum*; miudo, minuto, *minutus*; paço, palaeio, *palatium*; quedo, quieto, *quietus*; ruído, rugido, *rugitum*. 12. MODIFICAÇÕES diversas de consoantes simples: lembrar, memorar, *memorare*; fozes, fauces, *fauces*; sarar, sanar, *sanare*; não, nave, *nave*, *im*. 13. ALTERAÇÕES DE GRUPOS CONSONANTAES: rasto, rastro, *rastrum*; crestar, castrar, *castrare*; adro, atrio, *atrium*; aneho, amplo, *amplus*; chave, clave, *clavem*; catrefa, caterva, *catervam*; esburgar, expurgar, *expurgare*; escutar, auscultar, *auscultare*; travesso, transverso, *transversus*; puxar, pulsar, *pul-*

7

DIVERGENTES

sare. 14. DIPHTHONGAÇÃO: deão, decano, *decanus*; irmão, germano, *germanum*; romã, romana, *romana*. 15. NASALIZAÇÃO: trempe, tripode, *tripus*; enxame, exame, *examen*. 16. FÓRMAS POPULARES. São resultados divergentes, independentes da acção literaria ou erudita: diaho, décho, diacho, dianho—*diabolus*; artigo, artelho, *articulum*; alvitre, alvedrio, *arbitrium*; corôa, coronha, *coronam*; malha, mancha, *maculam*; tenro, terno, *tenerum*; velar, vigiar, *vigilare*; mascar, mastigar, *masticare*; chaga, praga, *plagam*; dom, dono, *dominum*. Nesse grupo devem ser incluídas as fórmas contractas: são, santo; cem, cento; mui, muito; grão, grande, etc. 17. ORIGEM FRANCESA. Vocabulos tomados do francez que se vieram juntar aos vernaculos da mesma origem latina: chefe, cabo—*chef*, *caput*; jaula, gaiola—*géole*, *caveolam*; chantre, cantor—*chantre*, *cantor*; cré, greda—*craie*, *cretam*; hotel, hospital—*hôtel*, *hospitalem*; chapéo, capello—*chapeau*, *capellum*; franja, fimbria—*frange*, *fimbriam*. 18. ORIGEM CASTELHANA: frente, fronte—*frunte*, *frontem*; lhano, chão—*llano*, *planus*. 19. ORIGEM ITALIANA: maéstro, mestre—*maestro*,—*magister*; opera, obra—*opera*, *operam*; teor, teor—*tenore*, *tenor*; doge, duque, —*doge*, *ducem*, 20. ORIGEM PORTUGUEZA BARBARIZADA. Ha certos vocabulos portuguezes que se introduziram nas linguas estrangeiras e depois voltaram

deturpados ao vernaculo. Taes são: *cabeceir* (chefes do Dahomey); o fr. *fétiche*, do port. feitiço; e o inglez *commodore*, do port. *commendador*. (1). Não são inuteis as considerações seguintes, que transcrevo da minha *Gram. port.* curso superior: 1. Muitas vezes, as fórmas divergentes são constituídas por uma palavra archaica e outra vigente: *segre* e *seculo*, de *saeculum*; *segre* é hoje archaico. *Geolho* e *joelho*, de *genuculum*; a fórma *geolho* desapareceu. 2. As fórmas divergentes, em certos casos, são produzidas pela deslocação do acento: *pôlpa* e *polypo*, de *polypus*; *Isidro* e *Isidoro*, de *Isidorus*; *guitarra* e *cythara* (antigo *cedra*, e *citola*), de *cythara*. *Tiágo* e *Jacob*, de *Iacóbus*. Estas apparentes anomalias explicam-se pelas variações do accentto no grego e no latim. Em *Tiágo* houve obediencia ao accentto grego: *Iákôbos*; em *Jacob* houve obediencia ao accentto latino: *Jacóbus*. Em *guitarra* seguiu-se a accentuação grega. 3. As fórmas divergentes, algumas vezes, resultam de derivações simultaneas do nominativo e accusativo dos imparisyllabos: *serpe*, de *serpens*, e *serpente*, de *serpentem*; *sabio*, de *sapiens* (*sapius*) e *sapiente*, de *sapientem*. Este facto é largamente exemplificado em muitos vocabulos. Podemos observar-o de varios modos. Além dos exemplos citados, convém notar os seguintes, mais ou menos contestaveis: *honra* e *honôr*; *sabio* e *sabente* (sa-

DIVERGENTES — DIVISÃO

piens); *saibo e sabôr* (sapor); *pa-ro e pação*; *sengo e senhor* (Conselho *sengos—senior*); *erro e error* (error); *Felix e feliz* (felix); *tredo e traidor* (traditor); *travo e travor*; *chanfre* (do francez) e *cantor* (cantor); *fêssô* (pop.) e *fedor* (*factor*); *ração, razão e raso* (Vit. *Eluc.*, ratio); *ladro e ladrão* (latro); *cabro* e o talvez augmentativo *cabrão* (*El.* de Vit.). Estes exemplos ainda não estão convenientemente estudados. Um que parece pertencer a essa classe de phenomenos é a prosodia incerta de *bênção e benção*; a fórma grave *bença* talvez seja a contração do nominativo *beneditio*, o que não ousamos affirmar com certeza. Exemplos innegaveis são *íman*, do nominativo *adamas*, e *diamente*; *ezypa* (pop.) e *erisyppela* e alguns nomes do zodiaco: *leo e leão*; *virgo e virgem*; *scorpio e escorpião*. A fórma *leo* é popular: ter *leo* (tempo) para trabalhar; andar ao *leo*, etc. Note-se ainda que póde um termo germanico latinizado dar fórmas duplas, *palc*, palco e balcão, talvez augmentativo, ou de origem diversa. 4. As fórmas divergentes são produzidas, embora em raros casos, pela introdução de fórma estrangeira de origem identica á de fórma vernacula. A fórma hespanhola *llano*, a italiana *piano* e a portugueza *chão* derivam da mesma origem latina *planus*. A fórma italiana *soprano* e a portugueza *soberano* derivam de identica fonte, *superaneus* (lat. barbaro). A fórma franceza *chef* e a portugueza *cabo* derivam de ca-

put. Convém notar, por fim, que as fórmas divergentes não se referem sómente ao elemento latino; embora as fórmas latinas sejam mais numerosas e tenham servido de modelo aos classicos. Tambem se observam fórmas divergentes no elemento arabe: *rez e arráis*, de *ar-raz*; *zero e cifra*, de *zifr*; *auge e apsides*, de *aulj*; *azimuth e zenith*, de *asemit*. Como se vê, a divergencia resulta ás vezes da presença ou omissão do artigo *al*: *raz e ar-raz*; *sem e as-sem*. A fórma *zifr* foi alatinada na fórma *zephyrus*, que produziu *zero*. Observam-se igualmente algumas divergencias entre vocabulos de origem germanica: *leste e este*; *espuma e escama*; *baluarte e boulevard*. A fórma *leste* (l'este) formou-se pela anteposição do antigo artigo *lo*. A fórma *boulevard* é franceza. A expressão fórmas divergentes foi vulgarizada em portuguez por A. Coelho. A expressão *duplas* (*doublets*) é a mais geralmente usada nas grammaticas francezas.

Divisão das palavras. — Nos impressos e nos manuscritos, observam-se certas regras na divisão das palavras, e no emprego da *risca de união* ou *hyphen*. Eis aqui alguns d'esses preceitos, que, entretanto, se não devem tomar muito a rigor. «O hyphen é um signal orthographic que, posto entre duas palavras, mostra que ellas se devem pronunciar, como se foram uma só; v. g.: *metrico-decimal*, *agua-ardente*, *Monte-mór-*



DIVISÃO

o-velho, cumpre-me, dize-lhe, fel-o, etc. No fim da linha indica que a palavra alli começada vae terminar no principio da seguinte, devendo observar-se as seguintes regras : 1.^a Quando muitas vogaes reunidas não formam diphthongo, podemos separal-as; v. g.: *sa-ude, a-inda*. 2.^a Quando duas vogaes formam diphthongopertencem á mesma syllaba e não podem ser separadas : v. g.: *cau-sa, pou-co, coi-tado, ou-ro*. 3.^a Toda a invogal simples formando uma syllaba com a vogal seguinte não pôde separar-se d'ella ; v. g.: *a-mar, se-na-do*. 4.^a Toda a invogal collocada entre duas vogaes pertence á vogal seguinte ; v. g.: *a-ve, ca-sa, a-mor, se-xo*. Todavia, no começo das palavras, *x* precedido de *e* fórma uma syllaba com esta vogal ; v. g.: *ex-ercito, ex-imir, ex-onerar*. 5.^a Quando duas invogaes se seguem em uma palavra, pertence a primeira á vogal que precede, a segunda á vogal seguinte : v. g.: *pos-so, nor-te*; exceptuam-se os casos adiante indicados. 6.^a As invogaes *bil, br, cl, cr, dr, fl*, etc., todas aquellas emfim, que reunidas podem começar uma syllaba, pertencem uma e outra á vogal seguinte ; v. g.: *a-brir, a-dro, qua-tro, a-pla-car*. 7.^a *c, p, l, n*, seguidas de *h*, são inseparaveis d'esta letra, e reuñem-se com ella á vogal seguinte para formar uma syllaba ; v. g.: *a-lhe-o, pe-nhor, phi-lo-so-pho, cha-mar*, etc. 8.^a Os dois *cc*, quando o segundo é cedilhado (*çç*), pertencem á vogal seguinte ; v. g.: *ti-ção*; e as derivadas dividem-

se como a palavra primitiva, ainda quando a cedilha haja de supprimir-se ante *e* ou *i*; v. g.: *cor-re-ção, cor-re-ccional* (1). 9.^a Quando numa palavra ha tres invogaes seguidas, se as duas ultimas podem começar uma syllaba, pertencem essas á vogal seguinte, devendo a primeira pertencer á vogal precedente; v. g.: *ac-clamar* (2), *com-prido, es-tragar*. Entretanto existe uma excepção, como para todas as regras : é que em toda a palavra composta, a separação deve geralmente fazer-se no pouto de junção dos termos componentes, quando a palavra, assim dividida, em nada melindre nem a vista nem a pronuncia, qualquer que seja a combinação de letras que resulte d'esse ajuntamento; v. g.: *in-au-di-to, in-hu-ma-no, phil-ar-mo-ni-co, ad-mit-tir, des-com-pôr, ab-ro-gar, an-he-lar, an-hy-dro*, etc. Esta divisão das palavras compostas apresenta em certos casos algumas difficuldades, porque as mesmas reuniões de letras podem exigir divisões diferentes, conforme as palavras que houverem de formar. Por exemplo, nas palavras que começam por *ab*, o *b* pertence ora á vogal precedente, como em *ab-uso*, ora á

(1) Neste caso, leiam-se como se a divisão e a leitura foram assim indicadas — *co-rre-kção, co-rre-kei-onal*.

(2) Note que a 2.^a invogal é a unica a ler-se : v. g.: *póço* e não *posço*, *acclamar* e não *akelamar*, posto que se parta assim: *pos-so, ac-clamar*.

DIVISÃO — DR

vogal seguinte, como em *a-boccar*. O mesmo acontece com as palavras que começam por *sub*, *ad*, *trans*, *am* ou *an*, *com* ou *con*, *em* ou *en*. O conhecimento da origem e da composição das palavras é que pôde habilitar-nos a dividil-as correctamente. Nas palavras que começam por *abs*, o *s* pertence á syllaba seguinte, se elle fôr seguido de uma vogal; v. g.: *ab-soluto*, *ab-surdo*; e á precedente, se fôr seguido de uma invogal; v. g.: *abs-cesso*, *abs-tinencia*. Todavia faremos notar que nas palavras que começam por uma das syllabas *privativas*, — *in* ou *des*, o *n* e o *s* pertencem á vogal precedente; v. g.: *in-util*, *in-habil*, *in-evitavel*, *in-experto*, *des-atar*, *des-esperação*, *des-ordem*, *des-unido*. Nas palavras que começam pelas syllabas *con*, *in*, *per*, *pro*, *circum* e *super*, seguidas de *s*, pertence este quasi sempre á syllaba seguinte: *constancia*, *in-stavel*, *per-spicacia*, *pro-sperar*, *circum-stancia*, *superstição*, etc. Por vezes ha necessidade de infringir estas regras quasi geralmente adoptadas; v. g.: em *jer-archia*, *prete-rito*, que por nenhuma razão se podem dividir — *jer-archia*, *preter-ito*. Da mesma sorte se não podem dividir, no ponto de junção dos termos componentes, certas palavras derivadas do grego ou do latim; taes como: *ant-o-nomasia* que se não pôde dividir assim — *ant-onomasia*, *me-thodo* — *meth-odo*; *mo-narcha* — *mon-archa*; *penultimo* — *pen-ultimo*; *pe-ninsula* — *pen-insula*; *Phi-lipe* — *Phil-ipe*; *pro-sodia* — *pros-odia*; *pseu-donymo*

— *pseud-onymo*; *rec-tangulo* — *rect-angulo*; *re-dempção* — *red-empção*; *stra-tegia* — *strat-egia*; *teles-copio* — *tele-scopio*; *vi-nagre* — *vin-agre*. Todavia algumas ha, derivadas do grego, que se dividem muito bem pelo ponto de junção dos termos componentes; taes como: *anti-scorbutico*, *anti-ptose*, *hyperbolico*, *pery-stylo*, *peri-plo*, *peroxydo*, *syn-odo*, *syn-onymo*, *synopse*, etc. Finalmente nunca se passa para a linha seguinte uma vogal só, ainda que forme syllaba inteira, nem pontuação pertencente á ultima palavra da linha antecedente.» (*Esc. port.*) Leia-se ainda o artigo *Epellação*.

Dobradas (letras). — Vide *Geminação*.

Doche, *dechomai*, eu collijo, tomo. — Elemento grego de composição. *Syn-ec-doche*, comprehensão (a parte pelo todo). *Pandectas* (*pan*, tudo) collecção de toda a legislação.

Dotos, dado. — Elemento grego de composição. *An-ecdota* (*ek*, fóra; *an*, privação), não publicado, historia inedita. *Antídoto*, dado contra.

Doupein, fazer ruido. — Elemento grego de composição. *Catadupa* (*cata*, em baixo).

Doxa, doutrina, opinião. — *Heterodoxo* (*heteros*, outro) de outra doutrina. *Paradoxo*, opinião contra.

Dr — grupo latino, sempre conservado: quadro, *quadrum*; dragão, *draconem*. O elemento *r* desaparece, talvez por eupho-

nia, em um caso: cadeira, de *cathedram* (etymologia duvidosa).

Drao, obrar.—Elemento grego de composição. *Drama*, *Drastico*. *Melodrama*.

Dravidianas (linguas). — Vide *Linguagem*.

Dromos, corrida.—Elemento grego de composição. *Hippodromo*, corrida de cavallos. *Prodromo*, precursor. *Dromedario*, por *dromadario*, corredor (especie de camelo).

Dual.—Flexão de numero das linguas aryanas, conservada no grego. No latim apenas existem vestígios do dual, os quaes foram legados ás linguas romanas. O *dual* exprime apenas o plural: duas unidades. Taes são: *ambos*, *dous* (ambo, duo). Primitivamente, como se verifica pelas fórmãs da lingua grega, eram duas: *nos* (ego et alter), *vos* (tu et alter); cf. *noster*, *vester*. De modo ideologico, podem ser considerados *duaes* os nomes que exprimem dualidade de cousas: *gêmeos*, *ceroulas*, *orelhas*, *calças*, *calções*, e só por isso é que se apresentam com a fórmula do plural.

Duplas, fr. *doublets*. — Vide *Divergentes*, fórmãs.

Dynamis, força.—Elemento grego de composição. *Dynamometro*, medida de força. *Dynastia*, os fortes (a raça privilegiada.)

Dys, *dus*, difficilmente.—Elemento grego de composição. *Dyspepsia*, difficil digestão. *Dyspnea*, difficil respiração. *Dys-*

enteria, dôres nas entranhas (*entera*). *Dyscolos*, difficil.

E

E.—Vogal que sôa com diversos valores sonicos: *é*, nas syllabas accentuadas (pé, café, cego, chapéo), na terminação *vel* (affavel, crível); *e* fechado ou circumflexo: mercê, cedo, medo; *e* tenue e mudo, em *arvore*, *planicie*. As vezes a differença de fórmula arrasta a de valores sonicos: *êste*, *êsta*; *parêço*, *parêces*; *aborrêço*, *aborrêce*; egual variação soffre a vogal *o* (formôso, *formôsa*, *formôsos*). *E* (letra latina). Vogal média, representada por *e* e por *ae* em algumas inscripções da decadencia. O *e* persiste quando tonico e longo: remo, *rénum*. A permuta *i* (comigo, cum-*mecum*) é recente e existem as fórmãs archaicas *comego*, *comtego*. A diphthongação *ei* dá-se com o *i* palatal: alheio, *alienus*, ou para evitar o hiato por um triphthongo: idéa, *ideam*. O *e* atono tambem em regra conserva-se: peiôr, *pejorem*. No emtanto o atono pôde degenerar em *a*: ebano, *ebenum*. || *E* (letra portugueza).—Provém ordinariamente de *e*: ler, *legere*. Provém do diphthongo *ae*: Eneas, *Aeneas*; ou do grego *ai*, dieta, *diata*. Pôde provir do *a* breve, tonico ou atono: beijo, *basium*; e do *i* breve, embora accentuado (tonico): menos, de *minus*. Raras vezes de *o*: frente, de *frontem*, por influencia do castelhanô; rara ainda a permuta origi-

nada de *u*, sempre atono: *genebra, juniperum*.

Ea.—Hiato portuguez e latino: *idêa, dea*, etc. O hiato latino foi evitado nas duas occurrencias seguintes: *a)* por meio de *elisão* ou *contractão*, quando houve precedencia e consequente abrandamento do *t*: praça, de *plateam*; *b)* por meio de *intercalação*, com a formação dos grupos liquidos *the, nh*: linha, *lineam*; palha, de *paleam*. O grupo *ea* tem graphia irregular e é transcripto communmente com a fórma *eia*.

Echein, na fórma *oca, uco*.—*Oca, ucai*, de *echein*, guardar. Elemento grego de composição. *Ep-oca*, de *epechein*, reter. *Eun-uco*, do gr. *eunouchos*, de *eunê*, leito: que guarda o leito.

Echo.— Vide *Cacophaton*. O *echo* propriamente resulta da consonancia perfeita de sons ou rima. E isto se dá quando se seguem os «mesmos sons successivos ou proximos. Exemplos: *a carta farta; sonhos medonhos; a dama chama com dobrados brados; gozo ditoso; vogal nasal*, etc. Tambem se dá este nome á composição poetica, onde ha versos cujas ultimas syllabas rimam com as finais de alguma palavra no começo do verso seguinte. Exemplo:

Que valemais do consternado amigo?
Que val o abrigo que se dá chorando?
Que val a meiga e filial ternura,
Se a sepultura se lhe está cavando?

Melhor exemplo nos dá o sr. João de Lemos na sua engraçada composição:

A SAIA NOVA

—Saia nova côr de rosa?
Rosa!
Algum cirio a terra vem
Hem?!
—Não, senhor.—E teu marido?
—Ido
Agora scis mezes ha;
—Ah!
—Anda embarcado lá fóra
—Ora!
E tu então?—Eu, assim...
—Sim...
—Na vida por cá lidando,
Ando
—Mas vida que não faz dó.
—Oh!
—Vida de moiro; a Maria...
Ria?
Do que eu faço, é quem dá fé.
É?
—Pergunte.—Mas antes d'hontem...
Hontem.
C'o Zé Nunes vi-te aqui?
—Hi!
Encontrei-o, vindo ao rio,
Rio,
Lá com elle alguma vez.
Vês?!
E um estudante outro dia,
Ia.
A olhar-te tão maganão?...
—Não;
Diz-me sempre «vou comsigo?»
Sigo
E olho a ver, se vem tambem...
—Bem!
—Mas nada, não me persegue,
Segue
O destino em que já vai.
—Ai!!
—Só uma vez por descuido,
Cuido
Que elle um beijo me furtou
Ou...
Ou foram tres... eu sorri-me,
Ri-me,
São coisas sem má tenção...
—São.

E a quelle tal ricalhouço?

Onço

Da quinta dos Olivaeas

Vaes?...

Á quinta d'André Cauço?

Isso

É tambem sem mal nenhum.

— Hum!...

(Do *Escoliaste.*)

Ecthlipse. — Caso espeelial da *apocope*, e que consiste na supressão da nasal final. Etymologicamente, a ecthlipse é communissima, pois representa a perda do *m* caracteristieo do accusativo: *arvore, arborem*; *alma, animam*. A nasal foi ainda evitada em *lacrau*, por *lacrão*. Nota-se, demais, a ecthlipse na supressão do *m* da preposição *com*, metaplasmo frequente na poesia:

Ondeólicor mistura e a branca areia
Co' o salgado Neptuno e o doce Tejo
(Camões, *Ins.*)

Edra, face, base.—Elemento grego de composição. *Diedro*, duas faaes. *Decaedro*, etc.

Ee.—Hiato do portuguez antigo, que resultou da syncope de vozes latinas: *veer, vi-d-ere*, *leer, le-g-ere*; *ereer, cre-d-ere*. Na orthographia e prosodia actuaes, os dous *ee* foram reduzidos a um só medio ou agudo: *pé pee (pellem)*; *ser, see (sedere)*.

Ei.—Diphthongo latino e portuguez. Resulta de varias origens do grupo nasal: cheio, de *plenus*; do hiato ou de syncope: *ceia, canam*; da metathese: primeiro, *primarius*. Da apocope em grupo guttural: *lei, rei, legem, regem*. Quando *ei* se eneon-

tra em vocabulos arabes, já o notamos, deriva do grupo *ai*: *azeitona, az-zaytun*. O grupo *ei*, em fórmas populares ou antigas, vem tambem do *eu* grego: *fleima, reima*, de *phleugma, rheuma*. O grupo *ei* resulta frequentemente da vocalização do *e*, no grupo *et*: *direito, directum*; *feito, factum*; *arch. treito, tractum*.

Eidos, imagem.—Elemento grego de composição. *Idolo, Idyllio*, diminutivo de *eidos*, fórma, pequena composição poetica.

Eikon, imagem.—Elemento grego; nota-se em *iconoclasta*, que quebra imagens; *iconologia*, sciencia das imagens ou estampas.

Ei, artigo= o, usado na expressão *El-Rei*, que data do tempo de D. Dimiz, e foi empregada desde então por todos os escriptores. É palavra castelhana de origem.

Elementos de composição.—Vide *Compostos* e *Prefixos*. Elementos de derivação, vide *Derivação* e *Suffixos*.

Elementos historicos.—«Dá-se esta denominação ás varias linguas que concorreram para a formação do portuguez, e para o accrescimento do seu vocabulario.» (P. J.)

Elisão.—Supressão de vogaes notada na junção de particulas, determinativos e outros vocabulos da trama grammatical. É o phenomeno em geral conhecido, ainda que impropriamente, pelo epitheto de *contra-*

ção: «Especie de pressão, de condensação de syllabas, pela qual, em vez de duas que eram, fazemos uma só syllaba, como nestas: *as, á, do, da, no, na, pelo, pela, por o, por a*, etc.; *áquelle*, em vez de—*a quelle*; *n'este*, em vez de—*em este*; *d'Almeida*, em vez de—*de Almeida*; *l'ho, m'o, t'o*, em vez de—*the o, me o, te o*, etc. No verso tambem se encontram estas contracções:—*c'o, c'os, ou co'o, co'os*, em vez de—*com o, com os*; *co'a, c'o as*, em vez de—*com a, com as*. Ha duas especies de contracções: a *synerese* e a *crase*. A pressa que temos em enunciar o pensamento deu logar ás contracções e ás ellipses. Assim pois,

Em vez de— Diga-se e escreva-se:

a a, a a	as, a
a os, a as	aos, ás
de o, de a	do, da
de os, de as	dos, das
em o, em a	no, na
em os, em as	nos, nas
per ou por o,	
per ou por a,	pelo, pela
per ou por os,	
per ou por as	pelos, pelas

As fórmãs — *sobre o, sobre a, sobre os, sobre as*, tambem se encontram na poesia contrahidas d'este modo:—*sobolo, sobola, sobolos, sobolas* (esdruxulas). Com o artigo indefinito tambem se contrae; em vez de—*de um, de uma, de uns, de umas*; em *um, em uma, em uns, em umas*,—diga-se e escreva-se (quando a euphonia assim o requeira)—*d'um, d'uma, d'uns, d'umas*; *n'um, n'uma, n'uns, n'umas*. *O, a, os, as*, que

se contraem com as preposições *de, em e por* ou *per*, quando são artigos definitos ou pronomes demonstrativos, nunca se contraem com ellas quando são pronomes pessoaes, porque, neste caso, não são regimens d'estas preposições, embora as sigam; v. gr.: *em o vendo alli*; *em a prevenindo a tempo*; *depois de os ver*; *quando as comprimento*, etc. Temos ainda as seguintes contracções com os demonstrativos e alguns indefinitos: *d'este, d'esta*; *d'esse, d'essa*; *d'aquelle, d'aquella*, e seus pluraes; *d'isto, d'isso, d'aquillo*. Em vez de—*de este, de esta, de esses*, etc. *N'este, n'esta, n'esse, n'essa, n'aquelle, n'aquella*, e seus pluraes; *n'isto, n'isso, n'aquillo*. Em vez de—*em este, em esta, em esses*, etc. *Aquelle, áquella, áquelles, áquellas, áquillo*. *D'outro, d'outra*, e seus pluraes, e *d'outrem*; em vez de—*de outro*, etc. *Est'outro, ess'outro, aquell'outro*; em vez de—*este outro*, etc., e seus pluraes. *D'algun, d'algunha*, e seus pluraes; *d'alguem, d'ambos, d'ambas*, etc.; em vez de—*de alguem, de ambos*, etc.; *lh'o, lh'a, lh'os, lh'as*, em vez de—*the o ou thes o, the a, ou thes a*; *m'o, t'o*, etc. (1).

Ellipse.—Figura de syntaxe. Consiste na suppressão de palavras que a analyse rigorosa exigiria na proposição. A *ellipse* é um dos auxiliares da elegancia e do bom estylo, e explica-se como sendo um resultado da lei de economia mental ou do *menor*

(1) A. Netto.—*Escot. port.* pag. 145.



esforço psychologico. Neste sentido, póde-se considerar a *ellipse* eausa poderosa da organização e disciplina syntactica da lingua. Nas linguas synthetieas, como a latina, a *ellipse* é imprescindível; nas proprias linguas romanas é de grande uso; no portuguez, menos analytico que o franceez, a *ellipse* muitas vezes constitue regra, eomo seja, v. gr.: a supressão dos pronomes *eu, tu, elle, nós, etc.*, nas proposições por si mesmas claras, sem ambiguidade, e quando não são emphaticas. A *ellipse* na ordem do pensamento equivale á abreviatura. O que na *Analyse* se chama *sujeito, proposição, objecto composto*, são verdadeiros resultados da *ellipse*. || Tambem a *ellipse* é elemento de euphonia; por ella se faz a supressão da preposição *de* (dignou-se receber), do verbo *ser* (merece lido), da particula *que* (desejo tenhas recebido, espero sejas attendido).

Em e en. — Prefixo vernaculo, correspondente ao *in* latino. *Embarcar, encher* (implere), *encarregar, encimar* (em cima).

Emphase. — Denominação applicada a varios factos. Entre os *neogrammaticos*, a *emphase* exprime o conjuncto de todas as tendencias de integração, isto é, de todas as forças que se oppõem á degeneração das linguas. Em sentido mais restricto, a *emphase* exprime o reforço da expressão por meio de repetições de vozes, do tom, etc. A *emphase* é muito vulgar na phrase negativa. Vide *Negação*. Certo

vicio resultante da *emphase* chama-se *pleonasm*o.

Enallage. — Tropo frequente em todas as linguas e que consiste na desviação da categoria dos vocabulos: v. g.: o adverbio usado como nome (*o sim, o não*); o infinitivo usado como substantivo. Vide *Derivação impropria e Semantica*.

Encliticos. — Monosyllabos atonos que se pronunciam segundo o accentto dos vocabulos a que se ajuntam: *me, te, se, o, de, a, nos, vos, lhe, lhes, em, por*, etc. Sobre a collocação dos encliticos pronominaes, trataremos no lugar opportuno.

Epellação (gall.). — Na grammatica latina corresponde á soletração: enunneiado das letras e syllabas que compõem a palavra. Como algumas das regras do latim podem ser aproveitadas na orthographia do portuguez, convém expôr as mais importantes, referentes ao assumpto. 1. *A consoante isolada* (entre vogaes) *sempre pertence á syllaba seguinte*: a-la, vi-ta. 2. *Nos compostos, os elementos ficam em separado*: ab-utor, abs-condo, inter-est. 3. *Duas consoantes quando podem formar grupo no meio da palavra, pertencem á syllaba seguinte*: demons-trare, ignis, ho-spes. 4. *Nas palavras gregas a consoante muda é inseparavel da liquida*: dra-chma, a-gmen. 5. *Quando os elementos componentes fundem-se completamente, a separação póde ser feita sem attender á composição*: pe-nul-timus, ma-gna-nimus. Esta ultima

EPELLAÇÃO — ESTYLO

regra é de maior importancia para o portuguez, onde a separação das syllabas, só para um espirito rigorista em extremo, poderia ser fundada sobre a etymologia, maxime nos vocabulos gregos. Assim, ninguem separa *ep-hemero*, como seria de razão etymologica.

Epeuthese. — Metaplasmo de addição. Consiste na intercalação de elementos literaes no corpo do vocabulo. (Vide *Adventicias*, letras.) Exemplos : *registro e registo ; mastro e masto*.

Epi, sobre. — Prefixo grego. *Epithese*, superposição. *Epidemia*, sobre o povo. *Ep-hemero*, sobre um dia.

Epiceno. — Designação dada ao substantivo que sem flexão designa qualquer sexo do animal: *jacaré, cobra*. A distincção do sexo faz-se por uma ampliação : *o macho da cobra, jacaré fema*, etc., ou a *cobra macho, o javali fema*. Ha grammaticos que exigem a concordancia dos adjectivos (a *cobra macha, o javali femeo*); tenho que é exaggero que se não justifica com bons exemplos.

Epithese. — Vide *Paragoge*.

Equivalencia. — Expressão applicada a quaesquer grupos de vocabulos que conjunctamente exercem a função de uma categoria grammatical. As locuções, as proposições são ou podem ser equivalentes de substantivos, adjectivos, etc. *Equivalentes-substantivos*. São as locuções ou compostos: *beija-flôr,*

corta-pennas, vae e vem, que exercem funções de substantivos. Equivalentes d'esta ordem são todas as proposições *substantivas* (Vide *Proposições*). *Equivalentes-adjectivos*. São quaesquer locuções ou proposições que funcçionam como adjectivos: *de ferro* (ferreo), etc. *Equivalentes verbaes*. São todas as fórmias de conjugações periphrasticas: *tenho amado, vou escrevendo*, etc. As mesmas classes de equivalentes se notam nas particulas (são as locuções adverbiaes, prepositivas, etc.). Os *equivalentes syntacticos* (impropriamente denominados *typos syntacticos divergentes*) serão estudados á parte. O uso dos *equivalentes* é extremamente notavel na linguagem plebeia: *O' dégas, o Fajardo* (eu), etc.

Equivocos, trocadilhos, trocados, jogo de palavras, ou, á franceza, *calimbur*. Vide *Homonymos, paronymos*.

Ergô e *ergon*, trabalho. — Elemento grego de composição. — *Chôr-urgia*, man'-obra. *En-ergia*, feito completo. *Leth-argo*, somno. *Metall-urgia*, trabalho, pratica de metaes.

Eros, amor. — Elemento grego. *Erotico*, amoroso.

Eruditas (fórmias). — Vide *Divergentes* (fórmias).

Esdruxulas, dactylicas, proparoxytonas são as palavras que têm a accentuação na antepenultima syllaba: *lampada, pallido, physica*.

Estylo. — Character especial



da linguagem de cada individuo ou de cada periodo literario. O estylo deriva da variedade do vocabulario e dos processos syntacticos, destinados á expressão do pensamento.

Éthnos, nação. — Elemento grego. *Ethnologia*, sciencia das raças.

Êthos, costumes. — Elemento grego. *Ethica*, sciencia dos costumes. *Ethopea*, pintura dos costumes.

Etymologia. — Segundo Egger, é a analyse grammatical que decompõe os vocabulos para determinar-lhes a origem. *Etymologia* deriva do grego *etymologia*, de *etymos* (verdadeiro), *logos* (sciencia), no latim *veriloquium*. Antes da constituição scientifica da linguistica, a etymologia significava a sciencia dos elementos primitivos da linguagem e os seus methodos não tinham valor positivo por serem fundados sobre factos hypotheticos e illusorios. A theoria mais vulgarizada era a da *onomatopéa*: todas as palavras representam ruidos, vozes imitativas, etc. Esse erro derivou-se no emtanto de factos verdadeiros notados em todas as linguas: *brycasthai*, *ululare*, cacarejar, etc. Entre os gregos, que não conheciam outra lingua senão a sua (Egger), a etymologia não teve investigadores de merito. Não succedeu o mesmo com os grammaticos romanos que, florescendo em nação conquistadora, puderam mais facilmente estabelecer comparações entre vocabulos de lin-

guas estranhas. Aulu-Gellio, analysando o vocabulo *somnus*, descobriu a sua affinidade com o grego (*hypnos* = *supnus*), e determinou o nucleo de radicaes *sopor*, *sopire*, etc. Por falta do elemento critico, mesmo entre os romanos, a etymologia não podia constituir-se em bases seguras. O proprio Varro, que Egger (ao qual seguimos neste resumo) diz ter sido o mais sabio dos etymologistas antigos, perde-se em hypotheses pueris e falsas. « Diz, v. gr., que *loqui* deriva de *locus*, porque quem fala *ordena*, põe em ordem, no lugar verdadeiro, as suas palavras, etc...; que *metuere* (temer) vem de *motus* (movimento), etc. Como a etymologia investiga não sómente a origem dos elementos materiaes do vocabulo, mas tambem penetra na analyse do sentido, é util comparar os termos latinos formados segundo o pensamento grego. Esses factos explicam apenas a *etymologia do sentido*: *adverbium*, *epithema*; *conjunctio*, *syndesmos*; *conjugatio*, *syzygia*; *veriloquium*, *etymologia*; *demonstrativus*, *epideicticos*; *translatio*, *metaphora*. (1) — Quanto á etymologia das fórmas materiaes, na sua maior parte, o vo-

(1) Egger, *Gramm.* Fontes para taes investigações: H. Estienne — *Lexicon Ciceronianum graeco-latinum*; Ciavel — *De M. T. Cicerone graecorum interprete*; — Jul. Pollux (Boucherie): *Ermeneumata*... ap. t. XXIII *Not. et. Extr. de Manuscripts*. Wannouski — *Antiquitates e graecis fontibus explicatae*.

ETYMOLOGIA — EU

cabulario das linguas romanas está definitivamente estudado. O methodo adoptado na averiguação etymologica consiste na *historia e comparação* dos vocabulos. Vide estas palavras. (1)— Os nossos substantivos, posto que de multiplas origens, derivam geralmente do latim; a technologia scientifica tem origem no grego; a terminologia artistica deram-nos as linguas vivas (maiormente o italiano no tocante á pintura e musica); os nomes proprios derivam-se do hebraico, grego, latim e germanico; os patronymicos têm tambem varias origens: os derivados do latim formam-se geralmente do ablativo; os do arabe, pela anteposição da palavra *ben*. Os substantivos formam-se do nominativo ou do accusativo, o accento tonico indica a origem (ladro=nom. latro, *ladrão*=latronem). As vezes conservam tão sómente o caso regimen (*imperador, religião, saude...*); outras, mui raras, do genitivo (*aqueducto, terremoto...*), e mais raro ainda, do dativo (crucifixo). Do vocativo temos exemplo em *Ave Maria*. Já nos referimos á etymologia dos adjectivos. O artigo e os pronomes demonstrativos, indefinitos, relativos, interrogativos, são todos de origem latina, excepto *quem quer*, que é de creação vernacula. A historia da conjugação portugueza mostra a lucta entre a tra-

dição das fórmas sytheticas latinas e o analytismo. Os nossos adverbios originam-se:— de um adverbio latino simples (*já*); de particulas latinas (*assas*=ad satis); de adjectivos (*alto, cedo*); de um adjectivo feminino com o suffixo *mente* (*claramente*); de duas palavras portuguezas (*outr'ora*). As nossas preposições simples, em sua maioria, são de origem latina directa, e conservam as suas fórmas e relações (*de, em, per, por*, etc.) Muitas são as preposições formadas pela derivação impropria — (*diante, apezar, referente, perto de...*) Das conjunções, umas são latinas (*logo, nem...*), outras de formação portugueza (*outrosim, todavia...*)

Etymos, etumos, verdadeiro. — Elemento grego de composição. *Etymologia*, sciencia do verdadeiro principio ou origem das palavras.

Eu, eo.— Diphthongo latino, portuguez e grego, conservado na lingua: *Euro, Euros*. A transformação em *eu* resultou arbitrariamente de todas as fórmas do preterito perfeito em *viu, deu, correu, morreu*, etc. São de notar as irregularidades orthographicas ora em *eu*, ora em *ev*: *evangelho* (cuphonia) aneurisma (e nevrose), etc. O diphthongo *eo* ou *eu* póde resultar de apocope: *céo, calum*; chapéo (do fr. *chapeau*) *capellum*. Na orthographia, *eo* é diphthongo final; nunca póde occorrer no principio ou meio de palavras, excepto nas

(1) Sobre o methodo da etymologia, leia-se a admiravel introdução do *Dict. etymolog.* de Brachet.

fórmulas literarias estranhas: *eocenio, eolo, eolio*, etc.

Eu ou *ev.*—Prefixo grego. Significa: bem. *Euphonia*, bom som. *Evangelho*, boa nova. *Eucharistia*, boas graças.

Euphemismo.—Tropo que consiste em substituir expressões grosseiras, pouco decorosas ou desfavoráveis ao homem ou pouco limpas, por outras mais polidas e do uso das pessoas educadas. É um dos factores mais notáveis da lingua literaria, em cujo lexico não entram senão por abuso as expressões sordidas do poviléo e o linguaajar da canalha. O *euphemismo*, na ordem das idéas, representa o equivalente da *euphonia* na ordem material e prosódica da linguagem. Os agentes mais efficazes do *euphemismo* são na sociedade as mulheres, que em geral ignoram ou pela polidez do trato fazem obliterar o vocabulario obsceno e torpe. Não é só nessa qualidade, mas ainda para encobrir expressões duras, ou pouco agradáveis e tristes: passou á melhor (morreu); Deus o favoreça (em vez de negar a esmola); inverdade (por—mentira) já não é joven (=é ou está velho), etc.

Euphonia.—Character dos sons que na linguagem são de prosodia facil ou agradável. O opposto é a *cacophonia*. A euphonia é um principio que muito contribuiu para o desenvolvimento das linguas modernas. A euphonia fez desaparecer a maioria dos esdruxulos latinos, novamente revocados pelos cru-

ditos. Aiuda a euphonia difficulta ou impossibilita a extensão de certas funcções grammaticaes, tornando *defectivos* (vide esta palavra) muitos vocabulos de flexão. São casos e exemplos de euphonia: *d'alma* (da alma), *no dia* (em o dia), *pela tarde* (por a tarde), *vamo-nos* (*vamos-nos*), *digamol-o* (*digamos-o*), *trazem n'ó* (*trazem-o*), *idolatra* (*ídolo-latra*).

Ev.—Vide *Eu*.

Ex.—Prefixo latino: fóra, exterioridade, separação. *Excentrico* (fóra do centro), *expatriar-se* (sair para fóra da patria): A assimilação desde o latim produziu as fórmulas *e* e *ef*: *efficaz*, *efficiente*, *enorme* (fóra do normal), etc. *Ex* toma o aspecto de *en*: *enxame*, *examen*; *ensaio*, *exagium*.

Excepção.—Chama-se excepção qualquer factio que não se submete á regra dos factos analogos. Assim, o plural *males*, de *mal* (lat. *malum*), é uma excepção, porque os nomes em *al*, segundo a regra, devem ter o plural em *aes*: animal, *animaes*, etc. A excepção deve ser interpretada, não como um desvio das leis da linguagem, mas como o effeito predominante de uma lei sobre outra, por isso que todas as leis devcm ser immutáveis; ha intercurrencias e não excepções. Assim, pois, uma palavra estrangeira, como *piano*, de *planus*, dá-nos a permuta *pl=pi*, que é propria do italiano (*pian-gere*, *plangere*), etc. A influencia erudita tambem produz excepções, como *legal* em vez de

leal (*legatis*, lat.) A analogia é uma fonte perenne de excepções ás leis phoneticas, quando uniformiza as flexões usuas da lingua.

Exô, fóra.—Elemento grego. *Erotico*, estranho.

Expletivas. — Palavras redundantes, de ordinario particulas, pronomes e partes monosyllabicas empregadas, ora para effeito decorativo de phrase, e ás vezes para encher viciosamente a medida dos versos, na poesia. Assim, o uso dos expletivos póde ser um defeito de estylo ou um modo de exprimir a emphase e energia da phrase. São palavras de emprego expletivo: *sim*, *não*, *e*, *cá*, *lá*, *me*, *te*, *se*, *de*, etc. O *que* é expletivo em muitos logares de Camões. As particulas, *sim*, *cá*, *lá*, são verdadeiros *bordões*, e tornam-se de deselegante effeito na poesia. Em algum caso é belleza :

Repousa *lá* no céo eternamente
E viva eu *cá* na terra sempre triste.
Camões, *Sonetos*.

Em outros, é defeito :

Mundo infinito, e tu sem berço...
oh sim!

Th. Ribeiro—*A Judia*.

Considerem-se os seguintes exemplos : o bom *do* homem ; o pobre *do* rapaz ; o diabo *do* velho ; é muito *do* meu ; não *me* escreva poesias ; maior *do* que um gigante ; cumprir *com* a lei ; puxar *da* espada ; vá *lá* dizer isto ; por pouco *me* não desgraço ; eu, *cá*.

Explicativos. — Vide *Adjectivos*.

Explosivas. — Classe de consoantes cuja articulação se produz pelo contacto instantaneo e que logo cessa, de duas partes do tubo vocal (*pharynge*). As *explosivas* ou *momentaneas* só podem soar com a vogal ; taes são: *b*, *c*, *k*, *ch*, *qu*, *d*, *g*, *gu*, *m*, *n*, *p*, *t*. Oppõem-se á *fricativas* ou *continuas* : *v*, *f*, *x*, *z*, etc.

Expoente. — Designação que, com a de *raiz*, foi tomada da sciencia mathematica. Designa o som desinencial caracteristico de qualquer flexão. O *a*, v. gr., é, em portuguez, o *expoente* do feminino : eas-*a*, leô-*a*, rainh-*a*. O *s* é expoente do plural : cas-*a-s*, leô-*a-s*, leô-*e-s*, rainh-*a-s*, rei-*s*, etc.

Extensão. — Amplitude do sentido proprio do vocabulo. Oppõe-se a *Comprehensão*. — O feminino etymologico dos neutros em *a* (como é disfarçe de plural) augmenta a extensão dos nomes : fructo, *fructa*, folho, *folha*, lenho, *lenha*.

Extra, fóra.—Prefixo latino, caso instrumental de *exter*, comparativo aryano de *ex* (como *inter*, de *in*). *Extraordinario*, fóra do ordinario.

F

F.—Sôa sempre *f*. Em certo numero de palavras gregas, o som *f* se representa na orthographia de hoje vaidosamente por *ph* ; mas não é raro vêr-se adoptada a

letra portugueza em *fantasia*, *farmacia*, *catastrofe*, *triumfo*, *fanal*, *falange*. || (Letra latina). Consoante continua ou fricativa. Como inicial, persiste: *feito*, *faetum*; *foz*, *faueem*. A permuta dá-se com a homorganica fricativa *v*, no meio do vocabulo: *ourives*, *aurifeem*. No hespanhol, a permuta se dá para a aspiração *h*: *hijo*, *filium*; d'ahi provêm, pois, as fórmulas *ahineo* (archaica), por *afineo*; e tambem *hediondo*, por *faetibundus*. A permuta *f = b* só se explica através da evolução da formula: *f = v = b*. Assim são os especimens: *abrego*, por *avrego*, de *afri-eum*; e *acebo*, por *acevo*, de *aquifolium*; e ainda *abantesma*, por *avantesma*, de *phantasmam*. F — (letra portugueza). Provém de *f*: *fazer*, *facere*; do *ph* grego, *faisão*, de *phasianum*. Do *p* grego: *kolpos*, *golfo*.

Factitivo. — Diz-se *factitivo* o objecto que representa producto da acção: *fizeram uma ponte*; *escreva-me poesias*. Nos outros casos o objecto é *passivo*, como lhe chama Mason. (1)

Família. — No dominio da sciencia da linguagem, a expressão *família* designa a classe de vocabulos que têm a mesma origem remota, e podem ser considerados como desenvolvimentos de uma raiz ou radical commum. As *famílias naturaes* em linguística devem ser as que têm afinidade de sentido e de forma simultaneamente. «FAMILÍAS DE PALAVRAS SÃO GRUPOS

de vocabulos, que têm entre si certa analogia ou relação de *som*, *fórma* e *sentido*. — *Família philologica*. É aquella cujas palavras constituintes apresentam relações morplicas, e têm raiz ou radical commum. Ex.: Raiz AM: — *amor*, *amoroso*, *amorabundo*; *amorifero*, *amoravel*; *amar*, *amante*, *amasia*, *amador*, *amabilidade*, *amigo*, *amizade*, *amistoso*, *amigavel*; *namoro*, -*ar* -*dor*; *amistar*, *amistanga*; *inimidade*, *inimigo*, *desamor*... Raiz DUC (conduzir, levar, reger, governar): — *conduzir*, *conductor*, *condueta*, *condução*; *seduzir*, *sedução*, *seductor*; *deduzir*, *dedução*; *educar*, *educação*, *educador*; *introduzir*, *introdução*, *introductor*; *induzir*, *indução*, *inductor*, *induzimento*; *reduzir*, *redução*, *reductor*, *reduzível*, *reductivo*, *reductivel*; *traduzir*, *tradução*, *traductor*... Raiz LEG (reunir) — *lei* (1. *legem*) *leal*, *lealdade*, *legalidade*, *legalizar*, *legalização*, *legalizador*; *legista*, *legítimo*, *licito*, *legítimar*, *legitimação*, *legitimista*, *legitimidade*; *legiferar*, *legislar*, *legislador*, *legislação*, *legislativo*, *legislatura*, *privilegio*... Radical *grapho* (gr. *graphein*, escrever, descrever): — *graphia*, *graphar*, *graphico*; *epigrapha*, *epigraphia*, -ico, -ista; *graphite*; *graphometro*, *paragrafo* (párafo)... Composto com as palavras prefixas—*aer*, *autos*, *biblion*, *bio*, *caco*, *calle*, *chiro*, *choro*, *eosmo*, *ethno*, *geo*, *hiero*, *ichno*, *micro*, *lexico*, *oreo*, *ortho*, *paleo*, *photo*, *phoné*, *sceno*, *telé*, *topo*, *typpo*, etc., deu-nos *grapho* um grupo importante de vocabulos de formação erudita, e com jus de ac-

(1) Mason—*Engl. Gramm.*

FAMILIA — FILIAÇÃO

crecer. O radical indica a idéa principal; as desviações dependem do valor dos prefixos e sufixos. (1) Em sentido mais lato, a denominação de *familia* pôde ser applicada, ainda que imprópriamente, a certos grupos, como *synonymos*, *homonymos*, *paronymos*, *antonymos*.

Feminino.—Vide *Genero*.

Ficção.—Stappers denomina *etymologias de ficção literaria* as palavras admittidas no uso vulgar e que derivam da invenção dos escriptores. Eis as mais notaveis: *Amphitryão*, nome de príncipe thebano, adoptado por Plauto, vulgarizado por Molière. Pessoa em cuja casa se vae para banquete ou jantar. *Don Quixote*, da invenção de M. de Cervantes. *Dulcinéa*, idem: namorada. *Figaro*, personagem creado por Beaumarchais: alcoviteiro. *Lo-relace*, personagem do romance Clarisse Harlowe, de Richardson: joven libertino. *Mentor*, guia; do *Telemaco*, de Fénelon. *Robert-Macaire*, personagem do *Auberge des Adrets*, melodrama (1832). *Stentor*, da criação de Homero: guerreiro de voz de bronze, e que fazia as vezes de clarim, nos combates. *Tartuffo*, hypocrita; de Molière. *Sacripanta*, heróe do *Orlando furioso*, de Ariosto: máo homem. E ha mais um grande numero de outros, como: *Turcaret*, *Rossinante*, *Poliichinello*, *Pantagruel*, *Gargantua*, *Calino*, *Simplicio*, etc., derivados da ficção literaria.

(1) Pacheco—*Gramm. port.*

DICC. GRAMM.

Figurada.—*Syntaxe figurada*: expressão usada pelos antigos grammaticos para designar a syntaxe da phrase em que se notam figuras ou tropos.

Figuras.—Modificações de vocabulos por accrescimento, diminuição ou transposição. Têm a denominação geral de *Metaplasmos*. As figuras de dicção são as seguintes: 1. Por accrescimentamento: *Prothese*, *Epenthese*, *Epi- these* ou *Paragoge*. 2. Por supressão: *Apherese*, *Syncope*, *Apo- cope*. 3. Por mudança: *Metathese* e tambem *Antithese*. Os casos especiaes d'estas figuras têm os nomes de: *synalepha*, *dierese*, *syn- rese*, *crase*, *tmese*, *echtlipse*, *systole*, *diastole*. Tambem se denominam *figuras de syntaxe* varios tropos oratorios e alguns factos de coordenação ou concordancia da phrase: *ellipse*, *zeugma*, *syllipse*, *enallage*, *anastrophe*, *parenthese*, *hyperbaton*, etc. Não trataremos das que pertencem ao dominio proprio da rhetorica. Mas occupar-nos-emos nos logares competentes das figuras que estão no dominio da grammatica. Muitos dos philologos modernos rejeitam a expressão — *figuras* — que recorda a doutrina dos antigos grammaticos.

Figurativa.—Assim se tem denominado a letra ultima do thema verbal (por ex.: *o t* em *cant-ar*) e que não varia nos verbos regulares.

Filiação.—Principio que exprime a referencia de uma fórma a outra mais antiga d'onde se derivou. A *filiação* do voca-



bulo verifica-se pela *phonetica*, *comparação* e *historia*. Pela *comparação* com outras línguas filiamos a palavra *chefe* ao latim *caput*, através do francez *chef*; pela *phonetica* averiguamos que a permuta *c* em *ch* atesta a influencia franceza: *chefe*, *caput*; *cheg*, *casam*; *chose*, *causam*, etc. Pela historia filiamos as fórmulas modernas ás archaicas: *mesmo* a *meesmo*, *medesimo*, lat. *metipsimus*.

Final, ponto.—Vide *Pontuação*.

Finito.—Epitheto opposto a *infinito* e applicado na grammatica ao conjuncto de todos os modos verbaes, exceptuado o infinito ou *infinitivo*, a saber: o indicativo, o imperativo, o condicional e o subjunctivo.

Fl, grupo latino.—Conservado: *flebil*, *flebilis*. Transforma-se em *ch*: *flagrare*, *fragrare*, *cheivar*.

Flexão.—É a propriedade que têm as palavras de exprimir uma differença qualquer de sentido, por meio de modificação de sua estrutura. Em principio, nas línguas aryanas, a *flexão* manifesta-se na desinencia: *am-o*, *am-ei*; *cas-al*, *cas-aes*; *bonit-o*, *bonit-a*, etc.; a *flexão nominal* ou dos nomes comprehende as modificações desinenciaes que exprimem o *genero*, *numero*, *caso* e *gráo*. A *flexão verbal* ou dos verbos exprime o *tempo*, *numero* e *persona*. Aqui trataremos apenas da *flexão causal* ou declinação. O conjuncto dos casos dos nomes chama-se declinação. Essa

especie de flexão existe nas línguas aryanas, no grego, no latim, no allemão, etc. No portuguez não existem casos; mas ha vestigios que serão analysados nos logares determinados (*Accusativo*, *Nominativo*, etc.) No francez antigo existia uma declinação reduzida a dous casos: o *caso-sujeito* e o *caso-objecto*. É provavel que essa redução tambem existisse no portuguez em época inapreciavel, por falta de documentosem vernaculo; pelo menos existe o facto incontestavel de fórmulas duplas que se não podiam originar sem a hypothese de uma declinação primitiva. Taes são: *tredo*, *traidor* e *traidor*, *traditorem*; *tradice*, *traditio* e *traição*, *traditionem*; e outros muitos. (*V. Divergentes*, fórmulas). DECLINAÇÃO.—*Casos*. Do latim, *casus*; na grammatica grega, *ptôseis*. São as flexões que indicam syntheticamente varias relações dos nomes. Os nomes declinam-se conforme a flexão. I. THEMA EM A. (1ª declinação)

Sing. Plur.

<i>Nominativo</i>	— hora	horæ
<i>Genitivo</i>	— horæ	horarum
<i>Dativo</i>	— horæ	horis
<i>Accusativo</i>	— horam	horas
<i>Vocativo</i>	— hora	horæ
<i>Ablativo</i>	— hora	horis.

A fórmula archaica do *abl.* e *dat.* plural em *abus* tem exemplos em *filibus*, *filia*; *deabus*, *dea*; *duabus*, *duæ*; *ambabus*, *ambæ*; e esporadicamente em varios nomes; *equabus*, de equa; *natabus*, de nata; *animabus*, *dominabus*, etc. II. THEMA EM E. (2ª declinação)

FLEXÃO

		<i>Sing.</i>	<i>Plur.</i>
Nom.	V.	— dies	dies
	G.	— diei	dierum
	D.	— diei	diebus
	Acc.	— diem	dies
	A.	— die	diebus.

O accento indica a quantidade *longa*. Essa declinação é evidentemente um caso especial da primeira; como ella, compõe-se de nomes na quasi totalidade femininos. Ha nomes que se declinam por ambas, como *materies* ou *materia*; *barbaria* e *barbaries*, etc. As flexões são semelhantes: o genitivo *a* da primeira, arch. *ai*, semelhante a *ei*, e no plural *erum* e *arum*; o ablativo *abus* com o abl. *ebus*, da outra, etc. III. THEMA EM O (*u*). A fórma primitiva era em *a*, depois successivamente em *o* e *u*. A desinencia *us* pela quédá crca terminações *er*, *ir*, *ur* (liber, vir, satur), mas o caso geral é *us*, e *um* para os neutros. Damos por isso dous paradigmas apenas: (3^a declinação)

N.	— servus	servi
G.	servi	servorum
D.	servo	servis
Acc.	servum	servos
V.	serve	servi
A.	servo	servis

As fórmãs truncadas em *ir*, *er*, *ur* têm identicos o nominativo e o vocativo.

Neutros

N. A. V.	— regnum	<i>Pl.</i> regna
G.	regni	regnorum
D. A.	regno	regnis.

Notas.— Os nomes em *er* perderam a desinencia *us*; alguns

todavia a conservam: *lumer-us*, *numer-us*, *uter-us*. Como o vocativo archaico, segundo Servio, era igual ao nominativo, d'ali originou-se a irregularidade de alguns vocativos que permaneceram nas formulas de juramento: *Deus*, *Genius*, *Bacchus*, etc. Os nomes em *us*, *um*, possuíam o caso locativo que desapareceu: confundindo-se com o genitivo, *domi*, em casa, *humi*, no chão; em geral com os nomes de cidade: *Romæ*, em Roma.— *Nota final.* A observação e comparação mostram que as declinações dos themas em *a*, *e*, *o*, são reductíveis a uma só, pela progressão dos genitivos *ae*, *ei*, *i* e *arum*, *erum*, *orum*; pelos accusativos em *m*, e *as*, *os*, etc. IV. THEMA COMPLEXO, consoante, *i* e *u*. O thema em geral termina por consoante ou *i*; em *u* só em dous casos: *grus* e *sus*. Thema em consoante *arbor*. (4^a declinação).

N.	— arbor	<i>Pl.</i> arbores
G.	arboris	arborum
D.	arbori	arboribus
Acc.	arborem	arbores
V.	arbor	arbores
A.	arbore	arboribus

Os themas em vogal *i* têm as flexões em *i* em vez de *e*: *turrim*, etc.; no plural alguns intercalam *i*: *navium*, genitivo, etc. Os neutros nesse thema também no plural têm a fórma *ia*: *maria*, de *mare*. Os neutros quer de *i*, quer de thema em consoante, distinguem-se pela identidade do nom. *acc.* e *voc.* no singular e no plural, tendo nesse numero a flexão *a*, v. gr.: *corpora*. A forma-

ção do nominativo regula-se pelas leis da phonetica latina: *virtuts* deu *virtus*; leons, *leo*; a guttural *c* e *g* combinada com a flexão *s*, torna-se na dupla *x*: regs, *rex*; gregs, *grex*; pacs, *pax*; lucs, *lux*; a dental em combinação com a sibilante da flexão desaparece: vads, *vas*; pecuds, *pecus*; lauds, *laus*; atats, *atas*; virtuts, *virtus*. A flexão *s* por sua vez cáe diante das liquidas: sals, *sal*; sols, *sol*; liens, *lien*. O *n* póde tambem cair: leons, leon, *leo*; homus, *homo*. E outras regras ha que não podemos analysar nesta breve noticia. V. THEMAS EM U.— A flexão é *us* ou *u*. (5ª declinação)

N. V.—	fructus	Pl.	fructus
G.	fructus		fructum
D.	fructui		fructibus
Acc.	fructum		fructus
A.	fructu		fructibus

Os nomes de flexão em *u* são neutros; têm iguaes o nom., acc. e voc. no singular e no plural, tendo neste numero a terminação em *a*: cornu, *cornua*. E declinação de muitos nomes irregulares, heteroclitos e defectivos; havendo nos textos latinos exemplos varios de flexões diversas das do paradigma. (1) Dos VESTIGIOS que os casos deixaram no portuguez, trataremos nas palavras *Ablativo*, *Accusativo*, *Nominativo*, *Dativo*, *Genitivo*. Sobre o caso etymologico, vide *Accusativo*. Sobre a declina-

(1) Vide Guardia, *Gramm. St.* Aymour, *id.*; Hauser—*Elementa*; Möller. *Form. d. l. Spr.* 47-82.

ção no francez, vide *Francez*. Da *flexão verbal* trataremos no logar mais conveniente, quando nos occuparmos com a conjugação do verbo portuguez.

Fórma. — Termo de significação pouco determinada. applica-se ás *flexões* e variações, dizendo-se: *f.* feminina, etc. Em morphologia, *fórma* exprime qualquer parte do vocabulo que exerce uma funeção, i. é, que possue um sentido. Exemplos: *re-diz-er*, *bell-eza*, *oci-oso*, *ho-men-s*. Cada um d'esses elementos ou *fórmas* tem a sua funeção determinada.

Formação de tempos. — Nos verbos as formações são analogicas: DO PRESENTE DO INFINITO formam-se: 1º O *presente do indicativo*, mudando as terminações *ar*, *er*, *ir* em *o*. Exemplo: *am-ar*, *am-o*; *dev-er*, *dev-o*; *applaud-ir*, *applaud-o*. 2º O *imperfecto do indicativo*, mudando *ar* em *ava*, *ere* e *ir* em *ia*. Exemplo: *am-ar*, *am-ava*, *dev-er*, *dev-ia*, *applaud-ir*, *applaud-ia*. 3º O *preterito perfeito*, mudando *ar* em *ei*, *er* e *ir* em *i*. Exemplo: *am-ar*, *am-ei*; *dev-er*, *dev-i*; *applaud-ir*, *applaud-i*. 4º O *futuro do indicativo*, acrescentando *ei*. Exemplo: *amar*, *amarei*; *dever*, *deverei*; *applaudir*, *applaudirei*. 5º O *condicional*, acrescentando *ia* ás tres conjugações. Exemplo: *amar*, *amaria*; *dever*, *deveria*; *applaudir*, *applaudiria*. 6º O *participio imperfecto*, mudando o *r* final em *ndo*. Exemplo: *ama-r*, *amando*; *deve-r*, *devendo*; *applaud-ir*, *applaudindo*. 7º O *participio perfeito*, mudando *ar*

FORMAÇÃO — FRANCEZ

em *ado*, *er* e *ir* em *ido*. Exemplo: *am-ar*, *amado*; *dev-er*, *devido*; *applaud-ir*, *applaudido*. DA 1.^a PESSOA DO SINGULAR DO PRESENTE DO INDICATIVO formam-se: 1.^o O *presente do conjunctivo*, mudando o *o* em *e* na 1.^a conjugação, e em *a* nas duas outras. Exemplo: *am-o*, *am-e*; *dev-o*, *dev-a*; *applaud-o*, *applaud-a*. 2.^o O *imperativo*, da maneira seguinte: a 2.^a pessoa do singular e a 2.^a do plural formam-se das 2.^{as} pessoas correspondentes do presente do indicativo, supprimindo o *s* final. Exemplo: *amas*, *ama*; *amaes*, *amae*; *deves*, *deve*; *deveis*, *devei*; *applaudes*, *applaud-e*; *applaudis*, *applaudi*. As outras tres pessoas do imperativo são semelhantes ás—3.^a pessoa do singular, 1.^a e 3.^a do plural—do presente do conjunctivo. DA 3.^a PESSOA DO PLURAL DO PRETERITO PERFEITO formam-se tres tempos: 1.^o O *mais que perfeito do indicativo*, supprimindo o *m* final. Exemplo: *amaram*, *amara*; *deveram*, *devera*; *applaudiram*, *applaudira*. 2.^o O *imperfeito do conjunctivo*, mudando a terminação *ram* em *sse*. Exemplo: *amaram*, *amasse*; *deveram*, *devesse*; *applaudiram*, *applaudisse*. 3.^o O *futuro do conjunctivo*, supprimindo a terminação *am*. Exemplo: *amaram*, *deveram*, *applaudiram*, ficam: *amar*, *dever*, *applaudir*.» (*Escolhiaste port.*)

Fórmãs divergentes, integras, etc.—Vide estes nomes.

Forte.—Forte ou *surda*, por opposição a *branda* ou *sonora*. São as consoantes que exigem maior esforço de articulação.

Dentaes: forte *t*, branda *d*; gutturaes: forte *c*, *k*, branda *g*, *gh*; labiaes: forte *p*, branda *b*, etc. Segundo a lei do *abrandamento*, as permutas entre homorganicas se effectuam da forte para a branda: *caput*, cabo; *lupum*, lobo; *cacum*, cego.

Fr, grupo latino.—Persiste, em regra geral: frio, *frigidus*; freio, *frenum*; esfregar, *ex-fri-care*.

Francez.—É uma das mais importantes linguas romanas, e sob o ponto de vista do estudo e da importancia philologica é de certo a mais notavel. A França era povoada na maioria por celtas, e por iberos da Aquitania e gregos estabelecidos no Mediterraneo, em Massilia (Marselha). Com Cesar começou o dominio romano e o triumpho absoluto da lingua latina e da sua civilização. O elemento celtico quasi desapareceu (1); a invasão germanica começou no seculo V com os burgundos, godos, francos, e mais tarde no seculo X com a dos normandos, ao norte; o elemento arabe foi pouco intenso, e não teve dominio consideravel. Os nomes antigos do francez eram *langue d'oïl*, *lingua gallica*, *l. francica*. A lingua franceza é a que possui os mais antigos documentos, como o juramento de Luiz o Germanico, do seculo IX; a *cantilena de Santa Eulalia*, do mes-

(1) Ficou insulado na Armorica, e desenvolveu-se com as migrações kynricas.

mo seculo, etc. Em seguida vem a *Passion de J. Christ*; o *Fragment de Valenciennes*; o poema de *Alexis*; a canção de *Roland*, etc. A disciplina grammatical foi relativamente tardia, e o primeiro tratado *L'esclaircissement de la l. françoise* data do seculo XVI (1530), e foi publicado por um inglez, John Palsgrave. O primeiro dicionario data do seculo XV, e foi o *Dict. latin-françois*, de Genebra, 1487, por Garbin. Já existiam, porém, como affirma Diez, varios glossarios manuscriptos, Gachet, Escalier, etc. Os dialectos principaes do francez são o burgundo (*bourguignon*), o picardo e o normando. O burgundo é que teve a supremacia com o falar da Ilha de França, que se tornou o centro nacional e politico da França. O *picardo* é um pouco proximo do burgundo; entre as suas permutas caracteristicas notemos a permanencia do *c* forte por *ch*: *canter*, por *chanter*. Por isso, notam-se no francez algumas fórmas de origem picarda, como *cap*, *chef* (caput, lat.) O dialecto *normando* caracterizava-se por diversas transformações entre as quaes a de *u* por *o*, *eu*: *ure*, *heure*; *jur*, *jour*; *color*, *couleur*, etc. Hoje em dia o normando está muito modificado; tendo penetrado na Inglaterra, pela conquista, ahi recebeu modificações extraordinarias e de toda a sorte. Esses dialectos estão muito divididos; o *lorenes* e o *wallon* muito se avizinham do burgundo; o *ruchi* é um subdialecto do picardo, falado no

Hainaut. Fóra da Europa, a dialectação do francez operou-se sobretudo com o elemento creolo na Africa (Mauricia, etc.), na America (Cayenna) e em grandes regiões da Asia (Cochinchina, etc.). Da influencia extraordinaria que o francez exerceu nos primeiros tempos e mais no seculo actual sobre o vocabulario portuguez, occupar-nosmos no artigo *Galicismo*, d'este livro. A clareza e quasi perfeição da lingua franceza, no que respeita á principal função das línguas, a expressão do pensamento, resulta de que teve um periodo de desenvolvimento maior do que o do latim, do grego e das outras linguas romanas. O francez fixou-se no seculo XVI, quando já as outras linguas congeneres estavam, no todo, definidas e fixas. Eis o primeiro documento (sec. IX) em francez—o juramento de Luiz o Germanico, conservado pelo historiador Nithard: Pro Deo amur et pro christian poblo et nostro commum salvament, d'ist di in avant, in quant Deus savir et potir me dunat, si salvarai io cist meon fradre Karlo, et in adjudha, et in cadhuna cosa, si cum om, per dreit, sou fradre salvar dist, in o quid il mi altresi fazet; et ab Ludher nul plaid numquam prindrai qui, meon vol, cist meon fradre Karle in damno sit. Trad. literal: Pelo amor de Deus e pelo povo christão e nossa commum salvação, d'este dia em diante, emquanto Deus me der saber e poder, eu sustentarei este

FRANCEZ — FRONTEIRA

meu irmão Carlos, em ajuda e em qualquer cousa, assim como um qualquer, por dever, deve salvar o seu irmão, no que elle deve fazer-me outro tanto. E com Lothario, qualquer compromissô nunca tomarei que, por minha vontade, seja de dâmnio a este meu irmão Carlos. (1)

Francezismo, francezia. — Termo equivalente ao de *gallicismo*. Trataremos do assumpto quando chegarmos áquella palavra.

Frequentativas. — Palavras, em geral verbos, que exprimem reiteração ou frequencia da acção. Os verbos derivam quasi sempre de substantivos e adjectivos: *lagrimejar, doidejar, roejar, harpejar, solfejar, gesticular, saltetar, passear*, etc. Mais especialmente são chamados *inchoativos* os que exprimem acção cada vez mais intensa: *esmorecer, empallidecer, florescer, revivescer, rejuvenescer*; e *diminutivos* os que exprimem acção menos intensa: *saltitar, palpitar, lambiscar*, etc. Os nomes tambem podem ser *frequentativos*, quando exprimem reiteração de cousas: *fazilada, saravada*, etc. Confundem-se então com os *collectivos*. Em geral a derivação de nome de qualidade empresta ao verbo esse character: *embranquecer, branqueiar, branquejar, anoitecer, empobrecer, enriquecer, embelezar* e muitos outros. São ter-

(1) Demos pouca attenção á correção do estylo, para representar fielmente o texto original.

minações communs d'esses verbos: *eiár, iar, escer, etar, ejar*. Alguns só se denunciam pela etymologia, como *passear*, de *passar*; *agitar* (de *agir*, que não existe, salvo por gallicismo), *esquecer* (de *cadere, ex-cadescere*) no antigo portuguez, *escaecer*.

Fricativas. — Classe de consoantes que se produzem por estreitamento sem oclusão ou contacto das partes do tubo vocal. Taes, v. g.: *s, f, v, x*. São tambem chamadas *continuas* ou *semi-vogaes*, porque podem soar, embora confusamente, sem auxilio de vogal, o que não succede com as outras consoantes denominadas *explosivas* ou *momentaneas*.

Fronteira. — Sendo o Brasil limitado ao sul e oeste por povos de origem hespanhola, com os quaes as provinencias limitrophes mantêm relações de toda a especie, muito natural parece que a lingua castelhana ou a sua dialectação americana largamente se introduzisse no falar provinciano das regiões vizinhas. Nos dous *Dicc. de brasileiroismos* dos Srs. Macedo Soares e Beau-repaire Rohan deve existir um grande numero de vocabulos que nos vieram das republicas americanas. (1) Eis alguns vocabu-

(1) Vide o *Vocab. da prov. do R. G. do Sul* pelo Sr. Coruja. Os *Dicc. de Bras.* acima citados estão em via de publicação (Outubro de 1888); e hoje publicados (1905), o do dr. M. Soares nos *Annaes da Bibl. Nac.*, o de B. Rohan com o titulo de *Vocabulario* em volume a parte.

los que são communs ás republicas: *Embromar*, enganar. *De uma bolada*, de um vôo, d'uma vez. *Pitar*, fumar. É tambem do Chile. V. Zor. Rodr. *Dicc. Chilenismos*. É talvez termo de quichua. *Aço*, suffixo de varios castelhanismos. *Lindaço* (muito lindo). *Manotaço* (R. G. do Sul), couee da mão do cavallo. *Chapetão*, tolo. *De relancina*, de repente. *Fresco*—Voce americana pejoratiuus sensus ortus. No Chile «se dice especialmente de los mozos que en su trato con las mujeres no les guardan con los miramientos debidos». (1) *Emprestar* com a syntaxe de *emprunter* fr., vide *Brasileirismos*. E há muitissimos vocabulos de origem hespanhola que nos fallam á memoria. Alguns são communs ao Brasil e ás republicas, e não se pôde affirmar d'estes que sejam americanismos; taes são: *pala*, *empocar*, *madrinha* (egua que serve de guia á tropa), *boneca* (espiga do milho), *xarque*, etc.

Futuro.—Tempo dos verbos que indica a acção que está para ser realizada: *escreverei*, *faremos*, etc. Nas linguas romanas, o futuro teve formação original com o verbo *habeo*, naturalmente, pondera Reinhardstœttner, porque as fórmulas latinas (*amabo*, *tegam*) poderiam confundir-se com outras (*amabam*, *tegem*, etc.). O futuro simples é uma periphraze: *amar-ei* (amare-habeo).—Já Nunes do Lião tinha

notado o facto quando diz: «Tambem na voz activa supprimos algumas faltas que temos em nossa conjugação portugueza com este verbo *hei*, *has*, *ha*, que é *habeo*, *habere* dos latinos, que ajuntamos ao infinitivo, porque dizemos *amarei*, *amaria*, *amaremos*» (1). — *Translação*. Por hebraismo, maxime no estylo biblico, o futuro é usado pelo imperativo: «*Louvarás* ao teu Deus. *Amarás* ao teu proximo», etc.—*Orthographia*. Usualmente o diphthongo nasal é transcripto por *ão* no futuro, por ser oxytono e para distinguir das desinencias nasae dos outros tempos, não oxytonos: *amarão* (opp. a *amaram*, *amavam*, *amariam*, etc.) — *Historia*. A periphraze *amarei*, *amare-habeo*, não é de todo estranha ao latim classico. Cicero dizia: *habeo ad te scribere*, por *ad te scribam* (2). — *Classificação*. As fórmulas de futuro são multiplas, porque multiplas são as periphrases que podem dar identico significado de tempo: a) *Futuro* ou *futuro simples*. É a fórmula de periphraze aglutinada: *amarei*. A juxta-posição torna-se evidente quando ha *tmese* ou intercalação de enclitica: *amar-te-ei*, *dir-vos-ei*, etc. b) *Futurum exactum* ou futuro anterior (dos francezes): periphraze do futuro do verbo *ter*: *terei amado*; *terás vindo*, etc. c) *Futuros periphrazeos* do presente

(1) Reinhardstœttner—*Græmm.*, 214. Nunes do Lião. *Orig. da l. port.* XIX.

(2) Clément—*Gramm.*, 162.

(1) Z. Rodriguez, *Dicc. Chil. loco.*



FUTURO — GALLICISMOS

dos verbos *ter, haver*: tenho de amar, hei de amar. Chamam-se ordinariamente *compostos*. || O futuro pôde ser expresso pelo presente: *vou* amanhã.

G

G.—Tem dous valores sonicos: *g* guttural (ganhar, cego) e *g* palatal (gelo, agitar). O primeiro é antes de *e* e *i* representado por *gu*: *guerra, guia, sangue*; neste caso, o *u* não sôa senão raramente (sanguineo, guela, guelras). || (Letra portugueza). Provém de *g* inicial ou não: *gente, gentem*; gosto, *gustum*. *G*—forte pôde provir de *c* por abrandamento: logo, *loco*. Ou dos sons similares *k, qu*: *agua, aquam*. O som *gu* ás vezes denuncia a permuta do germanico *v* ou *w*: *treuga, trêva, guiza, wiza*. *G*—(letra latina). Persiste: governo, *gubernum*. Desapparece com assas frequencia, por syncope: *le-g-em*, *lei*; *digitum*, *dedo*; *regalis*, *real*. A apherese é rarissima. O exemplo: irmão, *germanum*, talvez se explique melhor pelo castelhano *hermano*. Antes do *a* sempre se ouve o *u*: *guarda, agua, egua*, etc. || ORTHOGRAPHIA. Dobra-se o *g* em agravo, exaggero. Não sôa em varios nomes: *Ignes, signal, Ignacio*, e antigamente não soava e nem se escrevia em *digno, indigno, maligno*.

Galicismos.—Nome dado a expressões, construcções e vocabulos tomados do francez, ou por necessidade ou sem ella. Falem sobre o assumpto alguns

mestres: «Grande tem sido a influencia do elemento francez na formação da lingua portugueza desde o sec. XIII. Muitas d'essas palavras do 1º periodo já se arcaizaram (*aproxés, escote, aprés...*); outras ainda são de uso corrente (*caporal, forriol...*)

— Os neologismos de origem franceza mais se referem ás modas nos trajes, a iguarias, á ficção literaria, ou são nomes proprios indicadores de productos ou invenções (*capote, cache-nez... croquette, vol-au-vent... tartufo, bordeaux, cognac... guilhotina, bayoneta...*) Si de todo rejeitamos *boudoir, adresse, envelope, bouquet, toilette, fauteuil...*, verdadeiros enxovalhos da nossa vernaculidade, não assim outros gallicismos a que temos por necessarios, como, por ex: — *armistício, barricada, patinar, soutache...* Não consideramos gallicismos, e aqui discordamos de S. Luiz, Leão, S. Tullio e outros—*adiar, activar, felicitações, regressar, rotina.*» (P. Junior) || Eis o que diz o auctor do *Escoliaste*: «Muitos vocabulos são já hoje portuguezes, que eram exclusivamente francezes, não ha muito. O que em relação a elles se pôde estabelecer por doutrina mais sã, e que melhor conforma com a pratica dos nossos bons escriptores, é que se não vá buscar dicção franceza que diga o mesmo, e ás vezes menos que outra, que pertença legitimamente ao nosso vocabulario. Na construcção e contextura do periodo evitem-se ainda com mais cuidado os gallicismos, tomando-se por

GALLICISMOS

modelos os nossos classicos, e respeitandose as regras da boa grammatica. Apontaremos alguns gallicismos escusados ou feios. *Detalhes* em vez de — *pormenores, particularidades*. *Chefe d'obra* em vez de — *obra prima, primor d'arte*. *A sciencia a mais universal* por — *a sciencia mais universal*. *Confeccionar leis, regulamentos, etc.*, em vez de — *redigir leis, fazer regulamentos, formular, escrever, etc.* *Confeccionar*, ou antes *confeçoar*, em bom portuguez, é fazer confeições, que são as preparações medicinaes que se manipulam nas boticas. *Confeccionar*, empregado em diferentes phrases, taes como: «nomeou-se uma commissão para *confeccionar* a lei;» «já se *confeccionou* o regulamento;» «o architecto está *confeccionando* o plano da obra;» «os productos d'esta fabrica são bem *confeccionados*;» e em outras que taes é não só gallicismo, mas disparate de marca maior. Todas estas *confeições* serão muito doces e saborosas para certos paladares, mas repugnam e amargam ao gosto portuguez. O nosso modo de dizer é: *Fazer leis, redigir leis, escrever leis ou legislar*. Já se *formulou* o regulamento. O architecto está *traçando* o plano. Os productos d'esta fabrica são bem *trabalhados*. Emfim, quasi tudo o que os gallicistas designam pelo verbo *confeccionar*, se explica em bom portuguez pelos verbos *fazer, formular, compôr, organizar, traçar, riscar, fabricar, produzir, delinear, idear*, e outros muitos. *De resto* em vez

de alguma das conjunções ad-versativas ou locuções equivalentes. *Ter logar* em vez de *realizar, effectuar* ou *effectuar, occorrer, succeder, acontecer, haver, celebrar*, etc. *Garantir*, tambem o julgamos superfluo, porque temos em vez d'esse, tomado do francez, muitos com a mesma acceção; v. g.: *affiançar, abonar, assegurar, preservar, acautelar*, etc. *Soffrer*, como synonymo de *padecer*, falando-se de pessoas, é um gallicismo: *padecer* é sentir alguma enfermidade, dôr, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, de-sar, em fim qualquer mal physico ou moral. *Soffrer* é supportar todos estes males com paciencia, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos. De sorte que ha *padecer* sem *soffrer*, mas não pôde haver *soffrimto* sem *padecimento*. Quando dizemos, fulano *soffre* do peito, asseveramos uma cousa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle pôde *padecer* do peito, mas não causar *soffrimtos* essa doença. Por isso devemos dizer para não errar—*padecer* do peito. «A caridade é paciente e *soffrida* nas tribulações.» Quando o verbo *soffrer* se emprega em acceção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo. *Partilhar* na acceção neutra ou intransitiva, tomada do verbo francez *partager*, que tem as duas naturezas, como muitos dos nossos. *Partilhar* entre nós é activo unicamente, porque para a acção intransitiva

GALLICISMOS

temos o verbo *participar*. Nestas locuções, que até em diplomas officiaes se lêm: o *governo partilha as idéas do illustre deputado*; *partilhar o sentimento publico*; *partilho a mesma opinião*; *partilhar as mesmas doutrinas, os seus pezares, as suas alegrias*, ha gallicismos vergonhosos. Em bom portuguez deve dizer-se: *participar do sentimento publico*. *Partecipo da mesma opinião, dos seus pezares, das suas alegrias, etc.*, i. é, tomo parte nellas. *Logo que amanheceu e que foi dado o signal da partida*, etc., por— *logo que amanheceu e foi dado, etc.* Isto sendo assim, não admira que elle fosse mal succedido, por— sendo isto assim não admira, etc. *Peço-te de guardar segredo*, por— *peço-te que guardes segredo. Que saiba todo o mundo que eu estou innocente*, por— *saibam todos que estou innocente. Elle me tem dado a sua palavra de vir passar em minha companhia alguns dias*, por— *Elle me deu a sua palavra que viria*, etc. *É por isso que eu me resolvi*, em vez de — *por isso é que me resolvi. Mais observe, mais cresce a minha curiosidade*, por — *quanto mais observe, tanto mais cresce, ou tanto maior é a curiosidade*, etc., etc.» Aqui damos um glossario resumido dos gallicismos que usualmente se encontram nos documentos literarios da lingua portugueza no seculo XIX. Notamos com um asterisco (*) as palavras e locuções geralmente adoptadas, e contra as quaes até hoje pareceu impossivel estabelecer-se qualquer reacção proveitosa.

Antes, porém, de fazer o catalogo abreviado dos gallicismos, convém indicar a existencia de fórmas vernaculas auctorizadas, que têm injustamente sido consideradas de proveniencia franceza. Taes são: *Apartamento*, quarto, camara; vocabulo de bom cunho, auctorizado por Vieira, Sá de Miranda. *Armada*, exercito de terra. *Campanha*, por campos, campinas, auctorizado por Vieira, Jac. Freire, etc. *Continencia* (contenance), aspecto, figura; auctorizado por classicos como Fr. L. de Souza e Barros. *Desnaturado, desolado*, são classicos. *Em bom ponto* (en bon point) já se acha no Palmeirim e na Chronica do Condestable. *Gelozia* (jalousie), usado por Vieira, no sentido de *solicitude, cuidado*. *Successo* no sentido de *bom successo* e bom exito, usado por Vieira. *Aquistar, nombramento, raconto*, são do uso de Vieira. *Inusitado* é de Camões. «Ouvindo o instrumento *inusitado*» (Lus. II, 107.) *Mancar*, faltar, auctorizado por Fernão d'Alvares e outros. *Reprochar*, lançar em rosto, exprobrar, usado por Zurara e Duarte Nunes, que considera o termo francez, mas de antiga existencia na lingua. || Recentemente, a proposito de gallicismos, escreveu Ruy Barbosa: «Porque os francezes de *prodigue* tiraram *prodiguer*, não é licito inferir que seja francezia o nosso *prodigar*. D'esta fórma se serviu depois de FILINTO ELYSIO, CASTILHO, na traducção dos *Fastos*: «Dá, *prodiga* ao meu genio os teus influxos.» (Tom. III, p. 45). De

prodigus derivaram os latinos dois verbos: *prodigere* (FORCELLINI, v. IV, p. 893) e *prodigire* (*ib.*, v. VI, p. 706), um e outro com a acepção de *immoderate rem effundere, aliquid superflue, consumptorie agere*, isto é, de *malbaratar, dissipar*. Mas, tendo aliás *prodigalitas* e *prodigaliter*, de *prodigalis* não extrahiram forma verbal. Por que então, indo nós além d'elles com o *prodigalizar*, que adoptamos, por derivação *indirecta* de *prodigo*, não lhe admittiriamos, á semelhança dos latinos, a derivação verbal *directa* *prodigar*? Outras vezes pôde aenteer que seja realmente franceza a palavra. Assim em *eusina* (*cousine*), *minhão* (*mignon*), *pucella* (*pucelle*), *arranjar* (*arranger*), *poterna* (*poterne*), *freire* (*frère*), *libré* (*livre*), *marau* (*maraud*), *remercer* (*remercier*) e tantos, tantos outros vocabulos. Mas a elaboração vernacula, por que passaram, as necessidades, a que vieram servir, as lacunas, que preencheram, a adaptação portugueza, que revestem, acabaram por os incorporar na substancia viva e genuina da nossa linguagem, bafejados pelo genio d'ella e naturalizados sob as suas formas. A historia d'essas transformações e nacionalizações, porém, não favorece a theoria dissolvente d'aquelles; que, exaggerando essa mutuação de serviços entre as linguas vivas, não conhecem barreira á introdução dos estrangeirismos, e das negligencias de bons escriptores tiram argumento para a legitimação de absurdos, enor-

midades, ou bastardias inadmissiveis. O easo de GARRETT merece especialmente considerado. Constitue esse um especimen singular, entre os bons escriptores, de complacencia e, até, algumas vezes, desmazelo em materia de estrangeirismos. Dos que elle perpetrou, eita o sr. JOSÉ VERISSIMO alguns: *desapontamento*, *esquiassa*, *breve* (por *em summa*, *enfim*), *deboche*, *preferir antes e tractos* (*traits*, por *episodios*). Muito mais longe iria, porém, o rol. Num só volume, o XXIII, das suas obras, que me cae á mão, sem muito esmerilhar, se me deparam: *detalhe* (p. 128, 133, 167), *fazer as delicias*, *faire les délices* (p. 383), *estar ao facto*, *être au fait* (p. 343), *de parte e outra*, *de part et d'autre* (p. 241), *luctar de zelo*, *lutter de zèle* (p. 245), *ter logar*, em vez de *ocorrer* (p. 313, 343.) (1) Mas que mostram esses deslises senão as distrações casuaes do grande escriptor, ou os eclipses momentâncos do seu gosto, do seu tino, da sua maestria no falar? Meio seculo, ou mais, ha

(1) Não incluo aqui o *chicana*, usado por GARRETT, v. XXIII, p. 24, porque, apesar do prof. CARNEIRO, que o reputa gallicismo (*Grammat. Philos.*, p. 433), tem por si a opinião summa de CASTILHO ANTONIO, que varias vezes o empregou:

«Vá promover já já, sem sombra de *chicana*.»

(*Tartufo*, p. 94.)

Um é um *chicancero*, que prinéipiou por fiel dos feitos. » (*Colloquios Aldeões*, p. 382.)

GALLICISMOS

que elle os perpetrrou, e nem o lustre do seu nome os logrou sobre-doirar, nem a fascinação do seu estylo conseguiu naturalizal-os. *Esquissa*, alliteração infeliz do francez *esquisse*, não alcançou jámais entrar em competencia com *esboço*, *eskorço*, *bosquejo*, *lineamento*, *debuxo*, quanto mais excluil-os. Ninguem, absolutamente ninguem escreve, ou escreveu jámais, depois de GARRETT, *breve* adverbialmente, á franceza, por *em summa*. *Deboche*, em cujo logar temos *crápula*, *devassidão*, *libidinagem*, *desvergonha*, *barganteria*, continúa a reputar-se o mais torpe e dissoluto dos gallicismos. « Não é portuguez, é francez », diz FIGUEIREDO. A *fazer as delicias* antepõem, ainda hoje, os entendidos na arte de escrever o torneio vernaculo, muito mais elegante, da nossa lingua na phrase de VIEIRA: « Esaú era as delicias da velhice de Isac. » (*Serm.*, I, 531. Ap. MORAES.). *Preferir antes* não reflecte o menor traço da elegancia paterna, e não encontraria, entre os menos escrupulosos escrevedores, quem o imitasse. *Tractos*, por *episodios*, *lanços*, *rasgos* historicos, era um cumulo de franchice, que havia de expirar, como expirou, do excesso da propria desenvoltura. Dá a lembrar, pela sua extravagancia, tão contraria ás grandes qualidades d'aquelle escriptor, o *chefe d'obra*, tambem de GARRETT, que o sr. VASCONCELLOS, auctoridade insuspeita á boa escola da evolução historica no estudo da linguagem, enumera entre « as

palavras e phrases em que a nossa lingua anda conspurcada por ignorancia e pedantismo.» *Estar ao facto*, locução desprovida, com nosso falar, de regencia e sentido, não desalojou o *estar sciente*, *estar em dia*, *estar inteirado*, *estar a par*. *Detalhe*, com as suas derivações *detalhar*, *detalhado*, *detalhadamente*, vinha, com a audacia e o desaceio do mais tosco barbarismo, sobre-pôr-se a um acervo de expressões vernaculas, sãs, correntias, sonoras, variadas, expressivas: *miudeza*, *minudencia*, *particularidade*, *pormenor*, *circunstancia*, *individuação*, *especificação*, *indivduar*, *particularizar*, *por menor*, *por miudo*, *pelo miudo*, *miudamente*, *minuciosamente*, *circunstanciadamente*, *particularizadamente* e muitas outras, analogas, ou derivadas. Esse lançou as radículas pertinazes do escalracho no mau terreno; mas no bom, na lingua dos escriptores onde se aprende a falar, não encontrou jámais scñão repulsa. O *ter logar*, na accepção franceza, alguma coisa vae medrando, graças ao equivo-co do seu significado exacto, mas só entre escriptores mediores, ou descuidados. Quanto ao *luctar de zelo*, por *competir*, *porfiar*, *rivalizar em zelo*, e o *de part et d'autre*, por *de uma e outra parte*, são fraquezas, desaires e aleijões, a que só não succumbe o credito de um GARRETT, porque ao seu fulgor não ha nadaos, que se não apaguem. Grande mestre, mas de quem, ainda com mais razão na segunda parte da sentença, se poderá dizer como CAS-

TILHO de FILINTO ELYSIO : «Fez serviço talvez maior que nenhum dos classicos ; mas é de todos o menos para seguir ás cegas.» Atribuía DUARTE NUNES a abundancia das francezias na lingua portugueza, acima de tudo, «ás idas que os portuguezes faziam á França». Nos individuos é especialmente sensível a influencia d'essas relações e d'esses contactos. A tendencia de GARRETT para os estrangeirismos creio terá tido origem nas causas d'essa natureza, que assignalam aquella vida, em que tamanha parte coube aos salões, á moda, ás viagens e á diplomacia. Quem ler as *Cartas* do Cavalleiro DE OLIVEIRA, lá descobrirá efeitos semelhantes do influxo do ambiente estrangeiro sobre a fórma do pensamento nos melhores escriptores. Todos os prós têm nesta vida os seus contras ; todos os beneficios, os seus descontos. Naquelles volumes, ordinariamente do melhor vernaculo, como nos de GARRETT, ha gallicismos ás vezes impudentes e destemperados, como «acordar favores» (fr. *accorder*), por *conceder favores* (v. II, p. 210), *depois* (*dépuis*), por *desde* (v. I, p. 439), *razonavel* (*raisonable*), em vez de *razoavel* (I, 227, II, 467, III, 211, 325), *maquinhão* (*maquignon*), em lugar de *alquilador* (II, 278), *seriosas* (*sérieuses*), por *sérias* (I, 267), *seriosamente* (*sérieusement*), por *seriamente* (I, 103, 337.) E, assim como o auctor do *Frei Luiz de Souza* foi buscar ao *disappointment* inglez o *desapontamento* (v. XXIII, p. 322) e ao

inglez *despondency* o seu *despondencia*, em que ninguem mais ouviu falar, de novidades londrinas semelhantes nos quiz dotar o correspondente da condessa de Vimioso, eobrando vocabulos saxonios com vocabulos portuguezes, como na expressão *Philosophical Transactions*, esdruxulamente aporluguezada em *Transacções Philosophicas*. (V. II, p. 307.) Mas o que neste assumpto constitue a obra prima do Cavalleiro DE OLIVEIRA é o typo, que nos deixou, do francelho petulante, satisfeito e alvar, na impagavel creatura de um famulo, que *achatava* (*achetaît*), quando queria comprar, tratava de *trupas* as *tropas*, trocava *bolsas* em *bursas* (*bourses*), disfarçava os seus *pensamentos* em *penseiros* (*pensées*), não *neglijava* (*negligeait*) os seus deveres, e, com as surpresas e graças d'esse phraseado, era, nos dias humidos e tediosos de Amsterdam, o *sulajamento* do amo. Não ficam acima d'esta craveira, por menos que valesse o tarelo d'aquelle famulo, os *chefe d'obras*, os *esquissas*, os *deboches*, os *debutes*, os *gôches*, mais bem naseidos, mas não melhor formados. Que serviços faz ao seu estylo e á sua lingua um bom escriptor, cuja phantasia se compraz em disparzir como fôres essas nodoas, sem necessidade, nem criterio? Lastima C. FIGUEIREDO a afrancezada construeção, que o *Primo Basilio* e o *Padre Amaro* pizeram em moda entre a mediocridade, propensa a arremedar os vicios, porque incapaz de imitar virtudes. Não



GALLICISMOS

é d'elles que se gerou, para o escriptor brilhante e original d'essas novellas, a reputação justa e universal de estylista diserto, de prosador claro, elegante e donoso. Não foi do gallicismo no phrasear que lhe veio o transparente e crystallino da linguagem. «Casas brancas avistavam-se ao longe», «sons de piano ouviam-se a distancia, e cauteleiros impertinentes assaltavam-me», «vozes esganiçadas de vendedores ambulantes *punham* no ar a nota viva», são outras tantas distorsões e tregeitos de arremedo estrangeiro, que invertem a corrente natural da linguagem, e toldam a limpida veia do pensamento. Certas monotonias da obsessão imitativa, sempre inclinada ás fórmas adventicias, lhe voltam e revoltam periodicamente no discurso, como sestros, bordões, achaques e cacoches. Entre outras, as locuções do verbo *pôr*, especie de tique, amiude e como de espasmo reiterado no aliás formoso aspecto d'aquella prosa: «*punha* um brilho», «*punha* um traço de luz»; «*punha* uma tristeza»; *pondo* uma palpição em cada peito»; «o fio d'água *punha* o seu choro lento». (*Os Maias*, v. II, p. 131, 342, 365, 381, 464.) No estofo da phrase corada á estrangeira sobresaem de quando em quando, como jóias destinadas a atavial-o, gallicismos de toda a casta: uns antigos, relapsos, enxovalhados; outros no trinque, flammantes, desabusados, provocadores; estes obscuros, mediocres, dessaboridos; aquelles vistosos, infu-

nados, estrepitantes. Aqui um *de resto* «francez puro»; alli um *Geneva*, francezissimo nome de *Genebra*; além um *massacre* a que o *morticínio*, *carnificina*, *matança*, *trucidação*, *carniceria* tão bem nos forravam: adiante, um *debutar*, desnaturação feia, malsoante e pedantesca do nosso *estrear*; mais longe um *gôche* e um *gôchement*, increveis reproducções das homophonias palavras francezas, que o nosso idioma traduz vantajosamente por *desasado*, *contrafeito*, *desastrado*, *constrangido*, *embaraçado*, *acanhado*, *mal ageitado*, *desgeitoso*; agora, um *costume*, em vez do portuguez *fato*, *andaina*; logo, um *confeção*, em lugar de *roupa*, *vestido*, *artefacto*; depois, um *unido*, cópia ignara do francez *uni*, com a significação de *liso*, que em portugez lhe não pôde caber; mais tarde, um *no fundo*, arremedação do francez *au fond*, em *summa*, na *essencia*, em *substancia*, ou um *cabello chato*, *cheveu plat*, desageitada e infiel expressão de *cabello escorrido*, ou *liso*; ora o *partager*, mal disfarçado em *partilhar*, com a significação, que o nosso idioma lhe recusa, de *participar*, *compartir*; ora um *ter a*, em vez de *ter que*; um *qualidades*, na significação de *virtudes*, *boas* ou *grandes qualidades*; um *amor por*, em vez de *amor a*, ou *amor de*, e até, novidade de primeira mão, um *saudade por*; umas vezes, o *grande ar*, versão inepta do *ar livre*; os *detalhes*, esparsos em profusão, com desprezo de *por-menores*, que aliás lhe não esqueceu, mas que não ousa empre-

gar senão a vergonha e a medo; o *fazer o conhecimento, faire la connaissance*, pelo vernaculo *travar conhecimento* ou *relações*; outras, um *adresse*, desfigurando o *nosso endereço*; um *alcools*, homenagem ao francez, em rebeldia com as regras vernaculas do plural dos nomes, ou o *cholera*, masculinizado em desprezo das nossas leis grammaticaes. Já não falo no *soirée*, condemnado pelo dr. CARNEIRO; no *abat-jour*, reprovado por JULIO RIBEIRO, e que vernaculamente se diria *quebra-luz, guarda-luz, sombreira, pantalha, bandeira*; no *toilette*, desnecessario *travestissement de traje, vestuario, vestido, vestidura, fato, vestimenta*; no *boudoir*, cuja equivalencia portugueza, *toucador*, o próprio EÇA varias vezes utiliza. Com essas trocas do portuguez em francez teria lucrado o discurso em colorido, em graça, em harmonia, em força, em clareza? Muito ao contrario. Coteje-se o *boudoir* ao *toucador*, o *abat-jour* ao *quebra-luz*, o *adresse* ao *endereço*, o *detalhes* a *pormenores*, o *unido* ao *liso*, o *gôche* ao *desasado*, o *massacre* ao *morticínio*, o *debutar* ao *estrear*, e logo se verá quanto descae a expressão, em luz, em sonoridade, em transparencia, em energia, das castas e bellas fórmulas vernaculas para os bastardos e aleijados arremedilhos francezes. Na aberração d'essas preferencias pelo vicioso, pelo maculado, pelo disforme não se póde enxergar o criterio ou a intuição da arte: são os defeitos do temperamento do artista, as

influencias da sua leitura, as intermittencias da sua atenção, os bocejos da sua indolencia, as falhas da sua cultura mental e essa especie de dandysmo literario, emfim, que dos habitos pessoaes se reflecte na lingua de certos escriptores. Nessas extravagancias, nessas impurezas, nessas degradações da palavra continuará elle a exercer a sua justa auctoridade, o seu officio natural de actuar creadoramente sobre o idioma? Não póde ser. Quando taes emprestimos de povo a povo, recebendo o baptismo patrio das mãos de um mestre, acodem ao reclamo de uma idéa nova, de uma necessidade ainda não attendida, e passam intelligentemente pela moldagem nacional, ninguem os poderá tachar de intrusos. Mas locuções estranhas, inuteis, revessas, trazidas a capricho e a martello amanhadas, não se impõem ao uso popular, que não as reclamava, e, para as colher, tem de lhes sacrificar tradições antigas, relações naturaes e fórmulas superiores. Todos os idiomas vivos permutam uns com os outros. Seria desatino recusar esses subsidios, tão inestimaveis quanto imprescindiveis, que se mutam as linguas, emquanto não fossilizadas. Condemnar, pois, em absoluto os estrangeirismos fóra não ter senso commum. Não são os gallicismos em si mesmos o que se repelle, mas a superfluidade evidente, ou a crueza indigesta, nos gallicismos. Podemos importar de França o que não tivermos, e necessitarmos, comtanto que o façamos, respeitando as leis da

GALLICISMOS

morphologia na historia natural da genese e transformação das palavras. Muitos vocabulos são hoje portuguezes, ninguem o ignora, que eram meramente francezes; e todos os prosadores, todos os poetas contribuem para esse capital de importação, essencial ao convívio dos povos civilizados. Ha de ser difficil deparar-se-nos «bom escriptor, que não tenha perpetrado gallicismo.» Nos melhores, em geral, como GARRETT e HERCULANO são principalmente verduras da mocidade. Outros, como EÇA e RAMALHO, os vão semeando quasi toda a sua vida. Mas, para lhes dar legitimidade, não basta de per si só o nome refulgente dos auctores, que os adoptam. Consultaram o genio da lingua? Obedeceram ás exigencias da lingua? Observaram os moldes da lingua? Bemvindas sejam, nesse caso, as innovações. Não o fizeram? O bom sizo, a sciencia, a arte nol-os mandam repellir. A questão, portanto, não é embaraçosa para os criticos de boa fé. «O que se rejeita», diz FIGUEIREDO, «são os gallicismos inuteis, *perfilhados pela moda ou pela tolice*, como *golpe de vista*, *chefe de obra*, *detalhe*, *debutar*, etc., etc.» Nesse caminho, não ha que andar muito do *élite*, do *reclame*, do *atelier*, do *nuances*, ao *parure*, ao *première*, ao *corbeille*, ao *rez de chaussée*, ao *recollar*, ao *joven filha*, ao *amusante*. Os grammaticos mais novos, mais estremes de ranço archaico, mais versados nas theorias evolutivas da glottica moderna têm-nos prevenido

contra os gallicismos inconside-rados, injustificados, inadequados. JOÃO RIBEIRO adverte que muitos se nos foram introduzindo «por descuido, pela ignorancia das fontes classicas, pelo máo gosto dos escriptores, ou pelos caprichos da moda». LAMEIRA e PACHECO os exemplificam em alguns do jaez de *bouquet*, *négligé*, *fauteuil*, *comité*, *coquette*, *peti-metre*, *plateau*, *bello espirito*, *chefe d'obra*, *guardar o leite*, *deboche*. JULIO RIBEIRO aponta-nos de amostra *confeccionar*, *abat-jour*, *afroso*. VASCONCELLOS nos indigita como typos de «*mil outras*» falsificações, «com que a nossa lingua anda conspurcada por ignorancia e pedantismo», *bloco*, *affazeres*, *recidivar*, *debutar*, *chefe d'obra*, *golpe de vista*, *guardar o leite*, *fazer literatura*. Ante essas lições, bebidas não no sepulcrico das mumias antigas, mas nas fontes vivas do saber contemporaneo, que queria o Sr. JOSÉ VERISSIMO que eu fizesse? «Certos jornalistas», escreviam, ha annos, entre nós, dois homens de letras, «certos jornalistas, baldos de amor ás excellencias da viril linguagem portugueza, grandemente prezadas dos CAMÕES, BERNARDES, FILINTOS e outros, encaminham o esbelto idioma para o despenhadeiro dos barbarismos, solecismos e quejandas soezes corruptelas. Mudemos de politica, de amores, de vestuario, que tudo isso é moda; mas conservemos uma lingua uniforme, que seja entendida de todos nós, sem atravancal-a de impurezas que lhes desdoiram o brilho e lhe



corrompem a indole.» Havia eu de seguir, na elaboração de um código civil o rasto do periodismo vicioso e descuidado? Nesse trabalho de incomparavel responsabilidade, nesse trabalho impessoal e nacional, nesse trabalho destinado a transpôr uma existencia secular, era essa a norma que se me impunha? ou a de o vasar nos moldes menos impuros, ditados á nossa lingua pelo uso mais escrupuloso e pelos melhores escriptores? Se já não ha estrangeirismos defesos, tem razão o Sr. José VERISSIMO. Se inda os ha, *c'est une querelle d'allemand*, é uma rusga futil esse longo dissertar das necessidades inevitaveis da evolução no seio das linguas vivas. Todas ellas se inspiraram em considerações tão simples, quanto irrefragaveis, a que os mais decididos evolucionistas em materia de linguagem não recusam assentimento. Venham as novidades, embora advenas, mais rcebeendo feição vernacula. Venham os estrangeirismos, assim transformados, comtanto; porém, que sejam necessarios. «Ha um principio generico, de que se não deve desfrutar a vista: é que não é licito enxertar em o nosso idioma palavra estrangeira, destinada a representar uma idéa, que pôde ser expressa por uma palavra portugueza.» A esses dois canones me ative. São elles os que me inspiram objecções a vocabulos do feitio de *honorabilidade, propositalmente* e outros, o primeiro pela sua inutilidade e obscuridade, o segundo pela sua superfluidade e in-

vernaculidade, os demais, todos elles, por motivos igualmente estribados nessa dupla regra, a que toda a escriptura limpa deve obedecer.» *Replica do Senador Ruy Barbosa...* pgs. 199 — 201. A, usado como particula regente é gallicismo nas locuções: nada ha a fazer (nada ha *que* fazer); de maneira a chamar attenção (de maneira *que* chamou a attenção). Pouco teve a temer (que temer): *ABANDONO, ar, gall. usual e talvez necessario; ABERTURAS, usado na diplomacia (propostas preliminares); ACTIVAR, g. necessario; ADRESSE, por *sobrescripto*; AFFARES ou *affazeres*; alguns escriptores propõem a fórmula *que-fazeres*; AFFIXAR é admittido; AFFROSO, horrendo; ALTERADO, sequioso; ANIMOSIDADE, gall. admittido; *ARMISTICIO; ARRANJO, *arranjar*. Necessarios. *Arranjar*. t. de taboeiro, é antigo; ASCENDENTE, preponderancia; *ASSEMBLÉA; ATTITUDE, de bom uso como termo de arte. É-lhe preferivel *postura*; *AUDACIOSO, porousado; AVANÇAR, no sentido de afirmar; *BANCAROTA; BANAL, trivial, sedição, vulgar; BARRICADA, necessario; *BELLO SEXO; BEM, é gallicismo nas locuções *bem mais, bem menos*, em vez de *muito mais, muito menos*. Salvo quando junto a adjectivo: *bem mais* formoso, etc; *BEM-ESTAR, adoptado geralmente; BIZARRO, extravagante; *BOM, gallicismo em *boas graças*, em vez de *graças* simplesmente: cair na graça del Rei e não nas *boas graças* do Rei. *O bom Deus* (le bon Dieu). Inver-

GALLICISMOS

samente, é gallicismo dizer *o gosto*, em vez de *o bom gosto*. Outro gallicismo: *o bom tom*, que aliás já tem bastante uso; **BONOMIA**; * **BROCHADO**, *brochura*, etc; **BRUSCO**, violento, precipitado. Em vernaculo *brusco* significa escuro, annuviado: tempo *brusco*; * **CABOTAGEM**, navegação costeira; * **CALCULO**, g. no sentido de intenção; **CARNAGEM**, é classico no sentido de provisões de carne: «Fazer *carnagem* e aguada», Barros; * **CHICANA**; **COALIÇÃO**, por colligação; **COMITÉ**, por junta, comissão; * **COMMANDO**, *commandar*, etc. (termos militares); **COMPLACENTE**; **COMPORTAR-SE**, *comportamento*, etc., procedimento; **COMPROMETTER**, no sentido de arriscar; * **CONDUCTA**; **CONSCRIPÇÃO**, recrutamento; **CONTAGIÃO**. Havido por gallicismo. Ruy Barbosa contesta-o e com razão: «Se **VIEIRA** usa de *contagião*, é que esta palavra não é menos nossa que dos francezes. Para um e outro idioma promanou ella do latim *contagio*, *contagionis*. **BLUTEAU**... Com licença do sr. **JOSÉ VERISSIMO**: não hei-de citar os vocabularios modernos, para demonstrar a antiguidade vernacula dos termos e adventicios... **BLUTEAU** já regista esse vocabulo, invocando **LEMMOS**, *Cerco de Malaca*, p. 40: «Infuncionados da *contagião* do ar corrupto.» Podia citar auctores mais eminentes, como **FR. LUIZ DE SOUSA**, onde frequentemente occorre esta palavra: «Foi *contagião* do ar.» (*Annaes*, p. 59.) «Escapar de se

lhe communicar a *contagião* na villa.» (*Ib.*, p. 60.) «Com pestilencial *contagião* tem inficionada e enferma grande parte da christandade.» (*V. do Arceb.*, I, II, c. 15.) «Andando já a mesma *contagião* mui accessa em Fez.» (*Hist. de S. Doming.*, parte I, I, VI, c. 31.) «E como mal de *contagião* eram geraes em todos os logares.» (*Ib.*, I, IV., c. II.) Mas seculos antes de **FR. LUIZ DE SOUSA** e **VIEIRA**, el-rei **D. DUARTE**, que começou a reinar em 1433, já usava d'esse vocabulo: «Grande bem he mandar alguns curar fóra dellas» (cidades e villas), «e assy os enterrar quando della» (da peste, *pestellença*), «morrerem, fechando as casas por XV ou XX dias, ca veemos cortar ou queymar hui membro mal desposto, por nom se perder per sa *contagioom*.» (*Real Conselh.*, p. 307.) **CONTAR**, gallicismo nas locuções: contar *sobre*... contar *com*...; **COQUETTE**; **CÔRTE**, gallicismo no sentido de *tribunal*; **COSTUME**, trajo, habito; **COSTUMES**, gall. no sentido de — *os bons costumes* (les mœurs); **CRACHA**, habito, insignia; * **DADOS**, informações, razões; **DE**, preposição. — Locuções reprovadas: 1. «A primeira cousa que fiz foi *de* vir a Madrid.» 2. Recommendeu *de* fazer, etc. 3. O menor abuso que commette é *de* reduzir o povo á escravidão. Convém notar que varios usos do *de* são classicos. «Quam grato era *da* mercê» Barros. «Chamaram-lhe *de* hereje.» **FR. L. de Souza**. «Os pais e a patria o negavam *de* filho.»

GALLICISMOS

Jac. Freire. «Ordenou de fazer a fortaleza.» Fernão Alvares. «De-sejo ha muito de andar terras estranhas.» Camões, C. VI, 54. *DEFERENCIA; *DEGRADAR-SE, descair; DEPARTAMENTO; *DEPOIS, gallicismo na locução: *Depois de taes exemplos*—por: *à vista de taes exmplos*; *DESCOSIDO, (décousu); DESSERT, postre, postasto, sobremesa; DESINFECTAR, desinficionar; *DESTACAR, *destacamento*, termos militares; DETALHE, *detalhar*, particularizar; DOMESTICO, servidor, criado; ECLOSÃO; ECLUSA, dique; *EFFEITOS, na l. do commercio. Já usado por Vieira: «os *effeitos* da Fazenda Real.» *EGOTISMO; ELANÇAR-SE, arrojarse; EM, preposição.—Gallicismo nas locuções: *falar em philosopho* (como). *O objecto em discussão (que se discute.)—«Parece que *no* espirito da lei... (segundo), etc. São classicos os empregos seguintes: 1. Depois que saímos em terra (Heitor Pinto). 2. Passou em Africa (Barros). 3. Porque o rei não quiz conceder n'isso (H. Pinto). *EMIGRAR, *emigração*, etc., necessarios; *EMOÇÃO, *commoção*, etc.; ENCORAJAR; *ENDOSSAR, endossador, etc.; ENGAJAR e derivados; ENTAMAR, encetar; ENTRAVE, estorvo; *ERIGIR-SE em juiz, etc, arrogar-se; *ESPIRITO, *espiritoso*; engenho, engenheiro, etc.; *ESQUECER, gallicismo na forma activa.—*Esquecer* o chapéo—por: *esquecer-se do chapéo*. Segundo outros e com a auctoridade dos classicos, *esquecer* pôde ser usado na voz activa: «A

gente de Vianna não podia *esquecer* as obrigações» Fr. L. de Souza (V. do Arc., VI c. I). *ESTAR, gallicismo: *estar ao facto*, estar sciente; *ESTUDADO, contrafeito, affectado; *ETIQUETA, adoptado usualmente; *EXACTIDÃO, por exacção; EXECUÇÃO, mão de obra, lavor, feitura; *EXTRAVIADO, extraviar (adoptados); *FATIGANTE, afanoso; FAZER: 1. Gallicismo no sentido de *dizer*. 2. «Isto *fazia* as suas delicias (nisto consistiam). 3. *Fazemo-nos* um dever (julgamos do nosso dever), etc. Usos classicos são os seguintes: 1. *Fazer* a causa de alguém (Fr. L. de Souza). 2. Fazer erros, emendas, etc. 3. Fazer vingança ou tomal-a (Ferreira). *FAVORITO; *FELICITAR, *felicitações*, etc.; *FORMATO, Vieira usa: *forma* de quarto, de oitavo, etc.; *FUNDO, «o *fundo* da questão.» Fundamento, o essencial; FUZIL, por; espingarda; GALLIMATIAS; *GARANTIR, *garantia*, etc.; necessarios; *GENIO, homem de genio. Engenho. GOLPE *de vista*, *golpe de olho* (coup d'œil), por *vista*, volver vista d'olhos, volta d'olhos, olhar, etc., perspectiva; GOSTO, gall. por o *bom gosto*; GUARDAR o leito, estar de cama; *HORDA; *HUMOR, bom natural, bom humor; IMMEDIAÇÕES, arredores; IMPRECIVEL, immorredouro; IMPÔR, enganar, seduzir, imbaír. Nos outros sentidos é auctorizado; *INABALAVEL, o classico é *im-moto*; *INCONCEBIVEL, inintelligivel, inconceptivel. Contrario ao genio da lingua, que diz: *imperceptivel* e não *impercebevel*; *IN-

GALLICISMOS

CONTESTAVEL; *INDEMNIZAR, *indemnização*. Usuaes; *INESGOTAVEL, perennial; *INSINUANTE, é necessario e usual; *INSTALAR e derivados; *INSURREIÇÃO, sublevação; *INTRIGA e derivados; *ISOLADO, só, desacompanhado, desamparado, insulado, etc.; JUSTEZA, Fr. F. de S. Luiz considera o vocabulo adoptavel e de boa formação; LANGUIR, desfallecer; *LIBERTINO, *libertinagem*; MAL A PROPOSITO, fóra de proposito; MALADIA, *malato, malado*. Palavra muito antiga no portuguez. Não é gallicismo. *MANOBRA; *MASSACRE, *massacrar*, etc.; *MESMO — *Mesmo* em vernaculo, ainda quando posposto, concorda com o nome: A mãe *mesma* aconselhou-o (e não *mesmo*). Outros gallicismos: «Póde-se *mesmo* afirmar» (por: *até* se póde afirmar). No emtanto ha alguns exemplos classicos, ainda que suspeitos, de tal uso. *METTER, *Metter em obra*, ténlar; *metter em contribuição*, fazer contribuir, etc.; *MOÇÃO, do inglez *motion*. T. de politica; NEGLIGÉ, desalinho; *NUANÇA, matiz; parece necessario para indicar os toques vários da mesma côr; *PAMPILETO, tomado do inglez; PARA, vide *por*; *PATRIOTISMO, *patriota*, usuaes e necessarios; PENIVEL, penoso; *PEQUENO — Usa-se este vocabulo por gallicismo muitas vezes, quando se pretende exprimir o diminutivo: «A *pequena Adelia* — por: a *Adeliazinha*, etc. *PETIMETRE, *petit-maitre*, peralta; PICAR-SE, presumir-se; *PONTO DE VISTA, usual; *PO-

PULAÇÃO idem; *POR, preposição. Gallicismos: 1. Desgosto *pelo* trabalho (do). 2. Juramento de fidelidade *pelo* principe (ao), etc. Da prep. *para*: «Prezareis tão pouco a virtude *para* suppordes austero um semelhante assumpto? (prezareis tão pouco a virtude *que vos parece austero*...) *PÔR, pôr ao facto, instruir; PRET, t. militar; *PREJUIZO, por *preconceito*, preocupação; PRESANTE. — Notado em Portugal; *PREVALECER-SE DE... gallicismo. Uso classico: A virtude *prevalece ao* vicio; PROJECTO; PROPOSITAL ou *propositalmente*. Por descuido na *Gramm. port.* foi incluído entre os gallicismos. Não é palavra franceza. QUE — Gallicismo nas locuções: 1. Como symbolo do optativo: *Que* eu morra! *que* o mundo saiba! 2. Na repetição escusada: disse *que* estava doente, *que* morreria. 3. «Não tereis mais *que* uma palavra.» No emtanto é de Rodrigues Lobo o exemplo: «não se ama a cousa *que* pelo *que* é». Por *senão*, usa-se auctorizadamente o *que* depois do adject. *outro*: «não sendo a virtude *outra* cousa *que* a medianeira... etc. (Arraez.) *RECLAMAR, no sentido de demandar, invocar. — *Reclamar* a justiça, o direito. *REDACTOR; REGRUTA; *REGRESSAR, voltar, retroceder. O vernaculo seria *regredir*, como *progredir*, e não *progressar*; REMARCAVEL. Usado em Portugal; *RENDEZ-VOUS; *REPRIMENDA, reprehensão; RESSORTE, *ressort*; RESSURÇAS, *ressources* (usados em Portugal); *RESTO — Vocabulo vernaculo. Por

gallicismo, ha abuso nas locuções—o resto dos homens (os demais). *De resto*, por—no mais, ou quanto ao mais. Alguns consideram classica a locução *de resto*.

*RETRETA; *RIDÍCULO—Em português é adjectivo. Como substantivo é expressão franceza: «os ridículos do tempo». *ROLAR, gallicismo com a significação activa: «o rio rola as areias», por «rola as areias»; *ROTINA, trilha, usança; *SALTAR aos olhos (ser mais claro que a luz, etc.); *SABRE, t. militar; *SANCCIONAR, g. adoptado; *SECUNDAR, auxiliar, ajudar; *SENSE—Homem de *sense* (de juizo); *SEXO.—É gallicismo o emprego exclusivo do vocabulo *sexo* para designar o *sexo feminino*; *SOBRE, preposição.—Gallicismo nas locuções: 1. Usurpação *sobre* o povo (ao); 2. Inscrever *sobre* a lapide (na); 3. *Sobre* o modelo (segundo o); 4. Concordamos *sobre* a solução (na ou quanto á); *SORTIDA, invectiva; SUBIR, no sentido de soffrer; *SUCESSO bom exito, bom successo; *SURPREHENDER, *surpreza*. Os classicos diziam: «*soprezar* uma fortaleza.» TAPIZAR — Em Vieira «*entapizar*» e «*tapizes*.» *TARTUFO; *TOCANTE, termo. Adoptado geralmente; *TOMAR a palavra, adiantar-se no uso d'ella. «Aqui tomou a mão o provincial e foi proseguindo no mesmo argumento.» Fr. L. Souza na *V. do Arc.*, I, 22. TREM de vida, modo, genero de vida; *TRENÓ, *trenau*; VIADOR, *voyageur*, viandante, viajante, caminheiro; *VISTAS, intenções, presupposto; VOLTEJAR,

volteiar, revoar; VOLUPTUOSIDADE, gallicismo que deve ser substituido pelo formoso termo proposto por Bluteau: *voluptade*.

Gamos, nupcias.—Elemento grego de composição. *Bigamo*, casado duas vezes. *Cryptogamo*, planta que tem o ovario occulto.

Gaster, ventre.—Elemento grego de composição. *Gastronomia*. *Epigastro*, parte superior do abdomen; *hypogastro*, parte inferior.

Gê, terra.—Elemento grego de composição. *Apogeo*, longe da terra. *Geometria*, medida da terra (superficie). *Georgicas* (*ergon*), trabalho sobre as terras, agricultura.

Genero.—Caracter que distingue os nomes conforme o sexo dos seres animados e por extensão applicado aos seres que não têm sexo. No latim havia tres generos: *masculino*, *feminino*, *neutro*. Os dous primeiros persistiram nas linguas romanas; do genero neutro ha apenas vestigios rarissimos. (Vide *Masculino e feminino*, *neutro*.) Primitivamente, o homem dava animo a todos os seres no periodo fetichista e desde então a distincção sexual foi, ainda que erradamente, reconhecida em todas as cousas; d'ahi a generalização do genero para as cousas que não têm sexo.

Genitivo. — Caso latino. Exprime posse e algumas vezes origem. Vide *Compostos*, onde damos os raros vestigios conser-

GENITIVO — GEOGRAPHICOS

vados no portuguez, apenas em vocabulos eruditos.

Gennaõ, engendrar. — Elemento grego de eomposição. *Genesis*, origem. *Genealogia. Homogeneo*.

Gentilicos.— São os adjectivos que exprimem as nacionalidades: *francez, inglez, brasileiro*. Muitas vezes um radical pôde dar varios gentilicos: *brasileiro, brasis* (só no plural), *brasílico, brasiliense e brasileiro* (pouco usado). *Anglo, inglez; franco, etc.; itálico, celtico, etc.*

PATRIOS são propriamente os que se referem a cidades ou villas: *parisiense, lisboeta, madrilense, etc.* Alguns patrios são tirados de radicaes diversos: *portenho* (Buenos Aires); *carioca* (Rio de Janeiro), *fluminense* (do latim *flumen*, rio, etc. Quando os *gentilicos* entram em composição, de ordinario o primeiro elemento é latinizado: *franco-alemão, germano-turco; austro-hungaro; luso-brasileiro; anglo-francez; slavo-dinamarquez, etc.* Quando se aggregam tres elementos, os dous primeiros são latinos: *anglo-franco-brasileiro*. Quando ha *gentilicos* duplos, frequentemente ha diversidade de emprego, um designando *peessoa* (outro a lingua) e outro *cousa*; o hebreu, o arabe, o persa (tambem arabico, hebraieo, persico, para designar a lingua), germano e germanico, grego e hellenico, romano, romanico (lingua latina) e romanee, chim e chinez, japão e japonez.

Geographicos (nomes). — Em geral ha a tendencia para

estender as denominações locaes aos productos industriaes de qualquer zona. D'ahi, os termos usuaes no Brasil: *petropolis* (bengala), *jacobina* (doce), e poucos outros. O numero de semelhantes etymologias é erescidissimo. Exemplos: A) **NOMES DE POVOS**: *arabesco*, arabe; *vasquim*, collete—baseo; *gallico*, malgallico, francez; *ladino*, latino; *judiar*, judiaria, judeu; *vandalo*, barbaro, vandalo; escravo, por *slavo*, eseravidão, etc.; *turqueza*, pedra preciosa; turco; *cafre* (infiel), Cafraria; *indios*, indígenas da America, que se suppunha ser o prolongamento oec. da India; *cigano* (egyptciano), suppunha-se serem os eiganos do Egypto. Ha outras derivações, de menor importancia. A maior parte e as mais interessantes d'essas formações se encontram nos nomes geographicos de villas, cidades, provincias, etc. É a de que vamos dar a lista seguinte, sem rigor de ordem alphabetica: *ardosia* (ardoise)—pedra de Ardenues; *arminho*, da Armenia; *artexiano* (poço), do Artois; *baldaquim*, de Baldaco, Bagdad; *beocio*, da Beocia; *bugia*, (vela), da cidade de Bougie; *cariatides*, de Caria; *carmelita*, do monte Carmelo; *cilicio*, da Cilicia; *cordovão*, de Cordova. É d'essa origem o fr. *cordonnier*; *gravata*, de Croacia; *damasco*, de Damasco; *ilota*, de Elos (em Esparta); *faiença*, de Faenza; *jalde*, de Gagis (Lycia); *guiné*, moeda ingleza, de Guiné (Africa), d'onde veio o ouro para a fabricação das moedas; *laconismo*, de Laconia (Lacedemonia);

lyceu, de Lycêo; *madrasto*, de Madras (India); *marroquim*, de Marrocos; *musselina*, de Mossul; *nankim*, de Nankim; *parmesão*, de Parma; *pergaminho*, de Pergamos; *pecego*, da Persia, *persicus*; *pharol*, de Pharos (Egypto); *phaisão*, ou *faisão*, de Phasis; *romaria*, de Roma; *porcelana*, Puzzola; *sardonico* (riso), Sardenha; *solecismo*, de Soles (Grecia); *tabaco*, de Tabago (Antilhas); *terra-nova*; *vaudeville*, de *vauz* (vallées) de Vire (1); *cobre*, de Chypre. Deixamos de citar os nomes que devem ser excessivamente familiares; *Cognac*, *Xerez*, *Cachemira*, *Sybarita*, *Sedlitz*, *byzantino*, *phrygio*, *moscovita*, etc.; tambemos nomes scientificos, como *devoniano* (Devon), *jurassico* (Jura) e varios outros.

Germanico (elemento). Vide *Teutonico*. — Os italianos usam a denominação *tedesco*, tudesco (tosco). Na versão da biblia para o gothico, o bispo Ulfilas adoptou o termo *thiudisko* para trasladar o grego *éthnikós* (á maneira do povo). Os primeiros escriptores germanicos chamavam á lingua vernacula *diutisc* ou, em vocabulo latinizado, *thiudiscus*, *theotiscus*, lingua popular. (2) Tem a mesma origem o adjectivo *tosco* = barbaro, grosseiro, inculto. O termo *germanico* foi usado primeiramente pelos latinos e, não sendo de radical romano ou alle-

(1) Vide Stapper. — *Dict. etym.*

(2) Só no sec. X começa a ser usada por *theotiscus* a fôrma *teutonicus*. *Enc. brit.* X, 515.

mão, suppõe-se com muita probabilidade que é denominação de qualquer tribu celtica applicada erradamente a tribus teutonicas.

Gerundio.— Fôrma verbal do modo infinito, caracterizada pelo suffixo *ndo*. Representa um adjuncto ou uma clausula adverbial. Ex :

« cujo alto imperio
O sol logo, em nascendo, vê
primeiro. »

Sem a preposição *em*, o gerundio exprime sempre coexistencia, contemporaneidade das acções dos verbos, em qualquer tempo: *partiu*, chorando (a chorar.); *partira*, chorando; *parto*, chorando. Ao *gerundio* têm cabido diversas denominações: de *substantivo verbal* (Moraes), de *participio imperfeito* (Soares Barbosa), de *substantivo circumstancial* (Diez), expressão que evidentemente corresponde melhor aos factos. A denominação *gerundio* é de certo a menos conveniente, pois as fôrmas gerundiaes latinas em *di*, *do*, *dum* (*legendi*, de ler, *legendo*, para ler, etc.) não podem ser trasladadas pelo gerundio das linguas romanas. No emtanto na lingua actual a denominação de *participio presente* seria absurda, desde que essa flexão tornou-se archaica quanto á sua funcção verbal. Na lingua antiga, sim, encontram-se exemplos do *part. presente* puro: « *Estas cousas ouvinte...* » (ouvindo estas cousas). || A proposito de *gerundio* latino e portuguez, em artigo de critica, polemica ou cousa

GERUNDIO

que valha, escreveu um latinista, o snr. Massena (?) de Minas Geraes, as seguintes interessantes considerações, que é curioso lêr: « Pelas grammaticas e methodos adoptados nas aulas publicas não podemos responder ás nossas questões, mas responderemos de conformidade com a verdadeira noção das cousas, para o que sejam-nos permitidas algumas considerações. *Amare est* é presente; *amatum est*, preterito; e *amandum est*, futuro, o que ninguém contestará. Estas tres phrases são analogas entre si, pois que em todas tres a idéa individual da significação do verbo *amare* é empregada como sujeito do verbo substantivo *est*, d'onde se segue que estas tres locuções são comparaveis entre si como partes de uma mesma conjugação, da mesma maneira que *amo*, *amavi*, *amaturus sum*; o sentido de *amatum est* é o mesmo que o de *amare est* e o de *amandum est*. É fóra de duvida que *amare est* tem o sentido activo, e, portanto, *amatum est* e *amandum est* tem este mesmo sentido activo. Ora, se o infinito *amare* serve de sujeito do verbo substantivo por ser um nome-verbo, como mais tarde veremos, e o supino por esta mesma razão, como já demonstramos, tambem serve de sujeito, tendo para esse fim um nominativo, é evidente que o gerundio por esta mesma razão serve de sujeito do mesmo verbo, tendo igualmente para esse fim um nominativo. Portanto respondemos que os sujeitos das phrases apresentadas são

os gerundios—*Timendum*, *privandum* e *eundum*. O gerundio é incontestavelmente uma variação de infinito, eomo reconhece o Sr. Dr. Castro Lopes, e, como o infinito, faz as vezes de nome; *gerens vicem nominis*, é sua etymologia, e não *re gerunda*, como diz Constançio (dicc.). Os latinos dizem *tempus legendi libros* ou *ad legendum libros*, e *tempus lectiois librorum*, ou *ad lectioem librorum* e *tempus legere libros*; pelo que se vê que o gerundio pôde ser empregado em lugar do nome ou do infinito, que é um verdadeiro nome-verbo, e o infinito em lugar do gerundio. Sendo elle um nome-verbo e tendo um genitivo, accusativo, dativo e ablativo, tem tambem um nominativo para fazer as funcções d'este caso. Muitos exemplos tirados dos melhores classieos latinos poderiamos apresentar para prova do gerundio em nominativo, mas é bastante citar sómente dous: *Boi nocte saltum, qua transeundum erat Romanis, insederunt* (Tito Livio, livro 35.) *Aliqua concilia repriendum est*. (Plauto, Epidie.) É incontestavel que *transeundum* e *reperiendum* são nominativos, sujeitos dos verbos *erat* e *est*. O primeiro gerundio *transeundum* é activo intransitivo, e a traducção literal é — os bois occuparam de noite o bosque, na parte por onde a acção de passar tinha de ser ou de existir para os romanos; e se a acção de passar tinha de existir para os romanos, idéa esta expressa por *transeundum*, que é futuro, elles



GERUNDIO

tinham ou haviam de passar; é como si se dissesse—*transitus* ou *actio transitionis futurus erat romanis* ou simplesmente: *transire futurum erat romanis*. Não obstante, pois, a auctoridade do Sr. Dr. Castro Lopes, fica demonstrado que o sujeito de cada uma das phrases: *eternas penas timendum*, *pacem petendum* e *eundum est*, é o gerundio em nominativo, assim como em *transeundum erat* e *reperendum concilia*. Agora, depois de termos illuminado a questão com as luzes da analyse, vejamos o que diz a auctoridade. *Servius*, grammatico do quarto seculo, para quem o latim era lingua natural, commentando Virgilio, disse, a respeito do verso 230 do livro 11 da Eneida, *petendum pacem* é um modo de falar necessario quando se emprega o gerundio; eis aqui suas expressões: *cum per gerundi modum aliquid dicimus, per accusativum elocutionem formemus necesse est, ut petendum mihi est equum*; o mesmo *Servius* cita este exemplo de Lucrecio: *eternas quoniam penas in morte timendum*. O jesuita *La Rue* (C. Ruæus) commenta o verso de Virgilio da mesma maneira que *Servius*, o que prova tudo quanto deixamos dito acerca do gerundio. Vejamos ainda se com effeito existe ou não o gerundio na lingua portugueza. Os caracteres do participio e do gerundio são differentes em todas as linguas que o admittem, e tanto um como outro exprime idéas differentes. O que deve caracterizar com effeito o gerundio e o

participio activo, é que o gerundio, cuja natureza em fundo é a mesma do infinito, é um verdadeiro nome, e o participio activo, bem como qualquer participio, é um verdadeiro adjectivo; é por essa razão que o gerundio portuguez pôde ser empregado como complemento da preposição *em*, o que caracteriza um verdadeiro nome: *em estudando*, *aprende-se grammatica*; quando esta preposição não é expressa, deve subentender-se. O gerundio, em fim, não se applica immediatamente a um sujeito, porque como nome não pôde ter sujeito; pelo contrario, o participio activo é sempre applicado a um sujeito, porque é adjectivo, e todo o adjectivo supõe um sujeito a que se refere. O gerundio portuguez deve ser empregado nos mesmos casos e para exprimir as mesmas idéas, que exprime o gerundio latino. *Quis talia fando, ridendo castigat mores; fando e ridendo* exprimem uma circumstancia de modo. Camões exprimiu esta mesma circumstancia dizendo... *cantando espalharei por toda a parte*, isto é, *em cantando*, *por meio do canto*. Virgilio, Ecl. 7, v. 5, empregou o infinito pelos gerundios *em do* e *em dum*: *Et cantare pares et respondere parati*, por *in cantando*, *ad respondendum*; iguaes no *canto* (nome) ou (*em*) *cantando* (gerundio portuguez) ou *no cantar* (infinito), e promptos para a *resposta* (nome) ou para *responder* (infinito portuguez) (note-se a traducção *responder* e não *responderem*, porque é o infinito em lugar do ge-

GERUNDIO

rundio, o que os escriptores sempre devem ter em vista para evitar os abusos do infinito pessoal.) Esta phrase: *os homens julgando pela apparencia são sujeitos a enganar-se*, exprime pontos de vista diversos, conforme fôr encarada a palavra *julgando*; encarada como gerundio, indica o caso em que os homens são sujeitos a enganar-se, que é em julgando, *in judicando*, quando elles julgam pela apparencia. Encarada como participio activo, exprime a causa por que os homens são sujeitos a enganar-se, é o resultado dos homens que julgam (*judicantes*) pela apparencia. Ora, ha grande differença entre estes dous pontos de vista, e o escriptor delicado que quizer enunciar antes um que o outro, não se servirá de uma phrase equívoca, empregará a preposição *em* antes do gerundio, ou substituirá o participio *julgando* (*judicantes*) por esta phrase incidente: *que julgam*, e dirá: *os homens em julgando, ou que julgam*, etc. O portuguez, tendo tomado o gerundio do latim, não deve empregal-o senão nos mesmos casos em que esta lingua emprega seu gerundio em *do* para exprimir as mesmas idéas, que este. É, portanto, incontestavel a existencia do gerundio na lingua portugueza. O gerundio tem incontestavelmente o sentido activo, e como tal deve ser collocado na conjugação da voz activa. Entretanto o Sr. doutor, adoptando o systema vulgar, colloca-o em ambas as vozes. Para demonstrar, porém, este

erro, não é necessario grande esforço de raciocinio. Em um escriptor latino encontramos a seguinte phrase: *Cupido amandi Didoni dedit mortem*; o Sr. doutor e os de sua escola traduzem: *o desejo de amar*, etc.; mas nós que achamos o gerundio em *di* com a mesma fórma na voz passiva, traduzimos: *o desejo de ser amada*, etc.; e qual de nós tem razão? Todos nós, porque, si *amandi* tanto significa *de amar* como *de ser amado*, a escolha fica livre ao traductor, ficando igual liberdade ao auctor do texto de impugnar a traducção, qualquer que ella seja. Mas, dirá o illustrado doutor, *o desejo de ser amada* em latim é *cupido amatu*, conforme a doutrina expendida em sua grammatica, n. 44 e 210 b. Nós, porém, replicamos com as doutrinas ácerca do supino expendidas no artigo antecedente. O supino em — *u* — bem como o gerundio em — *di* — não tem absolutamente sentido passivo, como ficou demonstrado, e assim, *facile dictu*, *cupido amandi* não significavam para os latinos: *facil de ser dito*, *desejo de ser amado*, mas sim, *facil de dizer*, *desejo de amar*; outros eram os meios empregados para exprimir a passividade nestes casos: *facile dici*, *cupido amari*, etc. (E os parladores exclamam com toda a eloquencia parlamentar: *supprimam-sc o eusino da lingua latina... Nós, porém, do alto da imprensa exclamamos: supprimam-se essas grammaticas e esses estupidos methodos de eusino d'esta lingua!*)»

Glossologia.—Vide *Glottologia*. Syn: phonetica, phonologia.

Glottologia.— Nome dado por alguns philologos á sciencia da *phonetica* ou *phonologia*. Outros generalizam o termo para a sciencia geral da grammatica. *Glossologia* é termo preferivel.

Gn, grupo latino, que entre os romanos provavelmente já teria o valor prosodico *nh*. Transforma-se em *nh*: tamanho, *tammagnus*; lenho, *lignum*; senha, *signa*. O grupo conserva-se nas fórmas eruditas: *magno*, *signo*, etc. O *g* dissolve-se em reino, *regnum*.

Gnômai, conhecer. — Elemento grego de composição. *Diagnostico*, conhecimento completo. *Physiognomico*, que indica a natureza. *Prognostico*, conhecimento antecipado.

Gongorismo.— Escola litteraria tambem denominada *cultismo* ou *culteranismo*, seguida pelos discipulos e imitadores do poeta hespanhol Gongora. Caracteriza-se pelo estylo periphrastico, cheio de metaphoras, inversões e tropos extravagantes, de muito máo gosto. Dominou em Portugal nos seculos XVII e XVIII, e á influencia e moda do *gongorismo* obedeceram os espiritos mais cultos da época, sem exceptuar o grande P. Vieira.

Gônia, angulo. — Elemento grego de composição. *Isogono*, de angulos iguaes. *Polygono*, muitos angulos. Evitar a confusão com o elem. *gonos*, geração. *Cosmogonia*.

Gr, grupo latino, em que frequentes vezes o *g* se dissolve, vocalizando-se em *i*: *integrum*, inteiro.

Gramma, letra. — Elemento grego. *Grammatica*. *Programma*. escripto antecipado. *Monogramma*. A este pertence o hybridismo *filigrana* por *filagramma*.

Grammatica.— Varia conforme o entender e conforme o progresso das épocas o conceito que se tem feito da grammatica. A grammatica pôde ser considerada sob muitos aspectos, e por isso são muitas as suas definições. *Grammatica pratica*—é o complexo de regras destinadas ao uso correcto de qualquer lingua. É como mais vulgarmente se define: *a arte de escrever e falar correctamente*. (1) Mas como todas as regras representam factos observados e reduzidos ás generalizações de que são susceptiveis, a *grammatica* pôde e deve ser considerada a *sciencia* que tem por objecto os factos da linguagem. Observal-os, coordenal-os, eis o principal trabalho do *grammatico*. Apesar d'isto, como os factos da linguagem são modificaveis e susceptiveis de soffrer a intervenção do espirito na sua constituição, pôde o *grammatico* constituir-se auctoridade e de alguma fórma, embora limitadamente, ordenar e estabelecer preceitos arrazoados que re-

(1) *Correctamente*, entende-se, conforme o uso ou praxe deduzida da auctoridade dos doutos e dos escriptores classieos.

GRAMMATICA

gularizem e fixem os usos da lingua. Essa influencia, porém, nem sempre é effectiva, e só se exerce em limitado dominio, no que diz respeito aos casos duvidosos. *Grammatica geral* é, segundo a definição ordinariamente seguida, a sciencia dos principios communs a todas as linguas. Esse estudo refere-se especialmente ás leis do pensamento e pertence á *Logica* e á *Psychologia*. Sem essa extensão de significado, a *grammatica geral* pôde ser applicada a um grupo ou familia de linguas de origem commum. Nesse caso pôde determinar com maior nitidez os processos que as linguas homogeneas adaptam á expressão do pensamento. *Grammatica comparativa* é a que estuda os factos de uma lingua em relação aos de outra, no que ellas têm de commum ou de vario. Também nesse dominio, a *comparação* só tem evidente utilidade quando se trata de linguas congeneres, ou quando se tem em vista a pesquisa de affinidade entre as linguas. A *grammatica comparativa* foi fundada por F. Bopp definitivamente, quando determinou a grande familia aryana ou das linguas *indo-europeas*. *Grammatica historica* (1) é a sciencia dos factos da linguagem, estudados na sua evolução total, a partir das suas origens. Como não se pôde estudar a his-

toria das linguas modernas sem comparal-as, pois que exerceram entre si mutua e notavel influencia, a denominação *Grammatica historico-comparativa* é sempre preferivel desde que se trata da historia das linguas romanas. A sciencia da grammatica nas linguas romanas derivou dos antigos estudos rhetoricos da escola de Alexandria, dos trabalhos de Dionysio de Tracia, Varro, Quintiliano, etc. Na idade média a cultura d'esse ramo das letras exerceu-se com os comentarios dos textos classicos latinos e hellenicos, e só mais tarde é que appareceram livros especiaes sobre os dialectos romanicos. Nos tempos modernos as grammaticas que maior preponderancia exerceram no dominio neo-latino foram as de Port Royal (sec. XVII), a de Lhomond (sec. XVIII), que serviram de molde a muitissimas outras. Na lingua portugueza são de notar pela influencia que exerceram nos estudos da lingua, os livros de D. Nunes do Lião (sec. XVI), João de Barros (id.), Lobato e nomeadamente a *Grammatica philosophica* de Jeronymo Soares Barbosa (1), que se

(1) A 1ª edição é de Lisboa, typ. da Acad. R. das Sciencias, 1822, in 4º. Antes (em 1807) foi impressa do mesmo A. a *Grammat. comparada do lat. e port.* sob o titulo geral: *As duas Linguas*, impr. da Univers., Coimbra, s. d. A *Gram. phil.* (1822) é publicação postuma, ordenada pela Academia. D'ahi sua enorme auctoridade, não muito justificavel, mesmo para o seu tempo.

(1) Denominação de Brachet, o auctor da primeira *Grammatica* dita *historica*.



tornou durante muitos annos o oraculo de todos os estudiosos.

Grammatical (analyse). — Nome applicado á analyse individual de todas as partes do discurso que occorrem em qualquer trecho litterario. A *analyse grammatical* refere-se apenas a taxinomia, morphologia e phonologia, com exclusão da syntaxe. A *analyse syntactica* ou das proposições, complementos, tinha o nome de *analyse logica*. Actualmente no Brasil, está preferidamente adoptado o systema de *analyse relational* de Mason. A *analyse grammatical* consiste na descripção e classificação lexica; é exercicio util, e que não deve ser desprezado no estudo elementar da lingua. Exemplo de *analyse grammatical* ou mais propriamente *lexica*: «*Deus creou o mundo.*» *Deus*, subst. proprio, masc. sing. *Creou*, verbo de pred. incompleta (transitivo); está na 3ª pessoa do sing. do pret. perfeito. É verbo da 1ª conjugação. *O*, artigo definito, masc., sing. *Mundo* — substantivo appel. ou comm., masc., sing. etc. A individuação póde ir mais longe com a indicação da prosodia, dos derivados ou dos vocabulos primitivos, etc.

Grammatical (sujeito, predicado, etc.). — Vide *Proposições*.

Grão. — Flexão nominal que exprime a variação de intensidade, qualidade e variação de grandeza das cousas. O grão é proprio do substantivo e do adjectivo. Compreendido de modo mais geral, vemos que a noção de *grão* applica-se a toda a categoria

de palavras e a todos os vocabulos que podem ter *nuanças* de significado. Os synonymos não são, em grande parte, mais do que phenomenos de grão, na ordem mental, por isso que exprimem variações de intensidade e de extensão de certos conceitos: *casa* e *palacio*; *estima* e *amizade*, etc. Por outra parte, além das fórmulas nominaes, o grão propriamente de flexão tem exemplos característicos, que ficaram das linguas antigas. A preposição *in* faz no comparativo *inter*, no superlativo *intimus*; a preposição *pro* tem os grãos *praeter*, *prior* e *primus*; *cum*, *contra*; *super*, *superior*, *summus* ou *supremus* (*superimus*); *ex*, *extra*, *extremus*, de *exterimus*, etc. Nos pronomes, as fórmulas de grão com o comparativo aryano em *ter* são innegaveis; *nós*, comp. *noster*; *vós*, comp. *voster* ou *vester*, etc. Os proprios verbos nas suas flexões de *reiteração* exprimem o grão: *agir*, *agitar* (agir a miúdo); saltar, *saltitar*; morrer, *esmorecer*; florir, *florescer*; murchar, *emmurcheçar*, etc. Taes matizes designificado exprimem condições de grão, evidentemente. A lingua tupi possui diminutivo para as fórmulas verbaes; por isso, provavelmente, se diz no norte do Brasil (Pará) *estouzinho* (por *estou*), etc. (1) Convém notar que não só nas linguas primitivas, como faz notar o Padre Montoya em relação ao guarani, mas em todas as linguas, o grão é de ordinario uma noção interpretada pela mimica e pela intonação

(1) Verissimo. *Est. I.*

GRÁO

da voz; e ás vezes fica expressada no estylo familiar, pela reduplicação da acção: «*andou, andou, andou; falou, falou, falou,*» etc. Esta modalidade é especialmente exemplificada nos contos populares (1). — GRÁOS DE SUBSTANTIVOS. Os nomes substantivos podem ser modificados por sufixo, em muitos casos, para exprimir augmento ou diminuição da idéa ou cousa expressa. Ha dous *grãos*, portanto, de que são susceptíveis: o *augmentativo* e o *diminutivo*. «As terminações que de ordinario dão a conhecer os augmentativos são: —*ão, ona*, simplesmente, ou precedidas de outras letras que deixaram alterada a terminação do nome a que se juntam; e *ação, aça, az, ote*, em que ha menos exaggero que nas primeiras. Exemplos: *mulherão, mulherona, toleirão, toleirona, homenzarrão, rapagão, medalhão*, etc.; *mestraça, mulheraça, beberaz*, etc. Alguns augmentativos são do genero masculino, embora os seus respectivos primitivos sejam do genero feminino, como: *mulherão* (m.), derivado de *mulher* (f.), *garrafão*, etc. Tambem se contam adjectivos nos augmentativos; taes são: *sobervão, valentão, doidarrão, grandalhão, espertalhão*, etc.; estes e semelhantes têm a fórma feminina em *ona*. Muitas vezes empregados ironicamente para depreciar; v. g.: *valentão, valentona, sabichão, sabichona*. Os adjectivos terminados em *udo* podem ser

considerados como uma especie de augmentativos, porque exprimem sempre a abundancia ou a força, o excesso de talhe ou de dimensão — *beijudo, graúdo*, etc.; outros apresentam fórmãs irregulares, como: *gordunchudo, pedinchão, tristonho, ricaço*, etc. Tomam igualmente a designação de augmentativos alguns verbos derivados que se formam na lingua portugueza, tanto por meio de desinencias alteradas do verbo latino *ago, is*, que traz a idéa de *augmento, extensão e grandeza*, como por meio de preposições que lhes dão força intensiva. Dos primeiros temos, entre outros, os verbos: *alterar, esbofetear, farpear, folgazar, passear, vaguear*, etc. Dos segundos: *realçar, exalçar, esbravejar, resfriar, consoldar, tressuar*, etc. Alguns formam-se juntamente por meio das indicadas desinencias e de preposições; v. g.: *esperdiçar, impacientar*, etc. Ha certas palavras que são naturalmente augmentativas e não têm positivo; entre outras temos: *comilão, comilona; chorão, chorona; estirão* (sem feminino); ou de fórmãs isoladas, como: *cabeçorra, copazio, corpanzil, poetastro*, etc. Note-se que nem todos os substantivos são susceptíveis d'este gráo de significação.» (*Escolíaste*). DIMINUTIVOS. — São os appellativos derivados que, além da idéa principal contida nos primitivos, exprimem, com o auxilio das terminações affixas, idéas accessorias de pequenez abaixo das dimensões communs e normaes, e bem assim as de ca-

(1) V. Sýlvio Romero — *Contos Populares*, I. e II.

alhas



rinho, ternura, desprezo ou desdem; v. g.: *botãozinho, amorzinho, filhinho, fidalgo, mulherzinha*, etc. «As terminações que de ordinario os dão a conhecer são: *inho* ou *zinho*, *inha* ou *zinha*; *ito*, *ita*, *ico*, *ica*; *ejo*, *ulo*, *ula*. As terminações *ete*, *oto*, *ota*, *acho*, *acha*, diminuem em menos que as precedentes; v. g.: *papelinho, homenzinho, rapazito, cadellinha, mulherzinha, raparigueta, burroco, animalejo, globulo, pellicula, mulherica, rapazete, perdigoto, ilhota, riacho, lebracha*, etc. Segundo sua diversa terminação, pôde o significado dos diminutivos apresentar diferenças (e ás vezes bem notaveis). Assim, *mulherzita* ou *mulherzinha* significa ordinariamente uma mulher de pequena estatura, ou uma menina que se approxima da idade nubil, enquanto que *mulherinha* significa de preferencia mulher bisbilhoiteira. O mesmo ha de até certo ponto entender-se acerca dos augmentativos. Assim, *mulherão*, ou *mulherona* diz-se de uma mulher alta e corpulenta; *mulheraça* applica-se especialmente para designar uma mulher bem configurada e musculosa, embora regular na estatura. A designação de diminutivos pôde dar-se a alguns verbos que se formam em portuguez, já de outros verbos, e já de nomes que contraem desinencias alteradas das fórmulas *illo* e *ico*, de que se compõem os proprios diminutivos da lingua latina; taes são, entre outros, os verbos — *choviscar, escrevinhar, lagrimejar, depennicar*, etc. Ha ainda outras terminações espe-

ciaes para diminutivos, como se marca nos seguintes:— *casebre, banquetta, camarote, aldeola, moçoila, parcella, particula, regulo, versiculo, viella*, etc. Tambem se contam adjectivos nos diminutivos; v. g.: *alegrete, bonitote, morenito, queridinho*, etc. Os adjectivos diminutivos mais communs são principalmente os que acabam em *inho* ou *zinho*, mas além da sua significação geral de ternura ou de caricia exprimem alguns ao mesmo tempo interesse ou compaixão; v. g.: *coitadinho do meu Pedro; a pobrezinha da rapariga*. Certos diminutivos em *inho* têm um sentido superlativo, isto é, elevam a significação do adjectivo, como nas seguintes phrases: *falar baixinho; ia sósinho; esteja caladinho; sentou-se chegadoinha; pão quentinho*, etc. Alguns adverbios são susceptiveis de tomar a fórma diminutiva, v. g.: *per-tinho, juntinho, cedinho, devagar-zinho*, etc. As palavras terminadas em *co*, *ca*, mudam o *c* em *qu* para conservarem o valor do *c*; v. g.: *bico, biquinho, faca, faquinha*. A terminação *im* é tambem algumas vezes signal de diminutivo, como contracção de *inho*; v. g.: *sellim, patim, camurim, fortim, espadim, botim*, etc. Note-se que nem todos os nomes são susceptiveis de diminuição. Só o uso poderá fazer conhecer os numerosos diminutivos que temos, assim como o seu emprego, nem sempre facultativo. Ha diminutivos que convém ao estylo sustentado (grave oratorio), e outros que só

GRÁO

podem ser empregados no estylo familiar.» (*Escoliaste*) || DIMINUTIVOS. Sobre algumas particularidades dos diminutivos, escreve-me o illustrado philologo, sr. Firmino Costa: «No respeitante a diminutivos talvez nenhuma outra lingua leve primazia sobre a nossa. Para a formação d'aquelle gráo possui o portuguez nada menos que os suffixos: *acho, ato, eco, eca, ejo, eja, el, elho, elha, ello, ella, éolo, éola, ete, eto, eta, eu, êcho, êco, îca, îço, iça, iculo, icula, il, ilho, ilha, im, inho, inha, ino, ina, isco, ito, ita, oca, oila, olo, ola, orio, oria, ote, oto, uta, ucho, ucha, ulo, ula, usco, ustro*, —riacho, chibato, livreco, somneca, animalejo, calleja, cordel, figurelho, azelha, portêllo, viella, alvéolo, capréola, mocete, livreto, sineta, ilheu, governicho, burricho, pellica, canniço, calça, monticulo, pellicula, pernil, vidrillo, mantilha, espadim, sobradinho, czinha, pequenino, cravina, chuisco, livrito, mocita, engenhoa, moçoila, bolinholo, bandeirola, chapelorio, villoria, fidalgote, perdigoto, vellota, papelucho, casucha, globulo, formula, velhusco, velhustro. Ha um unico diminutivo em *ebre* — casebre. Existem não poucos que são irregulares, como — aguilucho, de aguia; diabrete, de diabo; franganito, de frango; veranico, de verão; sequillo, de secco; saquitel, de sacco; pintainho, de pinto; cavallicoque, de cavallo, etc. Formam-se ás vezes diminutivos de diminutivos: portinhola, de portinha; filhotinho,

de filhote; burriquito, de burrico; caixetinha, de caixeta; caixotinho e caixotim, de caixote. Pequeno, diminutivo de pêco, é a palavra que conta mais diminutivos em nossa lingua. São elles — pequeneta, pequenete, pequenino, pequenininho, pequenininho, pequenito, pequenote, pequerralho, pequerricho, pequerrichinho, pequerrucho, pequerruchinho, pequetito, pequetitinho. Todos estes já os encontramos em obras de bons auctores. Possui tambem muitos diminutivos a palavra *rapaz* — rapagote, rapazelho, rapazete, rapazico, rapazinho, rapazito, rapazola, rapazote. Com referencia aos nomes proprios, merecem notados os diminutivos irregulares, como Juquinha, Zequinha, Toniquinho, Nequinha, Chiquinho, etc. O nome de baptismo é por vezes diminutivo — Antonino, Bernardino, Marcelino, o que tambem acontece aos cognomes, ex.: Villela, de villa; Lobato, de lobo; Porciunucula, de porção; Alvim, de alvo; Pimentel, de pimenta. Entre os diminutivos ainda incluem alguns os nomes hypocoristicos, formados pelo processo da duplicação, — papae, mamãe, vovô, vóvó, nhonhô, nghanhã ou nghanhan, titio, dindinho, ou os proprios Zézé, Janjão, Jujuca, Neneco, Chichico, Lulú, etc. De quasi todos os substantivos, até dos augmentativos, se formam diminutivos, *portãozinho, de portão*. Ha nomes que mudam de genero passando para o diminutivo: a flauta, o flautim; o



cravo, a cravina. Varias vezes o diminutivo exprime carinho, *meu fillinho, meu amorzinho*; outras vezes indica depreciação, *um jornaleco, uma lojeca*. Para terminar não descabe transcrever aqui a seguinte regra da gramática, de Epiphânio: « Nos diminutivos dos substantivos acabados em *ão*, o plural forma-se pondo tambem no plural os substantivos primitivos: *acçãozinha, acções-inhas.* » || (*Grão dos qualificativos.*—Os qualificativos, além do caso normal, são susceptíveis de duas especies de grão: o comparativo e o, superlativo. «COMPARATIVO. — É o adjectivo qualificativo que auxiliado pelos adverbios *mais, menos, tão*, exprime o segundo grão de comparação, isto é, uma relação de superioridade, de inferioridade ou de igualdade. O adjectivo que exprime a differença de superioridade, que resulta da comparação entre as propriedades ou qualidades de dous ou muitos individuos, faz-se preceder do adverbio *mais*; o que exprime differença de inferioridade, do adverbio *menos*, seguindo-se a qualquer d'elles a integrante *que* ou *do que*, a preceder o segundo termo da comparação; e o adjectivo que exprime a igualdade que resulta da referida comparação, faz-se preceder do adverbio *tão*, seguindo-se a integrante correlativa *como*, anteposta ao segundo termo da comparação. Exemplos: *Esta mulher é mais bella que virtuosa. Alexandre foi mais feliz do que Annibal. Não ha cousa mais difficil de dizer aos ho-*

*mens que a verdade. Os homens seriam menos desgraçados, se fossem mais virtuosos do que são. Os preguiçosos são menos estimados que os diligentes. O naufragio e a morte são menos funestos do que os prazeres que atacam a virtude. O não exemplo é tão prejudicial á saude da alma, como o ar contagioso á saude do corpo. O comparativo de igualdade tambem serve de exprimir que uma qualidade se dá em tal grão, que resulta d'ahi certa consequencia. Exemplo: *Era tão amante da verdade que nem zombando mentia. Tamanho* (tão grande) tambem se emprega como comparativo, attestando sua origem latina—*tam magnus*;—v. g.: *milha mãe, certo que nem sempre vos vistes vós em tamanho desamparo como este.* O adjectivo comparativo vem algumas vezes implicito no verbo adjectivo (de predicado incluido): *Os prazeres immoderados abreviam mais a vida humana, do que a medicina a pôde prolongar; i. é: são mais abreviadores da vida... A actividade desenvolve menos o talento, que a preguiça inutiliza; i. é: é menos desenvolvente do talento,* etc. A lingua portugueza tem irregulares na formação os seguintes comparativos, invariaveis no singular:*

Melhor,	do positivo bom
Peior,	» » máo
Maior,	» » grande
Menor,	» » pequeno
Superior,	» » alto
Inferior,	» » baixo

«Á excepção dos dous ultimos,

GRÃO

os quatro primeiros comparativos, quer formados por este modo, quer regularmente, em os fazendo preceder do artigo definido, elevam-se ao superlativo relativo, como se percebe nas seguintes orações e semelhantes: *A probidade reconhecida é a melhor e a mais segura de todas as garantias. O maior inimigo que um homem de talento pôde ter é o habito da preguiça. A ingratitude é o peor dos defeitos. A menor precipitação pôde preparar um desgosto permanente.* SUPERIOR E INFERIOR, precedidos de artigo, antes parecem substantivos; frequentemente se encontra preferida a formação regular, como nos seguintes exemplos: *A virtude pôde não ser vencida nem derribada, pois é mais alta... que todos os baluartes e fortalezas da terra. As pyramides do Egypto são os mais altos monumentos da vaidade humana, que têm resistido á acção dos seculos. O que parece mais baixo aos olhos do mundo, pôde ser o mais digno aos olhos de Deus.* MELHOR, PEIOR, também se empregam como adverbios comparativos nestas phrases semelhantes: *Não vai melhor; ao contrario, passa peor. Canta melhor. Escreve peor, etc. Maiores*, plural de maior, emprega-se também como substantivo e com a significação de *antepassados*; v. g.: *o nome que herdara de seus maiores...* Também se dizem adverbios comparativos os que exprimem uma idéa de comparação, um gráo de differença no modo de ser das cousas ou pessoas; taes são: *mais, me-*

nos, tão, como, melhor, peor; v. g.: *O uso MAIS GERALMENTE adoptado nem sempre é o mais digno de ser seguido.* (Escoliaste). «SUPERLATIVO.— É o adjectivo que enuncia qualidade levada a um gráo muito alto ou muito baixo, como *justissimo, muito justo, o mais justo*, ou *o menos justo de...* Pôde ser absoluto ou relativo. O superlativo absoluto é o que exprime qualidade em gráo elevado, mas sem comparação; e conhece-se, além de outros modos, pela palavra *muíto* anteposta ao positivo, ou pela terminação *issimo*, variavel, como: *varão muito douto ou doutissimo. Dama nobilissima.* O superlativo relativo (ou comparativo) exprime propriedade ou qualidade de outros individuos da mesma especie; e conhece-se pelas palavras *o mais* ou *o menos*, antepostas ao positivo, seguindo-se *de*. Exemplo: *Soocrates foi o mais sabio de todos os gregos. Cicero foi o mais eloquente dos romanos. O conselho prudente é o menos arriscado* (de todos os conselhos). O nome que pede este complemento pôde ficar subentendido; v. g.: *Soocrates foi o mais sabio grego* (do numero dos gregos). *Cicero foi o mais eloquente romano* (do numero dos romanos ou d'entre os romanos). D'aqui se vê: 1º Que o superlativo absoluto se fórma antepondo *mui* ou *muito* ao positivo, ou acrescentando á ultima invogal d'este a terminação *issimo* ou *issima* (supprimida a vogal *o* ou *e* final). EXCEPÇÕES: Os adjectivos terminados em vogal ou diphthongo nasaes mudam *ão* ou *m*

finas do singular em *n*, e tomam depois a terminação *íssimo*; como: *chão*, *chaníssimo*; *commun*, *communíssimo*. Os acabados em *z* mudam esta letra em *c* seguindo-lhe a terminação característica *íssimo*; como: *atroz*, *atrocíssimo*; *capaz*, *capacíssimo*. Quando o positivo termina em *vel*, muda-se primeiro *vel* em *bil*: *ama-vel*, *amabilíssimo*. Os terminados em *co*, uns fazem o superlativo mudando esta syllaba em *quíssimo*; v. g.: *rico*, *riquíssimo*; outros, mudando-a em *císsimo*; v. g.: *parco*, *parcíssimo*. Os adjectivos — *bom*, *mão*, *grande*, *pequeno*, *alto*, *baixo*, que têm comparativos irregulares, têm também os seguintes superlativos: *optimo*, *pessimo*, *maximo*, *minimo*, *supremo* ou *summo*, *infimo*. (1) Veja Grãos de significação. São irregulares os superlativos absolutos dos seguintes adjectivos: *acre*, *acerrimo*; *amigo*, *amicissimo*; *antigo*, *antiquissimo*; *aspero*, *asperrimo*; *celebre*, *celeberrimo*; *christão*, *christianissimo*; *cruel*, *crudelissimo*; *difficil*, *difficillimo*; *doce*, *dulcissimo*; *facil*, *facillimo*; *fiel*, *fidelissimo*; *frio*, *frigidissimo*; *geral*, *generalissimo*; *humilde*, *humillimo*; *infel*, *infidelissimo*; *magnifico*, *magnificentissimo*; *mão*, *malissimo* (*pessimo*); *miserio*, *miserimo*; *livre*, *liberrimo*; *nobre*, *nobilissimo*; *pobre*, *pauperrimo*; *sagrado*, *sacratissimo*; *salubre*,

saluberrimo; *simples*, *simplicissimo*; *uberrimo* (não tem positivo). 2º Que o superlativo relativo ou de comparação se fórma antepondo o artigo definitivo aos comparativos formados com os adverbios *mais*, *menos*. Exemplo: *a devoção é a mais nobre de todas as paixões, pelo seu objecto, que é Deus; é a mais racional, por seu fim, que é a eternidade. O invejoso é o menos feliz de todos os homens*. Os comparativos — *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*, precedidos de artigo, tornam-se superlativos relativos. Exemplo: *a melhor e a peior cousa que ha no mundo é o conselho; se é bom, é o maior bem; se é máo, é o peior mal* (de quantos ha). Taes superlativos pedem depois a preposição *de* ou *entre*, claras com seu complemento, ou subentendidas, que lhes dá o character partitivo, pelo qual extrahem do total dos individuos aquelle que exaltamos ou deprimimos. Exemplos: *elle é o mais feliz homem* (de quantos eu conheço); *é o menos competente de todos. Tu és a mais formosa entre as cidades do mundo. Este é o maior ou menor* (de ou entre todos). Muitos adverbios se podem exprimir no gráo superlativo; v. g.: *a escriptura santa manda mui expressamente honrar nossos paes.* (Escoliaste). Importa considerar que quanto á historia da lingua, muitos diminutivos são origens etymologicas de nomes positivos, sem gráo, no uso actual. Taes são entre os substantivos: *acucula*, *agulha* (de *acus*); *ovicula*, *ovelha* (de *ovis*); *januella*, *janella* (de *janua*); *caveola*, *gaiola* (de *cavea*),

(1) Alguns podem formar o superlativo regularmente: *fruíssimo*, *pobríssimo*, *cruelíssimo*, *antiquíssimo*. — N. do A. do *Dicc.*

GRÃO — GREGO

etc. O mesmo se nota com os adjectivos: senhor (*seniorem*), mesmo (*met-ipsinus*), prior (*priorem*, comp. de *præ*) etc.

Graphô, eu escrevo. — Elemento grego de composição. *Epigraphic*, escripto sobre. *Parapho*, escripto ao lado.

Grave. — Synonymo de *paroxytono*. Diz-se do vocabulo que tem a accentuação na penultima syllaba: *casa*, *sobrado*, *dinheiro*, *justiça*.

Grego. — A lingua grega é da familia aryana e congenero do latim, do qual está evidentemente mais afastada do que o celtico. A civilização e cultura grega obrigaram ao latim a adopção de novos vocabulos, e hoje em dia o vocabulario tecnico das sciencias é quasi integralmente tomado a elementos lexicos do grego. Os romanos adoptaram, ora termos gregos com a fórma pura, *philosophia*, *geometria*, etc., ora procuraram traduzir a idéa grega por locuções latinas, e esse modo de formação foi fecundissimo: *epirrema*, adverbium; *periodos*, ambitus; *syzygia*, conjugatio; *syntaxis*, coördinatio; *hypertheticon*, superlativus; *prothetis*, prepositio, etc., etc. O elemento grego na lingua portugueza, no dominio popular, foi pouco intenso, e a sua influencia é representada por iguaes especimens nos vocabularios das linguas romanas: *bolsa*, *golfo*, *trofeo*, *pagem*, e poucos outros. Na nomenclatura scientifica é que se encontram milhares de termos e

neologismos derivados do grego. D'estes derivados e dos seus elementos tratamos no corpo d'este livro, conforme a ordem alphabetica das partes componentes. Aqui mencionaremos, seguindo de perto um interessante estudo de Egger (1), os diversos erros commettidos na formação de neologismos, no vocabulario actual das sciencias. Exemplifiquemos: *Numismata*, propriamente significa *moeda*. O professional deve ser *numismatista*. *Terminologia* é hybridismo inaceitavel. Devemos preferir o latino *nomenclatura*. *Spectroscopio*, hybridismo. Fórma preferivel, *phasmoscopio* ou *phasmatoscopio*, de *phasma*, lat. *spectrum*. *Pluviometro*, hybridismo. Preferivel: *hyectometro*. São hybridos muitos dos termos que se compõem do ultimo elemento: *Galvanometro* (ital. *Galvani*), *calorimetro* (Egger propõe *therometro*), etc. *Mineralogia*, hybridismo, de lat. e grego. *Isochimeno*, neologismo proposto por A. Humboldt, no *Cosmos*. É preferivel: *isochimero*. *Endosmose* e *exosmose*, neologismos barbaros creados pelo physiologista Dutrochet (em 1826). Os gregos modernos, a quem repugna aceitar os neologismos incorrectos do occidente, substituiram-os por *dieisdysis* e *diekdysis*. *Theodolito*. Formação abstracta de etymologia desconhecida. Conjectura-se ser a fórma *theodolicho*, que por erro typographico se transformou em *theodo-*

(1) Na 8ª edição (1880) da sua *Gramm. comp.*—em appendice.

lito (1). Os gregos modernos substituem aquelle termo por *ta-naoskopeion*. Os sabios, em geral, fórmam e consagram neologismos contra todas as regras da etymologia. Exemplifiquemos com as creações de Ch. Lyell e outros geologos: *eocono*, *plioceno* etc. Notemos as palavras novas que servem de nomenclatura do systema metrico. A má idéa de adoptar-se a base *gramma*, de *gramma*, termo pouco usado, e que podia confundir-se com outro já adoptado nas linguas modernas, *grammé*, linha (diagramma, etc.). No systema metrico as denominações dos submultiplos da unidade são hybridas: *decimetro*, *centilitro*, *milligramma*. As palavras *kilo* e *hecto* são elementos que nem ao menos apresentam a fórma hellenica, nem com toleravel pureza. Os gregos modernos, em vez de um *millimetro*, usam da longa periphraze: *tó killostouí toy gallicon metron* (o millesimo do metro francez). (2) No Brasil, os erros d'essa especie tambem formigam e, o que é lamentavel, são commettidos a toda a hora. Taes são as fórmam *lexicologia*, por *lexilogia* (que é muito differente), *taxonomia* (?) e o barbaro adjectivo *syntaxico*, copiado do máo francez *syntaxique*, ha tanto tempo corrigido para *syntactique*, etc. Para breve annuncia o cdi-

(1) É conjectura d'um lexicographo grego contemporaneo, Chautzerys.— V. Egger, *op. c.* Ha quem supponha ser a palavra, arabe.

(2) Egger. *op. cit.* 8. ed. 239.

tor Garnier a publicação de um *Vocabulario etymologico, orthographico e prosodico*, devido ao douto mestre, Dr. Ramiz Galvão, de cuja competencia se póde esperar o desejado beneficio. Accrescentem-se os esforços recentes de alguns medicos brasileiros para a reforma e correção do glossario medico (1905); neste sentido existem já trabalhos avulsos publicados pelos Drs. Ramiz Galvão (quanto ao vocabulario geral), F. Figueira, Placido Barbosa e duas theses de doutoramento de Vasconcellos de Queiroz (Bahia, 1902) e Pedro Antonio Basilio (Rio, 1905). Como indicação bibliographica do estudo da influencia do grego no portuguez, citaremos os estudos do Cardeal Saraiva e as obras de André de Rezende, nos quaes se pretende, ainda que sem intuição scientifica, dar larga parte ao *hellenismo* na constituição da lingua. Citaremos ainda a opinião antigamente em voga de que os artigos *o*, *a* (que eram graphados *ho*, *ha*) provieram do grego: *ō*, *ē*.

Gutturales. — Consoantes explosivas que se produzem ou se formam na garganta: *g* forte e *c* forte, e ainda os signaes equivalentes *gu*, *qu*, *q*, *k*, *ch*. A permuta se faz da guttural surda *k* para a guttural branda ou sonora *g*: *macrum*, magro.

H

H. — Letra sem valor tonico, e inutil a não ser na composição

dos grupos *lh, nh*; no mais, vale apenas como signal etymologico: hora, ha, heroe. Em composição modifica o valor do *c*: *ch=x*.

|| Letra latina, tomada do grego. O *h* representa o espirito rude na transcripção latina ou o segundo elemento dos grupos *th, ph, ch*, derivados de caracteres especiaes do alphabeto hellenico. O portuguez tomou do latim as mesmas normas, e adoptou esse symbolo quasi inutil e sem valor prosodico: hora, de *horam*. Na lingua antiga e maxime no periodo classico, houve extensissimo emprego do *h*, nomeadamente nos monossylabos: *he, hum, ho*, etc. O *h* serviu para indicar o *hiato*, como se vê dos archaismos: *távoa, rekua, meu* (taboa, viuva, meu), e ainda hoje essa funcção se exerce na orthographia: *cahia, sahium*, etc. Vide grupos *nh, lh*. || *Orthographia*. Por erro o incluem em certas palavras gregas que não o tem: *systema, cathegoria*, etc., mas o uso já o supprimiu de muitas que o tinham: *catastrofe, fantasia, fleugma* (ph) etc., e *anemia* (an-hemia).

Haima. halmatos (sangue).

— Elemento grego de composição. Fôrma vulgar: *hemo, hemat*: hemorrhoides (*rhéo*, eu corro). An-emia (sem sangue).

Harmonia imitativa.—

Vide *Alliteração. Onomatopéa*.

Haver. — « Generalissimamente se erra hoje o emprego d'este verbo, que os nossos classicos não erraram uma só vez; e a unica razão por que se erra é o

ignorar-se o que elle é e o que significa. Cuida-se que é um verbo neutro, e significa *existir*, quando em boa verdade é sempre verbo activo, e significa sempre *ter*. Quando dizemos: *ha cousas, havia pessoas, houve republica, haverá lances, haja festejos*, falamos classicamente, e não commetemos cousa a que se possa dar o injurioso nome de idiotismo, por que neste e outros semelhantes dizeres ha incontestavelmente uma ellipse, isto é; omittiram-se, por brevidade e elegancia, palavras que, logo que se restituam mentalmente á phrase, a tornam regularissima. Vejamos: *ha cousas* inteira-se assim: a vida *ha* ou *tem cousas*; *havia pessoas*, o mundo ou a terra ou o reino *havia* ou *tinha pessoas*; *houve republicas*, o mundo ou a antiguidade *houve* ou *teve republicas*; *haverá lances*, o mundo, o tempo, a fortuna ou a vida, *haverá* ou *terá lances*; *haja festejos*, a terra ou o tempo ou a gente *haja* ou *tenha festejos*. O verbo *haver*, neste e em todos os casos semelhantes, deve estar forçosamente no singular; põl-o no plural é erro imperdoavel. A cousa, cuja existencia se quer significar, é completamente objectivo ou paciente, e não sujeito, agente ou nominativo, segundo o phraseado grammatical. O verdadeiro agente, sujeito ou nominativo é, como dito fica, um substantivo occulto, e que o discurso facilmente desencanta. Agora, para melhor quietar a consciencia aos que julgarem isto novidade e trepidarem dian-

te d'ella, notemos por derradeiro que este falar não é exclusivo do portuguez; o mesmo corre no castelhano e o mesmo no francez. Quando nesta ultima lingua se diz *il y aura des personnes; il y a eu des auteurs; il y aura des amusements; personnes, auteurs e amusements* são complementos do verbo activo *avoir*, que assim como o nosso *haver* é uma levisima transformação (já o dissemos, porém vale repetir) do verbo latino *habere*, que não significa senão *ter*.» (Dos *Estudinhos* de S. Tullio).

|| «Com relação ao emprego do verbo *haver* na fórmula impessoal, que é a em que mais frequentemente o empregam de modo incorrecto, reportamo-nos ao que escreveu J. F. de Castilho em nota á pag. 105 do IRIS CLASSICO (Ed. de 1859). «Logo que se advirta em que *haver* é derivado do latino *habere* e com a mesma significação de *ter*, fica manifesto que o erroneamente chamado sujeito ou agente, não é senão complemento objectivo ou paciente, e que o agente ou sujeito real se deixou occulto, para conformar ao uso recebido. Assim, *ha* homens—completa-se d'este modo: o mundo *ha* (isto é *tem*) homens; *havia* festas — o mundo ou o tempo, aquella ocasião ou aquelle lugar *havia* (ou *tinha*) festas; *houve* tempos—o mundo ou a duração ou o genero humano ou a historia *houve* (ou *teve*) tempos; *haverá* casos — o mundo ou a fortuna ou a serie de acontecimentos *haverá* (ou *terá*) casos, etc. Estes modos de

dizer são portanto ellipticos. Em francez é muito semelhante o uso do verbo *avoir* derivado como o *haver* da mesma raiz latina e com identica significação. Em *il y a des hommes* (ha homens), o sujeito é *il*, equivalente a *le monde*; complemento objectivo *des hommes*.» Como além da fórmula impessoal, o verbo *haver* tem a auxiliar e a intransitiva, passamos a exemplificar-as com a seguinte: VARIEDADE DE PHRASES QUE SE PODEM CONSTRUIR COM O VERBO *haver* NA TRIPlice ACEPÇÃO QUE TEM DE AUXILIAR, DE TRANSITIVO E DE IMPESSOAL. I. Phrases em que entra o verbo *haver* como auxiliar: Os inimigos, como o successo da minha lhes *havia* aberto para a victoria uma tão larga porta, determinaram, etc. (J. FREIRE.) E lhc *havia* entrado um soccorro de cinco mil infantes com muitos cabos turcos. (ID.) Daqui se tornou, enfadado da longa navegação ás columnas de Hercules, pelas quaes *havia* sahido ao mar Atlantico. (AMADOR ARRAES.) *Havemos* de fazer conta que os segredos são pedras lançadas ao fundo do mar. (HEIT. PINTO.) Como são poucos, sempre naquelle muro *hão-de* assistir os mesmos defensores. (J. FREIRE.) Aquellas ruinas que cstaes vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, *hão-de* ser hoje nosso sepulcro ou nosso alojamento. (ID.) Com armas navaes conquistámos a India, com ellas *a havemos* de conservar, porque temos a vantagem dós vasos e da

HAVER

marinha. (1) (ID.) II. Phrases em que entra o verbo *haver* como transitivo: Havendo perto de vinte dias que passára esta vitória que *houve* dos mouros, partiu de Goa, etc. (JOÃO DE BARROS.) Por quão prudentemente e como cavalleiro *se tinha havido* no modo que teve com Pulate Can e na defensão d'aquella fortaleza. (ID.) Os quaes *havendo* vista da frota, desampararam tudo recolhendo-se a serra. (ID.) E porque Affonso d'Albuquerque os *houve* por perdidos eom este desastre das escadas, mandou em continente duas eonsas. (ID.) E quando tornasse, se *podesse haver* á mão alguma gelva das que navegam por aquelle mar, que a tomasse. (ID.) E o mesmo fim *houveram* muitas cidades, ao parecer dos homens, inexpugnaveis. (HEIT. PINTO.) E ditas estas ultimas palavras, *havendo-se* os que o levavam por zombados de seus intentos, em presença do filho o mataram alli feia e indecentemente ás punhaladas. (FRANC. S. TOSCANO.) O instante *se ha* eom o tempo da maneira que *se ha* o ponto eom a linha (HEIT. PINTO.) Assim como o ferro *se ha* eom a lima, assim o entendimento com a disputa. (ID.)

(1) Os nossos classicos até ao principio do seculo XVII usavam mais do auxiliar *haver* do que do auxiliar *ter* para todos os tempos perfeitos de todos os modos, tanto na conjugação do verbo substantivo, como na do adjectivo. Hoje usamos mais de *ter* do que de *haver*.

Que se não me ajudais *hei* grande medo
Que este fraco batel se alague cedo.
(CAM.)

III. Phrases em que entra o verbo *haver* como impessoal: Nesta prisão *ha* continuamente, por regimento d'el-rei, trezentos mil homens. (FERNÃO MENDES.) Passará um dia de natal e não *haverá* memoria de vosso nascimento. (VIEIRA.) Não *haverá* missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam. (ID.) Não *ha* corpo fraco onde o coração é forte. Sete dias *havia* já que faziamos nossa viagem pelo meio da enseada do Nanquim (FERNÃO MENDES.) Bastará de exemplos. Como impessoal o verbo *haver* é tão frequente que rara será a pagina de qualquer livro onde se não encontre uma e muitas vezes. Recapitulando, diremos: O verbo *haver* — como *auxiliar* e como *transitivo* — é, em regra, empregado correctamente; não assim, como *impessoal*. Então, não raro, o levam ao *plural* quando conviria usal-o no *singular*. O erro syntactico deriva de se attribuir a *haver* a significação — *ser, existir* — e não — *ter, possuir* — que realmente lhe compete. A equivocação é, no estado actual da lingua vernacula, injustificavel. E accrescentaremos: Em italiano, hespanhol, francez e provençal encontram-se construcções analogas; ex.: *Ha quindice giorni— Diez annos ha— Il y a des femmes— Non a tan fin aman cum me.* É a notar que em francez moderno a construcção requer sempre o emprego do adverbio de logar *y*,

e que em italiano, hespanhol, provençal e francez antigo ora apparece ella com um adverbio de logar, ora não. Em portuguez antigo empregava-se tambem o adverbio, ex.: *Não ha hi quem me soccorra* (CHRONICA DO CONDESTAVEL, LISBOA, 1526, cap. 58)—*Que geração tão dura ha hi de gente?* (Camões — *Lusiadas*, cant. II, Est. LXXXI). Hoje não é mais usado tal adverbio.» (Julio Ribeiro—*Grammatica Portugueza*, pag. 255). Melhor seria dizer que é pouco usado. A theoria do impessoal fóra das vozes do presente *ha* e do preterito *houve*, é desmentida pelos classicos, que dizem *houvessem*, *haviam*, etc. (*Jornada d' Africa* no Cap. I).

Hebraico. — Da familia semitica, as duas linguas que indubitavelmente mais pesaram na constituição do portuguez (quasi exclusivamente do vocabulario), foram com certeza o arabe e logo depois o hebraico. A importancia do hebraico torna-se evidente desde que se considera que nessa lingua foi escripto o texto da *Biblia*, livro que se tornou o mais popular de todos, depois da victoria do christianismo. Ha nas linguas modernas occidentaes muitos *hebraismos* derivados do estylo biblico, imitado pelos interpretes gregos e latinos das sagradas escripturas. Muitos relacionam-se com as fórmas syntacticas e de construcção da lingua; formação de superlativos por duplicação (*vanitas vanitatum, rezregum*); o uso do futuro pelo im-

perativo (*amarás* ao teu Deus) etc. A influencia notada no lexico póde ser attestada pelos seguintes exemplos: *Adonai*, nome de Deus. *Alleluia*, clamor de regosijo na presença de Deus. *Amen*, termo final das orações religiosas, significa: assim seja. *Cherubim*, plural de cherub, nome dos anjos da 1.^a hierarchia. *Eden*, paraíso terreal. *Gehenna*, gela hinnon, valle de hinnon, logar de condemnação. D'ahi o fr. tirou o verbo *gêner*. *Jehovah*, Deus. *Jubileu*, Iobel, corno do carneiro, trombeta, solemnidade judaica. *Israel*, israelita, príncipe de Deus. *Kabala* ou *cabala*, sciencia occulta. *Cabalistica*, engabellar, caballar. *Leviathão*, animal marinho. *Manná*, mel ou manjar. *Messias* (*mesha*, ungir), o unguido, o Christo no Velho Testamento. *Myrra*, gr. *murra*, gomma odorifera. *Nitro*, salitre (sal nitro), der. do hebr. *noter*, nitro. *Paschoa*, de *Pesach*, salto, lat. *pascha*. *Rabbino*, rabi, mestre. *Saphira*, sappir, pedra preciosa. *Satan*, *satanaz* (chaldaico, *setan*, odiar), diabo. *Sabbado*, de *scalbat*, dia da semana, *sabath*, *sabbatina*, etc. *Seraphim*, plural de *seraph*, anjo luminoso. *Sidra*, sícera, lat., bebida. *Talmud*, livro da lei oral, tradição.

Hecto. — Vide *Hekaton*.

Hekaton (cem). — Elemento grego de composição. *Hecatombe* (cem bois). Fóрма vulgar: hecto: *hectometro*.

Hêlios (sol). — Elemento grego de composição. *Aphelio* (apo, longe: longe do sol). Pe-

HÉLIOS — HESPANHOL

rihelo (ao redor do sol). Indica o ponto mais proximo do sol na orbita do planeta. *Heliotropo*, gyra-sol.

Héméra (dia). — Elemento grego de composição. *Ephemero*, de *epi*, sobre: que dura um dia. *Decameron*, dez dias.

Hemi, de *hémisus* (meio). — Elemento grego de composição. *Hemi-spherio*, metade da esphera. *Hemi-stichio*, metade de um verso. Provavelmente contém esse elemento o nome de medida *salamin*, do grego *hémína*; no lat. *hemina*, no fr. *mine*, nomes de medida de capacidade. *Salamin* = um meio de sal.

Hemo. — Vide *Haima*.

Hepta (sete). — Elemento grego de composição. *Heptarchia*, governo de sete. *Heptagono*, sete angulos.

Hespanhol. — É a lingua falada actualmente na Hespanha, pouco differente da portugueza. Os primitivos habitantes eram os Iberos, que se suppõe pertencer ao ramo celtico, e que com estes se fundiram mais tarde formando o povo *celtiberico*, que é o tronco autochtone da antiga peninsula. Mas o que está averiguado, é que varios povos phenicios, carthaginezes, latinos e gregos desde antigos tempos penetraram na peninsula. A lingua latina, conforme assevera Strabão, foi logo adoptada, e quando foi a provincia reduzida á dominação romana o latim tornou-se a lingua dos peninsulares. O hes-

panhol tornou-se um mixto de grande numero de vocabularios notando-se a influencia germanica intensissima; que começou no seculo V; a dos Bysantinos nos seculos VI e VII no sul do paiz, e a dos arabes que dominaram em todas as zonas desde o seculo VIII até o seculo XV, época em que foram expulsos do territorio hispanico. Outras influencias parciais se notam, como a da lingua dos ciganos, muito pouco apreciavel, e ainda menos a da lingua dos ladrões (1). Os textos authenticos da lingua vulgar datam do seculo XI, época fixada por Amador de los Rios para o *Poema de los reyes magos* (2). O *Poema de Cid* é averiguadamente de data posterior. Do seculo XIII existem varias colleções de versos de Berceo, romances, o *Fuero Juzgo* (codigo visigothico); as *Siete partidas* de Affonso X, etc. (3) A cultura philologica data do seculo XV com o vocabulario do romance de Palencia, publicado em 1490. Seguiram-se a este os trabalhos de Nebrissa, Lebrija, de Salamanca, 1492, e nesse mesmo anno

(1) Conhecida por *germania*, toda convencional, especie de calão ficticio; chepo = pecho, etc. Mayans. — *Orig. da l. esp.* I, 116, Diez, *op. cit.* 86.

(2) *Hist. crit. de la litt.* III, XIX.

(3) Bello — *El Cid*; Sanchez — *Coll. de poesias*, Madrid, 1779. Amador de los Rios, *op. cit.*; as colleções de Gayangos, *Madrid*, 1860; sobre a authenticidade de um texto asturiano, de 1155, *Jahrbuch für rom. Litt.* VII, 290.

publicou-se a primeira grammatica da lingua (F. Diez). Dos dialectos hispanicos, o castelhano teve a supremacia por effeito da preponderancia politica de Castella. O catalão é um dialecto bastante caracteristico, e tem os seus documentos literarios (cf. Bofaru — *Gramm. do catalão*); o *valenciano* pouquissimo differe do catalão. O *asturiano* é muito proximo do portuguez e, como essa lingua, não possui o f aspirado. A Galliza, politicamente dependente da Hespanha, tem um dialecto literario, o gallego, que é propriamente um ramo do portuguez (V. *Gallego*). No gallego existem varios documentos literarios antigos e modernos, dicioarios (Pinol) e grammaticas (Saco d'Are). Ao norte da peninsula encontram-se muitos vestigios da lingua provençal, e em varias partes é falada a lingua basca (Biscaya, Guipuscoa, etc.) Na America, a lingua castelhana tambem tem soffrido a mesela do vocabulario indigena, no Mexico, na Havana, Perú, etc. (Juan de Arona, Z. Rodrigues, Jgn. de Armas, Cuervo, escreveram varios trabalhos sobre os americanismos do castelhano falado nas republicas de origem hespanhola). (1) Os castelhanismos da lingua portugueza são de difficil determinação, porque em geral pouco pro-

(1) Cuervo — *Apuntes sobre el leng. de Bogotá*; J. de Arona, *Petruanismos*; Zorob. Roiz. *Dicc. de chilensismos*; I. J. de Armas, *El leng. de Cuba*, etc.

fundas são as differenças entre as duas linguas, e grande numero de vocabulos foram immediatamente adoptados. Em certo tempo, na era dos quinhentistas, antes da dominação castelhana, o hespanhol era a lingua da polidez e a que nos dialogos, auctos, se punha na boea dos fidalgos; ao passo que a gente do povo, lacaios, serviçoes ou camponios, só se exprimiam no portuguez. A phonetica demonstra que são do castelhano as transformações *ch=ct*, c d'ahi as formas *trecho*, *ochavo* (areh). *Irmão* (hermano), por *germano*, deve ter a mesma origem. Averiguadamente é do castelhano o adj. *hediondo*, f=h (*filium*, hijo), de *fetibandum*. São do hespanhol *paragon*, *seguidilha*, *fandango*, *bolero*, *habanera*, *salsaparrilha*, etc.

Heteroclitito.—Do grego *heteroklitos* — Diz-se de todos os factos que se não subordinam ás regras grammaticas, e são considerados como *excepções*. Mais restrictamente, deve ser applicado aos phenomenos morphologicos de *flexão* (segundo indica a etymologia do termo *klínō*, eu do-bro.)

Heterogeneos.— Diz-se de factos quaesquer que são de natureza ou origem diversa.

Heteros (outro).—Elemento grego de composição. *Heteroclitito*, de flexão diversa. *Heterodoxia*, doutrina diversa.

Hexa, de *hex*, seis.—Elemento grego de composição. *Hexametro*, seis medidas (pés de verso). *Hexascordio*, seis cordas.

HIATO — HOMORGANICAS

Hiato. — Concurrencia de vogaes que soam separadamente: *rio, pia, idéa, tua, boa, rua, saúde, ataiúde*, etc. Vide *diphthongo*. Também é extensivo á phrase: *dá azo; vá a aula*.

Hieros (sagrado). — Elemento grego de composição. *Hieratico*, sacerdotal. *Hieroglypho*, escriptura sagrada.

Hippos (cavallo). — Elemento grego de composição. *Hippopotamo*, cavallo dos rios. *Hippodromo*, circo para corridas.

Historico (methodo). — Epitheto consagrado ao novo e fecundo methodo de estudo das linguas, e que consiste em estudar-as na sua evolução normal, desde as suas origens até ao estado mais recente, seguindo todas as transformações realizadas no tempo. V. *Grammatica*. A possibilidade do *methodo historico* resulta da verdade do progresso ou instabilidade das linguas e da possibilidade demonstrada de filial-as umas ás outras e classificar-as em grupos naturaes. O *methodo historico* é de applicação recente e, quanto á linguística, foi fundado no principio d'este seculo, pela obra immortal de Franz Bopp.

Holos (inteiro). — Elemento grego de composição. *Cat-holico*, sobre tudo, universal. *Holocausto*, todo queimado (sacrificio).

Homeo, de *homoios*, semelhante. — Elemento grego de composição, *Homogeneo*, da mesma raça. *Homeopathia*, etc.

Homographos. — Vide *Homonymos*.

Homonymos. — São os vocabulos que têm igual prosodia ou orthographia: *cella* e *sella*. Os *homonymos* que possuem a mesma prosodia, chamam-se *homophonos*: *cella* e *sella*; *vês* e *vez*, etc. Os *homonymos* que possuem a mesma orthographia, chamam-se *homographos*: *conta* (v. contar) e *conta* (subst.); *multa* (verbo), *multa* (subst.), etc. As palavras de tal natureza estão sempre sujeitas á confusão, e por isso os *homonymos* são causa de *archaismo*, ou esquecimento de muitos vocabulos. || «Palavras que, quanto exprimam idéas diferentes, têm a mesma pronuncia ou graphia. Dividem-se em *homophonos* (auriculares) — *sumo*, *sunmo*; *ruço*, *russo*; *homographos* (oculares) — *sêde*, *séde*; *auriculares*: — *canto*, *manga*, *cravo*, *lente*... São varias as causas da homonymia: 1ª — contração dos vocabulos (*são* = *santo*, *são* = *sano*, *são* = *sunt*); 2ª — formação de substantivos verbaes (*calo*, do verbo *calar*, e *calo* = *lat. calum*); 3ª — diversidade das fontes vocabulares (*pena* = *lat. pœna*; e *pena* = *celtico pen*); 4ª — corrupção phonetica (*sumo*, *summo*; *pelo*, *pello*...) 5ª — influencia local. Os *homonymos* e *paronymos* pertencem á familia PHONICA; os *synonymos* e *antonymos*, á IDEOLOGICA» (P. Junior).

Homophonos. — Vide *Homonymos*.

Homorganicas. — Dizem-

se as letras que têm a mesma origem ou formação physiologica, como as gutturaes entre si, *e, k, e g*; as labiaes *p e b*, etc. As permutas ou transformações operam-se, em regra, entre valores homorganicos do mais forte para o mais brando: *lupum*—lobo.

Hybridismo. «É palavra composta de termos tirados de linguas diversas:— *bigamo, sociologia*, em que o 1.^o elemento é latino e o 2.^o grego; *monomania*, cujo 1.^o elemento é grego e o 2.^o latino. São productos barbaros, que devem ser rejeitados. Em certos casos, porém, não ha evitá-los, como acontece nos compostos com palavras tupis, que nos dando o termo principal, não possuem o determinante (*cipó-chumbo*). Demais, esses termos indigenas já fazem parte do nosso lexico. Nestes casos, quando as palavras estrangeiras já estão tão popularizadas, por assim dizer nacionalizadas, que os termos da composição como que entre si apresentam devida affinidade, o hybridismo não é para censurar. É o que já nos vac acontecendo com *archi* e *ultra, neo*, etc.» (P. Junior).

Hydra, de *hudôr*, agua. — Elemento grego de composição. *Anhydrico*, sem agua. *Hydrocele* (kêlê, tumor.) *Hydra*, polypo. *Hydromel*, agna-mel. Existe a fôrma *udo* em *udometro*, para substituir a fôrma *hybrida pluviometro*, incorrecto. O *hydrometro* indica o peso do liquido e o *udometro* a quantidade da chuva.

Hypallage. — E figura de syntaxe que muda a construcção, invertendo a correlação das idéas.

Hyperbaton.— Facto syntactico que se assignala pela construcção invertida e não analytica da phrase. O *hyperbaton* é normal em toda a phraseologia de natureza syntactica, como as proposições em que entram pronomes, as interrogações, exclamações e em todo o dominio da linguagem sentimental e emotiva, quer na prosa, quer na poesia. Vide *Ordem*. O *hyperbaton* pôde ser considerado vicio, quando a inversão da phrase traz ambiguidade, confusão, ou não representa necessidade real de seu emprego. Diz o auctor do *Escoltaste*: «Na linguagem poetica é o hyperbato quasi tão commum em nossa lingua, como a ellipse; d'onde resultam para o discurso portuguez duas excellentes qualidades: *concisão* e *harmonia*.

..... «vereis um novo exemplo
«De amor dos patrios feitos valerosos,
«Em versos divulgadô numerosos.

Quando em nosso espirito se afigura que certa ideia não será bem ouvida, e passará despercebida no meio das palavras que a cercam, costuma-se, para chamar a attenção do leitor, collocar a num logar em que o espirito a veja bem.

«Quantos povos a terra produziu
«D'África toda.....

Outras vezes, pela necessidade da harmonia, especialmente no

verso, em consequência das rimas e das pausas, o escriptor se vê forçado a alterar a ordem logica ou grammatical dos vocabulos; e é a esta alteração que os grammaticos chamam hyperbato. Exemplos: *Nas tormentas da maledicencia o mais tranquillo e abrigado porto é o silencio. Esta armada tão espantosa nas apparencias e no poder tão debil, é freio a Rumeção; aos nossos, muro. Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação excusar uma.*

Entre o primeiro verso dos Lusíadas, onde se encontra o complemento do verbo,

as armas e os vârões assigalados—,

e o verbo com o seu accessorio e circumstancias annexas

—cantando espalharei por toda a
parte
se a tanto me ajudar o engenho e
arte—,

intrometteu o poeta treze versos! sete de uma estancia, a 1.^a, e seis da 2.^a O hyperbato differe da inversão, por ser naquelle menos ordinaria e mais brusea a deslocação da ordem das palavras. Prejudica ás vezes a clareza, por isso se não deve usar d'esta figura, principalmente em prosa, senão com muita circumspecção. Quando é felizmente empregada, imprime ás phrases muita rapidez, graça e energia. Obrigam ao uso d'esta figura: 1.^o o som desharmonioso que resultaria de certa união de palavras; 2.^o maior elegancia ou ener-

gia, que póde trazer ao diseurso a transposição que se effectuou. Note-se, porém, que o hyperbato, quando, em vez de comunicar mais ornato ao discurso, gera antes nelle ambiguidade e confusão, torna-se vicio de elocução ou se converte em *synchese*, como póde ser classificada a seguinte inversão:

«..... que em terreno
« Não cabe o altivo peito tão pequeno. (1)»

Hypocoristicos. — Denominação dada aos vocabulos de origem familiar, ou aos termos infantis muitas vezes moldados pela reduplicação: *papae, mamã*. A denominação é mais rigorosamente applicada aos nomes proprios familiares: *Juca; Ze-Zé, Lulú, Vivina, Titina*, etc. Vide *Infantil* (linguagem).

I

I.—Tem sempre o mesmo valor sonico, accentuado ou não. Emprasta um certo sentido de pequenez e exiguidade ás palavras, e eis porque entra em quasi todos os diminutivos. || (Letra latina).—Em geral persiste, maxime quando tonico: digo, *dico*. Póde, porém, tonico é breve, sendo seguido de consoante isolada, transformar-se em *e*: *cedo*, de *cito*; *dedo*, de *digitum*. A

(1) *Pequeno* não qualifica *peito*, mas parece. Porque o altivo peito não cabe em terreno tão pequeno, é a composição directa e mais clara.



permuta em *e* também se dá com o *i* em posição (antes de duas consoantes): selva, de *silvam*; letra, de *litteram*. Por phenomeno de attracção ou sympathia o *i* transforma-se em *a*, quando a syllaba vizinha articula-se com a vogal *a*: balança, *bilanx*; maravilha, *mirabilia*; salvação, *silvaticum*. *I* (letra portugueza). Muitas vezes representa o *y* originario: inverno, *hybernium*. Nos mais frequentes casos representa o *i* latino: libra, de *libram*. Póde provir do *e* longo: commigo, ant. comego (*cummecum*); do *e* breve ha exemplos rarissimos: *dizima*, *deciman*. O *i* portuguez frequentemente representa a dissolução da consoante *c* no grupo *ct*: feito, *factum*; peito, *pectus*; ou a diphthongação do *a* antes da dupla *x* (o que representa ainda a dissolução do *c*, pois *x=cs*: seixo, de *saxum*. *I* (letra arabe) persiste: *adail*. Permuta-se, sendo breve, em *o* e em *e*: almofada e almecega (*al-mikkhadda*, *almastica*).

Ia. — Hiato resultante do lat. *ia* ou de syncope de elementos consonantae: pedia, *peteb-at*; Maria, do hebraico, pelo latim, *Maria*. Muitos provêm do hiato grego; taes são os compostos de *logia*, *sóphia*, *nomia*, etc.

Ichthus, peixe. — Elemento grego. *Ichthysaurio*, peixe-lagarto.

Ideologia. — Sciencia das idéas, independentes da expressão, consideradas como actos puros do entendimento. Nos expositores da linguística quasi

sempre levam o epitheto de *ideologos*, os antigos grammaticos que não curavam da fórma material, da phonetica e morphologia dos vocabulos, e apenas os estudavam com os elementos ou noções da consciencia.

Idios, proprio. — Elemento grego de composição. *Idioma*. *Idio-syn-crasia*, molestia coexistente com o temperamento do individuo.

Idiotismo. — «Dão os grammaticos este nome á construcção ou locução contraria ás regras communs e geraes, mas proprias e particulares de uma lingua, como: — o infinito pessoal em portuguez e diversas phrases feitas; a singularidade peculiar da mesma lingua em dar a varios nomes no singular uma accepção diversa da que tomam no plural; v. g.: *zele* e *zelos*, *bem* e *bens*, *graça* e *graças*, etc.; — a repetição das variações dos pronomes pessoais, como: — *parecia-me a mim*; *eu vos hei de levar por onde nem os alarces nos vejam a nós, nem nós os vejamos a elles*; — a propriedade que têm muitos participios do preterito de tomar significação activa, propriedade que constitue uma das maiores bellezas de nossa lingua; v. g.: *aborrecido* (que aborrece tudo); *agradecido* (que agradece); *applicado* (que se applica); *despachado* (que despacha ou avia todos os negocios), *diligente*, *expedito*; e assim: *determinado*, *disfarçado*, *entendido*, *estragado*, *fingido*, *moderado*, *precipitado*, etc.; — a particularidade com que muitos auctores bene-

IDIOTISMO — IMPERATIVO

meritos da lingua a têm dotado, empregando com significação transitiva muitos verbos de sua natureza intransitivos, particularidade que constitue uma riqueza e dá á lingua maravilhoso realce ; v. g. : *ajoelhar a soberba ; torva affeição lhe arde as entranhas ; arfar suspiros ; as gerações passadas bradam estas cousas ; já ardente chamma a anima a tropejar iras de Achilles ; — a propriedade de empregar o infinito pelo imperativo ; v. g. : alegrar, que é chegada a hora de vos irdes, por alegrai-vos, etc., levantar d'ahi, preguiçosos, por levantae-vos, etc.* Cada lingua tem seus idiotismos e suas locuções proprias de difficil, se não impossivel, traducção exacta em outra lingua. Apezar de suas construcções viciosas e contrarias ás mais simples regras da logica, os idiotismos contribuem muitas vezes para a originalidade e até para a belleza de uma lingua. Tomam o nome da nação onde a lingua se falou ou se fala. Assim, dizem-se *hebraismos*, se esses modos de dizer são peculiares da lingua hebraica ; *latinismos* ou *grecismos*, se imitam o modo de dizer dos latinos ou dos gregos ; *lusitanismos*, etc. Possui a lingua portugueza muitos *idiotismos*, entre os quaes apontamos mais os seguintes para exemplos : Em nascendo o dia — *em vez de* — logo que nasceu, nasça ou nascesse o dia — *ou* — quando nascer. Em que lhe peze — *por* — ainda que lhe peze. Mal pensava eu — *por* — eu estava longe de pensar. Não caiu por um triz — *por* — esteve prestes a cair.

DICC. GRAMM.

Dada que foi a hora — *por* — logo que deu a hora. Rogo me digas — *em vez de* — rogo-te que me digas. Quanto não dava eu por possuir este objecto — *por* — quanto dava eu ou quanto eu dava por possuir este objecto. Vêem-se ruas e ruas — *por* — vêem-se muitas ruas. Está na minha mão — *por* — depende de mim. Ha dias bem aziagos — *por* — a vida tem dias. Por mais que diga, por mais que faça — *em vez de* — ainda que muito diga ou faça.» (*Escoliaste*).

Ie.—Hiato oriundo do latim e que se encontra em palavras eruditas: *planície, superfície* (*planiciem, superficiem*).

Imparissyllabismo.—É o facto da deslocação do accento tonico no accusativo ; a differença do numero de syllabas entre esse caso e o nominativo (*latro, latro-nem, serpens, serpentem*) (P. J.).

Imperativo.—Modo dos verbos que exprime exhortação, pedido ou ordem de acção : *Vae ! ide ! estuda ! Crescei e multiplicae-vos*. O imperativo só tem duas flexões: 2ª pessoa sing. *ama, lat. ama* ; plur. *amae, lat. amate*. As outras flexões são tomadas do subjunctivo : *ame eu, amemos nós*, etc. No estylo biblico, o imperativo é substituido varias vezes pelo futuro : *não matarás* ; é isso um hebraismo commettido no latim pelos primeiros interpretes das escripturas. Tambem póde ser substituido elegantemente pelo infinito : *Trabalhar ! trabalhar !* (trabalhemos ou trabalha).

11

Impessoal. — Caracter do infinitivo nas linguas romanas. Vide *Infinito*. Diz-se tambem do verbo que não é usado com as flexões de 1.^a ou 2.^a pessoa. Vide *Defectivo* e *Unipessoal*.

Implicita. — Diz-se da *proposição* em que deixam de ser expressos os termos capitaes, sujeito e predicado: «Vaes ao theatro? Não.» Não é uma proposição *implicita*, pois não estão expressos o *sujeito* (eu) e o *predicado* (vou).

Improferíveis. — Denominação dada ás consoantes *explosivas* ou *momentaneas*, as quaes não soam sem vogal: *b, p, t, d, c, k, g* forte.

Im. — Prefixo latino, de dous usos distinctos. 1.^o Indica negação: *in-justo, in-activo*. 2.^o Indica inclusão e só se ajunta a verbos: *irradiar, interrarr*. As assimilações de ambos são em *im, il, in, ir*: immortal, illegal, innocente, irresponsavel.

Inarticulado. — Diz-se do som puro, laryngeo, como o de todas as vogaes: *a, e, i, o, u*. Em rigor, porém, as vogaes se produzem, com articulação embora pouco perceptível. A prosodia do *u*, para exemplo, reclama o concurso de órgãos do pharynge, dos labios, e por uso diz-se vogal *labial*. O *i* produz-se com o concurso do véo do paladar e por isso diz-se vogal palatal.

Inchoativos. — Classe de verbos que exprimem augmento progressivo da acção: *florescer*, de florir; *esmorecer*, de morrer;

embranquecer, envelhecer, etc. O *inchoativo* denuncia-se geralmente pela intercalação do *infixo* *esc* logo depois do thema ou radical: *rejuven-esc-er*. Na maior parte d'estas palavras a orthographia usual supprimiu o *s* etymologico da terminação.

Incidente. — Segundo o antigo systema de analyse, é a proposição que amplia ou restringe a palavra ou a proposição a que se refere. D'ahi, a sua divisão em *explicativa* e *restrictiva*. *Explicativa* é a incidente que desenvolve o sentido ou idéa da palavra a que se ajunta: O homem, *que é mortal*, não deve dissipar a vida. Póde ser tirada da phrase, sem offensa do sentido. *Restrictiva* é a que limita a significação ou idéa da palavra a que se liga: O criminoso *que se arrepende*, póde tornar-se um homem de virtude. Não póde ser excluída da phrase sem que o sentido d'esta se torne absurdo.

Indefinito. — Termo e epitheto applicado a varias classes de factos grammaticaes: *a)* Ao tempo designado como *preterito perfeito composto*, ou melhor *aoristo*: tenho amado, tenho vivido. Indica acção repetida ou continuada, frequentes vezes realizada: *Tenho comido laranjas.* — *b)* A classe de artigos que exprimem determinação: *o, a, os, as*. (deriv. do lat. *illum*). Vide *Artigo*. — *c)* A classe de adjectivos determinativos que exprimem quantidade incerta ou não exacta: *todo, nenhum, ninguem, alguns, poucos, qual* (repet.), *tal*

INDEFINITO — INDO-EUROPEAS

(repet.), *uns, outros*. No conceito de alguns grammaticos as classes *b* e *c* não formam senão um grupo unico.

Indicativas ou *enunciativas*. — Denominações applicadas ás proposições de verbos do modo indicativo: *Pedro chegou. Voltarei breve.*

Indicativo. — Modo dos verbos, que exprime a affirmação por simples enunciação positiva. Tem os seguintes tempos: a) *Presente*: amo. — b) *Preterito imperfecto*: amava. — c) *Preterito perfeito*: amei. — d) *Preterito mais que perfeito*: amára. — e) *Futuro*: amarei. Qualquer d'estes tempos pôde ser expresso com pequenas differenças de sentido por meio de periphrases: *estou amando, tenho amado, tenho* ou *hei de amar, terei amado*, etc. As denominações divergem entre os grammaticos. O *preterito perfeito* (amei) tambem é denominado *pret. definitivo*. A fórma periphrastica *tenho amado* tem as denominações de *pret. indefinito* ou *aoristo*. Vide *Futuro, Presente, Preterito*.

Indirecta. — Equivalente de *inversa*. Vide *Ordem*.

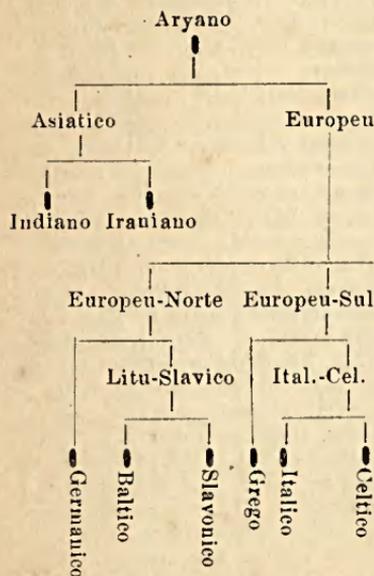
Indirecto (complemento). — Na antiga analyse representa o complemento não objectivo. Vide *Proposições*, onde tratamos de todos os chamados *Complementos*.

Indo-europeas (línguas). — A mais importante e mais conhecida de todas as familias de línguas. As línguas *indo-europeas*, tambem denominadas *indo-ger-*

manicas e *aryanas*, ou grupo *sanskritico* (Humboldt), dividem-se em grupos e numerosissimos dialectos. Seus grupos principaes são, segundo Max Müller: I. **INDIANO**. Comprehende varias línguas da India e a dos ciganos. Comprehende mais as línguas mortas: *Prakrito, pali, sanskritico moderno* e *sanskritico vedico*. II. **IRANIANO**. — Línguas persa, armenia, afghanistanica, etc. Línguas mortas: *Parsi, Zend, Pehlvi*, etc. III. **CELTICO**. — Línguas do ramo kymrico e ghadelico. Língua morta: o *cornico*. IV. **ITALICO**. — Línguas dos ramos latino: osco e ombriano. Línguas mortas: *latin, lat. vulgaris, lat. barbaro, os romances*, provençal (l. d'oc), francez (l. d'oïl), etc. V. **ILLYRIO**. — Da Albania. VI. **HELLENICO**. — Línguas da Grecia antiga e moderna. Línguas mortas: grego antigo (dorio-eolio, attico-ignio). VII. **WINDICO**. — Comprehende o ramo lettico (Lithuania e Livonia), o ramo slavo (Bulgaria, Russia, Illyria, Polonia, Bohemia, sloveno, croata, servio). Língua morta: o *slavo ecclesiastico*. VIII. **TEUTONICO**. — Comprehende o alto allemão (*médio e antigo*), o baixo allemão (*gothico, anglo-saxão, antigo hollandez, ant. frisão, antigo saxão*). Comprehende as línguas vivas: allemão, inglez e hollandez. O terceiro ramo teutonico é o scandinavo. Comprehende o norueguez, islandez, sueco e dinamarquez. Considerando-se indistinctamente pelo exame dos factos a existencia de unidades primitivas de onde decorreram as variedades idiomaticas

INDO-EUROPÉAS — INFANTIL

eas actuaes, póde-se organizar, ainda que imperfeitamente, uma taboa genealogica das linguas. Os estadios de integração que parecem evidentes são: a existencia de uma base asiatica e outra européa, que deram productos especiaes. Na propria Europa deveriam ter existido um idioma europeu meridional (que explica o grego, latim, etc.) e outro do norte (que explica o germanico, o litu-slavico, etc.) Como quer que seja, apezar das difficuldades do assumpto, eis a taboa genealogica de Schleicher:



O diagramma, comquanto imperfeito por natureza da complicação do assumpto, é bastante comprehensivel, e nem carece de

commentario. Por motivo da nova educação classica, parece absurdo que não tenha existido base anterior que originasse o latim e o grego, e sim tenha havido um estadio commum que precedeu o latim (ao italico) e o celtico. De facto o latim, pela phonetica e estrutura grammatical, é mais proximo do celtico do que do grego (1). Outrosim. convém ponderar que o diagramma acima representa o *desenvolvimento prehistorico* das linguas aryanas. Recentemente um philologo e linguista italiano, Trombetti, pretende demonstrar a unidade de todas as linguas.

Indo-germanicas. — Denominação dada ás linguas aryanas, hoje preferida pela de *indo-européas*. Vide esta palavra.

Indo-portuguez. — Este dialecto, que tende a desaparecer ante a supremacia da lingua ingleza, é falado em Ceylão, e possui uma traducção da Biblia, publicada em 1820. — Data do sec. XV, e apresenta grande eópia de vocabulos holandezes, e, mais modernamente, grande numero de palavras inglezas.

Infantil (linguagem). — É muito difficil assignalar os caracteres e a importancia da lingua das crianças quanto á sua funcção na linguagem em geral. É, todavia, impossivel deixar de reconhecer a sua influencia capi-

(1) Notem-se, conforme diz Sievers (*Brit. Encycl.* XVIII, 786), o futuro em *b* ou *f*, a voz passiva em *r* e a declinação nas duas linguas.



INFANTIL — INFINITO

tal. Segundo Darmstøtter (1), não se podem explicar os phenomenos de alteração phonetica das linguas, as permutas e transformações atravez do tempo, sem o concurso da criança, cuja pronuncia viciosa conserva até á maturidade do individuo certos matizes prosodicos, que se vão propagando e assim explicam a evolução phonetica dos sons. O homem maduro póde mutilar, mas não transforma evolutivamente, por abrandamento, sons ao recebê-los por transmissão de outro; as degenerações phoneticas resultam de idiosyncrasias infantis que nunca mais de todo se apagam do individuo. Quanto ao vocabulario infantil, é muito variado. A sua grammatica é excessivamente analogica. O processo de reduplicação, como se verá, é que em quasi todas as linguas produziu o maior numero de formações; no francez, v. gr.: *baba* (bolo), *dada* (cavallo), *joujou* (brinquedo), *toutou* (cão), *dodo* (cama ou berço), etc. (2) Do francez provém a fórma *bonbon* (gulodice). São portuguezas: *pápá*, *mamá*, *bum-bum* (agua), *pino pino*, etc. (3). No logar competente já tratámos dos *hypocristicos*. Em livros recentes, como a *Sprachpsychologie* de Wundt e

a *Psicologia della lingua* de Ravizza, que é um resumo d'aquella, explicam-se estas primeiras formações da linguagem no periodo da infancia, e que são de grande influxo em todas as linguas.

Inferioridade. — Caracter ideologico dos comparativos em que o 2º termo de comparação significa vantagem sobre o primeiro: A dahlia é *menos bella* que a rosa.

Infinito e infinitivo. — Vide tambem *Pessoal*. Modo dos verbos caracterizado pela terminação em *re* e pela abstracção e indeterminação do sentido: *louvar*, *partir*. É fórma nominal; equivale ao substantivo e póde ser empregado como sujeito, objecto, etc. A letra *r* da terminação, por euphonia, desaparece quando é de uso o artigo archaico *lo* ou *la*: *amal-o*, por *amar-lo*. Sobre a *flexão pessoal* que excepcionalmente e apenas na lingua portugueza possui o infinito, são de citar-se as considerações do sabio philologo Aureliano Pimentel: «1º Emprega-se o infinito impessoal quando se prescinde do sujeito, ou este é o mesmo do modo finito, por exemplo: Folgarás de *ver* bellas paysagens. O melhor modo de pedir é agradecer. Devemos abster-nos de más leituras. 2º Emprega-se o pessoal quando tem sujeito differente do sujeito do modo finito, por exemplo: Quanto é bello morarem os irmãos em união! Quam pulchrum est fratres habitare in unum!» *Excepções.* — Da 1ª, quando o modo infinito fôr comple-

(1) Darmstøtter — *La vie des mots*—pags. *Intr.*

(2) Stappers—*Dict. etym.*—514.

(3) Já citado por Gregorio de Mattos (ed. de V. Cabral):

«Bum-bum é agua em criança,
E ter-se de pé *pino pino*.»

mento circumstancial não muito perto do finito, e sempre que se haja de evitar ambiguidade. Da 2.^a, quando o infinito fôr intransitivo e estiver immediatamente, ou apenas mediando enclíticos, unidos aos verbos fazer, ver, deixar e mandar. Exemplos da 1.^a excepção: — «Observemos a lei para sermos felizes. — Sois muito poderoso para me soccorredes.» Bern. (Paraiso dos Contemplativos). — «Orae para não cairdes em tentação.» (Evang. Math.). «Temendo *receberem* damno dos mouros por pelejarem contra elles.» (Barros). — «Fazei sentar os convidados. Fazei-os sentar -- facite eos discumbere. Deixae ir estes. Deixae-os ir. Deixae vir a mim os pequeninos. (Assim traduzem os classicos o *Sinite has abire*, etc.) — Quando, porém, medeiam mais palavras entre o sujeito e o infinito, ou vice-versa, então este se põe na fôrma pessoal, como se vê no seguinte exemplo de Bernardes: «A incerteza que absorve e *faz serem* de pouco momento as mais incertezas, é se morrerá na graça de Deus.» (Exercicios Espirituaes. Ex. III. Med. 4). — Quando o infinitivo é de verbo transitivo, prevalece a 1.^a regra: «Vimos as ursas. . . banharem-se.» (Camões). — Aqui devemos notar que os verbos reflexos unidos aos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, etc. ás vezes perdem o *se*. Ex: — «Galantes são os poetas! Todos vovéis queixar da malicia dos tempos. (D. Fr. Manoel, Apologos, pag. 354). — E com os verbos *ser* e *haver*: «Quanto melhor fôra

chorar, e arrepende agora.» (Vieira, S. 3.^o tomo, pag. 148). — «Não ha salvar sem padecer.» (Bern. Utt. Tins. I. I. c. 6). — Hoje só se omitta o reflexo — *se* — com os verbos ser e haver. Com os outros não. — Todos ovreis queixarem-se — é o phrasear corrente. *Explicações*. — Para bem se entender a 1.^a excepção, é necessario comprehendere a significação das palavras complemento circumstancial, isto é, o que indica uma circumstancia não necessaria para o sentido de outra palavra. Conhecer-se-á esse complemento quando de sua suppressão não resultar deficiencia de sentido. Assim, se dissermos: «Estudamos os classicos» não fica suspenso o sentido, formamos uma phrase intelligivel. Se acrescentarmos: «para bem ensinarmos o portuguez», este complemento indica o motivo, o fim. Os complementos *necessarios*, segundo a força do termo, não podem cessar de apparecer ou de subentender-se, sem ficar incompleta a phrase. O dizer que complemento circumstancial é o que exprime circumstancia de tempo, modo, fim, logar, não é definil-o. «Necessito de dous dias para concluir esse trabalho — O relógio é destinado a indicar as horas. Estou morando em uma quinta». Nestas phrases, o complemento não é circumstancial, é necessario, pois impossivel será entenderem-se telegrammas assim: — Necessito... Estou morando... Esta carta é destinada... E todavia os complementos que ahi faltam, são de

INFINITO

tempo, de *modo*, de *logar*. Ora bem. Quando o complemento circumstancial infinito está muito perto do finito e tem o mesmo sujeito que este, não se lhe dá desinencia pessoal:—Adoecemos por ter estado á torreira do sol. —Jantemos sem cuidar no dia de amanhã. || *Força intensiva do infinito*. O modo infinito significa o mesmo agir das cousas, e por isso dá muitíssima vivacidade ás narrações, ás hypotyposes. E senão, substituam-se os infinitos por substantivos nos exemplos seguintes, de dous modelos de linguagem, e desaparecerá a belleza do quadro: «Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, todo aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas, vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sair sem quietação nem socego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, etc.» (Vieira, S. 2. 326). E Bernardes, falando da brevidade da vida, do correr dos dias: «O seu *caminhar é despenhar-se*; todo é azas o tempo, e de pura ligeireza no *mover-se* parece que se não move.» A traducção franceza diz: *Leur cours est celui du torrent. Le temps fuit avec une vitesse extrême, l'imperceptibilité de son mouvement ne provient que de sa rapidité même à se mouvoir.* || Theoria de F. Diez. Diez no 3º tomo de sua *Grammatica*, falando da flexão verbal do infinito portuguez, negallhe verdadeiros tempos. Nisto não concordo com o grande roma-

nista, pois com o verbo *lembrarse* usa-se o preterito perfeito do infinitivo, tempo composto equivalente a *fuisse* latino: Lembrome de teres vindo a visitar-me. Sinto não me *haveres despertado*. Sinto haveres de deixar-me. «Haverem-se de aprender essas linguas com estudo e com trabalho é empresa muito difficultosa.» (Vieira, t. 3º, S. do Esp. S.) Eis ahí exemplos de verdadeiros tempos do infinito. A regra que dá F. Diez para o uso do pessoal é a seguinte: «Esse infinitivo não se emprega senão no caso de set possível mudal-o para o modo finito; por consequencia, quando se lhe póde tirar a relação de dependencia que o prende ao verbo principal». É indifferente que esse infinitivo tenha sujeito proprio ou não. Exemplos em que o sujeito pertence só ao infinitivo: *tempo é* de partires (isto é, tempo é que tu partas, tempus est hinc te abire); Deus te desembarace o juizo para te remediar (para que te remedies). Exemplos em que o sujeito é commum aos dous verbos: *não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente* (de que ganhas); *todos são alegres por terem paz* (porque têm), etc. Este infinitivo flectido (1) tambem se une, como o não flectido, ao pronome pessoal, emquanto sujeito ou regimen, etc. Ora, a regra de Diez

(1) Necessitamos dos verbos *flectir*, *agir*, pois já temos *reflectir* e *reagir*, flexivel, agente. — N. do A. cit.

INFINITO

não serve para os casos. Assim, na phrase: Fazei-os sentar, este se converte em subjunctivo: *que se sentem*, e comtudo seria incorrecto o infinitivo pessoal. Mais. No antiquissimo portuguez da oração dominical, onde se vê claramente vista a passagem do latim para o nosso idioma, acha-se a phrase: *Não nos deixeis cair* em tentação, que bem se pôde mudar — não deixeis que caíamos, e todavia não se dirá — nos deixeis cairmos. E já que tocamos este ponto, parece-me adoptavel a distincção que faz o sabio glottologo Sr. Dr. Harlez (1), redactor-chefe do *Muséon*, revista internacional, entre complemento objectivo *immediato* e objectivo *mediato*, que se dá nos verbos causativos, cuja falta supprimos com o verbo fazer. Nem de outro modo se pôde explicar este dizer: «*Faciam te ut scias.*» Plauto, Aul. Far-te-ei saber, onde o *te* é complemento objectivo mediato de *faciam*, isto é, mediante o infinitivo *saber*. «Fizeste-me ver a morte do filho» (2). Evidentemente *me* não é objecto immediato, nem tam pouco sujeito do *infinitivo*, pois em nossa lingua se exprime pelo caso subjectivo *eu*: «Dar-me-á licença para *eu* dizer o que entendo.» (Carta de D. Barth. dos M. na *Philosophia dos Principes*, t. 2, pag. 50). Note-se que em bom

portuguez se diz: «Para *lhes* fazer perder o medo ás culpas.» (Thomé de Jesus, *Trab.* 8, e *Lucena*, V. I. 8. c. 27). — Eu lhe fiz ver a importancia da philosophia — é phrase preferivel a *eu o fiz ver a importancia*. Quando o verbo infinitivo é intransitivo, então sim, usa-se do caso objectivo preferentemente: «Não os vi cair, não os deixo cair.» (*Aureliano Pimentel*) || Escreveram muitos grammaticos sobre a questão que ainda não está bem assentada quanto as regras que se ha de observar no emprego da singular flexão. O douto philologo L. L. Fernandes Pinheiro diz á proposito. «Uma das questões mais controvertidas da lingua portugueza é a do infinito pessoal. Jeronymo Soares Barbosa na sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* sentenciou que elle só poderia ser usado quando tivesse sujeito differente do verbo da oração regente, e quasi todos os grammaticos d'ahi por diante começaram a formular regras no mesmo sentido. Entretanto, essas regras não se apoiam no uso dos classicos, nem têm sido respeitadas pelos melhores escriptores portuguezes modernos, como passo a demonstrar com os seguintes exemplos, por mim colhidos nos originaes e em citações:

E folgarás de *veres* a policia.

CAMÕES (*Lusiadas*, VII, 72).

Não te espantes
de Baccho nos teus Reinos *receberes*.
(IDEM, VI, 15).

(1) Harlez, *Manuel de la langue de l'Avesta*, pag. 115.

(2) Virgil. *Aen.* 2, 537. Nati coram me cernere letum fecisti.

INFINITO

... Bezerrinhos, que inda não eram para *andarem* com as mães. — BERNARDIM RIBEIRO. (*Menina e Moça*, Cap. XVI) ... offeceram-se ao rei para o *servirem*. — AFFONSO DE ALBUQUERQUE. (*Commentarios*, III, 16). ... mandou que estivessem prestes para *commetterem* a fortaleza... (IDEM, III, 49). Ditosos os que vivem bem calados mettidos em si mesmos; e contentes de não serem ouvidos nem julgados. ANTONIO FERREIRA. (*Poemas Lusitanos*). ... temendo *receberem* damno dos mouros por *pelejarem* contra elles... JOÃO DE BARROS (*Decadas*, n. 56). Virtude, sem *trabalhares* e *padeceres*, não verás tu jamais com teus olhos. — PADRE MANOEL BERNARDES (*Luz e calor*, pag. 256)... outros forçados da tormenta alijáram ao mar o trigo, para *salvarem* as vidas. — FREI LUIZ DE SOUZA (*Annaes de D. João III.*) — E mandando aos seus que se não bulissem, sem *verem* recado seu com certo signal... IDEM (*Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres*). — Quando o sementeiro do céu deixou o campo, saindo d'este mundo, as pedras se quebraram para lhe *fazerem* aclamações, e os espinhos se teceram para lhe *fazerem* corôa. — É necessario, para se *conservarem* nesta nova representação, e para *governarem* como devem, que se afastem de suas proprias raizes. — Todos foram ordenados para *conservarem* a cada um no seu, e todos por diferentes modos vivem no alheio. — PADRE ANTONIO VIEIRA (*Sermões*). — Para *execu-tarmos* este proposito lemos... — Nelles acharão um thesouro de vocabulos e phrases, com que possam exprimir não só exactamente, mas até com desenfatiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem *indagarem* dos extranhos, etc. — FREI FRANCISCO DE S. LUIZ (*Glossario*, prefacção, pag. V e IX). — O habito em que ellas estavam de *receberem* do Tibre as suas leis... — Só nós estamos privados de *termos* em vulgar... — Estamos condemnados ou a *prescindirmos* de um estudo ou a *recorrermos*... — A. F. de CASTILHO (*Fastos*, prologo, pag. 31, 52 e 53). — ... se entretecem sem se *torcerem*, se cortam sem se *quebrarem*, se encontram sem se *confundirem*... IDEM (*Noções rudimentares para uso das escolas*, pag. 76). — Só alcançaram serem submergidos e afogados pela corrente. — HERCULANO (*Panorama de 1844*, pag. 393). — Vaidades estranhas, que estão longe de *terem* o valor que se lhes attribue. — IDEM (*Historia de Portugal*, I, 471). — ... — os inimigos destróçados em toda a parte viram-se constringidos a *buscarem* refugio nas montanhas. (ID. I, 74). — Sem aquellas frias restricções de amor proprio que impedem os filhos de Apollo de *acharem*... — GARRETT (*Lyrica de João Mynimo*, pag. 17). — ... resistiram a *submetterem-se*... — SORIANO (*Historia da guerra civil*, I, 146). ... bufarinheiros pregoam no intuito de *fazerem* sua cumplice á nobilissima neta de Platão... — CAMILLO CASTELLO BRANCO

INFINITO

(*Cavar em ruínas*, pag. 7). —
 —... que ao pé de Santa Engracia se queixavam os vizinhos de verem sair á meia noite...
 REBELLO DA SILVA (*Mocidade de D. João V*, tomo 1^o, 2^a edição, pag. 3). —... ainda esperam o buril para dizerem o que foram... IDEM (*Varões illustres das tres épocas constitueionaes*, pag. VI). — Que novos colibris, que lindos beija-flores não correriam prestes a tirar o doirado carro de Venus!... — PINHEIRO CHAGAS (*Ensaio critico*, pag. 166). —... os que já estavam cançados de se expôrem ao acaso dos erros longinquos... — THEOPHILO BRAGA (*Historia da Literatura Portuguesa*, Tomo I, introdução, pag. 361). —... muitas e muitas vezes recebemos o precioso alvitre de fazermos o resumo d'essa obra... IDEM (*Manual de Historia da Literatura Portuguesa*, pag. V). —... sentimos um vivo desejo de o applicarmos... IDEM (*Grammatica Portuguesa*, pag. VII). —... a alguns dos quaes devemos instigação para eserevermos... — ADOLPHO COELHO (*A Língua Portuguesa*, pag. VII). — Mas não terão as linguas romanas o direito de serem estudadas?... IDEM (*Theoria da Conjugação*, pag. 5). — É de notar-se que tambem muitas vezes empregaram os classicos o infinito impessoal, quando sem duvida alguma deviam usar o pessoal. Exemplos:

Andar-lhe os cães os dentes amostrando.

CAMÕES (*Lusiadas*, I, 87)

Só pôdes pretender o não *ser* vista, mas não depois de vista o *ser* deixada.

IDEM (*Elegia 8*)

Toma a lyra na mão, que os moradores do vitreo fundo eston vendo *jun-tar-se* para ouvir nossos rusticos amores.

IDEM (*Egloga VI*)

Mandou... dois talões a *espia* r o porto, *sondar* o rio e *ver* o surgidouro. — FERNÃO MENDES PINTO. Forçareis as pedras a vos *fazer* a vontade. — JORGE FERREIRA. (*Ulyssipo*, acto 5, sc. 4). — O que se lhes não pôde defender com a artilharia por *trabalhar* cobertos. — Os moradores salvaram no sertão as vidas... faltando-lhes o valor para se *defender* ou *morrer* em suas casas. — JACINTHO FREIRE. — Os santos a *persuadir-me* humildade e eu que mostre brios e ufanía? Os santos a *prég*ar pobreza e seguil-a em tudo, e eu que mostre ufanía e brios. — FREI LUIZ DE SOUSA (*Vida do Arcebispo*).

Ha na perfidia engodo que assás ^{tente,} e por d'ella *gabar-te* é que me buscas.

FILINTO ELYSIO.

— Outros gentios são incredulos até *erer*... VIEIRA. (*Sermões*). — Á vista do exposto mantenho ainda hoje o que escrevi em 1886, na minha *These de Concurso* « O emprego do infinito pessoal é, pois, um ponto que ainda não está fixado na língua portugueza. Entretanto, parece-me que as regras mais razoáveis

INFINITO

que se podem admittir a tal respeito são as que ha longos annos formulou Diez : — Este infinito só se emprega no caso em que é possível substituil-o por um modo finito no qual, por consequente, elle póde desembaraçar-se da relação da dependencia que o liga ao verbo principal. É indifferente que este infinito tenha ou não sujeito proprio. — No caso contrario, se o infinito depende, por exemplo, de auxiliares do modo finito, não se conjuga (*podestes ouvir, sabes dar, queres crêr, etc.*) Supprime-se ás vezes a flexão, quando o sujeito da phrase não é prejudicado com essa supressão. Os exemplos com que o Sr. Aureliano Pimentel na sua *The-se* do mesmo supracitado anno procura combater essas regras não as destróem. São elles: *Fazei-os sentar* e *Não nos deixeis cair em tentação*. Não ha razão para que se não diga : — *Fazei-os sentarem-se*, isto é, *fazei que elles se sentem*, e o pronome *nos* no segundo exemplo exclue a possibilidade de dar a fôrma pessoal ao infinito *cair*. Se elle fosse supprimido, bem se poderia dizer: *não deixeis cairmos em tentação*, isto é, *não deixeis que caíamos em tentação*. Assim, pois, penso que é ao eminente philologo auctor da *Grammatica das linguas romanas*, e não ao auctor da *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, que todos devemos seguir, formulando e praticando a seguinte regra, de todo racional: *Sempre que o infinito do verbo poder ser substituido por um tempo do modo finito deve tomar a fôrma pessoal.* »

|| Outro illustre mestre, o sr. Porfirio de Aguiar, escreveu : « Pa-recerá que, no emprego do infinito pessoal, deixo ao arbitrio uma amplidão equivalente ao abandono dos que pedem á grammatica as syntheses substitutivas da observação nem a todos facii, do recurso á fontes, nem a todos accessíveis. Obviamos a essa consideração dando a esses taes, não regras de derogações sempre leitias, mas conselhos que, facéis de comprehender e conservar, sejam de ainda mais facil applicação. Eil-os: 1º Sendo o infinito complemento directo ou objectivo de um verbo a que é immediato, formando com elle como uma só fôrma verbal, que tenha o mesmo sujeito, prefira-se o emprego do impessoal. *Pretendemos andar. Desejavam partir*. Se o verbo principal e o infinito tiverem sujeitos diversos, será pessoal o infinito, menos com os verbos—*deixar, mandar, fazer, ver, ouvir*; exemplos: *Elles suspeitam termos vindo sós. Affirmo tuas feito mal. Prove serem elles os culpados. Mandamos vir os pagens. Viste nascer duas fontes. Fizeram andar as rodas*. Interpondo-se o sujeito do infinito entre este e o verbo, se é nome, admite uma e outra fôrma; sendo um dos determinativos—*te, nos, vos, os, as*, só admite a impessoal; exemplos: *Mandamos os pagens virem ou vir. Fazemos as rodas andar ou andarem. Ouviu-nos cantar. Mandei-os subir*. 2º O infinito que é termo ou circunstancia do verbo a que o liga uma preposição

INFINITO

com o mesmo sujeito admite uma e outra fôrma; exemplos: *Podemos dizer sem mentir ou mentirmos. Folgaríamos de ser ou de seres acceito.* Com verbo de movimento e a preposição occulta, é impessoal; exemplos: *Correram dizer ao general.* Com sujeito proprio, é pessoal; exemplo: *Não iremos sem elles virem. O negocio depende de o acceitares.* 3º O infinito sujeito ou attributo de uma oração, de cujo verbo esteja feito complemento o seu sujeito, admite bem uma e outra fôrma; exemplos: *Importa te muito seres ou ser expedito. Atirardes vos ao mar sem boias é querer ou quererdes vos afogar. Como aos bons na virtude, aos máos no crime,* uma só preocupação domina-os: ser ou serem felizes. *Aos pobres não fica mal pedirem; aos ricos lhes fica muito não dar.* 4º Sendo complemento de um participio, adjectivo ou substantivo já complemento do sujeito, do attributo ou de complemento do verbo principal, o infinito é impessoal; exemplos: *Vi-os no mais acceso da refrega dispostos a morrer. Incapazes de sustentar mais a praça, renderam-se. Ardendo no desejo inflamado de enriquecer, furtavam.* 5º Qualquer que seja a respeito do verbo principal, a função do infinito, interpondo-se entre elles um ou mais complementos, uma ou mais orações; ainda que tenha o mesmo sujeito; que se não possa eximir da dependencia; pôde o infinito ser pessoal; exemplos: *Podeis sair mais cedo e voltar ou voltardes quando*

quizerdes. Decemos partir como para a morte e á patria só voltarmos vencedores. Si forem dous ou mais os infinitos, podem ter simultaneamente uma e outra fôrma; exemplos: *Promettiam todos á porfia, e jurados vingar aquella affronta, beberem-lhe o sangue e esquartejal-o. E não te avaliarás feliz, ó Idomeneu, em ser instrumento de ventura tal e de servires a tantos de abrigo e de amparo?* Esses parece que são os possíveis casos de infinito; para os quaes, já dissemos, não damos senão méros conselhos, observando quem mais vezes se erra com o impessoal. Nada montam regras cuja precisão e rigor não resistem ao toque dos grandes mestres—Camões, frei Luiz de Souza, Lucena, Vieira, Bernardes, Herculano, Castilho e outros, de auctoridade incontrastavel para amparar e absolver a quem quer que se insurja contra as grammaticas. Ser correcta e grammatical uma construcção, não é o mesmo que ser harmoniosa e torneada. Correcção só não se exige com rigor de rusticos e analphabetos; graças e primores de estylo são predicados de artistas. Quem, com as regras dos grammaticos, com todas as suas variantes, conferir os empregos do infinito feitos nos classicos e dos quaes vou agora me valer em uma serie de citações que poderá ser interminna, encher volumes, esse verá com que despotico arbitrio legislam ainda os melhores grammaticos a respeito do nosso magnifico idiotismo. Camões, além do



INFINITO

muito eonheido—*folgarás de veres*, diz no mesmo eanto 7º, estrophe 119: *Como estaes sem IRDES a pregar?* Antes, no 4º canto, estrophe 56: *Forças costumadas a DERRIBAREM quanto acham.* No 5º eanto, estrophe 35 e 38: *Quando para cá vi tantos VIR. E por mais SEGURAR-SE os deuses vão.* De Camões só pôde ser suspeita passagem que fôr singular e uniea, que não se repetir e outros igualmente mestres não tiverem aceito e consagrado. Essa se poderia attribuir a deseuido quando não ao constrangimento do verso. Mas o que elle, Camões, repete e outros consagram, mestres como elle!... nem todos os grammaticos juntos, com toda a sua philologia têm auctoridade para condemnar, nem como antiquado, quanto mais como um erro de grammatica. Camões, disse en, não está só, nem só de quincentistas acompanhado, nos seus *criminosos abusos* do infinito pessoal. Assim como elle, com o seu *folgarás de veres* e o seu *estaes sem irdes*, está econdemnado pelas *leis grammaticas*—Gonçalves Dias—nos seguintes exemplos:

Virgens irmans que vão de mãos
travadas
Sorrirem de innocencia á propria
imagem
(*Segundos cantos, Tabyra, Dedicacão.*)

O ar ha de acender-se... [cura.
Coalhar-se o mar em aspera see-
Converterem-se as ondas.

Tempestade.

Mas entre Camões e Gonçal-

ves Dias vêm se nos metter
Franco Barreto, o inexcêdível
traductor das Eneidas:

Fabricamos nossa armada (tida
Sem sabermos para onde era a par-
(Livro 3º, Estr. 2ª).

Gordas manadas de bois e cabras
divisamos
Sem ser de alguém guardadas.
(Livro 3º, Estr. 52).

Inda esperaste, perfido tyranno,
Poder dissimular tanta maldade.
E secreto *partires*...
(Livro 4º, Estr. 7ª)

...Deixa
De me estares a mim e a ti matando
(Livro 4º Estr. 8ª).

...É inerivel
Querias taes sem *ser* do alto aju-
Queiras passar. [dado.
(Livro 6º Estr. 81).

Vejamos mais dous ou tres
poetas que empreguem *bem mal*
os infinitos, para depois chamar
a contas a turba multa dos pro-
sadores; Diogo Bernardes, no

Lima:

Onde verás de vulto as nove irmans
cantar ao som das aguas do Pegaso
(*Eglog. 10ª, pag. 58*).

As mansas ondas esperando
Que por *chegar* a ti vinham eor-
[rendo.
(*Eglog. 13ª, pag. 72*).

Para me *ver* perdido me criaste.
(*Eglog. 15ª, pag. 91*).

Imaginei então Nereas bellas.
Diante o curvo pinho *esparger* flôres
(*Carta 26, pag. 222*).



INFINITO

Lima Leitão. Eneidas:

Os Lybios Lares devastar não vimos
Para sairmos com roubado espolio
(Cant. 1.^o v. 578).

Vejo os Numes inimigos de Dardania
Horrisonos estragos fulminar-lhe
(Cant. 2.^a, v. 720).

Incito os socios a tomarem armas
E a fazer guerra ao bando pes-
[tilento
(Cant. 3.^o, v. 263).

Vejo os socios morrer.
(Cant. 4.^o, v. 509).

Bocage no *Jardins* de Castel:

Para dar aos jardins mais linda
Observae... [fórma
(1.^o canto).

Sem de arte caprichosa as leis
Vós... [seguides
Flôres pintae a superficie á terra.
(3.^o canto).»

¶ Diz, em fim, Ruy Barbosa na sua memoravel *Replica*: «Antes de me submitter á prova da controversia, em que me obriga a entrar a consideração devida á eminencia do mestre... convirá que se veja em que moderados termos articulara en a censura por elle rebatida, e quaes as autoridades que a ella me animaram. Tinha eu dito, na minha *exposição preliminar*: «Tomem os dignos membros da commissão o art. 673: «Não *constituem* direito autoral, para *gozarem* de garantia, os escriptos prohibidos.» A fórma legitima seria: «Não *constituem*, *para gozar*.» Nada mais. E em nota, justificando-me, reflexionara: «Quan-

do numa phrase houver dous verbos, um do modo definito, outro do indefinito, precedidos ou não de preposição, *sendo identicos os sujeitos de ambos*, usaremos, em geral, *do infinitivo pessoal.*» DR. E. CARNEIRO RIBEIRO, *Serões grammaticaes*, pag. 278. É a velha regra, formulada, havia muito, por JERONYMO SOARES (*Gramm.*, pag. 208): «A lingua portugueza usa do infinito pessoal, quando o sujeito do verbo infinito é differente do do verbo finito, que determina a linguagem infinita.» «Dizendo *em geral*, o eminente philologo bahiano deixa ver que in excepções á regra; mas logo após as enumera. Apesar da identidade dos sujeitos, *ensina o douto mestre*, será preferível o emprego do infinito pessoal: «1.^o Quando a fórma verbal regente estiver distante da fórma regida»; «2.^o Quando o infinitivo vier antes da fórma verbal definitiva, que o rege»; «3.^o Quando entre o verbo do modo definito e o infinitivo houver alguma palavra, que possa tambem ser sujeito d'este.» (*Op. cit.*, pag. 378-9). «Ora, em nenhum dos casos exceptuados cabe o texto do art. 673: «Não *constituem* direito autoral, para *gozarem* de garantia os escriptos prohibidos por lei.» É identico o sujeito (*escriptos*) dos dous verbos (*constituem* e *gozarem*) e a fórma verbal regente não está longe da regida, o infinito não precede o finito, nem ás duas orações se interpõe vocabulo, que possa dar ensejo a equivoco acerca do sujeito. *Direito au-*

INFINITO

toral não poderia servir de sujeito a *gozarem*.» Bem se vê que eu escribára a minha censura *exclusivamente numa regra firmada pelo dr. CARNEIRO*. Mui de intento me referira nominalmente a este grammatico respeitavel. Fôra elle o revisor do projecto. Não se podia magoar, pois, de que eu, criticando á luz da sua grammatica a linguagem da sua revisão, lhe dissesse: *Patere legem, quam ipse fecisti*. O autor das *Ligeiras observações* d'este anno, porém, já não estava com o autor dos *Serões Grammaticaes* em 1890. Lera, nesse comenos, outros legisladores do vernaculo. Meditara entrementes JULIO RIBEIRO, a quem faz a justiça de elogiar, e por elle soubera que DIEZ não pactua com a opinião de JERONYMO SOARES. Atirara, pois, ás ortigas a sua cartilha portugueza de ha doze annos, e militava agora na ala dos adeantados. Era direito seu, não lh'o nego. Mas então revidasse de outro modo á minha impugnação. Principiasse, confessando a sua mudança de signa, declarando francamente que variara de parecer. Não averbasse de erro a minha theoria, advogada expressamente á sombra do seu nome, sem consignar primeiro que a erroia era d'elle, antes de ser minha. É só do que eu me queixo: não de ficar sósinho; porque, afinal, ainda privado assim de tão lustrosa companhia, não me deslustrara a que me resta. Ninguém terá em mais que eu a valia litteraria de JULIO RIBEIRO. Dado que o não alce, como

o sr. JOSÉ VERISSIMO, acima de todos os nossos grammaticos, acredito que nenhum lhe faz vantagem. Tive, em sua vida, occasião de lhe mostrar o muito, que lhe queria, chamando-o espontaneamente, sob a minha administração das finanças, a uma situação official, que minorava ao homem de letras os embaraços da vida, e desassombava para os trabalhos do espirito o eminente escriptor. Annos, muitos annos antes d'isso, já da minha competencia nestes assumptos algum apreço fazia elle, por sua vez, mais, muito mais que o merecido, consignando, em 1884, como preciosidade, na segunda edição da sua grammatica, as breves palavras, com que eu, em 1882, a gabara, e registando os meus applausos com este encarecido reconhecimento: «Acceitei grato os elogios da imprensa brasileira: com os louvores dos competentes, de RUY BARBOSA, de THEOPHILO BRAGA, do conselheiro VIALE, exultei.» Dava-me, até, a honra de considerar a minha opinião, tão succintamente enunciação, como capaz de ser égide a um trabalho d'aquella altura e solidez: «Apresento ao publico», dizia, «esta segunda edição de meu livro, escudando-o com os louvores de tres homens venerandos, RUY BARBOSA, o conselheiro VIALE, ANDRÉ LEFEVRE.» Para com essa memoria, tão grata ás nossas letras, claro está, já se vê, que não posso ter senão affecto e respeito. Estava quasi dizendo gratidão. Dezoito annos antes

dos enxovalhos em que a grammatica se compraz hoje de metisnar, lavrara o insigne grammatico, naquellas palavras, o meu desaggravo. Mas a sciencia moderna habituou-nos a conciliar com o respeito a independencia. Não cede hoje em dia a convicção á auctoridade, quando a auctoridade lhe parece contrariar a razão. No sentir do illustre grammatico, «para que se ponha o verbo no infinito pessoal, ou no impessoal, é indifferente que elle tenha, ou não, sujeito proprio». Esta, observa JULIO RIBEIRO, «é a doutrina de F. DIEZ, deduzida dos factos, positiva, simples, satisfactoria. As regras cerebrinas, que na differença dos sujeitos baseiam SOARES BARBOSA, SOTERO e *cem outros*, só servem para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo taes regras, os escriptos de CAMÕES, de FR. LUIZ DE SOUSA, de VIEIRA, de HERCULANO estão inçados de erros!!!». Se a questão se houvesse de estabelecer de auctoridade, ninguem poderia hesitar entre o velho grammatico portuguez e o grande philologo allemão, cujos estudos renovaram a sciencia da linguagem. Mas não é o proprio JULIO RIBEIRO quem, discutindo a etymologia dos artigos, argúe de erro a sustentada por DIEZ? «É singular», escreve elle, «que quasi todos os etymologistas tenham *desacertado* a respeito da origem do artigo portuguez: DIEZ entende que elle tem certa apparencia particular, quasi anti-românica,

e quer á *fin-a-força* identiffical-o com o *el, lo, la* hespanhol.» Por que nos não será licito, logo, a nós tambem, pesar, neste assumpto, as opiniões do sabio DIEZ? Não é para levar tão a desdem, como faz JULIO RIBEIRO, a circumstancia de lhe ser avêso o consenso geral dos grammaticos portuguezes. Custa a crêr que uma centena de homens, dados todos a especialidade, não tivessem olhos, para enxergar as tradições da lingua, se estas fossem inconciliaveis com a doutrina, que elles abraçavam. Se o de que se trata, é de observar com acerto os factos da linguagem, se este é o lemma das idéas do nosso tempo na materia, nenhum investigador, entre nós, mas familiarizado com o uso clasico, nenhum observador mais perspicaz e miudo, nenhum analysta mais intelligente e escrupuloso das coisas do nosso idioma conheço eu que SOTERO DOS REIS. Cingiu-se elle a repetir JERONYMO SOARES? Não. As paginas, que a este assumpto dedicou, estão cheias de observações originaes e judiciosas. Na influencia dos exemplos latinos foi elle buscar a causa da «pouca regularidade, que, quanto ao emprego da proposição do infinito pessoal, se nota algumas vezes nos melhores auctores, que de ordinario attendiam mais á harmonia da phrase e á imitação do latim que ás regras grammaticas e ao fundamento logico do dizer; pois o que pede em rigor a clareza, é o emprego exclusivo da proposi-

INFINITO

ção do infinito pessoal, quando a proposição infinitiva tem sujeito proprio, ou distincto do sujeito da proposição por elle modificada.» A liberdade praticada em contrario pelos bons auctores os expõe a obscuridades, a amphibologias, a dureza, que o philologo maranhense de espaço estuda e demonstra, evidenciando, com especimens concludentes da antiga escriptura vernacula, como, a este respeito, «em geral os classicos punham mais o fito em arredondar o periodo que em guardar os preceitos da boa logica grammatical». No emprego da excepção eoneerente ao caso particular em que se legitima a proposição do infinito pessoal, «naufugaram», continúa SOTERO, «os melhores mestres da lingua, prosadores e poetas, todas as vezes que a proposição infinitiva, com sujeito identico ao da proposição por ella modificada, se aeha proxima ao sujeito e ainda ao verbo d'essa proposição; porque então patenteia-se em toda a sua clareza a desnecessidade de tal emprego, que fica como rebuçada, quando a proposição infinitiva está um pouco distante d'aquelle sujeito e verbo. D'este defeito não se eximiu o proprio CAMÕES, que deve a todos os respetos ser, entre os mais abalizados, reputado o primeiro mestre do falar portuguez; pois disse com notavel aspereza para os ouvidos da intelligencia: «E folgarás de *vê-res* a policia», em vez de «E folgarás de *ver*.» FRANCISCO BARATA, num livrinho precioso, já raro

DICC. GRAMM.

hoje, os *Estudos da Lingua Portuguesa*, ia pela mesma esteira: «Famoso lusitanismo é este de conjugar qualquer verbo por pessoas; o que outras nações não pôdem fazer... Se é, pois, uma belleza privativa da nossa lingua, ponhamos cuidado em fazer bom uso d'ella: reparemos escrupulosamente nos casos, em que a devemos empregar.» «É facillimo», observa elle, «quando a penna obedece á mão subordinada ao pensamento, não attender á parte material, á escripta, e trocar-se um por outro caso, um por outro infinito. Com esta falta de cautela explicamos uós os exemplos defeituosos dos classicos. Cremos que, suppoudo os classicos sem defeitos, tomam a nuvem por Juno os que não admittem nelles um erro qualquer. Escreveram bem; mas tambem erraram. Sabido é que modernamente se tem prestado valiosos serviços á grammatica e vernaculidade da nossa lingua, e que esses trabalhos tem expurgado d'ella muitos defeitos commettidos pelos classicos. Julgar que elles se não podiam enganar é desconhecer a significação do vocabulo, e eoneeder a esses ditosos antigos mais perfeição do que a nós outros, que depois chegámos. *Classico* é o que *mellhor* e mais primorosamente escreve numa certa época; mas, como aquelle *mellhor* é relativo a *peior*, forçosamente o será tambem a *muito mellhor*; comparando-se a inferior, necessariamente se deve comparar a superior.» Verdade é que os li-

12

vros de SOTERO, de BARATA e dos grammaticos por este apontados no seu util opusculo têm após si já tres e quatro dezenas de annos, em tempos nos quaes tudo envelhece rapidamente, com o progredir continuô das luzes modernas. Mas são de hontem as duas grammaticas de LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JUNIOR, estampadas uma em 1887, outra em 1894, e nellas ambas se ensina que se conserva *impessoal* o infinito, quando são *identicos os sujeitos* da oração regente e da oração integrante. É de hontem (1894) a *Grammatica Portugueza* de AUGUSTO FREIRE, onde se assenta a mesma theoria: «A proposição circumstan- cial infinitiva vae para o infinito pessoal, *quando tem sujeito diverso* do da proposição por ella modificada. Exemplo: «Por serem os ventos contrarios, não pôde o navio adeantar muito aquelle dia.» Conserva-se, porém, no infinito *impessoal*, *quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo*. Exemplo: «Sem estudar, não aprendes.» A *Grammatica Portugueza*, emfim, de JOÃO RIBEIRO é de hoje. Quatorze annos ha que, na sua segunda edição, se lia esta regra: «Emprega-se o infinito pessoal, *quando tem um sujeito differente do do outro verbo*: Admiro-me de gritares com tamanha força.» Pois bem: os tres lustros de então a esta parte decorridos não o demoveram d'este pensar. A decima edição, impressa o anno passado, reproduz literalmente a lição de

1888. Tambem são de agora (1900 e 1901) as *Lições Praticas* de CANDIDO DE FIGUEIREDO, que, entretanto, alli esposa declaradamente o ensino de JERONYMO SOARES; qualifica de «to-lice» a construcção «Elles não tinham força para responderem», e firma o preceito de se usar o infinito *impessoal*, «quando o sujeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida.» FIGUEIREDO, JOÃO RIBEIRO, AUGUSTO FREIRE, LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JUNIOR, escrevendo, com erudição notoria e notavel, entre 1887 e 1901, não podiam ignorar os trabalhos de FRIEDRICK DIEZ, cuja *Grammatik der Romanischen Sprachen* appareceu, em tres volumes successivos, de 1836 a 1844, estampando-se-lhe a versão franceza, por onde se conhece entre nós, tambem em tres tomos, de 1874 a 1876. Contando, pois, cerca de sessenta annos o livro original e bons vinte e sete a traducção, devia ser familiar aos philologos brasileiros, que muito mais tarde escreveram, e alguns dos quaes cultivam a litteratura allemã. Depois, JULIO RIBEIRO dera o rebate da theoria germanica desde 1881, na primeira edição da sua *Grammatica Portugueza*. Se a pedra de escandalo, nesta syntaxe, consiste em ir de encontro á exemplos ellassicos, d'essa inerepção não se livra o regimento grammatical promulgado por DIEZ e JULIO RIBEIRO. Uma de suas regras prescreve o *impessoal*, «quando o verbo do infinito não pôde eximir-se da dependencia

INFINITO

em que está para com o verbo principal»; o que, prosegue o nosso grammatico «acontece especialmente com os verbos que exprimem virtualidades, volições de espirito, tacs como *poder, saber, deſejar, intentar, pretender, querer.*» Ora, os classicos não raro usaram, nesses casos, o infinitivo *peſſoal*. Provas: «*Contentaram-se com acharem* algumas jarras de mantimento.» (SOUSA: *Annacs*, p. 79.) «*Assentaram correrem* ambos a Arzilla.» (*Ib.*, p. 185.) «*Acceitaram conformemente começarem.*» (SOUSA: *Vida do Arceb.*, I. III, c. 2.) «Os quaes *assentaram de matarem* Abdear Rahmão.» (GÓES: *D. Emanuel*, p. II, c. 17, f. 106 v.)

«Que não sómente ousados se
contentam
De *ſoffrerem* da terra firme os
dammos.»

(CAMÕES: *Lus.* X, 91.)

«Os que tem algũa indole, e se *presam de serem* verdadeiros filhos de seus paes.» (AMADOR ARRAES: *Dialog.*, c. 15, p. 42.) «O pouco *gosto que tinham de se acharem* nesta junta.» (SOUSA: *Vida do Arc.*, C. II, c. 5.) «*Julgam* obra pia *fazerem* de mentiras religião.» (A HERCULANO: *Solemnia Verba*, carta 1^a, p. 18.) *Contentar-se* (querer), *assentar* (resolver), *acceitar* (querer) *ter gosto* (desejar), *julgar* (saber, pretender) são verbos correspondentes aos indicados exemplificativamente na enumeração de JULIO RIBEIRO, e exprimem, todos elles, «*volições e virtualidades moraes.*» Não obstante, con-

tra a regra d'esse auctor, aquelles classicos empregaram, nas orações regidas por esses verbos, o infinitivo *peſſoal*. Se todos os *factos da linguagem* são indiscutíveis, se todos os usos classicos são absolutos e soberanos, como, contra esses e innumerados outros exemplos de alto classicismo, nos formula DIEZ, para aquelles casos, a regra do *iufinito impessoal*? Não é tudo. Ainda a outros respeitos não trepida o philologo allemão, na theoria do infinito *peſſoal* e *impessoal*, em contrariar com as suas formulas a pratica dos antigos modelos portuguezes. O topico, onde o auctor allemão auctoriza, com o canon depois adoptado por JULIO RIBEIRO, o uso do infinito *peſſoal*, tenha elle sujeito proprio, ou não, reza assim, na trasladação franceza: «Il est indifférent que cet infinitif ait son sujet propre ou non. Exemples où le sujet n'appartient qu'à l'infinitif: *tempo he de partires* (c. à d. *tempo he que tu partas, tempus est hinc te abire*); *Deus te desembarace* o juizo para te *remediar* (para que te *remedies*); *basta sermos dominantes* (que somos d.); *não me espanto falar*des tão ousadamente (de que *falae*); *viu nascerem* duas fontes (que *nasciam*). Exemples où le sujet est commun aux deux verbes: *não has vergonha de ganhares tua vida* tão torpemente (de que *ganhás*); *todos são alegres por terem paz* (porque *tem*); *este não podeis* achar *sem me matardes* (sem que *me mataes*).» Quatro linhas, porém, adiante observa

DIEZ: «Si l'infinitif dépend d'auxiliaires de mode, il ne se conjugue pas: *pudestes ouvir, sabes dar, queres crer.*» O preceito é, a meu parecer, verdadeiro; porque o bom senso e o ouvido não tolerariam hoje um *pudestes ouvires*, um *sabes dares*, um *queres creres*. Mas a tradição antiga lhe oppõe embargos; porque não faltam, entre os velhos mestres, solemnes exemplos do infinito conjugado nesses casos. BARROS redigiu: «Em todas aquellas partes orientaes *costumavam* os pais e mães *venderem* os filhos.» (*Dec.* III, VI, 2, p. 17). E noutro logar: «*Tentaram diffamarem* de mim, para indignarem V. Alteza.» (Ap. dr. CARNEIRO, *Grammat.*, p. 286). BERNARDIM RIBEIRO: «*Não soem* ellas *fazerem-se* de balde.» (*Menina e Moça*, p. 35). AZURARA: «*Não podem serem* em um accordo.» (*D. João I*, c. 5). Ainda no século XIX, escrevia FILINTO ELYSIO: «*Vinham vivos sentarem-se.*» (*Obr.* v. I, p. 90). Em nenhum d'esses exemplos a clausula do infinito póde eximir-se á subordinação para com o verbo principal mediante o processo indicado por DIEZ, convertendo-se numa clausula do indicativo, ou do subjunctivo, como se poderia nest' outros: «*pensam haverem*» (*Leal Cons.*, p. 89); «*mostram serem*» (*ib.*, 193); «*pensam serem*» (*ib.*, 216); « *pensemos sermos*» (*ib.*, 299); «*determinam não quererem*» (*Liv. da Ensinança*, p. 609); «*não soffrem serem*» (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 52.) Em *costumavam venderem, tentaram diffamarem*, e

sóem fazerem-se, os indicativos *sóem, tentaram, costumavam* são portanto, *auxiliares de modo*, na phraseologia consagrada por DIEZ; e, sem embargo, os infinitos que elles regem, assumiram, contra o canon do philologo allemão, a fórma *pessoal*. Logo, de duas uma: Ou é verdadeiro o criterio, em que DIEZ assenta a sua primeira lei, o seu principio geral sobre a conjugação do infinito portuguez; e, nesse caso, falsa é a segunda regra, concernente a elle, quando regido por auxiliares de modo. Ou, se esta regra se sustenta, bem que contrariada por aquelle criterio, isto é, bem que note de erro a padrões classicos da mais eminente origem, então vacilla pelos seus fundamentos o principio geral do philologo allemão, abraçado por JULIO RIBEIRO. O direito de que usa DIEZ, rejeitando, para firmar a ultima regra, exemplos dos melhores mestres, porque o não teria a critica, allumiada pela razão, para contestar os outros, a que ella arrima a segunda? Já se vê que a escola do grande sabio allemão não está, neste particular, de accordo comsigo mesma; porquanto ora dogmatiza o uso antigo, para admittir o infinito pessoal, ora, para o condemnar, não hesita em ferir o uso antigo.» Encontrar-se-á ainda alguma explanação do assumpto na palavra *Pessoal* d'este livro.

Infixo.— Nome, por analogia dos de *prefixo* e *suffixo*, dado a qualquer elemento morphico

INFIXO — INGLEZ

intercalado no vocabulo; taes, por exemplo, os pronomes obliquos no futuro: amar-*te*-á, dir-*the*-ei. Tambem se tem applicado o designativo *infixo* para quaesquer intercalações euphonicas entre o thema da palavra e o suffixo. Ex.: homem-*zarr*-ão; moc-*et*-ona; flôr-*z*-inha. Essas intercalações não têm dentro da lingua etymologia averiguada e applicam-se como ampliações euphonicas. (1)

Inflexão.— É mais usada a denominação *Flexão*. Vide esta palavra.

Inglez.— Lingua moderna do grupo teutonico, derivada do anglo-saxonio, inglez antigo, e cheia de milhares de vocabulos latinos introduzidos após a conquista normanda. A influencia da grande civilização e do progresso do povo inglez é que se deve a multidão de termos que circulam nas linguas romanas, sem contar o innumeravel vocabulario maritimo, militar e commercial, só melhor apreciado pelos individuos que de perto testemunham toda a especie de relações internacionaes do globo. Do vocabulario inglez temos, entre muitos outros, os seguintes vocabulos: *Baby*=bébé, criança. *Banknote*=nota do banco. *Bill*=projecto de lei parlamentar (*billet*, fr.). *Bock*=porção de cerveja. *Chope*, fr. *Bolina*, de

bow-line (dobra, caibro) Corda, t. de marinha. *Box*=socco, punhada. *Break*=carruagem; *to break* guiar um cavallo. *Bull-dog*=(touro cão), especie de cão. *Cheque* ou *xeque*=de origem arabe, bilhete monetario. *Clipper*=especie de embaração. *Clown*=palhaço de circo. *Club*=reunião, associação. *Coke*=variedade de carvão. *Cottage*=habitação campestre. *Contra-dança*=country-dance, dança do paiz (*country*, der. de *contrée*). *Chalupa*=sloop, embaração. *Cow-pox*=(*cow*, vacca), vaccina. *Croup* ou *Crup*=molestia, do gaélico *crupadh*, contracção. *Cutter*=pequeno navio de guerra. *Dandy*=elegante, (*petit-maitre*). *Doca*=de *dock*, bacia, porto. *Dollar*=moeda norte-americana. *Drenagem*, der. de *drain*=canal subterraneo. *Drolatico*, der. de *droll*=comico, engraçado. *Escotilha*=de *scuttle*. *Expresso*=de *express*, correio, trem de rapida carreira. *Fashion* e *fashionable*=da moda (deriv. do fr. *façon*). *Flint-glass*=especie de crystal. *Gallão*, gallon=medida de liquidos. *Gentleman*=gentil-homem. *Gin*=genebra. *Grog*=bebida. *Groom*=lacaio, cocheiro. *Gurupés*=de *bow-sprit*; inclinado mastro, t. de marinha. *High-life*=alta vida, fidalguia (*grand monde*). *Hurrah!*=viva! *Income-tax*=imposto sobre a renda. *Jarda*=yard, medida linear. *Jockey*=do fr. *Jaquet*, o que monta o cavallo de corridas. *Jury*, jurado=do fr. *jurée*. *Keepsake* (*keep*, guardar; *sake*, amizade), livro de luxo para lembranças. *Lady* e *milady*=senhora. *Lord* e *milord*=se-

(1) Entretanto pôde-se admitir a hypothese de especimenes pre-existentis: *homemzarro*, *moceta*, de que em verdade não ha exemplos.

nhor. *Lunch*—collação. *Meeting*—comício popular na praça. *Miss*—senhora donzella, demoiselle, fr. *Mistress*, der. de *maitresse*—senhora da casa; Senhora, entre a burguezia. *Paquete*—packet-boat (navio correio). *Pamphleto*—de *pamphlet*; (segundo Pegges deriva do fr. *palme feuillet*) *Penny* e plural *pence*—moeda. *Pick-pocket* (*pick*, roubar; *pocket*, bolso)—ladrão gatuno. *Poney*—pequeno cavallo irlandez. *Pudding*—pudding, bolo. *Quaker*, der. de *to quake*, tremer, membro de certa seita religiosa. *Rail*—railway, estrada de ferro, trilhos. *Reporter*—narrador, noticiarista. *Redingote*, de *riding-coat*—paletot para montaria. *Revólver*, arma de fogo. *Rosbife*, roast-beef—tostada carne, carne assada. *Rhum* ou *rum*, cachaça de assucar. *Sandwich*—iguaria. *Shilling*, moeda, *chilim*. *Spleen*—molestia, gr. *splén*, baço. *Sport*, sportivo—divertimento, desporto. *Steam*, steamer, steam boat—embarcação. *Steeple-chase*—corrida á cavallo com obstaculos e barreiras, etc. *Stock*—quantidade de mercadorias que ficam em disposição. *Tender*, o primeiro carro proximo á locomotiva, para deposito de carvão. *Toast*—brinde. *Tory*—realista conservador inglez. *Tramway*—caminho de ferro urbano. *Tunnel*—passagem subterranea. *Turf*—terreno onde se realizam corridas. *Water-closet*—(agua-gabinete). *Whig*—liberal; opposto a *tory*. *Whist*—especie de jogo. *Yacht*—hiate; do hollandez *jachten*, apressar-se; navio veleiro.

Inicial.— Letra que começa o vocabulo. Regra: *Em portuguez a consoante inicial representa a inicial latina inalterada: pé, pedem; mesa, mensam; boca, bucam; gosto, gustum; lagoa, lacunam.* As excepções são raras e são quasi exclusivamente das permutas c g (gato, cattum) e b v, bodas, por vodas (votum).

Integrante.— Segundo o antigo systema de analyse, *integrante* é a proposição não principal, que completa o sentido da outra: Peço-te que escrevas. A sua ambição é estudar a medicina.

Intensiva.— « A negação intensiva é resultante do principio conservador a que se chama *emphase*. O processo consiste em substituir a idéa pela figura; esta por fim se perde, ficando a expressão não mais figurada, mas abstracta. Exemplo temos em *patife*, que significava *riachozinho*; um *lesma* é o molleirão; um *camelo*, o estúpido; *não valer uma castanha* é estar de todo desvalorizado; e neste processo — que é latino—empregam-se muitos substantivos (*pingo, fumo, mica, ponta, gota, boia, patuvina...*) Muitas vezes repete-se a negativa para seu maior reforço:—*nem cira, nem beira, nem ramo de figueira.*» (Pach. Junior).

Inter, prefixo latino.—Indica posição entre dous objectos: *intervir*. Usam-se as fórmulas *intro* (para dentro) *introduzir*, e a ver-

INTER — INTERJEIÇÃO

nacula entre : *entreter, entremetter-se.*

Intercalação.—Uma das soluções do hiato latino pela intusscepção nas fórmulas portuguezas de letra euphonica. Quasi sempre resulta da intercalação e constituição dos dous grupos *lh* e *nh*, que mais pareceem sons simples: *meliozem*, melhor; *valco*, valho; *balneum*, banho; *vineam*, vinha; venho, *venio*, etc.

Interferência.—Conjuncto de leis parciais que interceptam, annullam ou modificam a acção das leis geraes na evolução das linguas. Para alguns philologos que só admittem como lei geral —o principio de decomposição ou estrago, tudo o mais que se oppõe a essa força tem o nome de *principios interferentes*. Segundo as doutrinas expostas na minha *Gramm.* (3º anno), deve-se estabelecer como *interferentes* todas as forças que não concorrem como factores de *reconstrucção* e de *decomposição*; taes, por exemplo, a analogia verdadeira ou falsa, a intrusão disceplinar dos eruditos, todas as fórmulas da euphonia, atracção, assimilação, etc. Assim, por exemplo, *requer* (ao exemplo de *quer*) em vez de *requere*, que é a fórmula d'este verbo, sempre regular em todos os demais tempos.

Interjeição.—Categoria de vocabulos que exprimem movimentos subitos da alma. A interjeição, na linguagem, representa o grito animal, e antes do que conceito, exprime a sensação pura. No entanto, ás verdadeiras

interjeições como *oh! ah!* foram-se aggregando outros nomes e phrases ellipticas, imperativas ou precativas de uso geral na lingua. As interjeições classificam-se conforme os sentimentos ou idéas que exprimem. São interjeições: *oh! ah! eh! oi! ui! hein! hum! ahn! sik! chiton! psio! olá! olé! hip! hurrah! fóra! caluda! péo! tá! paf! bum! bravo! diacho! Ora bolas! sus!* Quanto á etymologia, as principaes e fundamentaes são latinas: *ah! oh! hein! ui!* Essas parecem ser de character universal, ao menos entre os povos das linguas aryanas. As *interjeições* são innumeraveis, se attendermos ao grande numero de vozes usadas pelos mercadores e vendilhões ambulantes e ás vozes empregadas para com os animaes: *ska, sská* (para os cães), *sape!* (para os gatos), *bit! bit* (para as cabras), além de gritos e articulações e outros ruidos que não são representaveis pela escripta. A interjeição *hip! hurrah!* é ingleza. Algumas foram tomadas evidentemente do francez: *puá!* (pouah), *brouhaha!* (ruído das sêdas), *ran-tan-plan, pif-paf, vlan!* etc. São gallieismos pouco accetaveis. Do italiano são: *bravo! presto! dacapo!* etc. A interjeição *Ué!* parece ser um brasileirismo e dizem ser propria das linguas africanas. O certo é que existe no francez sob a fórmula *ouais!* um designativo de surpresa ou admiração. (1)

(1) Stappers — *Dict. étymolog.* 513.

Algumas interjeições representam apenas ellipses ousadas de phrases e de trechos de vocabulo: *péo* (chapéo ! tire o chapéo ! *hats off*, no inglez), etc. || Recentemente Wundt e Ravizza nas suas *Psychologias da linguagem* consideram interjectivas todas as phrases admirativas, os nomes em vocativo, etc.

Interrogativo. — Sobre a syntaxe do *que* nas interrogações, vide o art. *Que*. Interrogativa chama-se tambem a proposição equivalente a uma pergunta; v. gr.: *Que horas são ? quando virás ? Interrogativas* denominam-se as palavras que de ordinario funcionam nas proposições interrogativas: *que ? quanto ? qual ? porque ? como ? quem ? quaes ?* A interrogação, no emtanto, é mais um caracter proprio da intenção do que da simples noção ou vocabulo.

Intransitivo. — Vide *Verbo*.

Invariaveis. — São as palavras que não possuem flexão : o adverbio, a preposição, a conjunção e a interjeição. Em particular, diz-se de qualquer vocabulo que póde ser invariavel, quanto ao genero, ao numero, etc. Assim os adj. *commum, disforme, constante*, são invariaveis quanto ao genero, por isso que não possuem flexão especial para o feminino.

Inversa, ordem. — Vide *Ordem*.

Iraniano ou persico. — Vide *Asiaticismo*.

Irregular. — Diz-se de qualquer faeto que se não submete ás regras ordinarias. Todas as excepções constituem irregularidades. Verbos *irregulares* são os que se não conjugam eonforme os paradigmas ou modelos : *amar, defender, punir*. Da classe dos *irregulares* daremos uma taboa, em appendice a este livro.

Isos, igual. — Elemento grego de composição. *Isochronon*, de tempos iguaes. *Isothermico*, de temperatura igual.

Italiana (lingua). — Veja tambem *Italianismos*. É uma das linguas romanas, e é falada hoje na peninsula da Italia. Primitivamente existiram varios idiomas na peninsula : o gaulez, o ombriano, o sambelliano, o volso, o etrusco, que todos foram gradualmente desaparecendo diante do *latim*, pela preponderancia do povo romano. O *latim* tornou-se a lingua geral da peninsula. O grego desde a mais alta antiguidade influu no sul da Italia e ainda hoje ha numerosos vestigios da linguagem grega. (1) Depois do dominio romano, nota-se a invasão dos germanos pelo norte, dos byzantinos no sul, e a dos arabes do seculo IX em diante. Esporadicamente, irromperam migrações de sarmatas, bulgaros, etc., mas incontestavelmente, depois do *latim*, a influencia de maior peso é a germanica. O italiano é a mais proxima ao *latim*, das lin-

(1) Comparetti—*Dei dialetti greci dell'Italia*, 1886.



ITALIANA — ITALIANISMOS

guas romanas. A linguagem vulgar conhecida por varios appellidos, *lingua vulgaris* (Dante), *latini volgare* (Boccaccio), *lingua italica* (Isidoro), *lengatge lombard* (cyclo provençalesco), já apparece usada desde o seculo X. Os textos authenticos datam do seculo XII, inscripções, versos lyricos de Gherardo e Aldrovando. (1) O primeiro grammatico italiano foi Pietro Bembo, cuja obra, *Prose*, foi publicada em 1525, muitos annos depois de escripta. O italiano antigo differe pouco do moderno, porque se tornou desde cedo uma lingua litteraria, disciplinada pela obra gigantesca de Dante no XIII seculo. Os dialectos na Italia são numerosissimos. O *napolitano* ao sul distingue-se por varias permutas:

<i>clù=pi</i>	<i>chiù</i>	—	<i>più</i>
<i>ghi=bi</i>	<i>ghiunno</i>	—	<i>biondo</i>
hiato	<i>ie</i>		<i>diente</i>
—	<i>uo</i>		<i>puorco</i> (2)

O dialecto siciliano evita ordinariamentc o hiato:

	<i>mei</i>	—	<i>miei</i>
	<i>core</i>	—	<i>cuore</i>
ll=dd	<i>cavaddu</i>	—	<i>cavallo</i>
Quêda do <i>v</i>	<i>urpi</i>	—	<i>volpe</i> , etc.

O *calabrez* representa fórmãs intermediarias entre o siciliano e o napolitano. O dialecto safdo de Logoduro tem varios caracte-

rísticos: S impuro = *is, istella, ispedire*, etc.; S etymologico, *duos, virtudes, corpus*, etc.; T etymologico, *amant, finit*, etc. (1). O *genovez* marca a transição entre os dialectos do sul e do norte. Na alta Italia, os dialectos mais conhecidos são o veneziano, o milanez e piemontez. Um dos factos que mais individualizam o *veneziano* é a prosodia *z* por *g*: *zente*, gente; *zorno*, giorno. O *milanez* evita os hiatos *buon* = *buono*. O *u* tem a pronuncia do *u* francez ou *ü* allemão. O dialecto piemontez tambem segue as mesmas leis do vocalismo do dialecto de Milão. O *Z* transforma-se em *S*, factio característico do dialecto: *plassa*—*piazza*. Aqui não podemos dar a estes factos maior desenvolvimento. (2)

Italianismos. — A influencia do italiano tem duas épocas notaveis. A primeira, dos seculos XIV e XV, notificou-se pela intrusão dos vocabulos da arte nautica, que muito florescera entre os genovezes: taes são os termos *julavento, caravela, sota-vento*, etc. A segunda época é comprovada pela imitação classica dos poetas e escriptores italianos do periodo da renascença. Além d'estas duas phases capitães, convém notar que muitos vocabulos foram tirados do italia-

(1) *Mem. da Ac.*, de Turim, vol. XXIII, 1886.

(2) Cons. — Ascoli — *Arch. glott.* e F. Wentrup; *Beitraege zur K. der neapol. Mundart*; cf. *Arch. für neuere Sprachen*, XXV; apud Diez, *Gramm.* I, 76 (trad. fr.)

(1) Diez, *op. cit.*; Ascoli, *id.*; G. Spano, *Ortogr. sardã*, 1840.

(2) Diez, *op. cit.*, I, 78; e *Archivio glott.* Sobre o antigo *milanez*, ha um estudo de Mussafia (*Mem. Ac. Vienna*, LIX, 1868) — Vide *Mem. Ac. della Crusca*, var. fasc.

no no seculo XIX : *terra-cotta*, etc. São italianismos os vocabulos seguintes: *alarma* (all'arme), *alerta* (all'erta), *arlequim*, *carnaval*, *charlatão*, *balcão*, *balaustre*, *catafalco*, *attitude*, *aquarella sepiã*, *guache*, *fresco* (t. de pintura), *borrasca*, *bussola*, *bagatella*, *harpejo*, *aria*, *soprano*, *tenor*, *adagio*, *cantabile*, etc. Entre os italianismos ha alguns notaveis, como *all'arme* (ás armas !), o composto *anspeçada*, de *lancia spezzata*, lança quebrada. O termo *attitude*, só empregado nas bellas artes, equivale ao vernaculo *aptidão*. O termo *balcão*, de origem germanica, representa o caso obliquo da fórma latina medieval *palconem*; o nominativo *palco* deu *palco*. A palavra *banco*, com o significado de deposito de capitaes pecuniarios, é italiana. A fórma originaria *banca* apparece em *bancarota*. Os italianismos *cicerone*, *concerto* (musical), *condottieri*, *lazzarone*, *fanfreluche*, *flasco*, são relativamente modernos e provavelmente vieram pelo francez. Pela suffixação em *etto*, *etta*, ficam caracterizados muitos italianismos: *quartetto*, *soneto*, *lazzareto*, *opereta*, *gazeta*, etc. Outro suffixo frequentemente observado nos italianismos é o diminutivo *ello*: *ritornello*, *polichinello*, *violoncello*, etc. Algumas vezes é possível, sem o soccorro da historia, determinar a origem italiana de alguns vocabulos, attendendo apenas aos processos phoneticos. Sabe-se, v. gr., que o grupo latino *pl* transforma-se em *pi* regularmente, no italiano: *pluvia*, *pioggia*. D'ahi se segue que

o termo *piano*, derivado de *planus*, é italiano e obedeceu ao processo phonetico d'essa lingua. Outro exemplo é *piastra*. Na orthographia dos italianismos não se tem seguido systema algum; ora as palavras tomam o caracter vernaculo: *polichinello* (pulcinella), *medalha* (medaglia), ora conservam a orthographia etymologica: *villeggiatura*, *dilettante*, etc. Notemos ainda os italianismos curiosos: *calamina*, de *giallaminã*, mina amarella; *capote*, termo de jogo, de origem desconhecida; *madonna*, composto de *madonna*, minha senhora; esta mesma fórma contracta deu as fórmas *mona* e *mono*. *All'erta*, ao alto! *Solfejo* como *solfa* são derivados das duas notas musicaes: *sol*, *fa*. O vocabulo *tramontana* é um adjectivo feminino, e refere-se a *stella*. *Stella tramontana* = estrella d'além dos montes, estrella do Norte, para os genovezes. *Popelina*, panno que, segundo Delatre, se usava para a vestimenta dos papas (*Papalina*); outros a derivam de *papel*.

Iu ou io, diphthongo e hiato. -- Como diphthongo é flexão característica de verbos da 3ª conjugação na 3ª pessoa do pret. perfeito: viu, *vidit* (por analogia da fórma *viduit*, viu, do pret. em *ui* da 2ª ccnj. regular). Como hiato, em geral, resulta de syncope de consoante: rio, *ri-v-um*. A graphia *iu* não pôde ser usada senão na desinencia dos vocabulos, e é uma singularidade orthographica porque *eu*, *ou* e *au* são sempre preferidos na escripta nas syllabas

iniciaes e médias a *ao*, *eo*, que só se empregam na terminação, e nem sempre.

J

J. — Tem sempre o mesmo valor, que é igual ao do *g* antes de *e* e *i*; não se emprega nunca antes de *i*, na orthographia usual.

|| (Letra latina). O *j* e o *i* (iota) nas linguas occidentaes até o sec. XIII e XIV não se distinguiam, e usavam-se promiscuamente como o *u* e o *v*, com identico valor prosodico. Mais tarde é que houve necessidade de estabelecer para os sons consonantaes os symbolos *j* e *v*, e para os vogaes *i* e *u*. Para isso modificaram a fórma rectilinea do V para a curvilinea do U e modificaram levemente o I em J para assinalar os casos da prosodia *i* e os de *j*. O latino *i* ou *j* conserva o valor originario: Julho, de *Julium*; maior ou major, de *majorum*. — J (portuguez). Deriva de I ou J, Iágo, Jacob, *Jacobum*. Por influencia (talvez do francez) de *g*: jalde, de *galbinum* (fr. jaune). De *sz*, cereja, *cerasum*. O hiato *lia*, *hie* de ordinario resolve-se em *j*, Hyacintho e *Jacintho*; Hieronymo e *Jeronymo*; e Hierusalem e *Jerusalem*.

Juizo. — Reunião de palavras coordenadas de modo a produzir um sentido completo. Como o *juizo* é um facto puramente psychico, pouco importa considerar o numero de vocabulos, e o *juizo* póde ser expresso por um simples termo; v. gr., *Voltae!*

Nesse caso ha ellipse de fórmagrammaticaes que a analyse descobre. *Juizo* é o sentido expresso pela *proposição*. O *juizo* é um acto interno, um estado completo de consciencia que póde ser expresso ou não. Uma vez expresso, a palavra ou reunião de palavras que o traduzem, chama-se *proposição*. O *juizo* contém sempre dous termos elementares: a) uma cousa acerca da qual se pensa (*sujeito*); b) o que se diz d'essa cousa (*predicado*). Vide *Proposição*.

Juncção. — Vide *Zeugma*.

Juxtaposição. — Caracter das palavras compostas cujos elementos não estão perfectamente fundidos, e são conheciveis ao primeiro exame: *beija-flôr* (1). Em geral, sem que haja regra absoluta, os *juxtapostos* orthographam-se, fazendo-se a separação dos elementos componentes com um traço ou hyphen: *porta-cartões*; *vira-volta*; *gyra-sol*; *lambc-pratos*; *corta-pennas*; *lusco-fusco*; *sargento-mór*; *medico-cirurgico*; *psycho-physiologico*; *decimo-terceiro*; *zig-zag*; *papa-arroz*; *pegapinto*.

K

K. — Letra que os romanos tomaram dos gregos. Na lingua

(1) Alguns philologos consideram *jurtapostos* os proprios vocabulos cujos elementos se aglutinaram e apenas se revelam pela etymologia (condestavel — *comes stabuli*), pun-donor, pun d'onor (*point d'honneur*).



portugueza é apenas usada na transcrição de palavras estrangeiras: *kangurú, kermesse, knout, kiosque, kepi, kysto, kyrie, klediva*, etc. O *kappa* grego é sempre transcrito por *c*, e apenas por *k* em *kaleidoscopio*, que também se orthographa: *caleidoscopio*. O *k* que se nota no elemento *kilo*, da nomenclatura do systema metrico, está por *ch*: kilometro, por *chillometro*. || Quasi não tem mais uso esta letra, que Julio Ribeiro queria adoptada, de preferencia, na orthographia dos nomes gregos que trazem na escripta commum o *ch*: *monarkhia, arkhaismo*, etc.

Kaio, *kaïô*, eu queimo. — Elemento grego de composição. *Caustico, holocausto, cauterio*, etc.

Kakos, máo. — Elemento grego de composição. *Cacophonia*, máo soido. *Cachexia*, máo estado. *Cacographia*, etc.

Kallos, bello, bom. — *Kal-eidoscopo*, visão de bellas imagens. *Calomelanos, calligraphia*, etc.

Kardia, coração. — Elemento grego de composição. *Pericardio*, ao redor do coração (membra-na). *Cardialgia*, dôr no coração.

Kephalé, cabeça. — Elemento grego de composição. *Acephalo*, sem cabeça. *Encephalo*, interior da cabeça. *Cynocephalo*, cabeça de cão (specie de macaco).

Kleptein, occultar. — Elemento grego de composição. *Apocalypse* (des-occultação), revelação. *Clepsidra*, occulta ou guarda agua (relogio). *Eucalyptus*, bem

coberto; grande arvore da Australia.

Kogchê (pron. *konché*, concha). — Elemento grego. *Conchyologia*, sciencia das conchas. *Concha*.

Koptô, eu córto. — Elemento grego de composição. *Syncope*, córte no meio. *Apocope*, córte no fim.

Kosmos, mundo. — Elemento grego de composição. *Cosmogonia*, geração universal. *Cosmopolita*, cidadão do mundo. *Cosmorama*, vistas do mundo, etc.

Kratos, poder. — Elemento grego de composição. *Autócrata*, rei absoluto. *Theocracia*, governo divino. *Burcaucracia*, etc.

Kruptos, occulto. — Elemento grego. *Crypta*, gruta. *Apo-crypho, cryptogama*, etc.

Kunos, cão. — Elemento grego. *Cynegetico*, relativo á caça. *Cynico*.

Kuklos, cyclo. — Elemento grego. *Cyclope*, que tinha um olho redondo na testa (mythol.). *Hemicyclo, encyclia, bicyclia* ou *bicycleta* (do fr.).

L

L. — Sempre tem o mesmo valor sonico, que varia, comtudo, no grupo *ll*. É letra muito euphonica, e por isso ás vezes substitue o *r*: *amal-o*, por *amar-o*. || (Letra latina). Em geral persiste como inicial: *lan, lanan, logro, lucrum*. A quêda da inicial ou

L — LATIM

apherese explica-se por se ter talvez supposto a presença do artigo *lo*: onça, de *lonza*, *lynxem*; azul, de *lazuerd* (persico (1)). O *l* médio conserva-se ou cae: *malum*, máo; *gelare*, gelar e gear; *aquilonem*, aquilão e aguilão; *adulari*, adular; *bésta*, *deballistam*. Transforma-se raras vezes na líquida *r*: lírio, *lilium*; comoro, *cumulum*; essa transformação era na língua antiga frequente nos grupos *cl*, *fl*, *pl* (*emprir*, *frôr*, *cremencia*), etc. A nasalidade tem exemplos em nível, *libellam*; mortandade, *mortalitatem*. Exemplos de degeneração são raríssimos, *l*—*d*: *lazare*, deixar; *scalam*, escada (talvez de *scaladam*, e deixar, de *delaxare*). A metathese do *l* é frequente: *populum*, choupo (de *plopum*); palrar, de *parlare*; espalda, de *spatulam*. O vocalismo do *l* representa a dissolução dos grupos *lt*, *lc*: outeiro, *altarium*; outro, *alterum*; couce, *calcem*.—*L* (letra portugueza). Provém do *l* latino, sobretudo inicial: lua, *lunam*. De *n* e *m*, origens raras: alma, *animan*; lembrar, *memorari*. De origem *d* também ha pouquíssimos exemplos: julgar, *judicare*.

Labein, *lambanein*, tomar.—*El* grego. Fórmãs: *leps*, *labio*, *lemma*. Catalepsia, doença. Dilemma. Syllaba. Astrolabio. Syllepse.

Labiaes.— Consoantes produzidas com o concurso dos la-

(1) O phenomeno contrario tambem tem exemplos: loba, de *l'aube*, alba; léste, *l'éste*, de *éste*.

bios. São: *p*, labial forte; *b*, labial branda; *m*, labial nasal. A vogal *u* tambem se produz com movimento dos labios e por isso diz-se *vogal labial*. Na degeneração do latim nota-se a transformação por abrandamento da surda *p* para a sonora *b*: *capitalem*, cabedal; *capére* (por *cápere*), caber. Por analogia de homorganicas, o *p* póde dissolver-se na vogal *u*: *Septam*, Ceuta; arch. bautismo, de *baptismum*.

Labio-nasal.— Designação dada á consoante *m*, que é labial e nasal ao mesmo tempo. Como nasal póde transformar-se em *n*: ant. *nembrar*, por *membrar*, lembrar, *memorari*; nespera, de *mespylla*. Como labial, as suas homorganicas são *p* e *b*: ant. *dapno*, por *damno*; combro, por *cómore*; hombro, de *humerus*.

Ladino.— Corrupção de latino, *latinus*. Nos antigos textos medievaes occorrem expressões como: linguagem *ladino*, falar *ladino*, lingua ladina. Designa o *romance* ou lingua anterior á disciplina classica.

Lambdacismo.— Pronuncia viciosa do *l*, cujo nome é *lambda* no grego. Os selvagens tupi-guaranis não possuíam o *l* e substituíam-no por *r*: *cabaru*, cavallo. E diz-se *ralo*, em vez de *raro*; e, pelo mesmo principio, *lirio*, por *lílio* (*lilium*).

Latim.— O umbrio-sabeliano e o latim por suas afinidades constituem um grupo *italico* de origem *commum*, vizinho do celtico na opinião de Schlei-

cher, e no conceito de outros eminentes philologos mais proximo do grego. Na historia do latim notam-se claramente tres periodos: a) *O archaico*, anterior á literatura. b) *O literario*. c) *O decadente*: supremacia do elemento popular. 1. *O periodo archaico* estende-se até a época de Ennio (169 A. C.). Os documentos d'esse periodo constam de inscripções, fragmentos de toda a especie, os da *Carmina Salaria*, conservados pelo grammatico Varro (1) e provavelmente corrompidos. As taboas gravadas do *Carmen Fratrum Arvalium*, achadas no seculo atrazado (1778) perto do Tibre, deixam muitos pontos obscuros em discussão. Os fragmentos do texto das *Dôze Taboas* são valiosos, mas as citações que os representam, foram ás mais vezes modernizadas. Schoell, que editou e commentou aquelle texto, dá como caracteres syntactieos a cllipse do sujeito e objecto, subentendidos pelo contexto da phrase: *ni it antestanino, igitur im capito*: o imperativo é usado para indicar permissão: *si volet, plus dato*; os connectivos entre as proposições são raros. Os archaismos vocabulares são em grande numero: *calvitur, pacunt, escit*, etc. Quanto aos documentos de inscripções, as incertezas não são pequenas. Dá-se como das mais antigas a inscripção de um vaso achado entre o Quirinal e o Viminal. A inscripção

é em caracteres vulgares: «*Jovei Sat deivos goi med mitat, nei ted endo cosmís virco sied, asted noisi Toitesiai pacari vois. Dvenos med feced en manon einom dzenoine med maaó statod.*» A interpretação, ainda que duvidosa em alguns pontos, é a seguinte: «*Jovi Saturno divis qui (=si quis) me mittet, ne te endo (=in te) comis virgo sit, ast nisi Opi Tutesiae pacari vis. Duenus me fecit in manum: enim die noni me mano stato.* 2. *O periodo literario* do latim começa com a cultura grega por parte dos romanos. Começa a disciplina artistica, e com ella a degeneração da lingua do Lacio, as modificações do accento e da quantidade por influencia espontanea ajudada da metrica grega introduzida no drama latino. *O periodo literario* teve diversas phases, de ordinario denominadas *ante-classica* (Naevius, Ennius, Lucilus, etc.) *classica* (de Cicero a Juvenal e Suetonio), *post-classica*, que comprehende os escriptores da decadencia. Do periodo literario ha a phase primitiva, onde se notam archaismos de toda a especie. Começa então a introdução de termos gregos de artes, pesos e medidas, navegação, sciencias: *talentum, purpura, machina, ancora, nausea, fungus, canistrum, bucina*, e derivados hybridos, como *ballistarius, plagipatidas, pernonides, scrophipasi*, etc., maxime nos poetas comicos. Depois de ter a sua phase aurea no seculo de Augusto, é evidente a decadencia do latim, pela supremacia das provincias,

(1) Varro—*De lingua lat.* VII, 26, 27.

LATIM — LATINISMO

do lat. da Hespanha (com os Senecas, Lucano, Marcial, Quintiliano), da Africa (Appuleio, etc.). Aulo Gellio foi o ultimo dos classicos. D'ahi em diante predomina o latim impuro ou barbaro, por causa da crescente invasão estrangeira e da propagação do christianismo. O latim classico representa uma phase muito distanciada das linguas romanas. O latim classico, corrompido pelo tempo, pela falta de cultura literaria e pela invasão das linguas barbaras, tornou-se na idade média uma lingua completamente diferenciada da do periodo culto. O vocabulario da literatura foi sobrepujado pelo vocabulario plebeu e barbaro, por exemplo :

	(Lat. barb.)	(lat. culto)
Dobrar	<i>duplare</i>	<i>duplicare</i>
Avante	<i>abante</i>	<i>ante</i>
Semana	<i>setimana</i>	<i>hebdomas</i>
Caminho	<i>cominus</i>	<i>via</i>
Batalha	<i>batualia</i>	<i>pugna</i>
Bocca	<i>bucca</i>	<i>os</i>
Falar	<i>fabulare</i>	<i>loqui</i>
Beijo	<i>basium</i>	<i>osculum</i>
Tornar	<i>tornare</i>	<i>verti</i>
Rio	<i>rius</i>	<i>flumen</i>
Porta	<i>porta</i>	<i>janua</i>
Rosto	<i>rostrum</i>	<i>facies</i>

Os processos usuaes de derivação deram ao latim barbaro extraordinaria cópia de termos, já de derivação impropria (sem suffixos), como os substantivos *escriptum*, *peccatum*, de *scribere*, *peccare*; já pelo acrescimo de suffixos, principalmente diminutivos :

Orella	<i>auricula</i> , de	<i>auris</i>
Cidadão	<i>civitanus</i>	<i>civis</i>
Donzella	<i>dominicella</i>	<i>domina</i>

Janella *januella*, de *janua*
Esperança *sperantia* *spes*

Muitos verbos foram creados no latim vulgar, segundo o modelo dos particípios.

Utor, lat. barb. *usare* *usar*
Audeo — *ausare* *ousar*
Video — *visare* *visar*(1)

Latinidade. — Exprime o modo dialectico ou estylistico de escriptor ou de periodo da lingua latina. A *latinidade* de Plauto, de Tito Livio.

Latinismo. — Vocabulo, phrase ou facto grammatical proprio do latim e introduzido no portuguez. Sendo o portuguez uma lingua derivada do la-

(1) Este processo já existia no lat. culto; taes são os especimens *cogitare*, de *cogitus* (cogere); *editare*, de *editus* (edere). Vide Brachet, *Dicc.* XXXIII. Para a *Bibliographia*—Lingua latina: *Corpus inscriptionum*, Wordsworth's *Fragments and specimens of early latin*. As obras de Corsen; de Schuchardt sobre o latim vulgar; a de Hübner, de Drager (sobre syntaxe historica); as grammaticas melhores são as de Kühner (em allemão), Madvig, Kennedy, Roby (em inglez), Guardia, M. Bréal, com collaboradores (em francez). Em portuguez não ha grammatica latina de merito (não referindo o excellente, porém antigo, *Novo Methodo*, do padre Pereira de Figueredo); no Rio de Janeiro começou-se uma traducção da *Grammatica Latina* de Guardia, mas a publicação não passou do 2º ou 3º fasciculo. Ha em Portugal os trabalhos de Epiphanyo Silva. O nosso artigo sobre o latim foi na 1ª parte extrahido summariamente da noticia de W. Collins, na *Encycl. Britannica*, XIV.

tim, o *latinismo* é da essencia da nossa lingua ; por isso é costume apenas denominar *latinismos* aos de origem literaria, como os vocabulos : *onus, memorandum, ultimatum, errata*, etc., introduzidos quando já formado o idioma. Por exemplo : a syntaxe latina com o infinitivo objecto : *mandou parar o sol* (que o sol parasse); vocabulos como *ludos, prelios, gladios*, que o povo ignora ou mal conhece. São *latinismos*, como já foi dito, as construcções com o infinitivo : *mandou vir*, vejo-as rir, viu-as chorar. Manoel Severim de Faria propositalmente escreveu trechos que eram a um tempo latim e portuguez. E nos mesmos moldes ha um hymno a Santa Ursula, mencionado por D. Nunes do Lião. Aqui em seguida reproduzimos as duas composições : « O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingua lusitana ! Com tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflammas. Quam altas victorias, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolentias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro, tantas elegantias latinas ! »

« Canto tuas palmas, famosos canto triumphos, Ursula, divinos martyr concede favores, Subjectas, sacra Nympha, feros animosa tyranuos. Tu, Phœnix, vivendo ardes, ardente triumphas,

Illustres generosa choros dás, Ursula, bellas, Dás, rosa bella, rosas, fortes dás sancta columnas. Eternos vivas annos, o regia planta. Devotos cantando hymnos vos invoca sanctas, Tam puras nymphas amo, adoro, canto, celebros. Per vos felices annos, o candida turba, Per vos innumeros de Christo spero favores.»

Antes do seculo XVI, em que foi a lingua latinizada pela litteratura, essas composições seriam illegiveis. A latinização, se d'essa época em diante diminuiu de intensidade, comtudo na orthographia mais do que nunca se foi tornando erudita e approximada do latim classico.

Le, grupo latino. — Persiste : calcar, *calcare*. Dissolve-se o *l* por vocalismo : fouce, *falcem*. Transforma-se em *ly* : delgado, *delicatum*.

Ld. — Grupo latino *ld*. Algumas vezes representa um reforço da liquida *l* : humilde, de *humilis*; rebelde, *rebellis*; e o arch. *igualdar*, por igualar.

Legô, elemento grego de composição. — Escolher, falar. *Dialecto*. *Pro-lego-menos*, o que é dito antes, introdução.

Leipen, deixar. — Elemento grego de composição. *Eclipse*, falta, desappareição. *Ellipse*, omisão.

Letras. — Caracteres que compõem o *alphabeto*; são as representações materiaes dos sons da linguagem. Dividem-se em

LETRAS — LEXICOLOGIA

vogaes: *a e i o u y*; e em consoantes: *b c d f g h j k l m n p q r s t v w x z*. Classificam-se segundo os seus modos de produção physiologica. Vide *Consoantes, Vogaes, Phonetica*, etc. Alguns grupos devem ser considerados como letras simples, por serem irreductiveis: *nh, lh*. O nosso alphabeto foi tomado do latim, que o tomou de outras linguas. || *Letras adventicias*. Vide *Adventicias*.

Letras dobradas. — É uma das difficuldades da orthographia usual, neste ponto quasi rigorosa como a etymologica. Effectivamente, apenas tolera a letra simples (em caso de composição pelos prefixos) nas palavras que se formaram no seio da lingua (*acabar, aceitar*), desde que não sejam de formação erudita. Ainda assim ha quem escreva *acceitar*... por causa do *accipere*. As regras dos orthographos são inuteis ou pouco praticas, porque exigem para que se saiba escrever na nossa lingua que saibamos como se escreve no latim! Vejam-se essas duas regras que abrangem todas e são do auctor do *Escoliaste portuguez*, livro a todos os aspectos excellente. 1.^a *Escrevem-se com letra dobrada as palavras derivadas de linguas extranhas, se nestas linguas assim se escrevem.* 2.^a *O m e n dos prefixos com e im (nas palavras compostas) duplicam-se quando as palavras simples comegam por m e n.* Por ahi se póde avaliar de tudo o mais. Os preceitos e indicações praticas de

outros auctores não valem mais que aquellas regras theoricas.

Letras do alphabeto. — Passaram as letras dos phenicios aos gregos e depois aos romanos. — A) Os romanos deram ás letras denominações diferentes das do alphabeto grego: *a, be, ce, de*, etc. O *h* denominou-se *ha*; o *x*, *ix*; as denominações gregas adoptadas foram apenas duas—*zeta* e *upsilon*. B) As cinco letras *theta, phi, kappa, psi, oméga*, de invenção posterior, não foram adoptadas pelos romanos; foram representadas por *th, ph, ch, ps, ó*. C) O uso dos romanos, que davam a *i e v* o papel duplo de vogaes e consoantes, durou até o seculo XVII; d'ahi em diante os caracteres *j* e *u* marcam as differenças d'aquelles valores phoneticos. D) A letra *y* no latim foi adoptada na época de Cicero. Mais tarde foi utilizada em palavras que não eram gregas: *inclutus*, por *includitus*; Sylla, por *Sulla*.

Lexico ou *lexicon*. — Conjuncto total dos vocabulos ou dicções da lingua. Dicionario.

Lexicologia. — Parte da grammatica em que se estudam separadamente os vocabulos. A denominação deve ser corrigida para *lexilogia*, de *lexis*, vocabulo. A fórma *lexicologia* deve existir, e propriamente indica o estudo do dicionario ou dos vocabulos em conjuncto (*lexicon*). Lexicologia é o estudo dos vocabulos feito individualmente ou em suas classes grammaticaes. A *lexilogia* abrange a *Phonetica*, a *Morpho-*

logia e Taxinomia. Como estudo exclusivo do vocabulo, a *lexilogia* oppõe-se á *syntaxe*, que é o estudo da phrase.

Lh.—Grupo portuguez de diversas origens. Do *ll* dobrado latino: lhe, de *illi*; tolher, de *tollere*. Do grupo *pl* latino pelo hespanhol (*lh=ll*): lhano, *planum*. Solução de hiato *ia, ea, ie* precedido do *l*: alheio, *alienum*; filha, *filiam*. Póde resultar de varios grupos, *cl, tl*: olho, *oculum*; rolha, *rotulam*; ovêlha, *oviculam*.

Linguaes.—Nome geral dado ás consoantes que na sua articulação reelamam o concurso da lingua: *d, t, r, l, lh, nh, n, g, q*. São dentaes, gutturaes e palataes; d'ahi as subdivisões em *linguo-gutturaes* (*g, q*), *linguo-dentaes* (*t, d*), *linguo-palataes* (*r, n, l, lh, nh*).

Linguagem, origens, desenvolvimento. — Varias são as theorias sobre a origem da linguagem. «Os gregos consideravam a linguagem o effeito de uma convenção, ou da natureza, ou de convenção fundada sobre a natureza. Democrito opinava ser uma convenção entre os homens (*théseis*). Segundo Epicuro, o homem fala como o cão ladra, e a linguagem foi dadiva da natureza (*phéseis*); ha entre o objecto e o som uma dependencia natural e necessaria. São estas opiniões ambas que se acham expostas no *Cratyló*, de Platão, que tambem desenvolve um systema subtil, analogo ao de Epicuro, onde estabelece que a propriedade dos vocabulos é devida

mais ou menos á imitação do objectos, e ha por conseguinte *nomes naturaes*. A proposito, diz Rénan: «O nexo entre o sentido e a palavra nunca é necessario nem arbitrario, e é todavia motivado.» Herder foi o primeiro a mostrar nos tempos actuaes que a linguagem faz parte do conjuncto das forças naturaes do homem e tem o mesmo desenvolvimento que este. Rénan pensa que a linguagem é um producto espontaneo da acção das nossas faculdades, e accrescenta que «a lingua pertence á categoria das cousas vivas; a linguagem é um organismo». Essa opinião acha-se morbidamente exaggerada entre os discipulos de Schleicher, que julgam ser a linguistica uma pura sciencia natural (1). Em todo caso, a opinião contemporanea, que conta maior numero de adeptos, representa a direcção já indicada por Epicuro. A linguagem é um producto natural e espontaneo da acção conjuncta do espirito e dos órgãos vocaes. A origem é portanto dupla e resultou do gráo de cultura da especie. Quando o homem se achou em estado de communicar seus pensamentos, recorreu a todos os meios, á mimica, á expressão physionomica, ao grito, e finalmente á articulação da voz, a principio animal, confusa, pouco variada, até que a constituiu um perfeito instrumento das suas emoções e conceitos. Ca-

(1) Sal. Reinach—*Manuel de philologie classique*, 2^e ed., pag. 110.

LINGUAGEM — LINGUISTICA

be aqui notar que não se começou a falar por meio de *monosyllabos-raizes*. Não ha um só facto que atteste a verosimilhança de que fosse este o ponto de partida, e ha numerosos argumentos que tornam bem patente a nenhuma probabilidade de tal evolução na historia das linguas. Segundo as conjecturas assás fundamentadas do philologo inglez Sayce, as linguas parecem provir de *palavras-phrases*, que surgiram nos primeiros idiomas. Conforme quer esse philologo, as raizes são factos significativos para os grammaticos, representam residuos de que nunca povo algum teve consciencia. A raiz, portanto, nunca teve existencia real em qualquer lingua e figura nas palavras tão confusamente para a percepção dos que falam, como as letras ou elementos phoneticos. Como quer que seja, se não houve a principio *raizes* naturalmente monosyllabicas, houve de certo algumas palavras, naturalmente *phrases* ou com o valor de phrases. Dizia-se o minimo e pensava-se e gesticulava-se o maximo. Transposta essa phase obscura, toda de mysterios e escuras impnetraveis, sem a ousadia de querer mol-a explicada, podemos attentar no desenvolvimento da linguagem já mais ou menos completa. O modo pelo qual a linguagem se desenvolveu, resultou de varias causas geraes. Primeira : *alteração phonetica*. Esta causa influiu estragando os vocabulos por meio da decomposição dos sons. Na lin-

gua chineza não se nota tal facto; as palavras sempre conservam os seus antigos elementos. Segunda : a *emphase*. É o principio que determina a clareza, explica as tendencias analyticas e a criação de locuções, equivalencias, tropos, periphraes. Terceira : a *renovação dialectal*. É o principio que, secundado pela marcha historica dos paizes, substitue á lingua literaria em decadencia os dialectos e linguas vulgares, como succedeu ao latim, que foi substituído pelos dialectos neo-latinos. Quarta : *analogia*. É um principio de origem psychologica, baseado na imitação, e influe dando uniformidade aos typos grammaticaes das linguas; este principio é tido na maior importancia pelos *neogrammaticos* (Brugman, Osthoff). No dominio popular a corrupção das linguas reduz-se a duas causas preponderantes : I.— *A uniformidade*, acção que corresponde á analogia. II.— *O principio de menor acção*, que exprime a preguiça dos órgãos vocaes na alteração material dos vocabulos e a preguiça mental nas tendencias analyticas, emphaticas, periphraesticas, etc. Sal. Reinach. *Op. cit.*, 109. — Platão, *Cratylo I*, Herm. e Socrates. Cf. Stenthal, Max. Muller, Penfey e Hovelacque.

Linguagens de verbo. — Expressão applicada ás vozes, modos, ou quaesquer flexões dos verbos.

Linguistica. — Entre os es-



criptores de diversos paizes ha manifesta discordancia sobre o valor das denominações que recebe o estudo methodico da linguagem. Seria fastidioso repetir aqui os varios argumentos e polemicas que se desenvolveram a proposito do alcance dos tres termos *linguistica*, *glottologia* e *philologia*. Tudo, porém, parece attestar que a opinião victoriosa ou pelo menos a que conta maior numero de adeptos, é a que considera a *linguistica* sciencia dos factos da linguagem espontanea, popular, em todos os idiomas; e a *philologia* a sciencia dos factos literarios que se referem ás linguas. A *philologia* abrange a critica, o commentario dos textos antigos, a historia das linguas, principalmente naquillo que ellas possuem do elemento literario e culto; a *linguistica* apenas estuda a linguagem como expressão do pensamento, como formula exterior articulada da intelligencia humana em acção. O termo *linguistica* é usado espeesialmente pelos francezes, e corresponde á denominação de *Sciencia da linguagem*, de uso commum entre os inglezes. A palavra *glottologia* tem a significação mais restricta, e estuda a linguagem apenas quanto aos factos physiologicos, ás alterações dependentes dos orgãos vocaes. Essas definições, porém, não estão sufficientemente fixadas por nenhum uso de grande generalidade entre os escriptores, e é bem provavel que ainda durante muito tempo continue a

confusão. (1) A vasta extensão do termo *philologia* foi limitada por um adjectivo: *philologia comparada*, e com esses ares não differe essencialmente da *linguistica*.

Liquidas. — Nome dado pelos grammaticos gregos e latinos ás letras *l, m, n, r*.

Literatura. — No sentido material da palavra, é o conjuncto dos documentos escriptos de um povo. Quanto á linguagem, a principal funeção da literatura é estabelecer a disciplina grammatieal, fixar as normas da arte de falar; em tal caso, a literatura opéra como força de reacção, estagnando ou impedindo a corrente de deecomposição das linguas. No portuguez ha duas grandes phases da lingua, determinadas pela cultura literaria: 1.^a phase. *O portuguez antigo.* — lingua cujas normas estavam em estado syncretico ou de confusão. Não havia grammatica fixa e disciplinar. É o periodo que vae do sec. XIII ao seculo XV. 2.^a phase. *O portuguez moderno.* É a lingua cujas normas foram disciplinadas por nossos meliores escriptores e grammaticos, desde a *renascença* literaria dos fins do sec. XV ou começos do seculo XVI até hoje. Na palavra *Portuguez* trataremos da lingua antiga. Aquí basta notar

(1) Na Allemanha (e raro na França) o termo *philologia* designa quasi toda a cultura de letras, artes, costumes, diplomacia, epigraphia, etc. Vide S. Reinach. *Man. phil. class.*

LITERATURA

summariamente as épocas da historia literaria. PRIMEIRA ÉPOCA. Sec. XII—XV. Período do *romance* ou lingua vulgar. O latim barbaro da idade média desaparece, e na lingua vulgar escrevem-se os documentos officiaes. Floresce em Portugal a escola dos *trovadores*, e dos escriptos em prosa mencionamos o *Nobiliario*, de D. Pedro, Conde de Barcellos, e o *Amadis de Gaula*, cujo texto original (de Vasco de Lobeira) está perdido. São dos fins d'esta época (sec. XV) os primeiros chronistas e historiadores: Fernão Lopes, Ruy de Pina, Gomes Eannes de Zurara, Garcia de Rezende; que, apezar de serem grandes em pontos de grammatica, não podem ser invocados com muita frequencia; porque são ainda escriptores primitivos e os primeiros, e os usos e normas da linguagem não estavam fixados, devidamente. SEGUNDA ÉPOCA. É a da idade de ouro ou a dos *quinhentistas* (do seculo de quinhentos). Vae de 1500 a 1625, isto é, de D. João III a Felipe II. Florescem os grandes vultos da literatura portugueza: Gil Vicente, Bernardim Ribeiro (que ainda andam incertos), Sá de Miranda, A. Ferreira, Camões, Diogo Bernardes, Pedro de Andrade Caminha, Jeronymo Côrte Real, F. Alvares do Oriente, L. Pereira Brandão, Rodrigues Lobo, Mousinho de Quevedo, G. Pereira de Castro, Sá e Menezes, na poesia. João de Barros, Castanheda, André de Rezende, Jeronymo Osorio, Mendes Pinto, Damião de

Góes, Nunes do Lião, Heitor Pinto, Amador Arraes, Bernardo de Brito, Diogo do Couto, Fr. Luiz de Souza, Jacintho Freire de Andrade, na prosa. TERCEIRA ÉPOCA. É o período do *gongorismo*, da influencia hespanhola, desde Felipe II a D. José I, de 1625 a 1750. Pertencem a esse período: Violante do Céu, Severim de Faria, Barbosa Machado, Faria e Souza, Manoel Bernardes, Vieira, Rocha Pitta, Conde da Ericeira, Manoel de Mello. QUARTA ÉPOCA. Período *academico* ou das *Arcadias*; recrudescimento das tendencias classicas. São d'essa época (de 1750 até os primeiros lustros do sec. XIX): Garção, Antonio Diniz, Gonzaga, Claudio Manoel, Quita, Ribeiro dos Santos, José Agostinho, Tolentino, Bocage. QUINTA ÉPOCA. É a do presente seculo. Abrange o período do *romantismo*, da sua decadencia e das escolas que pretendem substituil-o. Pertencem a este período: Garrett, Herculano, Castilho e os escriptores contemporaneos. O *romantismo* teve varias phases em Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias e Alencar (ambos grandes) com as escolas do Recife (condoreira), de S. Paulo (byroniana), do Maranhão e fluminense. A poesia actual (*parnasiana*) não tem representantes de nota em Portugal; o romance *naturalista* tem em ambos os paizes auctores de bastante merito. || A verdade é que os escriptores brasileiros, falando só do maior numero, não se distinguem pela correccão de

linguagem. As diferenças maiores da lingua vulgar em relação á disciplina classica estabelecida desde o seculo XVI são eonstituidas por innumerables factos, dos quaes eitamos alguns de carater geral, por que na generalidade não eaberiam, por numerosos, neste logar: a) A aproximação latina transformou *auto*, *trauto*, etc., em *acto*, *tracto*. Todavia restam-nos *auto* e outros poucos; *rosairo*, *vigairo*, etc. b) Os adjectivos participios antigos em *udo* passam a terminar em *ido*: *conheçudo*, *estabeleçudo*... conhecido, estabelecido. Restam-nos vestigios da antiga fórma em *manteúdo*, *conteúdo* e *teúdo*, de bom uso ainda hoje. c) Os nomes em *ança* formados sobre o typo medieval, soffrem consideravel diminuição. Assim, *perdoança*, *gança* ou *ganhança*, *molestança*, desapparecem, ao passo que persistem *esperança*, *folgança*, etc. d) Os nomes em *mento* têm-se archaizado em grande parte, como, *filhamento*, etc.; comtudo ainda se conservam em grande numero. e) As terminações (de gráo) em *engo* quasi que não são mais usadas: *verdoengo*, *realengo*, *solarengo*. f) A terminação *ença*, formada da segunda conjugação, como *ança* da primeira, desapparece em muitos vocabulos perdidos, como: *querença*, *conhecença*. Temos ainda *nascença* e poucos mais. g) A influencia gallega (?) notificada pela dupla *x* ou pelo *g*, desappareceu. *Neixença*, *axente* (prata), *quixe* (quiz). h) O superlativo *issimo*, moldado

sobre o latim classico, começa a generalizar-se no seculo XVI. As formações anteriores são analyticas, salvo raro exemplo. i) *O r*, muito commum nas articulações antigas: *frores*, *freima*, *grovia*, *groza*, alatina-se no *l*: flôres fleugma, gloria, glosa. j) As antigas terminações nominaes em *om* e *am*, como *liçom*, *pam*, foram substituidas pelas novas em *ão*, *lição*, *pão*. Note-se que aqui, como em toda a parte, o exame da lingua antiga nos ministra a explicação das fórmas modernas, e pluraes em *ões* e *ães*. k) A construcção alatinada no seculo XVI torna-se de ordem directa e afrancezada nos tempos que correm. Ao passo que a orthographia mais sonica d'aquelle tempo se tornou mais erudita e alatinada.

Lithos, pedra. — Elemento grego de composição. *Lithographia*, *Chromolithographia* (*chromos*, côr). *Monolitho* (*monos*, um unico).

Ll. — A geminação do *l* vem do latim: cabelo, *capillum*. Muitos dos nomes, porém, se escrevem na orthographia usual sem *l* dobrado: *argilla*, *adela*, *miolo*. O *ll* latino transforma-se ás vezes em *lh*: *tolhier*, de *tollere*; *centelha*, de *scintillam*. A syncope é mais rara: *enguia*, de *anguillam*. No portuguez antigo o *ll* tinha a prosodia de *lh* como ainda o tem no castelhano, e d'ahi é que se originam as duas fórmas divergentes: *cavalleiro* e *cavalheiro*; ás quaes cmprestam hoje sentidos diferentes que nunca tiveram.



LOCUÇÃO — LUSITANISMO

Locução. — Combinação de palavras ou expressão *analytica* para representar uma noção unica. Todas as especies de palavras têm *locuções*. *Locução substantiva*, são os compostos: *beija-flôr, guarda-louça*, etc. *Locução adjectiva*: *de ferro* = ferreo; de fogo = *igneo*, etc. As locuções dos verbos consistem nas suas fórmas compostas e periphrasticas. O termo *locução* é usualmente applicado no dominio das particulas: *Loc. adverbial*: *depois d'amanhan, sem duvida*, etc. *Loc. prepositiva*: *por entre, dentro de*, etc. *Loc. conjunctiva*: *comtanto que, por consequinte*, etc. Vide *Equivalentes*.

Logar (complemento circumstancial de). — Equivalente de *adjuncto adverbial* de logar. Vide *Proposições*.

Logica, concordancia. — A concordancia é logica quando se faz pelo sentido e não pelo vocabulo expresso. Eu e tu (*nós*) estamos bons. Sua Alteza estava *enfermo* (e não *enferma*). A virtude e o saber *precisos*, etc. *Analyse logica*. Vide *Proposições*.

Logos, discurso. — Elemento grego de composição. *Apolo-gia*, disc. de justificação. *Catalogo*, enumeração. *Epilogo*, disc. no fim. *Logomachia* (*machê, lucta*), disputa de palavras.

Longa, syllaba. — É aquella que tem maior duração de pronuncia. Ex: a 2^a syllaba do lat. *horâ* no ablativo. A quantidade orthographa-se nas palavras latinas com os signaes *de breve* (—) e

longa (—). No portuguez, a *quantidade* das syllabas é pouco apreciavel e confusa, porque preponderou o *accento*. Vide *Accento e Quantidade*.

Luô, cu resollo. — Elemento grego de composição. *Analyse*, decomposição. *Paralysisa*, privação do movimento.

Lusitanismo. — Expressão que equivale quasi a de idiotismo, e traduz o modo particular com que se apresentam as phrases portuguezas no que ellas têm de mais singular e menos commum com as das outras linguas. « Diz-se o modo de falar dos antigos lusitanos e tambem a phrase, locução ou idiotismo que conservamos da infancia da lingua; assim, por especial lusitanismo, têm os infinitos a propriedade de ser considerados como substantivos designativos de *acção*, a qual nem sempre se denota pelos substantivos cognatos dos mesmos verbos. D'aquí vem dizermos *o cair das folhas* e não *a quéda*; porque *o cair* das folhas indica a *acção* d'ellas se desprenderem e soitarem das arvores; e *quéda* é uma contracção de *cair*; e esta contracção, sendo abreviatura da palavra, denota tambem a abreviatura da *acção*, e, em rigor, significa o instante em que o corpo despenhado encontra o chão; propriamente *choque, paneada*. *O cair* das folhas é ainda mais proprio do que *caída*; porque designa uma *acção indefinita*, e envolve a idéa de reiteração; e *caída* significa uma *acção uni-*

ca, definitiva, e, por certo, menos propria para representar o acto successivo de se desprenderem e caírem as folhas das arvores, e (por metonymia) o tempo em que as mesmas caem. Considerados a esta luz os infinitos dos verbos, vê-se que é com rigorosa propriedade de expressão que vulgarmente costumamos dizer: *o romper d'alva, o fechar da noite, o travar da peleja, o andar do tempo, o murmurar do poço; querer é poder*, etc. Não se pôde negar que a referida propriedade é herança que a lingua adquiriu da latina, na qual se dão e podem citar infinitos exemplos: *errare humanum est, scire tuum nihilest*. E não só os infinitos dos verbos são tomados na lingua portugueza pelos substantivos cognatos, senão que ainda muitos adjectivos fazem as vezes de nomes substantivos; como quando dizemos: *o bello* de um quadro, *o pathetico* de um drama, *o sublime* de um pensamento, *o util* e *o agradável*, *o melhor* e *o peor*, *o certo* e *o duvidoso*, etc. Estes adjectivos, assim tomados, são elegantes pela concisão, e imprimem graça ao discurso. Também fazem as vezes de nomes substantivos muitos participios do presente e do preterito, como: *amante, pretendente, ouvinte; escripto, attestado, impresso*, etc. Em muitos proverbios e ríffes vulgares achamos os participios substantivados, o que prova que este modo de exprimir está no gosto e no genio da lingua; v. g.: *Mais come o boi de uma lambida que a ovelha em todo*

o dia. Mais valç agua do céu que todo o regado. É tal a propriedade que a lingua tem de substantivar todas as palavras que até dos tempos dos verbos, de uma particula, ou de outra qualquer parte da oração, podemos formar um nome substantivo; v. g.: *mais vale um toma que dous te darei; os comes e os bebes; os dares e os tomares; o sim e o não; o que e o porquê; os itens e os provarás; os prós e os contras*, etc. D'aqui a grande facilidade com que formamos tantos nomes proprios verbaes, tão significativos e engraçados, como: *o Espalha, o Penetra, o Janota, o Estafermo, o Bota-a-baixo, o Papa-moscas, o Mija-mansinho, o Trinca-fortes*, etc. »

2.º **Lv**, grupo latino. — Persiste: *silvam*, selva. Ha syncope do *l* no exemplo: *caveira, calvariam*.

M

M. — Sôa sempre quando inicial da syllaba, ou é signal de nasalização como o *n* no final da mesma. Em qualquer caso sempre altera ou nasaliza a vogal proxima: *cama* (câma), *ama* (ãma), embora ligeiramente; sente-se menos a nasal depois de *e* e *o*: *rêmo, sênear, hómem*. || Letra latina. Inicial persiste: *muscam*, mosca; transforma-se em *n* em rarissimos exemplos: *mespyllum* (nespera); *memorari* (arch. lembrar, hoje lembrar). No grupo *mn* ha exemplos archaicos de permuta *pn*: *calumniã* ou *calupnia*; condapnamento por *conde-*

M — MAIS QUE PERFEITO

mnamento (*El.* de Viterbo). O *m* final já entre os latinos era quasi mudo, e por isso desapareceu no accusativo: *horam*, hora. (1). *M* (letra portugueza). Provém do *m*, sobretudo inicial: modo, *modum*; poema, poema. Provém da homorganica labial *b*: trementina, terebinthina; canhamo, de *cannabis*. Nas nasaes finaes *em*, *im*, *om*, *um*, de ordinario representa o *n* originario: *sonum*, som; *unum*, um. Às vezes *om*, ou melhor a nasalidade da vogal final representa a compensação da perda da consoante guttural *c*: nec, *nem*; sic, *sim*. *M* (letra arabe). Nos vocabulos arabicos é a transcripção da letra *mim*: Almude, *al-modd* (Engelmann). O grupo *mr*, como no latim, tambem é transcripto por *br*: *al-komra*, alfombra. *M* (letra germanica). O *m* final dos nomes de origem gothica, no som *am*, são representados por *ão*: Bertram ou Bertrão, de *Bertram*; Gualtrão, de *Waltram*. *Orthographia*. — O *m* figura como signal de nasalidade para substituir o *ão* paroxytono na flexão dos verbos *amaram*, *amavam*. No final das palavras, o *m* é nasal com *i*, *e*, *o* e *u*: *fim*, som, *tem*, *um*. O *n* é preferido na orthographia usual com a vogal *a*: *irman*, lan. Tambem se usa o *n* com *e* nos paroxytonos: *joven*, *regimen*. *Prosodia*. — O *m* é mudo na geminação *immortal* (imortal); soa, porém, no grupo *mn*: *condemnar*, *damno*, que todavia

—

(1) Diz Prisciano: «*M* obscurum in extremitate dictionum, ut *templum*» (templu).

em muitos logares do Brasil pronunciavam *condenar*, *dano*.

Mal e *male*.—Elemento prefixo latino; opposto a *bem* e *bene*. *Mal-dizente*, *maledicente*, *mal-dizer*, *malquisto*, etc.

Malaio.— Vide *Asiaticismos*.

Mania.—Elemento grego de composição. *Metromania*, mania de fazer versos. *Monomania*, mania unica, exclusiva. Ha fórmãs hybridas, como *dançasomania*, *empregomania*, etc.

Manteia, adivinhação.—Elemento grego de compostos. *Chirromancia*, adivinhação pelo aspecto das mãos. *Nigromante* (*nekros*, morto), que adivinha pela evocação dos mortos.

Maomai, eu me movo.—Elemento grego. *Automato*, que se move por si.

Mais que perfeito.—Tempo do indicativo portuguez caracterizado pela desinencia *ra*: amara, dissera, punira. É uma das riquezas do vernaculo, pois nenhuma lingua romana o possui com a accepção que havia no latim: *amaveram*, *dixerat*. As outras linguas romanas usam o *mais que perfeito* na fórmula periphrastica ou na mesma fórmula synthetica com a accepção do condicional; accepção que tambem temos: amara (amaria). Se elle não *tivera* cuidados (tivesse). No sentido originario do latim é o exemplo de Camões:

Já cinco vezes a lua se escondera
E outras tantas o rosto seu mostrara.

E assim em todos os classicos da lingua.

Maiusculo.— Caracter material das letras, determinado pela maior grandeza d'ellas e proprio para certos usos consagrados. 1. O maiusculo emprega-se com os nomes proprios de pessoas e de logares, de obras de arte, de deuses, de appellidos, de cousas abstractas personificadas: *Pedro, Lisboa, a Lenda dos Sculos, os Lusitados, a Sabedoria*, etc. Com os nomes geographicos não se usa o maiusculo quando se tornam appellativos: *cambraia, cachemira, cognac*. Tambem se adopta nos compostos o escrever o segundo ou terceiro termo com o minusculo: *Mar-morto* ou *Mar-Morto*; *Indo-china* ou *Indo-China*; *Paraiso perdido* ou *Paraiso Perdido* (poema de Milton). 2. O maiusculo é usado no principio do periodo ou no principio do verso. Castilho e outros, porém, entendiam que o verso poderia principiar como no hespanhol pela letra minuscula, e assim o praticaram. 3. Ha regras menos absolutas, e que têm sido desrespeitadas no uso corrente, como a de escrever com maiusculo os nomes dos dias, mezes, nomes de nações e povos, ou principiar com maiusculo os membros de phrase que se seguem aos *dous pontos, ás admirações* ou *interrogações*. Primitivamente, segundo attestam as inscrições, só havia o maiusculo. O minusculo foi creado pela arte de manuscreever em papel. O uso do maiusculo foi regularizado

depois da invenção da imprensa, e varia com os logares e épocas. Os quinhentistas usavam parcamente do maiusculo nos appellidos: *Antonio alvarez, Estacio de sá*, etc.

Masculino.— Genero dos nomes correspondente ao sexo dos animaes machos e por ampliação applicado a inanimados: *leão, sapateiro, sol, talento*. A flexão característica do masculino é o expoente *o*: *ric-o, poderos-o, pov-o, livr-o*. Como a letra *o* tornou-se característica dos masculinos em maioria, certos femininos latinos tornaram-se masculinos no portuguez, por analogia da terminação. Taes os nomes de arvores, femininos no latim: *laurus*, louro; *populus*, choupo; *figus*, figo, etc. Nesse numero entram os terminados em *os* do grego, femininos no latim, *dialecto* (dialectos, i), *diámetro, atomo, diphthongo*, etc. Os masculinos em *or* em grande numero tornaram-se femininos: *côr, color (colorem)*.

Materia.— Substantivos de «materia», classe de nomes que exprimem porção indefinida da materia geral: *leite, agua, ouro, prata*. Essa classificação é commum nas grammaticas inglezas, onde esses nomes gozam de propriedades especiaes como, para exemplo, a de não soffrerem o artigo. No portuguez é escusada e inutil. Vem mencionada tambem nas *Noções de Gramm.* dos Srs. Pacheco Junior e Lamcira de Andrade.

Mathein, aprender.—Elemento grego de composição. *Chrestomathia*, util conhecimento ou instrução. *Mathematicas*.

Média. — Consoante média ou *isolada*, diz-se da consoante entre duas vogaes. Uma das leis da phonetica é a *quêda da consoante média*, ou pelo menos *sua transformação* em outra branda, *p* em *b*, *t* em *d*. Exemplos de *quêda*: ver, *vi-d-ere*; caudal, *cap-ita-lem*; paço, *pa-t-tium*; cair, *ca-d-ere*; pôr, poêr, *po-n-ere*; etc. Exemplos de *transformação*: madeira, *ma-t-eriem*; cabido, *cap-i-tulum*; ralo, *ra-r-um*; cego-nha, *ci-c-oniam*, etc.

Média passiva ou *passiva reflexa*. — Voz dos verbos assim denominada por analogia com a da passiva latina, sem que entre ambas exista afinidade etymologica, senão hypothetica ou muito remota. A passiva latina em *r*, *amo-r* (sou amado), parece a alguns linguistas que é o resultado da primeira phase aglutinada *amose*. O facto não está positivamente admitido. No portuguez, a *média passiva* constitue-se com o *se*: *escrevem-se* cartas (são escriptas cartas), etc. É gallicismo e contra a vernaculidade considerar-se o *se* como sujeito; por isso são erroneas as construcções: *escreve-se* cartas; *diz-se* cousas. (Vide *Se*). É de parecer diferente Pacheco Junior, que escreve na sua *Grammatica da Língua portugueza* (2.^a ed. pag. 450), não com o intuito de legitimar o gallicismo, as seguintes palavras: «Os latinos tinham

tambem um outro modo de exprimir que a acção era feita e soffrida pela mesma pessoa, além da voz passiva. Empregavam o verbo na voz activa, mas acompanhado de um pronome regimen (reflexivo da 3.^a pessoa):— *Virgo de cespite se levat* (a virgem levanta-se da relva). O portuguez, como as outras linguas congeneres, adoptou esta construcção latina, e assim crearam-se os nossos verbos *reflexos pronominaes*. Si o verbo é transitivo, o pronome é regimen directo (*mover-se*); si intransitivo, o pronome é regimen indirecto (*arrender-se*). O desenvolvimento analogico d'esta fórma no portuguez antigo, deu em resultado uma serie de verbos que não são propriamente reflexivos, mas simplesmente pronominaes, porque o pronome nem faz as funcções de regimen directo nem de regimen indirecto (*apoderar-se, partir-se, morrer-se, deliberar-se*)».

Megas, grande. — Elemento grego de composição. *Megatherio*, grande animal. *Almagesto* (*al*, art. arabe), taboas de observações astronomicas, de Ptolomeu.

Melos, canto. — Elemento grego de composição. *Melodrama*, drama com musica. *Melodia*. *Melopéa*.

Menor esforço (lei do). — Principio geral observado na vida da linguagem. O principio do *menor esforço* exprime o facto de que na alteração das linguas o povo as corrompe sempre por meio de diminuição da activi-

dade ou energia de qualquer ordem que a linguagem exige na sua expressão. No dominio dos sons, o *menor esforço* indica que as palavras se alteram pelo enfraquecimento dos sons fortes, pela suppressão e por toda ordem de phenomenos que tornem menos esforçado o trabalho de falar; na syntaxe, o *menor esforço* se nota agindo nas ellipses e na suppressão de palavras, onde podem ser suppridas com economia da voz e sem injuria da idéa.

Mesologia e clima. — Na linguagem a influencia do clima, que tem sido exaggerada, não é bastante nitida, de modo que seja analysada cabalmente. Deve-se admittir um influxo devido á acção de todo o clima, em qualquer parte do globo. Mas que fica apurado, quando se pretende notar as differenciações produzidas pelas variedades elimaterieas? Em que, por exemplo, consiste a influencia do clima tropical? Quaes são os factos, na lingua dos brasileiros, que attestam a influencia d'aquelle factor? Se o *brasileirismo* representasse um estado pathologico da lingua devido ao clima tropical, identico phenomeno devia produzir-se na India, em Ceylão, onde a lingua portugueza foi implantada e differeneiou-se sob a acção de clima identico ou bastante proximo. Ora, o Indoportuguez, de nenhum modo se approxima da linguagem lusoamericana. Os factos que no Brasil se devem attribuir ao

clima, são notados nas variações prosodieas, mórmente no accento provinciano ou *sotaque*. E devem ser attribuidos ao clima, porque são independentes da lingua e da raça, e já foram notados nas linguas que dominaram anteriormente, o guarani (dialecto do sul), o tupi (dialecto do norte). Tudo o mais é problematico e assás contestavel; não porque a acção climaterica seja nulla, mas por não ser claramente apreciavel, e ser mesmo pouco efficaz quando a humanidade attinge um gráo notavel de progresso, isto é, de victoria contra a natureza, de subtracção ás forças materiaes do *meio*. Eis o que, a respeito, ha muitos annos, escrevemos: « Além das *raças e linguas*, convém não esquecer um factor de importancia limitada, designado sob o nome de *meio* ou *condições mesologicas*, entre as quaes a principal é incontestavelmente o *clima*. A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos accidentes e contornos do sólo e das aguas, da alimentação, do *modus vivendi* material dos homens. Entre estas condições avulta o *clima*, por ser a causa mais geral, e que póde explicar a existencia das restantes. Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influencia *mesologica* ou *climaterica* induzindo dos factos a verdade que *os sons se tornam mais agudos á medida que cresce a latitude* ou baixa a temperatura. Assim, os phonemas latinos, italianos e peninsulares em A, tornam-se mais agudos na zona

MESOLOGIA E CLIMA

média, na França, e attingem a maxima acuidade na zona septentrional e mais fria. A progressão pôde ser notada nos exemplos seguintes :

A (sul)	E (francez)	I (inglez)
Cabo	} Chef	Chief (txif)
Capo		
Caput		
Labio	} Lèvre	Lip
Labbro		
Labrum		
Aquila	} Aigle	Eagle (igl')
Aguaia		

« Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* ou *diminuição sonora* dos valores phoneticos, produzida pela acção do clima. Os factos *mesologicos* são os que notificam a variedade physionomica das linguas, e que a umas dão a preferencia por certos sons que em outras escasseiam. O tom chiante do *se* e os diptongos em *ão* caracterizam o portuguez; os sons gutturaes do *ch* dão especial parecer ao allemão, como o sibilo-dental ao inglez, a nasalidade ao francez e o excessivo vocalismo ao italiano. Assim, cada lingua tem sua organização ou indole phonetica e de tal arte ordenada, que se pôde, ao ouvir confusamente um trecho declamado, dizer em que lingua está composto, ainda quando se não percebe uma só palavra ou phrase. A acção *mesologica* é sobretudo profunda no dominio biologico. Não se deve dar exaggerado peso á influencia do *clima* sobre o trabalho mental; mas é

claro que a actividade cerebral e as funções do aparelho vocal dependem immediatamente do estado physiologico dos órgãos que vivem sob a continuada acção do *meio*.» E mais o seguinte: «É o elima um factor incontestavel a que se attribuem varias modificações phoneticas na evolução e expansão geographica das linguas. As condições topographicas attestam a variabilidade da prosodia, dos vicios e dos provincialismos dos idiomas. Mas quasi sempre é difficil discriminar a influencia especial de um factor secundario, quando se trata de productos complexos e de analyse obscura. É um facto, hoje vulgar para a philologia romana, que a acuidade das notas vocaes está em proporção directa com a latitude regional das linguas. Assim é que o *a* das peninsulas meridionaes da Europa, affecta a fórmula *e* no centro do continente, e a fórmula *i* no extremo limite boreal. A progressão do phonema, como se vê, vae do grave para o agudo. A palavra *labbio* do italiano, e *labio* do hespanhol e portuguez apparece sob a fórmula *lèvre* no francez, e na Inglaterra tem a fórmula *lip*. (1) Dest'arte facilmente se verifica a immutabilidade da escala vocal A, E, I, nos radicaes de identica origem: *paz, pace, paix, peace; agro, aigre, eager*, etc. Esta lei não deixa de ter casos de interferencias, e assás curiosos, mas

(1) Do inglez só se entendem os vocabulos de origem romanica.

que aparto d'aqui para tornar mais limpida a conclusão que procuro. Entre as diferenciações que soffreu a lingua portugueza na America, avulta consideravelmente a prosodia brasileira, caracterizada por a predominancia do accento e da emoção sobre a quantidade das syllabas. A quantidade *breve*, tão assignalada na pronuncia reinicola, transformou-se em uma quantidade *semilonga*, que caracteriza a prosodia brasileira. Ha, porém, um facto de cuja explicação tenho cogitado, e não deixam de ser, pelo menos, curiosos os resultados da minha espeeculação. No sul do Brasil nota-se com insistencia innegavel a diphthongação e coalescencia de vogaes successivas: *rio, frio, tio*, que se pronunciam *riú, friu, tiu*, etc. O facto de contracções phoneticas observa-se no sul e nas mais altas latitudes do imperio. Dá-se justamente o contrario no Norte, onde as palavras saem vocalizadas com maior descanço e maior dilatação das syllabas. Estes phenomenos são devidos exclusivamente á influencia portugueza? Creio que não. E ha um meio de verificar o meu asserto, é eliminar o factor que julgo nullo e observar se o phenomeno, assim posto, se produz em sua plenitude. Ora, antes da conquista portugueza, na lingua pura dos indios nota-se já esta differença de contracção phonetica, a uniea que distingue o guarani do tupi. Com effeito, as fórmulas guaranis ou meridionaes são contractas e minimas e dilatam-

se e avolumam sob a força elatora do clima na lingua do norte, ou no tupi. D'este modo é que os vocabulos *tu* ou *tur*, *ti*, *pe*, do guarani, tomam fórmulas mais amplas no falar dos tupis, *tura*, *tib*, *pema*, e *pemba*. Vê-se d'ahi que o factor da contracção prosodica coexistiu com o dominio indigena e ainda continuou com o seu succedaneo, o portuguez. Este factor, coevo dos dous idiomas que successivamente dominaram, não pertencendo a nenhum d'elles, deveslles ser um principio estranho, e é necessariamente o clima.»

Metaplasma ou *metaplasma*. — Alteração do vocabulo por addição, suppressão ou transposição de sons. Vide *Figuras*. Aproveitamos a oportunidade para expender algumas considerações sobre as origens e causas da *apherese*: «As pessoas que estudam a grammatica historica das linguas romanas, é familiar o exemplo curioso da apherese no vocabulo francez *anspessade*, em portuguez *anspeçada*. Esse vocabulo veio do italiano *lancia spezzata* (lança quebrada). Os francezes transcreveram-o sem duvida pela fórmula *lanspessade*; mais tarde, a ignorancia popular, suppondo alli a existencia de um artigo (*l'anspessade*) produziu a quêda do *l* e creou a fórmula, hoje unica, *anspessade*. Causa semelhante aconteceu em nossa lingua, porém com mais inesperada complicação. No sentido da evolução historica, o portuguez conta duas sortes de

METAPLASMA — METATHESE

artigos: *lo*, *la*, e *o*, *a*. Os últimos sobreviveram aos primeiros. Para mim, a melhor explicação da apherese do *o* e *a* iniciais está no facto muito frequente do esquecimento etymologico e seguinte confusão d'aquellas letras com os artigos ainda vigentes. O povo diz não raro: *um ficial de justiça*, por suppôr que o *o* de *official* é um elemento separavel, um artigo. Só por analogo criterio se acha a solução razoavel das perdas amiudadas do *o* e *a* iniciais. Exemplos: *bodega* e *botica*, em vez de *abodega*, *abotica* (latim, *apotheca*); *bitacula*, em vez de *abitacula* (*habitacula*, no latim); e *postema*, em vez de *apostema*. Em relação ao artigo masculino, registremos: a forma *bispo*, talvez *obispo*, como ainda o é no castelhano, do latim *episcopus*; a forma antiga e masculina *cajom*, em vez de *ocajom*, derivada de *ocasionem*; e outras contestavcis, como *relogio*, de *orologio*. A outra face do problema, naturalmente, contempla e especula sobre o caso dos artigos archaizados: *lo*, *la*, etc. O vocabulo *eiva*, em meu conceito, soffreu transformação analoga ás já mencionadas. *Eiva*, ao que me parece, deriva de *labem* (1), e é forma divergente em relação a *laivo*: *eiva* de corrupção, *laivo* de corrupção. A forma antiga deveria ser *leiva*, mas como já existia o homonymo *leiva*, de *gleba*, effectuou-se a desaparição da letra

inicial, que se confundia com o artigo (*l'eiva*). O vocabulo *onça*, com o significado de animal, tambem passou pela mesma injuria. Veio do italiano *lonza* (*lynxem*, lat.) e devendo ser transcripto na forma *lonça*, perdeu o *l* inicial (*l'onça*) por se suppôr erroneamente que era o artigo. » Estas modificações accidentaes do systema phonetico são em numero de seis: 1^a, substituição (transformação, dissimilação, assimilação, transposição); 2^a, adição (prothese, epentese, epitese); 3^a, subtracção (apherese, syncope, apocope); 4^a, fusão; 5^a, abrandamento; 6^a, reforço. A fusão é completa quando ha contracção do vocabulo (*dono*=*dominus*); *incomplete* quando pronunciamos duas vozes livres e simples como se formassem grupo vocalico ou diphthongo (*Deus*). Ainda póde ser *perfeita* (por synalepha, synerese, crase), ou *imperfeita*. Nos poetas é muito commum, e hoje ainda mais que em outros tempos, a formação de diphthongos como em *luar*, *real*, que ás vezes se contam como vozes monosyllabicas.

Metathese.— Figura de dicção ou *metaplasmo* que consiste na transposição de sons do vocabulo: *birlo*, por *bilro*. Nota-se em algumas origens latinas: *parlar*, de *parlare* (*parolare*, *parabolare*); *primciro*, de *primarium*; *queijo*, de *caseum*. A metathese explica-se quasi sempre por euphonia: *choupo* (por *poucho*), de *populum* (*poplum*, *pl=ch*); *copo* (por *póco*), de *poculum*, que

(1) Deve-se admittir o especimen *labiam*, similar a *rabiam*, de *rabien*.

tambem produziu a fórma pú-
caro.

Methodo comparativo.—
Methodo de estudo e investiga-
ção de varias sciencias, maxime
das que se referem ao estudo do
homem. A comparação consiste
em notar as variedades que ex-
istem entre factos similares ou
de origem commum. Foi pela
comparação do grego, allemão,
latim, sanscrito, slavo que se
conseguiu determinar a unidade
fundamental d'essas linguas e
constituir com ellas a familia
indo-européa ou aryana, a mais
importante de todas as familias
de linguas existentes. A *compara-
ção* é um processo de maior
vigor e importancia do que a *his-
toria*, porque essa falha ás vezes,
como se dá com a familia arya-
na, cujas migrações mal são com-
prehendidas á luz da historia.
Os factos modernos têm historia
conhecida e essa basta, v. gr.,
para determinar a unidade latina
fundamental nas linguas roma-
nas, sem o auxilio da *compara-
ção*. No estudo especial das lin-
guas, a comparação com outras
esclarece as etymologias, indica
os processos communs ou tradi-
cionaes que o espirito humano,
e mais especialmente um povo,
uma raça, emprega na sua lin-
guagem, na exposição de seus
pensamentos. A *comparação*, em-
fim, determina frequentemente
a origem dos vocabulos, mos-
trando que cada lingua tem suas
leis phonicas especiaes que a cara-
cterizam. A palavra *piano*, de *pla-
num*, só póde para a llinguistica

ser italiana, ainda que a historia
não dissesse que proviera do ita-
liano. A transformação *pl = pi* é
exclusiva do italiano : *piangere*,
plangere. A fórma portugueza é
chão, porque *pl = ch* em verna-
culo : chorar, *plorare*; cheio, *ple-
num*. A comparação é um me-
thodo fecundo em descobertas,
e quasi todas as etymologias ro-
manas são verificadas, quando
não achiadas, pela comparação.
Cf. o port. *aragem* e o fr. *orage*;
jour, de *diurnus*, com o ital.
giorno, etc. No dominio da *se-
mantica* (estudo da idéa, do sen-
tido dos vocabulos), a compara-
ção dá os mesmos resultados,
como demonstrou Max Müller.
Foi o espirito germanico que na
idade média substituiu *ignis* por
focus, por maior afinidade com
o germanico *feuer*. A palavra
contrée, região, derivou-se de *con-
trata*, palavra barbara que os
germanos crearam, por exemplo,
das que já tinham, *gend* (re-
gião) de *gegen* (contra, defronte).
Pela comparação se vê que ha
certa commuidade de proces-
sos de espirito. Das palavras
longe-perto os chinezes formam o
substantivo *distancia*. Ora, os
aryanos tambem empregam lo-
gica identica ; a palavra *distar*
compõe-se de *stare*, fixação, e *de*,
separação, afastamento. A com-
paração mostra a identidade fun-
damental dos dous productos, o
religioso e o linguistico. O my-
tho primitivo confunde-se com o
fantasma mental, a metaphora.
Cf. *Jannus*, *djanus*, *Diana*, e
dies, *deus*, *seuz*, *theos*, etc.

METRON — MODOS

Metron, medida.—Elemento grego. *Metrologia*, sciencia das medidas. *Diametro*, medida atravez. Os hybridismos são compostos com elementos latinos: *decimetro*, *millimetro*, etc. Não deve confundir-se com o elemento *mêter* (mãe), que se nota em *metropole*, cidade-mãe (ao certo, sédc de arcebisgado).

Mm.— Geminação produzida pela composição de palavras de *m* inicial com prefixo assimilavel, como *in, ob*: *immerecido*, *ommittir*, *commettimento*, etc. Vem do latim.

Modos.— São innumerables as opiniões dos grammaticos sobre a noção de *modos* dos verbos. Do que havemos lido, pareceu-nos mais sensata a classificação de Andres Bello, que, por ser de todo applicavel ao portuguez, vamos aqui expôr summariamente. O schema dos modos é o seguinte:

MODOS	
I	II
<i>Indicativo</i>	<i>Subjunctivo</i>
	a) b)
	<i>Optativo</i> <i>Imperativo</i>

Por ahí se vê que os *modos* principais são dous, e ha, ao todo, entre modos principaes e secundarios, *quatro* modalidades de flexão e de sentido. Eis, em resumo, as idéas do grammatico castelhano: **MODOS** são as flexões do verbo, emquanto provêm ellas da influencia ou regimen de

uma palavra ou phrase a que esteja ou possa estar subordinado (1). 1. *Todas as flexões verbaes* que são regidas por palavra ou phrase dada em circunstancias iguaes ou que só variam quanto ao numero, pessoa e tempo, *pertencem a um mesmo e identico modo*:

Sei que teus interesses prosperam.
Sabia — prosperavam.
Soube — prosperaram.
Sei — hão de prosperar, etc.

Essas fórmãs (que apenas differem quanto ao tempo, numero e pessoa), pertencem ao mesmo modo: *Indicativo*. Com o verbo *prever*: *prevejo* que tu *sairás*; *previ* que *sairias*. São ainda fórmãs do *Indicativo*. (2) 2. Com certos verbos, porém, o verbo regido tem uma flexão especial. Com o verbo *duvidar*: *duvido* que *saiam*; *duvido* que *saissem*. Aqui não se poderá dizer: *duvido* ou *duvidei* que *sae*, que *saiu*, que *sairia*, etc. Essas fórmãs, longe de arbitrarías, são de caracter subordinativo e constituem o *modo subjunctivo geral* ou *commun*, ou são ampliações que continuam a affirmação de *duvida*, *incerteza*, *receio*. (3) 3.

(1) Diz-se *esteja* ou *possa estar*, porque em muitos casos ha phrase ou palavra oculta: *Deus te abençoe!* entende-se *peço* que *Deus*, etc.

(2) Ahí divergem muitissimo os grammaticos, que consideram o *Condicional* como um modo unico.

(3) A affirmação positiva, com certeza, pôde ser ampliada pelo subjunctivo quando ha movimento do animo: *Sinto* que *partas*. Ahí affirma-se a *partida*, mas com o animo movido.

Optativo é o modo cujas fórmulas se expressam pelo subjunctivo commum em *proposições independentes* para exprimir um facto positivo ou negativo: *Praza a Deus que sejas feliz. Não recues do teu proposito.* 4. O *optativo* tem um caso especial de flexão, também especial, sempre positiva, em que o desejo expresso deve ser cumprido pela pessoa de quem se fala: *Anda! Retira-te.* Notae bem. Esse caso especial é o *Modo imperativo*. As fórmulas *imperativas* são apenas da 2ª pessoa; as outras são *optativas*. Por ser sempre positivo, o imperativo não admite negação. (1) D'ahi se deve, em ultima analyse, concluir que não existem *flexões modaes*, isto é, variações proprias para exprimir os *modos* dos verbos. Os *modos* devem, pois, ser classificados quanto ao sentido exclusivamente, ou ao menos considerando-se simultaneamente o sentido e a *fôrma* (flexão).

Mogilalismo. — Vicio prosodico, gaguez na pronuncia do *p* e *b*.

Molhadas. — Dá-se este nome ás letras *lh* e *nh*.

Monosyllabo. — Vocabulo de uma unica syllaba: *véz, flôr, dôr*, etc. Em geral, os monosyllabos são oxytonos (agudos); exceptuam-se, porém, algumas particulas e vozes encliticas, que não

(1) Andres Bello—*Gramm. cast.* 10ª ed. (131—139). O *subjunctivo hypothetico* que o auctor applica ao castelhano, parece não ser admissivel no portuguez.

possuem accentos: *o, a, de, em, me, te, se, nós, vós, lhe, que, si* ou *se*.

Moraes, substantivos, nomes.— Epitheto empregado por alguns grammaticos portuguezes (segundo A. Netto, no *Escolliaste*) para designar qualidades accidentaes no homem: *ministro, imperador*. É muito excesso grammatical!

Morphê, fórmula.— Elemento grego de composição. *Amorpho*, sem fórmula. *Metamorphose*, mudança de fórmula. *Antropomorphico*, de fórmula de homem.

Morphologia. — Definimos: a parte da grammatica em que se analysam os *orgãos* que constituem o vocabulo. Por *orgão* entendemos qualquer parte do vocabulo que exerce função de sentido: o radical e as partes affixas. Assim, dividiremos as palavras conforme os seus orgãos: *pre-ver, homem-s, just-issimo, vae-e-vem*, etc. Cada uma de taes partes conserva o sentido, e é, portanto, orgão. Alguns auctores, porém, vagamente definem a *morphologia*: tratado das *fórmulas*; podendo-se entre estas incluir as exterioridades phoneticas e até a classificação dos vocabulos (*phonologia e taxinomia*). Essa confusão nos parece absurda. Os elementos *phoneticos* não são propriamente *fórmulas*, porque não envolvem cousa alguma interiormente; *fôrma* quer dizer *vestidura* e implicitamente deixa imaginar-se um facto interno a que a *fôrma* se refere. Assim, as syllabas, letras, desordenada-

mente, não representam *fórm*as, ao menos no sentido puro do vocabulo.

Mr, grupo latino resultante da contracção *m'r*.—No portuguez a articulação *mr*, por difficil, acha-se euphonicamente permutada em *br*, *humerum*, *hum'rum*, *hombro*; cf. *camara* e o pleb. *cambra* e *caimbra*; *memorare*, *mem'rare*, lembrar (ant. *nembrar*). O grupo *br* tambem se filia á origem *ml*, *m'l*, v. gr.: *cumulum*, *cum'lum*, *combro*.

Mudas. — Consoantes que não soam de modo algum sem o concurso da vogal: *p*, *b*, *t*, *k*, etc. São tambem chamadas *explosivas* ou *momentaneas*. Vide estas palavras.

Multiplos e multiplicativos.—Tambem chamados *proporcionaes*; são os numeros que indicam a multiplicação da unidade: *duplo*, *triplo*, *centuplo*, *decuplo*. As dezenas e centenas (excep. 10 e 100, decuplo, centuplo) não têm fórmas de multiplicativos. Para 2, ha as fórmas *duplo* e *dobro*. Formam-se tambem analyticamente com a expressão *vezes*: *vinte vezes*, etc. No castelhano ha algumas fórmas aglutinadas com *tanto*, v. gr., *el cuatrotanto do valor* (o quadruplo). São considerados *collectivos definidos* por alguns grammaticos.

Murias, *ados*, dez mil.—Elemento grego. *Myriade*. *Myriapodio*, millepedes.

Muthos, ficção.—Elemento grego. *Mythologia*, tratado dos mythos. *Mytho*.

Mythologia.—São em grande numero os termos de mythologia que se tornaram populares ou serviram de thema de derivações na lingua vulgar. Os antigos nomes dos dias, *martes*, *lunes* (*mardi*, *lundi*, Martis dies, lunæ dies), existiram na lingua, e o portuguez foi o unico dos idiomas latinos que accellou a reforma ecclesiastica na denominação dos dias: quarta-feira, domingo, etc. O francez apenas adoptou a fórma christã *domingo* (*dimanche*), em vez do antigo *dies solis*; os dias restantes ficaram quasi todos com as denominações mythologicas: *lundi*, *mardi*, *mercredi*, *jeudi*, *vendredi* (*luna*, *Martis*, *Mercurii*, *Jovis*, *Veneris dies*) (1). Vejamos algumas das etymologias mais notaveis no dominio da mythologia greco-romana: *Ammoniac*, substancia preparada outr'ora na Lybia, perto do templo de Jupiter *Ammon*. *Aphrodisiaco*, do gr. *Aphroditê*, Venus. *Areopago*, der. do gr. *Arês*, deus Marte. *Atlantico*, do rei *Atlas*. *Bacchanaes*, der. de *Baccho*. Bacchantes, etc. *Boreal*, de *Boreas*, vento norte. *Cypreste*, de *Kuparissos*, pastor. *Hermetico*, hermeticamente; deriv. do grego *Hermês*, Mercurio. *Janeiro*, *Januario*; der. de *Janus*. *Marcial*,

(1) Na denominação dos dias da semana, os francezes conservam os vestigios da influencia religiosa greco-romana (*mardi*, *jeudi*, etc.), judaica (*samedi*, *sabbado*), e christã (*dimanche*, *domingo*, de *dominica*, ou antes, *dies magna*, que melhor corresponde a *dimanche*).

mavorcio, etc., de *Marte Jovial*, de Jove ou Jupiter. *Panico*, derivado de *Pan*. *Vulcão*, deriv. de Vulcano. Deixamos de relatar as formações de exame fácil, cuja etymologia se torna evidente para todos: *saturnal*, de Saturno; *morphina*, de Morpheu; *irisar*, de Iris; *herculeo*, de Hercules; *eolea*, harpa, de Eolo; *artemisia*, de Artemis (Diana); *cereaes*, de Ceres; *fauna*, de Fauno, etc.

N

N.—Letra nasal. Poucas palavras terminam em *n* (joven, regimem, ademan, afan, pollen, numen, hyphen, canon, iman) e fazem o plural com accrescimo de *s*: jovens. *Numen* faz *numes* ou *numens* e *ademan* e *canon* pedem o augmento *es* (canones). Na terminação *an* o *n* vae caindo em desuso e é substituido pelo *til*: *irmã*, *lã*; mas não ha regra nesta materia. Composta com *h* em *nh*, tem som proprio, excepto quando o *h* pertence, em composição, a outra palavra, *anhelar*, *inhibir* (an-elar, inibir); neste caso dever-se-ia supprimir o *h* como se faz em *anemia* (an-hemia). Tambem é letra euphonica nas phrases: amaram-n'o; quem n'o disse—exemplos frequentissimos, maxime na poesia. || Letra latina. O *n* no antigo portuguez varias vezes permudou-se com a liquida *l*: *nembrar* e lembrar; *lomear* e nomear; *strolomia* e astronomia; *lormandos* e normandos; (cf. a fórma port. *laranja* e a cast. *naran-*

ja). Pela escala *nhr*, temos as permutas em *r*: cofre, de coplinum; e nas fórmas francezas: *timbre* (tympanum), *Londres* (Londinum). Transformou-se em *m* em *mastrugo* (nasturtium). A syncope do *n* é um facto capital no portuguez, que, como o basco, pondera Diez, tem antipathia ao *n*: cadêa, *catenam*; boa, *bona*; lua, *lunam*; vaidade, *vanitatem*. *N*, letra portugueza. Resulta dos casos apontados acima; da nasalização da guttural *c* em lontra, pente (*luctra*, *pecten*). Da confusão de liquidas *l* e *m*: nivel, de *libellam*; nespera, de *nepillum*. Em regra, a inicial representa o *n* latino: noite, *noctem*. *N*.—Em relação ao elemento germanico, não ha facto notavel observado. Em relação ao elemento arabe, deve notar-se a persistencia: *anil*, de *an-nîr*; e o facto da dissolução do hiato em *nh*: azenha, *as-saniya* (Engelmann).

Nacionalizadas, naturalizadas. — Dizem-se as palavras tomadas de linguas estrangeiras e admittidas no uso vulgar, como *club*, *rosbife* (roast beef), do inglez; *petipé* (petit-pied), *petimetre* (petit-maitre), *oboé* (haut-bois), do francez; *aguardella*, *adagio*, *tenor*, do italiano, etc., etc. Estas palavras entraram para a lingua common e quasi sempre, como é de regra, adaptam-se ás condições da prosodia vulgar. São exemplos: *paletó*, *boné*, *rocló* (roquelaure), *charcuteria* (chair cuite), etc.

Nasalidade.—*Vozes nasala-*

NASALIDADE — NEGAÇÃO

das. Character dos sons que, em parte, expiram pelo nariz. As graphias nasaes em portuguez são *am, an, ão, ã, em, en, im, in, on, ões, un, un, ãe*. O *til* (˘), signal de nasal, só se usa sobre as letras *a* e *o* em *ões, ãe*. As fórmãs *ão, ãe, õe* chamam-se diphthongos nasaes. O diphthongo nasal *ão* orthographa-se *am* nas flexões paroxytonas dos verbos: *amar-am, amam* (amãrão, amão). Nas desinencias nominaes, *en* emprega-se por *em* nas palavras paroxytonas: *regimen, joven*; excepto nos vocabulos estranhos: *item, idem*. Nas desinencias em *ã* nasal, a orthographia *an* é preferida nos oxytonos: *irman, lan*, etc. A desinencia *on* só é usada por *om* em vocabulos estranhos: *Odeon, Orpheon*, etc.: nos mais casos, com oxytonos, usa-se *om*: *som, bom*, etc.

Nasalização.— Phenomeno observado na historia da lingua em diversas occurrencias: 1. *Nasalização da vogal* por influencia de prolação de som nasal anterior. Tal é a influencia do *m* inicial em: muito (pronunciado *muínto*), mancha (por *macha*, mac'lãm), *mim* (por *mi*, do lat. *mihî*) e *minha* (*mea*), etc. Em *muito*, o *u* sente-se nasal como em *plano* o *a* se resente da nasal da syllaba seguinte. 2. *Nasalização da vogal* por compensação da quæda de guttural, *c=k*. Exemplos: *nem, nec; sim, sic; pente, pectine; lontra, luctra*. 3. *Nasalização* por effeito de permuta do *l*, caso que precisa ser averiguado mais amplamente.

Damos os exemplos: *nível*, de *libellam*, e *mortandade*, de *mortalitatem*. Leia-se o artigo *N*, letra. || A orthographia do som nasal é muito incerta. Nas terminações em que entra a letra *a*, vê-se empregar *m, n*, ou *til*: *pão, irman, irmã, Christocam*. Entretanto, com as terminações de vogal differente, o *til* não é mais empregado: *marfim, som, tom, atum*. Tambem é costume indicar a nasal com accento agudo ou circumflexo em certas fórmãs verbaes do plural onde o *til* caberia melhor: *têm, têm, teem*, em logar de *têem*, mais conforme á pronuncia.

Naus, nau.— Elemento grego de composição. *Nausea*, de *nausia*. Aeronauta (*aér*, ar; *nautês*, navegante). *Naumachia*, combate naval.

Negação.— 1. Processo da linguagem que consiste em destruir a affirmação expressa pelo verbo. Muitas vezes a negação fica implicita no proprio vocabulo, quando este contém um elemento negativo *in, non, sem, des, a*, grego: *in-finito, nem-um, sem-razão, an-emia (haina, sangue)*, *des-fazer, i-gnorar*. Na *minha Gramm.* (Curso superior) escrevi bastante sobre este assumpto e não cabe aqui repetir o que lá se acha, mas aconselho que se leiam as considerações que ahí fiz sobre as palavras negativas. No caso geral, a negação apresenta-se na phrase por qualquer modalidade, e em regra por meio do averbio *não*. Este, de todos os adverbios, é o unico necessario e indispensavel. Sabe-se

NEGAÇÃO

que todos elles, sejam de tempo modo ou qualidade, podem ser substituidos por locuções ou outras voltas do discurso. O adverbio *não*, porém, é indispensavel. Elle *não* ama a preguiça. Póde-se-lhe dar a fórma positiva appa-
rente: Elle *desama* a preguiça. Mas o sentido é forçado e de todo differente, porque o que se nega é o amor, o que a ultima phrase não traduz e põe o principal interesse onde não estava, no objecto—*preguiça*. Antes da disciplina classica, alguns escriptores formavam ás vezes a negação com o participio presente por meio de *sem*: «Fugiram todos, *sem* curando de levar cousa alguma.» F. Lopes—*Chron.*, 290. Em João de Barros depara-se o uso opposto, isto é, emprega *não* em logar onde é costume hoje empregar *sem*: «Tanto que parti, os que alli leixou foram-se trás elle *nam* que os visse». *Dec.* III, I, 8. || 2. O uso de *nunca jámais*, que por vezes se tem taxado de incorrecto, tem a seu favor as melhores auctoridades da lingua: «*Nunca jámais* naquelles claustrós se experimentou nem senti ar contaminado.» Fr. Luis de Souza—*Hist. de S. Dom.* I, 59. «O' candissima formosura da Fé! Vem e entra no meu eoração e nelle estabelece teu assento immovel, para que nunca jámais te desampare.» M. Bernardes—*Par. dos Cont.*, 58. Tambem se diz *jámais nunca*, como o disse, entre outros, Camões nas suas *Rimas*:

Lembre-vos minha tristeza
Que *jámais nunca* me deixa.

|| 3. A NEGAÇÃO póde ser expressa por palavras ou por phrases de sentido positivo e affirmativo. O determinativo *algun* exerce especialmente esta funcção quando posposto: *Ho-mem algum* poderia dizel-o. || 4. A NEGAÇÃO DUPLA póde ser francamente usada no portuguez, sem amphibologia nem erro: «*Não* praticou obra *nenhuma*.» «*Não* digas *nada*.» As eonstrucções preferiveis no estylo ale-vantado eram, por mais alatinadas: «*Não* praticou obra *alguma*.» «*Nada* digas.» «*Não* digas *cousa alguma*.» Este factó é característico da degeneração do latim medievo, pois no latim classico a *negação dupla* equivalia a affirmação. || 5. Com os verbos *recear*, *temer*, muitas vezes o sentido latente representa a affirmação, quando a phrase denuncia o contrario. Eis o modo de interpretar as seguintes phrases, cujo emprego por vezes illude aos proprios escriptores: «*Receio* que elle venha = Desejo que elle não venha.» «*Receio* que não venhas = Desejo que venhas.» É muito para notar um *não* que se encontra nos classicos, mas que, por não exercer funcção alguma, mais parece servir apenas para—no dizer do Visconde de Castilho—arredondar a phrase (*receio que não me estejas mentindo*). Cp. lat.—*timeo* (ut) *ne veniat, ut non veniat*, e por fim—*quod non veniat*. || 6. NEGAÇÃO EMPHÁTICA. — Em todas as linguas romanas foram aggregadas á negativa principal palavras accessorias, que servem

NEGAÇÃO

para dar mais vigor e animo á negação. No francez os accessorios usuaes são *pas* e *point*, de intensidades diferentes (1), e *rien*, que tem valor affirmativo em varias locuções. Em portuguez, o accessorio de maior importancia é indubitavelmente o vocabulo *nada*, sobre cuja etymologia escrevemos, ha tempos, o seguinte: «A palavra *nada* deriva do adjectivo latino *natus*, e significa literalmente: *cousa nascida*, *rem natam*. Esta etymologia é já hoje um facto adquirido e consignado em nossas melhores grammaticas (2). O que simplesmente aqui pretendo, é dar o testemunho historico d'essa etymologia, apparentemente estranha e extravagante. Era costume, no antigo romance, encarecer a negação por meio do circumloquio: *omen nado* (homen nascido). Exemplos: *nehum omen nado* o fez... Nem o dixe *omen nado*. (C. da Vat.) Os francezes e trovadores provençaes diziam: *homme nez*. E até no castelhano antigo occorre a fórma *nada*, desacompanhada, no *Poema de Alejandro*: «Non es *nado* que la pueda terminar» (3) — não ha homem... Não obstante, é sómente no francez an-

tigo que se colhem os especimens completos do *rem natam* (*rien née*). Aqui tenho um exemplo de Burgny: *L'avoit plus aimé que rien née*. Tinha-a mais amado que a *cousa nascida* ou creatura. Por ahi se descobre facilmente que a negação reforçada não differe cabalmente do circumloquio portuguez. O que, de tudo, porém, é mais notavel é que da locução primitiva *rem natam* só o primeiro elemento se obliterou no portuguez, ao passo que a obliteração do segundo se effectuou na lingua franceza: *Rem natam*, *fr. rien*; *port. nada*. Infelizmente não se deu o que era possível, a existencia das duas fórmas em qualquer das linguas romanas, actualmente vivas. || 7. A negativa *senão* póde ser expressa por *que*, quando a phrase anterior já é negativa. Eis o que diz Silva Tullio: «Ha quem tenha escrupulo de empregar nas phrases negativas com restricção, o conjunctivo *que* em vez de *senão*, porque alguem escreveu que era gallicismo. Esta asserção, porém, não é exacta. A substituição do *que* por *senão*, nas phrases em que o segundo membro restringe a negação do primeiro, tomaram acaso os nossos classicos do italiano, e não do francez, porque naquelle idioma é frequente semelhante construcção. Basta um exemplo: «Non aveva l'oste *che* una *cameretta*, assai *piccola*» (Boccacio, *Giornata* 7, n.º 9). O mesmo os hespanhoes: «No puede producir otro efecto *que* risa ou fastidio.» (Quintana,

(1) A fórma *pas* encerra uma affirmativa latente, o que não se dá com *point*. Ex.: *N'est-tu pas mon ami?* (eu sei que és meu amigo) é affirmativa. *N'est-tu point mon ami?* (serás tu meu amigo?) é negativa ou dubitativa.

(2) Já se encontra na excellente Gramm. de Julião Ribeiro. Segunda edição.

(3) *Repert. Amer.* III.



Musa ep. pag. 39). Agora aduziremos alguns exemplos de auctores classicos portuguezes: «Dizem que não têm (as pyramides do Egypto) nada de grande que a vaidade de seus inventores.» (Bluteau, *Prosas*, t. 1, pag. 54). — «A lei de Deus, que vós professaes, e promettestes no baptismo guardar, não é outra cousa que lei de santos, pois é conservar a graça santificante por meio da observancia inteira dos seus preceitos.» (Bernardes, *Florestas*, tomo II. pag. 56). — «Para mim não quero outro pregador que o snr. Anselmo.» (Martim Afonso de Miranda, *Tempo de Agora*, t. II, dial. 3). — «Todo o Decalogo bem considerado, não é outra cousa que a lei natural.» (Bluteau, *Prosas*, t. I). — «As vossas cousas não têm outro mal, para os leitores mordaces, que serem verdadeiras.» (Garcia d'Orta, *Coll.*, pag. 20). — «Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, não quer dizer outra cousa que bons christãos.» — (Bernardes, *Florestas*, t. II, pag. 578). || 8. Apparentemente os prefixos negativos não exprimem negação e parece exprimirem reforço muitas vezes. Assim, *desinquieta* equivale a *inquieta*; *encontrado* equivale a *desencontrado*; *desfeiar*, a tornar feio; e com igual sentido, *desgastar*, *descairar*, *desnudar*, *desbotar* = gastar, variar, por nú e bôto. *Descantar* = cantar. Explicae-se o facto pela presença do prefixo *dis*, que é diferente de *de* e *des*, não tendo sido essa diferença respeitada pela orthogra-

phia e quiçá pela prosodia. Em regra dever-se-ia escrever: *disinquieta*, *disgostar*, *disfeiar*, com o prefixo *dis*, que exprime diffusão, plenitude; dever-se-ia escrever com *des*: *desfazer*, *desmerecer*, etc. Não tem, pois, razão Candido de Figueiredo repellindo a fórma *desinquieta* que apenas está eom a errada orthographia *des* por *dis*; muito menos a tem Heraclito Graça, que confunde *de*, *des* e *dis*, os quaes têm sentido e etymologias diferentes nas linguas romanas.

Negativa. — Diz-se a proposição que contém a negação expressa, não no verbo, mas por modificativos (adverbios ou outras palavras e locuções). Proposição positiva: Pedro ignora. Proposição *negativa*: Pedro *não sabe*. Estas duas proposições, ainda que equivalentes no sentido, differem na affirmação quanto á fórma. A segunda é negativa por causa do adverbio *não*.

Negativo. — Prefixo que annulla o sentido do radical. São prefixos negativos os latinos *des*, *de*, *in* e o grego *a*, *an*. Exemplos: *desfazer*, *desesperar*, *inutil*, *incivil*, *inquieta*; *a-catholico*, *a-theu* (sem Deus).

Negro, elemento. — Sob a denominação de *Elemento negro* designamos toda a especie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influencia das linguas africanas faladas pelos escravos introduzidos no Brasil. Essas alterações não são tão superficiaes como affirmam alguns

NEGRO

estudiosos; ao contrario, são bastante profundas, não só no que diz respeito ao vocabulario, mas até ao systema grammatical do idioma. A bibliographia do assumpto é pouco abundante, se exceptuarmos no Brasil raros trabalhos do eminente philologo Macedo Soares. (1) Reproduzimos o que escrevemos na 1.^a e 2.^a edição d'este livro na esperança de que esses apontamentos despertem a curiosidade ou a attenção dos eruditos e dos entendidos no assumpto. Valôr maior não podem ter e nem se devem ter a conta de estudos regulares nestas mal estudadas duestões. || Comquanto fossem riversas as linguas dos negros que vieram para o Brasil, por falta de documentos especiaes, frataremos da influencia, aliás extensissima, do *ambundo*, lingua de Angola e Congo, seguindo os esclarecimentos fornecidos por Cannecatim (*Vocab.*), Ivens, Padre Dias (*Gramm.*), Bentley e poucos outros. Não convém insistir sobre o que se refere especialmente ao lexico africano no Brasil. É cousa sabida que são innumerables os termos d'aquella origem: *candongas*, *camondongo*, *matungo*, *mataco*, *ma-*

lungo, *matame*, *quilo*, *quibungo*, *mucunzá*, *mucama*, *gíló*, *quibébe*, *mandinga*, *fula*, *abalá*, *aberem*, *calunga*, *afurá*, *acassá*, *carajé*, *carurú*, *vatapá*, *cacumbá*, *calundú*, *ganzá*, *batuque*, *candomblé*, *cucumbi*, *molambo*, *quingombó*, *birimbau*, *marimba*, *cabungo*, *aluá*, *candango*, (= Portuguez), *bambú*, *caçula*, *mabaça*, *bóbó*, *fandango* (espada velha, não inteira, reduzida a facão), *cafanga* (feitoço), *munzud*, *mocambo* (pifio, sem valor), *tatamba*, *quengo* (concha para sopa), *kéké*, *quequé*, *binga* (cornimboque para tabaco), *cangalhé* (objecto velho, ferramenta imprestavel), *quitandé* (feijão macassa debulhado), *bangué*, *chebé* (toucinho baixo, ruim, orelha e beico de porco salgado ou moqueado), *bozô* (especie de jogo com uma bola, usado nos botequins), *zumbi*, *zambi*, *mocotó*, *tarimba*, *gambá*.

(1) Alguns d'estes vocabulos são locaes e na maioria geraes, conhecidos em todo o Brasil, no elemento popular. O systema grammatical do grupo *bantú*, complicado no que respeita ás divergencias dialectaes, é todavia fundamentalmente simples. Comprehende-se porque em uma dada região relativamente pequena — as divergencias sejam tão sensiveis: os povos barbaros, sem tendencias de unificação, sem relações de sympathya interregional, antes inimigos uns dos outros, acceleram cada vez mais a differenciação entre suas

(1) Na *Rev. Bras.*, IV. Seria para desejar que um homem illustrado como o Sr. Dr. Neves Leão, que fala perfeitamente a lingua *yorubba* (*nagó*), publicasse alguns estudos sobre a influencia das linguas africanas no Brasil. Recientemente, occupa-se de estudos anthropologicos da raça negra no Brasil o erudito Dr. Nina Rodrigues.

(1) Innumerables, fornecidos por Valle Cabral — *Folk Lore* (inedito).

linguas. Essa causa é profunda e se acha em actividade por toda a parte. Sirva de exemplo o dialecto bogotano, que pela sua litteratura tem-se avantajado na integração propria dos povos hispano-americanos. A quem quer que se occupe d'esses estudos, do africanismo, entre os seus factos grammaticaes occorre o da assimilação ou *sympathia phonica*, que vamos desde já analysar. O *ambundo* tem um systema de particulas ou antes de elementos pronominaes (1) que constituem propriamente o seu apparelho de relação. Apon-temos: I, ri, ca, qui, a, gi, etc. Esses elementos são, segundo as circumstancias, artigos, particulas, relativos, demonstrativos, e fazem o liame de quasi todas as agglutinações: especies de órgãos de multiplas funcções, que denotam o estadio inferior do organismo de que fazem parte. As mencionadas particulas têm entre outras funcções: a) A funcção do possessivo, sobretudo com *i* ou *qui*: *tataiame*, *tata-quiame*, meu pae. D'ahi talvez, na linguagem dos africanos no Brasil, a tendencia analytica: *a roça de eu*, etc. b) A funcção de relativo. c) A funcção de artigo (*ri*=variante dialectal *ji*), prefixado como o *al* arabe. Ex.: *Riala* (*iala*=homem). Este uso é manifesto entre as linguas agglu-

—

(1) O processo é tão natural, que existe na familia aryana — onde são as particulas que em geral representam elementos demonstrativos e pronominaes.

tinantes. No Bourbon, no francez creoulo, diz-se *une lacase* (uma casa). O artigo *la* ficou apposto inconscientemente ao nome. A mesma cousa fazemos quando redundantemente applicamos o artigo vernaculo á maioria dos termos arabes: *a alehimia*, o *assucar*, etc. Em portuguez, *loba* é o francez *l'aube*. O proprio francez tem exemplos d'essa apposição. (Vide Brachet). Mas é devido a essa funcção do artigo ambundo que as palavras portuguezas foram transcriptas sob diversas fórmãs: *jifunête*, *alfinete*; *jiguia*, *agulha*; *jialagéma*, *algemas*; *cuarmazen*, *armazem*; *jichimbu*, *chumbo* (1). O inverso deu-se no brasileiro. A palavra *dinheiro* entre os negros do Brasil toma indifferentemente as fórmãs *bungo* e *jibungo*. Cumpre notar que esse proprio *ji*—é uma caracteristica de plural (2) —isto é — não perdendo a sua categoria de demonstrativo. d) As outras funcções de que se investem os elementos em consideração, não deixaram em nossa lingua vestigios perceptíveis, nem talvez nunca influíram, attentas as differenças de estrutura das duas linguas. Os diminutivos formam-se com o pref.

—

(1) Todos esses vocab. se encontram no Dic. de Cauneecatim

(2) Faço esta observação, porque nas velhas grammaticas, escriptas sob o ponto de vista do latim, ha sempre confusão de expoente flexional, que não existe nas linguas de amalgama, com os elem. analyticos pronominaes.

NEGRO

ca (ca-féle √ guafila). Assim : *candeba*, de *Ca-Ndeba* (cabellino). Arvorezinha, *caquisassa* (ca-qu'isassa). (1). D'esse genero de aglutinação, temos alguns exemplos no dialecto brasileiro, nos diminutivos. *Cacunda*, não de *macunda*, pl. de *ri-cunda*, mas sem duvida do proprio diminutivo *ca-cunda*; nessa como nas demais linguas, o diminutivo tem o valor pejorativo. E assim succede com o augmentativo. *Camondongo*. — Rato pequeno. Evidentemente contém *ndheng* = pequeno, e o affixo tambem diminutivo *ca*. (Ivens: Rato pequeno, *mon-dongo*). *Candongas*. — No sentido de cousa pequena : palavra de agrado ás crianças : *minhas candongas*. Vide a analyse antecedente (ca-ndhenghé, criança pequena). *Caxinguelé* ou *caxingulê*. — Exemplo notavel. Elemento central : *jingulo* (ngulo-porco) com o prefixo *ca* diminutivo. É uma especie de esquilo. A desviação do accentto é communissima. *Cassula*. — Usado como composto em Angola. Ivens traz *ca-zulo*. Quanto á composição, salvo erro, encontramos os dous elementos *ca-sula* (*iazula*, ou *quizula*, nú). O filho mais novo, ainda pequeno. *Calombo*. — É o exemplo de maior importancia, se se operou, como supponmos, uma hybridação de vocabulos. Designa tu-

(1) *Quisassa*, *isassa*. A raiz deve ser necessariamente *iza*, indicando crescimento, do que encontramos comprovação no verbo *cuisala*, crescer, desenvolver-se.

mores pequenos de sangue pelo corpo. Talvez, como é termo do Brasil, os negros appozessem a *lombo* o seu prefixo diminutivo. (1). O processo do augmentativo é com o prefixo *qui*: *Quitullu*, peitos grandes. É interessante a observação que faz o padre Dias sobre a tendencia pejorativa manifestada pela avigoração do *i* em *e* no elemento *qui-que*. D'essa nuança, todavia, nenhum exemplo nos resta, que saibamos. *Quissamba*, transf. em *cassamba*, não é diminutivo, pelo contrario. A fórma *samba* (*rissamba*) significa *caneca* ou *balde*, a que se appôz o prefixo augmentativo. O termo *caçamba* tambem designa uma especie de estribos grandes e em fórma de sapatos. De formação analogica. O exemplo precedente, comquanto unico, é todavia caracteristico. Outro factto, e de valor bem definido, em relação á semantica — é especialmente o do esquecimento do *numero*. Nessa determinação encontro algumas observações do

(1) Essa intrusão de elementos de gráo não é excepcional; nós já apresentamos nos *Est. Phil.* o suff. germ. *ock* (Marocas, Joca, Juca), e mesmo os patronymicos Martins (Martin-ez), suffixos gothicos; este ultimo mencionado por Diez (*Gram. rom. Spr.*) Os negros admittiram, em sua lingua, um grande numero de vocabulos lusos, e applicaram-lhes os seus processos grammaticaes; assim, elles conjugam os verbos: *Cúçotála*, *cucendela*, que não são mais que os verbos portuguezes: *açoitar*, *accender*. Podiam, pois, dizer : *calombo*.

illustre brasileiro M. Soares. (1) *Ma*, como *jin* (txim), são duas características do plural ambundo; existem as variantes *mu*, *bin*, *bi* e algumas vezes *ban*. (Cp. *bantu*, *ban-attu*, pessoas.) Mas, e essa observação é interessante, Cappello e Ivens supõem que *ma*, *mu* se applicam de preferencia ás pessoas. Nos vocabulos de introdução africana podemos verificar essa influencia (2). *Moganga*.—Especie de abóbora. De *mu* + *canca*, *ricanca*, *mucanca*, campo. Os conguezes dizem: *tsassa quiú mucanca* (arvore dos campos). *Mu* é característica do plural. *Mugangas* (tregeitos).—Contém o expoente *ma* e o subst. *nguanga* ou *uangas* (feitiços). Os feiteiros acompanham suas praticas de gesticulações, attitudcs e movimentos physionomicos. No N. existe ainda o derivado *moganguento*. *Matame*.—A etymologia é um tanto obscura. (3) — *Matame* exprime enfeites abertos a ilhozes nas saias, figurando ornatos. Bem póde ser *mubamma* ou *mubamba* (borboleta). Esse modo de expressão é usual e ainda chamamos *percevejo* (insecto), *boas-noites* (flôr), a diversas rendas fabricadas no

Brasil. *Milonga*, plural ambundo de *mulonga* (palavrada).—Usado entre os negros. Foi observado e colhido por Macedo Soares. (1) *Mataco*, plural de *ri-tacataca* (pl. ma-taca-taca). Nadegas. Colhido por Macedo Soares.—Usase tambem sem a fórmula reduplicativa *ri-taco ma-taco* (Ivens, II, in-fine). A fórmula reduplicativa para exprimir a repetição ou duplicidade de cousas, sons, etc., é muito frequente. Temos ainda nesse sentido o onomatopaico *karakaxá, kérékéxé*, analogos aos productos aryanos *tilintar, murmurio, cascata, pipilo*, etc. *Mucama*.—Deriv. de *macamba*, plural de *camba* (ricamba), companheiro. Temos tambem *macamba*.—Colhido por Macedo Soares.—A palavra tambem está introduzida no Rio da Prata, sob a fórmula *mucamba*. Ha outro aspecto do estudo e quiçá de maior valor intrinseco, — por isso que se relaciona ao processo lexico de derivação; a lingua *ambunda* tem substantivos verbaes— que se formam do verbo puro com o affixo *mu* e com as variações correlativas das terminações. Assim, do verbo *longa* (*cu-longa*, ensinar), formam o substantivo derivado *mu-longui* (ensinador, mestre). Esse processo derivativo deixou *vestigios* no dialecto brasileiro. 1º *MATUNGO* ou *mutungo*: cavallo de poucos andares, vagaroso (Rio de Janeiro). A fórmula *matungo* é derivada do verbo *cutunco* (parar), a que, applicado o systema de derivações nominaes,

(1) *Rev. Bras.*, 1880—IV (2º trimestre).

(2) Na reacção do portuguez sobre o *ambundo* encontram-se vestigios do mesmo plural: *malaranja* (laranjas).

(3) Macedo Soares propõe (*Rev. Br.* 1880, IV) que talvez seja enfeito, no reino de Matamba, da rainha Giuga. — A conjectura é fraca.

(2) *Rev. Bras. ibid.*, pag. 265.

NEGRO

viria o resultado *mu-tungue*, cousa que pára ou que não anda, parador. 2º **MUQUECA**. — No angolense (ambundo) encontra-se o verbo *canca* (*cu-canca*, frigr). Segundo o systema supramencionado, teriamos o producto nominal *mu-canca* ou *mu-quêque* (1). De outra parte não encontramos explicação que satisfaça mais cabalmente a essas questões. Eis ahi o que sobre vestígios grammaticaes do angolense observamos no dialecto brasileiro. **OBSERVAÇÕES**: 1ª **CA** -- diminutivo. O Nbundo possui tambem o que chamam *rato de palmeiras*: *ʼchim nʼjanghelé*. Em todo o caso é evidente a affixação do *ca* diminutivo. 2ª **Jin**, artigo. Acrescentemos ainda a palavra **JEMBÉ** (Minas): guisado de hervas, etc. É o nbundo *bembé* (*ji-bembe*, beldroegas) conservado com o artigo. — Essa mesma palavra passou com o prefixo *qui* (no Norte) em *quibembe*, assimilado em *quibêbe*, por analogia da palavra *bêbê*. 3ª **Ma**, elemento pluralizador. *Malungo*. — Companheiro de escravidão: da mesma laia ou ordem social. Poder-se-á suppôr um composto de *ma* (característico numerico) *enʼgongo* (gemo?) «Não sou seu *malungo*» isto é «não nasci com V., não sou de sua laia», etc. É

(1) *Muqueque* é o producto mais natural. A nasal, como bem observa Grimm, figura em todas as liaguas como cartilagem e elemento movel no systema osteologico e assim desaparece com facilidade: *fractus*, *frango*; *tactus*, *tango*.

usado no Sul e Norte. (1) É de notar-se igualmente a reacção que o portuguez exerceu a seu turno sobre a lingua africana. Essa reacção affecta a propria grammatica com a adopção de certos connectivos e preposições. A preposição *para* tornou-se *pala*, e diz-se no *ambundo*: *Za-gaia pala* *cu-chóca* o *ji-ngombe* (Aguilhada *para* ferir os bois). No Brasil a herva *Maria Gomes*, Mãe João Gomes, se diz em alguns logares, na Bahia: *lingua de vacca*. Ora, as palavras *Gomes*, *João Gomes* são evidentemente a traducção falsa de *ji-ngombe* (*vacca*), e a expressão no *ambundo* deve ser *kiki-ji-ngombe* (herva de *vacca*), ou outra analoga que explique as fórmulas *Maria Gomes* e *João Gomes*, etc., (2). Exemplos de vocabulos portuguezes que entraram no africano: acudir, *cucudila*; abençoar, *cubenzela*; acontecer, *cusucedêla*; acontecimento, *casu*; accender, *cucendêla* (conj.); açoutar, *çugotala*; assucar, *suquiri*; admirar, *cupasmala* (conj.). Fôrma o reflex. sempre com pref. **A**: agosto, *begi riá* agosto (mez de—); agulha, *gúúá—jigúia*; id. —pequena, *cagúia* ou *guia cafeli*; aia, *amassêca* (ama secca); alegrar, *cuduvertila*; alfinete,

(1) Macedo Soares assimila ao nome gentilico *Malungo*. — É uma conjectura de occasião, ao que parece.

(2) A prova irrefutavel de que a expressão *Gomes* é uma fórmula de *ngombe*, vê-se no especimen notado em Minas e Rio: *Mariangombe*, para designar a mencionada herva.

funête, jifunête; algemas, *giagagem*; algibeira, *jibela*; alho, *jaio*; almoçar, *colummolz* ala (conj.); altercar, *cutemala* (teimar); primeiro, *pilimêlo*; antes, *mupilimelu* ou *qui apilumelu* (primeiro); armazem, *cuarmazem*. Esses exemplos são apenas da letra A e acham-se no *Dicc. da lingua Bunda*, de Fr. *Cannecatim*. E ha multissimos outros exemplos. O padre Holman Bentley (1) aponta varias palavras portuguezas adoptadas pelos negros do Congo, taes: *lolongi* (relogio), *vedulu* (velludo), *ekolado* (coral), *mansaya* (saías), *nsampatu* (sapato), *bandela* (bandeira), *mbari* (embaixador), etc. Sumariamente é que indicamos os factos, para que os estudiosos averigüem, rectifiquem e desenvolvam o assumpto. || Na phonologia de alguns dialectos africanos nota-se a confusão frequente das dentaes; explica-se isto pelo costume em algumas tribus, de extrahirem (homens e mulheres) os dentes inferiores e limar os de cima profundamente, o que altera a pronuncia. Facto identico dá-se com os sons labiaes entre os botócudos da America, que deformavam os labios (2). O facto capital que é o caracteristico de todas as linguas do grupo bantú, é o que se

chama *concordancia alliterativa*. Os negros no Brasil, quando falam o portuguez, repetem por alliteração a *particula prefixa* inicial em todo o corpo da phrase: *Z'ere z'mandou z'dizê*, elle mandou dizer. Este facto é uma reminiscencia da grammatica geral das linguas do *bantú*: a concordancia por alliteração. Não sabemos que exista vestigio d'essa syntaxe na linguagem do Brasil, a não ser na *meia lingua* de africanos que estropiam o portuguez. Na lingua do Congo ella é normal, como attesta Bentley: *O matadi mama mampenbe mampenbe i mau mama twamwene ezono*. As pedras estas brancas grandes são as que vimos hontem. Por esse exemplo vê-se que o prefixo *ma*, que apparece no substantivo (*ma-tadi*, pedra) vem obrigadamente nos adjectivos, verbos e pronomes que ao substantivo se referem (*ma-ma, ma-mpembe*, etc.) (1)

Nekros, morto. — Elemento grego de composição. *Necrologia*, discurso sobre os mortos. *Necrose*, gangrena do osso. *Nigromante*, *necropole*, etc.

Neo-grammaticos. — A escola de Bopp e de Curtius foi nos ultimos tempos revolucionada por um grupo de philologos allemães conhecidos por *Junggrammatiker*. A contenda entre ambos os campos não está resolvida, mas não ha duvida que a nova escola tem ganhado bastantes

(1) No seu importante livro—*Dictionary and Grammar of the Kongo Language*, London, 1887. (Na parte do glossario inglez-port. —*clock, velvet*, etc).

(2) Vide Sayce — *Principles of comp. philology*, pag. 200.

(1) Holm. Bentley — *Grammar*, 527.

NEO-GRAMMATICOS — NEOLOGISMO

adeptos em toda a parte. Os principios proclamados pelos neogrammaticos não são aliás muito originaes e já tinham excitado muito a attenção dos antigos philologos. Eis o que aquelles proclamam : 1.º — As leis phoneticas são immutaveis e inflexiveis. 2.º — As excepções todas são explicaveis pela analogia. 3.º — A theoria da agglutinação primitiva dos idiomas é absurda. 4.º — O sanskritto não póde ser considerado lingua typica, em virtude das alterações do seu systema de vogaes. Em resumo, o principal ponto em que se dividem as escolas, consiste na consideração do elemento psychico que a nova escola dá como factor de grande preponderancia. D'ahi a necessidade de completar o antigo estudo da acção physiologica pelo estudo dos factores espirituaes, que influem decisivamente na linguagem. Como consequencia inevitavel do systema, ver-se-á que, em vez de preocuparmo-nos com a lingua aryana primitiva, devemos exercer e applicar os methodos da sciencia sobre os monumentos que existem, actuaes, onde é facil verificar-se e observar-se a dupla evolução material e espirital das linguas. A theoria nova começou em suas origens pelos estudos de Scherer, em 1860, adoptados e vulgarizados por Leskien, de Leipzig, e logo depois sustentados por estrenuos campeões, como Paulo Rank, Osthoff e Brugman. Um dos maiores abusos da antiga escola, criticam os neogrammaticos, foi o ardor exces-

sivo com que igualaram o desenvolvimento das linguas ao movimento organico, biologico, e tambem a estulta pretensão de resolver problemas complexissimos e formar generalizações pelo simples exame das linguas *mortas*, incapazes de fornecer testemunhos que podessem ser verificados em flagrante. Assim, os estudos fecundos que podem esclarecer os problemas da linguistica, devem-se exercer sobre as linguas actuaes, e ahi a observação demonstra que o progresso ou decadencia das linguas gyra sobre duas ordens de factos: A) — *Variações phoneticas*. B) — *Variações analogicas*. São duas forças coexistentes, coevas, uma representando a acção physiologica e a outra a acção psychologica; a primeira dissolvente, e a segunda restauradora da lingua. Fóra d'estes dous termos não ha theoria satisfactoria que constitua a synthese ou a philosophia da linguagem.

Neo-latino. — Expressão hybrida que tem sido preferida por *novilatino*. Linguas *novo-latinas* ou melhor *novilatinas* são as linguas romanas medievas ou os romances. V. *Romanas*. A expressão *novilatino* é mais conforme ao processo dos compostos antigos, como *noviunio*, *plenilunio*. A verdade, porém, é que não havia em latim *novilunium*, e por outra parte, a palavra *neo*, já tem o valor de prefixo: *neo-slavo*, *neorusso*, *neo-catholico*, etc.

Neologismo. — Chama-se *neologismo* qualquer vocabulo



NEOLOGISMO

novo creado, ou tomado de linguas estrangeiras. Dos *neologismos* tratamos em varios pontos d'este livro nos artigos *anglicismos*, *italianismos*, etc., e individualmente dos termos formados do grego, que constituem a nomenclatura artistica. O *neologismo* por derivação é uma faculdade de dom fecundo de todas as linguas cultas, mas os escriptores não devem abusar d'esse thesouro, pois denunciar nimia pobreza de vocabulario. São condemnaveis, pois, *neologismos* como este: «*beneficia-se* o actor X; um homem bem *posicionado*; *veneracionar*, *compromissar*» e outros quejandos, que não são raros na misera literatura dos máos rabicadores de periodicos.

DERIVAÇÃO DE NEOLOGISMOS. — Processo pelo qual se tiram palavras de outras já existentes. Ha dous modos essenciaes de derivação: 1^o *Derivação impropria*, é a que consiste na simples deslocação de categorias grammaticaes. Um adjectivo, v. gr., passa a ser substantivo: *alva*, de *albus* (*album*); *tarde*, derivado de *tardus*. Taes são: o *pobre*, o *justo*, o *tenente*, o *doente*. 2^o *Derivação propria*, é a que consiste na formação de vocabulos novos mediante suffixos aggregados á terminação: de *avaro* (*avarus*), *avareza* (*avaritiam*). Ambos os processos são proprios do latim, d'onde se passaram ás linguas romanas. Da *derivação propria* trataremos individualmente no estudo dos *suffixos*. Escusado seria, pois, repetir o que lá se ha de achar no logar proprio.

Aqui falaremos da *derivação impropria* na qual convém designar as categorias e as suas desviações. a) Toda palavra de qualquer categoria póde ser usada como substantivo: o *sim*, o *não*, o *porque*, o *conhece-te a ti mesmo*, o *formoso*, o 127, etc. b) Em geral, os infinitivos prestam-se á desviação para a classe de substantivos: o *querer*, o *morrer*, o *amar*. D'essa propriedade resultam as fórmas substantivas já adoptadas no uso commum: os *dizeres*, os *viveres*, *affazeres* (gall., melhor *que-fazeres*), o *ser*, os *seres*, o *bem estar*, o *bem viver*, o *mal estar*, os *haveres*, os *teres*, etc., e os proprios infinitivos sem artigo e usados como sujeitos. c) Dos verbos, as fórmas do indicativo presente na 1^a e 3^a pessoa são as que fornecem derivações improprias mais abundantes: *choro*, de *chorar*; *castigo*, de *castigar*; *chama*, de *chamar*; *rogo*, de *rogar*; *liga*, de *ligar*; *adorno*, de *adornar*; *duvida*, de *duvidar*; *equivoco*, de *equivocar*; *pega*, de *pegar*; *paga*, de *pagar*; *compra*, de *comprar*; *venda*, de *vender* (devia ser *vende*, por analogia, *venda*); *solta* (de *gado*), de *soltar*; *córte*, de *cutar*; *blasphemia*, de *blasphemar*; *rasgo*, de *rasgar*; o *fico* (1), de *ficar*; *achega*, de *chegar*; a *procura*, de *procurar*; *mando*, de *mandar*; *limpa*, de *limpar*; *secca*, de *secar*. É de notar que algumas

(1) Subst. vulgar no Brasil e que representa um dito de D. Pedro I: «Como é para o bem geral e felicidade da nação, diga ao povo que *fico*».

NEOLOGISMO — NEUTRO

d'essas fórmãs só tem verbos originarios no latim: tenda, de *tendere*; capa, de *capere*; cerne, de *cernere*. A fórmula *abra*, que se poderia tirar de *abrir*, parece indicar o celtico (Cf. *havre*), ou, segundo Souza, o arabe (*âbrah*). Nestas fórmãs nominaes derivadas de verbo, é de notar que frequentemente, quando polysyllabas, são esdruxulas: *réplica*, *equivoco*, *dúvida*, *témpera*; mas não é regra geral. *d*) Das fórmãs verbæes são derivações esporadicãs raras as que foram tomadas de tempos diferentes do presente do indicativo. Ex.: os *provarús* (futuro de *provar*). *e*) Uma das fontes mais fecundas de derivação impropria são as fórmãs participiaes de qualquer tempo. O presente: *tenente*, *lente* (de *lêr*), *doente* (doer), *sargento* (servientem), *committente*, etc. Passado: *o passado*, *o traslado*, *o facto*, *o feito*, *o escripto*, *a escripta*, *a queimada*, *a aguada*, etc. Futuro: *futuro* (*v/fu*), *porvir*, *escoadouro*, *bebedouro*. *f*) Ha exemplos de desviação de fórmãs verbæes tomadas de outras linguas estranhas:—*alleluia*, louvae a Deus; *amen*, assim seja; o *fieri* (latim), usado na linguagem philosophica (transformação), *o fiat*, *o rendez-vous*, etc. São estes os actos capitaes que se referem á derivação por desvio da classificação dos vocabulos. A derivação muitissimas vezes data da época latina; assim, a palavra *justiça* não é etymologicamente derivada de *justo*, pois que no latim existiam duas fórmãs: *justus* e *justitia*. Em rigor etymologico, muitos dos vocabulos ditos deri-

vados não o foram, ao menos na lingua portugueza. É consideração que se não deve olvidar. Quanto á facultade de formar palavras novas, é difficil dizer até que limite se deve conceder ainda mesmo ao escriptor essa regalia. São tantos os excessos abusivos que já se têm commetido na materia que o melhor será em todo o caso antes recorrer ao archaismo ou ao termo obsoleto ou ao circumloquio do que á criação de termos talvez inuteis ou mal derivados. O Dr. Castro Lopes inventou grande numero de vocabulos que correm, em certa maneira, no Rio de Janeiro: nasoculos (*pince-nez*), cardapio (*menu*), convescote (*pic-nic*), ancenubio (*nuance*), etc.; vê-se que em quasi todos os seus neologismos havia a intenção de evitar o gallicismo ou a expressão estrangeira; mas foram tambem quasi todos mal formados e fundados em abstrusas etymologias, contra todas as regras da derivação.

Neo-phonema. — Expressão que se deve adoptar para designar um som novo adquirido com o progredir das linguas, como o *u* francez, o *lh*, *nh*, românico. É termo tão necessario como *neologismo* (novo vocabulo).

Neos, novo.—Elemento grego de composição. *Neologismo*, palavra nova. *Neophyto* (literalmente: recém-nascido). Ha muitos hybridismos com esse elemento: *neo-liberal*.

Neutro. — O genero neutro existiu no latim e desapareceu



nas linguas romanas, tomando duas direcções principais: a) Confundiu-se com o masculino: *regnum*, reino; *tempus*, tempo. b) Confundiu-se com o feminino, quando passou ás linguas romanas na forma de plural: *folia*, pl. de *folium*, folha; *mirabilia*, pl. de *mirabilis*, adj., maravilha. São vestígios do neutro *al*, de *aliud*. Ex.: não digas *al*. Na idade média havia-se perdido a intuição dos neutros, como observam todos os que estudam o baixo-latim. Todavia vocabulos ha que restam como representantes d'essa antiga distincção. Ex.: *tudo*, *isto*, *aquillo*, *isso*, *ello*, (lat.): *totum*, *istud*, *hoc*, *illud*, *ipsum*, *illud*. *Ello* é uma forma ainda existente na expressão: *morra por ello*. Uma observação faz-se á primeira vista de que todos esses vocabulos soffreram na vogal tónica uma alteração: *isto*—este, masc.; *aquillo*—aquelle, masc.; *tudo*—todo, masc. É evidente que houve intenção de differenciar os vocabulos por meio de uma alteração phonética, medial, por isso que as terminações eram surdas. Havia e ha ainda o uso literario de certos neutros latinos: *quid*, *quod*, *idem*, etc. Esses vocabulos permanecem como vozes estranhas á lingua e de ordinario, no discurso, vão gtyphados. Convencionalmente se consideram neutras as formas *o que*, e os infinitivos substantivados: *o querer*, *o ler*, etc.

Nexo.—Vide *Connectivo*. A palavra *nexo* applica-se tambem ao verbo *ser*, que é a copula entre o

sujeito e o attributo (predicado): *Deus é omnipotente*. Diz-se que é representa o nexu ou liame que exprime a conveniencia do predicado *omnipotente* no sujeito *Deus*.

Nh, grupo vernaculo. — Resulta do grupo *gn* latino: linho, *lignum*. Tambem provém da geminação *nn*: penha, *pinnam*. É uma das soluções do hiato depois de *n*: banho, *balneum*; liuha, *lineam*; aranha, *araneam*.

Nm, grupo econtracto do latim *n'm*.—Resolve-se em *lour*: alma, *an'mam*, *animam*. Almalia, *almalia*, *alimaria*, *animalia*.

Nn, geminação conservada do latim: anno, *annum*. Resolvida ás vczes em *nh*: grunhir, *grunnire*; canhamo, *cannabis*; penha, *pinnam* (ou talvez de radical celtico *pen*).

Nome.—Expressão que entre os grammaticos representa conjuntamente as duas categorias de vocabulos: *substantivos* e *adjectivos*. A palavra *nome* deriva do latim *nomem*, por *gnomem*, da raiz *gná*, conhecer (*nobilis*, *ignobilis*, *ignarus*; *noscere*, *gnoscere*, *cognoscere*, etc.). Vide *Substantivos*, *Communs*, etc.

Nomenclatura.—Em grammatica synonymo de *classificação* ou *taxinomia*. Parte da grammatica, na qual se examina a classificação das palavras.

Nominativo.—Caso da declinação latina e que representa o sujeito. O *nominativo* é chamado *caso recto* em relação aos demais, que são denominados

NOMINATIVO — NR

casos obliquos. No portuguez os vestigios do nominativo não são raros e quasi foi, em regra, o caso etymologico dos nomes proprios: Appolo, Cupido, Cicero, Varro, Dido, Carthago, Nero, Jupiter, Venus, etc. (cf. o francez que tirou do accusativo: *Néron, Cupidon, Dilon*, etc.) As vezes no portuguez apparecem fórmãs obliquas, como *Cicerão, Varrão* (fórmãs quinhentistas), *Maro* e *Marão, Nasão, Marte, Jove* (t. poetico), etc. Os nomes proprios que apparecem nos textos barbaros, do nominativo em *us*, frequentemente perdem o *s* final: *Alphonsu, Ramiru, Egidiu, Gundisalbu*, etc. Ainda, notam-se vestigios evidentes do nominativo nas fórmãs duplas dos imparisyllabos: serpe, *serpens* (serpente); leo, *leo* (leão); tredo, *traditor* (traidor). E outros que já assignálamos no artigo *Divergentes* (fórmãs). Tambem devem ser notados os vestigios do nominativo na declinação dos pronomes pessoaes: eu, de *ego*; tu, de *tu*; elle, ella, de *ille, illo*; e assim *nós, vós*, dos respectivos nominativos latinos. *Deus* é nominativo.

Nomos, lei, modelo. — Elemento grego. *Astronomia*, leis dos astros. *Autonomo*, que se rege por si. *Economia*, lei domestica (*oikos*, casa). Ao radical *nomos* se refere *nomisma*, de *nomizein*, reger-se pela lei; d'ahi *numismatica* (sc. das moedas).

Nostos, volta. — Elemento grego existente em *nostalgia* (*algos*, dôr), saudade.

Notações lexicas. — Denominação consagrada pelo grammã official do Ensino para designar os signaes que modificam os sons das letras. Propriamente devem ser chamados taes signaes *notações prosodicas*, pois não se referem aos vocabulos, mas apenas aos sons que não têm representação exacta pelos symbolos do alphabeto. São *notações prosodicas*: o *accento agudo*, que indica o som aberto das vogaes, *sá, pé, pó, café*. O *accento circumflexo*, que indica o som médio: *mercê, dôr*. Nem sempre é usado na escripta. O som fechado, grave e mudo não tem *accento graphico*. *Cedilha* é o *accento* que indica o valor brando do *e*: *viço*. O valor brando do *r* não se indica por *accento graphico*. O *apostropho* serve para indicar a suppressão de letra na palavra: *esp'rança, d'este, 'neste*. O *til* serve para indicar o som nasal de *a, o*, em alguns casos: *manhã, corações, cão*. O *til* é tambem uma notação de abreviatura nos manuscritos: $\tilde{=}$ que.

Notações syntacticas. — Expressão, ao meu vêr insufficiente, para designar os signaes ou notações *orthographicas* da pontuação. Esses signaes alguma relação têm com a syntaxe; servem principalmente á escripta, á figuração material dos pensamentos, expressos de modo adequado á leitura.

Nr, grupo latino. — Em portuguez persiste umas vezes, e outras transforma-se. Genro, ten-



ro e terno, honra e ant. *hondra*, *pindra* (pignora), etc.

Ns, grupo latino. — De ordinario no portuguez perde a nasalidade pela queda do *n*: *mesa*, *mensam*; custar, *constare*; *esposo*, *sponsum*; ilha, *insulam*; mister, *min'sterium*.

Numeraes. — Classe de adjectivos que exprimem numero certo: *um*, *dous*, *vinte*. Dividem-se ordinariamente em *cardinaes* e *ordinaes*. *Cardinaes* são os que exprimem o numero em absoluto: *doze*, *treze*. *Ordinaes* são os que exprimem o numero relativamente á ordem das cousas: *duodecimo*, *vigesimo*. Os nomes de numero tambem contêm um grupo de verdadeiros substantivos, são os *multiplicativos* (Vide esta palavra): *triplo*, *decuplo*. Alguns dos nomes de numeros são, conforme o emprego, adjectivos ou substantivos: *cento* e *dez* homens; *cento* de laranjas. *Cento*, *milhão* são substantivos. Os antigos escreviam: *passam de cento* ou *passam de cem* indifferentemente. Hoje a forma *cem* é mais usada quando simples, e *cento* na composição com outros numeros (excepto mil e milhão: *cem mil*). Como já notámos no artigo *adjectivos*, os *ordinaes* pertencem á categoria de idéas muito differentes da dos *cardinaes*. *Ordinaes*. — As fracções exprimem-se por ordinaes: $\frac{4}{100}$ quatro *centesimos*; 0,2, diz-se *dous decimos*; em vez, porém, de *segundo*, diz-se *meio*, e em vez de *terceiro*, diz-se *terço*. Tambem de 10 em diante a fracção pôde exprimir-se com o suffixo *avo*, tirado de *oitavo*: *quin-*

zavos $\frac{1}{15}$; $\frac{2}{100}$ *dous centavos*. Os *ordinaes* determinam a ordem dos reis, seculos, etc., e podem ser acima da dezena substituidos por *cardeaes*: seculo XIII, *decimo-terceiro* ou *treze*. Luiz XIV, *quatorze*. Pôde ser empregado o artigo: *o seculo nono*; *o nono seculo*. Affonso o terceiro ou o terceiro Affonso. Na syntaxe dos ordinaes a concordancia do substantivo é obrigatoria quando antecede os numeros: os *regimentos* 3º e 5º; é arbitraria quando succede aos numeros: o 8º e 5º *regimento*. *Cardinaes*. — Todos os *cardinaes* são invariaveis, excepto 1, 2, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, que têm fórmulas femininas: *uma*, *duas*, *duzentas*, etc. Ha algumas fórmulas que são equivalentes de numeraes: *ambos* (os dous); e *conto* (milhão), só para designar um milhão de réis. *Conto*, em outro tempo, a tudo se applicava antes de introduzido pelo francez o vocabulo *milhão*, os collectivos *duzia* (12), *groza* (12×12), *caderno* (4 folhas), etc. Na enunciação dos numeros compostos usa-se a conjunção entre todas as ordens de unidades: *vinte e sete*; *cento e trinta*; *mil e quinhentos*. Os substantivos *mil*, *milhão*, *cento*, rejeitam a conjunção; por isso diz-se *quatro mil*, *quatro centos*; *oitenta milhões*, sem conjunção. NOTAS. São muitas as palavras que pela etymologia designavam numero e já o não designam; arroba (*ar-rub*), a quarta parte do quintal; *corja* (na India, vinte); *dizimo* (a decima parte), di-



NUMERAES — OBJECTO DE VERBO

zimar; *sezões* (febre *sezã*, quartã etc.); *quaresma* (*quadragesima*). *Etymologia*. — Os numeraes vieram dos correspondentes latinos: *mille*, mil; *centum*, cento; *viginti*, vinte; *unus*, um; *duo*, dous, etc. *Onze*, de *undecim*; *doze*, de *duodecim*, etc. Formaram-se na lingua analogicamente *dez-a-seis*, dez e seis; *dez-a-sete*, dez e sete, *dez'oito*, *dez-a-nove*. *Milhão* é um derivado augmentativo de *mil*. Com a adopção do systema metrico generalizaram-se os radicaes gregos de numero: *kilo* (1000), *myria* (10.000), *hecto* (100), *deca* (10). Outros identicos já se deparavam na linguagem scientifica: *dodeca*, *pente*, etc.

Numero. — Propriedade que têm os nomes de exprimir a unidade e pluralidade dos seres. Tornou-se extensiva a verbos, adjectivos e pronomes. A caracteristica numerica do plural é *s*, *casa-s*, *facci-s*. Nas linguas aryanas, exprime-se as mais vezes por meio de *flexão*. Vide *Plural*.

O

O. — Tem varios valores prosodicos: o, ó, ô, õ quando nasal. Designam-se ás vezes com accento os valores, mas só nas ultimas syllabas: *avó*, *avô*, *flór* — mas escrevem-se *doce*, *dito* (e não *dôce*, *dító*). A mudança de valôr prosodico é quasi regra, no plural e no feminino: formôso, formóso, formôsa, formósa. Mas ha muitas excepções: *tôdo*, *tôda*, *tôdos*; *espôso*, *espôsa*, *espôsos*; e assim, *desgosto*, *moço*, *gordo*, *tosco*, *sol-*

do, *potro*, *molho*, *garoto*, *rolo*, *coxo*, *balo*, *cachorro*, *gosto*, *sorco*, *mocho*, *lobo*, *lodo*. || Ha hesitação na escripta do diphthongo *au* ou *ao*, que só é usado no fim: páo ou pau. O mesmo se observa a respeito de *eu*, *eo*, e *io*, *iu* (meo, meu; vio, viu). É mais razoavel a orthographia *au*, *eu*, *iu*, porque é a que se emprega exclusivamente nas syllabas iniciaes e medias. || Letra latina. — Longa ou breve, persiste: *forum*, foro; *quômodo*, como. Sendo longa, ha exemplos de ensurdecimento para *u*: *october*, outubro; *testimônia*, testemunha. Para *a*: *lagosta*, de *locustam*. — Letra portugueza. — Deriva de o, caso geral: voz, de *vocem*. De u longo: copa, de *cūpam*; de ã tonico breve: fome, de *fames*, ha casos varissimos.

Oa, hiato. — De ordinario resulta de syncope: *loar*, de *laudare*; *doar*, de *donare*; *atoa*, de *tona*; *boa*, de *bona*.

Ob, por causa de. — Prefixo latino que se assimila frequentemente: *obturação*, *ocasião*, *offender*, *ommittir*, *oppôr*.

Objectivo, complemento. — Corresponde ao *objecto directo* no systema da *Analyse* de Mason, que é o que adoptamos. Vide *Proposições*.

Objecto. — É o complemento dos verbos de predicção incompleta (verbo *transitivo*). Vide *Proposições*.

Objecto de verbo ou *regimen*. — É a palavra, phrase ou clausula representante do obje-

cto da acção enunciada pelo verbo na voz activa: palavra que se acha em relação objectiva para com o verbo. É *directo* quando exprime o objecto *passivo* ou o *factitivo*, isto é, o objecto que sofre a acção expressa pelo verbo ou o resultado da acção. *Indirecto* quando exprime o que não é objecto ou resultado immediato da acção do verbo, mas o que por esta é indirectamente modificado. Por outras palavras,— exprime pessoa ou cousa em virtude da qual se faz a acção (*dae-lhe a carta*), e é representado pelos pronomes obliquos (*me, te, se, etc.*). (P. Jun.) Póde o objecto directo excepcionalmente ter a preposição *a* (quando é nome proprio ou equivalente) e a preposição *de* expletiva de certos verbos: pegar *de*, começar *de*, travar *de*, etc.; puxar *da* espada, puxar *pele* espada; gozar *saúde*, gozar *de* saúde; usar remedios, usar *de* remedios; esperar *alguem*, esperar *por* *alguem*; dignou-se escrever, dignou-se *de* escrever. O emprego da preposição *a* com os verbos proprios ou equivalentes de proprios é indispensavel na ordem invertida, para maior clareza do discurso: « *Aos antiqos* amaram muitos dos modernos. »

Obliquo. — Chamam-se *obliquos* todos os casos de declinação, excepto o nominativo, que é chamado *caso recto*. No portuguez, a expressão applica-se aos pronomes pessoas ou ao reflexo *se*, que têm declinação: *Me, te, lhes, se, o, etc.*, são casos obliquos.

Obsoleto. — Diz-se do vocabulo antiquado, inteiramente fóra do uso; é synonymo de *archaico* (Vide *Archaismos*). « Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo colligiu um grande numero de palavras, que já no seu tempo se ignoravam. Francisco José Freire tambem nos deixou uma lista de palavras antiquadas no seu tempo. Na historia das metamorphoses da linguagem portugueza duas circumstancias curiosas se observam, quando se compara o falar de um seculo com a linguagem seguida em outro: 1.^a muitas palavras antiquadas em um seculo revivem noutro; 2.^a muitas palavras deixam de ser usadas só num ou mais de seus sentidos primitivos, ou adquirem significações novas. Assim, *albergar, algures, aquecer, aturar, atroar, confortar, desempenhar, fallar* e outras, dadas como antiquadas por Duarte Nunes Leão, estão ainda hoje em uso. *Bondade* significou *acto de coragem, grande feito*; hoje só indica *suavidade de genio, natural inclinação ao bem, humanidade, cortezia, favor*. *For-te* significava *mau*; hoje só se emprega no sentido de *rigoroso*, tanto no physico como no moral. *Perceber* é antiquado no sentido de *avisar*. E como estes muitos outros vocabulos. « Mas não he muito de maravilhar (diz Fernão de Oliveira) que as vozes envelheção e as velhas alguma ora pareção mal porque tambem enuelhecem os homens cujas vozes ellas são...; e muy poncas são as cousas que

OBSOLETO — ONOMATOPEIA

durão por todas ou muitas idades em hum estado: quanto mais as falas que se conformão com os conceitos ou entenderes, juyso e tratos dos homens: e esses homens entendem: julgão: e tratão por diuersas vias emuytas: as vezes segundo quer a necessidade: e as vezes segundo pedem as inclinações naturaes».

Odê, canto.—Elemento grego. *Comédia*, canto comico. *Parodia*, contra-canto. *Palinodia* (*palin*, de novo), retractação. *Tragedia*. *Rhapsodia*. *Prosodia*, etc.

Odos, caminho.—Elemento grego. *Ex-odo* (*exô*, fóra), saída. *Methodo*. *Odometro*. *Episodio* (intervenção).

Œ, diphthongo latino.—Sempre transcripto pela vogal equivalente—*e*: *cœnam*, ceia.

Oe e *oi*.—Diphthongo. Provém da dissolução do grupo *et*: oito, noite, de *octo*, *noctem*; ou representa a flexão de fórmulas verbaes: sóe, dóe, *solet*, *dolet*. No fim das palavras sempre se escreve *oe*: *môe*, *herôe*.

Oikos, casa.—Elemento grego. *Economia*, leis domesticas. *Diocese*, *Parochia* (perto, casa).

Onoma, nome.—Elemento grego. *Pseudonymo*, falso nome. *Synonymo*. *Patronymico*, etc.

Onomatopéa.—Do grego *ónoma*, nome; *poiô*, eu faço. Fatura de nomes; primitivamente havia entre os gregos a supposição de que os nomes fossem formados por imitação dos ruidos da natureza. As *onomatopéas*,

porém, são formações muito restrictas; existem, todavia, em todas as linguas como processo de derivação ou de criação de vocabulos. No latim, Ennio creou a onomatopéa *taratantara* (para designar o som das trombetas); e é muito conhecida a onomatopéa grega de Aristophanes para designar o coaxar das rãs: *Brekekekez koaz koaz*. No allemão, as onomatopéas são frequentissimas. No francez ha um grande numero de exemplos. Em portuguez muitos vocabulos foram formados onomatopaicamente: *tim-tim*, *tilintar*, *cicciar*, *cacarejar*, *tatibitati*, *gago*, *gaguejar*. *fru-fru* (francez), *pipilar*, *tintinabular*. Vide *Allitteração*. No problema da origem da linguagem, é natural que tenha importancia, ainda que não exaggerada, a onomatopéa como base de muitas das creações do lexico. Como as noções geraes, muitas d'ellas foram adoptadas por varias linguas por emprestimo: *zig-zag* (germanico), *tic-tac*, *brou-haha*, *cucu*, *cuco*, *cri-cri*, *bomba*, *bombarda*, *ruggeruge*, *frufru*. A onomatopéa como figura de rhetorica póde existir apenas no agrupamento ou na escolha de dicções cujas articulações sejam proprias para representar materialmente a idéa. Tal é o verso de Virgilio: *Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum*. Max Müller foi dos philologos modernos o que mais vivamente combateu a theoria das onomatopéas como sufficiente para a explicação da formação das linguas. O pro-

cesso de imitação é muito restricto e acha-se apenas averiguado nos nomes que designam ruidos e vozes animaes; fóra d'esse dominio, tudo é duvidoso e incerto. A reduplicação é um dos processos geraes da onomatopéa no portuguez, e esse recurso era mais assiduamente aproveitado na lingua antiga. Damos os exemplos: *trisque-troques*, *trapezape*, *traz-zás*, *traz-zás-catapruz*, *trocás-baldrucas*, *ruge-ruge*, *zum zum* — ou *zão zão*, *muxoxo*, *ruroxo*, *troche-moche*, *lufa-lufa*. Alguns especimens são archaicos, como talvez a expressão: *sem chuz nem buz* (Eluc. 1,217) e ha outros vivos: *sem tugir nem mugir*. O processo é geral e muitas vezes provém de linguas estranhas, como *zig-zag* (germanico). As vozes imitativas de gritos naturaes muitas vezes se apresentam com a reduplicação: *regougar*, diz-se da raposa; *cacarejar*, da gallinha; *pipiar*, das aves, etc. Muitas vezes o phenomeno da *duplicação* (sem onomatopéa ou para evital-a) resolve-se em uma fórmula contracta, como se vê em termos antigos e modernos: *idolatra*, por *idololatra*; *senoga* (Eluc.), por *synagoga*; *moganga*, por *mogiganga*; *monomio*, por *mononomio*, etc. || Onomatopeas etymologicas, de uso commum e me-nos imitativas, são: murmurio, ribombo, retumbar, trovão, gargalhada, gargarejo, roncar, roer, berrar, urrar, silvo, gorgeio, ba-que, zunir, rasgar, sussurro, as-sovio; brado, trom, trombeta, truz, traque, espocar, trocar,

evitar, brocar, ciciar, chuchar, chimpár, pinchar, chuchurrear, chingar, *xexéo* (ave), jangada, bambo, bambolear, zabumba, beberricar, escorripichar, escarrar, ulular, etc. São vozes onomatopaicas.

Oo, geminação da lingua antiga, contrahida hoje nas fórmás *ô*, ou *ó*: *doo*, *dó*.

Ops, *ôpos*, vista. *Catoptrica* (contra, vêr). *Myope*, fechada vista. *Synopse*, *autopsia*, *optica*, etc.

Optativo.—Modo dos verbos constituídos pelas fórmás do subjunctivo presente (1^a e 3^a pessoas) que substituem o *imperativo*. Vide *Modos*.

Oração.—Synonymo de *proposição*.

Orama, visão. Elemento grego. *Cosmorama*, vistas do mundo. *Diorama* (vista dupla). *Panorama*, etc.

Ordem. — Disposição que conservam as palavras no curso. A *ordem directa* consiste na disposição analytica pura, vindo primeiramente o sujeito, depois o verbo e suas ampliações. A *ordem inversa* ou *transposta* consiste na collocação diversa da observada na *ordem directa*. Ex. da *ordem directa*:

Porém já cinco sões eram passados.
Camões, *Lus*.

Ex. da *ordem inversa*:

As armas e os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana

ORDEM — ORTHOGRAPHIA

Por mares nunca d'antes navegados
Passaram.....
.....
Cantando espalharei por toda parte.
Camões, *Ibid.*

A *ordem inversa* é a mais natural na linguagem do sentimento, por isso são *inversas* as construcções poeticas, exclamativas, etc. A *transposição* na ordem inversa tem limites assignalados na syntaxe; os complementos, v. gr., sempre succedem ás preposições que os regem: Casa de *Pedro*. Ha palavras que têm ordem fixa, como o adjectivo *mero*, que hoje sempre se antepõe: *mero* soldado. Ha outras que variam de sentido com a transposição: *certo* homem e homem *certo*. Muito do que diz respeito a *Ordem* no discurso, prende-se ao estylo do escriptor ou ao genero de composição. A ordem directa é mais clara, sem embargo de ser menos expressiva. Os defeitos da ordem inversa são em geral os que tornam o sentido ambiguo. São exemplos d'essa escureza: «Os Portuguezes conhecem a India pelo menos tanto como os inglezes». «Falleceu em viagem o irmão do almirante Paulo da Gama». «Em França foram prohibidos os *Mysterios do Povo* por Eugenio Sue.» «Hyperides imitou Demosthenes em tudo que elle tem de bello.» São exemplos do *Escoliaste*. Vide *Ambiguidade*, *Amphibologia*.

Ordinaes.—Vide *Numeracs.*

Oros, montanha.—Elemento grego. — *Orographia*, descripção

de montanhas. *Oréades*, divindades das montanhas.

Orthoepia. — Synonymo de *prosodia*. Parte da grammatica em que se estudam as regras da verdadeira pronuncia.

Orthographia.—Parte pratica da grammatica, na qual se estuda o modo de representar as palavras e phrases por meio dos signaes da escripta. A *orthographia* chama-se *etymologica* quando representa as palavras de accôrdo com a figuração escripta das suas origens; chama-se *phonetica*, *sonica* ou *prosodica*, quando representa os sons de accôrdo simplesmente com a pronuncia actual. O methodo *mixto* procura harmonizar os dous systemas *etymologico* e *phonetico*. || Sobre certas modificações desejaveis da orthographia: usual, propuz ha tempos que se examinassem os seguintes pontos: 1. A mesma variação *s=z*, principalmente nas terminações, *ez*, *izar*, *ezar*; *illezo*, *illeso*; *rezar*, *resar*; *accezo*, *acceso*; portuguez, portuguez, etc., *pesar*, *fineza*, *finesa*; *visar* e *vizar*; *dezoito* e *dezoito*; *ruborizar*, etc. A orthographia preferivel é a do *z*. 2. O uso de letras dobradas (etymologicas) que é em geral adoptado, porém, por muitos repellido nas palavras que começam por *a* e se formaram na lingua: *aceítar*, *acompanhar*, *afazer-se*, *aproximar-se*, etc. Este ultimo uso é preferivel e d'elle póde partir a reforma das letras geminadas de toda a casta. 3. A orthographia *dever-se-á*, *amar-te-á*, pre-

ferível a *dever-se-lu*, *amar-te-hei*, porque ninguém ousaria escrever *deverhú*, etc. 4. As variações *ao* e *au*, *eu* e *eo*, *io* e *iu*: morreu e morreo, ceu e ceo, eha-peu e chapeo, viu e vio, grau e grao, mao e mau. Como já ha accôrdo em adoptar o *u* nas syllabas iniciaes e médias (*causa* e não *caosa*; *celeuma* e não *celeoma*, etc.) é preferível generalizalo para todos os casos. 5. O uso do *h* ou do acento graphico para indicar o hiato: *sahiu* ou *saía*; *cahindo* ou *caindo*; *bahia* ou *baía*; porque não só ninguém usa o *h* nos grupos *oi* e *ui* (*sohia*, *dohia*, *fruhia*) como mesmo no grupo *ai* o acento já está muito adoptado, é preferível o acento graphico. 6. As variações *am* e *ão* na terminação breve dos verbos: amavam ou amavão, amaram ou amarão. 7. As letras dobradas *tt* ou *dd* são antipathicas á indole da lingua, e por isso originam variações: *camarotte*, *piparotte* (assim escrevia Duarte N. do Lião) e *addiar* ou *adiar*, *Eddas*, ou *Edas*, *Addhail* ou *Adail*... A letra simples, como sempre, é preferível. 8. O *th* grego deveria desaparecer de todas as palavras; já felizmente desapareceu de algumas: cantaro (e não mais cantharo), asma (e não mais *asthma*, e no seu derivado, *enthusiasmo*), tísica (*thísica* e *plitísica*). Todavia ainda ha quem escreva *th* em *systema* e *cathegoria*, o que no proprio grego não ha, e escreva á moda franceza e errada *Theresa* em vez de *Teresa*. 9. O *ch* grego (= *k*) deveria igualmente, quanto fosse possi-

vel, ser banido. Já o foi nas palavras seguintes: *colera*, *carta*, *colica*, *época*, *melancolia*, *escola*, *corda*, *coro*, *eco*, *ecoar*, *caractêr*, *anacoretta*, *almanac*. É verdade que de vez em quando algum etymologista o recorda escrevendo *cholera*, *epocha*, etc. Note-se que ainda no grego a palavra *colera* não contém o *ch*, mas *k*. No grupo *chi* poderíamos como os hespanhóes substituil-o por *qu* e escrever: *monarquia*, *química*, e de facto já o fazemos em varios casos: *maquina* (e não *maehina*), *Joaquim*, *Malaquias* (em vez de *Joachim*, *Malachias*, nomes hebraicos, mas tradnzidos no grego dos Livros sagrados). Ainda neste easo haveria a vantagem de escrevermos *quilo* com mais acerto do que *kilo*, que em grego não contém o *k*. 10. O *ph* deveria igualmente ser banido por inutil em proveito do *f*, o que em varios momentos da historia da lingua já se tem tentado. Já podemos consideralo banido das palavras: *estrofe*, *triumfo*, *catastrofe*, *fleuma*, *fleimão*, *fanal*, *frenesi*, *Felipe*, *Felinto*, *faisão*, *profeta*, *escrofula*, *fantasia*, *Sofia*. Em algumas palavras ainda ha hesitação: *diphthongo* (influxo da Acad. franceza) ou *dítongo*; *filarmónica* ou *phil'harmonica*. 11. O *y* é outro signal inutil. Já não é usado em *lagrîma*, *chímica*, *rîma* (rythmo); poderia, pois, desaparecer. Tambem deveria ser supprimido das palavras indigenas onde o *y* foi empregado para designar um som especial que não sabemos nem costumamos pronunciar: *Itaguahy*, etc. 12. Os



ORTHOGRAPHIA

grupos *ps*, *pt* deveriam perder o *p* nas palavras gregas e mesmo latinas onde já não são : baptismo, baptizar; Ptolomeu, psalmo, escultura, septembro, captivo, exempto. É claro que deve ser conservado onde a pronuncia ainda o exige: raptó, septo, psychologia, etc. Outros pontos mereceriam ainda mais detido exame. || Sobre assumpto identico manifestou-se o douto escriptor José Verissimo, e a *Academia Brasileira* pareceu, em certo momento, mostrar interesse pela reforma da orthographia. || O professor Hemeterio dos Santos, em interessante conferencia realizada no *Pedagogium* em Agosto de 1902, propoz as seguintes modificações que aqui transcrevemos: «Começemos pelo *h*, a mais inutil das letras, sobre a qual disse Quintiliano: *Parcissime erant veteres usi in vocalibus, cum odos irosque dicebant*. Desde os mais remotos tempos, encontra-se nos escriptores e nas inscripções a ausencia do *h* inicial: *arusper, ereiscunda, eredes, ostia*, por *harusper, herciscunda, heredes, hostia*. O *h* já havia tambem desaparecido das palavras: *Anser*, éris, o ganso; no portuguez antigo encontra-se—*filiarum una ansar ante sa filia*, citado no O ANTIGO VERNACULO, do Dr. Silvio de Almeida; *ira*, a colera; *onus, onéris*, o fardo, o encargo, o onus. Sobre a quêda do *h* commum nas inscripções publicas e nos auctores, Cícero gracejava, dizendo: *Oneratus magis quam honoratus*. *Omnes, arvina, ave*, etc. *Omnis* é uma dupla de *homo*.

Avè, interjeição, cedo perdeu o *h* que foi abusiva e punicamente restabelecido por Quintiliano. Como se vê, quer etymologicamente, quer sonicamente, podiamos eliminar o *h* inicial. Apesar de já o termos feito em *ora* (conjunção), em *agora*, não aconselho esta medida, por serem ainda intensos os protestos que suscitou a «*Umanidade*» do *Centro Positivista* (corporação aliás digna do nosso respeito e acatamento), comquanto teulia bem de memoria que os latinos já escreviam sem *h*, *âmêrus, úmîdus*, que teimamos em escrever *humerus, húmidus*, com *h*, bem como a palavra *hombro*, derivada d'aquella, *hombrear e hobreira*, em portuguez. O *h* medial, porém, deve desaparecer por completo, desde que não fórme letra na combinação *nh* e *lh*: É cousa que não póde repugnar aos *etymologistas*; o latim eliminava-o em tal caso. Assim, do verbo *habeo* faz o composto *diribeo, debeo* que usaes no curso de escripturação mercantil, *prabeo*, etc. O adjectivo *debilis* está por *de habilis*, e *aborrecer*, que já escrevemos sem *h*, é um composto de *horreo*. No futuro e condicional com pronome intercalado, ninguem mais escreve *h*, e sim falar-te-ei, dever-se-ia, sem o *h*. Usar o accentto agudo para evitar a diphthongação—dizendo *saía, caír, baía*, sem *h*, salvo nos nomes proprios. Supprimil-o nos grupos *dh*, escrevendo *aderir* (sem *h*), composto de *harère, th, rh* e *ph*. O *th* grego, diz o eminente philologo o Sr. João Ri-



beiro, deveria desaparecer de todas as palavras: já felizmente desapareceu de algumas: *cantaro* (c não mais *cantharo*), asma (e não mais *asthma*, e no seu derivado *enthusiasmo*), *tisica* e não *phthisica*. Todavia ainda ha quem escreva *th* em *systema* e *cathegoria*, o que no proprio grego não ha, e escreva á moda franceza e errada *Thereza* em vez de *Tereza*. « O *ph*, continúa ainda o notavel grammatico, devia igualmente ser banido por inutil em proveito do *f*, o que em varios momentos da historia da lingua já se tem tentado. Já podemos consideral-o banido das palavras: *estrofe*, *triumfo*, *catastrofe*, *fleuma*, *fleimão*, *fanal*, *frenesi*, *Felipe*, *Felinto*, *faisão*, *profeta*, *escrofula*, *fantasia*, *Sofia*. Em algumas palavras aiuda ha hesitação: *diphthongo* (influxo da Academia Franceza) ou *ditongo*; *filarmónica*, ou *phil'harmonica*.» Como o *nh* e o *lh* devem ser conservados, porque são portuguezes, provenientes de *l* e *n* entre vogaes: *aranha* de *aranea*, *filha* de *filiam*; devemos eliminar o *h* nas composições vernaculas ou latinas em que não forme letra. Assim, de *habil*—*inabil*, *habitavel* *inabitavel*, harmonico inarmonico, anelo (anhelo), anelar (auhellar), composto latino de *halo*, com *h*, que se escreveu sem *h* no proprio latim corrente. Grande mania é a nossa de dobrar inutilmente as consoantes. Parece que ha firme proposito de apenas sobrecarregar a memoria *visual*, porque o ouvido não sabe onde ha signaes dobrados.

Que furor! *Pêlo* que tem um *l* só, *camêlo*, *estrella*, de *pîlus*, *sterûla*, diminutivo de *ster*, *camelus*, tomam todos dous *ll*! Mesmo a codificação aristocratica de Quintiliano tendia para a simplificação; de *canna* com dous *nn*, fez *canalis* com um *n* só; de *mamma*—*mamilla*, offa—*ofella*, etc. O pronomo *ille*, origem do portuguez *elle*, que, antes de Camões, escrevemos com um *l* só—era tambem com um *l*, antes da decadencia. Assim, Festus, tratando da fórma *oloes* por *illis*, disse sentenciosamente: *Antiqui enim litteram non geminabant. Olim*, adverbio—naquelle tempo... com um *l*, apezar de se escrever com dous o dativo *olli*... D'ahi... Não devemos absolutamente dobrar letras, a não ser o *r* e o *s*. Para que dous *bb* em *abade*, *abadessa*, *abadia*, *sabado*, *sabatina* e *rabino*? Só para martyrio das pobres crianças!... porque o hebraico não usava do nosso alphabeto! O *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*, *n*, *p* e *t* (exceptuemos o *r* e o *s*) que se dobram por assimilação, por *assimilação* não os devemos dobrar: pois a *assimilação* se realiza por completo, quando os elementos fusiveis se combinam de tal fórma que só a analyse os póde distinguir. A assimilação só se dá *visivelmente* nas combinações de *vozes distinctas*, como *a* e *i* formando o som—*ai*; ou na associação das semi-vozes *l* e *r*, constituindo os sons *bl*, *cl*, *br*, *cr*, etc., não só em latim, como em portuguez, e especialmente nesta ultima lingua, os sons *nh* e *lh*. Devemos, pois, escrever:



ORTHOGRAPHIA

acusar, afligir, agravar, aluvião, anotação, aplicar, atender, ilícito, iminente, imóvel, ocupar, opôr, etc., sem dobrar ou geminar letras. Os senhores etymologistas encontram a razão d'isto no latim anterior á graphia de Quintiliano, e no latim moderno nas seguintes combinações de prefixos assimilados. Em *a-scribo, a-spicio, i-gnavus, i-gnotus, operio, ostendo, su-spicio, suspiro, suscipio, sus-pendo, sus-tineo,* palavras em que se eliminam o *d, c, n, b,* que se convertem no som inicial do thema. Desde que a graphia latina (apezar de nada termos com ella, pois o portuguez é o latim que se degenerou enriquecendo), desde que a graphia latina nos apresenta dous typos — um complicado, com signaes mudos, e outro francamente sonico — não ha duvida —, devemos adoptar o simples, já que não podemos dizer — o mais simples. Dizem alguns etymologistas que as letras dobradas servem de guia para a investigação da historia de cada palavra. De accôrdo... Mas nem todos precisam de saber a série de significados de uma palavra, através dos seculos. A maioria das pessoas cultivam a lingua, como o jardineiro cultiva as plantas... São os poetas da fórma escripta e da fórma falada. Botânico, indagador, destruidor, bisbillhoteiro e mexeriqueiro de antigos significados, concretos e... ás vezes torpes pela sua materialidade, é o philologo... E Deus nos livre da praga de semelhante gente... De accôr-

do... Mas então não deviamos soldar, como soldamos, as consoantes finaes dos prefixos ás liquidas *l e r* e ás vogaes dos themas que de ordinario se alteram para melhor aeommodação. O latim designava o *batente* superior e inferior da porta, o *limiar*, pela palavra *limen*. Esta palavra, tomando o prefixo *sub*, que, por natureza, se funde phoneticamente, fez o adjectivo — *sublimis*, suspenso no ar, elevado, grandioso, encantador, actualmente; sendo, no começo, o castigo mais severo que recebiam os escravos, suspensos sob o limiar superior da porta. E no emtanto não lhe indicamos a formação por um traço ligativo. Do adjectivo *alter* — outro, com o prefixo *ad* formaram-se *adultero*, verbo, e os nomes *adulterium, ii, e adulterinus, a, um,* havendo apophonia ou modificação do *a* em *u*. Juntando o prefixo *in* e o adjectivo *solus, a, um,* ao substantivo *ars, artis,* formamos o adjectivo — *in-ers, ertis,* e o substantivo *inertia; solers, ertis* e *solertia*, alterando o *a* para *e*. Ao substantivo *arma, orum,* juntando o prefixo *in*, fórma-se *inermis*, sem armas. O substantivo *barba* — *imberbe*, o substantivo *annus*, fórma moderna, e a fórma antiga *annus*, dá: *perennis, perennitas, solemnns, solemnitas, biennium, triennium,* etc. Se as vozes, elementos musculares de facil junctura, se alteram para receber o prefixo, porque se não pôde este alterar, até o encontro de uma vogal, a materia plastica do



ORTHOGRAPHIA

vocabulo? Do grupo *mn* deve ser eliminada a muda *m*, como em alumno (aluno), damno (dano), calumnia (calunia), columna (coluna), etc. Este grupo é resto do já alterado suffixo verbal latino *mino* —, que perdeu o *i*, voz muito sonora, e que agora, com maioria de razão, perderá a insonora *m*. Este suffixo se conserva em *termino*, *limina*, etc. Em geral, os signaes mudos devem ser banidos, como o *c* em *ato*, *atriz*, *adjetivo*, *carater*, conservado o plural — caractéres; *construtor*, *direto*, *vitima*, etc.: o *g* de *signal*, pois que *sino* já o eliminou; em *augmento*, etc., emfim todas as mudas. Temos duas camadas de verbos inchoativos: os latinos de suffixo *sc*, como *nascere*, *desce*, *cresce*, e um numero infinito dos vernaculos, saídos de substantivos, adjectivos e verbos, com suffixo *ec* — *anoitecer*, *amanhecer*, *amarellecer*, *embranquecer*, *enraivecer*, *adormecer*. Os vernaculos, donos da casa, devem determinar a graphia, e então escreveremos *crecer*, *decer*, *nacer*, sem o *s* insonoro. Os verbos *fallecer*, *fenecer* e *conhecer* já se escrevem sem o *s*.»

|| Diz o A. do *Escoliaste*: «A orthographia ensina as regras estabelecidas para escrever as palavras correctamente, e o emprego da pontuação, de modo que se perceba a distincção e nexos das partes do discurso (1). Diz-

(1) La ortografía... es la que mejora las lenguas, conserva su pureza, señala la verdadera pronunciaciacion y significado de las voces, y declara el legitimo sentido de lo escrito... (*Real Academia Española*).

se *pronunciativa* ou *philosophica*, quando as palavras se escrevem como se pronunciam, e só com as letras necessarias a exprimir os sons, como: *filosofia*, *têma*, *agunto*, *atração*, etc.; e diz-se *etymologica*, quando para accusarem sua origem as palavras conservam na escripta as mesmas letras empregadas na lingua de que procedem; como: *philosophia*, *thema*, *assumpto*, *atracção*, etc. A orthographia chamada *philosophica* ou da pronunciação tal qual João de Barros (1) e Barreto a queriam, qual a Academia Espanhola a estabeleceu no reino vizinho, e a Sociedade Literaria Portuense procurou introduzir entre nós, não é tão absurda e ridicula como muitos pretendem. Não é exacto que a etymologia base certa e segura da escriptura das palavras, queiram substituir a arbitraria e variavel pronuncia. Pelo contrario, nesse systema se considera tambem a etymologia como essencialissima base orthographica, dando-a, porém, só como norma da pronuncia, a qual depois regula a escriptura. A differença dos dous systemas consiste, pois, em que um (o etymologico) conserva todas as letras originarias que a pronuncia não alterou; o outro (o philosophico) conserva só as que soam, e substitue aos cara-

(1) «A primeira e principal regra da nossa orthographia, é escrever todas as dicções com tantas leteras com quantas as pronunciamos, sem poer consoantes ociosas.»

ORTHOGRAPHIA

cteres estranhos os que lhes correspondem em nosso alphabeto. É certo que d'esta maneira se supprimem grande numero de caracteristicas etymologicas, o que torna obscura a filiação das palavras; resta, porém, decidir-se esse inconveniente, que ainda assim não é tão grande como o representam, deixa de ficar amplamente compensado pela simplicidade da escripta; vantagens que d'ella resultam ao ensino das crianças e dos mudos; economia de trabalho pela suppressão de muitas letras, e desnecessidade de folhear dictionarios que até muitos não têm; e sobre tudo pela philosophica razão de não empregarmos caracteres ociosos, só porque assim o quizeram os passados, por causas, talvez, que já não subsistem. *Grammatici certant, et adhuc sub judice lis est.* O crúdito philologo J. S. Barbosa estabeleceu na sua grammatica — que a etymologia deveria regular a escriptura das palavras — mas conclue confessando — que o uso fazia nessa regra as excepções que queria. O fecundo poeta Garrett estabeleceu as seguintes regras orthographicas: 1.^a conservar fielmente a etymologia, quando se lhe não oppõe a pronuncia. 2.^a combinall-a com a pronuncia, quando esta se oppõe á inteira conservação d'aquella. 3.^a nas palavras de raiz incognita (só nestas, note-se) seguir o uso geral, 4.^a nas diversas modificações dos verbos, conservar sempre a figurativa, quando a pronuncia não

obsta. 5.^a não pôr accents (agudo e circumflexo que são os unicos em portuguez), senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra. Um acreditado literato, Teixeira de Vasconcellos, disse, não importa onde, que deixava o systema orthographico d'um livre scu na dependencia da vontade do editor; isto prova o estado anarchico a que tem chegado entre nós esta parte da grammatica. Garrett já no seu tempo dizia que em Portugal não havia orthographia. Em vão se tem cançado o sr. Barbosa Leão; é voz do que clama no deserto. Os defensores da orthographia pronunciativa têm contra si o juizo de Ch. Nodier. (1). Vamos oppôr ao critico francez um adversario das fórmas inuteis. Quando o nosso excellenté lyrico e amigo, o sr. João de Deus, redigia em 1861 um jornal no Alemtejo, escreveu-lhe um collaborador, o sr. Padre Macedo, as seguintes linhas: «Que juizo farão de mim á vista dos erros *typographicos* com que safu o meu artigo! Aponto alguns: *atenção*, por *attenção*; *estilo*, por *estlylo*; *inteligencia*, por *intelligencia*; *fala*, por *falla*....» Ouçam a resposta: «Por *falla*... dizeis vós; por que? Pelo *uso* tem—

(1) Tout grammairien qui a pu s'aviser de rendre l'orthographe conforme à la prononciation n'a prouvé qu'une chose, mais je conviens qu'il l'a prouvé d'une manière irrisistible: c'est qu'il ne savait ni ce que c'est l'orthographe, ni ce que sont les voix de la parole, ni ce que sont les signes de l'écriture.

se sempre escripto dos dous modos. Pela *etimologia*, d'onde se deriva então? O *fallere* latino significa *enganar*! Serve-vos a etymologia? Oh! padre, tambem vós, virtuoso como Sócrates, poeta como Fénélon, democrata como um e outro, dais ouvidos aos advogados do privilegio e do misterio? Que dualismo é esse, ou religião de luz e trevas, d'Ormuz e Ahriman, que levantais sobre a unidade de Deus e da humanidade condenando as noventa e nove centecimas partes da sociedade a não poder com a pena molhada em lagrimas atravessar a ideia no seu vôo, e dividir com os mais as suas lastimas! «*Mas é preciso que a lingua senão corrompa. . .!*» Sois os primeiros a corrompel-a, não a escrevendo como a escreviam os nossos mestres e deixando-a escrita como se não ha de ler! «*Mas é preciso que a lingua se uniformise.*» Em quê? Na pronuncia? nem todos podem ir em peregrinação a Constantinopla perguntar aos ulemas do Alcorão ortografico como hão de ler as suas sagradas paginas! Na escrita? escreve cada um de seu modo, e todos bem differentemente dos nossos classicos, cada um dos quais já escrevia de sua maneira particular! «*Mas o elemento historico? mas os trajos da antiguidade? mas a felção de familia? o cunho da raça?*» Sabeis tanto o que isso quer dizer como eu! Qual é a etimologia do *chá* da China? . . . papelões! Em cada palavra que

escreveis falla um principio da vossa mística ortografia! Mas seja a coisa arbitraria, arvore-se o capricho em lei, juremos constituição o *despotismo*: que escriptura nos dais por tipo? Quando quizer nomear quem primeiro descobriu as praias do novo mundo, que hei de escrever — Pedro Alvares ou Pedralvres ou Pedralures ou Pedralvares ou Pedraluares? . . .! A opinião de cada um de vós sei eu: é escrever como cada um de vós escreve. Sei que se tem escrito nestes ultimos tempos sobre o assumpto; mas Deus me livre de desperdiçar um momento com doutrinas em que os seus proprios mestres se não intendem uns aos outros. Levantei-me do berço com opiniões formadas sobre muita coisa e não ha Bhrama com todas as suas quatro cabeças mitradas e toda a sua quadrilatera magestade que me tire d'ahi: esta é uma das tais. A razão é — que elles vêem-me com raciocinios e eu escuto o coração. Filho do povo, inimigo de raça de todo o privilegio, digo: pode aprender a ler toda a gente e escrever bem toda a gente? Por que não ha de aprender, e não ha de escrever bem? Por que não ha de intesoar em papel um sentimento d'alma uma pobre mulher senão a troco do escarneo dos doutores? Estcu a imaginar uma virtuosa mãe a ensinar a ler a sua filha. — Pomba, venha cá; são horas de lição. Que é da cartilha? Abra: diga: *pê+agá+á+ó+til?* (Soma) *Fãõ.*

ORTHOGRAPHIA

Ouviu, minha filha? Diga outra vez; ora vamos:

pê + agá + á + ó + til? ...?

Fãõ, minha filha! pois não ouves? — *Quê*, mamã? — Olhe, repare a minha joia:

pê + agá + á + ó + til? ...?

— *Til*, mamã! — Não, filhinha! pois não ouves:

pê + agá + á + ó + til? ... Fãõ.

Jesus! não estás atenta! Não ouves dizer *fãõ*? — Também a mamã diz *til*! — Mas tudo, meu amor! tudo faz *fãõ*. Vamos a ver outra vez; agora diga *fãõ*. Repare:

pê + agá + á + ó + til?

— Mamã! Diga. — Mamã!! — Então não diz? — Mamã!!! Não diz e as lágrimas já lhe estão a ferver nos olhos em borbotões. É o horror innato ao absurdo; é a sinceridade dum anjo que em quanto a não bestificam, matam-na com palmatoadas, arrancam-lhe as orelhas, mas não confessa uma impiedade! Pelo amor de Deus não nos bestifiquem logo á nascença; não faltará quem nol o faça em todo o tempo! Não apaguem logo nos inocentes a luz que Deus lhes deu! Não se abracem ao passado como termo da vida: Deus fez a terra redonda para se não parar! Tudo se herdou do passado informe, rude, desmembrado, inarmonico, sem sistema, sem unidade, como as pedras que á roda d'um calvario se ajuntam pelo tempo adeante deitada cada qual por sua mão: mas veio a rasão

DICC. GRAMM.

depois, em tudo, com esses materiaes acarretados pelas gerações desalumiadas pôr por obra como arquiteto uma fabrica, um pensamento. Será excetuada a escrita? Simplificai e regularisai a lingua de Camões e vereis não só todos sabermos ler, senão dentro em cem annos o nosso prélo em correspondencia com os livreiros do mundo. A que deve o feissimo francez a sua universalidade? á *logica*; porquê esse ao menos é consequente no absurdo. É uma questão d'alta nacionalidade; acham-na os pontifices pueril. Para nós o que é é enfadonha. E concluindo— o y grego mandei-o para a Grecia: letras dobradas só em dias de muito frio: e o — *ph á ó til* fãõ—só quando o Pulido presidir á correção das provas de jornal que eu redija, ou me passar por alto. Appellemos por tanto para o uso que é o legislador supremo em taes casos. Como todas as cousas estão sujeitas neste mundo sublunar a continuas mudanças e alterações, esta lei perpetua irá imprimindo, afeiçoando e polindo o cunho orthographico que ha de ter curso legal; entretanto observemos os melhores dictionarios da lingua. Se um dia houver uma Academia que queira legislar sobre este assumpto, é ainda sobre muitos outros de que não cuida, e dotar o paiz com um bom dicionario, que não fique a *azurrar* como o primeiro, esse nos será guia seguro, fóra dos meandros em que nos trazem enredados poetas e prosadores.»

16

|| Para concluir, o melhor trata-
do sobre a orthographia portu-
gueza e as reformas que ella
está reclamando, é a *Orthografia
Nacional* de GONÇALVES VIANA,
obra escripta com grande saber
philologico e literario. Gonçal-
ves Viana procura alliar a ety-
mologia a historia e a prosodia
mais geral.

Orthologia. — Arte de falar
correctamente. Alguns aucto-
res applicam esta expressão com
o sentido de *prosodia* ou *or-
thoepia*; outros suppõem que
ella abrange toda a gramma-
tica, exceptuando a orthogra-
phia.

Orthos, certo, direito. — Ele-
mento grego. *Orthodoxia*, dou-
trina verdadeira. *Orthologia*. *Or-
thopteros* (*pteron*, aza).

Ou, diphthongo. — Resulta da
dissolução do grupo *ct, lt*: *souto*,
saltum; *biscouto* ou *biscoito*,
biscoctum. Em geral, porém, *ou*
é a fórma que resultou do dipht-
thongo latino *au*: *ouro*, *aurum*.
Nas syllabas médias confunde-se
eom *oi* muito mais frequente-
mente em Portugal que no Bra-
sil: *loiro*, *oiro*, *tesoiro*.

Oxytonos. — São vocabulos
que levam a accentuação na ul-
tima syllaba: *dôr*, *calor*, *immortal*.
Todos os monosyllabos são oxy-
tonos, exceptos os encliticos:
mê, *te*, *se*, *lhe*, etc. e algumas par-
ticulas *de*, *em*, *e*, que obedecem
ao accento das palavras a que
estão juntas. *Oxytono* é synonymo
de *agudo*.

P

P, letra latina. — Persiste, ini-
cial: *pacare*, pagar. Média, cae
ou transforma-se na branda *b*:
caput, cabo; *capitalem*, caudal.
Vocaliza-se no grupo *pt*: *concep-
tionem*, conceição. || *P*, letra
portugueza. Resulta do *p* latino:
pé, *pedem*. Raras vezes de *m* no
grupo *mn*, entre archaismos:
condapnamento, por condemna-
mento (*Viterbo*). || *P* (arabe).
Do *ba* arabe: *charab*, xarope. ||
Nãosôa em *psalmo*, *baptismo*, *psal-
modia*, *prompto*, *escripto*, *descri-
pção*. Sobre o *ph*, vide *Orthographia*.

Paciente. — O mesmo que
objecto directo. Vide *Proposições*,
Objectico.

Pais, *paidos*, menino. — Ele-
mento grego. *En-cyclo-pedia*, en-
sino em circulo, universal. *Ped-
agogo*, educador de meninos.

Palavra. — Expressão mate-
rial de uma noção por meio de
sons: *flôr*, *Deus*. Também signi-
fica a faculdade da linguagem
(*parole*).

Para, ao lado. — Prefixo gre-
go. *Paragrapho*, escripto ao lado.

Paradigma. — Modelo para
flexões de palavras regulares,
nomes ou verbos; v. g., *amar* é o
paradigma dos verbos em *ar*.

Paragoge, synonymo de *epi-
these*; metaplasmo que consiste
na addição de sons no fim das
palavras: *fugace*, por *fugaz*; *atro-
ce*, *felice*, *terribile*, *horribile*, tirados
do latim; geralmente em desuso,
a não ser rara vez na poesia.

PARAGRAFO — PARTICIPIOS

Paragrapho.—Symbolo da fórma §, usado hoje na legislação e antigamente nos mesmos trabalhos literarios em prosa. O *paragrapho* actualmente nos escriptos literarios é indicado pela m udança de linha na escriptura. O presente artigo está escripto em um *paragrapho*. Nos antigos textos o *paragrapho* vinha indicado ao lado. ás vezes com o sumario do assumpto. D'ahi a origem d'essa denominação (do gr. *para*, ao lado).

Parenthese.—Signal () proprio para separar do discurso escripto uma noção ou phrase que não é essencial, ou quando seja essencial se requer desunida do texto. Tambem podem ser chamados *parenthesis* ou *parentheticas* as proprias palavras e proposições que é costume representar com aquella notação graphica, que, com palavras breves, póde ser substituida por duas virgulas, em caso de citação do nome de um auctor: A vida, diz Socrates, . . . (ou:—(diz Socrates).. etc.)

Paronomasia e *paronymia*. — Figura pela qual se approximam palavras de som quasi identico, mas de sentido diverso; fórmas trocadas pelas varias mudanças de sentido do vocabulo:—*dos meninos é proprio o aprender, dos nancebos o emprender, dos varões o comprehender, mas dos velhos o reprehender.* É de muito uso e ás vezes abuso nos seiscentistas.

Parónymos. — Palavras ou nomes que pouco differem na

prosodia e quasi são *homonymos*: Nós, noz; crer, querer; vale, val; Léda, lèda.

Paroxytonos. — São os vocabulos que têm a accentuação na penultima syllaba: *candieiro, mesa, penna, affavel.*

Participios. — São palavras que gozam de algumas propriedades communs aos adjectivos e aos verbos. São *adjectivos verbaes* e foram denominados *participios*, porque participam da natureza de duas categorias: verbo e adjectivo. Ha duas especies de participios. O *imperfeito* ou do *presente*, caracterizado pela flexão *nte*: *amante, ouvinte*, etc. O *preterito*, ou *passado*, ou *perfeito*, caracterizado com a desinencia *do*: *amado, ouvido, punido*, etc. Muitos d'esses são *duplos*: *affligido* e *afflicto, ganhado* e *ganho*, e d'essas fórmas as contractas em grande numero são substantivos: *acto, colheita, assumpto, debito, divisa*, etc., de modo que já se não usam (e alguns nunca o foram) como participios. Em outros casos ha hesitação: tenho *ganho* ou (e é melhor) tenho *ganhado*. Póde-se dizer *escrevido* ou *escripto* com os verbos *ter* e com este verbo e com *haver, estar*, a fórma regular é, em regra, a usual: *affligido*, exprimido, comprimido, fixado. 1. PART. IMPERFEITO. — Goza das propriedades nominaes de gráo e numero: *amante, amantes, amantissimo*. Não tem flexão de genero, senão em certos casos de esquecimento etimologico: *presidente, presidenta*. O *part. im-*

perfeito foi outr'ora equivalente a gerundio, no portuguez antigo: *estabelecendo estas regras* (estabelecendo estas regras), etc. Os participios em *ando*, *endo* e *indo*, tambem chamados *imperfeitos* são antes *gerundios*. Vide a palavra. 2. PART. PERFEITO.— Goza das propriedades nominaes de genero, numero e gráo. *Amado*, *amada*, *amados*; *sagrado*, *sacratissimo*, etc. As propriedades *verbaes* consistem em indicar o tempo conforme o verbo a que se ajunta. Com o verbo *ser* o participio só indica o tempo que aquelle exprime: *sou estimado* (presente), *serei estimado* (futuro). Com outros verbos a noção de tempo é influenciada pelo participio: *está ferido* (passado), *estará curado* (passado, em relação ao futuro), *tenho amado* (passado), etc., ainda que os verbos *está*, *estará*, *tenho* não exprimam o tempo passado. Nos tempos classicos, é de notar-se que com *haver*, *ter*, o participio perfeito podia ser usado como simples adjectivo variavel: « *Tenho escriptas algumas cartas* »; « *Hei repetidas as minhas razões* ». Hoje é de uso geral o participio invariavel, nestes casos. O *part. perfeito* inverte a voz do verbo, construindo a passiva com o verbo *ser*: *ser amado*. Mas a *passividade* em certos participios, que chamaremos *depoentes*, torna-se em actividade: *homem lido* (que leu muito), *viajado*, *atrevido*, *ousado*, *descuidado*, etc. Diz a respeito do *Participio*, na sua *Syntaxe da l. port.*, o philologo Leopoldo da S. Pereira: « Alguns ver-

bos têm dous participios passivos, um regular, outro irregular, como—*acceitar* (*acceitado*, *acceito*), *sujeitar* (*sujeitado*, *sujeito*). O participio regular é o que serve para fazer tempos compostos: o irregular é um adjectivo verbal. Entretanto encontram-se exemplos de participios irregulares fazendo tempo composto. Ex.:— *Todo o povo romano se tem farto de herva sardonica*. (Bernardes). *Pezou-nos de o haver morto*. (Bernardes) *Estes peccados tinham já cheio a medida*. (Vieira). Têm alguns verbos em portuguez verdadeiros participios do futuro, como—*immorredouro* (que não ha de morrer), *execrando* (que deve ser execrado), *duradouro* (que ha de durar), *futuro* (que ha de ser). São adjectivos verbaes, e alguns substantivados, como — *vindouro*, *doutorando* ».

Particulas.— Denominação applicada a tres categorias de palavras: *adverbios*, *conjunções* e *interjeições*. O epíteto justifica-se pela pequenez material dos principaes vocabulos que constituem aquellas categorias: *ai!*, *de*, *por*, *perto*, *longe*, *onde*, *sim*, *não*, etc.

Particulas de realce.— Dão alguns grammaticos este nome a certas particulas, que, sem função grammatical alguma, seguem esporadicamente o objecto directo. Outros denominam-as *expletivas*. Ex.:— *deixos lá que se arranjem*; *purou da espada*.

PARTITIVOS — PATRONYMICOS

Partitivos. — São os adjectivos *quantitativos* que exprimem parte ou porção limitada: *alguns, pouco, muito, tanto, qual, tal*, etc. Oppõem-se aos *universaes*. Os *partitivos* que exprimem porção positiva e exacta, chamam-se *numeraes*. Sobre o uso do artigo partitivo de no portuguez, vide *Artigo*.

Pas, pantos, todo, tudo. — Elemento grego. *Diapasão*, através de todas as notas, oitava. *Panacéa*, remédio (akos) universal.

Passado. — Qualificativo do tempo de acções que se realizardam. Vide *Tempos do verbo*.

Passiva. — Voz dos verbos que se exprime em portuguez por uma periphraze do verbo *ser* com o participio: seramado, passiva de *amar*; serás louvado, passiva de *louvarás*, etc. Também existe a passiva denominada *média*, construída com o pronome *se*. Vide *Média passiva*. O uso principal da *passiva* é necessitado quando se ignora o agente da acção, o que pôde ser frequente: *Brittannico foi envenenado. Este poeta foi muito applaudido. Pelo trabalho que fez foi pago.* Por essa razão, igualmente se empregam as vozes impessoaes *diz-se, conta-se, murmurava-se, relatou-se, escreveu-se*, quando se ignora ou se finge ignorar o sujeito de *dizer, contar*. Em outras circumstancias a *passiva* exprime melhor a acção continuada, diurna e perfeita: *foi adestrado, foi educado nesta sciencia; foi perseguido pelo inimigo.* É, pois, grande recurso do estylo.

Camões escreveu:

Assi como a bonina que *cortada*
Autes do tempo *foi*...
Sendo das mãos lascivas *maltratada*

e assim, a meu vêr, exprimiu com mais graça e belleza e mais pathetico o martyrio de Ignez de Castro, do que se empregasse as fórmãs da voz activa.

Pathologia verbal. — Denominação por alguns dada a factos da *semantica* ou *seméiologica*, semeiologia, transferencia desentido do vocabulo pela especialização do geral ou pela generalização do particular. Vide *Semantica*. (P. Junior).

Pathos, doença, paixão. — Elemento grego. *A-pathia*, insensibilidade. *Pathetico*, que apaixonã. *Sympathia*, paixão mutua.

Patrios. — Classe de adjectivos que exprimem a patria ou procedencia dos seres: *lisboeta, madrilense, fluminense, londrino*. Os adjectivos que exprimem nacionalidade, são chamados *gentilicos* (francez, brasileiro). Vide *Gentilicos*.

Patronymicos. — São os eognomes derivados de nomes proprios, caracterizados, em regra, pela terminação *es*, que deriva do ablativo latino: *Fernandes*, de Fernando; *Peres*, de Pero; *Bentes*, de Bento; *Martins*, de Martinho; *Duarte* (Eduardes), de Eduardo ou Duardo; *Gonçalves*, de Gonçalo (Gonsalbus); *Sanches*, de Sancho; *Ximenes*, de Simão (Ximeno); *Pacs*, de Paio, Pelagio; *Ennes*, de Eanne, João, etc.

Sobre a etymologia dos *patronymicos*, ha diversas opiniões. Quem uns que o patronymico seja tirado do genitivo latino; outros, do genitivo gothico. A doutrina mais seguida é a que o faz derivar do ablativo do plural: Paes, *de Pelagius* (da familia dos Pelagios), etc. O germanico em geral constitue o patronymico com a junção dos termos, *son*, *sohn*, (filho): Robertson, Mendelsohn.

Pejorativo.— Diz-se do vocabulo que adquiriu ou tende a adquirir um sentido torpe, obsceno ou méramente desagradavel. Ex.: *velhaco* é pejorativo de velho; *sabichão*, de sabio. A essa tendencia oppõe-se o *euphemismo*. Quasi todos os vocabulos obscenos formaram-se de palavras decentes que adquiriram sentido *pejorativo* e ás vezes sentido diametralmente opposto ao que possuíam.

Pene.— Prefixo latino (quasi).— *Peninsula*, quasi ilha. *Penultimo*, quasi ultimo.

Pente, cinco. — Elemento grego. *Pentagono*, cinco angulos. *Pentecostes*, quinquagesima.

Per, prefixo latino. — Atravéz. *Perdurar*, perfeito. Assimila-se em: *pellucido*.

Perda, synonymo de *quêda* ou *supressão*.— No principio do vocabulo a perda de sons denomina-se *apherese*; no meio, *syncope*; no fim, *apocope*. Vide estes nomes.

Peregrinismo.— O mesmo que *barbarismo*, palavra estrangeira introduzida na lingua com-

mum. *Galicismos*, *barbarismos*, *anglicismos*, etc.

Peri.— Prefixo grego. Ao redor. *Periphraise* (locução ao redor): circumloquio.

Periodica.— Diz-se da proposição ou palavra que por si só constitue periodo. Segundo o auctor do *Escoliaste*, a oração periodica é a que contém mais de quatro membros e menos de oito.

Periodo.— Proposição unica ou muitas d'ellas quando formam sentido perfeito. O *periodo* é assinalado orthographicamente pelo *ponto final*; mas este nem sempre indica que o sentido está completo, porque um *periodo logico* (de sentido) póde compôr-se de varios periodos figurados na escripta.

Periphraise. — Expressão de um conceito por muitas palavras analyticamente: o *astro rei*, o *centro do systema planetario*, etc., por: o *sol*. É synonymo de *circumloquio*. Póde ser até indispensavel quando se quer encobrir idéas obscenas ou desagradaveis, e é então ornamento e não vicio. Em materia propriamente grammatical, chamam-se *periphrasticas* as vozes verbaes compostas: *tenho amado*, *tenho sido amado*, *hei de estudar*, etc.; e as compostas com verbos não auxiliares: *foi saindo*, *saiu dizendo*, *andava estudando*, etc. As formas de futuro compostas (*hei de louvar*, de *tenho de louvar*) chamavam os antigos grammaticos, *linguagens de significação começada*.

Perissologia.— Redundancia vieiosa e inutil, como *manusei* com as mãos. *Escrever um escripto, soletrar letras*, etc. Vide *Pleonasmo*.

Permuta.— A permuta das vogaes póde reduzir-se aos dous faectos do alongamento e abrandamento. As eonsoantes influem na transformação dos sons vocalicos. A permuta das consoantes só se póde dar entre homorganicas. A tendeneia é sempre para o abrandamento (P. Jun.)

Persá.—Lingua aryana, que, por intermedio do arabe, algumas vezes do grego e ainda directamente, influiu no lexico das linguas europeas modernas. O *persa* antigo é conhecido especialmente pelo nome de *zend*. Vide *Asiaticismos e Arabe*.

Pessoa.— É qualquer das partes que se imaginam na comunicação da linguagem. São tres as pessoas: 1.^a *pessoa* é a que fala: *eu*; 2.^a *pessoa* é aquella com quem se fala: *tu*; 3.^a *pessoa* é aquillo de que se fala: *elle*. Varias formulas da 3.^a pessoa substituem a 2.^a na conversação: *Você*, *V. Ex.^a* etc. Nos verbos as *pessoas* são representadas na desinencia pela flexão: *am-a-s*, *am-a-m*; *am-a-es*; *receb-e-s*, *receb-e-is*, etc. Essas *terminações* ou *flexões* indieam as pessoas dos verbos, mas não são expoentes fixos. A unica flexão característica é o *s*, que apparece nas segundas pessoas de ambos os numeros de todos os tempos;

com excepção apenas da 2.^a pess. do imperativo: *dize*, *ama*, *louvae*, *recebei*, etc. e da 2.^a pessoa do singular do perfeito: *disseste*, *amaste*.

Pessoaes.— Classe de pronomes. Para alguns grammaticos é a unica d'essa categoria. Vide *Pronomes*. Os pessoaes exprimem as pessoas do discurso: *eu*, *tu*, *elle*, *se*, *o*, com as variações e fórmias correlativas. São os seguintes: 1.^a PESSOA.—Eu, *ego*; me, *me*; mim; *mihí*; no plural, nós, *nos*; comnoseo, *cum-noscum* (*nobiscum*). Fórmias archaicas: *ieu*, *geu*, *mi*, *mego*, *nosco*. 2.^a PESSOA.—Tu, *tu*; te, *te*; ti, *tibi*; comtigò (*cum-tecum*); no plural, vós, *vos*; comvosco, *cum-voscum* (*vobiscum*). Fórmias archaicas: *xé*, *che*=te; vosco. 3.^a PESSOA reflexiva.—Se, *se*; si, *sibi*; comsigo, *cum-secum*. 3.^a PESSOA geral.—Elle, *ille*; ella, *illa*; lhe, *illi*; o, *illum*; a, *illam*; no plural, elles, *illi*; ellas, *illas*; os, *illos*; as, *illas*; lhes, *illis*. Fórmias archaicas: lo, la=ó, a, etc.; *el*=elle; *ello*, *illud*; *li*=lhe; *lhe*=lhes. No que é relativo á syntaxe, vide *Pronomes e Collocação*.

Pessoal.— *Infinito pessoal*. Com grande abundancia se tratou do assumpto a proposito de *Infinito* (v. *loco*), mas aqui transcreveremos ainda de auctores de nota:—«Diz-se o modo infinito do verbo na sua conjugação (fala o illustre coordenador do *Escoliaste portuguez*), empregado por um idiotismo singular da nossa lingua, representando a existeneia ou acção por um mo-

do indeterminado, contendo ao mesmo tempo a idéa de pessoa ou de numero. Exemplos: *Seu pae deu-lhes licença para estudarem o que quizerem. Ha quem supponha existirem habitantes na lua.* O infinito pessoal emprega-se em quatro casos: 1.º quando tem sujeito proprio e este está claro na oração do infinito, como: *Para saírem os alumnos da aula é indispensavel licença do professor.* 2.º quando o verbo exprime uma acção referida a pessoa ou pessoas determinadas, mas que não queremos designar, como: *Refugiei-me em França para não me perseguirem.* 3.º quando o sujeito do verbo no modo infinito é differente do verbo no modo finito que o determina, ou possa causar equivoco sobre qual é aquelle de quem se fala; nesse caso, para distincção dos dous sujeitos e para evitar obscuridade na oração, a linguagem infinita toma differentes terminações pessoaes, como: *Creio não seres tu perfeito; julgo termos vencido.* Assim, pois, emprega-se de ordinario a forma pessoal, quando o infinito, complemento de um verbo, tem o sujeito differente do sujeito d'esse verbo. 4.º quando a oração do infinito, ou como sujeito e attributo d'outro verbo, ou como complemento de alguma proposição, se póde tomar num sentido mais ou menos determinado ou pessoal, como: *Para me louvares com verdade, farei aquillo de que me louvas. Os mãos com se louvarem não deixam de o ser.* Ainda ha outros casos em que se empregam

as formas pessoaes, mórmente quando são exigidas pela clareza, pela emphase ou pela harmonia da oração. Se a phrase começar por um infinito com preposição, deve antes empregar-se a forma pessoal. Exemplo: *Por terem estudado pouco, ficam agora reprovados* (e não—por ter estudado pouco); não por causa da ambiguidade, mas para fazer conhecer o sujeito logo no começo da phrase. Nos tempos pessoaes, colloca-se o pronome que serve de complemento depois do verbo e antes do sujeito; v. g.: *Dizeres-me tu isso é loucura;* mas se o infinito é precedido de uma preposição, o sujeito e o complemento collocam-se antes do verbo; v. g.: *Para tu me dizeres isso; sem elle me vêr; antes de nós lhe escrevermos; sem tu nol-o teres dito; por nós lhes termos aconselhado.* Tambem se póde dizer, deixando o sujeito depois do verbo: *por lhes termos aconselhado;* o mais geral no infinito pessoal é ficar o sujeito depois do verbo; v. g.: Ao morrer o corpo, recobra a alma a liberdade. Cabem ainda aqui as considerações do sur. Leopoldo S. Pereira, auctor da *Syntaxe da lingua portugueza*: «Os verbos têm em portuguez dous presentes do infinito, um pessoal e outro impessoal. Grande incerteza existe sobre o uso do infinito pessoal, nem são concordes neste ponto os grammaticos. O erudito philologo F. Adolpho Coelho pergunta: «Quaes os casos em que se deve empregar o infinito pessoal, se nenhuma regra constante



PESSOAL

se vê observada pelos melhores classicos?» (*A lingua portugueza*, pag. 176). Póde-se dizer que as mais das vezes a clareza e o rhythmio da phrase são os que decidem de seu emprego, o qual se aprende melhor na leitura dos classicos que nas regras dos grammaticos. Todavia as seguintes regras prevalecem no maior numero dos casos. — Emprega-se o infinito pessoal quando seu sujeito é diverso do da oração a que está ligado. Ex. :— *Dous virotes de bósta pareceu sibilarem por cima de sua cabeça.* (Herculano). *Eu vos agradeço em nome dos vindouros* o desmentirdes com o feito a promessa a que a salvação da minha patria me obrigava. (Castilho). a—Em orações complementares, geralmente precedidas das preposições *para, por, com, sem*, etc., ainda que o sujeito do infinito seja o mesmo, emprega-se o infinito pessoal. Ex. :— *Quiz Deus que d'esses dias maravilhosos, ainda que rudes e semi-barbaros, soubessemos alguma cousa para nos encendermos no amor de muitas virtudes.* (Castilho). *Quando o semeador do céo deixou o campo, saindo d'este mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem corôa.* (Vieira). *Os embaixadores se tornaram do deserto sem acharem quem lhes dissesse que era o Messias.* (Vieira). Quando não ha perigo de obscuridade, póde-se deixar de seguir esta regra, como nos seguintes exemplos :— *Aqui têm os paes que sobreviverem a seus filhos, um viro e effi-*

caz motivo para mitigar saudades e enxugar lagrimãs. (Bernardes). b—Quando aos verbos *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir* se pozzer uma oração do infinito, usa-se nesta do infinito impessoal, ainda que sejam diversos os sujeitos. Ex. :— *Até o sol, a lua e as estrellas não deixamos estar ociosas d'essa pensão.* (Vieira). *Os ricos trajos faziam sobresair as feições enrugadas.* (Herculano).

Arautos manda (Agamemnon)
Convocar em segredo a flôr dos socios.
(Odorico)

Alli verão as settas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando
(Camões)

Os zephyros suaves
Não ouves respirar?
(Odorico)

Entretanto, ainda neste caso, quando o verbo do infinito dista do outro do qual depende, exige a clareza que se empregue o infinito pessoal, como neste ex. :— *Assim visse no mar as náos e galeões arrombadas de tiros de fogo, umas d'ellas irem ao fundo, outras arderem em fogo e chammas de alcatrão.* (Barros). Comparem-se os dous seguintes exemplós, nos quaes em phrases identicas usase do infinito pessoal e do impessoal :

Verão morrer com fome os filhos caros
Em tanto amor gerados e nascidos ;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos.

.....
E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacavel espessura.
(Camões)



Ph. — Transcripção do grego (*phi*) nas palavras eruditas: *philosophia*, etc.

Phagô, eu como. — Elemento grego. *Sarcophago*, que come a carne humana.

Phaino, brilhar. — Elemento grego. *Diaphano*, que brilha através, translucido. *Phenomeno*, cousa que brilha, o que se vê. *Emphase*, fanal, fantasia, fantasma, etc.

Phero, levar. — Elemento grego. *Metaphora*, que leva para além, transporta. *Amphora* (*amphi*), duas azas. *Phosphoros* (*phos*, luz), flammífero.

Philos, amigo. — Elemento grego. *Philosophia*, amor da sabedoria. *Philantropo*. *Philomatico* (que ama a instrucção), etc. Hybridismo: *negrophilo*.

Phônê, voz. — Elemento grego. *Telephone*, voz ao longe. *Phonologia*, estudo dos sons. *Symphonia*, *antiphona* (contra voz), *euphonia*, etc.

Phonema. — Expressão que indica a *unidade do som* (letra ou grupo de letras) que entra na constituição do vocabulo. É o objecto essencial do estudo da *phonologia*.

Phonetica ou *phonologia*. — Parte da grammatica em que se estudam os sons que entram na formação dos vocabulos. A *phonologia* é *historica* quando estuda a evolução e alteração dos sons através dos tempos. A *phonologia* abrange o exame das duas forças essenciaes á vida

da linguagem: a *decomposição* ou estrago, e a *reconstrucção* ou restauração da lingua. Entre essas duas tendencias interferem outros principios que perturbam a sua dupla acção e tambem cáem sob o dominio da *phonetica*. Schema das forças cuja acção se observa no exame historico da lingua:

A) Decomposição	Factor ethnico
	Factor mesologico
	produzem:
	Abundamento de letras
	Quêda de letras
	Archaismos de palavras
B) Reconstrucção	Relações internacionaes
	Analogia
	Influencia erudita
	Reforço
	Neologismos e neophonemas
	Lexico estrangeiro

Phos, *photos*, luz. — Elemento grego. *Photographia*, desenhado pela luz. *Photosphera*, etc. Hybridismo: *Photogravura*.

Phusis, natureza. — Elemento grego. *Physionomia*, que indica o genio. *Metaphysica*, além da natureza. *Physiologia*, *physica*, etc.

Pl, grupo latino. — Persiste em fórmas eruditas. Normalmente permuta-se em *ch*: *pluviam*, chuva. Em *pr* é permuta antiga: *emprir*, encher, *implere*.

Plassein, formar. — Elemento grego. *Plastica*. *Cataplasma*. *Emplastro*. *Galvanoplastia*, etc.

PLEONASMO — PLURAL

Pleonasmo. — Vício que consiste na redundancia inutil de idéas ou conceitos já expressos. Póde ser usado por emphase: *vi* com estes *olhos*, *ouvi* com estes *ouvidos*, etc. Ha pleonasmos que a analyse descobre na historia dos vocabulos: *commigo* (*cum-me-cum*), *contigo*, etc., em que a prep. *eum* é representada duas vezes; a preposição *de* é repetida em desde (*de-ex-de*), etc. Camões, nos *Lusiadas*:

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo

A simples repetição da mesma palavra é belleza e não pleonasmo, como nos *Lusiadas*, III, 125, onde se repete a palavra *olhos*. Frei Luiz de Souza tambem escreveu na *Vida do Arcebispo*, com o seu formoso estylo: « Ainda ainda imos gastando do que trouxemos ». O pleonasmo quando vicioso tem o nome de *perissologia*; tal o exemplo de Tenreiro — *Itiner. C.* 28: « Está uma fonte em que dentro n'ella nasce agua. »

Plural. — Flexão e propriedade que indicam a dualidade ou multiplicidade de seres: *homens*, *casas*. A flexão caracteristica do plural é o *s*. Existe um vestigio do plural neutro latino em *a* no valor logico de certos singulares: *moda*, os modos (plural de *modum*); *animaria* (*animalia*, animaes, pl. de *animal*), etc. É este o plural logico. Comquanto a formação do plural seja materia elementarissima, aqui incluímos as regras gerais: « O plural dos substantivos e dos

adjectivos, terminados em vogal ou diphthongo, fórma-se ajuntando um *s* á terminação do singular; como: *arma*, *armas*; *maçã*, *maçãs*; *mestre*, *mestres*; *rubi*, *rubis*; *rico*, *ricos*; *mau*, *maus*; etc.

EXCEPÇÕES. Os substantivos terminados em *ão* fazem o plural, uns em *ães*, como — *pão*, *pães*; outros em *ões*, como — *acção*, *acções*; outros conforme a regra geral — *irmão*, *irmãos*. Os adjectivos d'esta terminação formam geralmente o plural com accrescentamento do *s*, v. g.: *são*, *sãos*; alguns mudam a terminação *ão* em *ões*; como — *beirão*, *beirões*. Plural em *ães*, só o têm alguns adjectivos patrios, como: *allemaes*, *catallães*. Os nomes substantivos e os adjectivos terminados em: *al*, *ol*, *ul* — formam o plural mudando o *l* em *es*, como — *quintal*, *quintaes*; *lençol*, *lençoes*; *azul*, *azues*. *Cal* faz — *cales*, ainda que pouco usado; *mal*, *males*; *consul*, *consules*; e assim os compostos d'este nome; v. g.: *proconsules*, *viee-consules*; *el*, *il* (breve ou átono) — trocam estas terminações em *eis*; v. g.: *papel*, *papeis*; *provavel*, *provaveis*; *projectil*, *projecteis*; *faeil*, *faceis*; *il* (agudo ou longo) — mudam *l* em *s*, v. g.: *fuzil*, *fuzis*; *gentil*, *gentis*; *m* — mudam esta letra em *ns*; v. g.: *homem*, *homens*; *bem*, *bens*; *fim*, *fins*; *bom*, *bons*; *atum*, *atuns*; *r*, *z* — accrescentam *es* a estas letras; v. g.: *mar*, *mares*; *alvar*, *alvares*; *capaz*, *capazes*; *luz*, *luzes*; *s* — não alteram a terminação; v. g.: um *lapis*, dous *lapis*; muitos *alferes*. Exceptuam-se *deuses*, plural de *deus* (no sentido my-



PLURAL

thologico), *duples* e *simples* que no plural fazem *duplices* e *simplices* ou *simples*. O plural dos substantivos compostos forma-se ou dando terminação plural á ultima palavra, como—*varapau*, *varapaus*; *malmequer*, *malmequeres*; ou dando-a a ambas as palavras componentes; v. g.: *gentil-homem*, *gentis-homens*; *couve-flôr*, *couves-flôres*. Nos compostos de uma palavra invariavel seguida de um substantivo ou adjectivo, dá-se a fórma de plural só ao substantivo; v. g.: *antedata*, *antedatas*; *sem-saborão*, *sem-saborões*; *sub-chefe*, *sub-chefes*. Nos compostos de um verbo, seguido de um substantivo, dá-se a fórma do plural só ao substantivo; v. g.: *passatempo*, *passatempos*; *porta-bandeira*, *porta-bandeiras*. Os mais com o uso. Alguns substantivos terminados em *o*, cuja vogal accentuada é um *o* fechado, mudam no plural esse *o* fechado para *o* aberto, v. g.: *ôvo*, *ôvos*; *avô* faz *avós* e tem a singularidade de representar no plural os dous pluraes de *avô* e de *avó*, i. é, dos dous sexos. *Adorno*, *bolso*, *estajo*, *folho*, *globo*, *gosto*, *mollo* e outros cousevam no plural o *ô* (fechado); v. g.: *adôrnos*, *bôlsos*, etc., mas, se *mollo* significar *feixe*, tanto no singular como no plural se ha de dizer, *móllo*, *mólhos*. Os adjectivos cujas duas ultimas syllabas tiverem no singular masculino *o*, como — *grosso*, *morto*, *posto* e os terminados em *oso*, mudam o penultimo *o* que é fechado no singular — *ô* — em *ó* (aberto) no plural; v. g.: *grossos*,

mortos, *postos*, *ditosos*, *famosos*, etc. *Character* muda no plural o accento da 2ª para a 3ª syllaba — *carácter*, *caractères*. *Canon* e *ademan* fazem *canones*, *ademanes*. *Appendix* ou *appendice* faz *appendices* e *index* ou *indice*, *índices*. Nos dimiutivos dos substantivos acabados em *ão*, o plural forma-se pondo tambem no plural os substantivos primitivos: v. g.: *acçõesinha*, *acçõesinhas*. Não têm plural: Os NOMES PROPRIOS; v. g.: *Pedro*, *Paulo*; todavia succede algumas vezes serem empregados como nomes; v. g.: *dous Christos de marfim*; *morrem Scipiões nos hospitaes*; *nem Telles nem Menezes*, ou quando queremos designar ao mesmo tempo muitas pessoas do mesmo nome; v. g.: os dous *Brandões*, os *Nunes*, etc. Os NOMES PROPRIOS DERIVADOS; v. g.: o *budhismo*, o *judaismo*, etc. Os de SCIENCIAS E ARTES; v. g.: a *theologia*, a *philosophia*, a *pintura*, etc. Os que exprimem IDÉAS ABSTRACTAS, tomadas individualmente; v. g.: a *pureza*, a *prudencia*, o *pejo*, etc.; QUALIDADES HABITUAES: a *fé*, a *esperança*; menos quando são tomadas pelos actos d'ellas; como: *duas fés e creenças*. *Deus aborrece avarezas*; i. é, os actos viciosos da avareza; METAES E SUBSTANCIAS INORGANICAS; v. g.: *ouro*, *prata*, *hydrogeno*, *azoto*, *carbono*, etc., excepto se quizermos significar peças, artefactos, porções ou especies accidentalmente diferentes, como: *estar a ferros*, *muitas pratas*, *aguas mineraes*, *thermaes*, etc.; PRODUCTOS ANIMAES OU VEGETAES; v. g.: *leite*,

PLURAL — POPULARES

mel, cera, canella, etc.; VENTOS—*norte, sul, etc.*; algumas vezes se dá a forma plural a alguns d'estes nomes, mas figuradamente, etc.; e ha outros que nem figuradamente a podem tomar, como: *isto, isso, aquillo, tudo, outrem, nada, alguem, quem, pez, e alguns mais terminados em ez, que só no singular costumam ser empregados, taes são: tez, rapidez, sensatez, languidez, etc.* Ha nomes que têm uma só terminação em ambos os numeros, como: *píres, ourives, caes, arraes, alferes, etc.* Parecem ter terminação de plural muitos nomes de terras (villas e cidades); v. g.: *Abrantes, Elvas, Guimarães, Lagos, Silves, etc.* Têm geralmente só plural os nomes que significam *pares, multidão ou congestão* de cousas da mesma especie; v. g.: *bragas, preces, exequias, viveres, ceroulas, algemas, caricias, febres, grelhas, etc.* Tanto os infinitos dos verbos empregados substantivadamente e significando cousas e não aecções, como as outras palavras do discurso, tomadas como substantivos, podem empregar-se no plural; v. g.: *os dares e tomares, os seus teres e haveres; isto tem seus quês; dar os amens, os setes, os oitos, os nozes;* as letras do alphabeto tomam tambem um *s* no plural *os ás, os bês, etc.* Quando um nome é composto de dous substantivos unidos pela preposição *de*, o primeiro é que toma ordinariamente o signal de plural; v. g.: *pé-de-boi, pés-de-boi; primor d'arte, primores d'arte; mestre-d'obra, mestres-d'obra; flôr de liz,*

flôres de liz. Ha nomes cujo plural ainda não está bem fixado, e por isso cada auctor os escreve a seu modo; taes são entre outros: *Calis, calix ou caliee, ealis* — calices; *index, indes* ou *indice, indes* — índices; *ancião, anciãos* — anciões; *aldeão, aldeãos* — aldeões; *ermitão, ermitãos* — ermitões; *cortezão, cortezãos* — cortezões; *ademan, ademães* — ademanes; *charlatão, charlatães* — charlatões; *simples, simples* — simplicies; *sacristão, sacristães* — sacristãos.

Poiein, fazer. — Elemento grego. *Epopéa* (*epos*, poema). *Poesia. Onomatopéa.*

Polis, cidade. — Elemento grego. *Necropole*, cidade dos mortos. *Metropole*, cidade mãe. *Petropolis* (ou melhor *Petropole*), cidade de Pedro. *Policia, politica, cosmopolita*, etc.

Polus, muitos. — Elemento grego. *Polyglotta*, que fala muitas linguas. *Polygamo*, que se casou varias vezes.

Polysyllabo. — É o vocabulo que tem muitas syllabas, de tres para mais: *consciencia, infallibilidade, amoroso.*

Ponto. — Nome generico da d a diversas especies de signaes da escripta: *ponto final; p. de interrogação, p. de admiração, etc.* Vide *Syntacticas* (notações).

Populares. — São assim chamadas as fórmulas oriundas do dominio proprio ou da ereação espontanea da lingua, como *rezar, lealdade*. Oppõem-se ás eru-

ditas ou formadas pelos doutos com o exemplo do latim culto: *recitar, legalidade*. Uma lista d'ellas se acha a proposito de *Divergentes* (fórmãs). Vide.

Portuguez. Syn.: o *romance; linguagem*.—Lingua romana falada em Portugal, e quasi, pôde-se dizer, na parte occidental da Hespanha, por isso que o gallego não é lingua differente do portuguez. Dialectos.—O *gallego* e o *indo-portuguez* são os principaes. Existem no emtanto dialectações sem cultura litteraria na America e na Africa. O gallego e o portuguez antigo, não offerciam differença alguma até o seculo XII; depois, cada lingua teve desenvolvimento differente, pois que a Galliza desde muito é uma provincia da nação castelhana. Os primeiros textos conhecidos de lingua portugueza são a *Noticia de torto*. . . e a *Noticia de partiçon*, do seculo XII, e os *Foraes de Castello Rodrigo*, do seculo XIII, em prosa. Varios monumentos litterarios em verso existem dos seculos XIII e XIV, que representam a feição da antiga lingua; taes são o *Cancioneiro* de Affonso X, o *Canc. da Vaticana*, publ. em duas edições, de Monaci e de Th. Braga; as *Troas e Cantares do sec. XIV*, publ. por Varnhagem (Madrid, 1849), que representam o *Canc. da Ajuda*, tambem publicado em excellente edição por Carol. Michaëlis (1904); o *Cancioneiro de Dom Diniz*, incluído no da Vaticana teve duas edições separadas, a defeituosa

de Caet. Lopes de Moura e a mais recente de Henry Lang; o *Cancioneirinho* de Varnhagem tambem é edição incompleta do *Canc. da Vaticana*; o *Canc. Colucci Brancuti* que completa os antecedentes, e é o mais abundante, teve uma edição feita por Molteni; todas estas reedições modernas são de Halle, edit. Max Niemeyer. A cultura grammatical começou no seculo XVI com as grammaticas de F. Lopes e de João de Barros. Sobre a lingua antiga existe a obra gigantesca de Viterbo—*Elucidario*, de Lisboa, 1798, que é ainda hoje o monumento mais consideravel levantado ao estudo do portuguez antigo. O portuguez oriundo do latim, imposto pelos romanos ás populações celticas ou celtiberas, recebeu ainda a influencia secular da dominação goda e ainda a dos arabes, que conquistaram a Hespanha. Da fusão dos tres elementos latino, germano, arabe, com a supremacia do primeiro, é que safu a lingua de Portugal. Pôde-se fixar nos começos do seculo XIII o pleno desenvolvimento da lingua portugueza antiga, a lingua *gensor*, quando já o povo pouco ou quasi nada entendia do latim barbaro, ainda usado nos documentos de origem official e da praxe dos cartorios. Já desde muito tempo o latim dos documentos era completamente falso e apenas constante do uso dos tabelliães, e é o que se evidencia pela introdução naquelles papeis, de fórmãs vulgares do romance, que não po-

diam ser traduzidas, como é facil verificar nas cartas de doações e nas proprias leis municipaes. Os documentos que devemos dar como excerptos caracteristicos da lingua d'esse tempo, abrangem o periodo dos seculos XIII e XIV e são de duas naturezas bem distinctas. Os documentos em verso, na maioria, representam a phase da escola provençal-portugueza; foram escriptos durante o cyclo d'essa poesia no occidente da península por varios trovadores, e se acham collectados nos *Cancioneiros* dos quaes demos anteriormente noticia. Os documentos em prosa são anonymos, e constam principalmente de titulos, ordenações e leis do tempo, e o mais que se considera como os textos authenticos e mais puros da linguagem da época a que se referem. Encontram-se manuscriptos em varios archivos do reino de Portugale e acham-se, muitos, publicados na collectanea *Portugaliæ Monumenta Historica*, editada em Lisboa pela Academia de Sciencias. Os actos publicos, geraes, leis etc., como monumentos legislativos datam de Affonso II (sec. XIII), mas como documentos philologicos datam dos fins do seculo XIV, pois representam claramente versões de textos originaes, redigidos em latim e que já não existem. D'essas versões ha variantes em diversos codices, que não deixaremos em omissão, quando forem de importancia para a linguistica. Quanto á legislação especial dos

municipios, convém ponderar que se encontram os melhores documentos no direito consuetudinario, a partir do reinado de D. Diniz. Os *Foraes*, rudimentos do direito publico, apparecem sempre alliados aos *Costumes* (foros), onde se nota simultaneamente a filiação do direito vulgar nas suas origens (direito civil romano, germanico e arabe). Os *Costumes* ou *foros*, por isso mesmo que representam a praxe tradicional reduzida a escripto, são repositorios de incontestavel preciosidade para o estudo da lingua. Depois da disciplina classica nos fins do seculo XV e em todo o seculo XVI, a evolução do portuguez tornou-se lenta e quasi toda promovida pela irresistibilidade ao progresso de outras literaturas, nomeadamente da franceza. Assim, pois, continuam intensas as alterações syntacticas e as de accrescimento de lexico; mas as alterações phoneticas são relativamente pouco notaveis. Vide *Classicos*.

Posição. — Vogal em *posição* é a que está antes de duas consoantes ou de dupla: *acre, nexo*.

Positivo. — Nome que exprime o estado normal dos adjectivos qualificativos, em relação ao gráo: *bom* é positivo em relação ao comparativo *melhor* e ao superlativo *pequissimo*. Póde applicar-se aos substantivos: *sala* é positivo em relação aos grãos *salleta* (diminutivo) e *salão* (augmentativo). Tambem o epitheto

positivo foi applicado a um interessante systema de orthographia phonetica brasileira, publicado em 1888. (1)

Possessivos. — Determinativos que exprimem posse: *seu, meu, tua, vosso*, etc. Podem ser classificados simultaneamente em duas categorias de palavras, entre os *adjectivos* e entre os *pronomes*. São *adjectivos* quando se usam com o substantivo: *meu chapéo*. São *pronomes* quando o nome está occulto: este chapéo é *meu*. Os *possessivos* recebem o plural ficticio, como os *personas*: « Escrevemos este livro, onde expozemos doutrinas *nos- sas* e alheias ». Onde se vê que *escrevemos (nós)* está por *escrevi (eu)*, e tambem *nos- sas*, por *mí- nhas*. A palavra *você* representa uma composição de *vossa mercê*. O adj. *seu* póde ter referencia a possuidores varios (*son, leur*, no fr.), e por isso em alguns escriptores encontram-se ampliações que esclarecem o sentido: « Maria acompanhava Antonio e tambem o acompanhavam os *seus* filhos *d'ella* ». A ampliação *d'ella* destróe a ambiguidade do sentido.

Post, prefixo latino. — Forma usual *pos*, depois. *Pospór*.

Pous, *podos*, pé. — Elemento grego. *Polypo* (muitos pés). *Antípoda* (contra os pés), etc.

Pp, geminação usada na assimilação de prefixos: *sub*, sup-

(1) *Orthographia positiva...* por Miguel Lemos. Typ. Central, 1888

primir; *ob*, *oppôr*; *ad*, *appa- recer*.

Pre, prefixo latino. — Antecipação. *Prever*, *pre-historico*. O comparativo *preter* significa excesso: *preterir*.

Predicado, *predicação*, *predicativo*. — Vide *Proposições*.

Predominante. — O mesmo que *tonica*; syllaba em que recae o accento: *misericordia*, *belleza*, *rapido*. Vide *Accento*, onde já se tratou do assumpto, e tambem *Prosodia*.

Prefixo. — São os elementos morphologicos, que se aggregam ao radical das palavras por anteposição. Exemplo: *sub* (em baixo), *sub-metter*, *sub-entender*, etc. Estudamos os prefixos no corpo d'este dictionario nos logares determinados pela ordem alphabetica. Os prefixos são *gregos*, *latinos* ou *vernaculos*. São prefixos latinos: *σ, ab, ad, ante, bi, circum, cum, contra, di, dis, des, de, e, ex, extra, in, inter, intro, juxta, male, bene, ob, pene, per, post, pre, preter, pro, re, retro, semi, sed, sine, sub, super, supra, susum, trans, tri, tres, ultra, un, uni, vice*. São prefixos gregos: *a, an, amphí, ana, anti, apo, arch, auto, cata, di, dia, dys, epi, eu, ev, hemi, hyper, hypo, micro, mono, meta, pan, neo, para, peri, pro, syn*. São prefixos vernaculos: *a, com, de e des, contra, em, entre, por, sem, sobre, sob, mal, bem*. Muitas vezes o prefixo só se póde revelar por analyse profunda da etymologia do vocabulo. Em *dever* o prefixo *de*, do latim *debére*, só se revela por meio da

PREFIXO — PREPOSIÇÃO

etymologia *debere* = *de* — *habere*. São dignos de nota os *prefixos duplos*: *decom* (-por), *deseom*, *predis*, *recom* (-pôr), etc. || A lingua portugueza não parece estimar a composição de verbos com o prefixo *re*; é, pelo menos, muito mais parca que o francez.

Prenome. — Primeiro nome do homem ou mulher; ou nome de baptismo dos christãos: João, Maria, Julio. Segundo alguns auctores, porém, o *prenome* apenas representa o titulo que antecede o nome da pessoa ou estado: *Frei*, *Dom*, *São* ou *Santo*, *vice*, *arch*, *sub*, *sota*, etc.

Preposição. — Categoria que abrange todos os vocabulos que exprimem em abstracto as relações entre noções puras. A relação de posse, v. gr., expressa pela particula *de*: poesia *de* Gonçalves Dias. Não caberia nos limites d'este livro exemplificar todos os usos da preposição. Leia-se a minha e outras grammaticas (Julio Ribeiro, Pacheco Junior, Ribeiro de Vasconcellos) sobre a materia. *Classificação.* As preposições classificam-se segundo a natureza, aliás variavel, das relações expressas. *Posse*: *de*. *União*, *concomitancia*: *com*. *Tempo*: *em*, *a*, *durante*, *por*. *Conveniencia*: *conforme*, *segundo*. *Separação*: *sem*, *de*. *Causa*: *de*, *com*, *por*, *após*. *Oposição*: *contra* *em frente*. *Fim*: *por*. *Logar*: *em*, etc. Como propriamente o significado é vago e geral nesses nexos de palavras, a sua classificação fica dependente do sentido ou do emprego que se lhes dá.

DICC. GRAMM.

Etymologia. A, *ad* e *ab*; para, *per a*; *em*, *in*; sobre, *super*; sob; *sub*; *com*, *eum*; *contra*, *contra*; *sem*, *sine*; *segundo*, *secundo*; *após*, *ad post*; *de*, *de*; *desde*, *de ex de*; *por*, *per* e *pro*; *mais*, *magis*. Algumas têm a etymologia nos participios: *tirante*, *não obstante*, *durante*, etc. **LOCUÇÕES PREPOSITIVAS.** São as preposições expressas por mais de um vocabulo: *em conformidade com*, *não obstante*, *depois de*, etc. A conjunção e póde momentaneamente servir de nexos entre palavras e funcionar como preposição: *dous e dous* são quatro (*dous com dous*). Nas antigas grammaticas ha a divisão entre as *preposições componentes* (*ab*, *ad*, *pre*, *per*... que compõem os vocabulose são denominadas *prefixos*) e as *preposições regentes*: *a*, *sobre*, *em*, etc. *Syntaxe.* A preposição não póde deixar de ser repetida, com palavras antagonicas: *na terra e no mar*. « Não se deve fazer reger pela mesma preposição palavras que pedem preposições diferentes. Assim diremos bem: *util e agradável a todos*; *nasceu e foi educado em Paris*. Mas não diremos: *affavel e querido de seus amigos*, porque *affavel e querido* exigem preposições diferentes; ha de compôr-se: *affavel com seus amigos e querido d'elles*. Em geral não se devem repetir as preposições, cujos complementos são palavras que têm, pouco mais ou menos, o mesmo sentido; v. g.: *viver na molleza e ociosidade*; *encanta a todos com a sua bondade e doçura*; *deve a vida á clemencia e magnani-*

17

PREPOSIÇÃO — PRONOMES

midade do vencedor; encontram-se os mesmos preconceitos na Europa Asia, Africa até na America; para a harmonia da phrase e discurso, etc. Mas se estes diversos complementos têm um sentido opposto um ao outro, ou se são de categoria differente, é necessario repetir a preposição; v. g.: *Na cidade e no campo: cumpri os vossos deveres para com Deus, para com vossos paes e para com a patria.* Ainda assim devemos notar que não são estas regras tão absolutas, que não admittam infrações, quando o exijam a harmonia, ou qualquer outra necessidade do estylo. Uma preposição não deve ser empregada na mesma phrase em mais de uma acceção ou sentido; seria incorrecto dizer: *sobre a tarde vamos a sua casa discorrer sobre a immortalidade da alma; comecei por provar-lhe por todos os meios.* Dando qualquer outro giro ás phrases, diríamos por exemplo: *sobre a tarde vamos a sua casa discorrer ácerca, etc., ou—de tarde vamos, etc; comecei provando-lhe por todos os meios, ou comecei empregando todos os meios por lhe provar.* Algumas preposições contraem-se com os artigos e alguns demonstrativos. *As terras são defendidas DOS frios, DAS chuvas, DAS lamas, DAS serras e DO inverno. AO orgulho e á vaidade bem podem muitos attribuir o desprezo que lhes vota o bom senso. NO céo, NO ar, NO mar, NA terra, por toda a parte ostenta Deus a sua omnipotencia. Naquelle olhar, Naquelle falar e Naquelle andar bem mostra leviandade de espirito.*

Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores, morrer gloriosamente PELA lei, PELO rei e PELA patria.»

Prepositivas. — Dizem-se todas as partes que antecedem o vocabulo: *os artigos, proclíticos e prefixos.*

Preterito. — Nome generico dado a varias flexões verbaes de tempo. Vide *Tempos.*

Primitivas. — São as palavras que servem de thema para outras *derivadas.* Taes são: *amor, primitiva de amavel, amoroso; pedra, primitiva de pedreira, pedregulho, pedreiro, pedrada; olho, primitiva de olhar, olheiro.*

Pro, prefixo latino. — Em favor de. *Proclamar. Propôr.* A fórma vernacula é *por: pormenor.*

Proclíticos. — Vide *Pronomes.*

Pronomes. — Expressão abreviada propria para evitar a repetição dos nomes. Dividem-se em varias classes: *personaes* (eu, tu, elle, etc.); *demonstrativos* (este, isto, aquelle, etc.); *relativos* ou *conjunctivos* (que, qual, etc.); *indefinitos* (algun, alguem, etc.); *reflexo pessoal* (se); *interrogativos* (que? qual? etc.). Alguns grammaticos apenas nomeiam sob a categoria de pronomes — os *personaes.* **COLLOCAÇÃO.** — Os pronomes de caso indirecto ou obliquo *me, te, se, lhe, nos, vos, o, a,* conservam-se ligados ao verbo, em anteposição ou em posposição. Quando antepostos,

PRONOMES

dizem-se *proclíticos*; quando postos, *enclíticos*. A intercalação dá-se nos futuros dos verbos: amar-*te*-ei, far-*se*-á, etc. A intercalação diz-se também *synclise*. Para os brasileiros, que, em geral, commettem frequentes erros na collocação dos pronomes, essa parte da syntaxe tem a maior importancia. Eis as regras que se mandam commummente observar, ainda que não seja impossível encontrar exemplos contrários nos bons escriptores; entretanto, exprimem o uso geral de todos elles: 1.—NA PROPOSIÇÃO NEGATIVA O PRONOME OBLIQUO É ANTEPOSTO: Não *lhe* diga cousa alguma; o sol não *se* apaga; a vida não *me* desagrada; não *te* julgues sabio. *Quando existem dous verbos, estando um no infinito, é permittida a posposição: não me* podia falar ou não podia falar-me. 2.—NAS CLAUSULAS DE SUBORDINAÇÃO O PRONOME É ANTEPOSTO: Mandei que *lhed*essem o livro; peço que *me* escrevam; farei, se o quizerem. Encontram-se exemplos contrários a esta regra principalmente na poesia; mas em pequeno numero, cotejados com o caso geral. *Quando o verbo é composto, pôde o pronome pospôr-se ao infinitivo: Peço que me* venhas visitar ou peço que venhas visitar-me. 3.—NUNCA SE POSPÕE O PRONOME AO PARTICÍPIO PASSADO: Tenho-a visto; sou-*lhe* grato. Pôde-se dizer que não tem excepção. Contudo, como ha exemplos na lingua italiana e esta foi muito familiar aos classicos, talvez se depare um ou outro exemplo de

posposição. Erro crasso será, pois, dizer: *tenho visto-a* ou *sou grato lhe*, etc., solecismo varias vezes commettido e atépor escriptores.

4.—NAS FÓRMAS DO GERUNDIO PRECEDIDO DE EM, HA ANTEPOSIÇÃO: Em *se* levantando... É regra rigorosa e muito seguida e observada nos bons escriptores,

a) *Quando ha verbo composto com infinitivo, a este pôde pospôr-se o pronome: em se* querendo levantar; em querendo levantar-se.

b) *Quando o gerundio não vem precedido de em, ha posposição: Luiz, levantando-se, disse...*

Não é de muito rigôr, como a antecedente IV, e ha frequentes exemplos em contrario. 5.—NAS

PROPOSIÇÕES OPTATIVAS, CONSGRADAS como formulas de juramento ou de imprecação quando o sujeito precede ou não existe: Deus *me* livre; o céo *te* abençõe; t'arrenego; bons ventos *o* levem; *me* mellem. É regra de muito bom uso e quasi nunca exceptuada, salvo se o sujeito se pospõe: Livre-*me* Deus. 6.—EM TODA

PROPOSIÇÃO QUE CONTENHA a conjuncção ou adjectivo *que* e suas variantes *cujo*, *quem*, *qual*, *quaes*, etc., ha anteposição: o homem *cujo* nome *te* declarei: a luz *que* o alumia. Esta regra é que talvez não mereça tida como regra. As excepções são muito numerosas e dos mais excellentes dos nossos classicos, principalmente nas orações que contêm a conjuncção *que*, *porque*, *posto que*, *pois que*. Com o *que*, *cujo*, *quem* pronominaes as excepções são muito poucas em relação ao caso geral. Deve-se, pois, corri-

gir o enunejado d'esta regra, dando-a como digna de observar-se quando occorrem *que* e variações adjectivas e pronominaes de *que*. 7.—AS PALAVRAS QUE OBRIGAM A ANTEPOSIÇÃO são os adjectivos *todo, nenhum, cada, ninguém, nada*, e os adverbios de negação, quantidade, tempo: *todos se* calaram; *nada o* commoveu; *muito se* fez; *pouco se* falou; mas ha excepções que dependem da euphonia da phrase. || Propriamente essas palavras exercem atracção sobre as enclíticas, de modo que quando ha posposição de umas, ha posposição de outras, posto sem rigor: *Fez-se muito; muito se* fez; *calaram-se todos; todos se* calaram. 8.—O PRONOME OBLIQUO nunca póde principiar uma proposição (no começo do periodo ou de membro de phrase, entende-se). Não se diz: *o diga; me* faça o favor; porém, sim: *diga-o; faça-me*... Esta regra é bem fundamentada. É rarissimo exemplo em contrario. Ha o exemplo que se encontra em Rodrigues Lobo—*Me contenta*—que era a letra ou divisa da rainha esposa de D. João I; mas naquelle tempo o portuguez era uma algaravia semi-ala-tinada. E qualquer exemplo, em qualquer caso, rarissimo, póde ser considerado um castelhanismo. 9.—EM QUALQUER CASO, quando existe um verbo composto com outro no infinitivo, a posposição a este, sem ser do minimo rigor, é de uso correcto. 1. Não *lhe* posso dizer; não posso dizer-*lhe*. 2. Em *se* preparando; em querendo preparar-*se*. 3. Li-

vro *que lhe* agrada; livro *que* deve agradar-*lhe*; livro *que* *lhe* deve agradar, etc. Aqui, propriamente não ha regra; mas é digno de nota que os brasileiros e os portuguezes do outro tempo preferiam a anteposição (não *lhe* posso dizer, etc.), ao passo que os portuguezes de hoje preferem dizer e escrever com a posposição ao infinitivo (não posso *dizer-lhe*). Em resumo, varios casos que não estão verdadeiramente fixados, e que parecem escapar a qualquer regra absoluta. Não se póde negar que a euphonia, algumas vezes, ainda que raras, regula a collocação *das enclíticas*; mas a questão da *euphonia* (como todas as questões prosodicas para nós outros brasileiros) mais difficulta e embarça o assumpto. Costumamos pronunciar claramente essas particulas pronominaes que para os portuguezes são leves e brevissimas, e por essa razão se unem aos verbos (e a outras palavras quaesquer no outro tempo, e ainda hoje ao adverbio *não*). COMBINAÇÕES.—Das palavras que se combinam na mesma expressão, como *do, de-o*, as que offerecem difficuldade no uso, são as enclíticas pronominaes. Eis as regras que se observam a esse respeito: 1. — *Dous pronomes enclíticos sempre se combinam*, isto é, não podem ser expressos em separado. Seria erro dizer: *me-disse-o; lhe* faça-se. As duas enclíticas devem reunir-se: *disse-m'o; dê-se-lhe; faça-se-lhe*. Entretanto — *faça-se-lhe*—é termo que deve ser evita-

PRONOMES

do, porque é mais que esdruxulo; tem o accento na 4.^a syllaba, da ultima para a primeira. 2.-- *Me* e *te* só se combinam com *o* ou *se*: diga-*m'ô*; diga-*t'ô*;... *m'ô* dissessem;... *t'ô* dissessem. Quando se combinam com *o*, este pospõe-se, como nos exemplos citados. Seria erro dizer: *O me dissessem*, ou *dissessem-o-me*, etc. Quando, porém, se combinam com *se*, este antepõe-se: faça-*se-me*; fez-*se-te*. E não: *faça-me se*, etc. Entretanto convém notar: fez-*se-te*, rezou-*se-te* uma missa, *louvrou-se-te a acção* — são expressões desagradáveis e quasi cacophonias, e por isso convém evitadas. 3. — *Me*, *te*, de nenhum modo podem combinar-se com *vos*, *nos*, *lhe*. Também *nos* e *vos* rejeitam qualquer combinação que não seja com *o* ou *se*. Mas, nesse caso, o *o* pospõe-se: *nol-o*, *vol-o*; e o grupo inteiro antepõe-se invariavelmente ao verbo... *nol-o* disse;... *vol-o* diga. A posposição do grupo é inadmissivel. Seria erro, isto é, vicio, cacophonia, dizer: *dise-nol-o*, *diga-vol-o*, etc. 4. — *Nos*, *vos*, quando em grupo com *se*, scrá este o primeiro elemento, mas ambos podem preceder ou seguir-se ao verbo: fez-*se-nos*... *se nos* fez; que *se nos* faça... *faça-se-nos*. 5. — A enclitica *o* ou *a* usa-se nas combinações anteriormente estudadas. Mas não pôde tolerar combinação com *se*. É erro e gallicismo dizer-se: *Fez-se-o*, *se o* faça. Taes expressões devem ser substituidas por outras equivalentes, como : *fizeram-o*, *façam-o*; do contrario *se* ficará sendo o

sujeito, o que é franceziismo de construcção. || Muitas são as contribuições, estudos, e monographias sobre o assumpto, escriptas por Dutra e Mello, Said Ali, Raggio Nobrega, Mario Barreto Cônego Braga e outros mais antigos. Analysadas, todas e cada uma, têm as suas falhas, de exclusivismos e de rigores ou de concessões extremas. Parece que a convivencia e leitura dos bons auctores, que elles, sós, nos podem ensinar o sentimento do rhythmo e do estylo, é o verdadeiro caminho para os que escrupulizam nesta materia. || Assumpto de importancia é o referente a variação *si* empregada sem preposição, e cabem aqui as doudas palavras do nosso philologo, Fausto Barreto: «*SI*. Além de funcionar como pronome acompanhado de preposição e como elemento conjuncional, se depara no significado de adverbio na linguaagem antiga. «Conto-lhe coisas que elle nunca viu, nem fez, desafios que teve, batalhas que venceu, mil perigos de que me livrou, e tudo cuida que é *SI*.» (Ant. Ferreira—Comedia *Bristo*, acto 2.^o, scena V, pag. 324 do tom. II das *Obras completas*). Inteiramente banido do falar moderno está o emprego de *si* como pronome pessoal, desacompanhado de preposição. Outr'ora se usavam construcções taes como: Outros mayores que *si*, *peyor* que *si*, após elle não ha outro *si*, etc. E como o proprio Antonio Vieira, o maior classico do seculo XVII e um dos



PRONOMES — PROPOSIÇÕES

maiores de todos os seculos da lingua, não duvidasse escrever: «A mesma estrella Venus se mostra maior que si mesma.» (Carta 80^a, tom. I), vem de molde, apesar de tal construcção rubricada pelo preclaro jesuita não se conformar com a indole geral da moderna linguagem portugueza, systematizar os casos em que no periodo classico esporadicamente occorrem restos de um phrasear incongruente, syncretico: o que prova que, no dizer de illustre glottologo, mui difficil é a uma lingua perder por completo o que uma vez ganhou. Eis os casos em que se emprega si sem preposição: 1.^o—Depois da conjuncção *que*, precedida do comparativo: «O filho de Deus não tinha outro maior *que si*.» (Thomé de Jesus — *Trabalhos*). 2.^o—Depois do adjectivo *outro*: «Anda homem tão differente d'aquelle *outro si* que trouxe de Adão.» (Heitor Pinto). Como se disse, taes phrases já desceram ao limbo dos archaismos.— A grande maioria dos nossos classicos, diz Castilho José, póde ser para utilissimo estudo: nenhum para constante guia. Todos esses sóes têm suas máculas. (Fausto Barreto — *Cidade de Campinas* de 12 de Setembro de 1902).

Pronominal. — Diz-se do verbo que se conjuga com dous pronomes: ferir-se; *eu me firo, tu te feres*, etc.

Proposições. — (*Analyse logica*). Proposição é todo o conjuncto de palavras coordena-

das de modo que representem um juizo: *A virtude é louvavel*. Os elementos principaes da proposição são: a) O *sujeito* — é o ser do qual se diz alguma cousa: O LEÃO é um animal feroz. b) O *predicado* — é aquillo que se affirma do sujeito: A flôr MURCHA. O sol É LUMINOSO.

I. RELAÇÕES.— Palavras e grupos de palavras mantêm entre si relações de tres especies: relação *predicativa*; relação *attributiva*; relação *adverbial*. **RELAÇÃO PREDICATIVA** é a que existe entre o sujeito e o predicado: A luz — vem do sol; Socrates — suicidou-se; Mozart — era allemão. **RELAÇÃO ATTRIBUTIVA** é a que limita o substantivo, modificando-o. Póde ser constituida por adjectivo, nome, locução ou phrase apposta ao substantivo: menino — *estudioso* (adj.); o — menino (adj.); *certos* — individuos (adj.); a phrase — *penso, logo existo* (phrase); o dia — *de juizo* (locução adj.); a mulher — *que lhe deu o ser* (phrase); Julio — *terceiro papa* (subs. apposto). **RELAÇÃO ADVERBIAL** é a que modifica, limita o verbo e o adjectivo por meio de adverbio ou locução de valor adverbial: falou *eloquentemente* (adverbio); falou com *eloquencia* (loc. adv.); ficou *ás escuras* (loc. adv.); feito *de pedra* (loc. adv.). **II. OBJECTO.**— O *objecto* é a palavra em que se emprega a acção do verbo, e póde ser *directo* ou *indirecto*. a) **OBJECTO DIRECTO** exprime a cousa *passiva* (que recebe a acção): Antonio matou *um faisão*. Exprime tambem a cousa *factitiva* (producto

PROPOSIÇÕES

da acção): escreveu *uma carta*.
 b) O OBJECTO INDIRECTO exprime a cousa em vista da qual a acção se realiza. Exemplos: Atribuiu o crime a *um escravo*; escreveu-*lhe*. III. ADJUNCTOS.—As palavras que modificam os elementos principaes da phrase, ehamam-se *adjunctos*, e são de varias especies. 1. — ADJUNCTOS ATTRIBUTIVOS são os elementos que modificam o substantivo. a) Um adjectivo. Ex.: Um soldado *crivado de settas*; *livro util*. b) Uma palavra ou grupo de palavras em apposição. Ex.: A vida, *este sonho que precede a morte*. Garrett, *dramaturgo*. c) Um substantivo com preposição. Ex.: Um cento *de lapis*; o lago *de Constança*; o dia *de juizo*; a dedicação *pela patria*; um chapéo *para baile*. d) Uma proposição adjectiva: *ã infancia que passou*; o homem *que vimos* (passada, visto). ADJUNCTOS ADVERBIAES são os que modificam o verbo e o adjectivo. Póde ser: a) O adverbio. Ex.: *Luctou heroicamente*; *partirei amanhã*; *grandemente* sabio. b) Uma locução ou proposição adverbial. Ex.: *Partirei no dia seguinte*; *partirei quando chegares*; *não irei se ficares*. c) Um substantivo precedido de preposição clara ou subentendida, exprimindo uma circumstancia. Ex.: *Trabalha para o progresso*; *caminhou duas leguas*; *morreu tres dias depois*; *escreve toda a noite*; *estava para morrer*. d) O substantivo acompanhado de attributo e empregado no sentido absoluto. Ex.: *Feita a oração*, adormeceu; *tendo-se occul-*

tado o sol, acampamos. IV. — SUJEITO. O *sujeito* póde ser *simple*s, *composto* ou *complexo*. 1. SUJEITO SIMPLES é representado por um substantivo, pronome, infinito ou palavra substantivada. Exemplos: *A vida é breve*; *viver é necessario*; *eu estudo*; *assas é um adverbio*. 2. SUJEITO COMPOSTO é o que consta de dous nomes ou palavras substantivas: *O nascimento e a morte são dous termos da vida*; *eu e tu estamos bons*; *ser e não ser são eousas oppostas*. 3. SUJEITO COMPLEXO é representado por uma proposição ou citação: «*Deus e o meu direito*» é a sua divisa; *que o trabalho dá saude é eousa certa*; *viver sem peccado é a ambição-do justo*. V. PREDICADO.—O *predicado* póde ser *simple*s ou *complexo*. 1. PREDICADO SIMPLES é o que é expresso por um simples verbo finito: *O mineral cresce*; o homem *pensa*; *eu leio*. 2. PREDICADO COMPLEXO é o que se compõe de um verbo de predicção incompleta com o seu complementivo necessario: *O Brasil tornou-se independente*. Os verbos *ser*, *tornou-se*, *parecer*, *poder*, não exprimem predicado completo e por isso seriam obscuras as proposições: *Pedro tornou-se*; *elle parece*; *nós podiamos*. A clareza exige um complementivo: *Pedro tornou-se rico*; *ella ficou doente*; *elle parece francez*; *nós podiamos estudar*, etc. Taes verbos de predicção incompleta juntos aos complementivos (*rico*, *doente*, *estudar*, etc.) constituem o PREDICADO COMPLEXO. O *completivo* é *subjectivo* quando se refere ao sujeito,

PROPOSIÇÕES

o que se dá nas orações passivas: A *Austria* foi proclamada *nação livre*. Quando o *completivo* se refere ao objecto, chama-se *objectivo*: Eu tornei o livro *mais volumoso*. Muitos verbos só accidentalmente se apresentam como de predicação incompleta, como *ficar, fazer-se, sentir, achar-se, suppor-se, considerar-se, ter-se, estar*, etc.

VI. OBJECTO.—O *objecto* pôde ser *simples, composto* ou *complexo*, e as distincções são, as mesmas que já estabelecemos para o caso do *SUJEITO*. Exemplos: *Objecto simples*:—Digo a *verdade*; amo o *verdadeiro*; desejo *viajar*. *Objecto composto*:—Amo a *justiça e a clemencia*; amo os *justos e os Clementes*; quizera *ler e escrever*. *Objecto complexo*:—Sei *como estudas*; creio *que estás zombando*; vi *chover pedras*. CLASSIFICAÇÕES QUANTO AO SENTIDO.—As proposições simples classificam-se quanto ao sentido em: **POSITIVAS**—aquellas que affirmam a realidade de um factó: *Carlos morreu*. **NEGATIVAS**—aquellas que affirmam não ser o factó real: *Carlos não morreu*. O termo *positivo* é preferível ao *affirmativo*, diz Roersch; porque este ultimo convém á negação logica. Divide-se ainda a proposição simples, quanto ao sentido, em: **ENUNCIATIVA**—quando apenas indica o factó: *Carlos morreu*; *Carlos não morrerá*. **INTERROGATIVA**—quando interroga: *Morrerá Carlos?* **OPTATIVA**—quando exprime desejo da realização do factó: *Viva Carlos!* **IMPERATIVA**—quando exprime uma ordem da pessoa que fala:

Ide; voltae o mais depressa possível. **EXCLAMATIVA**—quando encerra uma *exclamação*, sentimento de entusiasmo, de admiração ou respeito: *Sublime! Como é sublime!* **ESPECIES DE PROPOSIÇÃO**.—1. *Proposição simples*—

é a que se compõe unicamente do sujeito e do predicado. Exemplos: Deus é omnipotente; o poder de Deus é illimitado; alguns animaes vivem á custa de outros; os peixes respiram; Julio Cesar venceu os barbaros.

2. *Proposição complexa*—é a que, além de possuir sujeito e predicado, contém outras proposições que lhe são subordinadas.

A *proposição complexa* contém, pois, uma proposição principal e outras dependentes. Exemplos: O homem de que falaste, é um francez. Decompõe-se em duas proposições, a saber: A principal -- *O homem é um francez*; a subordinada -- *de que falaste*.

AS SUBORDINADAS, que tambem se denominam *clausulas*, dividem-se em tres classes: subordinadas *substantivas*, subordinadas *adjectivas*, subordinadas *adverbiaes*.

1. **CLAUSULA SUBSTANTIVA** é a que tem função equivalente á de um substantivo. Exemplo: Notou *que estava pallido* (notou a sua *pallidez*); assegurou *que eu viria* (assegurou a *minha vinda*); *quando eu vá* é cousa incerta (o tempo da *minha ida* é cousa incerta).

2. **CLAUSULA ADJECTIVA** é a que tem a função de um adjectivo; isto é, modifica o substantivo: Vi o livro *que tu escreveste* (escripto por ti); os dedos, *que são cinco*, são os orgãos mais delicados do

PROPOSIÇÕES

tacto; palavras *que elle pronuncia* são sempre agradáveis. 3. CLAUSULAS ADVERBIAES são as que representam relação equivalente á do adverbio. Exemplos: Ficou *onde o deixaram*; saírei *quando todos saírem*. As *clausulas adverbias* podem exprimir circumstancias diversas, as mesmas que constituem as classes de adverbios. a) de tempo — Nunca mais recobrou a saude *depois que teo a febre amarella*; chorei *até que se esgotaram as lagrimas*. b) de logar — Seguil-o-ei *onde quer que vá*; conheei-o na casa *em que vivey nos ultimos tempos*. c) de gráo — É mais instruido *do que parecia ser* (instruido); a rosa é mais bella *do que a violeta* (é bella); *quanto mais leio mais aprendo*. d) de causa — Quero *porque posso*; adoro-o *porque é Deus*. e) fim — Trabalhou *tanto que enriqueceu*. f) condição — *Se commetter o crime*, merecerá punição. g) modo — Praticou *conforme preceitúa a lei*; pensou *como devia*. 3. PROPOSIÇÕES COMPOSTAS. — *Proposição composta* é a que se compõe de varias proposições que têm a mesma função na phrase. As *proposições*, neste caso, chamam-se *coordenadas* e ligam-se entre si pela simples successão ou por conjunções chamadas de *coordenação*. As conjuncções ordinariamente usadas na *coordenação* são: A copulativa *e* — Deus creou o homem e creou o mundo; a adversativa *mas* — elle estuda, mas não aprende; a disjunctiva *ou* — venha ou mande; a conclusiva *logo* — penso, logo existo. As proposições coordenadas que

não possuem termos de ligação, chamam-se *collateraes* ou coordenadas por juxtaposição. Exemplo: Chegou, viu, venceu; amo a virtude; detesto o vicio. Usa-se tambem a denominação de *asyndeticas* para as coordenadas juxtapostas, e *syndeticas* para as coordenadas que possuem connectivos. 4. PROPOSIÇÕES CONTRACTAS. — As subordinadas podem ter em eommum o mesmo objecto, predieado ou sujeito, etc. São chamadas nesse caso *proposições contractas*. Exemplo. *Venus e Marte são planetas* — Venus é planeta, Marte é planeta: *A virtude exalta e o vicio degrada o animo*. — A virtude exalta o animo, o vicio degrada o animo. *O povo que conquistava e civilizava...* — O povo que conquistava, o povo que civilizava. 5. PROPOSIÇÕES ELLIPTICAS. — As proposições *ellipticas* são as que deixam subentender-se uma parte da phrase, que não é identicamente a mesma já expressa. *Elle é mais sabio do que eu*. — (*Elle é mais sabio, que eu sou sabio*). Como se vê, a parte *eu sou sabio* subentendida é diferente da parte *é sabio*, expressa. EXPLANAÇÃO. 1. A *proposição ou locução participal* do presente representa uma circumstancia e por isso deve ser interpretada como equivalente de *adverbio*: Adjunct. adverbial — Uma estrella *correndo*. Prop. adverbial — *Tendo feito a paz*, o exereito invasor desoccupou a cidade. Esse easo, no emtanto, é eontroverso. E a locução adverbial póde ser tambem interpretada como adjectivo e figurar

PROPOSIÇÕES

então como *adjuncto attributivo*. Ex.: Um homem *tocando harpa* passou; um homem *que tocava harpa*. (1). Para evitar a confusão, fica estabelecida melhor teoria que dá á phrase particípial os dous valores do *adverbio* e *adjectivo*, conforme modifique ou limite o verbo ou nome: Loe. *adverbial* — (adjunct. adv.) Saiu chorando; acordou gritando (mod. o verbo). Loe. *adject.* — (adjunct. attrib.) — Um homem chorando; fazendo Cezar a paz... etc. 2. Os **CONNECTIVOS** são os termos que ligam uma proposição a outra: *mas, e, ou*, etc.: Julio desapareceu *ou* morreu; estuda, *mas* não aprende; estuda *e* aprende. Esses exemplos representam *connectivos proposicionaes* ou *syntacticos*, por isso que ligam phrases. Os *connectivos* lexicos são os que ligam vocabulos: Pedro *com* Antonio; estar *em* Paris. Essas duas subdivisões nada têm que vêr com as categorias *grammaticaes*, e por isso o *connectivo syntactico* pôde ser representado por *adverbios* e por *adjectivos conjunctivos* ou *locuções equivalentes*: Casa *em que* Socrates morreu; casa *onde* Socrates nasceu; veiu, *soffreu, depois* morreu; veiu, *logo* foi empregado, *e* merecidamente. Da mesma sorte, o *connectivo vocabular*, que é em regra uma proposição, pôde ser representado pela *eonjunção* ou *equivalente*: Dous *e* oito são dez; cinco *mais* seis, onze.

(1) Vide Bain—A higher engl. gramm. I, 268.

EXEMPLIFICAÇÕES. — Passemos agora aos exemplos tirados dos textos auctorizados da lingua: «Adão antes de Deus o formar não era nada; formado, era uma estatua de barro lançada naquelle chão.» Vieira. *Serm.*, t. I, 303. Este trecho constitue um *periodo* composto de duas *proposições*. 1.^a *Adão antes de Deus o formar não era nada*. 2.^a *Formado, era uma estatua de barro lançada naquelle chão*. Analyse da primeira *proposição simples*. 1. Sujeito logico: *Adão antes de Deus o formar*; sujeito grammatical: *Adão*; predicado logico: *não era nada*; predicado gramm.: *era nada*. 2. Analyse do *sujeito*. É *simples*, porque consta de uma noção unica, expressa pelo substantivo. Tem um *adjuncto adverbial*: *antes de Deus o formar*, que exprime uma circumstancia de tempo. 3. Analyse do *predicado*. É *complexo*, porque se compõe de um verbo de predicção incompleta (*era*) e do seu completivo, attributo (*nada*). *Adjuncto adverbial* do predicado: *não*, exprime negativa. Analyse da segunda *proposição simples*. Sujeito logico: *formado* (ent. *elle, Adão*); suj. gramm.: *Adão* (oculto por *zeugma*); predicado logico: *era uma estatua de barro lançada naquelle chão*; predicado gramm.: *era uma estatua*. *Sujeito*. *Simples*. *Adjuncto adverbial*: *formado* (isto é, *depois de formado*). *Predicado complexo* por conter o verbo de predicção incompleta com o seu completivo: *era uma estatua*. *Adjunctos attributivos* do predicado: *de barro e*

PROPOSIÇÕES

lançada. Adj. adverbial: *naquelle chão* (logar). As duas proposições constituem uma *proposição composta* por meio de coordenação *asyndetica*. Segundo exemplo: «A maior pensão com que Deus creou o homem é o comer. Lançae os olhos para todo o mundo e vereis que todo elle vem a resolver-se em buscar o pão para a bocca.» Vieira. *Serm.*, t. XII, 204. Esse período contém duas *proposições*. Primeira, complexa: *A maior pensão com que Deus creou o homem*. Segunda, composta e complexa: *Lançae os olhos para todo o mundo e vereis que*, etc. A primeira proposição é *complexa*, porque contém a clausula adjectiva: *com que Deus creou o homem*. A segunda proposição é *composta*, porque é constituída por duas outras coordenadas *syndeticamente* por meio da conjunção *e*; *lançae os olhos...* e *vereis* etc. É ainda complexa por a segunda coordenada conter a clausula substantiva: *que todo elle vem a resolver-se em buscar o pão para a bocca*. Analyse da primeira proposição complexa: *A maior pensão com que Deus creou o homem é o comer*. 1. Suj. logico: *a maior pensão com que Deus creou o homem*. Suj. gramm.: *pensão*. Adjunctos attrib. do sujeito: a) *a*; b) *maior*; c) *com que Deus* etc. Predicado gramm. e logico: *é o comer*; este predicado é *complexo*. 2. Analyse da clausula adjectiva: *com que Deus creou o homem*. Suj. logico e grammatical: *Deus*; pred. logico: *creou o homem*; pred. gramm.: *creou*;

objecto: *o homem* (simples); adj. adverbial: *com que* (com a qual pensão). Analyse da segunda proposição composta e complexa. 1. Como composta, tem duas coordenadas *syndeticas*: a) *Lançae os olhos para todo o mundo*, b) *Vereis que todo elle vem a resolver-se* etc. Connectivo: *e*. Analyse da primeira coordenada (a): suj. logico e gramm.: *vós* (oculto); pred. logico e gramm.: *lançae* (simples); objecto: *os olhos* (simples); adj. adverbial: *para todo o mundo*. Analyse da segunda coordenada (b): É complexa por conter a clausula substantiva: *que todo elle vem* etc. — Suj. logico e gramm.: *vós* (oculto); predicado logico e gramm.: *vereis* (simples); objecto: *que todo elle vem a resolver-se* etc. (complexo). Analyse da clausula substantiva: *que todo elle vem a resolver-se em buscar o pão para a bocca*. Sujeito logico: *todo elle*; suj. gramm.: *elle*; adj. attrib. do suj.: *todo*; pred. logico: *vem a resolver-se em buscar* etc.; pred. gramm.: *vem a resolver-se* (complexo); adj. adverbias: 1) *em buscar o pão* (modo); 2) *para a bocca* (fim). Terceiro exemplo:

«Comendo alegremente perguntavam
Pela arabica lingua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam
Ou que partes do mar corrido tinham.»

Camões, I. XLX.

É uma proposição simples. Sujeito logico e gramm.: *Elles* (oculto); predicado: *pergunta-*

vam; objecto, composto e complexo: *d'onde vinham, quem eram de que terra*, etc.; adjunctos adverbiaes do predicado: 1º comendo; 2º alegremente; 3º pela arabica lingua. O objecto complexo é constituido por uma proposição composta: 1ª *quem eram*; 2ª *de que terra* (eram); 3ª *que buscavam*; 4ª *ou que partes do mar tinham corrido*. Estas quatro proposições estão coordenadas syndeticamente pela conjunção *ou*. A analyse individuada de cada uma d'ellas é a seguinte: 1ª proposição: quem eram. Sujeito: *elles* (occ.); predicado: *eram* (predic. complexo). 2ª proposição: *de que terra*. Suj.: *elles* (occulto); pred.: *de que terra eram* (pred. complexo). 3ª proposição: *que buscavam*. Suj.: *Elles* (occ.); pred.: *buscavam*; objecto: *que*. 4ª proposição: *ou que partes do mar tinham corrido*. Connectivo: *ou*; suj.: *elles* (occ.); predicado: *tinham corrido*; objecto: *que partes*; adjuncto attrib. do objecto: *do mar*. Quarto exemplo:

«Não acabava quando uma figura se nos mostra no ar, robusta e valida.»

Camões.

Proposição complexa, porque contém uma clausula. Proposição principal: *Não acabava*; clausula adverbial: *Quando uma figura se nos mostra* etc. 1. Analyse da proposição. Suj.: *Elle* (occ.); pred.: *acabava*; adjunct. adverb.: *não*; objecto: *de dizer* (occulto). 2. Analyse da clausula adverbial de tempo. Suj.

logico.: *Uma figura*; suj. gramm.: *figura*; Adjuncto attrib. do sujeito. 1) *robusta*; 2) *uma*; 3) *valida*; predicado: *se mostra*; completivo do predicado; *nós* (a nós, indir.); adjuncto adv. do predicado: *no ar*. REGRAS PRACTICAS.—1. Dada a proposição, examinar se é *ella simples, composta ou complexa, contracta*, etc. Classifica-a quanto ao sentido (*enunciativa, affirmativa*, etc). 2. Se a proposição é *simples*, determinar o *sujeito* e o *predicado*. Depois, determinar os adjunctos, as ampliações, se as houver, de ambos aquelles elementos, o completivo do verbo (objecto). 3. Se a proposição é *composta*, classifica-a segundo a sua maneira de coordenação (syndetica e asyndetica). Dissolve-a em proposições e proceder de conformidade com a regra 2. 4. Se a proposição é *complexa*, determinar a proposição propriamente dita ou principal, e separar e classificar as suas *clausulas* ou subordinadas (adjectivas, substantivas, adverbiaes). Depois, proceder analyticamente sobre as proposições parciaes, indicando sujeito, predicado, adjunctos, etc., como na regra 2.

Proprios. — São os substantivos que convêm a um só ser, pessoa, animal ou cousa: *Jesus, Scipião, Brahma, America, Amazonas*. Nos propios, de pessoas, convém distinguir o *prenome* ou nome de baptismo (*Antonio, José*, etc.) e o *cognome* ou appellido de familia (*Souza, Bastos*, etc.). Entre os *cognomes*, são

PROPRIOS — PROSODIA

de notar-se as fórmãs *patronymicas* (vide esta palavra), que se derivam do *prenome*: *Fernandes*, de Fernando. Da influencia dos nomes geographicos na formação do lexico, já tratámos no logar competente (Vide *Geographicos*). Na syntaxe portugueza, os nomes *proprijs* podem ser levados ao plural com a flexão respectiva: *os Cesares, os Gamas, os Albuquerquez; as Americaz, etc.*

Proparoxytonos. — São os vocabulos que têm a accentuação na antepenultima syllaba: *pallido, misericordia, syllaba, philosopho.*

Prosodia. — Parte da grammatica em que se estuda a verdadeyra pronuncia dos vocabulos. Tambem se denomina *orthoeptia*. Os signaes prosodicos, além das letras, são accentos e symbolos graphicos, já estudados no artigo *Lexicas* (notações) e nos logares relativos a cada um d'elles. Vide *Acento* || Sobre a prosodia e principalmente a *accentuação*, transcreveremos o seguinte: No seu importante livro *O que se não deve dizer*, diz CANDIDO DE FIGUEIREDO a respeito da prosodia dos nomes: «Por effeito do systematico desprezo da acentuação gráfica, numerosos êrros de pronuncia se têm generalizado, muitos dos quaes se podem e se devem corrigir, em quanto outros são já hõje irremediaveis, tão profundamente elles se enraizaram no falar commum e até nos dictionários. Toda a gente pronuncia *miõpe, pãntano, ãlcool, ãleali, enciclopédia, nível, etc.*

com accentuação tónica na antepenúltima sillaba. Assim mandam lêr os dictionaristas, respectando o uso e não a sciência, e já agora assim se pronunciará sempre. A verdade contudo é que o segundo dos dois elementos grêgos que entram na formação do termo *miõpe* manda que a palavra se leia *miõpe*, tornando-se *grave* o vocabulo, como deveriam sêr graves, isto é, têr o accento tónico na penúltima sillaba, as palavras *pantano, ortopedia, enciclopedia, aeromançia, piromancia, nigromançia, etc.*; e *ãlcool* deveria lêr-se *alcoól*; e *nível, nível*. Assim o manda a história e a morfologia daquêlles termos, mas é mandado que já se não cumpre: é tarde para a correção. O mesmo se poderá dizer de *gemonias*, que deveria lêr-se *gemónias*, como no latim; de *patena, patera* e *patina*, que deveria lêr-se, *pátena, pátera* e *pátina*, como mandava a lingua dos romanos, etc. Mas há pronúncias usuaes e errradas, que talvez inda pudessem corrigir-se, se os homens que escrevem e os homens que lêem se harmonizassem num esfôrço nobre para depurar a linguagem falada e escrita de tudo que lhe é estranho, de tudo que a sciência condena. Está neste caso o *aerólito*, o *monólito* e palavras similares, que eu ouvi sempre pronunciar como graves, mas que de facto, devem ser esdrúxulas: *aerólito, monólito, osteólito, zoólito, xilólito, papirólito, etc.* Muita gente pronuncia, como graves, as palavras *aerobata, nefelibata, democrat, aristocrata,*

etc. Mais é pronúncia errônea. Não seria inda tempo, para se pronunciar, como se deve, *acróbata*, *nefelíbata*, *demócrata*, etc.? Pois não é verdade que muitos dizem *autócrata*? Inda que não bastassem as prescripções da filologia, devíamos ao menos sêr coherentes... Mas eu desejo referir-me especialmente aos êrros que evidentemente inda se podem corrigir, pois que as suas raízes por ora não entraram fundo no organismo da língua, e abraçam simplesmente uma ou outra classe social, uma ou outra região, uma ou outra escola, ou derivam da moda inconsciente e despótica. Nas sciências naturaes não só pela razão de que os homens de *sciências* nem sempre são homens de *létras*, e porque em geral é nos livros francêses que colhemos a tecnologia scientifica, e os francêses não têm palavras esdrúxulas, há uma tendencia enorme, em portuguez, para tirar o acento tónico de seu verdadeiro logar, fixando-o na penúltima síllaba, quando o seu logar é na antepenultima. E assim é que eu tenho ouvido a distintísimos professores a barbaríssima pronúncia de *diptéro*, *coleoptéro*, *aptéro*, *ortoptéro*, *metaméro*, *antiméro*, etc., quando a rigorosa pronúncia só pôde ser *áptero*, *coleóptero*, *ortóptero*, *díptero*, *metáméro*, *antíméro*, etc. E não tínhamos nós já a boa e velha pronúncia de *pentáméro*, *hexáméro*? Proximamente pelas mesmas razões, que não são razões nenhuma, quase toda a gente diz *hipopódromo*, *velódromo*, *crisantêmo*,

etc., quando o mais superficial conhecimento da origem e formação destas palavras nos manda que digamos *crisântemo*, *velódromo*, *hippódromo*, etc. *A contrario sensu*, muitos letrados e até médicos teimam em pronunciar, como *esdrúxulas*, palavras que são indiscutivelmente *graves*; isto é, acentuam tónicamente na antepenúltima síllaba certas palavras que, em patologia, farmacologia, terapêutica, etc., têm o acento tónico em a penúltima síllaba. Assim é que a toda a hora se ouve a pessôas regularmente illustradas *hidroterapia*, *patogênia*, *amnêsia*, *neurastênia*, etc. E, contudo, quem quiser pronunciar bem tem de dizêr: *neurastenia*, *patogenia*, *hidroterapia*, *amnesia*, etc. Também não é raro, especialmente em Lisbôa e no Brasil, ouvir-se pronunciar *décano*; mas, como é facillímo demonstrar que a pronúncia exacta só pôde sêr *décano*, não insistirei nesta tecla. Outra extravagância fonética é a dos que consideram *agudas* ou oxítonas todas as palavras terminadas em *l*; e, assim como pronunciam bem *Manuel*, *animal*, *funil*, *arrebol*, *azul*, entendem que também é pronunciar bem, fazendo agudas as palavras *projectil*, *gracil*, etc. Não se lembram, ao menos, de que a tal regra tem muitas excepções, como *hábil*, *Anibal*, *dócil*, etc., e ignoram que a prosódia portuguesa, estribada na latina, manda dizêr, *gracil*, *projectil*... Verdade é que *reptil*, tambem se devia dizêr *réptil*; mas este é dos



PROSODIA

taes casos, em que a asneira penetrou tão fundo, que já não há enxada que lhe ponha a raiz ao sol. O sr. J. M. da C. dirige-me de San-Paulo (Brasil), uma pergunta que a muitos parecerá ociosa mas que dá margem a ponderações, não de todo inúteis. Deseja elle elucidar-se sobre a razão por que em *carácter* se acentua tónicamente a segunda sillaba, e em *caractères* fazemos o acento tónico na terceira. Eu poderia dizêr simplesmente que, em prosódia, as coisas são o que são, pois que, quando determinada pronúncia não offerece variantes na linguagem popular e commum, temos que aceitá-la, seja ella exacta ou errónea. O facto é que se diz *carácter* e *caractères*. A razão do facto pouco interessa praticamente, mas póde interessar sob o ponto de vista scientifico. A pronúncia do singular *carácter* não me parece que seja de feição popular. O *r* final em palavras graves, bem como *ol* e outras consoantes, não corresponde ás características da fonética popular. Açúcar é pelo povo pronunciado *açucere*, e houve bons escriptores que escreveram assim, e nada se perderia em que mantivéssemos essa fórma na escrita; de *condestável* fez o povo *condestable* e *condestabre*; em vez de *carácter*, diz ás vezes *caratle*, etc. Em geral, palavras graves terminando em *r*, são privativas da linguagem scientifica, que, entre nós, nem sempre se tem cingido á indole e ás tradições da lingua; basta citar *esfíncter*, *éter*,

sulfur, *ámbar*. O que falta é verificar-se os sábios que introduziram a pronúncia *carácter* andaram ou não avisadamente. Affigura-se-me a mim que não. Bem sei que os substantivos, derivados do latim, nem todos denunciam a fórma latina do accusativo, como *homem*, *jovem*, *virgem*, *imagem*, etc.; nem observam a desinênciã do *ablativo*, que é a mais generalizada, na passagem do latim para o português, como *servo*, *digno*, *ombro*, *padre*, etc. Também o *nominativo* transmitiu a sua densinênciã a palavras portuguezas, especialmente na esfera scientifica; taes são—*vírus*, *mórbus*, *Vênus*, *Cícero*, *álbum*, *cânon*, *fórceps*, etc. Mas os sábios esqueceram-se de uma coisa: é que nos substantivos latinos de casos imparisyllabos, o acento tónico deslocae-se muitas vezes, como succede com o termo latino *character*, que, no *nominativo*, tem a mesma acentuação que tomou em português, e no *ablativo* tem acentuação tónica na syllaba immediata (*characterè*, que se acentua na sillaba *te*). Ora, o *ablativo* latino *characterè*, donde normalmente derivaria o termo português, ordenava que nós escrevéssemos *caractère* ou *caratère*, á semelhança do que fizeram os francezes (*caractère*), e os italianos (*charattere*); e embora apocopássemos a palavra, fazendo cair o *e* final, como succedeu em *mar* (latim *mare*), nenhuma razão séria auctorizaria, em português, o acento tónico, do *nominativo* latino. E assim, a meu vêr, a exacta

pronúncia portugueza seria *caractér*, como é exacta a do plural *caractères*. Mas que importa que a pronúncia exacta fôsse *caractér*, se todos dissémos, dizemos e diremos *carácter*? Dado que esta pronúncia seja errônea, não é caso para assombro, visto que nos temos resignado com multíssimos erros do mesmo gênero, como é fácil verificar. Casos há, em que o erro prosódico não atingiu a unanimidade dos que bem falam, e que, por se não ter vulgarizado em absoluto, inda é susceptível de correção profícua; de entre os erros d'esta categoria apenas separarei hoje os que se perpetraram com o valor fonético do elemento *crata*, que entra, em segundo lugar, na composição de certos vocábulos. Póde dizer-se que são novos na lingua portugueza os vocábulos *aristocrata* e *democrata*. Nos princípios do século findo, conheciam-se já os vocábulos *aristocracia*, e *aristocrático*, *democracia* e *democrático*, mas, segundo creio, o *democrata* e o *aristocrata* vieram depois; e, como já cá tínhamos o *democrático* e o *aristocrático*, a insciente boa fé dos nossos publicistas entendeu que a acentuação tónica daquellas duas palavras no *crá* devia vigorar para a pronúncia de *democráta* e *aristocráta*, acentuando-se também tonicamente o *crá* destes dois vocábulos. Não viram, porém, que a razão da pronúncia de *democrático* não tinha nada com a prosódia de *democrata*, e que, neste caso, o elemento *crata*, do grêgo *kratein*,

tinha de ser átono, passando o acento tónico para a síllaba que o precede: *demócrata*. E por isso todos, ou quase todos, entraram de dizer *democráta*, *aristocráta*... Veio depois o vocábulo *autocrata*; e, ou porque a linguística já tivesse dado alguns passos, ou porque algum hellenista consciencioso sugerisse a pronúncia exacta, *autócrata*; é certo que, entre os eruditos, pelo menos entre aquêlles que eu conheço, se tem praticado a boa pronúncia *autócrata*, o que não obsta a que certa gente letrada diga *autocráta*, por analogia ou influência da errada prosódia *democráta*, *aristocráta*. Ora, a analogia e a influência devem proceder inversamente: visto que *autócrata* é a pronúncia exacta, e praticada pelo escol das pessoas eruditas, vantajoso seria que, inda que fosse inútil invocar as razões da sciência, a influência e analogia de *autócrata* levassem os meus contemporâneos a dizer *democrata*, *aristocrata*, *plutócrata*, *ácrata*...» || Lêem-se no *Escoliaste* as seguintes regras: «Diz-se tónica a syllaba, o acento ou pausa num vocabulo em que parecemos insistir, ou deter-nos mais, v. g.: em *louvo*, a 1.^a; em *louvando*, a 2.^a; em *louvador*, a 3.^a; em *omnipotente*, a 4.^a; em *extravagantissimo*, a 5.^a etc. Se essa syllaba é a ultima (póde ser unica), a palavra diz-se *aguda* — *dá*, *rei*, *José*, *colossal*, *edificação*, etc.; se é a penultima, diz-se *inteira* — *dote*, *cavaco*, *similhança*; se é a antepenultima, diz-se *esdrúxula* — *pallida*, *pyramide*, *condiscipulo*. Tem, pois, a



PROSODIA

lingua portugueza tres especies de palavras, que dos accentos finaes de que constam se chamam *agudas, graves e esdruxulas* ou *dactilicas*, e de cuja optima escolha sobre maneira depende o primor da elocução, e o perfeito imitativo do discurso. Nas palavras de duas ou mais syllabas, é geralmente *predominante* ou *tonica* a penultima; é, porém, a antepenultima: 1.º nas 1.ªs pessoas do plural dos verbos nos tempos e vozes seguintes — *louvaramos, louvaramos, louvaríamos, louvassemos*. 2.º nos superlativos; v. g.: *carissimo, optimo*. 3.º nos adjectivos terminados em *aco, ica, ico*; v. g.: *maniaco, rachitico, mathematico*. 4.º nas palavras terminadas em *eo, io, oa, ua, uo*. 5.º em certos adjectivos derivados do latim, como: *esqualido, pallido, timido, fervido, magnifico, grandilquo, quadruplo, quintuplo* e nos da mesma origem com a terminação seguinte: — *cola, fero, fugo, geno, gena, gerò, paro, peto, sono, ulo, ula, volo, vomo, voro*. 6.º em alguns nomes de literatura, sciencia e artes, derivados do grego com as terminações seguintes: *ada, allage, gamo, grapho, gono, logo, meno, metro, nomo, onymo, phago, phalo, phono, phora, phrase, poda, ptero, scopo, spore, stole, strophe, stylo, syllabo, these, tono*. 7.º em algumas palavras derivadas do arabe, hebraico e outras linguas orientaes, como: *alcaçova, alfandega, azemola, cafila, canhamo, chavena, chicara, ébano, mascara, etc.* É predominante a ultima nas palavras terminadas nas vogaes e diphthon-

gos seguintes: *i, u* (exceptuam-se — *quasi, tribu*); *ã, im, um, au, eu, ú, oi, ou, ão*, e as syllabas finaes seguintes: *al, el, il* (agudo), *ol, ul*, e a penultima dos adjectivos terminados em *vel* (bem que seja *o e* aberto), e *il* breve (exceptuam-se dos primeiros — *Annibal, Setubal, Tentugal, consul*); *ar, er, ir, or, ur* (exceptuam-se — *alcaçar, almiscar, ambar, nectar, aljofar, assucar, impar, Cesar, nectar, caracter, cadaver, acer, martyr*), cujo accento é na penultima; *is*, plural dos nomes acabados no singular em *il* agudo; *az, ez, iz, oz, uz*. Não têm accento predominante as encliticas *me, te, se, the, thes, o, a, os, as, de, que, por, porque*, que se pronunciam brandemente apoiadas na palavra proxima, parecendo um só vocabulo. Exceptuam-se *que* e *porque* estando no fim de phrase, porque neste caso o som predominante está no *e*, que se pronuncia *quê*, e tambem o *que* da seguinte phrase — *acho-the um não sei quê de rude e selvagem*. Algumas vezes, ainda que raras, póde achar-se o accento predominante sobre a preantepenultima syllaba nos verbos seguidos de pronomes ligados por traços de união, os quaes devem, neste caso, pronunciar-se como fazendo corpo com o verbo; ex.: *mandava-se-the, dizendo-nol-o, afigura-se-nos*, etc. Mais de um accento predominante só existe em palavras compostas, como *bemaventurança, horridamente*. A terminação *em* é breve na 3.ª pessoa do plural dos verbos, ex.: *louvem*,



devem, applaudem; e geralmente no fim dos substantivos, exceptuam-se *armazem, desdem, parabem, vintem* e poucos mais, em que o accento predominante está na ultima, como igualmente se encontra nas particulas *tambem, porém, além, áquem*. Tem o accento na penultima o adverbio *hontem*. As palavras terminadas em vogal não têm o accento predominante na ultima syllaba, se esta não estiver accentuada. Todas as palavras terminadas em diphthongo nasal têm o dito accento na ultima syllaba, estejam ellas no plural ou no singular. Exceptuam-se *benção, orphão, rabão, orgão, sotão, Christovão, Esterão*, que têm o accento predominante na penultima syllaba. Se, passando ao plural ou ao feminino, a palavra toma uma syllaba mais, o accento não muda por isso, v. g.: *cicatriz, cicatrizez; cadaver, cadaveres; portuguez, portugueza, traidor, traidora*; de sorte que se a syllaba accentuada no singular ou no masculino era a ultima, torna-se penultima no plural ou no feminino; e se penultima, torna-se ante-penultima. Raras são as excepções a esta regra; citaremos *caracter* que no plural faz *caractères* (que muitos dizem *carácteres*). Aqui o accento mudou de lugar com a addição da syllaba.

Prothese.—Metaplasmo que consiste na addição de sons no principio do vocabulo: *alevantar*, por *levantar*. Muitas das protheses se explicam pela junção do artigo: *loba*, derivado de *l'aube* (a alva); *leste*, derivado de *l'este*.

Provençal.—Foi a lingua romana de maior importancia litteraria na idade média. Ainda que falada, está hoje em dia suplantada pelo francez. O provençal e o francez foram as duas linguas que saíram da romanização da Gallia; a lingua primitiva romana é de suppôr que existisse antes da scisão dos dous dialectos do sul e do norte. O provençal desenvolveu-se no sul e tinha a denominação de *langue d'oc*, por opposição á *langue d'oïl* (franceza). As palavras *oc* e *oïl* exprimiam a affirmação e equivaliam ao nosso *sim*. O *provençal* teve denominações varias: *proenzal, provincial, lingua lemosina, langue d'oc, proensalés, romana*, etc. O seu dominio geographico não está com certeza delimitado: dominou na parte sul da França, mas certos logares da Saboia, da Suissa e da Hespanha falavam o dialecto; como lingua litteraria é inconcusso que foi falada em quasi todas as côrtes europeas christãs, por influencia dos seus notaveis trovadores. Os primeiros textos authenticos do provençal datam dos seculos X e XI; e são o poema anonymo sobre Boecio, versos lyricos e religiosos publicados por P. Meyer e Raynouard no presente seculo. (1). Ramon

(1) Raynouard, na coll. *Choix*, II; Paulo Meyer, em revistas e na *B. de l'École des chartes*, 5^e série; Bartsh, na sua *Chrestomathie*; e C. Hoffmann, que publicou o poema de *Girart de Rossilho* e o *Sermão do Christo*.

Vidal foi-o primeiro grammatico da lingua, e o seu tratado rhetorico, *Dreita maniera de trovar*, data do seculo XIII. Como pondera Diez, havia um dialecto culto que era o idioma lyrico dos trovadores, que mantinham *la dreita parladura*, sem contudo excluir os provincialismos e fórmulas locais. Os dialectos que se encontram no provençal moderno, ainda vigente embora rustico, são verdadeiros *patois* sem importancia. Taes são os vicios prosodicos notados em Montpellier, Tolosa, Languedoc, Narbona, e principalmente no Delphinado e no cantão de Vaud. O Catalão, embora collocado na Hespanha, deve ser antes approximado ao provençal com maioria de razão do que ao castelhano. A introdução de elementos castelhanos produziu, todavia, grandes modificações, que não destroem apezar d'isso o evidente parentesco com o provençal. (F. Diez.)

Provincialismos ou *provincianismos*. — Vicios phoneticos ou de qualquer ordem proprios do falar das provineias. A prosodia da Beira *trapéio* (chapéio) e as prosodias no Brasil, de S. Paulo e do Pará são provincialismos. Não parecem materia de importancia quando não sirvam para o estudo historico e etymologico.

Ps, transcrição da letra grega *psi* nas palavras eruditas: *psychologia*, etc.

Pseudés, falso. -- Elemento

grego. *Pseudonymo*, nome supposto.

Pt. — Grupo latino e portuguez nas palavras eruditas. Vocaliza-se o primeiro elemento em *i* ou *u*: *Septam*, Ceuta; *pectus*, peito. As vezes ha assimilação apenas: *sete* (sette), de *septem*.

Pteron, aza. — Elemento grego. *Chiropteros* (azas-mãos). *Apteros*, sem aza, etc.

Pura, vogal que não é nasal.

Purismo. — «Diz-se o defeito d'aquelle que affecta muito a pureza da linguagem, ou que a procura mui eserupulosamente no estylo; é como o *rigorismo* na moral. É sem duvida louvavel que, falando ou escrevendo, se empreguem racionalmente expressões convenientes, ou phrases conformes com as regras da syntaxe; mas se nos pozermos a pesar e medir puerilmente todas as palavras; se nos constituirmos censores implacaveis de todos os termos, que se cruzam numa conversação, caíremos no *purismo*, doença que mata as idéas; porque a attenção exclusiva que prestamos ás palavras é prejudicial ás operações do espirito e á rapidez da expressão.»

Q

Q. — Letra que sempre se emprega logo seguida de *u*, ainda que esta não sôe como é de regra antes de *e* e *i*. Sôa antes de *a*: quasi=*cuasi*; menos, porém, em *quatorze* = *catorze*; não sôa em



querer = *kerer*; *questão* = *kestão*; quente, quisília, quinao, etc. || Letra latina. — Persiste em geral nas fórmulas *qu*, *c*, *c* — *k*, equivalentes; *nunquam*, nunca; *quomodo*, como; *quid*, que. O abrandamento na guttural como o *c*, *k* — *g*, *gu*: *sequi*, seguir; *leucam*, legua. O abrandamento para a sibilante *q*, *k*, *c* — *ss* ç, nota-se em *torquere*, torcer; *quingue*, cinco. *Q*, letra portugueza. — Oriunda do *q*: quasi, do lat. *quasi*; ou do *c* forte: aqui, *hic-hic* (fr. antigo *iki*). *Prosodia*. — Ao *q* sempre se segue *u*: *qua*, *que*, *qui*, *quo*. O *u* sôa sempre nas combinações *qua* e *quo* e sómente nas combinações *que*, *qui*, das palavras eruditas: *questor*, *quinguagesimo*, como já foi notado. *Historia*. — Comparativamente com as linguas aryanas vê-se que *qu* é um equivalente de *p*: *quinque*, *pente*; e *coquo*, gr. *pepto*. No zend, *cinco* é *panj*; e no dialecto osco, segundo Mommsen, *pontis*. A equivalencia *qu* = *p* ainda fica demonstrada para algumas tribus romanas que colonizaram a Dacia, pois no Daco-romano *qu* = *p*: *apa*, de aqua; *epa*, de equa. (1)

Qu. — Grupo latino e portuguez. — O latino, por vezes, se acha transcripto por *c*: *quomodo*, como; maxime na lingua antiga ou nas fórmulas populares (córtesma, *quadragesima*; *contia*, por *quantia*, etc). Como guttural *qu* = *c* = *k*, transforma-se na branda *g*: *sequire* (por *sequi*), seguir.

— —

(1) Vide Max Müller, *op. cit.* II, 229 (trad. franceza.)

Qualificativos. — São os adjectivos que exprimem as qualidades ou descrevem os objectos: *vermelho*, *dourado*, *bello*, *horroroso*, etc. Em relação ao substantivo, os qualificativos, classificam-se em dous grupos. 1.º *Restriictivos*, são os que limitam a idéa do ser, exprimindo qualidade accidental: homem *virtuoso*. 2.º *Explicativos*, são os que exprimem qualidade propria do ser, a elle inherente: homem *mortal*. Os qualificativos tambem se denominam *descriptivos*. || São susceptíveis de gráo. Vide *Gráo*.

Quantidade. — É a demora gasta na pronuncia das syllabas. A syllada de maior duração é chamada *longa*; a de menor, *breve*. É preciso não confundir a quantidade, que é pouco apreciavel nas linguas romanas, com o acento. (Vide *Accento*). Como todo valor de tempo deve residir sobre o tom francamente pronunciavel, é logico que a quantidade refere-se especialmente ás vogaes. A unidade de tempo na prosodia de uma vogal resulta ás vezes da posição d'esta. Por isso no grego e no latim era regra ser a vogal longa quando estava antes de duas consoantes. Este principio, porém, não se acha verificado nas linguas novi-latinas, onde são frequentes as gemações não etymologicas de varias letras. Acresce tambem que a supremacia do acento tornou completamente nullos muitos dos valores quantitativos; por isso as unidades de tempo prosodico foram substituidas por

QUANTIDADE — QUE

unidades de tom, ou intensidade. Na lingua portuguez a o facto fica plenamente demonstrado pela contracção de vogaes, que se observa em diversos periodos historicos: *avoo*, avô; *maa*, mã; *aa*, á; *ao*, ó; *poobo*, pôvo; *seheu*, seu; *meheu*, meu, etc. Os mesmo já se tinha notado na evolução do latim ante-classico para o classico: *veeni*, veni; *fuugi*, fugi; *staere*, stare; *senatuos* (*gen.*), *senatus*. E ainda o mesmo facto resultou da contracção de syllabas inteiras: *ala*, axilla; *momentun*, movimento; *junior*, juvenior; *puella*, puerula. O mesmo phenomeno produziu-se em todas as linguas da familia aryanocompequenas differenças. (1).

Quantitativos. — São os adjectivos que exprimem quantidade: *muitos*, *alguns*, *vinte*, *duzentos*. Dividem-se em *indefinidos* e *numeraes*. *Indefinidos* são os que exprimem numero indeterminado: *varios*, *poucos*, *muitos*, *qual* (repetido), *quaes* (*id.*), *tantos*, *quantos*, etc. *Definidos*, *positivos* ou *NUMERAES* são os que exprimem numero positivo e exacto: *um*, *dous*, *cinco*, *mil*.

Que. — De algum modo, pelos escriptores contemporaneos tem sido vulgarizado o solecismo do emprego do pronome *o* antes do interrogativo *que*. Sobre o assumpto é indispensavel lêr o que escreveu o douto literato Dr. Carlos de Laet: «Disse eu que a syntaxe comparada nos ensina

(1) Egger, Gramm. comp. pag. 20, 21.

qual a phrase correcta: Dunque *che é?* perchê, perchê, ristai? (*Inferno*, II. 121). No episodio da Francesca de Rimini: Finché'l Poeta me disse: *che* pense? (*Inferno*, V, III). Na historia do Conde Hugolino: Disse: Tu guardi, si, padre; *che* hai? (*Inferno*, XXXIII, 51). Os italianos modernos, mais do que nós zelosos da pureza do seu idioma, observam a mesma regra. Assim na poesia *La mente*, de Silvio Pellico: E *che* importa ovunque gema, questa alma sciagurata? etc. No francez, com a disciplina grammatical que o caracteriza, não é o *que* interrogativo precedido de *le*, nem de *ce...* (Car *que* faire en un gîte à moins que l'on ne songe? — pergunta o Lafontaine. Inutil seria insistir na constante praxe de tão regularizado idioma. O hespanhol, igualmente, não antepõe nenhuma particula ao seu *qué* interrogativo: *Qué* es lo que hace? pecador soy yo á Dios. (Cervantes, *Don Quijote*, part. I, cap. 18.) No hespanhol d'este seculo a mesma cousa: *Qué* buscaís? *qué* quereis? adonde vais? (Espronceda, *El diablo mundo*.) Ouçamos um bom grammatico, o venerando Don Andrés Bello: «Los pronombres relativos pasam a interrogativos accentuando-se: *Qué* ha sucedido? *Qué* es la philosophia? *Qué* aguardan?» etc. Andrés Bello, note-se bem, escreveu a sua obra magistral para uso dos americanos, e solicito indica todos os americanismos. Neste passo nada nos dizendo, logicamente deduzo que entre os novo-hispanos não

se commette o solecismo. Mais do que o hespanhol nos está proximo o dialecto gallego... Pois bem! não ha muitos dias relia eu gostosamente as *Espiñas, follas e frores*, de Lamas Carvajal, e lá se me deparavam estrophes como esta :

«Nay, mina nay, *qué* diu as baeladas

Qu'escoito pol-os aires resoar,
Cal si fosen xemidos d'outro mmdo?

Nay, mina nay, *qué* dizen isas campas?»

Ou em versos mais alegres :

« *Qué* fai o gaiteiro
Que os dias de festa
Tocando a alborada
N'o pobo non deixa
N'o leito dormindo
Nin mozos nin uenas?»

Em Molière (e agora chego ao ponto que linhas acima para mais adiante reservára); em Molière, no *Festin de Pierre*, encontrou o meu arguto contendor materia para annullar as regras constantes da grammatica franceza nas phrases interrogativas. Forte por isso, não cessa de convidar-me a explicar a difficuldade... *Facilem rem postulasti*. A phrase esphyngue foi tirada da scena 1.^a, do acto 3.^o; ali diz o Sganarello: «Qu'est-ce done que vous croyez?» E responde o D. Juan: «Ce que je crois?» Como se está vendo, o segundo interlocutor não faz mais do que repetir, pedindo confirmação, o pensamento do outro. Em portuguez analogamente se poderia construir a phrase, e realmente

assim a constroem bons escriptores. Sem attender a isto, o Sr. Dr. Castro Lopes cita, em favor de sua opinião, trechos de Alexandre Herculano que de nada lhe valem. No *Monge de Cister*, cap. XII, fala Fernando Affonso: «E *que* pensas tu, villão, de tanta insolencia?» O Dr. Mater Galla, a quem isto se endereçava, contesta: «*O que* parece ao villão?... Parece-lhe que vos sobra razão» etc., etc. E, portanto, uma repetição, como que a pedir que se confirme a phrase precedente, tal qual o caso do *ce que je crois*. D'isso, porém, até admittir a anteposição do *ce* ou do *e* em todas as interrogações, vae um abysmo que não poderão encher as argucias do emerito latinista e recente propugnador do novo dialecto. Em Alexandre Herculano a lição por todas as paginas repetida é consoante á syntaxe que defendo. Abro ao acaso as *Lendas e Narrativas* e vou achando: *Que* hei de eu comer, Brearte?... *Que* dizes tu, Brearte? (*Dama Pé de Cabra*, trova 2.^a.) *E que* quer de vós o Papa? *E vós que* intentaes fazer? (*Bispo Negro*, 2).—*E que* terá frei Narciso? (*Parocho da aldeia*, VII).—*Que* diz este diabo? (*De Jersey a Granville*).—*Que* ha de novo? perguntou el-rei... Mas *que* faremos? (*Arrhas por fóro de Hespanha*. II).—*Que* tendes vós com o lobo que impece ao lobo? (*Idem*, III).—Mulher, *que* me pedes tu? (*Idem* III).—*Que* é isso?... *Que* temos de novo? (*Abobada*, V).—E, como estes, milhares de outros exem-



QUE

plos». (1). O nosso grande escritor, Ruy Barbosa, depois de mostrar com extraordinária riqueza de exemplos, o uso classico que é sempre sem o artigo, reúne um certo numero de casos exceptuados que aqui transcrevemos e servirão como documentos d'essa controvertida questão: «Outra coisa não fiz eu que applicar este canon peremptorio do mestre ao trecho de RAMALHO, que appoz essa particula ao *que* interrogativo. E esse grammatico é exactamente quem m'o vem exporbrar! Verdade seja que uma ou outra vez, rarissimamente, como que a descuido, se nos offerece, em bons auctores, a apposição do artigo indicativo ao adjectivo *que*, interrogativamente empregado. Assim: «E isso o *que* é?» (MANUEL DE MELLO: *Feirade Annexins*, p. 10). «Pois o *que* vêm vossês a dizer nisto?» (*Ib.*, p. 49). «Ora o lobo, o *que* faz quando é matreiro?» (CASTILHO: *Amores*, I, p. 85). «Se perdes meu abrigo, o *que* te resta?» (*Ib.*, II, p. 47). «O *que* foi isto?» (*Fausto*, p. 177). «O *que* é, menina? *que* tens tu?» (*Ib.*, p. 230). «Agora o *que*, Luizinha?» (*Ib.*, p. 300). «O *que* são os ventos?» (CAMILLO: *Cavear em ruínas*, p. 211). «O *que* pôde haver providencial nisto?» (CAMILLO: *Caveira da Martyr*, p. 157). «O *que* é a propriedade de?» (A. HERCULANO: *A Propriedade Literaria*, p. 7). «O *que*

indica essa completa confusão de idéas do chronista?» (A. HERCULANO: *Solemnis Verba*, p. 65). De ordinario, porém, nos rarissimos casos d'essa occorrença grammatical, o *que* responde a uma construcção elliptica, na qual o artigo faz de complemento directo a um verbo anteriormente empregado em oração affirmativa e subentendido na interrogativa. É o que se verifica nestes exemplos: «Senão quando vêm sair... grande quantia de mouros... tudo a bradar: Ly, Ly, Ly... «— O *que*? Perguntae-lho lá». (CASTILHO: *Camões*, p. 129). Subentende-se, evidentemente: *A bradar o que?* Outro: «— Agora por mouraria... já me passava o dizer-vol-o... » exclamou o moço de monte. — *O que?* interrompeu o bêsteiro. — *O que?* Uma vergonha para tavolageiros goliardos». (*Monge de Cist.*, I, p. 162). Tal qual se dissera: «Dizer o *que*...? *Que* é o *que* vos passava dizer-me?» Semelhantemente: «Ouvireis alguma coisa que ha-de interessar-vos». «*O que?* *O que?* perguntaram varias vozes». (*Ib.*, 216). Isto é, *ouviremos o que? que é o que ouviremos?* Outro? «E que pensas tu, villão, de tanta insolencia?... *Que* pensas, *que* pensas? Fala, homem... «*O que* parece ao villão?... Parecc-lhe...» (*Ib.*, 230-232). É como se dissesse: «Quereis saber o *que* parece ao villão?» Tanto assim é que, linhas antes, onde se não dera essa ellipse justificativa do artigo, *tres* vezes se empregou sem elle o interrogativo, e *duas*

(1) Dr. Carlos de Laet, no *Microcosmo* (do *Jorn. do Comm.*) de 29 de Março de 1888, a proposito de um erro do Dr. Castro Lopes.

logo depois se torna a empregar do mesmo feitiço: «Mas, se eu fui culpado e fraco, pergunto: *que* serão aquelles que, sem respeitarem o bom nome...? *Que* serão aquelles que, semelhantes...?» (P. 232). Outro: «Descance, tia Domingas, descance», acudiu o taberneiro, «emquanto eu lhe vou busear...» «Buscar *o que?*» (*Monge de Cist.*, II, p. 96). Subentendendo: «Vae buscar *o que...?*» «*Que é o que* vae buscar?» Mais: «Juras? perguntou de novo Beatriz?» «Juro. Mas *o que* juro eu? (*Ib.*, p. 183). Corrorespondendo a: «Juro. Mas *sei o que* juro eu?» «*Sei* eu *o que* juro?» «*Dir-me-ás* *o que* juro eu?» Ainda: «Repara bem! Aquelle cadaver que alli jaz, *o que é?*» (*Ib.*, p. 210). Exactamente como se escrevesse: «*Repara o que é* aquelle cadaver que alli jaz», ou «*Sabes o que é* aquelle cadaver, que alli jaz?» E, ellipticamente, a mesma redacção não elliptica noutras phrases: «*Não sabe ella o que é* o amor de uma donzella louquinha?» (*O Bóbo*, p. 246). «*Sabeis o que* lhe dá?» (*Eufros.*, v. I, p. 274). «Homem neseio, tu *sabes* para onde vás, ou *o que* levas?» (*VIÉIRA: Serm.*, v. V, p. 86). «Homem precipitado, *sabes o que* fazes? *Sabes o que* firmas?» (*Ib.*, v. II, p. 186). «*Quereis ver o que é* uma alma?» *Ib.*, p. 197). «Tu *sabes o que* vae?» (*FILINTO, Obr.*, v. V, p. 303). «*Não sabe o que* succede?» *Ib.*, v. XIII, p. 40). «*Sabes tu o que* são mil e mil noites consumidas? *Sabes o que é* cami-

nhar sobre silvados...? *Sabes o que é* isto?» (*Eurico*, p. 281).»

Apezar da excellencia d'esta doutrina, é facil de verificar que em Garrett, Herculano e em todos os bons escriptores contemporaneos encontra-se o emprego de *que* interrogativo precedido do artigo.

Quéda. — Desaparição de sons dos vocabulos. Tem, segundo circumstaneias especiaes, os nomes de *apherese*, *syncope*, *apocope*. Vide estas palavras. Ha duas leis phoneticas que se referem á quéda de sons: 1^a. *A quéda da consoante média isolada* (sem grupo): *sinistrum*, séstro; *calentem*, quente; 2^a. *A quéda da vogal breve*: *pallidum*, pardo; *verecundiam*, vergonha.

Quinhentistas. — São assim denominados os escriptores que floresceram no seculo XVI, ou seculo de quinhentos: Barros, Camões, Miranda, Ferreira, etc. Os do seculo seguinte, XVII, são conhecidos por *seiscentistas*: Vieira, Bernardes (Manoel), etc. Vide *Classicos e Portuguez*.

R

R. — Letra de duplo som brando e forte, e propria da onomatopéa. «*Applica-se* para designar aquellas cousas que de si lançam algum som duro e tremulo, ou com isso parecido: *trovão*, *raio*, *tiro*, *trompa*, *rufo*, *carro*, *trote*, *horror*, *corrente*, *serra*, *grosa*, *arranco*, *frémito*, etc. É muito apreciado pelo seu valor

R — RAÇAS

onomatopaico aquelle verso de Virgilio :

Qua data porta ruunt et terrasturbine perflant.

e esse valor vem-lhe dos *rêres*. Lima Leitão traduziu :

Eis em horrida pinha os ventos ruem.

E em turbilhão ruidoso as terras varrem.

e Odorico Mendes :

.....em turbilhão cerrados

Num grupo os ventos, dada a porta ruem.»

R, letra latina.—Em regra geral persiste : *sedere*, ser. Permuta em *l*, quando é média isolada : papel, vergel, *papyrus*, *viridarium*. Assimilação : pecego, por *pessego*, de *persicus*. *R*, letra portugueza.—Em geral provém de *r* latino : mar, de *mare*; rio, de *rivum*. De *l* médio : lirio, *lilium*; de *l* ou *n*, em grupo : combro, *cum'lum*; timbre, de *tymp'num*; cigarra, de *cicad'lam*. *R*, letra germanica.—Persistencia : esgrima, de *skirman*; brandir, de *brand*; em *l* ha algumas permutas : Bernaldo, por Bernardo; Beltrão por Bertrão; albergue, de *heriberga*, por influencia do *al* arabe. Vide Diez, *Gramm.* I, 289 (trad. fr.). *Prosodia*.—São branda entre vogas : *cara*, *meridional*. Nos mais casos *r=rr*, tem o valor forte.

Raças. — Convém afirmar que o principio ethnico não se deve confundir com o linguistico. Assim, da identidade das linguas não se póde com absoluto rigor concluir identidade de

raças ou variedades. O inglez, para exemplo, é uma lingua teutonica, apezar da latinização e de outras vicissitudes de seu vocabulario. Como pondera Reinach, as linguas, ao contrario das raças, nunca se misturam ; a grammatica, que é a alma da linguagem, fica sempre pura através do vocabulario, e é o unico criterio sufficiente para estabelecer o parentesco e a classificação dos idiomas. No emtanto, a grammatica comparada é um auxiliar importantissimo da ethnographia e já nos tem revelado, no dominio aryano, a situação material, moral e politica dos aryas, nossos antepassados em época pre-historica. O sabio Heln mostra que o nome do sal não existe em sanskritto e nem no zend ; logo a raça aryana occidental recebeu-o dos Semitas, que o encontraram já preparado nas praias do mar Morto. As linguas da Europa só têm uma palavra para designar o sal. A identidade das palavras designando nas linguas aryanas os animaes domesticos, os instrumentos de cultura, o bronze, os nomes de numero, etc., prova que, antes de se separarem, os aryanos eram uma raça de pastores, conhecendo a agricultura, a construcção de casas e navios, e que sabiam contar até cem. Demonstra-se da mesma fórma que tinham em commum as leis do casamento, obedeciam a reis, e haviam tido pelo menos duas idéas abstractas, a da divindade e a da gloria. As provas pela não identidade de um vocabulo são fracas sem-

pre, porque pôde haver archaismos ou desappareição d'elles; por exemplo: todos os arianos designaram a mão esquerda por euphemismo differente de lingua a lingua, e a mão direita por derivados de *dak* (mostrar). (1).

Radical ou *thema*. — Parte da palavra que não soffre a flexão. Ex.: *receb*-er. A parte *receb* é invariavel. *Deus*-es; a parte *Deus* é radical; *filh*-o, a parte *filh* é radical (*filh*-a, *filh*-os) invariavel. Nas palavras irregulares o radical pôde ser affectado: *sab*-er, no preterito perfeito *soub*-e.

Raiz. — Nucleo supposto primitivo por onde se explicam as fórmas das palavras que, nas diversas linguas, mostram affinidade ou identidade de origem. Quando se separam do lexico, diz Regnaud, as palavras de derivação analogica ou de corruptela, subsistem vocabulos primarios: *facio* no latim, por exemplo, em relação a *facultas*, *facilis*, *factionem*, *facimus*, etc. D'esse typo *facio* podemos tirar a terminação *io*, evidentemente analogica e posterior, pois se encontra em innumerous verbos (*ven*-io, *vest*-io, etc.) O residuo *fac* é, pois, no latim o que se chama *raiz*. Regnaud suppõe que as primitivas vozes existiam e proliferaram, umas por meio da *reduplicação*, e outras pela *evolução phonetica*, isto é, corrompendo-se, alterando-se e tomando fór-

mas novas. Em todo o caso não ha testemunho algum positivo que forneça a prova de um periodo monosyllabico, de raizes, da linguagem. Pelo contrario, como adduz Sayce, parece que o estado da phrase complexa foi o primeiro passo do espirito na conquista da sua exclusiva facultade. Como quer que seja, a questão de *raizes* parece que nunca terá solução e é de melhor caracter scientifico a theoria que considera as *raizes* como simples inducções dos grammaticos, assentadas sobre factos verdadeiros, reductiveis, mas insusceptiveis da extrema reductibilidade que lhe dão philologos como Bopp, Pott, Schleicher e Regnaud (1).

Re. — Prefixo; repetição. *Clamar*, *re-clamar*; *eleger*, *re-eleger*. E antipathico á lingua portugueza.

Recto. — *Caso recto* é o nominativo em relação aos outros casos, ditos *obliquos*.

Reduplicação. — Processo primitivo notado na formação das palavras por meio da repetição de sons: *murmur*, *cicio*, *pipitar*. Nota-se organicamente na formação dos preteritos latinos: *do*, *dedi*; *cano*, *cecini*; *tango*, *teti*; *posco*, *poposci*. Vide *Onomatopéa*.

Reflexa, voz; nos verbos. — Vid. *Média passiva e pronominal*.

(1) Reinaeh, *op. cit.* pag 112; Pietet, *Orig. indo-eur.*; Fiek, *L'antiquité unité ling. indo-germ.* — 1873.

(1) Conf. Regnaud. — *Origine et phil. du langage*. Paris, 1888, pag. 151 e seguintes.

REFLEXIVO — RESTRICTIVO

Reflexivo. — Denominação dada ao pronome pessoal *se*, também chamado *reciproco*.

Reforço. — Permuta de sons no sentido ascendente, isto é, do fraco para o forte, do sonoro para o surdo, e também de uma só consoante para um grupo. Exemplos: da guttural branda *g* para a forte *c*: tecla, de *tegulam*; de vogal para consoante: hierarchia, *jerarchia*; de *l* para *r*: *lilium*, lírio; de *n* para *r*: *sanare*, sarar; de consoante simples para grupo: *mastro* em vez de *masto* (cf. *mastareo*); de *ss* para *x*: *passionem*, paixão.

Regencia (*syntaxe de*). — É a parte da syntaxe que trata da dependencia entre os elementos da proposição: concordancia e subordinação. Mais propriamente trata da dependencia de palavra a palavra ou de grupos de palavras, locuções, complementos.

Regimen. — Denominação usada principalmente pelos grammaticos francezes para indicar qualquer parte regida pelo verbo immediatamente (reg. directo), ou mediadamente por meio de proposição (reg. indirecto): corresponde a *objecto*. Vide *Proposições*. Regimen *directo* equiva-le a *paciente* ou complemento objectivo (objecto directo no systema de Mason): vendi um *livro*. Regimen *indirecto*: gosto da *pintura*.

Regulares. — São todas as palavras que na sua variabilidade de flexões obedecem ás regras

do maior numero das suas congeneres.

Relação. — Nexo ou dependencia existente entre os elementos logicos da proposição. Vide *Proposições*.

Relativos, relativos-conjunctivos ou conjunctivos. — São os determinativos *que, qual, quem, cujo, quanto* e o adverbio *onde*, de identica funcção. São *conjunctivos-relativos* porque lembram um antecedente já expresso: a casa *onde* residio; o livro *cujas* paginas são numeradas, etc. O *que* é conjunção quando não pôde ser substituido por o *qual, os quaes*, etc. O *que* é sempre da pessoa do seu antecedente: o homem *que* falou; eu *que* falei; tu *que* falaste. Pelo contrario, *quem* é da terceira pessoa: foi elle *quem* falou, foste tu *quem* falou; fui eu *quem* falou. Mas não é regra, e ha numerosos exemplos classicos em contrario, de modo que ha verdadeira liberdade de concordancia. *Qual* vem sempre com o artigo *o, a, os, as*; sem artigo, é apenas um distributivo correlativo de *tal*:

Qual do cavallo desce que não vâa,
Qual com o pennacho do elmo açou-
ta as ancas...

Ou também será termo de comparação equivalente a *como* ou *igual a*.

Restrictivo. — É o complemento da proposição *de*, depois de nome appellativo, cuja significação fica limitada: luz *do sol*; livros *de medicina*; casa *de Pedro*. O complemento da proposição *de*



é um *appositive* quando não limita o significado: cidade de Lisboa (cidade Lisboa). || A preposição *de* é frequentes vezes mero expletivo, sem significado grammatical: O pobre do homem; o desgraçado do poeta; o infeliz do naufrago. || Não ha restrictivo com os pronomes *eu*, *tu*: livro de mim, livro de ti são expressões inadmissíveis; empregam-se nesse caso os possessivos.

Reticencia (pontos de). — Série de pontos que no discurso escripto symbolizam a interrupção do sentido. Como no ex. de Camões:

Mas moura emfim nas mãos da
bruta gente
Que pois eu fui.. E nisto de
mimosa
O rosto banha em lagrimas ardente.

Retro, prefixo; para traz. — *Retroceder*. *Retrospecto*, vista para o passado.

Rheo, correr. — Elemento grego. *Catarrho*, que corre para baixo. *Rheumatismo*. *Hemorrhoidas*, corrimento de sangue. *Rhythmo*.

Rheto-romano (roumanche). — É uma lingua romana falada no eantão dos Grisões; lingua quasi sem cultura litteraria e muito misturada. Está dividida em dous dialectos: o do norte ou rhenano, e o do sul (de *Engadin* ou *ladino*); esses dialectos ainda têm subdivisões. A Rhetia era uma região etrusca, antes da dominação romana, e nos nomes locais do rheto-ro-

mano encontram-se vestigios inegaveis do etrusco. (1). O rheto-romano parece-se um pouco com o italiano. As vogaes atonas têm permutas assás arbitrarías ou multiplas. A vogal *u* é abundantissima e notam-se os sons doces e sibilantes: *tschiel* (*cælum*), *punscher* (*pungere*), *chiaun* (*canis*), *giantar* (*jentare*). (2). O texto mais antigo do rheto-romano é o Novo Testamento, impresso em 1560.

Rhodon, rosa. — Elemento grego. *Rhododendro*, arvore rosa, rosacea.

Risca de união ou *hyphen*. — Symbolo orthographico que consiste em pequeno traço proprio para separar syllabas, palavras, elementos eompositivos de vocabulos, para indicar interlocutores, ou pôr em evidencia qualquer citação ou trecho do discurso escripto: beija-flôr; conti-nui-da-de; a lua—satellite da terra—não parece ser habitada. Vide *Divisão*, *Hyphen*.

Romanas. (Linguas romanas neo-latinas, novilatinas.) — A denominação *linguas romanas* applicada aos idiomas modernos que se originaram do latim, é uma criação da philologia allemã. Só antes da escola allemã o appellido de *romana* ou *romance* era usual na idade média para cada uma das linguas novo-latinas.

(1) Steub, *Ethnologie*; Andeer, *Hist. dal. rheto-romana*.

(2) F. Diez, *op. cit.*, 122—23, 1; Böttiger, *Rheto-romana Spr.*, Upsal, 1853; Mitterrutzner e outros.

ROMANAS — ROMANCE

O *romance* ou lingua antiga era opposto ao latim, que só se usava nos documentos publicos. No emtanto, as linguas vulgares do sul da Europa tambem tinham o appellido de *latinas*, ou, conforme o vocabulo do tempo, *ladinas* (sobretudo o hespanhol e o portuguez). Dos varios dialectos originados do latim, os que conseguiram preponderancia foram: o *italiano*, o *francez*, o *provençal*, o *portuguez*, o *hespanhol* e o *valachio*. (Vide estas palavras.) A respeito de cada lingua romana daremos, no logar competente, a historia resumida de sua constituição e de sua indole, e dos seus mais antigos monumentos escriptos. Antes de Frederico Diez, que foi o fundador da *philologia romana*, não houve romanista mais notavel do que Raynouard. Infelizmente esse philologo acreditava na existencia da *lingua romana* geral, isto é, que o provençal foi a lingua da idade média e d'elle é que se originaram os idiomas neo-latinos modernos. A hypothese de Raynouard, conjecturosa e falsa, serviu no emtanto para preparar a nova phase dos estudos romanicos, pela accumulção de materiaes e pela exploração de caminhos que ainda se achavam pouco transitados. O movimento operado na Alemanha e que tinha por fim o exame da literatura, da poesia e dos monumentos populares da idade média, naturalmente indicou a Frederico Diez a necessidade de recompôr e constituir a philologia romana nas suas

verdadeiras bases. Desde logo, a obra de Fred. Diez foi vulgarizada; crearam-se innumeradas revistas de estudos romanicos em toda a Europa, e o grande philologo germanico teve discipulos como Littré, G. Paris, Brachet e outros. Actualmente os dous principaes orgãos da philologia romana são: a *Romania*, publicada em Paris, e o *Zeitschrift fur der rom. Philologie* publicado em Strassburgo. (1)

Romance. — Termo de varias accepções. Quanto á philologia latina, *romance* significa o periodo primitivo das linguas romanas: o provençal, *langue d'oïl*, port. antigo, etc. Vide *Portuguez*. Aqui incluímos dous especimens do portuguez antigo, extrahidos do *Antigo vernaculo*, do distincto philologo Silvio de Almeida, com as annotações que lhes ajuntou:

CANTO DE ROMARIA

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la igreja de Vigo
hu é o mar salido,
e miraremos las ondas!

Mha irmana fremosa,
treydes de grado
a la igreja de Vigo
hu é o mar levado,
e miraremos las ondas!

A la igreja de Vigo
hu é o mar salido,
e verá hy, madre,
o meu amigo,
e miraremos las ondas!

(1) Fr. Diez, *op. cit.*, 1º vol.; Raynouard, *op. cit.*

A la igreja de Vigo,
hu é o mar levado
e verrá hy, madre,
o meu amado,
e miraremos las ondas!

«Este canto se encontra á pg. 7 da *Anthologia* de Th. Braga sobo titulo de—*Cantos de ledino*. Esta denominação que Epiphanio da Silva e D. Carolina Michaelis combatem, já tinha sido perfilhada por Monaci. Th. Braga a extrahira da est. 42 da ecloga *Christofal* (Christovam Falcão) ed. de Colonia de 1559:

«Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre
cantar cantou de *ledino*:
YO ME YVA LA, MI MADRE,
A SANCTA MARIA DEL PINO.
O vestido lhe onlhei
e vi que era hum brial
de seda, e nam de saial,
a qual en afigurei
a Mengua, la del boscal».

«A tal proposito, escreveu Epiphanio: «*Canto de ledino* por *canto dele* (=d'elle) *dino* (digno). É certamente o exemplo mais notavel (de erros de imprensa), por isso que deu logar a que o Dr. Th. Braga, não suspeitando inexactidão na escriptura do texto, acreditasse que a nossa literatura possuia uns *cantos de ledino*, que nunca existiram senão na phantasia d'este professor.» Houve uma longa discussão; e o que se apura da mesma é o seguinte: Que Th. Braga comprehendeu sob a mesma denominação de *cantos de ledino*: 1) os de romaria (a Santa Cecilia, S. Servando, S. Leuter, ou Eleu-

therio, etc.) e que formam um verdadeiro cyclo; 2) os em *ledo*, citados no cap. IX do frag. de poetica do *Canc. Colloci Brancuti* e caracterizados pelo emprego frequente do qualificativo *ledo*. O nosso illustre collega O. Nobiling nos fez observar que, para formar-se *ledino* de *ledo*, seria preciso que *ino* fosse um suffixo portuguez. Além d'isto, a não ser na citada passagem *obscura* de C. Falcão, o mesmo vocabulo não se encontra em nenhum outro documento da nossa lingua. Damos agora algumas notas sobre o canto e a ecloga citada: *Mha, ma*, minha. Cf. com a fórma franceza e com *mia* do *Canc.* da Ajuda. *Fremosa*, metathese de *fermosa*, formosa. *Treydes, tresyr*, de *transire*, ir além, ir. No emtanto, Th. Braga dá *treyde* (imperativo) como synonymo de *trazey*.—*Ila* =ú, *unde*, onde.—*Salido*, de *salir*, *salire*, saír.—*De grado*, de boa vontade.—*Mar le vado*, mar levantado (Cf. fr. *levé*).—*Verrá*, virá.—*Hy*=hi, hic, ahí, allí.—*Parecer*, rosto, semblante.—*Pera*, archaismo de *para*. *Devino*, por divino.—*Yo*, eu (hisp.). *Yva*, ia (hisp.).—*Mi*, minha, apocope de *mia*. *Oulhey*, por *olhei*.—*Brial*, vestido feminino de panno precioso.—*Saial*, vestidura grosseira.—*Santa Maria del Pino* é uma terra ao pé de Lugo, na Galliza.—*Menga* é um diminutivo de *Domingas* nos cantos populares. *Boscal*=*Bustar*. *Bustar* é um povo perto de Torrelaguna e um sanctuario de Segovia. O nome de *Bustar*, segundo as glosas de Isidoro, vem

ROMANCE — S

de *locus ubi stant boves* (citadas por D. Carolina Mich.). *Menga la del boscal* era uma pastora da tradição poetica popular (Th. Braga). *Vigo* vem de *vicus*, aldeia.

SERRANILHA EM PERGUNTA

Cabelos, los meus eabelos.
el-rei m'envyou por elos;
que lhis farei, madre?
Fillha, dade-os a el-rey.

Garceras, las mis garceras,
el-rei me mandou por ellas;
que lhes farei, madre?
Fillha, dade-as a el-rey.

(Johan Zorro, C. V., nº 756).

« Como se vê em—*los meus cabelos, las mis garceras*, o uso do artigo antes do possessivo, que alguns auctores querem considerar um erro, data dos mais antigos documentos da lingua.— O *m'envyou por elos, me mandou por ellas*, por *m'os ou m'as mandou pedir*, lembra o inglez: *to seek for* ou *of*. *Garceras* diz Theophilo Braga que significa *roupas de moça*. Em o nº 291 do mesmo Cane., D. João Soares Coelho fala de uma moça que foi á fonte lavar os seus *cabelos* e as suas *garceras*, e ficou extasiada de umas e outros. A poesia, maliciosa e cheia de reticencias, meneiona então a chegada do amante, que a propria moça diz ser o senhor de suas *garceras*... Não se comprehende que o namorado fosse o senhor das roupas da rapariga, nem que o rei as mandasse buscar... A lieença d'esta composição não é excepcional. Em o nº 322 diz Estevam Coelho:

« Se oj'o meu amigo
soubesse, liria migo;
eu al rio me vou banliare!»

« Uma hypothese: Tratando dos symbolos germanicos no Romanee popular portuguez, eita Th. Braga o *cabello* atado como signal da mulner easada, e nota que *em cabelo* (mancia *in capillo*, dos Foraes) se conserva nos cantos e nos anuexius: «Moça em cabelo, não m'a louves, companheiro.» Assim tambem, as *garceras* (provavelmente brancas, visto como a palavra parece derivada de garça) podiam ser tomadas como symbolo da virgindade. Esta observação, embora hypothetica, se coaduna perfeitamente eom o sentido do termo, tal como se acha no Cancioneiro.»

S

S.—Sôa *z*, entre vogaes. Comtudo, sôa *s* em muitas palavras compostas: presagio, presuppôr, presentir, verosimil, resurgir, resuseitar; ha divergencias quanto ao som *s* ou *z* em verosimil. Sôa *z* onde deveria soar *ss*, nos eompostos de *trans*: *transacção*, *transigir* e sôa como *c* nas terminações *simo* dos numeraes: *vigesimo*, *centesimo*, *millesimo* (vigecimo, etc.); não sôa no grupo erudito *sc*: *sciencia*, *scena*. || *S*, letra latina.—Persiste com os sons latinos (doce entre vogaes): *sapere*, saber. A degeneração na ehiantesyllaba en: *sapidus*, enxabido; *sulphur*, en-xofre; *vesica*, bexiga, produz-se sobre tudo depois da

etc. *S* inicial= x : xastre, de *sar-tor*. Entre os latinos, como observa Corsen (I, 227), o som de *s* depois de $n = z$; e d'ahi as transformações: meza, *mensam*; pezar, *pensare*. A transformação $s = c$ brando resulta de confusão orthographica: *persicum*, pecego; *siceram*, eidra. A syncope dá-se no grupo *ns*: ilha (*insula*), port. ant. *insoa*. O *s* impuro latino em geral passou para o portuguez com a prothese euphonica do *e*: *stare*, estar; *speculum*, espelho; *spatium*, espaço. Desapparece o *s* rarrissimamente: *spasmus*, pismo. Nas palavras eruditas, a fórma latina conserva-se: *spasmodico*, stentoreo, etc., e tambem invariavelmente no grupo *sc*: sciencia, scena (Cf. *hesp. escena*). *S*, letra portugueza.—Provém de *s* com qualquer dos sons actuaes: sermão, *sermonem*; base, *basim*. Provém do abrandamento de suffixos: *itia*, fortaleza, *fortalitiam*. (A melhor orthographia é z : fortaleza). Rasão ou razão, de *rationem*. De x ha exemplos: ensaio, de *exagium*, etc. *S*, letra germanica.—Nota-se a prothese identica *á* do lexico latino: escravo, de sclavo, por slavo, *slave*. O grupo *st* por vezes se simplifica em x , como observa Diez: broxa, de *brusta*, *burst*. *S*, letra arabe.—Não ha factio notavel.

Sanskrito.—Foi Portugal o primeiro paiz da Europa que conheceu o sanscrito e pelos nomes de *samsucrutá* dos antigos missionarios, *gerodão*, etc., conforme o mostra o insigne Manoel de Mello no seu livro a *Glot-*

tica; onde ajunta entre outros os seguintes documentos: || Este quarto livro (« IV. Livro que se chama *Veacranná* ») he da arte de apprender a lingua *Samsucrutá*, que he a respeito dos Brame-nes sem comparação como entre nós a Latina, e tambem por ella eompoem artes das linguas estrangeiras, e por ellas as apprendem » (*Breve relação das escripturas dos Gentios da India Oriental, e dos seus costumes*, na *Collecção de noticias para a historia e Geographia das nações ultramarinas*, publicada pela *Academia Real das Sciencias*, t. I, 1812, pag. 50.—Veja no mesmo tomo *Noticia summaria do gentilismo da Asia*, pag. 63.—A Prefação da Academia declara que os dous manuscriptos « foram feitos por alguns dos nossos missionarios, e provavelmente em o principio do seculo de seiscentos ». — O nome *Savansucrutá*, que o texto impresso da *Noticia summaria* dá ao sanscrito, ainda tem alguma congruencia com o *Sanscrita* do mercador florentino Sasseti na carta de janeiro de 1585, citada por Nerucci, Ascoli, Pezzi e Max Müller. Mas *Jássucrutá*, conforme se imprimiu a pag. 43, é manifestamente erro de leitura.) || Na *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier* (livro II, cap. XI, Lisboa, 1600, pag. 94-95), tractando da *natureza, sortes, qualidades, & costumes do gentio da India*, diz Lucena: « Escreuem com penas de ferro, & seruem lhes de papel (como de mil outras cousas) as folhas das suas palmeiras, de que fazem

SANSKRITO

grādes liuros [efr. Paulino de S. Bartholomeu, *Vyacarana*, Roma, 1804, pag. 327, *De indica bibliographia et paleographia corollarium*] das historias dos tempos, & doutrinas muytas materias, assi em prosa, como em rima, daqual & de toda a sorte de poesia sam per extremo curiosos, & tam enleuados, que pera o Demonio per seus ministros lhes fazer erer as mais fabulosas patranhas contrarias a suas proprias leys, & rezam natural, basta poremlhas & cantaremlhas em verso; que posto que no numero das syllabas sejam y diferente do nosso, & do latino (porque em cada hum ha d'auer setenta & duas) nam deixa de ter sua graça, & magestade. Nestes versos está escrita em hũa lingua particular chamada Gerodam, a sua Filosofia, & Theologia, que os Brámenes estudam, & lem em vniuersidades per toda a India... » Que significa e d'onde tomou Lucena a palavra gerodão? Explicae-o desde as primeiras linhas o livro de Friderico Schlegel *Ueber die Sprache und Weisheit der Indier* (Heidelberg, 1808), quando diz que « a antiga lingua da India chamada pelos habitantes *sanskrito*, isto é, lingua culta ou perfeita, se nomeia tambem *gronthon*, que vale tanto como lingua dos escriptos ou dos livros ». — Benfey (*Geschichte der Sprachwissenschaft*, 1869, p. 335), sôbre o titulo da *Grammatica Grandonica* de Hanxleden, adverte textualmente: Dies ist der Titel der *Hanxleden'schen Sanskrit-Grammatik von sanskrit grantha 'Buch'*. »

DICC. GRAMM.

— Ainda que sobremaneira instructiva, a discussão de Goldstücker (*Pânini: his place in Sanskrit Literature*, 1861, pag. 26-34), respectiva aos significados que Weber e Max Müller attribuem a *grantha*, mais interessa por agora ao nosso poneto a nota de Fr. Paulino de S. Bartholomeu: « Sequitur P. Hanxleden *Grammatica Sanserdamica*, quam ille inseripsit: *Grammatica Grandonica. Grantha*, ex quo jam olim apud Europaeos corruptum *Grandao* vel *Grandon*, librum, numerum 32. syllabarum, doctrinam vel scientiam significat; itaque libri qui lingua *sanserdamica* exarantur, *Grantha* vocantur; unde etiam lingua *Grandonica*, *Grammatica Grandonica* dicitur, quae vera *Sanserdamica* est. ». (*De Manuscriptis codicibus Indicis*, Vienna, 1799, pag. 4). || « Estes Brámenes sam hũs homẽs religiosos (como cá entre nós sacerdotes) que tem euidado de seus pagodes. Tem antre si hũa sciencia por lingua-gem, que he como entre nós o latim, que não na entende senão quem na aprende ». (*Commentarios do Grande Afonso Dalboquerque*, 2ª parte, cap. xvii, pag. 217 da ed. de 1576). *L'homme qui assignait pour la première fois le rang occupé par le sanskrit dans les littératures orientales*, assim designa Ferdinand Denis (*Nouvelle Biographie générale*, t. I, 1852, col. 668) a Afonso de Albuquerque, ao qual attribue grande parte na composição dos *Commentarios*. Posterior á primeira edição do livro (1557) é indubitavelmente o codice inedito

19

que ministrou a Paulino de S. Bartholomeu (*Vyacarana*, p. ix) uma explicação analoga á do nosso auctor: « *La lingua Sanscrit* (Samscrta) è una lingua morta nel publico, ma è bensì la lingua dei Libri, che chiamano anche lingua dei Dei, che sarebbe come fra noi la lingua Latina, che non si sa se non da chi l'impara con studio. R. P. Marcus a Tumba in cod. ms. in fol. p. 196. in Museo Borgiano asservato ». — Esta comparação com o latim, comparação que talvez hoje fará sorrir os desdenhosos, vimos achal-a empregada por Schleicher, tres seculos depois de dado á estampa o livro de Affonso de Albuquerque, na celebre carta publica ao auctor da *Historia da creação natural*: «... Une langue écrite qui ne fut jamais langue populaire, le Sanscrit, la langue de la littérature postvédique, et qu'on peut appeller le latin de l'Inde, parce que, comme le latin écrit de Rome, elle est restée jusqu'à nos jours la langue des savants ». (*La Théorie de Darwin et la science du langage*, trad. por de Pommayrol, 1868, p. 10).

|| Na oração inaugural do curso de sanskrito, proferida em Paris, em 1857, o professor allemão Oppert allude por este modo ao conhecimento que os portuguezes tiveram da lingua hieratica da India: « Lorsque, vers le milieu du dernier siècle, l'empire du grand Mogol commençait à s'ébranler, et que des hommes illustres, dont la gloire a grandi avec leur insuccès, cherchaient à rendre tributaires de la France des

contrées aujourd'hui soumises au trident britannique, on avait déjà vaguement soupçonné la parenté du sanskrit et des langues européennes. Mais ces affinités n'étaient pas connues alors dans leur ensemble; les conquérants Français du Dekhan, comme leurs prédécesseurs Portugais, n'avaient été frappés que de la concordance de quelques mots isolés. Ce ne fut que peu de temps avant la chute de l'empire de Mysore que la langue sacrée de l'Inde fut découverte, et on s'aperçut alors que la ressemblance ne se bornait pas à des expressions seules, mais qu'elle s'étendait sur le système entier de la *grammaire* ». (*Considérations générales sur la philologie comparée des langues indo-européennes*, 1858, p. 5). — E Max Müller, resumindo com a sua costumada sciencia o que Fumi denomina *la lungabiografia del sanscrito*, diz: « Who was the first European that knew of Sanskrit, or that acquired a knowledge of Sanskrit, it is difficult to say. When Vasco da Gama landed at Calicut, on the 9th of May, 1498, Padre Pedro began at once to preach to the natives, and had suffered a martyr's death before the discoverer of India returned to Lisbon... — The history of what may be called European Sanskrit philology dates from the foundation of the Asiatic Society at Calcutta, in 1784. For although some of the early missionaries seem to have possessed a far more considerable knowledge of Sanskrit than was at one time supposed, yet it was through the la-

bours of Sir William Jones, Wilkins, Carey, Forster, Colebrooke, and other members of that illustrious society, that the language and literature of the Brahmans became first accessible to European scholars». (*Lectures*, I⁶, pag. 171 e 180). || Antiga lingua litteraria da India, e a mais antiga das que compõem a familia aryana. *Sanskrito* (que significa *perfeito*) é a denominação da lingua culta; o dialecto popular, que se desenvolveu conjunctamente com aquelle e foi o precursor das linguas actuaes do norte da India, tinha o nome de *pakrito*, isto é, *lingua derivada, commun*. No proprio *sanskrito*, convém distinguir a phase *classica* da phase primitiva denominada *sanskrito veddico*, anterior á disciplina grammatical, no periodo em que foram escriptos os Veddas, livros sagrados. Ao conhecimento do *sanskrito* é que se deve a grande reforma nos estudos philologicos d'este seculo: notada a afinidade d'aquella lingua com o grego, o latim e o allemão, foi possivel determinar a grande familia aryana das linguas.

Se, pronome pessoal reflexo. — Nunca póde ser sujeito; por isso são erroneas phrases como esta, *diz-se cousas*, que deve ser emendada para *dizem-se cousas*, como sempre foi uso desde os antigos tempos da lingua. A phrase incorrecta — *diz-se cousas* — deriva da imitação do francez *on dit des choses*, onde *on* póde ser sujeito, pois não é mais do que a corruptela do vocabulo *homme*, o ho-

mem diz cousas. || O uso de *se* com o verbo *ser*, ainda que tenha exemplos nos escriptores contemporaneos, não é digno de imitação: «Quando *se* é pobre»... É intoleravel.

Secundarias. — São as flexões verbaes que indicam um momento do tempo em relação a outro. São tres os tempos secundarios: o *imperfeito*, que indica o presente em relação ao passado (*ESTUDAVA* quando *chegaste*): o *mais que perfeito*, que indica o passado em relação ao passado (*ESTUDARA* quando *fui* moço); e o *futuro perfeito*, passado em relação ao futuro (*terei estudado* quando vieres).

Sed, *separação*. — Prefixo que só existiu em compostos latinos. Vestigios: *selecção* (*sed* + *legere*), *seduzir* (*sed* + *ducere*), *segredo* (*sed* + *cernere*), etc.

Selênê, lua. — Elemento grego. *Selenographia*, descrição da lua. *Parasclene*, junto da lua.

Sem, prefixo vernaculo. — *Sensaboria*, *sem* razão.

Sêma, signal. — Elemento grego. *Semaphoro*, que leva o signal. *Semeiotica*, tratado dos signaes. *Semantica*.

Semantica. — Estudo da significação dos vocabulos e phrases. Sciencia complexa e difficillima ainda não organizada, e propriamente sem bases definidas, e sobre a qual existem notas fragmentarias e sem disciplina. Darmsteter, no seu livro

(1) abundante de factos esparços, não construe theoria apreciavel sobre o assumpto. Michel Breal publicou o seu livro a *Semantica*, que é o melhor, talvez, na materia, maxime com respeito ás linguas romanas. A *Semantica* de Pacheco Junior (1903, edit. F. Alves, obra postuma) é o unico livro do assumpto em lingua portugueza. O sentido das palavras parece formar-se por processos identicos aos observados nos neologismos. O *neologismo* é de criação ou de simples derivação ou modificação de fórma. Também na *semantica* o sentido novo se desenvolve ao lado do sentido velho; o termo, em geral, adquire varios significados, de sorte que a *evolução do sentido* na palavra pôde ser indicada do modo seguinte: Phase 1^a O vocabulo tem o significado A. Phase 2^a O vocabulo adquire por analogia e por necessidade e falta de outros os significados A, B, C... Phase 3^a a) O vocabulo perde por archaismo todos os significados e então desaparece. b) O vocabulo perde por archaismo parcial um ou muitos dos significados, e torna-se o signal apenas da idéa A ou B exclusivamente, ou B + C com exclusão de A. Todas as linguas possuem vocabulos vivos em qualquer d'estas tres phases, nomeadamente da segunda. Não damos semelhante theoria como exacta, mas apenas como tentativa theorica digna de verificação analy-

(1) La vie des mots, Paris, 1887 (nouv. éd.)

tica. Assim, conforme ao nosso vêr, o significado se desenvolve multiplicando-se. Não passa de um sentido a outro muito differente, sem phases de significação intermediarias: Accrescente-se o que escreveu P. Junior ao rever a 2^a edição d'este livro: «Podemos deduzir o sentido das palavras, não só quando ha *identidade do radical* (*espectaculo, circumspecto... √ specvêr*), mas da especialização dos affixos, e ainda quando ellas são formadas pelo processo reduplicativo. A transferencia de sentido é devida á lei do *contagio*, ao principio da analogia, á lei do menor esforço, e á tendencia natural e espontanea do povo para apresentar as suas idéas e exprimir o pensamento, revestidos de côres variadas. *Corja* antigamente significava colleção de 20; *fintar* — lançar tributo (finta); *patife* — o pequeno riacho... As causas principaes de pathologia verbal resumem-se nas seguintes: a) *generalização do particular*: — *belchior, oraculo*, significava a principio um pequeno oratorio ou templo. b) *especialização do geral*: — *botica*, antigamente, qualquer loja pequena (Cp. *bodega*). c) *mudança de genero ou numero*: — *ben, bens*; fumaça, fumaças; ... lenho, lenha; ramo, rama... d) *mudança por encarecimento ou degradação*: *patife* era o ribeirinho ou moço de ceira; *tratante* — o actual negociante. e) *inversão dos elementos da composição*: — gentil homem e homem gentil. f) *origem historica ou ficção*: — um Attila ou Nero, tartufo, um havana, musselina,

SEMANTICA — SOBRECMMUNS

cognac, um petropolis... g) *esquecimento etymologico*: — braço, por barçao; carrinhos, em vez de carrilhos; índio para significar os primeiros habitantes da America. Muitas vezes, o sentido figurado supera o proprio, que de todo cae no esquecimento. Exemplo temos em *patife, tabefe, poia, manceba*... Este facto importante em todas as linguas não se limitou ao vocabulario; basta reflectirmos nos *idiotismos de sentido*, e nos proverbios populares, em que tão frequentes são as mudanças de applicação de sentido. É nessas tendencias populares—espontaneas e fecundas—que se descobre o laço convencional que torna a palavra pensamento, e a facultade natural do povo em represental-o sob varias fórmias objectivas ».

Semi, metade. — Prefixo latino. *Semimorto*. *Semiton*, meio tom.

Semitica. — Familia de linguas cujo grupo se compõe do hebraico, phenicio, arameo, assyrio, arabe, ethiopico (Geez e Amharico). O nome *semitico* foi introduzido na philologia por Eichboru, em 1787, e deriva da pretendida divisão ethnica que nos depara o *Genesis*, quando explica as migrações de *Sem*, *Cham*, *Japhet*. Esta divisão não tem valor linguistico, nem ethno-graphico. As linguas semiticas são entre si pouco differentes, e por isso a sua affinidade foi logo notada desde o seculo XVII pelos orientalistas do occidente, como Hothinger, Castell, Lu-

dolf, etc. A lingua semitica primitiva seria de mais facil reconstrucção que o primitivo aryaco; não obstante, ainda ha duvidas sobre qual das linguas semiticas pareça ser a mais antiga. A opinião mais geral dá ao arabe maior valor pela factura archaica da sua grammatica; mas o hebraico tambem possui fórmias bastante antigas.

Sentença. — Synonymo de *proposição*.

Sibilantes. — Consoantes que se produzem por um sussurro brando como o assobio. São: *s, ss, z, c* (antes de *e e i*) e *ç* (antes de *a, o, u*). Alguns tambem classificam entre as sibilantes as continuas *f, v*, e as chliantes *x*, *ch=x=sch* allemão.

Sine, exclusão. — Prefixo. *Sinectura* (sem trabalho).

Singular. — Estado normal de nome que exprime um só ser: *casa, mesa*. Oppõe-se a *plural*.

Skia, sombra. — Elemento grego. *Amphiscios*, que tem sombra para os dous lados. *Ascio*, sem sombra.

Skopco, vêr. — Elemento grego. *Kal-eido-scopio*, que vê bellas imagens. *Micro-scopio* (vêr cousas pequenas). *Tele-scopio*, vêr ao longe, longamira. Do mesmo radical: bispo, *epi-scopus*, que examina, vigilante, inspector. *Episcopal*, *arcebispo*, etc.

Sobrecmmuns. — São os substantivos que não adoptam flexão de feminino: *criança, al-goz, testemunho, guia*, etc.

Solecismo.—Vício que consiste na inobservância de quaesquer regras de syntaxe, ex.: tu *fizestes*, por *fizeste*; o uso no mesmo discurso de varias pessoas, *voçê e tu* promiscuamente, tão commum no Brasil. É solecismo o uso do verbo *haver* sem impersonalidade: *não houveram chuvas*, por *não houve chuvas*, etc. O solecismo *eu parece-me e eu me parece*, por *a mim me parece*, é um idiotismo da lingua, consagrado pela auctoridade de varios escriptores, e é um caso de anacolutia. Outro solecismo vulgar é o da expressão: *deparei com um livro*, em vez de *a sorte deparou-nos um livro*; ou *deparou-se-me um livro*; encontra-se em alguns escriptores de nota, mas raras vezes. Ha exemplos em Filinto Elysio e até em Castilho.

Ss, geminação latina.—Usada entre vogaes para evitar o som doce de *s = z*: *possum*, posso.

Stao, *istêmi*. estar em pé.—*Aerostato*, que se sustem no ar. *Systema*, corresponde a *constituição*. Statica. Statistica. Apostata (que está longe, separado), etc. Do radical *stasis*: *extasi*, estado fóra, transporte.

Stello, enviar. — Elemento grego. *Epistola*, missiva. *Apostolo*, enviado, mensageiro. *Diástole*, *systole*, dilatação, contracção do coração ou arterias.

Stereos, solido.— Elemento grego. *Stereo-scopio*, que vê os solidos, vê a pintura plana em relevo. *Stereotomia*, etc.

Su, *sus*, *susum*, acima.—Prefixo latino. *Suspendere*, *sustar*.

Sub, debaixo.— Prefixo latino. *Submittere*, pôr debaixo. Fórmulas vernaculas: *so*, *sob*, italiana *soto*: *sotopôr*, *sopesar*, *sobpôr*. As assimilações de *sub* derivam do latim: *sup* + *por*, *suc* + *ceder*, *suf* + *ficiente*.

Subjunctivo. — Vide *Modos*.

Subordinado, subordinacão.— Vide *clausulas* no artigo *Proposições*.

Substantivo.— É a palavra de que nos servimos para nomear os seres, pessoas, animaes ou cousas! *Antonio*, *alfaiate*, *aguia*, *virtude*, *chuva*. A expressão *substantivo* foi tomada da dos grammaticos latinos *nomen substantivum*. A palavra *substantia*, de *substare*, exprime a essencia das cousas, o que d'ella se torna evidente pelas qualidades exteriores. Por isso, o *substantivo* representa logicamente a reunião dos attributos, a generalização de todas as qualidades: *aguia* exprime as qualidades que distinguem este ser de quaesquer outros de diferente especie. TAXINOMIA. Os substantivos classificam-se em diversos grupos, segundo a nórma adoptada para a sua distribuição. As duas grandes classes mais geralmente conhecidas dos substantivos são as dos *proprius* e *communis*. *PROPRIUS* são os substantivos que representam os seres individualmente e indicam a



SUBSTANTIVO

pessoa ou cousa na sua unidade: *Deus, Antonio, Cicero, o Hamlet, o Guarany, Rocinante*. (Vide *Nomes Proprios*). COMMUNS são os que representam os seres considerados na sua especie, e nesse caso podem convir a varios individuos: *leão, quadro, poema, cavallo*. Os nomes *communis* tambem se ehamam APPELLATIVOS. (V. *Appellativos e Communis*). Os substantivos dividem-se ainda em *concretos e abstractos*. CONCRETOS são os substantivos que designam seres reaes, de existencia indubitavel: *tigre, aguiá, pinheiro, terra*. Cada ser concreto figura-se com a reunião de seus attributos. O ABSTRACTO resulta da facultade de differenciar e tirar das varias cousas o que ellas tenham de commum e exprimir a generalização que resulta de tal operação do espirito. Por ser em extremo complicada, só se revela em periodo tardio do progresso humano. COLLECTIVOS são os substantivos que no singular exprimem uma reunião ou conjunto de seres: *multidão, exercito, regimento, manada*. Dividem-se em *geraes e parciaes*. GERAL é quando exprime uma colleção completa de seres: *exercito, multidão*. PARCIAL diz-se, quando exprime uma colleção: *batalhão, regimento, troço*, etc. Os *collectivos* representam um *plural logico*: *individuo*, plural—*multidão*; *soldado*, plural—*batalhão, exercito*, etc. Comquanto os collectivos tenham a *forma* de singular, é claro que mentalmente exprimem a pluralidade. Esse facto é de grande impor-

tancia na grammatica historica, porque exprime a differença de sentido das palavras: *modo, moda, animal, alimaria*, etc. (Vide *Numero*). COMPOSTOS são os substantivos representados simultaneamente por dons ou tres termos: *bem-te-vi, beija-flór, cortapennas*. As vezes o *composto* não se torna evidente quando existe a observancia da ligação syntactica. Nesse caso os elementos eserevem-se em separado: *chapéo de sol, livro em branco, traço de união*. Outras vezes a composição revela-se separadamente com os adjectivos: *Escola Polytechnica, Intendencia Municipal*. Especialmente denominam-se *juxtapostos* os que possuem elementos separados e separaveis: *beija-flór*, etc. *Agglutinados* são propriamente os compostos cujos elementos só podem ser analysados pela etymologia, v. gr., *republica (res-publica, lat.)*. (Vide *Compostos*). Os elementos dos compostos são de varias categorias grammaticaes, verbos, particulas, etc.: *guarda-chuva, sobre-mesa*, etc. SUBSTANTIVAÇÃO. —Qualquer vocabulo póde ser empregado como substantivo, e essa faeuldade é uma fonte de derivações para o vocabulario da lingua. Taes são os adjectivos: *rico, pobre, cego, o surdo, o vaído-so*, etc. Os verbos: *chôro, rogo, recibo, a compra, o juntar, o andar, o viver, os provarás, os considerandos*, etc. Partieulas: *o sim, o não, o quando, o mas, o contra*, etc. Na phrase, uma proposição póde exereer a função de substantivo; taes são as PRO-

POSIÇÕES SUBSTANTIVAS ou ad-junctos substantivos: Annunei-ou — *que tinha partido* — a par-tida. LOCUÇÃO SUBSTANTIVA — é o substantivo eomposto: *beija-flôr, vai-e-vem, perde-ganha, sobre-mesa*, etc. « Os substantivos se-guem na formação do plural as regras latinas. Os nomes abstra-ctos (excepto quando estiverem considerados individualmente) e os proprios, podem ser empre-gados no plural (*salteado de am-bições, os Saldanhas*). São hoje de formação anomala os termi-nados em *al, el, il, ol, ul*. No por-tuguez antigo e médio, as fórmas eram regulares (*corales, arrebo-les*); e d'essa flexão primitiva: *males, consules, curules, reales*. Dos acabados em *s* só hoje tem plu-ral *Deus*; no portuguez antigo, porém, formavam-se regular-mente em *es* (*alfereses, ouriveses*). Os terminados em *ão* fazem o plural conforme a sua origem la-tina é em *anus* (ãos), *anis* (ães), ou *onem* accus. (ões). Eram até o sec. XV duas as fórmas do sing. *am*, plural *ães*; e *om*, plural *ões*; houve lucta entre as nossas tres fórmas, e a prova temos nos plu-raes biformes e triformes ainda hoje em uso. || Ha substantivos defectivos em numero; mas hoje são muitas as excepções, e por boa logica: *calça, tesoura... ervilhas, assucares...* Os de origem estrangeira seguem a regra ge-ral na formação do plural — *til-burys, amens, adugios...*» Pache-co Junior. Comtudo, nas fórmas literarias e latinas em *um*, ha ten-dencia, como no inglez, para dar o plural em *a*: diz-se *errata* e

não *erratums* e tambem se dizem *desiderata, ultimata, memoranda, addenda*, etc., com a apparencia de singular.

Substantivo (verbo). — A expressão *substantivo* foi applica-da ao verbo *ser* por eausa do signi-ficado puro e inattributivo d'essa palavra. || Como o substanti-vo eompleta-se com o adjectivo, o verbo *ser* eompleta-se com o attributo: *Deus é poderoso*. Convém notar que o verbo *ser*, da raiz aryana *as*, respirar, é fundamen-talmente um verbo adjectivo, de significação concreta, desde que seja interpretado pelo seu valor etymologico. Tem, é verdade, a predicção incompleta, mas isso é commum a varios ver-bos, como *tornar-se, parecer*, etc. Já tem sido usado eomo verbo de predicção eompleta, exprimi-ndo a existencia absoluta: *Deus é*

Subtracção. — Grupo de me-taplasmos que consistem na suppressão de sons no prinieipio, meio ou fim do vocabulo; têm os nomes de *apherese, syncope, apocope*. Vide estes nomes e *Fi-guras*.

Suffixo. — Terminação que se pospõe ao radical dos vocabulos: just-*ica*; eluv-*oso*. As partes *ica, oso*, são *suffixos* e modificam a noção do vocabulo radical. A significação dos *suffixos* é um pouco indeterminada. O systema de formações neologicas por meio de *suffixos* tem o nome de *derivação propria*. Vide *Deri-vação*. Os *suffixos* que formam

SUFFIXO

palavras portuguezas, são os seguintes:

SUFFIXOS DE ADJECTIVOS

SUFFIXOS DE SUBSTANTIVOS				
			<i>Avel</i>	} Aptidão { louvavel, comprehensivel, soluvel.
			<i>Ivel</i>	
			<i>Uvel</i>	
<i>Ação</i> <i>Idade</i> <i>Ida</i> <i>Ura</i>	} Acto	{ consideração, claridade, saída, queimadura.	<i>Oso</i>	} Cheio de { chuvoso, cabelludo, pelludo.
<i>Ada</i>			} Golpe	
<i>Al</i> <i>Edo</i> <i>Ia</i>	} União, con- tinuação	{ cafezal, arvoredo, penedia.		<i>Engo</i>
<i>Alha</i>			} Multidão	{ gentalha, mi- galha.
<i>Alha</i>	} Multidão	{ gentalha, mi- galha.		
<i>Agem</i> <i>Igem</i> <i>Ugem</i>			} Acção, agencia	{ bafagem, via- gem, empigem, ca- ligem, ferrugem.
<i>Ario</i> <i>Eiro</i> <i>Eira</i>	} Seres que produzem	{ estatuario, pinheiro, pe- dreiro, roseira.		
<i>Mento</i>			} Acto dura- douro	{ casamento, sentimento.
<i>Ão</i> <i>Az</i> <i>Aço</i>	} Augmen- tativos	{ carão, velhacaz, bagaço.		
<i>Ona</i> <i>Aça</i>			} Augmen- tativos femininos	{ mocetona, mulherona, mulheraça, barçaça.
<i>Inho</i> <i>Zinho</i> <i>Ito</i> <i>Ete</i> <i>Ote</i>	} Diminu- tivos masculinos	{ menininho, rapazinho, pequenito, velhaquete, rapazola.		
<i>Inha</i> <i>Zinha</i> <i>Eta</i>			} Diminu- tivos femininos	{ mocinha, mulherzinha, ilheta.
			<i>Escer</i>	{ Indica { embranque- repetição { cer.
			<i>Ejar</i>	{ Augmento { manejar, braunquejar.
			<i>Itar</i>	{ (Frequen- tativo) { facilitar, saltitar.

SUFFIXOS VERBAES

SUFFIXO ADVERBIAL

Mente } Intenção { boamente,
certamente,
claramente.

São esses os elementos de suffixação ou *desinências* que maior numero de vezes occorrem na derivação dos vocabulos.

Sujeito. — A cousa acerca da qual se exprime uma affirmacão: o *sol* brilha; a *luz* da lua é suave. — Vide *Proposições*.

Super, em cima, e *supra*, para cima. — Prefixos. *Superpôr*, *superfino*. *Supramencionado*. A fórma vernacula de *super* é *sobre* ou *sor*: *sobreestar*, *sobremesa*, *sorpresa*.

Superlativo. — Vide *Gráo*.

Supino. — É uma fórma verbal do latim que não passou directamente ao portuguez. Mas temos locuções equivalentes ao supino, como a de Vieira no seu *Sermão* sobre o verbo *rapio*: «O resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: *a furtar para furtar*». As fórmas do infinito presente precedido da preposição *a*, traduzem perfeitamente o supino, como neste exemplo de Fr. Luiz de Souza: «Andavam em competencia com Fr. Bertolomeu as honras e as dignidades, elle *a aborrecel-as*, ellas *a entrar-lhe* por casa». Alguns grammaticos denominam *supino* toda a fórma invariavel do participio; consideram que na phrase— «as cartas que tenho *recebido*» —é supino *recebido*; e que nes-

t'outra—«as cartas que tenho *recebidas*» —já *recebidas* é participio. Esta distincção não tem fundamento; os antigos classicos quasi sempre empregavam a fórma variavel.

Sutaque.—Qualidade e timbre de voz que caracteriza a pronuncia de qualquer povo, paiz ou região qualquer, estado, capital, aldeia. É o unico facto que póde, sem receio de erro, ser parcialmente attribuido á influencia dita *mesologica*, isto é, ás condições locais do *meio*. Syn.: *accento* (fr. *accent*).

Syllaba. — É a vogal ou um grupo de letras contendo vogal, que se pronuncia em uma unica emissão de voz: *a*, *o*, *do*, *tru*, *tra*. As palavras, quanto ás syllabas, classificam-se em *monosyllabos*, *dissyllabos*, *trisyllabos* e *poly-syllabos*, conforme sejam de uma, duas, tres ou mais de tres syllabas. *Syllaba tonica* ou *predominante* é aquella em que está o *accento* da palavra: *grandeza*, *inclito*. Na divisão das palavras, a regra seguida é a separação por syllabas e não por elementos etymologicos; por isso dividimos *e-phe-me-ro* e não *ep-he-me-ro*, e do mesmo modo *a-ne-mi-a* e não *an-e-mi-a* — e isto quanto ás palavras gregas. Já no latim ha indecisão: *in-ha-bil* é sempre preferido a *i-nha-bil*, e entretanto divide-se commumente *i-nundar* em vez de *in-un-dar*, e tambem *mai-or* em lugar de *ma-ior* e *pe-ior*. Costuma-se tambem juntar no mesmo grupo as le-

SYLLABA — SYNALEPHA

tras *ct*, *pt*, *st*: fa-cto, exce-pto, cir-cum-stante.

Syllepse. — Figura que denota a concordancia do verbo com a idéa logica não expressa e equivalente. Ex.: Eu e Julio (*nós*) *partimos*; a fortuna, o talento e a saude (*as tres cousas*) *são* bens ambicionados. Ha syllepses, nestes exemplos, de numero. Exemplo de *syllepsis* de genero: Sua *Alteza* foi *servido*... etc. No estylo classico ha sempre syllepse quando se emprega a expressão *um* e *outro* com referencia a palavra feminina: «A morte e o inferno *são*, *um* e *outro*, temiveis».

Symbolo. — Signal proprio para representar som, qualidade de som ou vocabulo. As letras são symbolos. Mais restrictamente, o *symbolo* indica o signal ou notação exclusiva de palavra e não de letras. Taes são os algarismos: 7, 2, 9, 473, etc., e os signaes empregados nas sciencias $+$, $-$, \angle , $\sqrt{\quad}$, $=$, O , ∞ , etc. Ha linguas cuja escriptura compõe-se de *symbolos* ou imagens figurativas de vocabulos (*hieroglyphos*). A escriptura symbolica, sendo toda figurativa, é naturalmente imperfeita, por não poder representar com exactidão as idéas abstractas. O *symbolismo* dos valores alphabeticos constituiu outr'ora theoria que teve muitos adeptos; cada letra ali tem a sua funcção: o *l* exprime as cousas fluentes, brandas: *pluvia*, *lacus*, *fluere*, *flumen*, *luna*, etc.; o *u* exprime o vacuo, a cavidade, etc. É uma theoria ana-

loga á da *onomatopéa* e que, como ella, caiu logo em descredito. Nesse descredito, houve certamente exaggero. Wundt, de qualquer modo na sua *Psychologia da linguagem*, rehabilitou aquella theoria, reduzindo-a aos verdadeiros termos: não se póde negar que houve onomatopéas intencionaes na formação dos vocabulos, sem falar nas que eram espontaneas e inconscientes; de interjeições primitivas, formaram-se outros vocabulos como *guaiar*, de *guai!* no latim *ululare*, de *ul!* no allemão *ächzen*, de *ach!* São onomatopéas em varias linguas: *cigarra*, *tremulo*, *titillar*, *tambôr*, *tacto*, *tactear*, *pipilar*, *gago*, *cacarejar*, onde se notam as reduplicações de letras e syllabas fortes *p*, *t*, *k*, *g*; os ruidos graves são quasi sempre expressos por nasaes: *trom*, *ribombo*, *retumbar*, *bombo*.

Syn, prefixo grego correspondente a *cum*, latino. — *Sympathia*, co-affecto, affecto mutuo. *Synonymos*, nomes de igual significado. *Syntaxe*, co-ordenação. *Synthese* (composição).

Synalepha. — Contracção da vogal final de um vocabulo (em geral pequenas particulas: *de*, *the*, *me*, *te*, etc.) com a vogal da palavra seguinte: *do*, *d'Almeida*, *minh'alma*, *lh'o*, etc. As vezes, e é questão de uso, supprime-se o *apostrophi*: *deste* ou *d'este*. A contracção *aa* é indicada pelo accento graphico: *á=aa* e antigamente *ó=ao* (*ós pés=aos pés*; *ó* depois=*ao* depois).

Synclise.—É a intercalação de particulas atonas entre elementos de vocabulo: punir-*vos-á*, dir-*se-ia*. É o mesmo que *tmese*.

Syncope.—Metaplasmo que consiste na suppressão de letra média: *ve-n-am*, veia; *ca-d-ere*, cair; *ri-v-um*, rio; *me-d-ium*, meio; *ra-d-ium*, raio; *cæ-l-um*, céo; *ma-l-um*, máo. É uma lei geral que se realiza na transformação do latim, a quéda da eousoante média: *le-g-alem*, leal. Só as palavras de formação erudita (como *legal*) não observam aquelle principio.

Syndeticas.—São as proposições coordenadas por meio de connectivos. Vide *Proposições*.

Syncrese.—Contractão de vogaes formando dipthongo: *sau-dade* por *sa-u-dade*. Oppõe-se á *dierese*, que separa a prosodia de cada vogal: *sa-u-de*. Muitas vezes a *dierese* é o resultado de ignorancia da verdadeira prosodia; tal é a pronuncia vulgarizada: *apothé-óse*, por *apotheu-se*. Pela mesma razão é de regra separar o *u=v* nas palavras *ane-urisma*, *ne-urose*, *ple-ura*, do mesmo modo que em *saudade*.

Synonymos.—São as palavras que têm igual ou quasi igual significado: pluma e pena; casa, lar, domicilio, habitação, etc. Entre os synonymos são dignos de nota aquelles que possuem o mesmo radical ou etymologia: *nascença*, nascimento; *facto*, feito; *alumiar*,

iluminar, etc. Como nota Max Müller, os synonymos são causa das differenciações entre as linguas derivadas: uma das linguas derivadas appropriar-se de expressão que muitas vezes não é a preferida por outra. Exemplos: *mesa* e *table* são termos tomados de dous latinos *mensa* e *tabula*; o mesmo succedeu em *rua*, italiano *via* e hespanhol *calle*, tomados de origens differentes. Os synonymos são origem fecunda de *archaismos*, pois a sua inutil exuberancia é um obstaculo constante para a funcção da memoria. Desde que surgem varios synonymos, apparecem divergencias de sentido que os caracterizam (como succedeu com as fórmulas divergentes *pleno*, *cheio*, etc.), ou muitos d'elles por superabundantes desaparecem. Isso explica a archaização de vocabulos como *perdoança* ao lado de *perdão*; *conhecença* ao lado de *conhecimento*; *corregimento* por *apresto*, *concerto*; e *storiaes* (Zurara, *Chron.*) por *historiadores*, etc. Na 2.^a edição d'este livro, escreveu Pacheco Junior: «Quanto a sua natureza, os synonymos dividem-se em *perfeitos* (*avaro*, *avarento*; *cão*, *cachorro*; *aroto*, *erutação*); e *imperfeitos* (que são os que entre si não apresentam completa identidade de sentido): *solteiro*, *solitário*. Além da tendencia popular polyonymica, a que nos referimos no artigo *Semantica*, são causas da synonymia: 1. A *tecnologia scientifica*:—bexiga, variola; veneno, toxieo; poaia, ipecacuanha. 2. A *derivação di-*

SYNONYMS — SYNTAXE

vergente, a renovação erudita e a importação peregrina:— cavilha, cravelha; quedo, quieto; inteiro, inteiro; esphera, globo; beija-flôr, colibri; ventre, abdomen, barriga. 3. A *formação portugueza*: avaro, avarento. Ainda são causas synonymicas—os provincialismos, a giria e a semeiologia. Os synonymos devem dividir-se, quanto á sua natureza, em *grammaticaes* ou de radical commum, e *etymologicos* ou de radical diverso. No segundo caso estão—*amor, affeição, estima; duvida, incerteza, irresolução, perplexidade*. No primeiro, os synonymos só differem por certas circumstancias grammaticaes—prefixos e sufixos—*monte, montanha; riso, rir; vão, vaidoso; literato e homem de letras; gritar e dar gritos*. A synonymia é ao mesmo tempo força creadora e modificadora e factor de redução. *Monja, freire, criamentos*... são hoje archaicos; *comer, eira*, etc., apenas limitaram o sentido; *ledo, alacridade*... da linguagem popular, só se conservou na poesia e em estylo elevado.» P. J.

Syntacticos divergentes.— Vide *Typos syntacticos divergentes*.

Syntaxe.— Parte da grammatica em que se estudam as regras da construcção do discurso. Á syntaxe pertence o estudo da *ordem* dos elementos da phrase, e da *dependencia* ou subordinação fixa que existe entre esses elementos: *concordancia* e *regencia*. A syntaxe é o estudo

da linguagem viva, considerada concretamente, isto é, na phrase, na expressão do pensamento humano; por isso o seu estudo é da maior importancia e dos mais difficeis. A *syntaxe historica* é a que estuda a syntaxe da lingua, notando as suas variações em todos os periodos de seu desenvolvimento. As leis ou regras da phrase não são sempre as mesmas. São susceptiveis de evolução ou variabilidade no tempo, e sob este aspecto constituem a *Syntaxe historica*. Exemplo: a coordenação da seguinte phrase: *Assim é dito por muitas pessoas*, é actual. No seculo XV, porém, encontramos a mesma phrase coordenada por uma syntaxe differente: *Assim se diz por muitas pessoas*. Eluc. I, 195. Notemos ainda que a coordenação, á parte as leis que a regulam, varia com os individuos e constitue o que se chama *estylo*. A syntaxe de uma lingua culta, bem se vê, depende em boa parte do estylo dos meliores escriptores que a illustraram ou influíram no seu aperfeiçoamento e desenvolvimento. A phase literaria conhecida com o nome de *gongorismo* ou *cultismo* deu aos escriptos dos seculos XVI e XVII uma coordenação e estylo reconheciveis á primeira observação. O estylo da *Biblia* desde o antigo portuguez creou novas coordenações, como, por exemplo, a abundancia de copulativas, a formação de superlativos nominaes (*caidade das vaidades, cantico dos canticos*), formação de adjectivos

logicos (*filho da incredulidade, filho do peccado*=incredulo, peccador), e outros modos de dizer que não existiam no latim e são averiguados hebraismos. Mesmo fóra do dominio literario, o povo constantemente corrompe e viola as leis syntacticas, e por ahi faz surgir os germens da evolvibilidade das regras de construcção. Não existe ainda, em lingua nenhuma, um estudo completo da *syntaxe historica*; as tentativas nesse assumpto são em pequeno numero e medianamente notaveis.

Syntaxicos. — Palavra incorrecta tirada do francez *syntaxique*; a fórma correcta é *syntactico*, ou no proprio francez *syntactique*. O suffixo correcto fica comprovado pelas numerosas derivações analogas: parallaxe, *parallactico*; praxe, *practico*; galaxia, *galactico, galactometro*; lexis, *dialecto, dialectico*; apoplexia, *apoplectico*; além de outras fórmas já puramente gregas, *tactico* (de *taktiké*, der. de *tassein*), etc. Em *syntaxico* achiaram talvez analogia com o exemplo *lexico*, que não contém o suffixo lat. *icus*, mas a fórma grega completa *lexikon*. Foi, pois, por ertonea analogia que se formou *syntaxico*, e o termo infelizmente corre com fóros de vernaculo em diversos programmas do ensino e em varias grammaticas. (Vide *Syntactico*).

Synthetica (fórma). — Expressão enunciada em uma unica palavra, sem periphase. Por exemplo: *justissimo* é um superlativo

synthetico por opposição aos seus equivalentes analyticos: *muito justo, grandemente justo*. Tambem se chamam *syntheticas* as linguas como a latua, que possuem flexões numerosas e que portanto dispensam o uso de preposições e periphases: lat. *amor* (eu sou amado). *Arboribus* (para as arvores, etc.).

Systole. — Figura pela qual se dá valor tonico á syllaba que devia ser atona: *Académia* por *academia*, que é a pronuncia, não etymologica, mas de uso (*philosophia, geometria, etc.*, conforme a prosodia grega). A figura opposta á *systole* é a *dias-tole*, que torna atona a syllaba tonica: *orgia* por *orgia*. Ha varias indecisões da prosodia: *impio, e impio*; *ópala e opála*; *eutrapelia e eutrapélia*; *eucharistia e eucharistía*, etc.

T

T. — Sõa sempre *t*. Nos grupos de *th* do grego, o *h* não tem valor sonico. É erto escrever com *th* as palavras: *Thereza, systema, cathegoria, theor*, as quaes não possuem o *th* etymologico. *T*, letra latina. — Inicial, persiste: *tegulam*, telha. Permuta-se em *d* nas fórmas populares, quando é média isolada: *totus*, todo; *atatem*, idade; *materiem*, madeira. O abrandamento em *s, ss, ç, z*, produz-se nas terminações *tia, tium, tios*: *justitiam*, justiça; *fortalitiam*, fortaleza. Nessa terminaçon o *t* persiste encostado a *s*: *modestia*. A

T — TEUTONICO

syncope de *t* tem poucos exemplos: mealha (medalha), de *metallum*. *T*, letra portugueza. — Origina-se do *t* latino: gato, *catum*; lastimar, *blastemiare*, *blasphemare* (fr. *blâmer*).

Tassein, tattein, collocar. — Elemento grego. *Tactica*. *Ataxia*, desordem. *Syntaxe*, co-ordenação. *Taxinomia*, classificação.

Tautologia. — Vicio de redundancia ou *pleonasm*o quando se repete a mesma idéa com termos diferentes: estou *bom* e de *saude*. *É muito rico* e *millionario*, etc.

Taxinomia. — Parte da grammatica em que se estuda a classificação dos factos da linguagem, segundo as suas categorias logicas.

Technê, arte. — Elemento grego. *Pyrotechnia*, arte do fogo. *Mnemotechnica*, arte da memoria. *Polytechnica*, *technologia*, etc.

Tl. — Grupo latino que, resultando da contracção da vogal atona no elemento popular, permuta-se em *lh*: velho, *vetulum*.

Telê, ao longe. — Prefixo grego. *Telescopio*, que vê ao longe, longamira. *Telegrapho*, *telephone*.

Temno, dividir. — Elem. grego. *Anatomia*, córte atravéz; arte de dissecar o corpo animal. *Epitome*, abreviado. *Atomo*, sem divisão. *Tomo*, *zootomia*, etc.

Tempo. — Propriedade e fórma verbal de flexão que indica a época do facto ou acção. Os *tempos logicos* são tres: *presente*,

passado e *futuro*. Na grammatica, porém, ha subdivisões de *tempos* que analysaremos quando tratarmos do *verbo*.

Terminação. — É a ultima parte das palavras. *Terminação* é termo geral; *desinencia* exprime especialmente a terminação que é susceptivel de *flexão* ou *variabilidade*: *am-o*, *am-ae*.

Terminativo. — Complemento logico das palavras que têm significado relativo: foi util *á patria*. Inherente *á materia*. Dado *a prazeres*, etc.

Tettara, quatro. — Elemento grego. *Tetraedro*, quatro faces. *Tetrarchia*, governo de quatro.

Teutonico. — Nome dado pelos inglezes ao mesmo grupo que Jacob Grimm comprehendia sob o nome de *Deutsch* (1), grupo composto do gothico, allemão, frisão, inglez e linguas scandinavas. Sobre a variedade de denominações, vide o art. *Germanico*. A historia do *germanico* só se póde fazer conjunctamente com as das tribus em que se deram dialectações especiaes, frisã, saxonia, allemã, bavara, franca (hessiana e thuringiana), que representam o ramo continental. Podem ser ellassificados os idiomas do seguinte modo: A). *Frisão e Saxão* — Proximos do inglez. O *frisão* é em geral considerado como lingua á parte. Do *saxão* originam-se os dialectos recentes do BAIXO ALLEMÃO

—

(1) Jac. Grim. na sua *Deutsche Grammatik*.



(*Niederdeutsche Mundarten*). B). *Franco*. — Combinado o *Mitteldeutsch* (médio allemão: hessiano e thuringiano, francos) com os do 3º grupo C, constituem as origens do alto allemão, *Hochdeutsch*. C). *Allemão e bavaro*. — Designados frequentemente por *Oberdeutsch* (allemão superior). Chronologicamente, tanto quanto se pôde determinar com aproximativa as datas de florescimento dos idiomas, notaremos a seguinte evolução do *germanico* continental (1): a) *Antigo alto allemão*... a 1050. b) *Primitivo médio alto allemão*, 1050 a 1150. bb) *Médio alto allemão*, 1150 a 1350. bbb) *Posterior médio alto allemão*, 1350 a 1500. c) *Moderno alto allemão*, 1500 a... Em geral, nas etymologias portuguezas não podemos determinar a phase historica de cada termo de empréstimo. Grande numero de *germanismos*, é evidente que vieram pelo francez. São germanismos grande numero de nomes de pessoa, oriundos da dominação goda: Rodrigo, Reinaldo, Alfredo, Gonçalo, Luiz, Eduardo e Duarte, Eduwiges, Elvira, Isabel e os vocabulos do nosso lexico commun: *britar*, *tira*, *tirar*, *retirar*, *banhos* (matrimoniaes), *bando*, *brida*, *abandonar*, *bandeira*, *bórdó*, *estibórdó*, *norte*, *sul*, *léste*, *óste*, *noroéste*, *suéste*, *nordéste*, *brisa*, *brandir*, *albergue*, *droga*, *tocar*, *elmo*, *baluarte*, *marechal*, *senescal*, *arauto*, *feudo*, *feudal*, *vas-*

(1) É resumido do estudo de Sievers sobre as phases do allemão.

sallo, *rossim*, *albergue*, *franco*, *brasa*, *orgulho*, *quilha*, *leme*, *escuma*, *tapa*, *marcha*, *bragas*, *guerra* e muitos outros. Do elemento *inglez*, tambem teutonico, já nos occupamos no logar devido.

Th, transcripção da letra grega *theta*. — Theodoro. Theologia, etc.

Thema. — «É a palavra já prompta para receber o seu desenvolvimento flexional (nominal ou verbal); é o elemento indicador da primeira formação da palavra. Corresponde á raiz+suffixo, sem categoria grammatical definida.» P. Junior.

Theo, *tithēni*, collocar. — Elem. grego. *Thesc*, posição; *hypothese*, sub-posição; *bibliotheca*, livros-collocação; *epitheto*, superposto, appellido; *thema*, assumpto; *botica* (*apothékē*, deposito); *antithese*, contra-posição.

Theos, deus—Elemento grego. *Polytheismo*, crença de muitos deuses; *atheu*, sem Deus; *monotheismo*, *theologia*, *theocracia*; *pantheon*, templo de todos os deuses; *pantheismo*, tudo-Deus.

Til. — Notação prosodica (˜) usada para indicar a nasalidade das vogaes *a*, *e*, *o*: *mão*, *mãe*, *corações*. Na orthographia dos antigos tambem se usava para nasalizar o *u*: *hũ*, *lũa*. Nos manuscritos o *t̃il* é frequentemente utilizado como signal de abreviatura: *q̃=que*; *Rõiz*, Rodrigues, Glz, Gonçalves.

Tmesc. — Caso de *epenthese* ou intercalação de sons no inte-

rior do vocabulo. Ha *tmeses* quando um vocabulo se divide para receber um termo infixado: amarei, amar-vos-hei; dirá, dir-te-á.

Tonicidade, tonico. — Vide *Accento*.

Tonos, ton, latino *tonus*. — Elemento grego. *Barytono*, tom grave; *monotono*, *diatonico*, *atono*, etc.

Total. — Designativo applicado, no antigo systema de analyse, á proposição absoluta do mesmo valor da principal. Vide *Proposição*: *proposições compostas*. *Total* oppõe-se á *parcial* (subordinada).

Trans, para além, prefixo latino. — *Transportar*, levar para além; *transmittir*, etc. Fórmulas corrompidas *tras*, *tres*, *tra*: *treslér*, *trasladar*, *tramontana*, *tresandar*, *trasandar*.

Transitivos. — São os verbos que têm predicação incompleta e pedem um objecto directo ou não: gostar *das artes*; amar *a patria*. Os transitivos de objecto indirecto chamam-se *relativos*.

Transposição. — No vocabulo, é o mesmo que *metathese*. Na phrase indica a ordem inversa, *hyberbaton*. Vide *Ordem*.

Travessão. — Vide *Hyphen*.

Trias, tres. — Elemento grego. *Triade*, *trilogia*, *triclínio*, tresleitos, sala de jantar entre os gregos e romanos. Na composição com elementos latinos *tri* é também fórmula latina: *triangulo* (grego, *trigono*), *tricolor*, etc.

DICC. GRAMM.

Triformes. — Adjectivos latinos que tinham fórmulas para os tres generos, masculino, feminino e neutro: *justus*, a um. No portuguez, só quando os adjectivos têm fórmulas neutras, podem ser triformes: *todo*, *toda*, *tudo*; *este*, *esta*, *isto*; *aquelle*, *aquella*, *aquillo*; *esse*, *essa*, *isso*.

Trisyllabo. — Vocabulo de tres syllabas: *cadeia*, *primeiro*, *responder*.

Trovadores. — Nome como *troveiros* (trouvères), *jograes*, dado aos poetas do cyclo provençal do medioeval da Europa. Entre os trovadores portuguezes são dignos de nota El-Rei D. Diniz, Paiva, Joam Soaires, etc. As obras dos trovadores portuguezes encontram-se nos codices hoje publicados da *Vaticana*, *cancioneiro Colocci* e *cancioneiro da Ajuda*. As unicas edições boas são as de *Halle*, *Niemeyer*, e dirigidas por Monaci, Molteni, H. Lang e Carol. Michaëlis.

Tupi-guarani. — Sob este titulo estudamos o conjunto de factos que na linguagem brasileira são attribuidos á influencia dos indios do Brasil em contacto com o brasileiro civilizado. Não será fóra de proposito dizer alguma cousa sobre a origem e caracter das raças americanas antes de considerar as linguas que falavam. As raças americanas não se distinguem fundamentalmente e podem ser reunidas sob uma unica classe, como já foram sob o termo *mongoloide*. As raças do novo continente entre si têm

maiores afinidades de caracteres do que as do velho mundo (1). Isso, porém, não diminuiu o prurido de classificações que se têm feito das populações indígenas. O Dr. Morton classifica-as quanto ao gráo de civilização em: 1. *Toltecanos* (Mexico, Perú... pov. civilizados). 2. *Americanos* (barbaros do norte e do sul). Ficam excluidos os *Esquimós*, considerados mongóes. Quanto ao problema da origem, a obscuridade do assumpto é hoje tão grande como em outro tempo. Têm falhado, como provas, os documentos anatomicos, psychicos e linguisticos. De facto, a velha questão de *dolichocephalos* e *brachycephalos* nada trouxe de positivo; a theoria de que os *dolichocephalos* se encontram a léste da America (e esse característico é o dos craneos dos habitantes das Canarias, dos mouros, Tuaregs), e que os *brachycephalos* se acham na região andina e de todo o oeste americano, o que parece apparear a humanidade d'essa região com os typos em geral *brachycephalos* das Kurilhas, do Japão, China, Asia, etc., tudo isso foi derruido pela observação mais profunda (2). De caminho,

(1) Era já a opinião de Humboldt: *The Indians of new Spain bear a general resemblance to those who inhabited Canada, Florida, Peru and Brasil... We think we perceive them all to be descended from the same stock.* (Cit. na *Enc. brit.*)

(2) Sobre essa hypothese, leia-se o trabalho de Foster — *Prehistorie*

notemos que não só a consideração do indice cephalico não tem importancia tal que possa dar solução a semelhantes questões, como está hoje provado á saciedade que os dous typos *brachycephalos* e *dolichocephalos* (mesmo incluindo o typo médio de Broca, *mesaticephalos*) estão em perfeita coexistencia em todas as grandes regiões do orbe. Essa foi a conclusão positiva de Kolmann (1). Esse notavel anthropologista induziu da observação, com precisão estatistica, de milhares de craneos, o facto de que não só houve cruzamento entre os diversos typos em todo o norte e sul da America, como tambem desde os tempos prehistoricos houve coexistencia dos dous elementos, vivendo um ao lado do outro, estado que elle denomina com um termo latino: *penetratio*. O que prova, como pondera Ten Kate, que a primeira camada de população não era exclusivamente *brachycephala*, como affirmaram muitos. E, para nós, era escusado o estudo de Kolmann. Já tinha o saudoso professor Hartt notado nos nossos *moundbuilders* (no Brasil, *sambaquis*) a coexistencia dos *brachycephalos* e *dolichocephalos*. Sobre a questão ethno-anthropologica, o que está averiguado é o seguinte: 1. A existen-

— — —
raçes, C. X.: Retzius; Wilson—*Prehist. man.*, XXXI, e *Smithsonian Report*, 1860.

(1) *Zeitschrift für Ethn.*; Heft I, 1883, cit. na *Revue Anthropologique* de Topinard; avril, 1884.

TUPI-GUARANI

cia do homem prehistorico na America (Lund, Quatrefages, Douler, etc.). 2. Se houve emigração do velho continente, deveria ter-se realizado em época remotissima, anterior ás caracterizações ethnicas hoje observadas. 3. Que é possível, excluída a idéa de afliuidade ethnica, ter havido communicações e relações entre os americanos e outros povos, antes da descoberta e conquista da America. A antiguidade do homem na America é um facto tão característico, que muitos dos monogenistas consideram a America o primitivo centro da criação. O Dr. Douler achou no delta do Mississipi um esqueleto humano, sob quatro camadas de florestas carbonizadas — e ao qual assignala approximadamente 50.000 annos. Outros geólogos exploradores na California collocam o homem d'essa região no periodo plioceno. (1) Não existem menores difficuldades quando se passa do dominio da anthropologia e da ethnologia para o da linguística. É difficil achar generalizações seguras sobre o conjuncto das linguas americanas. Certos

(1) Vide *Encycl. brit.*, art. *Amer.*, 691. Para a ainda obscura distribuição dos indios tupis no Brasil, é muito de lêr-se o capitulo XIV de Wappæus, *Geogr. phys. do Brasil* (ed. brasil. de Capistrano de Abreu e V. Cabral, 1888). Esse capitulo foi refundido pelo nosso illustre anthropologista o Sr. Dr. J. Rodrigues Peixoto. Os estudos mais recentes são de von den Stein e de Ehrenreich.

caracteres são communs ao norte e sul da America: «The idea, diz Bancroft, expressed by a noun is clothed in verbal forms, and at once does the office of a verb.» Esse caracter da grammatica das linguas septentrionaes tambem se acha notado nas linguas do sul, no tupi: «O que distingue os nomes e adjectivos dos verbos é apenas o emprego de pessoas e posposições.» (1) Todas as linguas do continente americano têm evidente parentesco, e é o logar de citar a ousada opinião de Witney, que, comquanto os estudos ainda sejam fragmentarios, a grande uniformidade dos processos americanos deixam entrever que houve na America uma época de maior florescimento cultural, absorvido posteriormente, no tempo da conquista, por um movimento historico de concentração e concretismo analogo ao da idade média, depois da decadencia greco-latina. O *polysynthetismo*, holophrasmo, ou amalgama das phrases, é a feição preponderante dos idiomas americanos: Tambem digna de nota é a intensidade da linguagem gesticulada, que para alguns auctores especialistas como Mallery (*Sign Language among north-american indian compared...*) é a unica linguagem positiva e systematizada; estudos sobre a função do gesto entre os indios do norte já tinham sido feitos por Dumbar, pelo capt. Burton sobre

(1) Bapt. Caetano, *Gramm.*, pag. 6. Recentemente, F. Oppitz contesta essa interpretação.

TUPI-GUARANI

os signaes utilizados entre os *Dakotas*, e por Moggwan entre os *Caddas*. (1) O systema d'esses signaes é importante, porque representam sem alteração a maxima antiguidade tradicional, ao passo que os vocabulos ou sons, em linguas barbaras; transformam-se radicalmente dentro de dous seculos e de modo que se tornam ás vezes irreconheciveis. No Brasil nada ainda se estudou sob este aspecto. A população brasileira que estava em contacto maior ou menor com o indigena, não era de todo homogenea, como se poderia crêr tratando do passado da nossa civilização. Todos os documentos attestam pelo contrario que na elaboração do typo brasileiro, hoje determinado, concorreram elementos heterogeneos, heterogeneos mesmo em si proprios. (2) As linguas da Ame-

(1) Cons. *Encycl. brit.* (V. Amer.)

(2) Os nucleos das povoações brasileiras eram todos mesclados: francezes, hespanhoes em grande numero, judeus que emigravam para escapar á acção inquisitorial, eiganos depois de 1600, portuguezes e açorianos em maioria: taes eram os elementos do typo branco. O typo negro tambem era assús impuro e não emigrou de um só logar da Africa; ao contrario, veio de todos os pontos de oeste e léste do continente, do golpho de Guiné para o sul. O typo vermelho (indio) era o unico puro, se é que já nelle não existiam os cruzamentos indicados por certos matizes de côr (*tupiuna*, pretos; *tupitinga*, brancos), notados por elles proprios. Deve-se de mais notar que a emigração heterogenea, embora peque-

rica do sul, na opinião de Hervas (*Catal. de las lenguas*), têm quatro troncos: o *araucano*, o *tupi-guarani*, o *kechua* e o *caraiiba*. Depois das averiguações de B. Caetano, essa classificação admittida deve ser modificada, pois o parentesco e afinidade do *caraiiba* e do *tupi-guarani* pareciam incontestaveis. Tambem assim pensava Alcide d'Orbigny, que assimilava o termo *karaiib a guarani* (guerreiro). A lingua dos indios tem tido varias denominações: *lingua geral*, *tupi-guarani*, *abañeenga*; nella se deve incluir o *omagua*, o *chiriguano*, o *apiacá*, o *nhengatu* (tupi do Amazonas), e talvez o *kiriri*, e todo o systema de linguas faladas nas bacias do Orenoco, Amazonas, Tocantins, S. Francisco, Paralyba, Rio da Prata, Paraná e Paraguay. (1) Não nos demoremos na apreciação da falsa theoria (de Martius) de que a *lingua geral* foi obra dos jesuitas: seme-

na, era sempre de grande efficacia quanto ao cruzamento, porque era constituida quasi toda por homeus, ao passo que as mulheres indias ou negras, de raça inferior, submettam-se ao regimen da polygamia, imposto pelo macho. Os typos de cruzamento mais conhecidos são o *mameluco* (branco e india, producto vigorosissimo), *mulato* (branco e preto), e *caboré*, *cafuz* (indios e pretos), etc.

(1) Esses limites não são rigorosos. O *caraiiba* emigrado para as Antilhas differenciou-se profundamente, mas lá existiu. As regiões de oeste aquem das cordilheiras tambem possuem linguas diferentes, até agora irreductivcis ao *abañeenga*.



TUPI-GUARANI

lhante hypothese é inadmissivel e já foi cabalmente refutada por Baptista Caetano. (1) Não é cousa que se admitta um conchavo entre padres que se não conheci-am ou que trabalhavam longe uns dos outros e ás vezes sendo até de differentes cultos, uns catholicos, outros calvinistas (Figueira, Montoya, Lery, etc). Os jesuitas, para o serviço da catechése, crearam por derivação alguns vocabulos (mongaraymo-carai = fazer branco = europeu baptisar) (2), e disciplinaram algumas fórmas grammaticaes, e nada mais. O que se pôde attribuir aos jesuitas, e não é pouco, é o terém mais ou menos fixado a LINGUA GERAL, impondo um dialecto estavel aos seus successores nos trabalhos de catechese. As differenças entre o tupi do norte e o guarani do sul são superficiaes, pequenas dialectações inevitaveis. No systema phonetico, segundo B. Caetano, ha contracção vocal ao norte e dilatação ao sul: abañenga *tab*, tupi *taba* (povoação), guarani-*tú*; abañenga *ab*—tupi—*aba* (homem), guar. *a*. Essa contracção não é absoluta, pois traria a ruina dos vocabulos. D'ella é que resultam fórmas mais ou menos contrahidas do mesmo vocabulo: *Piratini* e *Piratininga*; *aib* e *aiba*, *aiva*; *Iberá* e *Uberaba*, etc. || É tempo de estudarmos a influencia do tupi-guarani no portuguez do

(1) V. *Ens. de Sc.*, pag. 21 e seg. do n. 1.

(2) Influenciaram no vocabulario do *culto* e crearam nomes *abstractos*.

Brasil. A phonologia do abañenga tem caracteristicos muito notaveis. Ao alphabeto faltam os sons *f*, *l*, *lh* e *r* = *rr*, duro. Ha verdadeiras consoantes nasaes: *mb*, *nb*, *md*, *nd*, etc. O som de *r* embora inicial é sempre brando; d'ahi certas variantes orthographicas: *ere*, em vez de *re*. As consoantes não formam grupos de liquidas; não existem, pois, os sons compostos *br*, *tl*, *bl*, *pr*, *pl*, *cl*, *cr*, etc. (1). Essa antipathia ao grupo consonantal dá origem ás deformações das palavras portuguezas ou hespanholas que foram adoptadas pelos indios: por exemplo: *cabará* (cabra). Quanto ao vocalismo, o seu systema de vogaes é bastante rico e possui as variantes indicadas no diagramma de Lepsius; mas o tupi-guarani tem do *a* um som fixo e possui mais o *i* guttural, que se pronuncia fazendo ondular a base da lingua, e que nas transcripções do tupi apparece frequentissimamente sob a fórma escripta *ig* (Iguassú, Iperohig). A carencia dos sons fricativos *f* e *v* explica-se, segundo a bem lembrada hypothese do grande Baptista Caetano: os indios em grande numero de tribus tinham o costume de furar os labios, e naturalmente perderam ou transformaram os sons que dependiam do concurso directo d'aquelles orgãos. O que parece apoiar essa hypothese, é que *ob*, sendo labial e existindo no abañenga, nunca é inicial; no começo da dicção, o véo do paladar,

(1) Ha casos de contracção no kiriri: *tra*—*taré*.



abrindo comunicação do pharynge para as fossas nasales, produz o phonema mb: *mbaé*, cousa. (1) Os factos de permuta dão-se nas variedades dialectaes do tupi-guarani, $b = v$, $m = b$ (ai-boré = ay-moré); o r dos caraibas do continente transforma-se em l dos insulares (nas Antilhas). || O LEXICO das palavras tupi-guaranis adoptadas no portuguez do Brasil é assás consideravel. Citamos os vocabulos seguintes, a esmo: *pacora* (no kiriri, *bucobú*), *tapeiti*, *arataca*, *arapuca*, *urupemba*, *manipueira*, *sarapó* (*hapó*, raiz), *tubi* (no abañeenga *téby*, nade-gus) (2), *itam* ou *itan*, *apicum*, *ipucira*, *igarapé*, *ahiba*, *cacherenga* e *cacherenguengac*, *pipoca*, *caipóra*, *tatanguêta*, *coivara*, *copocira*, *caguim*, *catinga*, *tabatina*, *babacuára*, *tapêra*, *curupira*, *tijuco*, *charú* e *charapim*, *cuia*, *saracá*, etc. Os compostos são normalmente numerosos, por isso que é esse o processo da forma-

(1) Bapt. Caetano nota a existencia de sons inspirados, produzidos á maneira de haustos nas iniciaes *mb*, *dn*, e em vogaes duplas: *aa*, etc. E acreseenta que ha vestigios d'essa inspiração na prosodia de certas interjeições dos sertanejos: *éha!*

(2) «Eu vi o *tubi* da velha!» Sylvio Romero. *Contos pop.* Ha os derivados obseenos: *toba*, *tobeiro*, etc. D'esta palavra deriva a expressão: *Tibi vou-te* ou *Vou-te tibi*, expressão obscena, em que ha desviação intencional do acento para tornar-a menos indecorosa: *tibi* em vez de *tibi*; com igual intenção dizem os sertanejos: *vou-te nãspr...* (*sagerp*).

ção dos nomes em tupi-guarani. *Catinga* = *caa tinga*, herua branca, sem vigor. *Curupira* = *curupir*, sarna = pelle: sarmento, tinhoso, e demonio. *Peroba*, de *pir*, pelle, *rob*; amargôr: casca amarga. *Itajubá*, pedra-amarella, ouro. Nos compostos, são de notar-se os hybridismos de fórmulas portuguezas misturadas com o tupi. O elemento *rana* (consa semellhante, parecida) pospõe-se a nomes do lexico portuguez: *brancarana* (mestiça clara que parece branca), *cafêrana*, *limarana*, *canarana* (vegetaes que lembram o café, a canna, etc.). Inversamente, o suffixo *eiro* aggregou-se a palavras tupi-guaranis: *cajueiro*, etc. (1); a fórmula *eira*, *êra*, é, porém, indigna e designa o estado passado, aquillo que foi: *tapêra*, de *tab'ueira*, aldeia que existiu, ruinas de aldeia; *capoeira*, matto que existiu e foi cortado; *cang'eira*, *canguera*, cabeça que existiu, *cavira*, defunto. Certos factos da grammatica provinciana são devidos incontestavelmente ao tupi-guarani, sobretudo no Amazonas e Pará, onde essa influencia foi e continúa a ser intensa. José Verissimo (2) cita como exemplos a omissão do artigo (rio encheu = o rio enchen; pôr (a) mesa, etc.). A posposição da palavra *porção*: Havia gente *por-*

(1) O mesmo suff. se encontra em vocabulos afrieanos. *Calunguira*, barea de passagem (Rio de Janeiro), do afrieano *calunga*, mar.

(2) Nos seus exeellentes *Est.* e na *Amazonia*—Rev.

TUPI-GUARANI

ção. A flexão de diminutivo dada aos verbos como no tupi do logar: eu estouzinho bom; elle querzinho (1). O interrogativo tupi *será* é de uso corrente no Pará: chove *será*? o rio enche *será*? O signal de futuro, *curi*, é usado na expressão: *curi*, até (até logo). Não é pequeno o numero de verbos usados que se originam da lingua geral dos indios: *moquiar* (assar), *espocar*, *pipocar* (arrebentar com estrobo), *tocaiar* (perseguir), *apinchar*, *guapuiar* (apanhar peixe, Pará), *moagiçar* (engrossar) (2); e essa lista póde ser augmentada com outros tantos derivados: *entiujucar*, *capinar*, *pererécar*, etc. Certas fórmas verbaes passaram no estado de passiva com o preposto *temin*: mingáu (teming-áu, u, comer). (3) Muitas das fórmas guaranis se classificam entre as categorias de particulas, taes são: andar *ao até* (errante, sem direcção), estar *á tocaia* (á espreita). E observação de B. Caetano que os indios e os matutos quando querem recusar o que se lhes pede, dizem: *d'antes*. Este dizer, accrescenta o illustre americanista, só se explica pelo abañeenga *karamboé*, que signifi-

ca «antigamente» e é usado em identicos casos. Este caso de influxo *semantico* da idéa sobre o vocabulo tem mais exemplos. No Pará, segundo testemunha José Verissimo (1), dizem *cheiro bonito* (*çakena poranga*), e não *cheiro bom* (*çakena catu*), que não é usado. A reacção do portuguez e hespanhol no guarani foi bastante notavel. No Paraguay, o povo fala uma lingua hybrida, um mixto de guarani e castelhano. Os paraguayos tomaram a palavra *ko* (que) e outras vozes necessarias: *mundo*, etc. No tupi do Amazonas, segundo Couto de Magalhães, os indigenas, para supprir a ausencia do *que*, pospuzeram aos verbos o elemento *uahá*. Os vocabulos portuguezes introduzidos no tupi deformaram-se, como já vimos, e em geral tornaram-se oxytonos: *cabará*, cavallo; *cabará*, cabra, etc. Não se conclua sem notar entre os compostos de origem indigena aquelles que trouxeram aglutinados o elemento pronominal *che* ou *xe*=meu; foram dous: *xará*=*xeherá* (absoluto-terá), meu nome; e *xerimbau*, *cherimbabo*=*xe-mimbaua*, minha criação, meus animaes domesticos.

Turco.— Lingua do Oriente, asiatico-européa, pertencente á familia turaniana. Propriamente, as linguas ditas *turanianas* não constituem familia, pois seus caracteres de affinidades são duvidosos e se achem ainda pouco estudados. São de notar-

(1) Os tupis dão o diminutivo com o elemento *mirim* (pequeno).

(2) Do Amazonas. B. Rodr. *Ens. Sc.* II.

(3) Sobre a palavra *cuia*, leiam-se as etymologias de B. Caetano, em nota á edição de F. Cardim (*Indios*), publ. pela *Gaz. de Not.*, e de Macedo Soares sobre um manuscrito da doutrina christã em guarani. (*Rev. do Inst.*).

(1) *Op. cit.*

se os dous grandes grupos : a) *uralo-altaico* (mongol, finnez, turco, samoyeda, tungusa), e o grupo *meridional* (o tamul, o thibetano, o malaio, etc.). São linguas de povos quasi todos noma-des, e os seus caracteres são fluc-tuosos e quasi sempre alterados de região a região. Os idiomas turanianos, especialmente o tur-co, têm as suas fórmas transpa-rentes: os vocabulos deixam em perfeita evidencia os seus ele-mentos formativos «como em mosaico mal feito que deixa vêr as fendas e as suturas». (Max Müller). (1) Poucos são os ter-mos turcos usados no portuguez, todos pertencem ao dominio da civilização do occidente e acham-se, por consequente, nas linguas germanicas e romanas actuaes. Taes são : *beg*, *beigh*, senhor ; *bey*, rei ; *bergamota*, de *beg*, rei, e *armud*, pêra, pêra-rainha ; *der-vice*, pobre, religioso musulma-no ; *divan*, divan, estrado ; *dol-man*, veste ; *doliman*, especie de sobretudo ; *effendi*, senhor ; *reis-effendi* ; *reis* ou *rais*, chefe, cabe-ça ; *janisaro*, de *ieni*, nova, *tcheri*, milicia ; (do seculo XIV sultão Orkhan) ; *caftan*, veste de pellu-cia. No Brasil *caften* é o rufião ; *kiosque*, de *kiruchk*, pavilhão de jardim ; *odalisca*, de *odalik*, deri-vado de *oda*, camara de dormir ; *ulema*, doutor da lei, mestre ; *chacal*, de *schacal*, quadrupede carnívoro ; *yatagan*, sabre-pu-nhal ; *pachá* (ou *bachá*, fórmula

portugueza classica), alto digni-tario, governador. E ha outros de uso mais restricto.

Typos syntacticos diver-gentes. — Denominação nem sempre accomodada a locu-ções syntacticas equivalentes : *Dizem ser Antonio sabio e dizem que Antonio é sabio*. Nessas locu-ções ha equivalencia ou valor syn-onymico (de phrase), mas nunca *divergencia*, pois cada qual deriva de syntaxe especial do latim : *Aiunt Antonium esse* (1) *sapien-tem* (l. culto) e *aiunt quod Anto-nius est sapiens*. O absurdo re-sultou da precipitação com que se compararam typos syntacti-cos com fórmas *divergentes*, que na realidade decorrem de um unico vocabulo latino (sinistro e sestro, de *sinistrum*). Portanto, em regra, os *typos syntacticos equivalentes* não podem ser deno-minados *divergentes* : a *divergen-cia* faz suppôr um ponto primi-tivo de contacto. São phrases *parallelas* e não *divergentes* : *me = a mim* ; *lhe = a ella, a elle* ; *começar de, começar a . . . etc.*

U

U, vogal latina. — Tonica, per-siste, em regra : *purus*, puro ; permuta-se em *o* : *uterum*, odre ; *u* tonico obedece ás mesmas leis, ainda quando breve : *piuviam*, chuva ; *nucem*, noz. O *u* atono de ordinario precedendo a tonica,

(1) M. Müller, *Nouv. lec.* VIII ; e Sal. Reinach, *Man. de phil. class.* 199.

(1) Propriamente *sedere*, que é a origem certa de *ser*.



U — V

muda-se para *e* ou *o*: embigo, *umbl'icum*; governar, *gubernare*. *U*, portuguez, resulta de *u*: lua, de *lunam*; ou de *o*: custar, de *constare*. Póde representar a consoante *c* ou *p*, que se dissolveu nos grupos *ct* ou *pt*: auto, de *actum*; fautor, de *factorem*; Ceuta, de *Septim. U*, germanico, em regra persiste longo ou breve: longo, *scum*, escuma; breve, *stuck*, estuque. A transformação para *o* dá-se com *o* *u* breve: Affonso, *Alfuns*; mofar, *mupfen* (Diez).

Ua.—Hiato latino e portuguez: tua, *tuam*. O hiato portuguez póde resultar tambem da syncope de consoante: núa, *nudam*; lua, *lunam*.

Ui.—Diphthongo latino e portuguez: fui, *fui*. Nos preteritos da segunda conjugação, o *u* consonantizou-se por analogia com outras fórmulas verbaes: *tenui*, *tenevi*, tive: *habui*, *habui*, houve, etc. Na orthographia, *ue* usa-se por *ui* apenas na terminação de alguns verbos: *dilue*.

Ultra, excesso, além.—Prefixo latino. *Ultra-liberal*. *Ultra-marino*, de além-mar. Hybridismo: *ultra-catholico*.

Un, *uni*, um.—Prefixo latino. *Unigenito*, unico filho. *Unanime*, de animo concórde.

Uniformes.—São os adjetivos que não variam na flexão do genero: *constante*, *salubre*, *acre*, *doce*, *facil*, *subtil*, *azul*, *fatal*, *cruel*. Eram uniformes na antiga lingua os nomes em *ez* (do suffi. lat. *ensis*) e em *or*: *se-*

nhor, portuguez; lingua portuguez, dizia-se; e ainda se diz portuguezmente e não portuguezaamente. Alguns consideram uniformes o masculino *macho* e o feminino *femea*.

Unipessoaes.—São os verbos que, por euphonia ou por impossibilidade de attribuição differente, só têm as terceiras pessoas: *jaz*, *chove*, *troveja*, *neva*. Póde essa propriedade ser accidental como em: *bastar*, *convir*, *custar*, *parecer*, *relevar*, *succeder*, *ser preciso*, *ser mister*, etc.

Universaes.—São os determinativos que se applicam a um conjuncto completo de seres: *todo*, *toda*, *tudo*, *todos*, etc., *nenhum*, *ninguém*, etc. Sobre os varios empregos dos *universaes*, leia-se a *Gramm.* 3.^o anno, ult. ed.

Uo.—Hiato contrario á indole da lingua e quasi sempre evitado: *consuo*, *coso*; *duos*, *dous*.

V

V, letra latina.—Inicial, persiste: *velum*, véo; *volare*, voar; a syncope do *v* médio nota-se em *ri-vum*, rio. A permuta dá-se com a homorganica sibilante *f* continua: *viscare*, figgar. Nos preteritos perfeitos, as flexões em *ei* vocalizam-se: *amavi*, *amaui*, *amei*; *tenevit* (*tenuit*), *teue*, *teve*. || **V**, letra portugueza.—Resulta de *v* latino: *veia*, *venam*. Do consonantismo de *u*: *Evangelho* por *Evangelho*. *Eu* grego (*dom*; *boa nova*). *Aneurisma*, *anevrisma*, etc. Co-

mo letra adventícia, resulta do *u* primitivamente supposto: *lau-d-are* = loar = louar = lovar = louvar. O mesmo no elemento germanico latinizado: *co-ardus*, couardo, covarde. No meio da dicção, *v* pôde ser o abrandamento de *b*: governar, *gubernare*; noivo, *nubium* (*nubens*); cavallo, *caballum*.

Valachio.—Nome dado a uma das linguas romanas, falada na região do Danubio onde estão a Moldavia, Valachia e parte da Transylvania e Hungria. O *valachio* tem sido denominado *romano-slavo*, *romunia* (nome indigena), *romano-oriental* e *daco-romano*. O dialecto do sul conhecido pelo nome de *macello-romano*, cheio de termos gregos, nunca se tornou lingua culta. Desde Trajano, foi a Dacia reduzida a provincia romana e começou desde então a supremacia da lingua latina. Do seculo VI começou a intrusão do elemento slavo, que, junto com o contingente grego, assás notavel, deram constituição a uma lingua latina pela grammatica, mas muito barbara e hybrida pelo vocabulario. Os primeiros textos são do seculo XVI ou dos fins do seculo XV, e a literatura é quasi exclusivamente ecclesiastica. (F Diez).

Variações.—São assim chamadas as fórmãs dos pronomes pessoaes, exceptuados os nominativos: *Eu*, variações: *me*, *mim*, *migo*, etc. *Tu*, variações: *te*, *tí*, *tigo*, etc. Abrangem todos os casos obliquos. Syn: *flexão*, *declinação*, *conjugação*.

Variavel.—Epitheto dado a toda a palavra de flexão: o *substantivo*, o *adjectivo*, *pronome* e *verbo*.

Verbal.—Qualquer nome que participa da natureza do verbo, pelo significado e pela derivação; *subst. verbaes*: tenente (de ter), *venda* (de vender), *réplica*, etc. *Adj. verbaes*: *amante*, *amado*, *falador*, *agradavel*, etc. Os substantivos derivam-se do *infinitivo* (viveres, o dormir), dos *participios* (lcnte, presidente, gerente, factó, productó), ou de *fórmãs pessoaes* (a *melhora*, a *compra*, o *reparo*, o *rogo*, etc.).

Verbo.—«Os grammaticos têm dado do verbo definições tão differentes que parece não terem comprehendido a verdadeira natureza d'esta parte do discurso. A definição mais conhecida é a de Port-Royal, que diz ser a *afirmação* a essencia do verbo. Esta definição é visivelmente inexacta. A essencia de uma cousa é d'ella inseparavel: se a afirmação fosse a essencia do verbo, onde houvesse verbo deveria haver forçosamente uma afirmação, e é o que não se dá. Se, por exemplo, eu vejo uma criança a brincar emquanto lecciono, e lhe digo: «Sê attento», neste caso não ha afirmação. Quero e mando que a criança seja attenciosa, mas não affirmo que ella o é; se o verbo ahi denotasse afirmação, exprimiria o contrario de meu pensamento. Quando digo a alguém: «Desejo que se restabeleça da molestia» não affirmo o restabelecimento

VERBO

mas apenas o desejo. Por aqui se vê que a afirmação não é propriedade *essencial* do verbo; é uma propriedade *secundaria* e peculiar ao indicativo e ao condicional, e absolutamente não existe no imperativo nem no subjunctivo. A essência do verbo não está, pois, na afirmação». (1) O caracter essencial do verbo consiste em exprimir nos casos mais simples a *existencia* (o sol é brilhante), e nos casos menos simples a *existencia* e a *qualidade* conjunctamente (o sol *brilha*). D'ahi, a divisão do verbo em *abstracto* ou substantivo, e *concreto* ou attributivo, tambem chamado adjectivo. Verbo *abstracto* é aquelle que exprime a existencia de uma qualidade no sujeito: o homem é mortal. Verbo *concreto* é o que exprime em uma só palavra a existencia e a qualidade: o homem *morre*. Só ha um verbo abstracto: *ser*. Os verbos attributivos dividem-se em classes numerosas, de que tratamos especialmente nos lugares opportunos: *inchoativos*, *frequentativos*, *transitivos*, etc. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS. — *Significação*: Activo, relativo, transitivo; intransitivo e neutro. *Fórmãs de conjugação*: Irregular; defectivo, impessoal, unipessoal; pronominal e reflexo. *Derivação e modo de acção*: Negativo; inchoativo, frequentativo e reiterativo. Não entram neste artigo as denominações antiquadas e improprias de *verbos substantivo* e *verbos adjectivos*.

(1) Clément.—*Gramm.* pag. 117.

Chama-se conjugação o conjuncto methodico das fórmãs grammaticaes ou flexões do verbo. Essas fórmãs classificam-se segundo grupos que denotam o *modo*, o *tempo*, a *pessoa*, e, em algumas linguas, o estado do sujeito. (Voz passiva). O *modo* representa a natureza da afirmação. Existe o *modo indicativo*, que apenas enuncia o facto: amo, tenho escripto, irei. O *modo imperativo* exprime exhortação, ordem, ou vontade: vae, ide, amato. O *modo condicional* exprime um facto dependente de outro: escreveria, teria lido. O *modo subjunctivo* exprime o facto contingente ou resultante de outro: eu leia, tu lessees, elle tiver lido. O *modo infinitivo* exprime acção ou affirmação, vagamente: lendo, lêr, estar. Nas fórmãs do infinitivo são vulgarmente incluidas flexões que deviam ter categoria á parte, como os particípios e gerundios. Tambem alguns grammaticos adoptam o *modo optativo*, claramente determinado na lingua grega. Em portuguez o *optativo* resume-se em algumas fórmãs dos outros modos: queira Deus (subjunctivo). Vide *Modos*. *Tempos* são grupos de flexão que denotam o momento em que se realizou o facto. «A idéa de tempo traduz-se na linguagem por certos adjectivos, como: *hodierno*, *nocturno*, *actual*, *futuro*, *vindouro*, etc. Exprime-se ainda por meio de substantivos especiaes, como *dia*, *semana*, *mez*, *hora*, *minuto*, *anno*, etc., unidos a nomes de numeros, *um*, *tres*, *vinte*, etc.;



VERBO

ou por meio de locuções: *ante-hontem*, *depois de amanhã*, *hontem*, *hoje*. O verbo também exprime as principaes épocas da duração para indicar a qual d'ellas a acção pertence. Mas essa idéa de tempo que os nomes e adjectivos e adverbios exprimem por meio do radical, o verbo exprime-a apenas por meio da terminação.» (1) O verbo possui ainda flexões de *numeros* e *personas*. De cada classe de flexões tratamos nos logares respectivos. 1. — CONJUGAÇÕES REGULARES. — Todas ellas se regulam pelas flexões latinas, em regra; notando-se, porém, o seguinte: 1º Em portuguez sempre *permanece a accentuação* do thema: *amávamos* (do accento de *amáv*), e não *amavámos* (lat. *amabáimus*). Outro exemplo: *invóco*, do thema *invóc*, e não *invoco*, como no latim. 2º O esdruxulo é sempre evitado no presente: *valho* (*váleo*), *venho* (*venio*). Só ha uma excepção: *resfólego*; e esta mesma não o é, porque melhormente se escreve: *resfólgo*. 3º O futuro geral formou-se nas linguas romanas pela periphase: *amare habeo*, amar hei, amarei. 4º Nos verbos, como nos outros vocabulos, operam-se identicas transformações phoneticas, sendo de notar-se a queda do *t* final: *fecit*, fece = fez; *fecerunt*, fecerun, feceron, fizeram. A syncope do *t*: *amátis*, ant. *amades*, *amaes* (2). 5º Os themas etymolo-

gicos são: *presente*, amo, lat. amo; *perf.*, amei, lat. amavi; *futuro*, amar-ei, lat. amare + habeo; *imperf.*, amava, lat. amabam; *mais que perf.*, amara, lat. amaveram; *condicional*, amaria, lat. amare + habebam, amarahia; *imperat.*, ama, *amae*, *amate*; *subj.*, ame, lat. amem; *imperf.*, amasse, lat. amavissem; *futuro*, amar, amavero; *infinito*, amar, lat. amare; *participios*, amante, *amantem*; amado, *amatus*; amando, *amando* (gerundio). 6º Os typos das conjugações são quatro: em AR, etymologico — *are*: louvar, *laudare* (loar); em ER, etymologico — *ere* e *ere*, tonico ou atono: fazer, *jacere*; dizer, *dicere*; em IR, etymologico — *ire*, vestir, *vestire*. Na decadencia e barbaria do latim, typos de *ere* passaram em grande numero, para *ire* ou para *ere*: fazer, *facere*; cair, *cadere*, por *cadere*. Cf. o fr. *gémir*, *gemire*, por *gemere*; courir, *currere*, por *currere*, etc. Por isso todos os infinitos são oxytonos. A quarta conjugação do typo OR é especial do portuguez; é moderna e é contracta da fórma ER da terminação *oer*: pôr = *ponere*, poer, contr. *pôr*. A essa conjugação só pertencem o verbo *pôr* e os seus compostos. 7º São dignos de nota os *participios duplos*, uns regulares, modernos, feitos no dominio da lingua por analogia: *aceitado*, *expressado*, *corrompido*, *opprimido*, *interrompido*, *afiligido*, *extinguido*; outros irre-

(1) Egger—Gramm. comp., pag. 80.

(2) O *d* da fórma archaica dei-

xou vestigios no grupo *nd* e em monosyllabos: *vindcs*, *lêdes*, *ides*, etc.



VERBO — VERBOS IRREGULARES

gulares e vindos directamente do latim : *acceito, expresso, corrupto, oppresso, interrupto, afflicto, extincto*. Essa tendencia de duplas participaes faz-se notar mesmo em fórmãs latinas que não tinham verbos : limpar, *limpado, limpo*, etc. São de nota os part. archaicos em *udo* do typo ER : *estabelecudo, conheçudo*, etc. São vestígios ainda em vigor : *teúdo, conteúdo e manteúdo*. 8º Alguns vestígios existem de fórmãs participaes do futuro activo e passivo das flexões *urus* e *andus* : vindouro, morredouro ; addenda corrigenda, examinando, etc. As fórmãs em *enda* e *ando* são sempre eruditas.

Verbos irregulares—Com respeito ás fórmãs etymologicas dos irregulares, escreveu Pacheco Junior: «VERBOS IRREGULARES.—Em livro que goza de bom conceito, encontramos a analyse das flexões dos irregulares comparadas com as fórmãs latinas originaes. PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.—« DAR (=l. *dare*).—Ind. pres.—*dou, dá, dá, damos, daes, dão* = lat. *do, das, dat, damus, datis, dant*.—Pret. perf. : —*dei, deste, deu, demos, destes, deram* = lat. *dedi, dedisti, dedit, dedimus*, etc. Subj. pres. : —*dê, dê, demos, deis, deem* = lat. *de-m, de-s, de-t, de-mus, de-tis, de-nt*. Formou-se, pois, regularmente pelo molde latino, sendo apenas de notar a queda do *d* medio (*daes* = *da-t-is, demos* = *de-d-imus, deste* = *de-d-isti*), etc. ESTAR (l. *estare*). Ind. pres.—*estou, estás, está*, etc. = l. *sto, stas, stat*, etc ; Prct. perf.—*es-*

tive, estiveste, esteve, etc. = formado por analogia do verbo *ter* (*tive*—*este*, etc.) ; Subj. pres.—*esteja, estejam, esteja*, etc., formado por analogia como *seja* ; Subj. imp.—*estivessc, estivesses*, etc. No Subj. pres. fazia *estê, estês, estê, estemos, esteis, estêm*, correspondentes ao latim *stem, stes, stet*, etc. SEGUNDA CONJUGAÇÃO.—CABER (lat. *capere*, tomar). Ind. pres.—*caibo, cabes, cabe*, etc. . . A 1ª pess. formou-se por metathese de *capio*. Pret. perf.—*coube, coubeste, coube*, etc. *Coube* p. *caube* = lat. *capui*, e esta transformação deu-se nos perf. latinos em *ui* : — *soube* (*sapui*), *houve* (*habui*), *poude* (*potui*), *trouve*, ant. *trouve* (lat. vulg. *tracui*), e na f. arch. *jouve* (=l. *jac*). CRER (ant. *creer* = lat. *credere*). Ind. pres.—*creio, crês, cré*, etc. = l. *credo*—*es—et*, etc., pela queda da consoante média, que só se conservou na 2ª pess. plural do Ind. e do Imp., para evitar equívoco com a do sing. (*crêdes, crêde*).—Ind. perf.—*cri, crêste, creu*, etc. de *credidi*, etc., contrahido regularmente *cr'edi*. Imp.—*crê, crêde*. DIZER (=l. *dicere*) Ind. pres.—*digo, dizes, diz* (ant. *dige*), etc. = l. *dico, dices*, etc. Pret. perf.—*disse, disseste, disse*, etc. (ant. *di-xe, dixeste*, f. pop. mui frequentes nos escriptores do sec. XVI) = l. *dixi, dixisti, dixit*, etc.—O futuro e o condicional formaram-se com a fórmula proparoxytona do infinito *dir* *direi, ds-á*, etc., *diria-as*, etc. FAZER (lat. *facere*)—Ind. pres.—*faço, fazes, faz*, etc. = l. *facio, facis, facit*. . . A 1ª pess. sing. conservou o *c*, em

VERBOS IRREGULARES

consequencia do *i* da fôrma latina (*facio*). — Pret. perf. — *fiz, fizeste, fez, fizemos*... = lat. *fecit, fecisti, fecit*... A 1^a pess. sing. mudou o *e* thematico em *i* para distinguil-a da 3^a; a 2^a do sing. e as do plural adoptaram o *i* por analogia. O futuro (*farei, -ás, etc.*) e o condicional (*faria, -as, etc.*) encerram a fôrma *fuz* (facere): **H A V E R** (*habere*, lat. *habere*) — Ind. pres. — *hei, has, ha, havemos* (hemos), *haveis* (heis), *hão* = lat. *habeo, habes, habet, habemus, habetis, habent* (*Hu-b-eo* = hai, hei; *ha-be-nt* = han, hã, hão). — Pret. perf. — *houve, houveste, etc.* = l. *habui, habuisti, habuit*...; Subj. pres. — fôrma-se do tempo correspondente latino: — *haja* (*hab-eam*), *hajas* (*hab-eas*), etc.; Sub. imp. — do mais que perf. latino: — *houvesse* (*habuissẽm*), *houvessem* (*habuissẽs*), etc. Part. pass. — *havido* (= l. *habitum*) **J A Z E R** (l. *jacere*) Ind. pres. — *jazo* (ant. *jaço*), *jazes, jaz, etc.* A primeira pess. é desusada. — Pret. perf. — *jazi, jazeste*... é fôrma mod.; a antiga é *jouve, jouveste, etc.*, por *jouue* (l. *jauit* p. *jacuit*). Cfr. *prouve*. **L E R** (ant. *leer* = l. *legere*). — Conjuga-se por *crêr*. *Leio, lêis, lê...* = le-(g)-o. le-(g)-es, le-(g)-et...; *li, leste, leu...* = le-(g)-i, le-(g)-isti, le-(g)-it...; *lêde* = le-(g)-i-te. **P E R D E R** (lat. *pêrdere*). — Ind. pres. — *perco, perdes, perde, etc.* = l. *perdo, perdes, perdit*... A mudança do *d* latino em *e* (l., p. do sing.) é rara; todavia d'ella temos amostras (ant. *arcer* = *ardere*). **P O D E R** (lat. *pôtere*). — Ind. pres. — *posso, pôdes, etc.* = l. *possum, potes, potest*...

Ind. perf. — *pude, pudeste, pode, etc.* = l. *potui, potuisti, potuit*... **P R A Z E R** (l. *placere*) — Ind. pres. — *praz* (ant. *plaz*); Ind. perf. — *prouve* p. *prouge* (*placui*). Cp. *caber, trazer*. **Q U E R E R** (lat. *quaerere*). — Ind. perf. — *quiz, quizeste, quiz, etc.* *Quiz* é fôrma abreviada das antigas *quige, quizo*. Sub. pres. — *queira, queiras, etc.* **S A B E R** (lat. *sapere*). — Ind. pres. — *sei, sabes, etc.*; Ind. perf. — *soube, soubeste, etc.* (Cp. *coube, houve*); Subj. pres. — *saiba, saibas, etc.* (l. vulg.) *sapeam, saipam*. *Sei*, tirado de *scire, scio*. **S E R** (f. rom. *essere* = l. *esse*). — Fôrma-se de tres raizes — *es, fu* e *sed*. A 1^a fôrma: 1^o O presente e o imperfecto do indicativo — *sou* (*sum*), *ês* (*es*), *ê* (*est*), *somos* (*sumus*), *sois são* (*sunt*). 2^o — As fôrmas em *er* por *es*: *era, eram, etc.* A raiz *fu* fôrma: 1^o — O pret. perf. e mais que perfeito do Ind. — *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram* = lat. — *fui, fuiste, fuit, fuimus, fuistis, fuerunt; fôra, fôras, etc.* = *fueram, fueras, fuerat*... 2^o — O imp. e futuro do Subj. — *fosse, fosses, fosse, etc.* = lat. *fuißem, fuissẽs, fuisset, etc.* A raiz *sed*, de *sedere*, deu origem a todas as fôrmas em *se*: *seja* (*sedeam*), *ser* (*sedere*), etc. **S O E R** (*soher*, lat. *solere*). Hoje quasi obsoleto, era comtudo regular e de uso frequente no sec. XVI: *o silencio que sohe encobrir a tristeza; Portugal já não é o que d'antes ser sohia; do que soi (por soe) acontecer*. **S O L E R** (*solere*). **T E N E R**. É reproduçãõ do verbo latino *tenere*, e serviu, em alguns tempos, de typo para o verbo *estar* (*estive, estivesse*...)

VERBOS IRREGULARES

Ind. pres.—*tenho, tens, tem, temos, tendes, teem* (têm)—lat. *teneo, tenes, tenet, tenemus, tenetis, tenent*; —imp.—*tinha, tinhas, etc.*—*tene*-(b)-*am, etc.*; perf. *tive, tiveste, teve, tivemos, etc.*—*te*-(n)-*ui, te*-(n)-*uisti, etc.*; imper.—*tende* (tente); subj. pres.—*tenha*; imp.—*tivesse*; part. pass.—*tido, arcl.*—*tendo* (tenutum). A fôrma do imp. Ind. era em *ades* para a 2^a p. pl. (*tinhades*), como era regra geral na conjugação até o sec. xv (*quêirades, façades*). No pres. e imp. Ind. e pres. Subj. o *n* latino molhou-se, mas nos antigos textos encontram-se esses tempos sem o *n* (*teeya* a par de *tinha, etc.*). TRAZER (ant. *traeer, trager, trazer, do lat. trahere c. traxere*). Ind. pres.—*trago, trazes, traz, trazemos, etc.*—lat. *traho, -is, etc.* O *g* da 1^a pess. sing. é vestígio da ant. f. do Inf. *trager*, que—consequentemente—entende-se ao pres. do Subj.—No sec. xvi, por motivo da fôrma *traer* do Inf.—diziam *traio, traia*. Pres. *traigo, traiga* (trago, traga). Pret. perf.—*trouxe, trouxe, etc.*—l. *traxi, l. vulg. tracsui*. Futuro—*trarei, etc.*; *trar*—tráhere. VALER (l. *valere*).—Ind. pres. *valho, vales, etc.*—lat. *valeo... VER* (ant. *veer*—lat. *videre*).—Ind. pres.—*vejo, vê, etc.*—lat. *video, vides, etc.* Quanto ao *j* da 1^a pess. (e consequentemente das do subj. pres.) cp.—*hoje, hodie; inveja, invidia; haja, habeam*. Pret. perf.—*vi, viste, viu, vimos, etc.*—*vidi, vidisti, vidit, etc.* A 3^a pess. sing. fez *viu* para não se confundir com a 1^a, e de accôrdo com a theoria da nossa conjugação. *Vim* p. *vi* é

galeguismo que se encontra em escriptos do sec. xiv. O *d* latino conservou-se na 2^a p. pl. do pres. do Ind. (*vêdes*), (1) e (como em outros verbos) quando elle se acha protegido por um *r* ou *n* (*virões, terdes... vindes, tendes, pones*). Part. pass.—*visto*. O verbo *prover*, derivado de *vêr*, faz *provi, proveste, provemos, provestes, proveram*, e o part. pass.—*provido*. POER—Fôrma anterior a *pôr*. Arder fazia *arço* (=ardes) ainda no sec. xvi. TERCEIRA CONJUGAÇÃO.—CAIR (lat. *cadere*)—Ind. pres.—*caio, caes, cae, caímos, etc.* A anomalia está sómente na intercalação euphonica do *i*: *ca-d-o, cáio, caio*). Segue a mesma conjugação—SAIR, CORTIR—Ind. pres.—*curto, eurtas, curte, cortimos, cortis, curtem*. A mudança do *o* do radical em *u* tem a conveniência de as pessoas se não confundirem com as do verbo *cortar* (*corto, eortes, eorte, eortem*), mas não constitue propriamente uma desviação, porque o infinito era *curtir*, ainda hoje por muitos empregado. Seguem esta conjugação os verbos ORDIR e SORTIR, que também não podem ser considerados verdadeiramente irregulares, pois tinham outra fôrma de infinito—*urdir, surtir*, como se lê em alguns classicos. COBRIR (lat. *euperire*)—Ind. pres.—*ubro, cobres, cobre, etc.* A irregularidade é tão sómente na 1^a pess. do sing. (e consequentemente nas do Subj. pres.), para evitar equivoco com a do verbo *cobrar* (*cobro*). Segue a mesma conjugação—

(1) *Vedes* p. *veis*, sec. xvi.

VERBOS IRREGULARES

dormir (lat. *dormire*; *durmo*, *dormio*; *dormes*, *dormis*, etc.). *IR* (lat. *ire*).—Este verbo completa a sua conjugação com o verbo arch. port. *var?* (=lat. *vadere*) e *ser*. Ind. pres.—*vou, vaes, vae, vamos* (imos), *ides* (ant. *vades*), *vão* = *vado, vadis, vadit*, etc. *Vado*, pela quédia do *d*=*cao*, d'onde *vou*. Ind. imp.—*ia* (ibam), *ias, ia, iam*, *ieis, iam*; perf.—*fui, foste, foi*, etc.; Imperativo—*vae, ide*; Subj. pres.—*vá, vds, vd*, etc.; Subj. Imp.—*fosse, fosses*, etc.; *vas, p. vais*. *MEDIR* (lat. *metiri*—*metior*)—Ind. pres.—*meço, medes, medimos*, etc.=l. *metior, metiris*, etc. Na 1ª p. sing. muda o *d* em *e* brando, mas a forma ant. era *mido* (Cp. arch. *arço*=*ardo*, *peço*=*pido*, *despeço* = *despido*, etc.). Essa mudança nota-se também nas pess. do Subj. pres. que, como já dissemos—tomou, em regra, para typo a 1ª sing. Ind. pres.—*eu meça, meças, meça*, etc.; port. ant. *mida* (id. *pida*, etc.). Segue pois esta conjugação o verbo *PEDIR*. No sc. xvi ainda imperavam as formas regulares:—*despida-se Vossa Alteza dos livros; eu vos despido ou me despido de vós* (Vieira), e D. N. do Lião assim recommenda que se escreva e pronuncie (*pido, pides, impido*, etc.). *OUVIR* (lat. *audire*)—Ind. pres. 1ª p. sing.—*ouço, ouves*... = *audio, audes*... Subj. pres.—*ouça, ouças*, etc. A divergência explica-se pela razão já indicada (*di* lat. = *g*—*audio, ouço*). Pret. perf. Ind.: *ouvi, ouviste, ouviu*, etc.—*au-(di)-vit, au-(di)-visti*, etc. *REMIR* (*redimire*).—Ind. pres.—*reflino, redimes,*

redime, reminos, remis, redimem; Imperativo—*redime, remi*. A actual irregularidade é devida á contracção do infinito *redimír*. *RIR* (l. v. *ridere*)—Ind. pres.—*rio, ris, ri, rimos, rides, riem*=l. p. *ridi, ridis*, etc. Só conservou o *d* etymológico na 2ª p. pl. do pres. Ind. e na do imperativo (*rides, ride*). *SAIR* (*sair*=l. *salire*).—*Saio*=*salio*, etc. V. *Cair*. *SEGUIR* (l. b. *sequere*. Prisc.)—Na 1ª p. sing. Ind. faz *sigo*, ant. *siguo*=lat. *sequo*. *SENTIR* (l. *sentire*).—Sofre a mesma mudança que *seguir*:—*sinto*=*sentio*. No sc. xiv prevalecia a forma em *e*—*sento, senta*. *VIR* (f. contr. de *venire*).—Ind. pres.—*venho, vens, vem, vimos, vindes, veem* (vêm)=l. *venio, venis* (*n=nh*, Cp, *pôr, ter*); Ind. imp.—*vinha, vinhas*, etc.; Ind. perf.—*vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram*=l. *veni, venisti, venit*... Imperativo—*vem, vinde*. O part. pass. seguiu o typo latino—*ventum*, e d'ahi o ser identico ao presente. *Acudir, bulir, construir, consumir, destruir, cumprir, engulir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir* (tossir), mudam o *u* do radical na segunda e terceira pess. do sing. e terceira do plural (*acodes, acode, acodem*). Os antigos monumentos, porém, não apresentam esta irregularidade na conjugação:—*acude tu, elle acude, elle destrue, tu destrues, elle fuge, sube, construe*, etc. *Advertir, aggredir, perseguir, prevenir, progredir, transgredir*, etc., mudam em todas as tres pessoas do sing. e terceira pessoa do plural, e consequentemente nas do Subj.—o *e* thema-

VERBOS IRREGULARES — VERNACULIDADE

tico em *i*, como também em *sentir*. São irregulares tão sómente por essa mudança de letras, que mais se nota nos auctores classicos; e também era frequente no *i* em *e*:—*advirte, compite, consistente, minte, etc.*, e *mento* p. *minto, persigue, prosiguo, sinte, sigue, sirve, etc.*—As fórmulas verbaes em *uz* da 3ª pessoa sing. Ind. pres. (*conduz, induz, etc.*) eram regulares—*elle induze, luzo, produz, reduz, traduzo*. Deu-se o mesmo que com as fórmulas nominaes em *az, iz, oz, uz*—*capace, felice, veloce, etc.*, que se transformaram em *capaz, feliz, veloz*. Parece, porém, que a apocope do *e* foi feita muito de industria para evitar a equivocação entre a 3ª pess. do sing. pres. Ind. e a 2ª sing. do Imperativo (*faz, fazo; traz, traze; diz, dize; etc.*)—As irregularidades da 3ª p. plural. Ind. perf. estendem-se ás fórmulas do plus quam perfeito e do Sub. imp. e futuro:—*trouxeram, trouzera, -as, -a, etc.; trouxesse, -s, -e; trouxer, trouxeres, etc.* ADVERTENCIA.—A defectividade dos verbos não basta para classificá-los entre os irregulares, nem também as divergencias graphicas tendentes á conservação da mesma pronuncia em todos os tempos. Ex.:—Nos verbos acabados em *car*, a mudança do *c* em *qu* (*calcar, calque, calquemos*); nos em *gar*, a intercalação de um *u* entre a guttural e a vogal thematic (*galgar, galgues, galguem*); nos terminados em *ger, gir*, a troca do *g* pelo *j* antes de *a* e *o* (*rejo, corrija*); a perda do *u* nos verbos em *guir*, an-

tes de *a* e *o* (*distingo, distingas*), etc. QUARTA CONJUGAÇÃO.—Hoje não se pôde negar a sua existencia. Data do sec. XVI pela degeneração phonetica do verbo *poer* (l. ponere). Comparando-o no presente do indicativo com ás fórmulas correspondentes no latim, vê-se claramente que as irregularidades são apparentes: *ponho, poneo* (pono); *pões, ponocs; põe, ponet*; *ponos, ponemus*; *pondes, ponetis*; *põem, ponent* (ponunt). No imp. são particulares as flexões:—*punha, as, etc.*, com deslocação do acento e mudança da vogal do radical (Cp. *ter, ver*—*tinha, via; vir, vinha*; etc.). A fórmula primitiva era *pônia*; a deslocação da tónica foi para melhor conservar o *n* thematic, que sem isso teria caído, como aconteceu no infinito; o molhar-se o *n* quando seguido de *i* palatal é factio frequente. Pret. perf.—*puz, puzeste, poz, etc.*—arch. *puge* (*pugi*), *pôs, pose, pus, etc.* (sec. XVI = lat. *possui, -sti, -t.*) Part. pass. — posto = l. *positum.*»

Vernaculidade.—Caracter do discurso em que sómente são usados a syntaxe e o vocabulario auctorizados pelos escriptores classicos ou de boa nota. O exaggero d'essa virtude é uma affectação ridicula e chama-se *purismo*. A vernaculidade não é comtudo a mera correção grammatical. Como diz Ruy Barbosa: «...nem sempre; quando se pauta a escripta pelo fio da grammatica, se tem dado conta da mão, no escrever bem, e no escrever para

o povo. Ha grammaticos provectos, philologos consummados, que nunca escreveram senão com penna de chumbo em papel borrador. Não peccando contra a grammatica, poder-se-á peccar, todavia, contra a boa linguagem, «o que nem sempre é a mesma coisa». Um livro póde não infringir materialmente as leis da concordancia e da regencia, e, comtudo, não estar redigido vernaculamente. A lexicologia e a syntaxe não são tudo num idioma. O projecto (do Codigo Civil) estaria escripto nisso a que chamam *brasileiro*: em portuguez, não está. Direi que o estaria em *brasileiro*, a quereremos enxovalhar, contra a minha opinião, este adjectivo, associando-o ao abandono dos bons modelos da linguagem, cuja historia, cujos monumentos e cujos destinos se entrelaçam com os da nossa raça e os da nossa nacionalidade. Cada lingua tem no seu genio uma força de espontaneidade e selecção, um criterio de acerto e um typo de belleza, que se exercem, ou se enunciam, pela sensibilidade e o instincto dos que a falam. É essa intuição da vernaculidade, esse como que sexto sentido, o da linguagem, que parece ter por orgam o ouvido, e do ouvido recebe o nome. Quando JOÃO DE BARROS, na sua *Grammatica*, vae por quatro seculos, a proposito da anteposição ou posposição dos adjectivos aos substantivos, ensinava que «não temos nisto mais regra que o consentimento da orelha», a auctoridade ao ascendente da qual rendia tão sub-

da homenagem, era a mesma, cuja supremacia todos os grammaticos depois haviam de reconhecer nas ultimas difficuldades e subtilezas do falar.» Nella respeitaram sempre os competentes o arbitrio derradeiro, assim nas questões de harmonia, como nas de clareza, assim nas de clareza, como nas de elegancia e correccão. Hoje ainda, e hoje mais que nunca, o ouvido, na phrase eternamente verdadeira do velho grammatico do seculo XVI, «julga a musica e a linguagem, e é censor d'ambas». Ora como preservarão essa qualidade, tão cara e mimosa entre as nações desveladas pelo seu idioma, os que incessantemente a embotam, desde os annos mais accessiveis aos beneficios da cultura, na convivencia quasi exclusiva, bem que as mais vezes superficial, das letras estrangeiras?»

Vice, vez. — Prefixo latino. *Vice-consul*, em-vez-do consul. *Vice-rei*. Fórmãs corrompidas *vis*, *viso*; *viso-rei*, *visconde*.

Vicios. — São os defeitos de linguagem contra o lexicó, a syntaxe, a euphonia ou prosodia regular dos vocabulos. São denominados *peregrinismo* ou *barbarismo*, *solecismo*, *cacophonon*, *echo*, etc. Alguns são puramente observados em alguns individuos por defeito organico: *lalação*, *mogilalismo*, *gaguez*, *tartamudez*, *ecicio*, *o fanhoso*, *balbucio*. Vide esses nomes. São vicios mais ou menos condemnaveis: *dissonancia*, *echo* (rima e consonancia), *archaismos* (palavras em desuso),

VICIOS — VOCALIZAÇÃO

equívoco (*calimbur, trocadilho*), *capophaton* (formação inesperada de palavras torpes ou mal soantes), *hiato* (sucessão de vogaes), *colisão* (encontro de letras asperas como os *rr*, os *pp*), *hyperbaton* (quando exaggerado), ambiguidade, *anacoluthia*, *homonymia*, *francezias*, *peregrinismos*, etc. Alguns d'esses constituem elegancias e não vícios, quando não ha desazo no empregal-os. São vícios d'outra classe: o emprego ou abuso dos termos technicos, de palavras difficeis, de construcções anormaes, transpostas, de neologismos frequentes e o ornato excessivo, ou asiaticismo do estylo. Alguns d'estes vícios só poderiam ser estudados em um tratado de rhetorica porque mais se referem á elocução e estylo.

Virgula e ponto e virgula.—São dous signaes (, ;) que indicam pausas progressivamente mais longas do discurso. O seu uso e emprego é regulado pela clareza e pela necessidade de respirar, segundo Roersch. Empregos mais notaveis da *virgula*: a) para separar palavras da mesma categoria: « *O soldado, o operario e o padre*, todos lá estavam. » — « *O sol é ardente, luminoso e vivificante.* » b) para separar proposições e clausulas: « *A luz, tendo desaparecido, deixou a terra immergir-se nas trévas.* » c) para separar vocativos e phrases de valor parenthetico: « *A velhice, escrevia d'Alambert, é a primeira dôr do tumulo.* » — « *Não vos hão de faltar, gente famosa, hon-*

ras, valor e fama gloriosa. » d) para separar as partes de uma serie: « *Vinha o soldado, vinha o operario, vinha o padre.* » e) tambem serve para marcar a pausa no logar onde se supprimiu um verbo: « *São dous os romances que te recommendo: o primeiro é Paulo e Virginia; o segundo, o Dom Quixote.* » O PONTO E VIROULA serve para separar séries de séries: « *Vinha o soldado, vinha o operario, vinha o padre; o soldado com as armas, o operario com a ferramenta e o padre com a cruz; e todos vinham para salvar o homem.* »

Vocalização. — Phenomeno que consiste na dissolução em vogal de elementos consonantacs. Dá-se de ordinario com os grupos literaes. O *l*, quando primeiro elemento do grupo, frequentemente vocaliza-se em *u*, ou *i* quando já existe *u*: couce—*calcem*; fouce—*falcm*; soute—*saltum*; bôbo (boubó)—*balbum*; outeiro—*altarium*; toupeira—*talpariam*; abutire, *arch.*—*a-vultur*; cuytello—*cultellum*; muito—*multo*; escuitar—*arch.*—*auscultare*. O *ç* quando primeiro elemento do grupo literal vocaliza de ordinario em *l* e algumas vezes em *u*: geito—*jaçtum*; feito—*factum*; direito—*directum*; noite—*noctem*. Em *n*: doutor—*doctorem*; auto—*activum*; autivo, *arch.*—*activum*. Nas fórmãs em que existe o duplo *x*, como essa é equivalente ao grupo *es*, o primeiro elemento pôde dissolver-se: frouxo—*fluxum*; deixar, *ant.*—*laxare*; madeixa—*metaxam*.

Tambem é de notar-se a vocalização com *sc*: baixel (*vascellus*); peixe negam, mas sem razões fundamentaes, a possibilidade de dissolução das consoantes, e explicam o facto por duas hypotheses: a quêda da consoante e o alongamento da vogal precedente: *factum*, factu, feito. Mas *sc* o alongamento substitue a quêda, representa realmente uma transformação da consoante. Ainda contestam alguns a dissolução da consoante em vogal, por serem umas e outras differentes. Na verdade, a consoante não representa som propriamente larynge, mas tambem deve-se notar que ha vogaes que recebem o concurso dos órgãos do pharynge, como as consoantes. O *u*, por exemplo, é uma vogal labial homorganica com as consoantes *p*, *b*, *m*. O *i* póde ser chamado guttural e por isso muitas vezes provém da guttural *c*: direito, *directum*; noite, *noctem*. As vezes o *c* acha-se permutado em *u*: auto, *actum*. Neste logar e na 2.^a edição d'este livro escreveu Pacheco Junior: «Como já escrevi na minha *Phonologia, Gramm. Historica*, etc., não admitto vocalização de consoantes. Fui o primeiro a apresentar essa idéa, e creio ter dado no ponto da verdade. Qualquer que seja o grupo (*pt*, *ct*...), a primeira consoante — que já não soava no latim popular — caiu e para conservar-mos a accentuação ou alongamento da vogal precedente, foi ella dobrada na graphia ou seguida de um *i* ou *u* (*preceito*,

auto, *oito* e *oulo*, *direito*...) E ainda hoje não pronunciamos o *c* em *directo*, *acto*, *facto*... o *p* em *prompto*, etc. Basta para que coincidam com a minha opinião; façam estudo comparativo com as linguas néo-latinas». — *P. Junior*.

Vocativo. — Tambem chamada *compellativo*. — Caso da declinação latina, proprio para a invocação. Não deixou vestigios no portuguez. Na lingua vernacula, o vocativo exprime-se normalmente pela palavra isolada ou com anteposição de interjectivos: *Antonio!* *ó Antonio!*

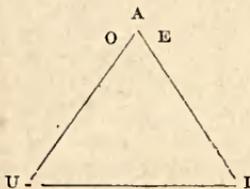
Vogaes. — Para comprehender-se a possibilidade de permutas entre os sons, é mister conhecer a theoria da classificação dos sons, as relações de semelhança ou differença que têm entre si. A simples lista alphabetica dos sons seria por si só insufficiente. É sabido que o alphabeto conserva uma disposição tradicional, porém viciosa, das letras que o compõem. Seria mesmo conveniente adoptar disposição mais racional dos caracteres alphabeticos, enunciando successivamente as classes de valores phonicos identicos; *v*. gr., *b*, *p*, *m* (labiaes), *c*, *g*, *k* (gutturales), etc., etc. Tal disposição seria mais aceitavel que a ordem tradicional: *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *f*... em que se não separam as vogaes, as labiaes, etc. Nas palavras distinguem-se geralmente as *vogaes*, que pronunciadas sós formam uma *voz*, isto é, um som; e *consoantes*, que só for-

VOGAES

mam som distincto quando são pronunciadas com qualquer vogal. Esta classificação é defeituosa; dá uma idéa inexacta dos factos, porque não é verdade que as consoantes necessitem de vogaes para serem percebidas. O *s*, por exemplo, pronuncia-se perfeitamente sem vogal. Para estudar convenientemente os elementos materiaes, sonoros, convém estabelecer mais satisfactoria interpretação. Sabe-se que a corrente do ar passando através de um tubo ou sobre uma aresta, produz um som. Se o som resulta de vibrações regulares e rhythmicas do corpo vibrado ou do ar ambiente, toma o nome de *som musical* ou simplesmente *som*. No entanto podem ser as vibrações irregulares, e isto se dá quando são desiguaes os intervallos das ondulações successivas; nesta hypothese, a impressão que temos, não é propriamente de som musical, mas de simples *ruido*. Ora, os orgãos da respiração produzem no homem, pela inspiração ou expiração do ar não só *sons*, mas numerosos *ruidos*. Na linguagem humana os sons e ruidos são produzidos pela corrente expiratoria, salvo alguns casos raros. Além d'isto, o numero de sons e ruidos fica reduzido, pois que de todos os que se possam produzir pelo trajecto do ar do pulmão aos labios, sómente são utilizados os que se formam no larynge por meio das cordas vocaes. A linguagem articulada consiste na combinação d'esses *sons* com os *ruidos* formados na via aerea,

no larynge, na cavidade da bocca. A esses *sons* denominam os grammaticos *vogaes*, e aos ruidos dão o nome de *consoantes*. VOGAES.— Chama-se *resonancia* o phenomeno da vibração communicada por um corpo vibrante a outro vizinho. O som que este produz, quando é identico ao primeiro, confunde-se com elle e reforça-o; quando é diferente, combina-se e dá um producto especial, modificado, perceptivel ao ouvido. Graças á estrutura do apparelho vocal, o som produzido no larynge (vogaes) póde ser submittido á influencia de varios generos de resonancia. O som modificado pela resonancia toma de cada vez um timbre especial, ainda quando não varia em altura (elevação) ou intensidade (volume). De cada vez produz-se uma vogal diferente. Ora, o comprimento, a largura, a fórma interior do tubo de emissão, podem variar indefinidamente, e cada variação correspondendo a uma vogal diferente, é logico que o numero de vogaes possíveis é indeterminado. Notam-se logo as vogaes fundamentaes e typicas que se encontram em todas as linguas: u — o a — e — i que se ligam entre si em uma serie indefinida de transições pouco sensiveis. Quando os labios se adiantam, tomando a fórma circular (o tregeito commum de quem sopra), a lingua e o larynge abaixam-se e então ouve-se o som U. Depois, á medida que se alteiam o larynge e a lingua, e os labios se abrem, diminuindo o com-

priminto da cavidade buccal, do som U passa-se ao som O grave, como em *môço*, *avô*; depois ao som O aberto, como em *hora*, *demora*; e afinal chega-se progressivamente ao som A. Neste momento os lábios, apenas abertos, e o larynge ficam na posição normal. Esta situação é o meio da cadeia ou da série de sons. Se a progressão continúa com a abertura dos lábios e a elevação cada vez maior da lingua e do larynge, produz-se primeiramente o E, e finalmente o I. Nesse momento extremo, o tubo de emissão toma o menor comprimento possível. Portanto, o A representa o meio, e o I e o U os dous extremos da cadeia de sons vocaes. Nenhuma lingua possui a série completa, com todos os cambiantes de transição, d'esses sons vocaes, mas todas possuem um numero superior ao de letras vogaes de seus alphábetos. Em rigor, em qualquer alphabeto das linguas modernas, uma letra vogal representa um grupo de sons. Em portuguez, por exemplo, o symbolo O representa varios sons distinctos: O aberto ou agudo—*dô*; O grave ou fechado—*avô*; O surdo—*lado*. As vogaes representam-se conforme o diagramma seguinte:



Nos casos que examinamos, a resonancia realiza-se apenas na cavidade da bocca; todos os sons saem puros. Mas se o véo do paladar se abaixa e não obstrue a comunicação com as fossas nasaes, a resonancia então é dupla e realiza-se não só na cavidade da bocca, mas tambem na cavidade das fossas nasaes. As vogaes, por isso, tornam-se *nasaes*: o A sôa AN ou Ā; o E, I, O, U, soam EN, IN, ON, UN. (1). GRUPOS DE VOGAES. Duas vogaes podem juxtapôt-se em um vocabulo, e isso dá logar a dous phenomenos distinctos: a) HIATO.— As vogaes são pronunciadas por esforços successivos da voz separadamente: *rio*, *atoa*, *luar*, *pharaó*, *ainda*, *saúde*, *paúl*. b) DIPHTHONGO.— As vogaes são pronunciadas com uma só emissão de voz: *aula*, *páo*, *cousa*, *leite*. O hiato existe sempre quando o grupo é constituído por tres vogaes. Neste caso duas vogaes formam diphthongo, e a terceira é pronunciada separadamente: *arei-a*, *lai-a*, *giboi-a*, *joí-a*, *saloi-o*, *mei-o*, *cui-a*. A simples successão de vogaes não fórma diphthongo senão quando a combinação contém como ultimo elemento *i* ou *e* mudo, *u* ou *o* mudo. D'este modo as combinações EA (chorea), IE (sciente), IO (piolho), IA (gloria), UA (lua), UO (inflúo), não constituem diphthongs, mas verdadeiros hiatos. Os diphthongs,

(1) É a doutrina de Brunot (*Gramm. historique*), que transcrevemos com modificações.

VOGAES — VOLAPÜK

já em pequeno numero no latim classico, perderam-se no latim barbaro, feita a excepção em relação ao diphthongo AU. *Diphthongo*. — Reunião de duas vogaes pronunciadas conjunctamente: *au, ou, ai, ei*, etc. Quando a pronuncia de cada vogal é perfeitamente distincta, ha o que se chama *hiato*: *sai-a, arei-a, lu-a*. Vide *Hiato*. As combinações das vogaes produzem, ora diphthongos, ora hiatos:

A	aa hiato	}	1 hiato
	ae diphthongo		
	ai " "		
	ao " "		
	au " "		
E	ea hiato	}	2 hiatos
	ee " "		
	ei diphthongo		
	eo " "		
	eu " "		
I	ia hiato	}	4 hiatos
	ie " "		
	ii " "		
	io " "		
	iu diphthongo		
O	oa hiato	}	2 hiatos
	oe diphthongo		
	oi " "		
	oo hiato		
	ou diphthongo		
U	ua hiato	}	3 hiatos
	ue diphthongo		
	ui " "		
	uo hiato		
	uu " "		

D'aqui se tiram as seguintes conclusões: o numero theorico (arithmetic) de hiatos é quasi igual

ao de diphthongos; ha 12 combinações de hiatos e 13 de diphthongos. Os diphthongos na pratica são em virtude da euphonia extraordinariamente numerosos, ao passo que os *hiatos* são sempre evitados na linguagem, mórmente os que resultam de combinações de elementos identicos: *aa, ee, ii*, etc. (1). Outra conclusão. Ha sempre um hiato em todas as combinações cujo segundo elemento fór a letra *a*: *aa, ea, ia, oa, ua*. A razão é puramente logica: a letra *a* é o som laryngeo puro, emitto sem o concurso ou modificação do estado da bocca, dos labios, da lingua, etc., como o som mais faeil deve ser o ponto de partida, e sendo o termo final obriga a abertura da bocca (*hiatus*). Analysamos, nos logares respectivos, a historia de cada diphthongo, com suas particularidades prosodicas e orthographicas. V. *Au, Eu*, etc.

Volapük. — Assim se chama a lingua universal inventada pelo polyglotta João Martinho Schleyer em 1879, data de seus primeiros escriptos sobre o seu systema, depois de um estudo profundo, dizem os seus adeptos, de vinte annos, acerca de mais de eincoenta linguas. Volapük é uma lingua faeilissima de se aprender e incontestavelmente é de grande valor pratico. Já é adoptada e acatada em varios logares da Europa e da America.

—

(1) Na antiga lingua eram communs: *fee, maa, hoje fé, má*, etc.



VOLAPÜK

O governo allemão encarregou o professor Schnepfer de ensinar-a publicamente e recomendou-a a todos os funcionarios e empregados do ministerio da guerra. O governo russo adoptou-a como lingua telegraphica. Por outra parte o systema de Schleyer tem propagandistas de merito por toda a parte; muitos jornaes publicam-se na Europa, e nas principaes linguas cultas já se encontram grammaticas e dictionarios do volapük. O vocabulario do volapük é formado sobre uma especie de raizes aryanas, cujas fórmas são mais proximamente tiradas do grupo teutonico, como se vê da propria palavra volapük: *vola*, genitivo de *vol*, mundo; *puk* — fala, lingua (lingua universal). Indiquemos resumidamente a grammatica do *volapük*. NOMES. — Não existem artigos. Os nomes declinam-se da seguinte maneira: N. *blod*, o irmão. G. *blod-a*, do irmão. D. *blod-e*, ao irmão. A. *blod-i*, o irmão. Como se vê, são as vogaes *a, e, i*, que servem de flexões de caso. O FEMININO fórma-se com a anteposição do prefixo *ji*: N. *jiblod*, a irmã. G. *jiblod-a*, da irmã. D. *jiblod-e*, á irmã. A. *jiblod-i*, a irmã. NUMERO. — O plural fórma-se juntando o *s* em qualquer caso: *blodes* — aos irmãos (dat. pl.); *jiblodas* — das irmãs (gen. pl.). PRONOMES. — Os pronomes declinam-se da mesma maneira que os substantivos:

N. *Ob* (eu) *OI* (tu) *Om* (elle)
G. *Oba* *Ola* *Oma*

D. *Obe* *Ole* *Orie*
A. *Obi* *Oli* *Omi*

Of (ella) *On* (se)

O plural dos pronomes segue a mesma regra dos nomes: *obs*, *obas*, etc. (nós, — de nós, etc.), *ols*, *olas* (vós, de vós). ADJECTIVOS. — Os adjectivos não se declinam, são invariaveis. Formam-se de qualquer substantivo com o suffixo *ik*: *glieg*, riqueza — *gliegik*, rico; *ob*, eu — *obik*, meu; *ols*, vós — *olsik*, vosso. GRÁOS. — O comparativo fórma-se com o suffixo *un*, e o superlativo com o suffixo *ün*: *gletik*, — grande. — Comparativo: *gletikum*. Superlativo: *gletikün*. VERBOS. — Os verbos formam uma unica conjugação regular, reduzida a poucas flexões. As pessoas são expressas pela suffixação dos pronomes: Verbo *lüfön* (amar). — S. *löf-ob*, eu amo; *löf-ol*, tu amas, etc. P. *löf-obs*, nós amamos, etc. Os tempos distinguem-se por meio dos prefixos *a, e, i, o*: *älöfob*, eu amava e amei; *elöfob*, tenho amado; *ilöfob*, eu tinha amado e amára; *olöfob*, amarei, hei de amar; *ulöfob*, terei amado. Os tempos do subjunctivo têm iguaes fórmas, com o suffixo *la*: *löfobla*, que eu ame; *älöfola*, que eu amasse. A voz passiva se fórma com a prefixação de *p* ou *pa*, quando o verbo não começa por vogal: *palöfob* — eu sou amado. A interrogação designa-se por meio do prefixo *li*: *lilöfob?* = não ama ella? Taes são, em resumo, algumas das regras que constituem a grammatica do *volapük*,

VOLAPÜK — X

que é na verdade simplificada tanto quanto é possível imaginar-se. Por ahí se vê que a dificuldade capital do *volapük*, consiste na aquisição do vocabulário. Esse mesmo não dá difficil apprehensão para aquelles que conhecem o lexico teutonico, como se vê das proprias palavras que acima mencionámos para exemplos: *loff* — no inglez, *love*, amar; *blod* — no inglez, *brother*, irmão; *vol* — no inglez, *world* — mundo, etc. Na lingua portugueza já existe uma grammatica do *volapük*, e na italiana existe a de Emanuele Bertolini, d'onde extrahimos a presente noticia. (1)

Voz. — Maneira pela qual se exprime a acção propria do verbo, relativamente ao sujeito. Diz-se *voz activa*, quando o sujeito exerce a acção; quando este a soffre, a voz é *passiva*. Exemplos: *voz activa*: Pedro comprou uma casa. *Voz passiva*: Uma casa foi comprada por Pedro. A voz dita *média passiva* construe-se com o pronome *se*. Exemplo: *Escreveu-se* que... = *foi escripto* que. Ainda pôde a voz passiva

(1) E. Bertolini — *Gramm. del Volapük e o Compendio* distribuido como prospecto. Parece que o *volapük* na Europa vae em decadencia e quasi caído em discreditto, ao menos no conceito dos philologos como V. Henry, o chefe dos neo-grammaticos, em França. Depois do *Volapük*, outras tentativas appareceram de lingua universal, e entre ellas a do *Esperanto*, que essencialmente pouco differe d'aquella.

ou antes o sentido passivo exprimir-se por fórmãs activas: É de crêr = é de *crer-se* ou *ser crido*. Homem lido e viajado = homem que leu e viajou.

W

W. — Letra teutonica. Nos vocabulos inglezes sôa como *u*: *tram-way*, *rail-way*. Nos vocabulos allemães tem o som de *v*: *wagon*, *talweg* (canal dos rios). É erro escrever *revolver* em vez de *revólver*. O signal do gothico era um *v* e o do antigo alto allemão *v* ou *u* dobrado, *vv*. Os romanos tinham os sons *uo*, *ua*, mas esses não representavam a aspiração germanica de *w*, e em geral esse ultimo som foi representado, sobretudo na inicial, por *gu*: guerra, *werra*; Guilherme, *Wilhelm*; guisa, *wisa*, etc.; o *w* médio só em um exemplo se representa por *gu*: tregua, *trüwa*. Nos mais casos a média *w* transforma-se em *v=b* (garbo, *haric*), ou dissolve-se em vogal *u* ou *o*: Balduino *Baltwin*; Bertoldo, *Bertwalt*. Em certos casos desaparece: Luis, *Ludwig*. Reginaldo ou Renaldo, *Reginwalt*. (Diez).

X

X. — Letra portugueza tomada do alphabeto latino. Com quatro valores: *x*, *ch* chiante: xaréo, xarque; *x*, *ks*, dupla, de palavras latinas: *sexo*, *nexo*. Tem ainda o valor *cs* em *ex* inicial:

exame, exemplo, e por fim o valor de *s*, *ss*, *ç* sibilante: *calix*. A dupla latina conservada nas fórmulas eruditas (*fluxo*, *flukso*) torna-se chiante na corrupção popular: seixo, *saxum*; frouxo, *fluxum*. A fórmula chiante *x* resulta frequentemente de reforço do *s*: bexiga, *vesiculam*; paixão, *passionem*. O grupo latino inicial *ex* nasaliza a vogal: enxame, *examen*; ensaio, *exagium*. Póde o *x* resultar de grupos diversos (*ps*—caixa, *capsam*) principalmente com a graphia *ch*. Vide este grupo. O *chin* arabe transcreve-se no portuguez por *x*, no castelhano por *j*: xarope, cast. jarabe, *charáb*. (Engelmann).

Xulon, madeira.—Elemento grego de composição. *Xylographia*, gravura sobre madeira. *Xylophago*, insecto que se nutre da madeira.

Y

Y.—Caracter do alphabeto grego adoptado pelos romanos. Usado nas transcripções do grego: *syntaxe*, *anonymo*, etc. Em portuguez não differe o *y* do *i*, excepto em alguns nomes nos quaes parece valer dous *ii* (como no francez): *Gaya*, *Fayal*, e em certas palavras que hoje não são mais escriptas com *y*, embora estejam no easo das primeiras: *seio*, *torneio*, *alheio*. Apezar de ser eonservado pela tradição etymologica, no uso vulgar tem desapparecido de muitas palavras que o continham: inverno,

por *hynverno*; abismo, por *abyssmo*; giro, por *gyro*. Vemol-o, apenas em vozes atonas, transformado em *a* em sanfona, *symphonia*, calandra, *cylindrum*; em *e* nos vocabulos bezante, *byzantium*; gesso, *gypsos*; em *i* em ginete, *gymnetes*; em *o* em serpol, *serpyllum*; bolsa, *byrsa*; em *u*, em gruta, *crypta*; murta, *myrtos* e n'estes casos representa apenas a prosodia *u* e não *y*. O seu primitivo valor médio entre *u* e *i* occasionou a variedade de permutas $u=o=\delta$; $i=\acute{e}=e$; sómente a permuta em *a* é rara e se opéra em valores atonicos.—Nos nomes brasileiros de origem tupi-guarani, o *y* representa a orthographia que os jesuitas adoptaram para representar o *i* ou *ig* guttural da lingua dos indios: Catumby.

Z

Z.—Letra latina e grega, adoptada nas linguas romanas. No latim era dupla e equivalente a *ts*, *ds*; d'ahi a fórmula *ladro*, de *Lazarus*. Em geral, porém, figura como simples, como nos suffixos *izare*: baptizar, etc. A permuta *g* ou *j*: jenjibre, *zinziber*; gargarajar, *gargarizare*, é pouco frequente. O som de *z* simples é representado por *z*, por *s* entre vogaes (e no Brasil sempre sôa *z* o *s* entre vogaes e o *s* final), e ainda por *x* no grupo mixto *ex*: *eizemplo* (exemplo), etc. O *c* ou *s* sibilante abranda muitas vezes em *z* nas terminações: *picem*, *pez*;

Z — ZUMÊ

decem, dez. Note-se o *ez* que resulta da desinência *ensis*: *portuguez* (portucalensis), etc., que os orthographos de hoje preferem transcrever (*português*) com o *s*. Inversamente, da permuta *z = j* ha *j* ou *g = z* em termos plebeus: *alzibeira*, por *algibeira*, e *esparzir*, de *spargere*.

Zeugma.— Figura de syntaxe. Caso especial da ellipse e que consiste na suppressão do sujeito: Ordenou que partissemos, por: *Elle* ordenou que *nós* partissemos. || Em geral attribuem a *Zeugma* a suppressão de qualquer palavra, seja ou não o sujeito da proposição.

Zetacismo.— Vicio prosodico na pronuncia do *z* ou dos. Os brasileiros dão ao *s* final o valor de *z*. Ex.: *livros*, pron. bras. *li-vroz*; pron. port. *livroch*. (1)

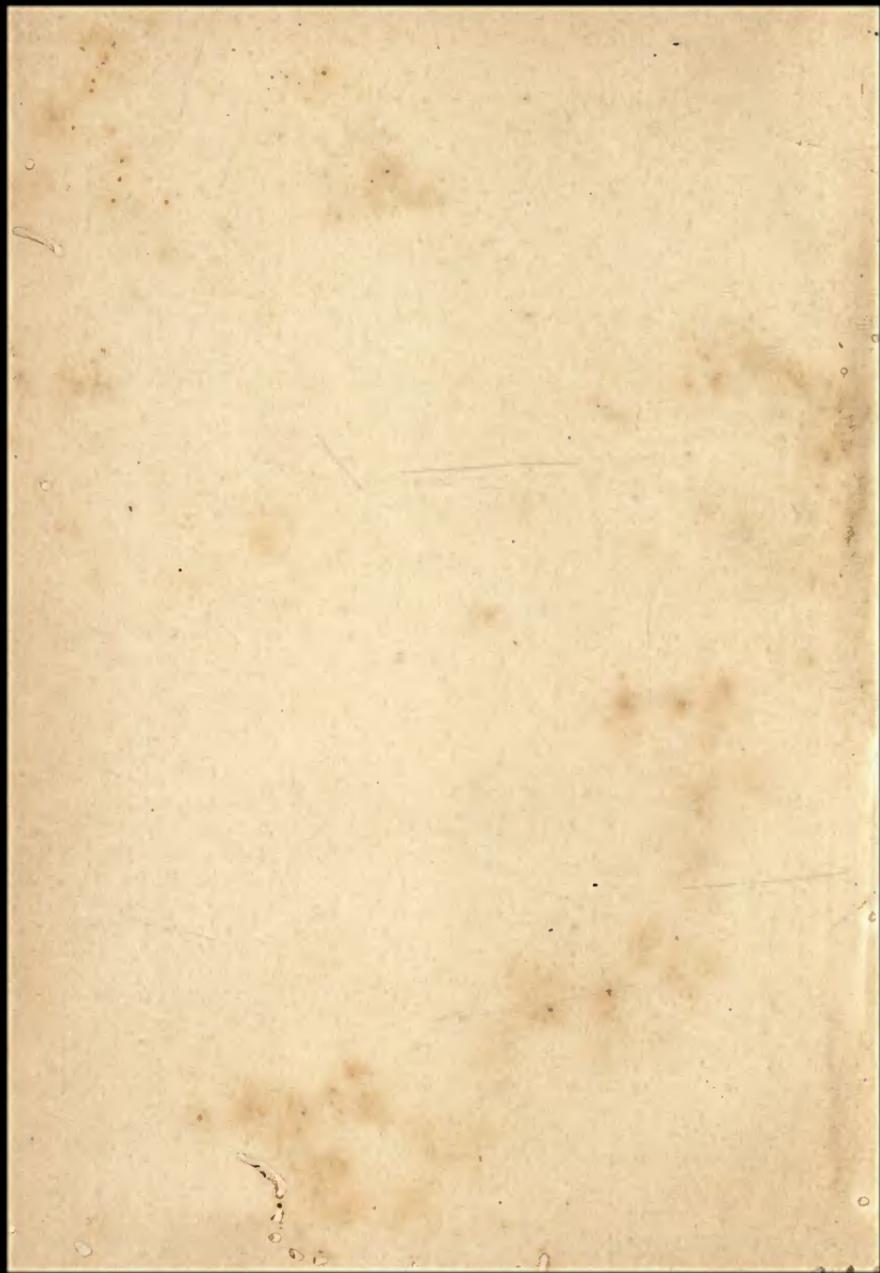
Zoê, vida; *zoon*, animal.— Elemento grego. *Epizootia*, sobre os animaes, molestia. *Zoologia*, sciencia sobre os animaes. *Azoto*, sem vida, irrespiravel.

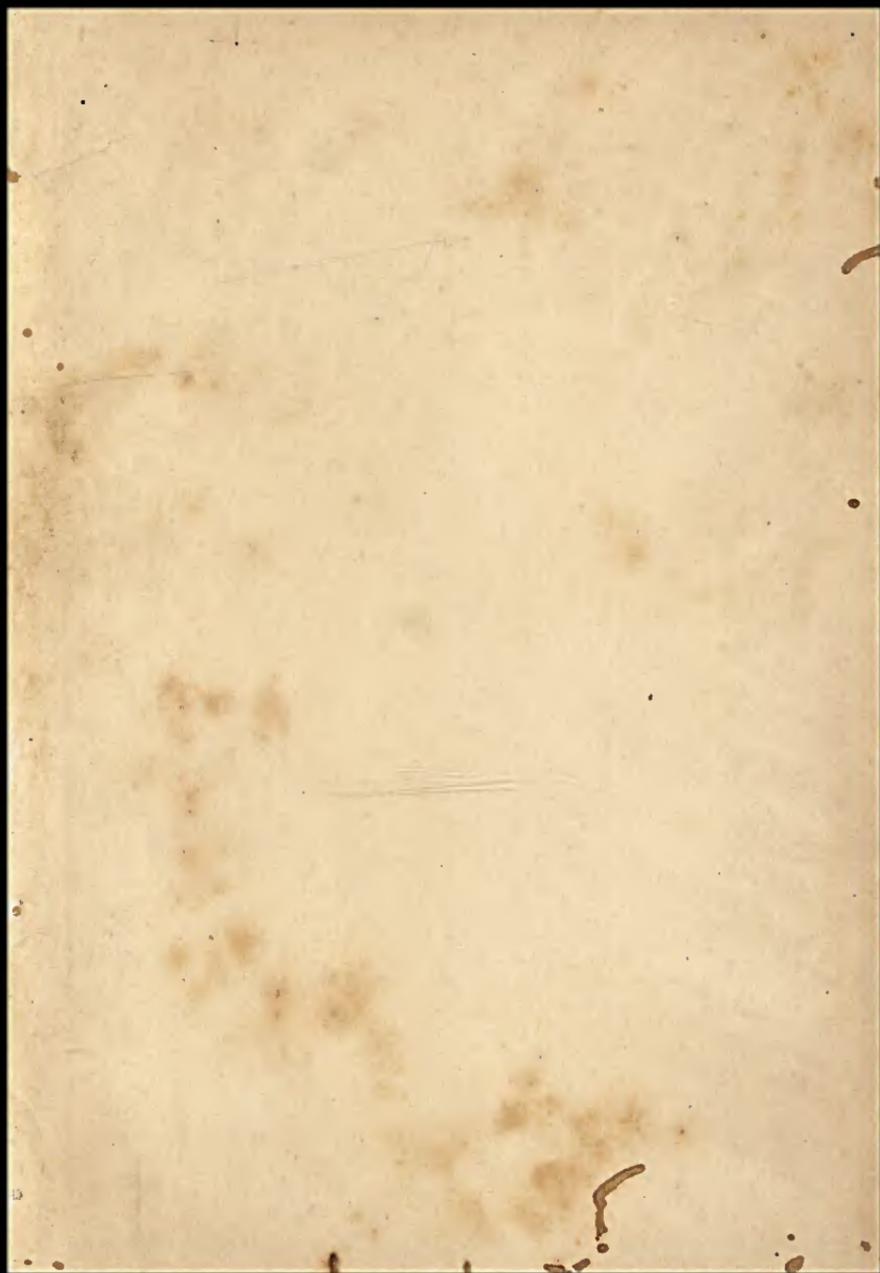
Zumê, fermento.— Elemento grego. *Azymo*, sem fermento.

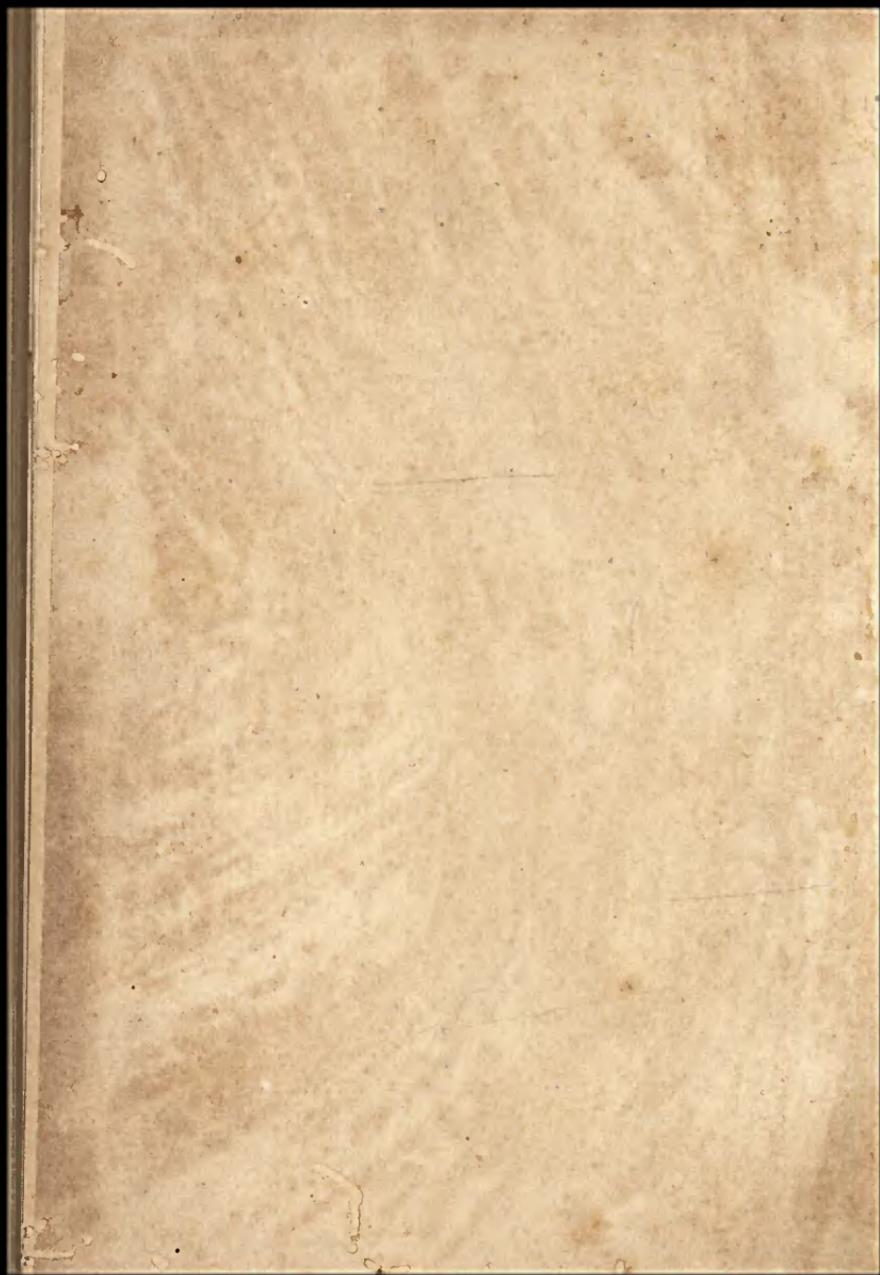
—

(1) *Ch* ou *x*; é essa a pronuncia figurada para os francezes por P. de Souza.— *Grammaire port.*

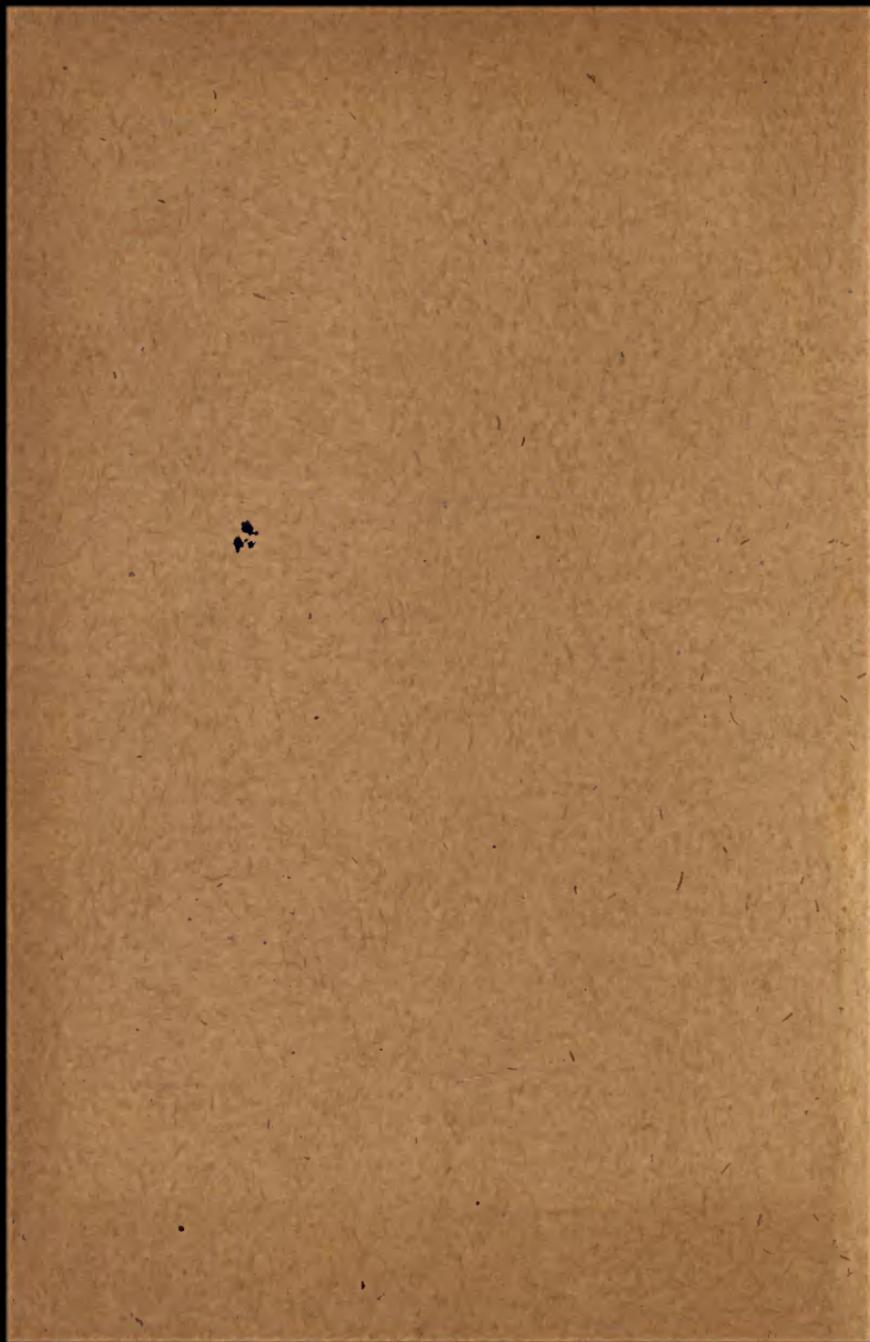
FIM











FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO
CTA-45-8

Tomos 7 361
Autor Ribeiro, João
Título Dicion. gramatical
Classificação R469.93
R4846

TOMBO: 7 361

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000

